

- Generosa - (gritando) Juvenço!... Juvenço!... Caminha negrinho, tu não ove? Vem dá a tua lição ante que as visita chegue. Traiz a taubuada e o livro e vem duma veiz. (naturalmente) Esse negro é tão senvergonha! Ele tá quebrando o corpo prá não dá lição hoje mas ele vai dá de quarqué geito. Ele pensa que eu não tô vendo que ele tá diorando perpositadamente pras visita chegá e ele não dá a lição? Mas ele não se escapa ele é de dá nem que seja dispois que as visita fô im-bora. (gritando) Juvenço, oh Juvenço, negrinho senvergonha, tũ não tá uvindo eu te chamá, ingenerado?
- Juvenço - (de dentro) Tô arrumando a cusinha, patroa. quando eu triminá eu vô
- Generosa - Não tem nada de triminá. Dixa de sé bobo. Dixa a cusinha prá dispois caminha vem dá a tua lição. Traiz a taubuada.
- Juvenço - Farta pouco, patroa, eu vô triminá premero dispois eu vô.
- Generosa - Não vai triminá coisa nenhuma, já disse. Dixa a cusinha prá dispois. Caminha vem duma veiz si tu não qué que eu vá aí te buscá por uma o-relha. Anda, traiz a taubuada.
- Tudinha - Ó mãe, tu não desconfia que esses berro tão aturduando a gente?
- Generosa - Pois é esse negrinho senvergonha que sem a gente berrá uma porção de veiz não é capaiz de atendê a gente.
- Tudinha - Pois vai tu lá dentro o tempo que tá berrando aí.
- Generosa - Não me amola tu tambem, sabe? eu não tô mupto disposta não, rica, sabendo, ovio?
- Tudinha - E eu com isto que tu não esteje disposta? Tu pensa que eu me assus-to de careta?
- Generosa - Tu qué é dá rebocada mas quarqué dia tu vai vô como tu te sai mal. (gritando) Juvenço!... Caminha negrinho, tu não ove? Agora eu vô aí te buscá e tu vai vô como é que eu vô te trazê, iscumungado.
- Sidóca - Vai lá, Generosa, o tempo que você está aí se cansando em gritar.
- Generosa - Vai lá uma óva. Tinha munta graça que eu fosse me alivantá daqui prá fazê o negrinho me atendê. Tu tambem já qué invocá, já? Lê o teu jornal aí e cula a boca que é melhor.
- Tudinha - Não fela, pai, não fala sinão acaba em laço, tu acaba apanhando.
- Sidóca - É uma coisa impossivel!...
- Generosa - (agressiva) O que? O que é que é uma coisa impussive? Quem sabe tu vai querê agora me proibin de falá dentro da minha casa? Vá, fala, arresponde o que é é que é uma coisa impussive? Quam sabe qu não te-nho o direito de falá? Tu não te enxerga? Arresponde. O que é que é uma coisa impussive?
- Sidóca - O negrinho, Generosa, não és tu.



5

- Generosa - Ah, pensei que tu tava querendo te invocá comigo também.
- Tudinha - (baixo) Esse pai com toda a moleza dele é um bicho. Quando a mãe leva ele contra a parede ele sai bonito!
- Juvencio - Tá patroa, já tá tudo arrumado.
- Generosa - Já tá tudo arrumado, não é? Tu pensa que tu é munto espelto mas eu sô mais, fica sabendo. Tu pensa que eu não sei que tu tava fazendo isso disfalçadamente pra quando as visita chegasse interrompê as tuas lição, mas tu pode inscrevê que hoje tu não fica sem a tua lição nem que Deus Nosso senhor mande chuva de canivete aberto. Si não dá tempo de dá ela toda agora dispois que as visita sai nós perseguiamo na lição. Caminha, anda, traiz o livro prá cá.
- Juvencio - Tá aqui.
- Generosa - É a taubuada, negrinho, não ovio dizê que era pra trazê ela tombem?
- Juvencio - Pois eu truxe, patroa, tá aqui, o que é que a senhora tá aí buxinhas xando sem rezão?
- Generosa - Pois sim que isso aí é a taubuada. Tu a mim tu não me engana. A taubuada tinha muito mais folha.
- Juvencio - Pois tinha mais desapareceu.
- Generosa - Como é que ia desaparecê, negrinho? Foi tu que arranco ela prá não tê tanta lição prá dá, mersinado.
- Juvencio - Ué, patroa, eu não arranquei nada. Foi arguem que arrancô mas eu não fui. Eu fui encontrá elas lá no quarto de banho, eu acho que foi a dona Tudinha ou o seu Tunico.
- Tudinha - A Tudinha não. Tu não te faiz de vesta comigo que tu já sabe como é.
- Juvencio - Então si não foi a senhora foi o seu Tunico.
- Generosa - Porque tu não ajuntô elas?
- Juvencio - Ué ajuntá! Não servia mais. Tavam toas xuja.
- Generosa - Eu vô pidi prá dona Horizontalina me arrumá otra lá no culejo dela. Tu pensa que tu vai ficá só com essas poquinha dessas folha? Ai, ai. Caminha, vamo vê a lição. Principeia daqui.
- Juvencio - (soletrando) B-obó ti-á botiá.
- Generosa - Esse nego é burru que é uma tristeza. B-o-bo t-a ta botá.
- Sidóca - Bóta, Generosa.
- Generosa - Bóta o que, Sidóca?
- Sidóca - B-o-bo t-a ta, bota não é botá.
- Generosa - Pois o que foi que eu disse?
- Juvencio - A senhora disse botá.
- Generosa - Não disse botá coisa nenhuma, dexa de se inventadero.



- Cala tu a boca aí e não te mete, ouviu, Sidóca? Ouviu? Vá, negrinho lê aá e dexa de cunvelça fiada.
- Juvencio - (solstrando) b-obo l-a-la. Bola.
- Generosa - Isso tu sabe. Aqui.
- Juvencio - b-o-bo c-a-ca, bóca.
- Generosa - Boca, nego burro. Quando é que tu vai aprendê?
- Juvencio - Boca. b-ó-bo b-g-ba, bóba.
- Generosa - Bôba, nego, bóba. *É ujo bem estupi esse animal.*
- Juvencio - Bôba. b-o-bo n-e-né-t bonête.
- Generosa - Bonête. Isso tá irrado. Deve de se sabonete. Eles se esquecero de botá as letra que principleia o nome.
- Juvencio - Sabonete. Escuita, patroa, vamo lê nas figurinha. Nas figurinha é mais farcil eu gosto mais.
- Generosa - Não tem nada que lê nas figurinha. Lê aqui premero. E não seja burro, aprende a dizê as coisa direito. Aprende a falá como gente. Não tem nada de figurinha, é o albecedário, que se diz.
- Juvencio - Pois é, patroa, então vamo lê isso premero.
- Generosa - Premero trimina essa linha aqui. Ferta dois nome.
- Juvencio - b-o-bo d-é dé bodé. Eu acho que aqui ferta letra tombea, patroa. Deve de sé bodega.
- Generosa - Capaiz. Que nada, nego! Dexa de sê inguinorante. Tu não tá vendo que não ferta coisa nenhuma? B-o-bó d-e-de, bóde.
- Juvencio - Ah, *Agora só ferta uma pra Triminda.* é mesmo! B-o-bó d-e-dé, bodé, não, b-o-bó d-o-dó g-uê...
- Generosa - que é isso negrinho, que pirão é que tu tá fazendo aí que ninguém entende? B-o-bó d-o-do q - não é g - q-u-e Bodocué.
- Tudinha - Que professora!... Com meia duzia de professora igual a ti os culegi taven bem arranjado. que bodoquê, coisa nenhuma. Bodoque.
- Generosa - "ngraçadinha!... E por acaso não foi o que eu disse?
- Tudinha - (frisando) Por acaso tu disse bodoquê. Não vem querê tapiá não que eu ouvi muito bem.
- Generosa - Mas Tudinha, tu é mesmo inventadera. Não não comprende que gente dizendo as sibala separada, dá a uma, que parece deferente? Tu é inguinorante mesmo.
- Tudinha - Não seria nada de admirá que eu fosse. Sê tua filha.
- Generosa - Masoriada!...
- Juvencio - Tá patroa, já acabo a linha agora nas figurinha não é?



- Generosa - Eu já não te disse quemão é figurinha que tu tem que dizê, negrinho rinitente? Diz albedarrio, animal.
- Juvencio - Pois é! Então vamo lê no albedadá, não é patroa?
- Generosa - Lê, lê dama veiz e não amola. Ih negrinho, mas como tá essa folha tudo ingurdurada, negento.
- Juvencio - É que a foia caiu do livro eu pñindi ela com um mucadinho de banha. Não tinha otra coisa prá prendê.
- Generosa - Porque tu não feiz um bueadinho de grudis com farinha de trigo, nego burro?
- Juvencio - Nem se alembreia
- Generosa - Vá, principéia duma veiz, porco.
- Juvencio - A- aguida. B-bola, c- cavalo, d-dado, é-raposa...
- Generosa - Não pode sê.
- Juvencio - É raposa sim, patroa.
- Generosa - Não pode sê, é otro bicho. que bicho é esse, Sidóca?
- Sidóca - O que é, Generosa?
- Generosa - Que bicho é esse? Tu não tá ovindo eu priguntá?
- Sidóca - Deixe ver. É esquilo.
- Generosa - Tá aí negrinho teimoso eu não disse que não podia sê raposa?
- Juvencio - (continuando) F - faca, G - gato, H - moço...
- Generosa - Home, nego burro.
- Juvencio - Home. I - indio, J -J-.... (pausa) J -O que é J patroa, eu não sei o que é.
- Generosa - J - bojão, istupido.
- Tulinha - (baixo) Pronto, jarro agora é boião.
- Juvencio - (continuando) J - bojão, K ...K...Patroa isso é nome feio, a sinhora não vá ficá braba comigo.
- ~~Generosa~~ - *Não fale nada de nome feio. É' tataruga.*
- ~~Juvencio~~ - *Éh... Permisso, senõra?*
- Pepa
- Generosa - Olha a dona Pepa!... "ntre dona Pepa! Olha o Juquinha, como vai meu filho? (troca de cumprimentos das pessoas presentes com dona Pepa Juquinha.) Se assente, dona Pepa.
- Pepa - Fuimos los primeros a venir.
- Generosa - O que é que tem á avenida que ela disse?
- Juquinha - Ela não falou em avenida, dona Generosa!
- Generosa - Não falô? Eu cunprendi.



- Juquinha - Não senhora. Ela disse que fomos os primeiros a vir.
- Generosa - É percáso está muito acostumada com a dona Pepa pra pudé comprendé o que ela diz. Só mesmo tu, Juquinha.
- Tudinha - Eu intendo tudo o que a dona Pepa diz.
- Pepa - Pero, niña, todos me entiendem. Solo ella es que hace essa confusi-on fantástica!
- Generosa - O que é que ela disse dos fantasma?
- Tudinha - Nada, mãe, foi comigo.
- Juvencio - Vê guardá o livro não é patroa?
- Generosa - Loquinho tava tu prá isso. Mas olha fica tu sabendo que depois que sai a visita nós vamo perssigui a lição. Não pensa não.
- Juquinha - O Juvencio está aprendendo a ler com a senhora, dona Generosa?
- Generosa - Táê
- Juquinha - Muito bem. É isto mesmo. E já sabes ler alguma coisa?
- Generosa - Vai indo. Ele é meio burro, custa um mucado a comprendé as coisa, mas vai digavarsinho, digavarsinho vai indo. Mas não estuda, dona Pepa, não hay jeito de querê estudá. Pra dá a lição a gente tem que chamá três, quatro veiz. É uma luta, uma riviria que a sra. nem carcula.
- Pepa - Ya lo creo, señora.
- Generosa - O alfabetico ele já sabe quase tudo. Agora tá começando a solestrá. Caminha vai timbora lá prá dentro, negrinho. *Quê é que tem que tá estudando a sumaria da gente?*
- Juvencio - Dexa ficá aqui, patroa.
- Generosa - Tu não te enxerga? Qué tá no meio dos branco? Caminha vai timbora pra cozinha. Dá uma olhada lá pra vê si não farta nada prá depois dá um cafésinho pras visita. Tu não oye, negrinho, vai lá prá dentro.
- Juvencio - (afastando-se) Tô indo patroa. que coisa!...Tá vendo que a gente tá indo e tá mandando. que mania!...
- Generosa - Esse nego me dá um trabalho, dona Pepa que a sra. nem imagina. E depois eles aqui em casa fala que eu só ruim pra ele. Inté a ropa dele eu custuro, dona Pepa. E esse diabo desse nego sabe se ordinario. Ele não é merecedente.
- Sidóca - Ele é muito malcriado mas tem as suas qualidades.
- Generosa - Tem, sim, tem!...Tu prá se contra mim tu tá sosinho. Tu é de sempre dizê o vice verso do que eu digo. Sê eu digo não presta ele diz que é bom, si eu digo que é bom ele diz não presta.
- Sidóca - Ora, Generosa, deêxa disto.
- Generosa - Tu toda a vida foi assim, Sidóca. Agora querê defendê um negro que inté fujão ele é.
- Juquinha - An ele já guguu, é dona Generosa?



- Generosa - Meu Deus, quantas veiz. Olha, a urtima veiz que ele fugiu passo 2 dia sem se sabê adonde tava esse excomungado. Nós demo parte na policia, fôro encontrá ele lá na praça Piratini.
- Tudinha - que praça é essa, mãe?
- Generosa - Tu não sabe adonde é a praça Piratini, engraçadinha?
- Tudinha - Se eu soubesse não perguntava.
- Generosa - A inocente não sabe, dona Pepa.
- Pepa - Ni yo tan poco.
- Generosa - Pois é, tá se fazendo de engraçadinha. A praça piratini é aquela que tem o busto do seu Bento Gonçarve a cavalo, tu bem que sabe, não te faiz de boba.
- Tudinha - Ah, o busto do seu Bento a cavalo, então já sei.
- Generosa - que Bento tu tá pensando que é?
- Aura - Licença prao bando? (cumprimentos geracs de todos.)
- Tonico - A cambada hoje veio toda junta, até eu. Eu vinha vindo ali pelo viaduto encontrei o pai da Maria Leonor.
- Generosa - (com ironia) Por acaso, não foi?
- Tonico - Foi sim, por acaso.
- Generosa - (baixo) Eu sei. Foi lá só prá vê si tinha noticia daquela assanha.
- Tonico - Mais adeante encontramos o resto da turma.
- Aura - Nós demoramos porque fomos primeiro ao cinema.
- Generosa - Mas olha, vão se assentando. Se assente, seu Bento aí tem cadere. De xe vê o seu chapéu. Tudinha, minha filha, bota o chapéu dele ali no cabidís do corredor.
- Tudinha - Ah eu não boto nada.
- Generosa - "arcriada, arritinida. A mãe dela é que tem que í.
- Tudinha - Ele passa pelo cabidi todas as vezes que vem aqui em casa e em vez de deixar o chapéu vem com ele na mão pra gente depois tê que levá.
- Pepa - El pobre se olvida, Tudinha. Verdad, don Bento?
- Bento - É fato.
- Generosa - O seu ento depois que nós vortamo das praia não tinha aparecido ainda.
- Bento - É fato.
- Generosa - Nem parece ^{tava} que com saudade da gente.
- Aura - Com certeza teve muito que fazer, não foi seu Bento?
- Bento - É exato.



- Generosa - Então seu surdo, que novidades hay? Le assente.
- Tudinha - Dixa o home queto, mãe. Ela mesmo provoca o home depois se queixa que fica rouca de gritá. Mandia sentá o home que já tá sentado.
- Generosa - Dixa, tu não tem nada que vê com isto. Quero fala com ele e falo.
- Tudinha - Pois então fala, rebenta as cordes vocais aí gritando. Só assim a gente fica livre da vitrola de todo o dia nos ovido da gente.
- Generosa - (gritando muito para fazer desaforo a tudinha) Então seu surdo, que novidades hay?
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - que novidades hay?
- Porfirio - O que foi? machucou-se?
- Generosa - Tô machucando é as corda bocal de tanto gritá e o sr. não me oye.
- Tudinha - Bem feito.
- Generosa - Cala essa boca, arretinida! TU já tá, já?
- Tudinha - (baixo) Bem feito.
- Pepa - Ya empezaron las peleas. Uno ni tiene peraiso de hablar porque son tantos los boxinxos acá...
- Generosa - O que é que ela disse?
- Pepa - Nada, señora, nada.
- Generosa - Ah, pensei que a senhora tinha falado. A senhora tá olhando pros meus pé, não é dona Laura? Eu hoje fiquei de chinelo porque tô tão cansada, com os pé tão duído que quando eu quiz carçá o sapato não intrava de não inchado que tava os pé. A gente faiz poco que chegô das praia, a casa tudo na riviria, a gente tem que dá um geito. Os pé fica desse geito.
- Juquinha - Pode ser acido urico, dona Generosa, quem sabe?
- Generosa - Não, meu filho, não é. Caminhei muito dentro desta casa hoje e depois eu fui no ciminterio levá umas flor pro seu gago, que hoje tá fazendo treis meis que o pobre se enterrô. Caminhei que foi uma coisa sa por demais.
- Laura - Fazem tres mezes que o seu Silvino morreu? Imagina como passa depressa o tempo.
- Generosa - Treis meis! E eu fui levá umas flor pra ele porque eu não quero deferença. Eu arrespeito muito. A sinhora se alembra duma discussão que nois tivemo por causa de dois mirreis que ele me emprestô?
- Laura - Embro-me, sim.
- Generosa - A senhora tambem deve se alembrá, não é dona Pepa?
- Pepa - Si me acuerdo, señora! Mui bien.



- Generosa - Pois é, pois ele tava com uma cisma que eu não tinha pagado o dinheiro dele. -u sei que paguei mais pra ele não ficá pensandô, agarrei dois mirreais, comprei de flor e levei pra ele. Assim ele não pode dizê nada.
- Laura - (baixo) Ela ficou com medo que ele viesse puxar-lhe as pernas.
- Licurgo - Com certeza. A proposito, por falar no seu Silvino eu tenho um recado para a senhora, dona Generosa.
- Generosa - Um recado pra mim? que ele mandô?
- Licurgo - Não senhora, ele não.
- Tonico - Mãe, não dá baixo. Si o home tá morto como é que ia mandá recado pra ti?
- Generosa - Cala a boca, não te mete que ninguem tá falando contigo. Mas credo, dona Celestina porque a senhora não se assentô. tá aí de iapé no meio da sala, parece um estampio.
- Celestina - Não me sentei porque não tem cadeira.
- Generosa - Tá se assente nesta que o negrinho trais otra pra mim. (gritando)Negrinho trais uma cadeira daí.
- Juvencio - Tá aqui a cadeira.
- Generosa - Mais credo! Adonde é que tava esta cadeira que apareceu anssim num repente?
- Juvencio - Aí di traiz da porta, que eu já botei elas bem a mão, sinão não paro de andá prá lá e prá cá.
- Generosa - Caminha vai lá prá dentro. Mas afinal que recado é que o sr. tem prá mim, seu Licurgo?
- Licurgo - É um recado do irmão do seu Silvino. Ele não deve demorar mas pediu que eu falasse porque ele da outra vez esteve aqui e não teve coragem. Ele queria agradecer o trabalho todo que a senhora teve em vestir o irmão dele.
- Generosa - Eu não vesti coisa nenhuma, seu Licurgo, que bobage é essa? Essa gente pra alivantá fardo tá sosinha, credo! Agora tinha muita graça que eu fosse visti um home que nem siqué é meu parente. Um home que vinh aí pur acaso. Credo, isso até infeta a minha moral. Quem vistiu foi o Sidôca com o Tonico e o seu Bento. Até o senhor mesmo parece que ajuô.
- Licurgo - Eu não, dona Generosa. Eu tive que ajudar a dona Pepa a levar o Juquinha desmaiado para casa. Quando voltei já tinham levado o cadaver pra o necroterio.
- Generosa - Credo, que noite! Nem gosto de me alembrá.
- Juquinha - Eu lhe dei muito trabalho, não, seu Licurgo?
- Licurgo - Um bocadinho, sim.
- Juquinha - Não sei o que se passou enquanto estive desfalecido. Só sei que ao re

- cuperar os sentidos agarrei-me ao pescoço do seu Licurgo que não havia forças de querer solta-lo. Os nervos me dominaram por completo.
- Pepa - Pobre muchacho! Como se quedó nervioso!
- Tudinha - (baixo) Uma boa tunda curava ele depressa.
- Juvencio - Patroa, é pra aquacê agua pro café?
- Generosa - É sim. Vê si tem kerozena e acende o fugarero. Dispois, bota a mesa.
- Juvencio - Sim senhora.
- Licurgo - E ele me pediu que perguntasse a senhora si o relógio e a carteira dele não ficaram aqui.
- Generosa - (rápida) Ah, não, não ficô. Eu me alembro que dispois que o Sidôca viu ele que eu mesmo tirei tudo que tinhamos bôlso da ropa que ele tava antes e botei nos bôlso da ropa que ele si enterrô. Tá lá ele pô de í vê. Si eu ia ficá com as coisa dos otro, crado!
- Sidonio - Dá-dá-dá- licença, dona Generosa?
- Generosa - Olha tá aí ele. Entra seu gago.
- Sidonio - Si-si- Sidonio, minha senhora.
- Generosa - Pois é, pois então entre. Nós tava aqui falando mesmo no senhor. A bem dizê, não era mesmo no senhor, era no falcido seu irmão. Eu tava dizendo pra o seu Licurgo que nem o relógio nem a carteira ficô aqui. Ele levô nos bôlso com ele.
- Sidonio - Está mu-muito bem, de-dona Generosa, eu só mandei perguntar, nada mais.
- Generosa - Pois é, e eu tô só dizendo. Mas se assente. (gritando) Juvencio, traiz a....
- Juvencio - (interrogante) Tá aqui a calera, não precisa gritá.
- Generosa - Oia tu, nego passado! Tá seu gago, se assente.
- Sidonio - Si-si- sidonio, minha senhora Sidonio da Conceição.
- Generosa - Já sei. Se assente e cale a boca.
- Tonico - Hoje a dona Pepa vai ter que cantar o passarinho do relógio.
- Pepa - Hoy, doña Pepa vá a tener que darte un buen puñetazo en la cara.
- Generosa - Tá boa, vamo dexá de buxinxo. Já começaro os dois. Vamo fazê a hora de artis, que é melhor. Vamo vê quem qué cantá.
- Aura - Cante a senhora, dona Generosa. Faz tanto tempo que a senhora não canta. Continua estudando o canto.
- Generosa - Continuo.
- Licurgo - Nós estamos curiosos para ver os progressos que a senhora tem feito com a professora.



- Generosa - Ah, pois é, te nhe aproveitado muito. Ela tá tão contente, a moça. Tombem eu tenho estudado que a senhora nem carcula, dona Laura, é peçiso, não é? Porque afinal a senhora vê a gente paga um dinherão por meis.
- Laura - Quanto ela cobra, dona Generosa, perdendo a indiscreção?
- Generosa - Assim não sei, dona Laura. Pra mim ela cobra 30 mirreis mas só prá ir siná o canto.
- Laura - Ah, sim! (baixo) O que será que ela entendeu?
- Tudinha - Como é, mãe, tu vai cantá ou não vai cantá? Si vai cantá canta logo e dexa de fazê boquinha.
- Generosa - Espera. Vê cantá e tu não tem nada que vi felmantá a gente. Si quizé dimorá dimoro e tu não tem nada que vê com isso, pronto. Burra, arritinada.
- Tudinha - Essa minha mãe é tão delicada. É um veludo. Que grande novidade eu sé burra. Filha de peixe...
- Generosa - Tu tá vendo Sidóca? Isso é deboxe. E tu fica com a mesma cara. Ela se be que tu nem te avexa, fica pelmanente nas arrepetencia. Ti chamô de pexe e tu fica com a mesma cara de banana grande, de plasta grudenta. Hoje ela te xinga, amanhã te dá burduada e é bem feito pra tu não sé mazonza.
- Sidóca - O que foi que houve, Generosa?
- Generosa - O que foi que houve, Generosa? Não houve nada. Fica, fica aí com o teu mardito jornal e dexa a casa disabá em vorta de ti, pegá fogo que quando o fogo te alicançá tu é de sentil!
- Pepa - Bueno, señora, cante no más que es siempre preferible oír-la cantar do que hacer boxinxo a todos los instante.
- Generosa - O que é que ela disse? Si a musica tá na estante? Tá sim. Mas eu não perciso musica, dona Pepa, eu me acompanha de lembrança.
- Pepa - Bueno, entonces cante no más.
- Generosa - Não. Vê cantá uma opereta que é mais chics. Vê cantá.....
- Laura - Muito bem, dona Generosa, muito bem. (Generosa canta sendo muito aplaudida ao terminar)
- Tonico - (RISO) A mãe tem uma voz que é uma beleza! (baixo) Pra vendê jornal e banana.
- Generosa - Ora até que enfim um dia tu gavô a tua mãe. que arma tará pra se sarvá!
- Licurgo - (beixo) A "arma" era uma espingarda prá dar um tiro nela quando ela acabasse de gritar, como agora.
- Laura - Cuidado, Licurgo.
- Juvencio - Patroa, a mesa já tá posta, a agua já ferveu e o café já tá passado. É só botá ele no bulis, dispois selvi. Eu vô me deitá que eu tô muito cansado.

- Generosa - Quem é? Quem é que vai se deitá? Tu não te enxerga? Tu vai é esperá pra servi o café. Era só o que fartava.
- Silóca - Deixa o rapaz deitar, Generosa. Pode ser até que ele esteja doente.
- Generosa - (irritada) Não deixo. A duença dele eu sei qual é. Ele qué se deitá anti das visita sai prá não triminá a lição dele, mas eu avisei ele que ele ia dá e ele tem que dá. Vai prá lá esperá, caminha.
- Juvencio - Eu tô cansado, eu vô me deitá.
- Generosa - Pois esprementa, esprementa te deitá pra tu vê o que tá acontece. Tu não qué é fazê os poblema.
- Juvencio - Quem é que disse que não qué? Eu já fiz.
- Generosa - Mentira, feiz nada.
- Juvencio - Ah, não fiz? Pois vô buxcá prá sinhora vê.
- Generosa - Quero vê. (passos) Esse negro é malandro que é uma coisa por demais.
- Idônio - De-deixe o co-coitado ir se deitar, dona Generosa.
- Generosa - Não deixo. Cala a boca e fique quéto aí. Já se viu que até os gago qui mandá em mim?
- Tonico - Como é dona Pepa, a senhora vai ou não vai cantar o passarinho do relogio?
- Generosa - Te assucega Tonico, não mexe com a otra.
- Pepa - Ya te lo dije lo que es que voy hacer. Dejar-te un amistoso recuerdo en la cara. Eso es lo que voy hacer.
- Juquinha - Não se aborreça, dona Pepa, não faça caso. Quem vai ligar o que o Tonico diz?
- Pepa - Es increíble ese muchacho. Deja una persona nerviosa por mas calma que sea. Y usted lo sabe como soy calma.
- Juquinha - Sei, sim. Mas não vale a pena exasperar-se minha boa amiguinha. Olhe, eu vou declamar para distrai-la. Vou declamar uma poesia de celebre autor.....dedicada a senhora.
- Pepa - Eres mui gentil, mechachito.
- Juquinha - Atenção, eu peço licença para declamar.
- Generosa - Não precisa pedi, meu filho pode dize tudo que quizé.
- Tonico - aproveêta e diz uns nome feio, Juquinha.
- Juquinha - Credo, Tonico, seá eu seria capaz de tamanho despropósito.
- Generosa - Não faiz causo, meu filho, esse diabo é louco.
- Juquinha - Bem vou dizer então.....(Juquinha declama, sendo muito aplaudido).
- Pepa - Como dáce bien las poesias!...que expression fantastica que tiene ese muchacho. "s precioso!...Precioso!...



- Porfirio - Quem foi que cantou?
- Licurgo - Ninguém.
- Porfirio - Como disse?
- Licurgo - Ninguém cantou. (gritando) Foi o Juquinha que declamou.
- Porfirio - Engreçado! Ele que vá reclamar na casa dele. (baixo) Com carteza reclamou que o café está demorando. E cá entre nós: tem razão.
- Laura - Ninguém imagina como eu gosto de ouvir o Juquinha declamar!
- Sidonio - Eu tambem go-gosto muito. Ele tem muito geito.
- Laura - É formidável!...Eu adoro ouvir o Juquinha declamar.
- Pepa - (baixo) Aste Juquinha le sirve, que aseñada!...No le basta su novio.
- Generosa - Eu tambem, dona Laura, gosto tanto! Acho que ele tem um geito assim tão deferente. É deferente mas a gente gosta.
- Laura - É sim.
- Tonico - Eu sempre disse prá voceis que o Juquinha é um rapaz completamente diferente das mulheres.
- Generosa - Tá bom, ninguem te chamô no assunto. Cala a tua boca. (Tonico resmungando)
- Juvencio - Ó patroa. Tá aqui as conta que a sinhora mandô fazê onti. Tá aí. Veja bem si eu fiz ou não fiz. A sinhora tava dizendo que eu não tinha fazido.
- Generosa - Aprende a falá direito, diabo burro, prá que é que tu tá te insinuando? As conta não, animal, os problema.
- Juvencio - Pois é, pois veja si não tá fazido?
- Generosa - Fazido tá, percisa vê si tá certo.
- Juvencio - Pois veja.
- Generosa - Dispois eu vejo pula taubuada. Como é que tu qué que eu vá verê si tá certo si a taubuada não tá aqui?
- Juvencio - Posso me deitá, então?
- Generosa - Não pode nada. Tu vai esperá prá servi o café. Era só o que fartava que a gente tivesse empregado pra se deitá e a patroa faê o serviço. Já chega que a gente faia durante o dia.
- Juvencio - (baixo) Essa muié tem a cabeça dura como pedra. Dispois que diz não a gente pode rogá, clamá, pidim, chorá que não adianta. Cnãiz! Eu nem sei como é que o patrão foi se casá com ela. É feia como as nicissidade e inda pur cima orastemia do geito que é.
- Generosa - O que é que tu tá resmungando aí, negrinho? Vai timbora lá prá cozinha, caminha.
- Juvencio - Já tava demorando me mandá. Já Vê. (baixo) "u vô mais vorto, o que é que adianta?



- Laura - Vamos continuar a hora de arto? Ah, seu Sidóca, eu vou lhe fazer um p
pedido. O sr. vai cantar uma valsa que uma vez o sr. me disse que sa-
bia e que nunca cantou para eu ouvir.
- Sidóca - Qual é, dona Laura?
- Laura - É a Lucíola.
- Sidóca - Si eu me lembrar da letra farei a sua vontade.
- Generosa - (baixo) Olha só como ele se assanha todo prá falá com a dona Laura.
(alto) É, mais quem vai acompanhá ele só eu.
- Laura - Muito bem, dona Generosa, é isto mesmo. Eles se acertam tão bem, não
é mesmo?
- Tudinha - (baixo) Muito, porque não tem o que acertá. Ela se desacerta só si-
nha e o pai é zero á esquerda da virgula.
- Laura - (baixo) Cuidado, Tudinha, ela pode ouvir.
- Tudinha - Pois que ouça. Tu pensa que eu tenho medo? Eu digo pra ela mesmo.
- Laura - (baixo) Mas não vale a pena (alto) Cante seu Sidóca, vamos.
- Sidóca - Está muito bem, eu vou cantar a Lucíola. Vamos Generosa?
- Generosa - Começa tu, ué. quem vai cantá é tu. Canta que eu vó perseguindo.
- Sidóca - Está muito bem. (canta sendo muito apãaudido ao terminar)
- Laura - Muito bem, formidável!... Eu tenho encantos por tudo quanto o seu Si-
dóca canta.
- Pepa - Mire, mire que ni los viejos se le escapan. que cosa terrible!
- Juvencio - Como é, patroa, essa cambada não vai tomá café? Já butei ele na mesa
faz tempo. Oia a sala de janta tá ansim de mosca, a sinhora dimc-
rando daqui um mucado mais tá que é só mosca dentro do café.
- Generosa - Tu dexô o bulis destampado, negrinho?
- Juvencio - Oá, pois a sinhora sabe que ele não tem tampa, que bobage é essa?
- Generosa - Butava um guardanapo.
- Juvencio - Não sei dadonde eu ia tirá. Já devorvemo os da vésinha. Ela mandô
pidi.
- Generosa - Ninguém tá te priguntando nada. Vamo pessoal, vamo tomá café. Hoje o
café é refolçado.
- Licurgo - (baixo) Pelas moscas.
- Generosa - Tem bolinho, tem uns biscoitinho, tem rosquinha, uma porção de coisa
boa.
- Licurgo - Upai! Tem rosquinhas? Então está prá mim.
- Laura - Você gosta é? Eu não sabia.



- Licurgo - Quando são bem feitas, a massa bem soltinha, gosto que me enrosco.
- Laura - É bom que eu saiba porque assim eu já sei o que hei de lhe oferecer quando você for me visitar.
- Sidonio - Vamos tomar café? Si demorarmos muito ele pode esfriar ou cair moscas.
- Generosa - É, pode sim. (baixo) Mais um morto de fome que apareceu.
- Sidonio - En-en-então vamos, não é dona Generosa?
- Generosa - (afastada) Já vamo seu si-si-sidonio. Venha, dona Laura, dona Pepa, Juquinha, vamo tudo. (todos se afastam conversando) Tonico, acorda o seu Polfírio e traiz ele prá tomá café.
- Tonico - Não, mãe, deixa ele aí dormindo. É menos um prá dá despeza.
- Generosa - É mesmo. Até que enfim tu disse uma coisa acertada.



UM SERÃO NA DONA GENEROSA

Um programa de ROBERTO LIS. -

(Ao iniciar a sessão, Generosa, afastada do microfone, dá uma formidable sova no Juvencio por ter este perdido os dois mil reis que ela lhe deu para comprar pão e o café).

- Juvencio - (gritando longe do microfone) Dona Generosa, não me dê mais. Ai, ai, ai, me acudam pur amor de Deus e que esse miud me mate.
- Generosa - Adonde tá os dois mirreiros, cachorro, diz. Adonde tu meteu?
- Juvencio - Num tenho, dona Generosa, juro pur Deus Nosso Senhor que eu perdi eles. Ai, ai, ai, ai, ai, i....
- Generosa - Tu não perdeu eles nada, tu é um senvergonha, um ladrão é o que tu é. Caminha dá conta do dinheiro sinão tu apanha até depois amanhã.
- Juvencio - Eu perdi, dona Generosa. Pur essa luz de Deus que eu perdi. Eu quero morrer neste instante. Ai, ai, ai, ai, i...
- Sidóca - (perto do microfone) (gritando para longe) Generosa, chega Generosa.
- Pepa - que cosa horrible! Es capaz de desancar el pobre muchacho. (a surra continua á distancia do microfone).
- Juquinha - Eu nã posso ver essas cousas fico tão nervoso.
- Tudinha - Deixa que apanhe, esse nego tá muito saído.
- Laura - Coitado! Eu acho que ele perdeu mesmo os dois mil reis porque do contrario, com uma surra dessas, ele já tinha entregue de volta. (os gritos se acantnam).
- Pepa - Dona Generosa vá a matar esse chico, Don Sidóca. Porque no le vá usted sacar el pobre muchacho de sus garras.
- Licurgo - É, seu Sidóca, eu acho melhor o ar. ir lá senao a dona Generosa mata esse negrinho. Ela hoje está que está enfezada mesmo.
- Tudinha - quem é que vai se meter? O pai? Pois sim. Vê si ele qué que a pancadaria rouque praó lado dele.
- Pepa - Eso es una perversidad, eso no se hace.
- Sidonio - Pobre ori-ori-orianga. «fi-fi-final porque é que ele está apá-pa-a-a-ahando tento?
- Sidóca - Eu vou lhe dizer que eu mesmo nã sei.
- Laura - Ele perdeu dois mil reis da dona Generosa, eu ouvi daqui ela dizer.
- Sidônio - Ma-ma-ma-mais isto acontece a qualquer um.
- Licurgo - Acontecer acontece, realmente. Mas o que a dona Generosa não admite é que isso tenha acontecido esattamente com os dois mil reis dela. (os gritos se acantnam e se aproximam do microfone. Juvencio vem lá de dentro e corre para perto dos outros).



- Juvencio - Patrõesinho, por fevo me acuda. Essa palvessa vai ao matá tão barato patrõesinho, por causa de dois mirreís. (Generosa vem correndo atrás dele e dizem improperios)
- Sidóca - Dispara pra rua. Aqui ela te agarra.
- Juvencio - Quem me acode pelo amor de Deus!
- Pepa - Veni, muchacho, queda-te acá cerca de mi.
- Generosa - (entrando) Adonde é que tá esse excunungado que eu não tô sastifeita. Quero dexá os beijo dele inchado de tanto tapo que ainda vô dá.
- Juquinha - Dona Generosa, conceda-lha o perdão. Ele não tornará...
- Generosa - (bruta, interrompendo-o) Sai daqui.
- Juquinha - Credo, como ela está izofrenica!
- Generosa - Adonde é que ele tá. Adonde é que tá esse nego senvergonha?
- Pepa - Acá, señora. Pero ahora soy yo que no permito que nadie lo toque. Veni, muchacho, veni nas cerca.
- Generosa - Não foi nada de cerca, não, dona Pepa. Esse excunungado saiu com o dois mirreís pra trazé café e pão e voltô pra casa sem o café, sem o pão e sem o dinheiro. Diz que perdeu. Ele inde vai apanhá mais.
- Pepa - Pero não agora que está cerca de mi.
- Generosa - Não tem nada de umhura na cerca, dona Pepa. Foi outra coisa. A gente tá falando coisa tão deferente. Passa prá cá negrinho.
- Pepa - Queda-te quieto. No te vayas.
- Generosa - (braba, falando rapidamente) Não tem nada de vage, não tem nada de cerca, não foi nada de cozinha nem de quintal, dona Pepa. A gente tá dizendo as coisa pra ela tá perdendo tempo porque ela não entende. Eu já disse que ele saiu com dois mirreís pra trazé café e pão prá eu matá a fome de vocês e ele voltô sem o dinheiro e sem nada. Disse que perdeu os dois mirreís. (gritando) Perdeu os dois mirreís. Entendeu agora?
- Pepa - Señora yo no soi sorda. No hay necesidad de Berrar desta forma.
- Generosa - O que é que tem a fôra que ela disse?
- Juquinha - Mãe, a dona Pepa não disse nada do que tu tá entendendo. Ela não que dexá tu dá no Juvencio porque disse que ele já apanhou muito por causa dos dois mil reis.
- Generosa - Ah, é isso que ela tá dizendo? Era só que faltava que o nego agora arranjasse uma madrinha.
- Laura - Não dêmais dona Generosa, perde por esta vez.
- Generosa - Tá aí. Uma madrinha em lugar de uma. Esse nego percebe apanhá, dona Laura, ele tá muito coelho. E depois é mentira dale, ele não perdeu dinheiro nenhuma. Esse nego se robô os dois mirreís.
- Juvencio - Não robei, nada, perdi. Eu não se guto, tá vindo?



- Generosa - Uma esse boca, nego atrevido. Sei daí de traiz da dona Pepa si tu é cupaiz.
- Pepa - Calla-te la boca, chico. Deje-la que hable y no le contestes.
- Generosa - Agora é que a dona Pepa certô. Eu te abro a testa de tanta burdunda que ta lá. Caminha, vem cá, vem triminiá de apanhá, tu não ove?
- Sidonio - De-de-de-deixe por esta vez, la-dona Generosa. Afinal fo-fo-foram só dois mil reis.
- Generosa - Foram só dois mirreais mas era o unico perculho que eu tinha em casa. Vocéis hoje nem café vão té, já ficam sabendo.
- Laura - Não tem importancia, nós já estamos acostumadas.
- Generosa - Pois é, mas nós vamos ficá sem café. Hoje e amanhã. Não, o sr. desculpe eu não atendô o seu pedido mas esse nego vai apanhá mais.
- Juvencio - Misericórdia! dona Pepa, a sinhora é a minha sarvação. Num deixe ela se aproxiaá.
- Pepa - No tengas recuo.
- Sidonio - De-de-dona Generosa. Eu de-dou os dois mil reis para a senhora mas com a con-condição da senhora não dá-da-dá mais ao negrinho.
- Generosa - Tá bom, si o sr. que fazê....
- Sidonio - Es-as-estão aqui os dois mil reis. Deixa o ne-negrinho em paz agora.
- Generosa - Tá bom, deixa vê si não é la chumbo premero.
- Sidonio - O que é isso, Generosa?:
- Generosa - Que é isso uma óva. O irmão dele era muito bôo mas uma vez dexô aí dois mirreais que ele pagô num jogo de prenda e quando a gente quiz e gastá eles nem os cavalinho quizz aceitá.
- Laura - Agradeço como ela conhece o dinheiro: mordendo.
- Generosa - Caminha, negro, vai timora lá pra dentro. Tu hoje te escapô porque tu encontrô um salvador mas otra vez tu não vai contando com isso porque a segunda vez tu não vai achá. Caminha, passa lá pra dentro.
- Juvencio - A sinhora chega prá lá, então.
- Generosa - Caminha, tu não ove? (ela dá um grito e sai disparando).
- Porfirio - (despertando) quem foi que cantou?
- Licurgo - Ninguém cantou, seu Porfirio, é o Juvencio que ha meia hora está dançando na corda bamba.
- Porfirio - Como disse?
- Licurgo - (gritando) É o Juvencio que ha meia hora está dançando na corda bamba.
- Porfirio - Está dançando samba?
- Licurgo - Não, o compasso não é de samba não. É de swing.

- Porfirio - O que foi que ela disse?
- Laura - (gritando) Ele não disse.
- Porfirio - Ah, então entendi mal.
- Sidônio - Do-dona Generosa. A senhora não vai mandar buscar o café?
- Generosa - Vê, seu Si-si-, Sidônio, não se assuste que eu vê. Vê só esperá que o Tunico chegue pra mandá ele. Da outra vez dinheiro na mão desse nego é que eu não faço que ele é bem capaz de botá a mão no dinheiro e nem aparece mais aqui. Esse negro é ladrão mesmo.
- Sidôca - Ora, Generosa, não diga assim. Ele nunca mocheu em nada aqui em casa.
- Generosa - Mais credo, Sidôca, isso até é um privilegio tu dizê.
- Tudinha - O privilegio que ela diz é sacrilégio.
- Generosa - (continuando a ouvir) Um nego que véve escarafunchando as coisa pr prá mexê. Tu dizê uma coisa dessas? Nego de confiança era o Militão. Aquela sim. Aquela o dinheiro rolava aí por cima das mesa, por cima das cama, na cômoda, tinha dinheiro por aí por tudo e ele nunca foi capaz de botá a mão nos pertence que não era dele. Aquela era negro só na cor porque nas ação ele era mais direito do que muito branco. Esse é uma coisa por demais. A gente tem que tá com olhos bem aberto porque sinão ele é capaz de tirá até a popa do corpo da gente. É priguicozo que é esse negro, dona Laura, que a senhora nem faz um suporte. Olhe, esse negro se deita cedo. Só nos dia de serão é que ele espera prá fazê o café. Não sendo isso ele dá nove hora, poco mais um buccido já tá debaixo das cuberta. Pois a senhora ha de cre que chega as oito hora da manhã a gente tem que sacudi ele pra bem de consigi dele se acordá? Não pode sê! Esse negro tem alguma coisa. Eu acho que ele dorme muito divagar, pur isso que lêva tanto tempo.
- Laura - É, com toda a certeza é isso.
- Generosa - Hay dias que ela se deixa tão fernetica, tão orestenia já de manhã cedo que eu prá não tá chamando duas, três veis, joga uma caneca d'agua na cara dele. Sidôca fica bravo cumigo, diz que isso não se faz, mas é a única maneira. Num repentis ele tá de impé.
- Sidônio - Ma-na-na ma-na-na...
- Tudinha - Pera aí que o outro qué mamá.
- Generosa - Que é isso, Tudinha, que falta de arrespeito é essa?
- Tudinha - Cre, mãe, nao chateis. Tu diz coisa muito pior pra ele agora vem aqui falá em falta de respeito.
- Sidônio - Ma-na-na- ma-na-na
- Generosa - Pare um buccido, seu Si-si-Sidônio, dexe eu arrespondê pra ela premerro, depois o senhor fala. Tu dexe de se inventar e mintirosa que eu eu sô uma mulher velha, graças a Deus tive oulejo que o meu pai me pegô e apindi que a gente não faz troça das pessoa alejada.
- Sidônio - Ma-na-na ma-na-na
- Generosa - (zangada) Pera aí já disse, dexe eu acabá de falá. Tu e o teu irmão

- divia seguiu a indução que o meu pai me deu e que foi uma indução muito bonita. Vocês não seguem de vergonha que vocês é porque todo o santo dia que Deus dá eu tô contando pra vocês como é que a gente tratava, no meu tempo, de passar mais valha. Vocês é porque são mesmo um diabinho que não arrespeita nem os velho como o pai de vocês nem os alejado como o seu si-si-sidônio...
- Sidônio - Ma-na-na qu-ma-na- tu-me-ma-
- Generosa - (Franctico) Pera aí, depois o vinhor máa. (risos abafados) Tá vendendo só dona Laura, tá vendendo só dona Pepa? A gente tá dando os inzeplio pra ela, procurando ilustrá ela pro bem dela mesmo e ela tá rindo de que a gente diz. Nem parece que teve tanto tempo no culejo, credo! Vistindo isso de cachorra e botendo no meio da rua a carrocinha era capaz de pagá.
- Sidôca - Está bom, Generosa, chega. Cala a boca.
- Generosa - Chega uma óva. Cala a boca umas conversa. Tu não te enxerga de me mandar calá a boca? Quem é tu prá me mandar calá a boca? Tu tem que pppardê essa idioma de me mandar calá a boca na frente das visita pro fingi que tu é alguma coisa aqui dentro de casa porque todo o mundo sabe que tu é um banana, um plasta, que tu não presta pra nada. Cala a boca mais custa. A boca é minha e nem tu nem ninguém se atreve de me mandar calá ele. Calo si eu quizé e quando eu bem intendo porque si Deus Nosso Senhor se deu boca foi prá eu falá e quem não quizé ovi, porta da rua selventia da casa.
- Tudinha - Papagato!
- Generosa - Tu precisa tambem perdê essa habitação de dizê papagato todas as veis que eu acabo de falá, tá ovindo mal inducida? Tu anda me atizinando os neivo ha muito tempo com essa impressão. E um dia eu saio da minha cama tu vai vê só o que é que vai te acontecer. Depois tu vai te que xá pra quem tu quizé porque o dia que eu não tivé nos meus azeite eu só capáiz de aggerá a buasora, uma bengala...
- Pepa - (explodindo e interrompendo Generosa) Pero, señora, por Dios eso es demas es de sacar la paciencia y le calma ante las personas que estan muertas. Usted se cree que nosotros solo tenemos oidos para oír las que solo hemos venido acá para escuchar-la? Para oír sus impropiedades? Eso es una barbaridad! Es una cosa que no se hace. Una por mas calma que sená se queda nerviosa. Y la mujer habla, y habla, y habla y sigue hablando siempre y no se calla nunca y las palabras nos van llenando los oidos, nos van haciendo una sensacion de dolor en la cabeza y la gente se va controlando, contraendo-los niervos, segurando, segurando pero llegay una ocasion que no es mas possible contener-los y entonces explota! (con reliva) perdona.
- Generosa - (depois de uma pausa, refeito da surpresa) Não adianta, dona Pepa. A gente perdoo ela mas ela é permanentemente em fazê disafere pra gente. Isso é muito atrevida.
- Porfirio - O que foi que a dona Pepa declamou?
- Licurgo - Os martires do calvario.
- Porfirio - Como disse?
- Licurgo - (gritando) Os martires do calvario.
- Porfirio



- Porfirio - É formidável! E ele diz muito bem, não é mesmo?
- Licurgo
Laura - É diz!
- Afinal, com esse barulho todo o pobre do seu Sidonio nem chegou a dizer o que ele queria.
- Generosa - Mas é mesmo, o pobre! Também a Tulinha não deixa ninguém falar.
- Tulinha - É, é a Tulinha que não deixa.
- Generosa - É tu mesmo, não diga coisa não que todos viu que é tu. Fale seu Sidonio. Diga o que o senhor tinha pra dizer.
- Sidonio - Não senhora, muito obrigado. Tu a-agora nem me lembro mais.
- Generosa - Pois é, o pobre vivente até se esqueceu.
- Tonico - Uma noite, cambada. (Todos respondem)
- Generosa - O Tunico, isso é jeito de falar? Tu pensa que todos são da tua ingêlua? Maruriado, malandragem.
- Tonico - Não incomoda, mãe. Não bem a gente chegou já tá invocando.
- Generosa - Incomoda, sim, que é pra tu aprende a falar direito, não avergonhá a gente diante dos estranho de fora. Imagina se isso é jeito intrá numa sala que tá cheia de visita e chamá os proximo de cambada! É qué se doutor, desse jeito. Tu ha de se eu sei o que é.
- Papa - Será possible que lo va a empezer outra vez?
- Juquinha - Deixe, dona Pepa. Faça que não ouve. - senhora começa a enervar-se inutilmente e afinal o resultado pratico é nenhum. O ditado nos ensina que pau que nasce torto...
- Generosa - (rispiou) Tira esse corquete da cabeça, tu né ove? Tu tá dentro de casa, malindugando.
- Tonico - Que corquete, mãe? Casquete, não é corquete.
- Generosa - Pois corquetar ou corquete eu não quero sabê. Tira essa porcaria da cabeça que não tá chuvendo dentro de casa. É todo o santo dia com essa novera enfiada na cabeça. Tá que já tá sebento essa novera. Caminha, Tunico tu não ove?
- Tonico - (Impaciente) Pronto, mãe, já tirei. Vã se cala a boca e deixa de ataca ná os ouvido da gente. Tu parece que tomô caldo de pimenta hoje que tá que ninguém pode goa a tua vida.
- Sidôca - Tunico faça o favor de calar a boca. A sua mãe já se aborreceu aí com a Tulinha e com o Juvenio agora que ela se acalmou chega você prá incomodar. Socague aí, fique quieto. É sente-se direito que isso não são moços.
- Tonico - Ora pai, francamente, até tu? O que é que essa gente tem hoje aqui que deram prá implia com tudo quanto faço?
- Sidôca - Tem é que vocês são desobedientes, não sabem atender quando a gente fala, lá vem um dia que a paciência se esgota e é natural, a creatura explode.

- Tonico - Mas o que é que eu fiz a todas essas, pai, prá voceis estarem aí com esse lero-lero e com essa conversa toda?
- Tudinha - É sujeitinho cinico! Olha a cara dele. A cara mais ingenua deste mundo. (arremedando) Mas o que é que eu fiz, pái?
- Tonico - Tá bom, cara de sarracára resfriada, tu não te mete que eu não tô falando contigo. Já basta que a mãe e o pai tão invocando comigo não venha tu também querê te metê porque o conversa contigo é outra. Contigo vai braço logo prá acabá com o assunto.
- Tudinha - Tu nao te enxerga não. Tu precisa nescê outra vez, fica sabendo. Tinha muita graça que eu fosse apanhá de ti.
- Tonico - Pois então te mete que tu vai vê.
- Sidóca - Tonico, Tudinha, vamos calar a boca?
- Tudinha - É essa porquera aí que vem ameaçá de metê o braço na gente. Ele não se enxerga?
- Tonico - Pois te mete otra vez comigo prá tu vê si eu te meto ou não meto?
- Tudinha - Ora, vai te criá, bestalhão.
- Tonico - Bestalhão é tu.
- Sidóca - Tonico e Tudinha, eu já não disse para calarem a boca?
- Papa - (baixo) que cosa irritante!
- Tonico - É âla, pai, o senhor tá vendo que é ela.
- Tudinha - É ele, pai.
- Sidóca - Eu não quero saber si é ela ou si é ele. Eu quero saber é que acabem com esse negocio duma vez. Cale a boca. Não fale porque eu não conchavo sinto. Leva uma criatura a dizer, a dizer as coisas e não ha meios de alguém atender? Isso é demais. Neste geito eu não sei onde é que vamos parar. Si vocês dois gderem mais um pio, fiquem sabendo que vão se arrepender. Vocês estão acostumados a fazer o que bem....
- Generosa - (nervosa interrampendo) Tá bão, Sidóca, chega. Não é perciso falá até depois amanhã por causa duma coisa que não tem importancia. Mas esse home é tão arrefecente, tã fernetico que quando pega a falá si a gente não bota um freio nele ele se vai.
- Sidonio - que ba-ba-ba- ba-ba-ba.
- Generosa - que barbaridade, não é mesmo, seu si-si-sidonio?
- Sidonio - Não senhora não é isto. que ba-ba-bagança!
- Papa - Bueno, señora, a má me parece que nosotros no hemos venido acá para escucharlos huxinxos y paleriaciones de sus hijos. Nosotros...
- Juquinha - Dona Pepa, escute uma coisa...
- Papa - Calla-te la boca, niño. Todas las veces que yo quiero hablar no se lo que te passa que te quedas todo nervioso y no me dejas hablar. Si tienes miedo que me vayan a bajar algo no te molestes porque Pepa Marga-

- rita Alcaparra Gutierrez y Hernandez es una mujer que no teme nadie. Ni a los hombres, mucho meno aún a las mujeres como yo.
- Laura - Começou. Começou a provocação. Reparea como ela diz essas coisas olhando para mim.
- Pepa - Yo miro a quien mejor me parece, señora y no es usted ni persona alguna de las que estan acá que me van impedir de mirar.
- Generosa - Admirada do quê que ela tá? O que foi que ela disse?
- Laura - Ela está querendo me provocar, dona Generosa. É uma dedesinha antiga que ela tem de mim e eu sei bem porque é. Eu sei porque é.
- Licurgo - Laura, fique quieta. Não responda nada pra dona Pepa.
- Pepa - Si usted lo sabe puede decir-lo. Yo soy mujer que no me atemoriso.
- Laura - Olhe, dona Pepa, eu não lhe respondo nada porque o meu noivo pediu e eu gosto de atender o que ele me pede. Pode grasnar aí á vontade.
- Pepa - (num muchocho, com venenosa ironia) Su novio! Hum, su novio! (baixo) Su novio para los tontos pero para no que no soy tonta.
- Generosa - (baixo) O que é que ela tá dizendo? que a dona Laura tá tonta?
- Tonico - É, mãe, é isso mesmo. Tambem tudo qué sabê.
- Sidonio - O pe-pe-pessosi hoje está todo com os animos exaltados!
- Generosa - A bem dizê a minha casa hoje tá que parece um té deô.
- Tonico - (baixo) Puxa velha pra dizê bestera, credo! É sempre a mesma tuba!
- Generosa - O que é que tu tá resmungando aí, Tonico?
- Tonico - Nada, mãe, não falei nada contigo.
- Generosa - Tá falando de mim, eu sei. Otro dia quando o moço da Uzina teve aí e trouxe aquele pepel prá eu assiná tu me tirô da mão e na frente dele tu disse que eu nã sabia escrevê. É só o que voceis sabe fazê, tu e a Tudinha é me difamá. Voceis são uns naturedo. Nem os pai adotivo de voceis voceis arrespeita.
- Laura - Como assim? Pais adotivos? A Tudinha e o Tonico não são seus filhos, dona Generosa?
- Generosa - Ué, dona Laura que bobage é essa? A senhora tá agora feito a dona Pepa que não diz coisa com coisa? É a premera pessoa que diz isso é a senhora. A sinhora nem diga uma coisa dessas que supôsa contra o meu carate.
- Laura - Não, dona Generosa, longe de mim essa intenção. Foi eu então que entendi mal o que a senhora disse.
- Tudinha - A Laura inda vai perde tempo em dá ouvido ás bobage da mãe.
- Laura - Não, mas foi mesao. Eu entendi ela dizer que eram pais adotivos de voçês.

- (baixo)
- Tudinha - Da mesma forma que de vez emquando nós somos filhos naturais dela. Ela não sabe o que diz.
- Pepa - Bueno, señora, a mi me parece que ya se hablo mucho se peleó muchísimo y que ahora para sacar la impresion desagradable que ha quedado en el espirito de todos nosotros podriamos hacer un poquito de musica.
- Generosa - O que foi que ela disse?
- Juquinha - que podiamos fazer um pouquinho de musica.
- Generosa - Ué, pudemo. O piano tá aí, as boca cada um tem a sua. quem quizé que cante que toque que faça o que quizé o que bem intení. Eu pur mim tento faizê.
- Tudinha - Então vamos faze um pouco de musiza.
- Generosa - O que é seu si-si-Sidoncio. que é que o senhor tá aí fazendo careta prá falá e não diz nada?
- Sidoncio - Euqueria lembrar a senhora de mandar bus-buscar o café antes de co-comecarem a hora de arte. De-depois a senhora se esquece, fica tarde e a gente não chega a to-tomar.
- Generosa - Mas é mesmo, si esse vivente não fala eu ia me esquecé mesmo. Toma Tonico dá uma chegada ali na venda e traiz um quarto de kilo de café e dois pão de duzentos.
- Tonico - quem é que vai? Tu não re enxerga? Manda o negrinho. Era só o que faltava.
- Generosa - Não vô mandá negrinho nenhum que ele hoje já me botô fóra dois mirreiros e eu não tô pra ele botá esse tambem.
- Tonico - Ah, eu não vô, não. Ninguem tá fazendo questão do teu café.
- Generosa - É, ninguem tá fazendo questão e o seu si-si-Sidoncio tá aí arreclamando.
- Laura - Está defendendo os dois mil reis dele.
- Tonico - Como, dele?
- Laura - Foi ele que deu os dois mil reis pra Juvenio não apanhar mais.
- Tonico - Qué dizê que quem vai pagá o café hoje é ele?
- Licurgo - É, hoje tocou pra ele.
- Tonico - E tu, Licurgo não vai pagá nada?
- Licurgo - Com certeza que vou.
- Generosa - É, seu Licurgo, o que é que o senhor vai pagá?
- Licurgo - Os pecados que eu tenho, decerto que hei de pagar antes de morrer. (risos)
- Generosa - Ora credo! A gente pensando que ele ia pagá mesmo algum pitiscusinho. Tá bom, então vamo comêçá a hora de artis.
- Sidoncio - Ma-ma-mais o Tonico não foi co-co-comprar o café.
- Generosa



- Generosa - Mais é mesmo. Toma meu filho, vai dum vez sinão o seu gago morre de fome.
- Tonico - Dé essa porcaria dum vez. (afastando-se) A mãe arranja cada camarada que vive comendo. Parece até frieira.
- Tudinha - Como é, dona Pepa, a senhora que estava tão aflita pela hora de arte póie começar.
- Generosa - Espera um mocado. (gritando) Tonico pede café bem bão. Traás dois pão de luzento e não vai esquecer do troco.
- Sidonio - Ago-ago-agora podem tocar e gritar bastante a vontade. O Tonico já: foi buscar o café.
- Juquinha - Dona Celestina, a senhora hoje vai tocar alguma coisa para nos ouvirmos. Ela toca tão bem, não é mesmo? São coisas antigas mas sempre bonitas.
- Laura - É, sim, Toque dona Celestina.
- Celestina - Vão me desculpar mas eu hoje não posso tocar. Estou com este dedo machucado.
- Juquinha - Ora que lastima. Está bem, ficará para o proximo serão, então.
- Celestina - Está muito bem, quarta feira que vem eu toco.
- Tudinha - A todes essas quem que vai começar?
- Pepa - Soy yo, ya que nadie lo quiere/ empezar. (palmas e muito bem de toco)
- Porfirio - Quem foi que cantou?
- Licurgo - Ninguém. Agora é que vão cantar.
- Porfirio - Como disse?
- Licurgo - (lapsolente) Agora é que vão tocar.
- Porfirio - Ah, é muito bonito isso.
- Licurgo - (gritando) É, sim. (natural) Vá proo raio que o parta.
- Pepa - Yo quiero cantar eso, pero uno tiene que tocar-lo porque yo no lo sé.
- Tudinha - O que é isso, dona Pepa? "Vu que passé san ma voá" é fox.
- Licurgo - É em francez.
- Pepa - Yo compré la musica de tanto que me gustava oir-lo en el rádio.
- Tudinha - O seu Porfirio toca, tendo a musica ele toca bem direitinho. O Buraco é ele compreendê que a senhora qué que ele lhe acompanhe. Sacóde ele aí, Licurgo. Meu Deus esse home vive dormindo.
- Porfirio - (assustado) O que foi?
- Tudinha - Aqui, ó. Musica. A dona Pepa quer que o sr. toque pra ela cantar, ó piano, esenhor tocar. Fazendo gestos assim ele entende.
- Porfirio - Ah, quer que eu toque? Está muito bem, vamos. É o Juquinha que vai cantar?



- Tudinha - Não, ó...é esse aqui.
- Porfirio - Ah, é a dona Pepa. Está muito bem.
- Pepa - Puede imepar, señor. (pepa canta "Vous que passez sans me voir" sendo muito apaludida ao terminar).
- Generosa - É bunito sim o que ela cantô mas eu não intindi nada pra dize a verdade. O que é que dizê isso que a senhora cantô, dona Pepa?
- Pepa - Eso es francez, señora. Lo que quiere decir yo no sé, pero que hay de ser alguna cosa, hay.
- Juquinha - Mas se a senhora não sabe o que querem dizer as palavras como pôde pronunciar tão bem o francez e dar tanta expressão á musica?
- Pepa - Eso no quiere decir nada. Uno lo escucha en el radio y lo hace igual.
- Lucrigo - Bom ouvido ela tem.
- Tonico - Mãe, olha o café. Tu agora não vai querê que eu vá lá pra cozinha fazer ele, não é?
- Generosa - Só si eu fosse loca. Pra estragá o café e xujá tudo lá dentro. Juventoo!...O Juventoo!...Chega aqui um mucado. que dá o pão?
- Tonico - Tá aí, não tá vendo?
- Generosa - É o troco?
- Tonico - Pomba que tu não te esquece heia mãe? Tu é mesmo zarra.
- Generosa - Vê dexá o troco na tua mão não sei prá que. Como é isso trezento só, não senhor, não tá certo tinha que tê qua rocento. É mil e duzentos o quarto de kilo de café e dois pão de duzentos quanto é?
- Tonico - Não tem nada de mil e duzentos. O café custou mil e trezento, dois pão de duzentos são mil e setecento com trezento que tu tem aí são treis mil reis.
- Generosa - Mas o café não é mil e trezento nada, é mil e duzentos.
- Tonico - É mil e trezento, mãe, eu tô dizendo. Vai lá perguntá. Tu não sei prá que que eu lá ficá com cer reis.
- Generosa - Não pode sê. (Tonico resmungo impaciente)
- Celestina - É sim, dona Generosa, o café subiu. Está a mil e trezentos agora o quarto de kilo.
- Generosa - Misericórdia! eu não sei adonde é que a gente vai pará. Juventoo!
- Juvenio - O que é patroa, tô aqui.
- Generosa - Toma, leva o café e o pão lá pra dentro e prepara um cafêsinho bem gostoso pra dá pras visitas. E não demora muito.
- Juvenio - O pão é pra parti?
- Generosa - Parte um só, si precisá depois se parte o outro.

- Tudinha - O que é isso Juquinha? Tu vai tocá violino?
- Juquinha - Vou, tudinha. Aproveito assim para treinar um pouco porque estou convidado para tocar no aniversário de um anjinho no sábado que vem.
- Generosa - Pois é, meu filho, então aproveita. Eu gosto do Juquinha porque ele não é julgado. A gente pede ele toca logo.
- Tudinha - (baixo) Toca até sem a gente pedi.
- Juquinha - Quer me acompanhar, dona Laura?
- Laura - (baixo) Eu sabia que a vítima era eu. (alto) Pois não, Juquinha, com muito prazer. Tens a música?
- Juquinha - Tenho, sim senhora, está aqui.
- Laura - Vamos então. (Juquinha toca sendo muito aplaudido ao terminar)
- Tonico - E agora eu também vou cantá pra mãe não dizê que eu sô julgado.
- Licurgo - Isso Tonico, mostra as tuas qualidades vocais.
- Tonico - A vítima pra me acompanhar vai ser a senhora, dona Laura.
- Laura - Não faz mal, eu já estou acostumada.
- Tonico - Eu podia pedi pro meu sogro me acompanhá, mas só o trabalho d'ê fazê ele ouvi o que a gente qué dizê, eu desisto.
- Laura - O que é que tu vais cantar?
- Tonico - Vou cantar.....
- Laura - Muito bem, podemos começar, então. (Tonico canta sendo muito aplaudido ao terminar)
- Generosa - O Tonico tem um peito bão é pena é que ele é tão disaviado.
- Tonico - O que é que eu sou?
- Generosa - Relaxado, não istuda, não qué inducê a voís. Pudia cantá fazê bonito ~~xxxxxxx~~ como teu pai fazia quando era moço. O Sidóca teve muito bão peito.
- Tonico - Ah, isso sim.
- Licurgo - O seu Sidóca tem muito boa peito, sim, (baixo) e boa estomago também.
- Laura - Cuidado, fala baixo. (batem dez horas da noite)
- Sidonio - Dez horas já, dona Generosa, es-está ficando tarde.
- Generosa - O senhor já vai, seu Si-Si-Sidoncio?
- Sidonio - Ainda não se-senhora. Vou esperar o café.
- Generosa - Credei! Inté nisso é parecido com o irmão. Morto de fome como ele. Deixa vó se o café tá pronto. (gritando) Juvenço! Oh Juvenço!...
- Juvenço - Que é, patroa, tô aqui.

- Generosa - O café tá pronto? As visita qué i imhora.
- Juvencio - Precisa i buscá korozena que a lenha não qué pegá.
- Generosa - Mas agora é que tu tem dize, nego senvergonha. Porque é que a lenha não qué pegá?
- Juvencio - Pois a sinhora não manda dirramá agua nos tição de fogo quando trimi-na a janta que é prá apruveitá eles no dia seguinte? A lenha tá moia-da num qué pegá.
- Generosa - Porque tu não acendeu o fugerero?
- Juvencio - Pois eu já disse pra sinhora que num tem korozena. Me dê o dinheiro que eu vô buscá.
- Generosa - Seu gago, o sr. que tava com tanta vontade de tomá café quem sabe qué mandá buscá uma garrafa de korozena?
- Sidonio - Na-não senhora. Vai ficar muito tarde. Eu prefiro que a sinhora me devolva ao menos um pão que eu vou comendo no bonde.
- Generosa - (baixo) Credo que esfomeado. (alto) mas o Juvencio já partiu elas.
- Sidonio - Pa-partiu um só. O outro a sinhora disse que ele nao partisse. A se-nhora me dê esse que está inteiro que eu levo.
- Generosa - Misericordia! Tá bem, se sr. leva o pão. De qualquer forma se a gente não cumesse lá botá fora ou ia dá pra um pobre. Traiz Juvencio traiz aquele pão que tá intero que é prá lá pra esse esfomeado. (baixo) Vem prá casa da gente prá fazê esta vergonha. (alto) Pois é, pois eu sinto muito em dize que hoje não posso dá café proa vooeis. Todos vi-rum que boa vontade eu tive. Andei buscá até café e o pão. quem ta-va esperando pelo café pra i imhora pode i porque hoje não tem. Na prospera vez eu dô um cafésinho bem bão pra vooeis.
- Licurgo - Bem, visto isto Laura, vamos pirar.
- Laura - Vamos sim. (despedem-se de todos e saem)
- Pepa - Nosotros tambien nos vamos, Juquinha. (despedem-se e saem)
- Porfirio - Quê é isto? Já estão saindo? Ah então eu tambem vou.
- Generosa - Não é prá i, seu Polfirio. Tudinha amostra a porta sinão esse home vai lá pra dentro em veis de saí.
- Celestina - Bem, eu tambem vou. Boa noite para todos. (os de casa respondem)
- Generosa - Até amanhã, si Deus quizé. Deus lbe de uma boa noite, érisinha. Tu-dinha, minha filha, caminha vai te deitá que é muito tarde e tu tem que ti aliventá bem cedo amanhã pra i no mercado que a tua mãe não pode i.
- Tudinha - Já sei, mãe, já sei que tenho que i no mercado amanhã. Tu já disse isso 50 vezes.
- Generosa - Caminha Sidóca vai te deitá...mas credo, esse home ainda tá aqui. Pur Deus que eu nem tinha me dado conta. Si o sr. fosse cobra me mordida. que é que o sr. tá esperando?



- Sidonio - To-to-to esperando o pão que a senhora mandou o negrinho buscar que ele ainda não trouxe.
- Generosa - Mais credo! Negrinho cadê o pão que eu mandei tu buscá, negrinho?
- Juvencio - Tá aqui, patroa, não precisa gritá. Eu já vinha trazendo.
- Generosa - Tá seu gago, tá aí o pão. Pode f. labora. Vá com Deus e a Virge.
- Sidonio - Até amanhã, si Deus qui-quizer. Boa noite pa-para todos.
- Generosa - Até amanhã. (baixo) Deus primita que esse pão não te dexe drumi toda a noite, esfomando do diabo!

Fim.



UM SERÃO NA DONA GENEROSA

- Um programa de ROBERTO LIS.-

Ouve-se ao fundo ruído de vozes dos componentes do serão)

Laura - Enquanto o pessoal está jogando lá na sala de jantar vamos conversar nós aqui. Naquela algazarra eu não escuto nada que você diz.

Juquinha - É uma coisa horrível. Eu já estava até principiando a sentir tonturas. Dei graças á Deus quando a senhora alvitrou virmos para cá.

Laura - Eu não sei que graça podem achar no pocker. Eu acho um jogo tão estúpido!

Juquinha - E depois jogar com a Tudinha e com o Tonico não é possível. Além de muito mal educados são trapaceiros.

Leucispa - Isso é mal de família. Parece que aqui o unico que não é trapaceiro é o velho. A dona Generosa parece até que já foi de circo. Ela embulha a todo o mundo.

Juquinha - É uma coisa horrível. Eu já diversas vezes tenho pensado em afastar-me destes serões porque eles não me divertem nada, mas a dona Pepa chega ás quartas feiras está louquinha pela reunião. Enquanto não consegue arrancar-me de casa para aqui não está satisfeita, eu então, para não contrariar-a, sacrifico o socego de uma noite de leitura ou de qualquer trabalho manual para vir excitar os meus nervos nesta balburdia de brigas, intrigas e algazarra!

Laura - É um caso serio. Eu tambem venho mais para satisfazer o Licurgo. A principio, confesso que me divertia muitissimo. As calinadas da dona Generosa faziam com que eu risse sózinha depois de deitada. Mas a verdade é que tudo cansa. Hoje as suas burrices deixam-me irritada, ás vezes.

Juquinha - É assim mesmo. Em certos dias em que a nossa natureza não está predisposta a determinadas cousas e embora tenhamos boa vontade em aceitar-as o nosso intellecto as repele.

Laura - É isso mesmo. Mas afinal, como você estava me contando lá dentro, você aceitou o convite para cantar na festa? Recusou, não foi?

Juquinha - Para cantar aceitei, sim senhora. Não aceitei foi para dançar.

Laura - Ah, sim.

Juquinha - Recusei dançar porque afinal a senhora v's, eu conheci as aulas agora - faz um mez e pouco - e embeberada a professora ache que eu tenho feito um progresso enorme, eu não poderia ainda fazer uma apresentação em condições. Quando eu estiver mais adiantado então sim. Já pedi até a professora que o primeiro bailado que eu quero fazer é o mercado persa. Aí eu mando fazer umas bombachas de veludo chiffon verde mar com uma faixa e um turbante de lamê dourado!

Laura - Ah, fica formidavel!

Juquinha - Mando fazer tambem aqueles sapatinhos de bico torcido do mesmo la-

- mãe e uma porção de colares no pescoço.
- Laura - Vai ficar notável! As músicas que você vai cantar na festa você já escolheu?
- Juquinha - Uma está escolhida. É "Vozes da primavera" de Strauss. A outra eu estou indeciso entre La file de Cadix e Molat de rir. Qual é que a senhora acha mais bonita?
- Laura - Eu não me lembro de nenhuma das duas. Como são mesmo?
- Juquinha - La file de Cadix é assim: (cantando) La file de Cadix...
- Laura - (Interrompendo) Ah, sim já sei. Já me lembrei.
- Juquinha - E a outra é assim: (canta um pedaço de Molat de rir).
- Laura - Eu me lembro. A Bidú cantou isto num concerto aqui em Porto Alegre.
- Juquinha - Exatamente. Qual das duas a senhora gosta mais?
- Laura - Eu não sei, todas as duas são bonitas. É o caso de você tirar "cara ou coroa".
- Juquinha - Vocês da primavera a senhora conhece, não?
- Laura - Bonheço. Eu até acho que sei de cor. Espera aí. (começa a tocar no piano e Juquinha começa a cantar. A canção vai em meio quando começam de dentro a reclamar)
- Tonico - (gritando de longe) Para com essa griteria aí. A gente que jogá aqui e chega a ficá atordado. (o piano para)
- Juquinha - A senhora está vendo, dona Laura? Eles fazem lá uma algazarra que ninguém pode ouvir o que se fala. A gente está aqui fazendo um pouco de música e os mal educados reclamam que o barulho os está atrapalhando.
- Laura - Deixe, Juquinha, não faça caso. Vamos continuar conversando que é melhor.
- Generosa - (entrando) Ué, o que é que vocês tão fazendo aqui os dois tão desbitados neste soburbo.
- Laura - Neste o que, dona Generosa?
- Generosa - Neste soburbo, dona Laura. A senhora não sabe que é soburbo? Soburbo é um lugar assim que não tem ninguém, que a pessoa tá sosinha, desbitada...
- Laura - Ah, sim compreendi.
- Generosa - Pois é, pois vocês viero pra cá em vez de ficá lá jogando com os outro.
- Laura - Eu não gosto de pocker, dona Generosa.
- Juquinha - Nem eu também.
- Generosa - Eu gosto, só que não sei jogá. Não intendo aqueles idioma de tirá o dinheiro e depois botá e depois tirá outro vez e torná a butá. Fiqui lá conversando com a dona Pepe e fazendo o suétel da Tadinha.

- Nem vi que voçeis tinha saído de lá. Depois foi que ovi o Juquinha cantá foi que me dei conta. Porque é que tu parou?
- Juquinha - O Tonico reclamou lá de dentro. Mandou parar.
- Generosa - Mas quem é o Tonico prá mandá pará alguma coisa? Ele não se enxerga? Isso é até um disforo. Eu não sei o que é, dona Laura, mas esse menino tá ficando tão orastemio, tão anemico que eu ás veiz até fico pensando que fizero alguma percaria pra ele.
- Laura - É capaz, sim.
- Generosa - Eu tô em dizê que fizero alguma mamba por Tonico. Ele não era assim. Pois si intê pra mim já fizero uma veiz.
- Laura - É, dona Generosa?
- Generosa - Pois fizero.
- Laura - O que é que a senhora está me dizendo?
- Generosa - Levei tempo, ó. A pessoa muiambada sem sabê é coisa muito triste! A mamba vai ruendo, vai cumendo a gente por dentro, a gente vai difinhando, vai difinhando, bota a gente no cemintario, dona Laura.
- Laura - Imagina! E a senhora não fez nada pra tirar a mamba?
- Generosa - Pois eu não sabia, dona Laura. Ela passô quando tinha que passá. Porque a senhora sabe que toda a mamba tem o seu prácio. Quando a pessoa aguenta até o prácio chegá ela passa. Outras veiz não aguenta.
- Laura - Pois é.
- Generosa - O Juquinha tá com os olho arregalado. Garanto que tá com medo.
- Juquinha - Não senhora, eu estou só ouvindo.
- Laura - Mas dona Generosa, e a senhora não desconfiou quem foi que lho fez esse trabelho?
- Generosa - Pra dizê a verdade não pude sabê. A falecida comadre Prudencia, a mãe do Juquinha, ela tava sempre aqui em casa e desconfiou que fosse a dona Augusta de seu Serafim mas as distintissima dela eram muito saudavir e eu achei que não pude sê. Hois coremo confronto muitos ano, e prá dizê a verdade eu nunca vi nenhuma anunciado das más ação dela. Não ia tá sacramando a vivente sem sabê.
- Laura - Ah, pois é.
- Generosa - Mas depois arrepare só as betentiva do causo.
- Laura - (para si mesma) As betentiva.
- Generosa - Um dia depois do armoço eu uvi uma voiz que me dizia pra i me deitá. Eu tinha serviço prá fazê dona Laura, que era uma coisa por demais, mas dexei o serviço e fui. Quando a gente ouve assim essas voiz a gente deve de obedecê.
- Laura - Ah pois é. A gente sempre deve obedecer essas voiz. As vezes é a voz da consciencia, outras vezes a voz da razão...
- Generosa - Eu não sei que voiz era, eu sei que eu ovi.

Laura - Pois é. (baixo) Era a voz da preguiça, com certeza.

Generosa - Daxei o serviço e fui me deitá. Tava deitada assim, meio acordada, meio dormindo, quando ouvi a passá uma um adorassinha muito gentil. Aí me apareceu um anjo muito primoroso, muito chica que me disse pra mim que eu fizesse treis dias a rezar numbro triata do livro de São Cipriano. Mandei comprá o livro, fiz o que ele disse e a senhora é de cré que passô tudo? Olhe, dona Laura, eu fiquei tão santifaita que até rezei uma vela prasse anjo.

Laura - Pois é.

Generosa - Eu tenho muita fé nestas coisas. Hay muita gente maléiciosa, dona Laura, a gente precisa se cuidá.

Laura - É, sim.

Generosa - Mais a todas dessa nós fiquemo aqui de conveíça e não toquemo mais. Venha dona Laura, venha tocá. E tu vai cantá, Juquinha. Eu quero vê quem é que vai te mandá tu calá a boca. (ouve-se um enorme diacussão sobre o jogo, salientano-se as vozes da Tudinha e Tonico que brigam por causa das fichas, Generosa gritando) que é isso aí? Tudinha, Tonico! Vocéis se acerzem inhante que eu chegue aí e perpare os beíço de vocéis bem perparado. (agriteria continua) Isso é uma coiza por demais. Sidóca, toma conta de teu filho aí, Sidóca. Daxa de sê banana, faiz eles te arrespeitá. que coiza! Não é mesmo pra uma vivente pará a paciência dona Laura? Diga si não é. "scute só vaje si isso tem cabimento. Veje. (agriteria persiste)

Pepa - Yo he venido a trabajar acá. No es posible caer-me allá en medio de tan grande confusion. Una se queda loca.

Generosa - O que é que ela disse? Que levô uma queda loca? Tambem a senhora vive caindo, dona Pepa. Parece que não bota sentido adonde caminha. (dessa a discussão lá dentro)

Pepa - No es eso, señora. Yo estoy hablando cosa muy diferente. No he conocido en mi vida una persona mas bronca. Mi gran error es de no acordarme dará ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ nunca que ella no entiende lo que yo hablo y seguir perdiendo mi tiempo dirigiendo-me a ella. Esso es el error! Cerebro oscuro!

Generosa - O corredor tá escuro porque a senhora vê a luz tá muito cara. Mas a senhora caiu não é por isso não, dona Pepa, não venha disfalçé. A sinhora não bota sentido adonde tea que pisá.

Pepa - Es eso mismo, señora. Tiene razon. A los tontos y a los borrachos uno no deve contradécir.

Generosa - Nós viemo pra cá por causa do jogo. Nós não joguemo fiquemo aburrecida de tá lá. Agore até a dona Laura ia tocá quequê coisa pro Juquinha cantá. Canta meu filho. Acompanhe ele, dona Laura.

Laura - O que é que tu queres que eu te acompanhe, Juquinha?

Juquinha - Não sei dona Laura, eu não sei quass são as musicas que eu canto que a senhora sabe de cór.

Laura - As vozes da primavera eu sei.

- Juquinha - Mas esta eu ainda não sei a letra.
- Laura - Então vê outra que tu saibas e diz pra ver si eu sei.
- Juquinha - Estrelita, a senhora sabe?
- Laura - Não sei.
- Juquinha - A serenata de Schubert.
- Laura - A serenata eu sei.
- Juquinha - Pois então acompanhe-a, por favor. Vou cantar a Serenata.
- Laura - Vámos. (Juquinha começa a cantar a Serenata de Schubert. Quando a musica vai em meio Tonico começa a gritar e a musica segue sempre)
- Tonico - (de longe) em meio da musica) Fecha esse berrador aí, excomungado. Cala essa boca.
- Generosa - (gritando para longe) Não cala a boca coisa nenhuma. Tu não é ninguém aqui pra mandá os otro calá a boca. Ele é de calá mais custa. Quem mandó ele cantá fui eu, dica sabendo. Persegue, Juquinha, persegue, não faiz cause.
- Tonico - (de longe) Tu não oye, desgraçado, cala essa boca. Té todo o mundo aqui surdo com os teus berro.
- Generosa - (para longe) Ele não cala, eu já disse. Ele é de cantá porque eu quero. Tu aqui não manda nada prá tá gritando com as visita. Era só o que fartava. Ele é de cantá porque eu quero e não adianta tu tá te cansando em mandá ele calá a boca porque ele não cala. Isso, Juquinha, persegue cantando.
- Tudinha - Ó mãe, a gente qué jogá e não póle prestá atenção ao jogo. "caba aí tu e o Juquinha com esse berrero.
- Generosa - Tu não te enxerga de via me mandá calá a boca? Em que tempo pois temo? Chegemo no tempo dos cachorro mandá na gente? O Juquinha não cala a boca porque eu não quero.
- Tudinha - Tu nem tá ouvindo nada que ele tá cantando. É só pra incomodá a gente com o barulho.
- Tonico - (irrompendo na sala) Como é, vai pará ou não vai pará esse tróço? Eu acho melhor tu desisti desse negocio por bem gorqua sinão tu vai té que desisti por mal. (Juquinha para de cantar) Sujeito chato aí amolando a paciencia da gente com essa apito que parece uma lococativa.
- Juquinha - Foi a dona Generosa que se unidou cantar.
- Tonico - Eu não quero sabê quem foi.
- Generosa - Não para, Juquinha, não para. Ele não manda nada aqui. Canta, canta.
- Juquinha - Deus me livre, dona Generosa, eu estou lá para o Tonico fazer aí qual quer violencia. O prejudicado depois sou eu que fico com a pancada.

- Generosa - Ele é loco fazê alguma coisa? Canta. Eu tô mandando.
- Tonico - Tu não te mata.
- Generosa - Canta Juquinha, canta.
- Juquinha - Desculpe, dona Generosa, mas não canto, mãe.
- Tudinha - Acaba com esse negocio de canto e não canta, mãe. Isso já tá pau. Vem Tonico, vamos continuar o jogo.
- Generosa - Ele não vai jogá coisa nenhuma. Ninguém mais vai jogá porque eu não doxo.
- Tudinha - Pronto, agora ela implicô com o jogo.
- Generosa - Impliquei e tu não tem nada que vê com isso. Ninguém mais joga porque eu não quero. Priguntá quem é que manda dentro da minha casa.
- Licurgo - Como é, nós vamos ou não vamos continuar o jogo?
- Generosa - Ninguém mais vai jogá. Acabô-se tudo, acabou-se o jogo.
- Licurgo - (gritando para dentro) Pessoal, acabou-se o jogo. A dona Generosa não quer que se jogue mais. Ó Juvencio, dia aí ao pessoal que não tem mais jogo, que eles passem para cá.
- Tonico - Esse chato, esse vagalume, fazê acabá o jogo da gente que tava tão v bom.
- Juquinha - Eu não tenho culpa nenhuma, ouviu Tonico? Eu se cantei, foi eu já disse a você, ~~xxxxxxxxxxxx~~ porque a dona Generosa mandou. Não sei porquê você insiste em acusar-me de uma falta de qual eu estou inteiramente inocente. Eu não estou gostando nada disto. Si você continua assim eu vou ficar sangadinho com você.
- Juvencio - Patroa, não é verdade que o jogo acabou-se?
- Generosa - Quantas veiz tu qué que eu diga a mesma coisa? Acabô, sim ninguém mais vai jogá.
- Juvencio - Pois é, pois eu fui dizê pro eles lá que tinha acabado e eles não quiseron acreditar. Até a dona Celestina disse que eu tava mintando.
- Generosa - Dêxa dizê. Si fô preciso eu vô lá e arrubanho as carta.
- Juvencio - A senhora qué eu vô buscá elas.
- Generosa - Não vai buscá nada. Te assucega aí.
- Celestina - É verdade, dona Generosa que a senhora não quer quêsse jogus mais?
- Generosa - É verdade, sim, não quero.
- Celestina - Ora que pena!
- Laura - A senhora também estava jogando?
- Celestina - Estava sim senhora. Eu gosto muito de poker.

- Laura - Aposto que a senhora estava ganhando.
- Celestina - Não senhora, estava perdendo. A unica vez que ganhasi foi esta ultima mas todos se levantaram da mesa e não me pagaram.
- Generosa - Pois é e agora não se joga mais.
- Sidonio - Do-do-dona Generosa. É verdade que a senhora não quer...que...que..
- Generosa - que ^{se} jogue mais? Não quero, quantas veiz já disse.
- Sidonio - Bem, eu não sabia.
- Generosa - Pois é, pois agora fica sabendo.
- Sidonio - Agora que eu tinha começado a descontar o meu prejuizo...
- Generosa - Negrinho vai apagá a luz da sala de janta. Neo tem mais ninguem lá a gente não vai tá gastando luz que tá muito cara.
- Juvencio - Ué, não tem mais ninguem lá. O patrão tá lá, o seu surdo tombem, tá tá lá o seu Bento...
- Generosa - Pois eles que passe prá cá, era só o que fartava que a gente fosse tá gastando luz por causa deles. Então eles não qué.
- Juvencio - Então eu vô dizê pra eles via pra cá.
- Generosa - Vai duma veiz. Porque é que tu já não foi? Faiz mais de uma hora que tô te mandando, condenado.
- Juvencio - Tô indo, a sinhora não tá vendo que eu tô indo?
- Tonico - Como é, pessoal, já que a gente não vai jogá wamo fazê qualquer coisa. Esse negocio de ficá aí olhando uns pra cara dos otros é feio pau. Essas cara já tão todas muito manjada.
- Generosa - Esse minino tem uma manera tão feia de falá.
- Tonico - Ora, mãe, não chateia.
- Generosa - Chateio sim. É de chatiá todas as veiz que tu falá desse geito. (Tonico resmunga) Eu não sô capaiç, dona Laura, a senhora vê que eu sô resoávir com todos, trato todos bem, arrecebo na minha casa, noto sintido quando as pessoa fala. Os meus filho não. A minha mãe era da mesma laia do que eu. Pur isso que todas apriciava ela e aperceiam a mim.
- Tudinha - É mãe, tu tem razão. Nós não somos da tua laia.
- Generosa - E não são mesmo. Tomára voceis.
- Tudinha - (baixo) Cruzes! Deus me perdoe!
- Papa - Bueno, señora, nosotros no hemos venido a su casa para quedarmo-nos como idiotas a mirar las paredes ou escuchar-la de sus abuelos y de sus padres.

- Generosa - O que é que ela disse dos padre?
- Pepa - No estoy hablando de los monges, señora. Estoy hablando de los padres sujos.
- Generosa - (pausa) Os padre sujo. (pausa) Pois é. (baixo) que é que ela tem que vê com isso? Cada um anda como qué.
- Pepa - No me ha entendido, todavía.
- Generosa - Toda a vida o que?
- Pepa - (zangada) Toda la vida usted ha de ser la misma cosa. No ha de cambiar nunca. Uno puede decir-le las cosas calmamente, explicar-las, repetir-las porque usted se queda de la misma forma. Siempre haciendo las mismas preguntas, diciendo las mismas tonterías, creyendo siempre que los otros son los que no la entienden, quando em realidade es usted la que no comprende nada y nadie! Hay días que uno tiene ~~em~~ calma y la paciencia necesaria para aturar-la, pero hay otros que no es possible. (friaando) No es possible!
- Generosa - (apos uma pausa) Pois é. (baixo) Coitada, como ela tá atacada hoje. (alto) Dona Pepa, porque a senhora não esprementa tomá uns passe?
- Sidonio - O que a dona Pepa desejava tomar era um bom café.
- Pepa - Yo no he dicho nada señor.
- Generosa - Credo, já tá o morto de fome. Depois a gente toma café. É cedo ainda. Nem é deiz hora. Recem não faiz muito bateu nove e meia. Depois o Juvencio vai fazê. Agora é que tu veio Sidóca? Gastando luz da sala de janta sem nicissidade? Depois chega no fim do meiz vem ~~reclama~~ má que a gente gasta muita luz. É tu mesmo o premero a gastá ~~com~~ a mania do jornal. Ele sempre qué lê o jornal dele noutro lugar que a gente não teje. Si a gente tá aqui ele vai lê na sala de janta. Si a gente já na sala de janta ele vai pro quarto. Si a gente tá no quarto ele vai pro banheiro. Nô banheiro então é adonde ele mais gosta ~~de~~ lê. Eu já fiz o Tónico botá uma lampada boa fraquinha que é pras vista dele não ~~caia~~ e ele não ficá lá o dia intero. que é que tu tava fazendo lá? Porque tu não veio logo pra cá quando a gente te chamô?
- Sidóca - Eu estava lá conversando com o seu Bento.
- Bento - É fato.
- Generosa - Pois voceis pudia conversá aqui. Não pudia?
- Bento - É exato.
- Sidóca - Pois é, mas nós ficamos lá distraídos.
- Generosa - Pois é, pois quando chegá no fim do meiz não arreclama.
- Javencio - Patroa, eu apaguei a luz e dexei o seu surdo lá nos escuro. Eu não pude acordá ele. Ele tá drumindo que chega a tá roncando! A gente chama e ele faiz ansim (imita o ronco) ron!... A gente chama otra vez ele assubia. Ronca e assubia, patroa, só a sinhora vendo.

- Generosa - Mais credo e esse home vai ficá drumindo lá? Não pode. Vai chamá ele, Tudinha.
- Tudinha - Ora, mãe, ãã amola, eu não vô acordá ninguém. Era só o que faltava.
- Tonico - Tu qué eu vô, mãe.
- Generosa - Não vai nada, fica aí. Tu que te pronteia pra í alguma coisa tu qué fazê no vivente. Dixa que eu vô.
- Tonico - Essa mãe tem cada uma. Tu parece boba, mãe? O que é que eu ^{lá} fazê?
- Generosa - Não sei não mas tu não é de confiança. (baixo) Capaiz intê de mexê nos bolso do proximo. Deus me isonteie dessas coisa.
- Tonico - Qué dizê que não sou de confiança e tu é?
- Generosa - Graças á Deus. Eu sô de plaina confiança!
- Tonico - Ah, de plaina? Está bem.
- Generosa - Vocês fica aí se divertindo que eu vô acordá o seu surdo.
- Sidonio - A senhora acorde ele devagarinho porque ele é muito nervoso pode levar um susto.
- Generosa - Ora seu gago, vem me insiná a acordá arguem! Dexe disso! (sai)
- Tudinha - Como é, pessoal, vamos fazer alguma coisa? Isso tá muito pau hoje.
- Laura - Canta tu alguma coisa, Tudinha.
- Tudinha - Ah não, eu não ando disposta. Depois a minha garganta é uma coisa horrivel! Apanho um bocadinho de chuva ou esfria um pouquinho e tempo e pronto. Já estou atacada da laringe.
- Laura - Então o Tonico canta qualquer coisa.
- Juquinha - O Tonico não ha de querer cantar. O meu canto estava irritando tanto os seus nervos. Não lhe parece seu Bento?
- Bento - É fato.
- Tonico - Não é fato coisa nenhuma, cara de pato...
- Sidóca - O que é isso, menino!
- Tonico - Não é fato porque tu não queira compará os teus berro com o meu canto. Eu canto como gente. Tu spita como locomotiva.
- Pepa - Antipático. Mal educado.
- Juquinha - "Pretenção e agua benta, cada qual toma o que quer.
- Laura - Tonico, cante "eles se conheceram no Rio" Gosta tanto daquilo.
- Tonico - A senhora ~~quê~~ ~~de~~ /acopnar?

- Laura - Sei. Eu comprei a musica logo que apareceu e comecei a tirar.
- Tonico - Pois então vamos. (ouvem-se longe do microfone os gritos da Generosa procurando acordar o seu Porfirio)
- Tudinha - Lá tá a mãe aos beiros com o seu Porfirio.
- (Tonico canta, sendo, ao terminar muito aplaudido por todos. Nos intervalos do canto ouve-se a voz de Generosa tentando acordar seu Porfirio)
- Sidonio - O Tonico tem uma voz muito boa. Ele devia aprender canto pra depois cantar...
- Generosa - (entrando e interrompendo) Puxa que sofri pra acordá esse home, credo! Dava cada sacudidela que nem sei como ele não caiu da cadeira.
- Papa - Ya lo creo!
- Laura - Ele ainda está com os olhos de sono. Parece que não está bem acordado.
- Licurgo - Estava sonhando com os anjinhos, mãe é seu Porfirio.
- Generosa - (apos uma pausa) Seu Porfirio, o seu Licurgo tá falando com o senhor
- Licurgo - Deixe, dona Generosa, ele não ouviu não fez mal.
- Porfirio - Comodisse?
- Licurgo - Pronto, agora eu tenho que explicar. (gritando) O sr. estava sonhando com os anjinhos?
- Porfirio - Não ouvi bem. Fale um pouquinho mais alto que eu sou um bocadinho surdo.
- Licurgo - Mais alto ainda? Bacalhau!
- Porfirio - Onde é que tem bacalhau, aqui?
- Generosa - Tá aí, ele é surdo mas quando fala em comida ele ouve. (baixo) Quando eu digo que são tudo uns morto de fome que vem aqui. (gritando) Aqui não tem bacalhau nenhum. Que comê bacalhau vá no mercado.
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) Que comê bacalhau vai no mercado. Ouviu ou qué que arre-pita outra veiz?
- Porfirio - A milanez nunca comi. Tenho comido ensopado com couves e batatas. A portugueza. É como eu gosto mais.
- Generosa - Pois é, pois no mercado também tem assim.
- Sidonio - Afinal, eu estava falando quando a dona Generosa entrou e eu nem cheguei a acabar o que estava dizendo.
- Generosa - Pois então acabe duma veiz. O senhor leva um ano pra dizê as coisa.

- Sidonio - Não me deixaram falar. Interromperam o que eu ia dizer.
- Generosa - Pois então fale dumavez. Ninguém tá lhe segurando porque é que o sr. não fala?
- Sidonio - Mas se a senhora fala eu não posso falar ao mesmo tempo.
- Licurgo - Não saímos disso hoje, é um circulo vicioso.
- Tudinha - Não, vô te dizê, é de amargari.
- Generosa - Tá aí, agora eu tô calada. O senhor já não disse de embomero que é.
- Sidonio - Eu estava dizendo que o Tonico tem a voz muito bonita...
- Generosa - Saiu o pai dele. O pai dele quando era moço tinha um peito de fazê inveja a muita moça.
- Sidonio - Ma-na-ma-mais assia eu não chego a falar.
- Generosa - (impaciente) Fala, home de Deus, eu tô sigurando a sua boca, pur acuso. que impertencia, que falta de incenso!
- Sidonio - Eu estava dizendo que o Tonico...
- Generosa - (atalhando) Tem boa voz, o senhor já disse isso.
- Sidonio - que devia estudar canto para cantar no radio.
- Generosa - An não quero. Ele pode estudá canta mas prá cantá nas radio não quero.
- Licurgo - Ora essa, dona Generosa, porque?
- Generosa - Porque dispois não qué trabalhá, só qué cantá. E nas radio o senhor vê é muito bunito, muito dislumbrante e tudo mais mas o senhor vê que: ehe ali canta uns tempo e dispois para. Ele não é rico percisa arranjá um emprego que seja certo que ele não teje assim pegando e parando, pegando e parando. Tem que arranjá um emprego físico.
- Tonico - Eu qué que eu seja calcetero, não é mãe?
- Generosa - Eu quero que seja dotor. Pra isso nós temo gastando o que gastamo que tu bem sabe. A vida de dotor, dona Laura é a vida melhor que hay. A vida de empregado é uma vida muito matosa.
- Laura - É sim senhora, como não.
- Generosa - (dando um grito) Ai!
- Sidonia - O que foi, Generosa? (mais dois ou tres perguntam o que foi)
- Generosa - Puxa, que me deu uma pontada aqui no vasio da paleta e me arrespondeu aqui nas espada.
- Licurgo - Foi algum frio que a senhora apanhou.
- Bento - É fato.

- Generosa - Capaiz mesmo.
- Sidonio - A se-senhora tomando um cafésinho quente, passa.
- Generosa - Pode sê. (gritando) Negrinho! Oh, negrinho! Vem cá.
- Porfirio - Estão chamando pro café?
- Generosa - Inda não, home de Deus, tecem vô mandá fazê.
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) Inda não tem café. Agora é que eu vô mandá fazê. Ouviu agora?
- Porfirio - Está sem senhora. Já são mais de dez.
- Generosa - Pois é, pois então o senhor vá que já é tarde.
- Juvencio - A senhora chamô dona Ginirosa?
- Generosa - Acende o fogo e prepara um cafésinho bem quentinho.
- Juvencio - Ué, a senhora disse que hoje não ia dá café pra ninguém eu não fui buscá kerozena. A lenha não tem aí. Só si eles quizer tomá café frio.
- Generosa - Quem é que vai tomá café frio, nego? Dixa de bobage.
- Juvencio - Pois é, mas lenha não tem. Só si eu botá aquela cadera do banheiro no fogo. Ela tá quebrada.
- Generosa - Tu tá maluco botá a cadera do banheiro no fogo? Tu intê é loco.
- Juvencio - Ué, foi a senhora memo que disse otro dia quando a senhora se assentô pra se carçá e ela rasgô a sua saia.
- Generosa - Cala essa boca e vai timbora lá pra dentro.
- Sidonio - Quer dizer que hoje não sai café?
- Generosa - Não sai, seu Si-si-si-Sidoncio. Não sai. O sr. não ouviu o negrinho dizê que não tem lenha nem kerozena? O sr. não é surdo, o surdo é o seu Polfirio.
- Sidonio - Está bem, eu só queria saber. Neste caso então eu vou me embora.
- Generosa - Pode i.
- Licurgo - Nós também vamos, não é Laura?
- Laura - Vamos sim.
- Generosa - Inda é cedo.
- Licurgo - Não é cedo não. Nós inda vamos no café. Boa noite para todos.
- Laura - Até a proxima qua rta feira.
- Generosa - Até a quarta feira si Deus nosso Senhor quizer.
- Celestina - Eu também vou, dona Generosa, boa noite. Boa noite para todos. (todos respondem).

- Fepa - Vamos nosostros tambien Juquinha.
- Juquinha - Vamos sim.
- Fepa - Total, no vamos a tener cafe hoy. Buenas noches para todos. (todos respondem os cumprimentos dos dois)
- Sidonio - Vamos, seu Porfirio, eu estou esperando pelo senhor.
- Porfirio - Como disse?
- Tonico - O seu Sidonio está convidando o senhor para ir embora.
- Porfirio - Ah está bem. Um momentinho.
- Generosa - O que é que o senhor está procurando? (repete a frase gritando)
- Porfirio - Eu tinha dezessete mil reis aqui neste bolso, agora por acaso boto a mão e vejo que só tenho cinco. Falta uma nota de dez e uma pratinha de dois.
- Generosa - É? Farta? quem sabe si o senhor perdeu na rua?
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) Quem sabe si o senhor perdeu na rua?
- Porfirio - Na rua não perdi porque quando eu entrei aqui eu ainda tinha o dinheiro no bolso.
- Generosa - Ué, e quem é que ia mexer no seu bolso pra tirá. Olhe (gritando) O sr. vá indo por adonde veio e vá olhando assim pra carçada que pode ser que o sr. encontre. E vá dumavezinhante que os outros ache. Vá, seu si-si-si-Sidoncio, leve ele.
- Sidonio - Vamos compadre.
- Porfirio - Vamos sim. Boa noite.
- Generosa - Boa noite. Vão com Deus e a virge.
- Porfirio - Isto foi o diabo. (afastando-se e falando sempre) Eu tinha esta nota de cinco, tinha outra de dez e uma pratinha de dois mil reis. Tenho certeza absoluta.
- Generosa - Ingratado esse home. Isso perdeu o dinheiro por aí e depois vem reclamar.
- Tudinha - Bom, eu vou dormir que estou louca de sono. Estava aflita que esse pessoal saísse pra ir me deitá.
- Generosa - É vai, minha filha. E tu tambem Tonico vai durmi que tu amanhã tem de alivantá cedo.
- Tonico - (longe do microfone) Tu não tá vendo que eu já vou. Precisa mandá?
- Generosa - Olha tu heia marcriado. Arresponde direito pra tua mãe. Sidoca vai durmi.

Sidóca - Já vou Generosa.

Generosa - Caminha vai. Não é já vô e ficá aí parado. Vai, vai, vai. (gritando)
Negrinho vem cá. Não começa a lê o jornal na cama depois dorme com
a luz acesa como é teu costume. Toma, leva os teus ócro. (gritando)
Negrinho!

Juvencio - O que é, patroa, tô aqui.

Generosa - Vem cá, chega aqui perto.

Juvencio - O que é que a senhora qué.

Generosa - Dixa vô esses bólo.

Juvencio - O que é patroa?

Generosa - Hum! Sem vergonha. Desabriado. Eu sabia que os dois mirreis quem ti-
nha tirado era tu.

Juvencio - Não fui eu, patroa., juro que não fui. Esses dois mirreis eu achei na
rua.

Generosa - Caminha te deitá, infenerado. (ruído de um tapa e um grito de Ju-
vencio e uma corrida) Eu logo vi que tinha que sê ele. Só quem ficô
nos escuro com o seu porfirio fio ele e eu!

Fim.



UM BRÃO DA DONA GENEROSA

- Um programa de ROBERTO LIS. -

- Generosa - Ai que é que tu tá a, nevrihada? Tu já achas a cozinha?
- Juvencio - Não achas nada, pois a sinhora não mandô eu ir pedir a tanga da dona Corina representada que não pô a sinhora nunca achô na costureira, a costureira faz o igual para sinhora?
- Generosa - E tu foi?
- Juvencio - Pois tá vindo de lá.
- Generosa - A sinhora é que tá a trabalhar?
- Juvencio - Ela não quiz emprestá. Disse que já emprestô uma vez prá isso mesmo e que a sinhora deverva a trazer com duas mancha de café. Diz que pilla prá vê o uso.
- Generosa - Mentira dela. Aquelas mancha de café já teve na tua. Tu não disse prá ela que eu não uso?
- Juvencio - Eu não disse nada, petra, a ela ora uso mesmo.
- Generosa - Mais negro! Tu tem coragem de aliviar um fardo tistimunho? negrião isso é gásto, negrião!
- Juvencio - A sinhora usô, petra, eu não alivoro. Inté foi o seu Tonico quem alivorô o café na mão da tua.
- Generosa - Mentira, não usô nada. Só se foi a costureira que usô.
- Juvencio - Que costureira, petra? A sinhora não mandô ela em costureira nunca! Eu fui bancô eu quigi na hora de batá e assa e já no outro dia de minha boa celiha eu fui levá. A sinhora tá baralhando tudo.
- Generosa - Que baralhando bobo é esse? Isso é jeito de falá? Tu qué dizê que eu tô fazendo confrontação. Mas não to não. Eu sei muito bem aquilo que eu fago e aquilo que eu digo. Eu não sô a dona fepa que é fraca das ideia, não. Si ela não quiz emprestá tá boa, eu não preciso. Deixa ela vir pedir qualquer coisa aqui em casa que ela vai vê a currida que eu vê dá nela. Essa gente é ingrata. Vêo percebendo lá gente e a gente servindo. Quando a gente manda pidi uma coisa que achô bonito e que fazê igual eles não manda e ainda diz reendo disforado pros nego dizê prá gente. Deixa ela que ela é de vi. A Tudinha tá na janela?
- Juvencio - A dona Tudinha tá lá na esquina.
- Generosa - O que é que ela tá fazendo lá?
- Juvencio - Não sei. Tá ela, aquela venguiha dali confronta, tá com a Laura, o seu surdo, o seu gago, a bambala tola.
- Generosa - Já, como é que elas se encontraro?
- Juvencio - A dona Tudinha viu que eles vinha vindo e foi encontrá elas lá na esquina. Só não tá a dona castiana e o seu Jóquilha.
- Generosa - E o que é que elas tô fazendo lá?
- Juvencio - Tô parado na esquina conversando. Tem um bone ali dentro da venda tocando violão ou não que eles tô aproveitando e não ouvindo.
- Generosa - Vai arrumá a cozinha, cozinha. (pausa) O que é isso que tu tem na mão?
- Juvencio - Ah, eu inté tinha na inquietude. Tava abaixo de porta. É uma carta sinhora, petra.

Instituto de História da Universidade de Coimbra

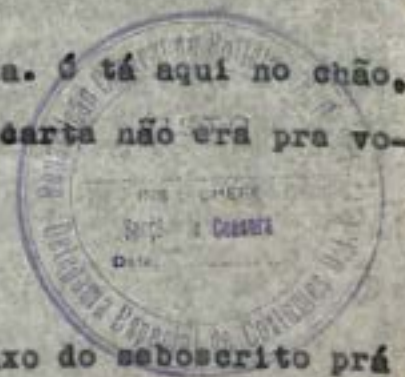
 ESTO

 22/4/42

- Generosa - E só agora é que tu me mostra? Lavé, negrinho. Capaiz inté de só coisa orgente. (ruído de rasgar papel) Alicença o meus óelo dali.
- Juvencio - (pausa) Tá.
- Generosa - Lavé. (pausa) Credo, essa luiz tá rão rúa. A gente quasi que nem pode enxergá o que é que tá escrevido aí. (pausa) Mi...minha cuerida...que luiz meu Deus!
- Juvencio - A sinhora qué que le ajude, patroa? Dois oiando a gente enxerga milhó.
- Generosa - O que é que adiante tu olhá? Tu não cunhece nem as letra direito. Tu é um malfabeti. (lendo) Minha cuerida cumadre. Minha querida cumadre deve de sê. Ela escreveu enrrado. Botó alí um u que não era prá tã. Minha querida cumadre. É com o maior pezar que pego na pena para nestas mal traçadas linha...mal traçada...não, tá certo mal traçadas linha comunicar o falecimento - Ai meu Deus quem é que morreu - o falecimento da sua sobrinha Delaides...É Delaides que tá aqui não é negrinho?
- Juvencio - Pela primera letra que tá na frente é sim sinhora.
- Generosa - O falecimento da minha sobrinha Delaides! qué dizê que ela morreu?
- Juvencio - É, sim sinhora morreu.
- Generosa - (chorando) Coitadinha!...(espalhafato) Coitadinha! Pobresinha da Delaides. Quê ia dizê. Tão forte, tão gorda, tão boasinha a coitada! Ah, meu Deus, morte ingrata! (chora escandalosamente) A gente tão contente e arrecebê um golpe desses. Que mundo ingrato minha Nossa Senhora!
- Juvencio - (choramingando) Patroa, num chore ansia que a gente fica com vontade de chorá tambem.
- Generosa - Pobresinha!...Coitadinha da Delaides!...quem é que ia dizê! Quem é que ia pensá que a coitadinha tão cedo a morte fosse se alembra dela! Uma minina tão bunita! Deva gosto a gente vê! Quando se alembro que a coitadinha já não inziste mais! Se não fosse essa carta eu nem acreditava!...Ah, meu Deus!...(chora) Mundo ingrato! A gente não é nada. Tão depressa tá aqui como já não tá. Pobre daquela mãe, perdê a rica da filhinha dela!...(chora)
- Sidóca - O que é isto? O que foi que houve?
- Generosa - Sidóca! Que desgraça. A coitadinha da Delaides morreu, Sidóca! A gente aqui tão longe sem sabê de nada, Sidóca. Que coisa muito horrível, Sidóca! que disfar, Sidóca! Tão cheia de vida a coitadinha!
- Sidóca - Mas Generosa...
- Generosa - Uma moça com tanhos prejudicados! Vivinha, tão vivinha que tava, de repente a morte traçoera veio levá a coitadinha! Ah mundo ingrato, Sidóca, a gente aqui não é nada. A gente aqui não vale nada. Tã Tã depressa a gente tá com vida como já não tá. (chora)
- Sidóca - Mas Generosa, eu não estou entendendo nada...
- Generosa - (chorando e brava ao mesmo tempo) Será pussivle que tu não intenda mais o que a gente dia, banana grande? Tu não tá uvindo eu dizê que a coitadinha da Delaides morreu? Pobresinha! Tão boasinha que ela era! Tão minha amiga!
- Sidóca - Mas quem é a Delaides que eu não sei, Generosa?
- Generosa - A minha subrinha, Sidóca, será pussivle que tu não te alembre quem é?
- Sidóca - Eu nunca ouvi dizer que você tivesse sobrinha com esse nome, Generosa.
- Generosa - Mais então, Sidóca eu não tenho?



- Sidóca - Estou dizendo que nunca ouvi você falar nela. Nem você nem ninguém da família.
- Generosa - Pois vê aí na carta si não tá escrevido. Cumunicá o falecimento da sua subrinha Delaides...
- Sidóca - Bem, pode estar na carta, mas a questão é que você não tem sobrinha nenhuma com esse nome. Você tem?
- Generosa - Vê aí, vê se não tá Delaides escrevido aí.
- Sidóca - Está aqui, é Adelaide. A carta é assinada por Eugenia. Você conhece essa Eugenia? Tem alguma sobrinha chamada Adelaide?
- Generosa - (depois de uma pausa de reflexão) É, não tenho, não.
- Sidóca - Pois então pra que essa choradeira toda?
- Generosa - Mas se a coitada morreu, Sidóca.
- Sidóca - Morreu, mas você nem sabe quem é, nem tem relações, nem coisa nenhuma. Se por casa pessoa que morre você vai fazer uma choradeira dessas passa a vida inteira chorando.
- Generosa - Mas então pra que que eles me escrevero? Si eu não conheço, não tinha precisão nenhuma de fazê a gente se aburrscô.
- Sidóca - Onde é que está o envelope desta carta?
- Generosa - Não sei. Adonde é que tu botô, negrinho?
- Juvenio - Deve de tá pur aí, foi a senhora que abriu ela. É tá aqui no chão, ô.
- Sidóca - Deixa ver. Maria Luiza Torquato Torres. Esta carta não era pra você Generosa.
- Generosa - Foi o negrinho que disse que era.
- Juvenio - Tava debaixo da porta eu pensei...
- Generosa - E tu não sabi lê o que tava escrevido por debaixo do sobrescrito prá vê que não era?
- Juvenio - Ué, a senhora tambem podia lê. A senhora diz que sabe mais do que eu.
- Generosa - Tu disse que era pra mim eu nem olhei o sobrescrito foi abrindo e já fui lendo.
- Sidóca - É preciso mandar procurar o destinatario ou mandar de volta ao correio.
- Generosa - Não manda nada. Ninguém é oriado deles. Dixa ficá aí. Quando o cartero vier outra vez a gente entrega. Depois a gente cola um papel aqui assim dereitinho e fecha ela de novo.
- Sidóca - Não é preciso, você explica ao carteiro que não reparou e abriu a carta sem ver que não era para você.
- Tonico - (entrando) O que foi que houve que a vizinha me perguntou, disse se que a mãe tava chorando em altos brado.
- Sidóca - Abriu uma carta enganada que comunicava o falecimento de uma moça chamada Adelaide e porque a fulana que escreveu a carta dizia a sua sobrinha Adelaide ela imaginou que a moça fosse realmente sobrinha dela e está chorando.
- Tonico - (rindo) Boa bola. A mãe gastando cera com defunto que não conhece.
- Generosa - Não faz mal. De qualquer jeito a pobre da inocente morreu. Chorei por ela. Si é de chorá por um vivo chorei por ela que morreu.
- Tonico - O melhor era não chorá por ninguém de que tá fazendo espalhafato sem necessidade.



- Generosa - Espalhafati, não é? Vocês são e uns sem coração é o que vocês é. Chorei e tu não tem nada que vê com isso, pronto, malinado. Ou quem sabe tu qué se dá agora porque eu chorei?
- Tonico - Eu não, não tenho nada com isto. que chorá, por mim pode chorá a vida inteira que eu nem tô ligando. Nem tô ouvindo. (ri)
- Generosa - Marcriado, nojento, sem coração. Ri inté das pessoa que tá morta. O que é que tu fazendo aí, negrinho? Caminha vai tiabora lá pra dentro vai arrumá a cusinha que eu já te mandei duas veis. Tu inda vai acabá fazendo eu te dá muto laço hoje.
- Juvencio - Não precisa ficá braba, patroa, já tô indo. a sinhora não ta vendo?
- Tudinha - (de longe) Vamos entrando pessoal. (gritando) Mãe, olha o pessoal tá todo aí.
- Generosa - Manda eles intrá, minha filha. É tudo de casa não precisa fazê cirimonha. Olha a dona Laura.
- Laura - Como vai, dona Generosa, está boasinha?
- Generosa - Assim, assim, minha filha. Tô muito nervosa com um susto quem levei.
- Laura - Um susto? O que foi?
- Generosa - Depois eu conto. (enquanto Laura vas cumprimentar seu Sidóca e Tonico, vão entrando dona Celestina, seu Porfirio, seu Sidonio, seu Licurgo, seu Bento que cada um por sua vez cumprimenta dona Generosa trocando frases amáveis e a seguir teem todos uma palavrinha para s. Sidóca e Tonico)
- Tudinha - Tá aí, dona Celestina, a senhora tava se queixando de dor nos pés está aí a cadeira. Sente duma vez antes que outro ocupe porque depois eu não vô lhe buscar outra lá dentro.
- Celestina - Muito obrigada, Tudinha. Esse sapato me aperta tanto os pés!
- Generosa - Vão se sentando todos. "u não me alivanto porque ninguem é de cirimonha. Tudo já tá acostumado a vim aqui.
- Laura - Mas afinal o que foi que lhe aconteceu, dona Generosa que susto foi que a senhora levou?
- Generosa - Pois vô lhe contá, dona Laura. O Juvenco incontrô uma carta dibaxo da porta e trouxe pra mim. Eu nem arreparei no seboscrito e abri ela. Era noticia da morte da Delaides, coitadinha.
- Laura - Quem é, dona Generosa? É sua parenta?
- Generosa - Não sei quem é, dona Laura. Abri a carta e li a noticia, a sinhora vê, noticia de morte, assim num repentis que a gente não esperá, eu fiquei tão disastinada que comeci logo a chorá. Depois foi que o Sidóca arreparô que a carta era pra otra pessoa. Dexeí aí pra depois devorvê pro cartero.
- Laura - Essas coisas são tão desagradáveis, não é mesmo?
- Bento - É fato.
- Generosa - Home de Deus, se assente, o seu Bento tá de lapé.
- Bento - É exato.
- Licurgo - É que não tem cadeira, dona Generosa.
- Bento - É fato.
- Generosa - A gente mandá buscá, não custa.
- Tonico - Mãe, eu vô levá o seu Porfirio prá conversá lá dentro.

- Generosa - Não vai levá nada. Dêxa o home quêto aí.
- Tonico - Ele tá quasi dormindo.
- Generosa - Pois dêxa que durma aí mesmo. Dormindo aí na frente da gente a gente sabe o que tá se passando. Lá dentro eu sei lá. Tu e o negrinho são dois marvados. Tô lá prá voçeis mexê nos bolso dele e a casa da gente depois ficá difamada na sua moral. Não vai nada.
- Sidonio - Pode de-deixar ir que-que ele já me-me deu o di-dinheiro pra guardar qu-quando iamós entrando na porta. Não tem pi-pirigo nenhum.
- Generosa - Não vai não. Dêxa êle aí. Já disse que não vai, não vai. Não adianta pidi geu eu não dêxo í.
- Tonico - (berrando) Já sei! Pensa que eu sô surdo, é?
- Porfírio - Chamaram pro café?
- Licurgo - Não senhor, não chamaram. É cedo ainda. Recem entramos.
- Porfírio - Como disse?
- Licurgo - (gritando) Disse que ainda é muito cedo. que recem chegamos. É mais tarde, não é já.
- Porfírio - Não gosto de chá. Prefiro café.
- Licurgo - Pois é, pois depois o senhor toma.
- Generosa - Vai tomá na casa dele que eu hoje não dô café pra ninguém.
- Sidóca - O que é isso, Generosa?
- Generosa - (arremedando) O que é isso, Generosa? É isso mesmo. Tu tá cansado de sabê que o home não anadô trazê as telha de lenha que a gente pediu deis de ontante e que o fugarero tá com a pinha esgregada. Adonde é que tu qué que eu vá aquecê agua? Não tem ninguem de cirimonha aqui que é que tem que eu diga?
- Sidóca - Tu devias ter me dito cedo para eu tomar uma providencia qualquer.
- Generosa - Dizê práque? Tu não ia fazê nada mesmo que tu não faz nada. Não fosse eu fazê tudo eu só quiria ve. E depois o pessoal todas as veis que vem aqui toma café, come-biscoito, come doce, uma porção de coisa. Uma veiz que a gente não pode dá eles não tem o direito de arrepará. Eles não vem aqui prá cumê a sinhora não acha, dona Laura?
- Laura - É claro. A gente vem cá por cause da reunião, da hora de arte, da brincadeira... Não é seu Bento?
- Bento - É fato.
- Sidonio - Ma-ma-mais um cafésinha é sempre muito agra-gradavel.
- Generosa - Pois é, pois o senhor quando daí daqui passe no café e tome.
- Sidonio - No-no ca-café custa duzentos reis. Aqui é chorado mas pelo menos é de graça.
- Generosa - Chorá a desgraça de quem? Só se fô a sua. Leve prá longe o agora. Credo, creus, tiscunjuro.
- Sidonio - A sinhora não entendeu o que eu di-disse.
- Tulinha - Deixe, seu Sidonio, não insista.
- Generosa - Intindi muito bem. O senhor é que pensa que eu não intindi. Eu ás veiz me faço de boba prá passá bem.
- Pepa - (de longe) Permisso, sehora?
- Generosa - pode intrá, dona Pepa. Credo, que tarde. A gente já tava pensando





- que a senhora não vinha mais.
- Pepa - Y casi que no vino.
- Generosa - que é que tem o vinho?
- Pepa - Bueno, mui temprano empeza usted.
- Generosa - Bem obrigado e a senhora?
- Pepa - Buenas noches para todos. (todos respondem.)
- Juquinha - Como está, dona Generosa, está boazinha?
- Generosa - Vê bem, meu filho, tu tá boazinho?
- Juquinha - Mais ou menos. Lavemente incomodado. Dei um sai geito aqui no tor-
nozele ontem á tarde, na aula de balet, e agora estou sem firmeza
para andar. Boa noite seu Sidóca, Tudinha boa noite, dona Laura,
(todos vão respondendo) Bem é melhor eu fazer um cumprimento em ge-
ral senão fico tonto e acabo deixando de cumprimentar alguém. Boa
noite para todos. (respondem).
- Generosa - Mais credo, o Juvenço não troxe as cadera que eu pidi e o pobre do
seu Bento ainda tá de impé.
- Celistina - Hoje tocou prao senhor, seu Bento.
- Bento - É fato.
- Generosa - (gritando) "egrinho! ó negrinho! Gaminha traiz duas cadera daí du-
ms veiz que eu já pidi, anda.
- Tudinha - Tu não pidiu nada, mãe, agora é que tu tá pidindo.
- Generosa - Jexa de se boba. Então tu não ovriu eu pidi?
- Tudinha - Tu nao pidiu nada, tô dizendo. E nem são duas caderas. São tres que
é prao Juquinha, pra dona Pepa e pro seu Bento.
- Generosa - (gritando) "raiz treis cadera daí, negrinho, anda.
- Pepa - Para mi no es preciso porque ya arregle una.
- Generosa - O que é que ela disse?
- Tonico - Disse que se sentou na cadera que não era dela. A cadera era mi-
nha e ela foi chegando e foi sentando assim sem mais nem menos.
- Pepa - Yo soy visita y usted es de casa, tiene obrigacion de ceder su sié-
la a las personas que vienen de visita a su casa. Y ademas usted es
un niño e yo soy mas vieja que usted...
- Tonico - (intencional) Muito mais.
- Pepa - No es tanto así como quieres que sea pero sea como sea las personas
mas viejas y mui principalmente las mujeres, deben merecer mas a-
tencion, mas cariño y mas pruebas de educacion por parte de los hom-
bres. Eco es un deber de los hombres en general.
- Generosa - que é que tem o hombro do general que ela disse? Olhe dona Pepa,
vamo dexá de tá falando de guerra. Já chega o Sidóca que todo o
santo dia tá cum o nariz mitido no jornal e depois vem atucicá
os nelvo da gente a contá essas coisa de guerra. A gente tá riuni-
do aqui é pra se adiverti não é pra tá falando coisa triste. É guer-
ra, guerra, guerra todo o dia. que me importa eu com a guerra? Nao
intendo disso prá que que eu vô dizê. Eles qué bñtgá, qué si matá?
Pois que brigas e que se mate. Dexando a gente aqui.
- Laura - A isso não, dona Generosa. A gente fica com pena de ver morrer tan-
ta gente. Tanta desgraça no mundo, tanto inocente que não tem nada
que ver com a coisa. Isso é uma coisa horrível.

- gente é coisa de feras!

Generosa - Pois é, a dona Pepa em vez de falá outras coisa.

Pepa - Pero señora, yo no tengo la culpa que usted no sepa nunca lo que yo digo y lo cambie todo. Usted es una persona que se imagina las cosas a su gusto y despues con todo despudonor las va atribuyendo a los otros que no tienen la culpa, que hablaron coso mui diferente y que ni de lejos siquiera pensaron en las cosas que la fuerza de su imaginacion ha dibujado.

Generosa - Quem é que tá assim, dona Pepa?

Pepa - (furiosa) Usted, señora, usted.

Generosa - Credo, dona Pepa, vá vindo. Vá intentá suas coisa pra lá. Os outros é capaz até de pensá mesmo que a gente anda assim. Te alivanta do chão Tonico. Isso é geito de tá sentado?

Tonico - Mania buscá as cadera: Eu em pé é que não vou ficá.

Generosa - Negrinho, caminha trazê as cadera que eu já pedi, tu não ove?

Juvenio - Pronto, já tá aqui as cadera, não precisa gritá.

Generosa - Fêiz mais de uma hora que eu tô gritando prá tu trazê as cadera, os pobre dos vivente aí de impé e tu fingindo que não tava vindo só de senvergonha que tu é. Tá Juquinha te assenta.

Juquinha - Obrigadinho, dona Generosa. Eu vou sentar sim para não forçar o meu bornozele.

Generosa - Tá seu Bento. Pode sentá.

Licurgo - O seu Bento não faz questão. Ele quer crescer, não é seu Bento?

Bento - É gato.

Laura - (baixo) Ele quer crescer pra ver se aprende a falar.

Sidonio - Do-dona Generosa, a se-senhora não acha que seria di-divertido a gente fa-fa-ga...

Generosa - Falá da vida alheia? Não seu Si-si-Sidencio. "u não gosto disso. Eu não tenha nada que vê com a vida dos outros. Cada um faiz o que qué.

Sidonio - Ma-ma-mama não era isso o que eu dia di-dizer.

Generosa - Pois então diga logo o que o senhor ia dizê.

Sidonio - Eu ia lhe perguntar se não seria divertido a gente fa-fa-fa...

Generosa - Fazê hora de artis? Isso tá na vontade de cada um.

Sidonio - Ta-tambem não era isso que eu ia di-dizer.

Generosa - Pois então fala duma véz, home de Deus. Fica aí fazendo boquinha em vez de falá.

Sidonio - A se-senhora não me deixa falar.

Generosa - Agraçado. Não dexa. Eu inté ajudo ele, ele diz que eu não dexo.

Tudinha - Tu ajuda a atrapalhar mais o home.

Generosa - Tu já te meteu, já? Ninguem te chamô na conversa. A conversa tá na sala, não chegô na cozinha.

Tudinha - Teve na sala. Demomento tá no galinheiro.

Generosa - Tu tá vendo só o disaforo dela, Sidôca, tu tá vendo? (gritando) Sidôca tá falando contigo.



- Sidóca - O que é Generosa?
- Generosa - Tu não ouviu, não é? Pois é, tu nunca oves nada. (avançando do jornal e rasgando todo) Sempre grudado nessa porcaria que não atende mais nada.
- Sidóca - Generosa! O jornal do seu Libório, Generosa. Você rasgou. Eu tinha que devolver.
- Generosa - Não quero saber de quem é. Isso deixa a gente orastemia. A senhora sabe que eu só carma, dona Laura.
- Laura - É, sim a gente vê.
- Generosa - A senhora sabe que eu só a designação e a paciência em pessoa, dona Pepa.
- Pepa - Ya lo creo, como nó.
- Generosa - Mas esse home ás veiz me dexa fernetica. A gente é obrigada a fazê o que eu fiz. Porque tem de sê, dona Laura. Vai dando uma arrefecencia, uma penetração na gente que a gente quando ve já feiz uma coisa que não divia fazê.
- Tudinha - Eu sei, o que é isso. Falta de chá.
- Generosa - O que é que tu qué dize com isso?
- Tudinha - Nada, mãe, falta de chá. Nao sabe o que é chá?
- Generosa - Si tu tá dizendo isso prá me deboxá tu já viu que eu não tô de brinquedo hoje.
- Licurgo - A Tudinha quer dizer que é falta de chá de laranja. Chá de laranja faz bem aos nervos, acalma.
- Generosa - Pois é, o chá de laranja faz bem pros meus nelvo e o que faz mal prá eles é voceiz.
- Tonico - O pai e a Tudinha. "u to queto aqui não tenho nada que vê com isto.
- Generosa - Veceiz todos. Tu ela e o teu pai. E inté o negro hay dias que dá prá inticá comigo tambem.
- Juvencio - Não tô fazendo nada, patroa, que injusticia. Tô aqui quétinho no canto da porta olhando o patrão ajuntá os pedaço de jornal que a senhora rasgô.
- Generosa - Pois é, tu tá aí mais não tinha nada que tá. Tu tinha que tá era lá na cusinha que é o teu lugar, não é aqui no meio dos branco. Tu di mitido que é que tu tá aqui.
- Pepa - Bueno, señora, a mí me parece que podriamos cambiar el rumbo de la conversacion. Hay dias que la casa de doña Generosa se asemeja así a un rink de box adonde pelean los campeones de peso medio y pesado, no es verdad?
- Generosa - O que é que ela disse?
- Juquinha - A dona Pepa propoz a mudança do rumo dos debates para uma coisa mais interessante do que essas contendas domesticas cuja essencia não traz resultado algum aprazivel para o espirito.
- Generosa - Pois eu já tinha aconselhado ela otroj dia de tomá uns passe.
- Laura - (baixo) Pronto, agora sim.
- Licurgo - (baixo) O Juquinha vai usá termos empolados tem que dar é nisso-mesmo.
- Juquinha - Creio que a senhora resignar-se-á a sugestão de dona Pepa, não é verdade?
- Generosa - Aquecê a digestão dela pra que? Esse Juquinha parece bobo. Tem cada coisa mais sem pé nem cabeça. Tu divia í com a dona Pepa tambem. Pudia sê que tu milherasse disso.

- Juquinha - Mas eu não tenho nada, dona Generosa, ora essa é boa.
- Laura - Não tem nada, não. É o pé? Você não estava se queixando do pé?
- Celestina - Passa um pouquinho do arnica que você fica bom num momento, Juquinha.
- Juquinha - Eu já fiz uma fricção de álcool canforada e liguei boa o pé. Creio que amanhã já estarei bem. Se não estiver mandarei fazer umas massagens.
- Sidonio - Vo-você querendo vá lá em casa de noite que eu lhe fa-faço.
- Licurgo - O senhor faz massagens, é? Não sabia.
- Sidonio - Fa-faço sim senhor. E dizem até que faço muito bem. Si quizer já sabe. É na Rua Lopo Gonçalves 317. É só aparecer lá de noite. Não sendo nas quartas feiras que venho aqui, eu estou sempre em casa.
- Porfirio - Chamaram praó café?
- Generosa - Não, ninguém chamô. Credo, esse hoje parece que vem prá cá sem janta. Deis que entra só fala no café. Ou tá dançando ou tá falando e cumê. (gritando) Nem por isso o senhor é tão gordo.
- Profirio - Como disse?
- Generosa - Ah, eu não disse nada. Não tô disposta a gritá.
- Tudinha - A mãe disse que o sr. tá sempre pensando em comida.
- Porfirio - Faça o favor de falar um pouquinho mais alto que eu sou um bocadinho surdo.
- Tudinha - Não, meu filho, eu não tô aqui prá esfolá a minha garganta.
- Licurgo - Deixa que eu faço ele ouvir. (gritando) A dona Generosa disse que o senhor parece que vem prá cá sem janta. Só pensa em comida.
- Porfirio - Garganta comprida porque? Ora essa!
- Tonico - Olhe aqui, oh seu Porfário. Dorme aí quetinho como o senhor estava. Dorme que depois eu lhe dou um pirolito. Ele hoje tá de amargá.
- Sidonio - Quando o tempo está de chu-chuva ele fica um pouquinho mais atado. Depois passa.
- Generosa - Passa...duma orelha prá otra. Credo eu já tenho um enjoó de falá com isse hoje. Deus que me perdoe que eu inda posso té um filho assim.
- Tudinha - Ora, mãe, dexa de dizê bobage.
- Generosa - Angraçado! Bobage porque? Pur acuso eu não sô uma vivente como as otra? O sr. viu só a bobage dela seu Licurgo?
- Licurgo - A senhora de fato está bem conservada, mas...enfim, tem-se visto tanta coisa.
- Pepa - Estamos en el siglo de los milagros.
- Generosa - O que foi que ela disse?
- Pepa - Yo hable conmigo misma, señora. Es cosa que no la interessa.
- Generosa - A dona Pepa arresonde dum jeito que eu fico na mesma coisa. Também ela não diz coisa com coisa. A gente tá falando um assunto ela vem com assunto tão deferente. Tanto faz falá como dexá de falá pra gente é o mesmo porque a gente não tá entendendo o que é que ela tá querendo dizê.
- Pepa - Yo es que soy la bronca.



- Juquinha - Deixe, dona Pepa. Dona Generosa, a senhora não acha que seria assaz interessante darmos início a alguns momentos de mais fina espiritualidade, tocando, cantando, declamando algumas poesias, enfim fazendo algo que nos deleitasse.
- Generosa - Eu desconheço que tu disse isso pra pidi pra fazê hora de artis, não é?
- Juquinha - Exatamente. Desta vez a senhora acertou.
- Generosa - Vê, pois pode fazê.
- Pepa - Y es la señora ãa que va empezar, doña Generosa.
- Generosa - Tropeçá adonde, dona Pepa? Adonde é que eu vô tropeçá?
- Pepa - En el piano, senõra.
- Generosa - Crado! Pra que é que eu tenho uns olho tão grande e os ócli ainda por cima? A dona Pepa tem cada bobage.
- Tonico - Como é, mãe, tu vai cantá ou não vai cantá? Si vai, canta logo si não vai diz duma vez e dexa de fazê boquinha.
- Generosa - O que é que tu tem que vê com isso?
- Tonico - Eu sei que eu não tenho nada que vê com isso mas a dona Pepa disse que era tu que ia começá.
- Generosa - Quando é que a dona Pepa disse isso, Tonico? A dona Pepa falou coisa tão deferente!
- Tonico - É, então foi.
- Pepa - Bueno señora, porque ãe canta?
- Generosa - Ah, a senhora qué que eu cante?
- Pepa - Ya le dije dos veces.
- Generosa - Isso eu não sei. Só sei cantá ópra. E a professora mesmo não qué que eu cante essas coisinha assim que ela disse que estraga a vóis.
- Laura - Pois cante opera mesmo, dona Generosa. Qualquer coisa serve. Afinal é para divertir a gente.
- Generosa - Vô cant'a.....Eu não tô muito certa na cumpanha. As vez eu meo que me atrapalho, mas dá pra ovi.
- Tudinha - Canta logo, mãe e dexa de coisa.
- Generosa - Tu téá cum muita ppresa, é?
- Edonio - Cante duma vez porque assim a gente já fi-fica despachada.
- Generosa - Oia aqui, Juquinha, tem uns tremalo aqui que tu pádia fazê junto comigo prá me ajudá.
- Juquinha - Si eu acertar...Eu nunca cantei isso. Eu que toa a senhora canta?
- Generosa - Ah, isso prá mim é indiferente. Qualquer tão serve.
- Juquinha - Bem, então a senhora cante no toa que está acostumada e se eu puder eu lhe ajudarei nos gorgeios. (Generosa canta e Juquinha faz o vez em quando alguns gorgeios. Ao terminar são ambos auto apãudic
- Porfirio - O que foi que houve?
- Tonico - Ninguém chamou práo café, não. Foi a mãe que cantou.
- Porfirio - Como disse?



- Tonico - (gritando) Foi a mãe que cantou!
- Porfirio - Chamou? Ah, então é o café.
- Generosa - (furiosa) Não é o café não seu surdo. Eu hoje não vou dá café prá ninguém. Deis de cedo que eu tô avisando. O home não mandô as ta-lha de lenha que eu incomendei e o fugareiro tá com a pinha furada.
- Porfirio - Espinha furada? Ih isso é coisa muito seria.
- Generosa - Ocisa seria é essa fome pelmanente que tu ten, morto de fome.
- Licurgo - Dona Generosa, hoje a senhora vai permitir que a minha noiva can-te tambem qualquer coisa. Ela ha muito tempo que está devendo uma coisa que prometeu cantar para eu ouvir e vai ser hoje.
- Generosa - Ué, pode cantá. Deus duma veis que ela quiera...
- Laura - Tem razão, meu bem, eu estou devendo mesmo a você uma coisinha que que eu nao quiz cantar naquela noite.
- Pepa - Descarados! Como hablan de sus lgtimidads con el mayor despuñori!
- Tudinha - O que é que tu vai cantá, Laura?
- Pepa - Una cosa que se olvidó de cantar una noche para el. No la oiste de-cir recien?
- Laura - Foi. Uma coisa que me esqueci de cantar uma noite para ele ouvir. Mas o que eu não compreendo é a sua ironia anavalhante e o seu des-sejo de levar pra o mal uma coisa naturalissima. Felizmente já to-dos a conhecem aqui e pode botar nas suas palavras a acidez que de-sejar porque ninguem caegerá a interpretar tão maldosamente o que a senhora pretende insinuar, ouviu?
- Pepa - (rindo com pouco caso) Como es ingenua! Como es inocente! Pobre chica tan pura! Una cosa usted lo déje muy cierta. Todos conocen Pepa Margarita Alceparra Gutierrez e Hernandez y lo sabem muy bi-en que ella quando dice las cosas es porque las cosas son en rea-lidad.
- Laura - Olhe dona Pepa, a senhora sabe o que mais?
- Licurgo - Laura, faço o favor, não responda nada. Eu estou cansado de pe-dir a você que não responda nada ao que a dona Pepa diz.
- Pepa - Es en realidad lo mejor que tiene que hacer porque lo que le di-go yo no se contesta.
- Generosa - O que é que ela tem na testa, dona Pepa?
- Pepa - No diga tonterias señora. Quando uno no entiendo lo que hablan los otros, lo mejor que tiene que hacer es callar-se.
- Generosa - Ih! Vamo diadadá de assunto que a dona Pepa já tá dizendo bobage.
- Tudinha - Tá bom, Laura, prá acabá com o lero-lero, canta logo duma veiz.
- Laura - (baixo) Esse idiota! Bestalhona! O que ela tem é magua esse sacco de enxerto! (laura canta qualquer coisa sinão muito apáudida)
- Sidonio - Mu-muito bem, dona Laura, a senhora canta e encanta ao mesmo tem-po.
- Laura - Muito agradecida, seu Sidonio.
- Tudinha - (baixo) Olha só o gago fazendo a fésinha dele.
- Porfirio - Quem foi que cantou?
- Licurgo - Foi a Laura, a minha noiva.



- Porfirio - Como disse?
- Tonico - A dona Laura, oh. Esta aqui.
- Porfirio - Ah, meus parabens. Cantou muito boa. Gostei muito.
- Juvencio - patroa, a senhora dexa eu cantá uma coisa que eu sei?
- Generosa - Tu não te enxerga negro? Vai tiabora lá pra cusinha.
- Celestina - Dexe ele cantar, dona Generosa.
- Generosa - Não deixo não. Era só o que fartava agora. Vai tiabora lá prá dentro, cuminha.
- Juvencio - O menos dexa eu ficá aqui então patroa.
- Generosa - Não deixo nada. Agora adonie é que se viu o negro no meio dos branco. Vai tiabora prácusinha tu não oves?
- Juvencio - Tá boa, já tô indo não precisa gritá. não ve que eu tô indo?
- Sidonio - A senhora dá licença que eu declame alguma coisa?
- Generosa - O que? quem? O senhor declamá? Tá loco? Não dá licença nenhuma. Se assucegue aí.
- Laura - Declama tu qualquer coisa, Juquinha para nós ouvirmos. A senhora dá licença, não dá, dona Generosa?
- Generosa - Ah o Juquinha pode declamá.
- Sidonio - Prao Juquinha ela dá licença, prá mim não quer dar.
- Generosa - É muito defarente, seu Si-si-sidonio. O Juquinha deverte a gente o senhor fica aí nesse gaguera nessa ggalhera que a gente até fica aflita. Deus se livre. Já chega as aflição que a gente tem.
- Juquinha - Bem, então se me permitem eu vou declamar.....
- Laura - Muito bem, Juquinha, declama. É tão bonito isto!
(Juquinha declama senfo ao terminar auto aplaudido por todos)
- Licurgo - O Juquinha é o tipo do menino prodigio. Faz tudo com perfeição.
- Tonico - Fiz sim. Mas o que ele podia fazer de senhor ainda não fez que era se atirar debaixo de um bonde.
- Juquinha - Credo, Tonico! Longe vá o agouro.
- Generosa - Não faz caso, Juquinha. Isso é um sem educação que anda aí. Ele fala assim de deprante. Ele não pode fazê a mesma coisa então fala.
- Tonico - NÃO posso não. NÃO quero. Faço questão de não fazê.
- Juquinha - Ai que dor!
- Pepa - que fue muchacho? (Generosa e Laura perguntam tambem o que foi?)
- Juquinha - Eu esqueci que estava com o tornozelo torcido e firmei-me neste pé senti uma dor horrivel, agudissima. Parece inerivel como doe uma coisinha dessas.
- Juvencio - patroa, eu recoi as ropa que tava instindida da corda lá no quintá porque o tempo tá muito feio e parece que vai vir chuva.
- Pepa - No me lo digas, muchacho. Y nosotros que no hemos traido abrigo ni paraguas.

- Generosa - Traiz Juvenço, o copo d'agua pra ela que ela qué.
- Pepa - No quero agua ninguna, señora. Lo que deseo propriamente es andar en la casa en antes que ella venga.
- Generosa - Pois é, o Juvenço já vai trezê. Ganinha negrinho.
- Juquinha - Não, dona Generosa, a dona Pepa não quer agua. Quer fugir dela. Quer ir embora antes que chova.
- Generosa - Ah, eu intindi. Pois si qué í, pode í.
- Pepa - Vamos nosotros, Juquinha, en antes que llova.
- Juquinha - Vamos sim, dona Pepa. (ambos despedem-se e saem)
- Laura - Nós também vamos, não é, Licurgo?
- Licurgo - É vamos sim. Pode chover e nós estamos sem capa e sem guarda chuva. (despedem-se e saem)
- Generosa - Ué, o senhor também já vai, seu Bento?
- Bento - É fato.
- Generosa - Tá bom então vá com Deus. Até amanhã, si Deus Nosso Senhor quizer.
- Celestina - Boa noite para todos. Eu more perto mas estou resfriada nã quero apanhar chuva. Boa noite.
- Generosa - Até amanhã, dona Celestina. Deus lhe dê uma boa noite. Tonico, acorda o seu surdo e diz pra ele que os otro já foram. Ele ha de querê í, também. (Tonico a uma certa distancia do microfone finge sacudir o surdo, avisando-lhe que os outros já foram) O senhor não vai também, seu gago?
- Sidonio - Gago não, dona Generosa. Eu tenho nome Si-si-Sidonio da Conceição.
- Generosa - Eu sei. Si-si-Sidonio da Conceição. Mas gago não é bobage o senhor dizê porque todo o mundo sabe que o senhor é gago mesmo, que bobage O senhor não vai?
- Sidonio - Eu estava esperando um cafésinho mas já que não tem eu vou tomar no café.
- Generosa - É, vai tomá no café. Lá tem. Eu já disse que o home não mandô as telha de lenha que eu pedi e o gagarero tá com a pinha furada. Não te café.
- Sidonio - Está muito bem. Então até amanhã e que Deus lhe aumente a fartura prá gente não passá miseria.
- Generosa - Tá muito bem. Vai, vai com Deus e a Virge. Olha, lava o outro. Não deixa ele aí não que eu não preciso dele pra nada.
- Sidonio - Va-va-vamos cumpadre.
- Generosa - Puxa ele, sinão não adianta. Ele não oye nada que a gente diz. Isso isso, assia. Puxa que ele vai. (pausa) Puxa! Esse prá saf é dos' custoso!

- Laura - Indaiha, vocês tiveram notícia do teu pai? Eu não quis perguntar pra dona Generosa porque da vez passada ela deu o cavaco com o negócio de todo o mundo perguntar, podiam já ter perguntado antes e ela dar o astrilo comigo.
- Indaiha - Já tivemos sim, Laura. Mas faz caso de mãe que tu sabe que ela tem um telha frouxa.
- Laura - Ele já sabe quando volta?
- Indaiha - Parece que não. Mãe, o que disse quando voltava?
- Generosa - Não sabe ainda, porque é que tu que sabes?
- Indaiha - É pra lize prá Laura que ela perguntou.
- Generosa - Ah, não sabe não, dona Laura. Depende da irmã morre. E ela diz que a morte ele não pode voltar já. Parece que a dona dela vai ficar pra nós com todos os frutos, não é Indaiha?
- Indaiha - Que é, mãe?
- Generosa - Não foi o que o teu pai quando disse? Mas a casa da irmã dele ia ficar pra nós com todos os frutos? Certo, tem chakra também.
- Indaiha - Não é nada disso, mãe, a casa é na cidade, não é chakra nenhuma. Vai ficar pra nós em uso fruto. É isso.
- Generosa - Minha filha, eu sei que a casa é na cidade, mas o que eu quero dizer é que pra te fruta tem de te chakra ou pelo menos o quintal de ve de te muito grande.
- Indaiha - Mãe, que fruta que tu pensa que é?
- Generosa - Pois tu mesmo não acabou de dizer?
- Licurgo - A Indaiha falou em uso fruto, dona Generosa.
- Generosa - Pois então? Pois o que é que em te dizalho?
- Indaiha - Mas mãe: o que é que tem que ver uso fruto com fruta, mãe? Fruta é uma coisa, uso fruto é diferente.
- Generosa - Ah, então não sei o que é. O que é que vem a ser isso, afinal?
- Indaiha - Explica pra ela Licurgo, faz favor.
- Licurgo - Uso fruto, dona Generosa... -ih isso tá um buraco pra explicar - uso fruto é quando um cara deixa uma coisa pra outro e esse outro não pode de desfazer daquilo. Pode usar mas não pode passar adiante. - senhora entendeu?
- Generosa - Entendi mas não sei o que é.
- Licurgo - Por exemplo: essa casa que a irmã do seu Sidôca deixou pra ele...
- Generosa - Não deixô não, vai deixá porque ela ainda não morreu. Tá custosa.
- Licurgo - Pois bem, essa casa que a irmã do seu Sidôca vai deixar pra ele em uso fruto, ele não pode vender pra ninguém. Pode morar nela se quiser, pois alugar e dispor do dinheiro do aluguel. Só não pode vender porque por morte dele ela já está determinada a uma outra pessoa. Ou será a senhora, ou serão os seus filhos. Isso agora é que eu não sei. Não sei para quem a sua casa vai ser determinada.
- Generosa - Certo é pra Indaiha. -ia gostava muito de Indaiha. Mas vai eu dá um casquinho de lá pra ti, tu te lembra, Indaiha?



333

- Tudinha - Como é que eu posso me lembrar mãe, si eu tinha dois ou três anos. Sei de ouvi tu falá.
- Papa - Si te quedas com a casa te van aparecer matrimonio en seguida.
- Generosa - O que foi que ela disse?
- Tonico - Ó mãe, tu não entende nada. A castilhana disse que se a tudinha ficá com a casa que aparece casamento em dois tempo.
- Generosa - Ela não percebeia, não é minha filha?
- Tudinha - Não preciso na tua opinião. Eu bem que preciso.
- Generosa - Credo, minha filha, não diz assim.
- Juvencio - Patrão, óia o pão que a senhora mandô comprá.
- Generosa - Dixa vê. É pão de hoje?
- Juvencio - É mia sinhora. Disse que é de hoje diminhá mas que é de hoje. Pão de noite nua tinha. Fico com esse ou levo de vorta?
- Generosa - Si é de hoje fica. Não te esquece do troco que tu não se deu.
- Juvencio - Ah, o troco? Deve de tá aqui. (ruído) Tá aqui, sim. Tá nesse bolso. Tá patroa. Vê se tá certo.
- Generosa - Quanto tu comprô de pão?
- Juvencio - Quatro pão de duzentos que a sinhora mandô.
- Generosa - É isso mesmo. Dois é prá agora e os otros dois pra gente tomá café amanhã de manhã. Então qué dizê que quatro pão de duzentos quanto é?
- Juvencio - Não sei patroa, eu inda não cheguei nessas conta, a senhora não se lembra? Ricca prinapiemo conta de multiplicá.
- Generosa - Tu é burro, nego, não sabe nada. Nem ajudá a tua patroa. Quatro pão de duzentos, quatro pão de duzentos...é...é...
- Laura - São oitocentos reis, dona Generosa.
- Generosa - Isso mesmo. Pra o que eu ia dizê. Oitocento e aqui tem de troco quanto?
- Juvencio - Não sei, patroa, a sinhora é que tá com o dinheiro na mão é que deve de sabê quanto é que tem.
- Generosa - Dixa vê. (ruído de nickels) Conta aí, tudinha eu tã sem ocria não posso vê direito de quanto é de códielas.
- Tudinha - (impaciente) Dixa vê, mãe. Quatrocentos, oitocentos, mil reis, mil e duzentos. Tá certo. Tem mil e duzentos com oitocentos reis de pão são dois mil reis. Tá, mãe, tá certo.
- Generosa - Então tá, negrinho, leva os pão, parte dois e dexa os otros dois pro café de amanhã, si Deus quizer.
- Juvencio - Posso botá a agua prá esquentá?
- Generosa - Bota. Gende o fugarero e bota a chalera grande. A piquininha tá furada nós temo que mandá concertá ela amanhã.
- Juvencio - Esculta aqui, patroa, não precisa acendê o fugarero. Inda tem braza no fogão do banho de dona tudinha que eu aqui. Era perferível botá um pau de lenha nessas braza de que gastá gazulina que tá tão escassa agora.
- Generosa - Ora até que um dia tu disse uma coisa certa. Vai, faz isso. Bota um pau de lenha nas braza. quando a agua tivé fervendo passa um café bem passadinho.
- Juvencio - A sinhoraouseu o saço hoje? ele tava furado.

- Generosa - Amanhã a gente precisa comprar outro. -gora tu faz assim tu amarra um cordãozinho, faz um frangidinho assim e aperta.
- Juvencio - Tá bom, patroa.
- Licurgo - Quer dizer então dona Generosa que a senhora vai herdar uma casa?
- Generosa - Parece, não é? Não é bão a gente falá muito antes de acontecer. Pode dá fungú. -a nam gosto de falá. Dixa ela morrer primeiro.
- Laura - É só essa casa que ela tem?
- Generosa - Prá dizê a verdade eu mesmo nem sei. -la nunca se importô cá gente, dona Laura. Nunca escreveu pro irmão dela quanto mais mandá argumacoisa. Eu acho que alguma coisa ela é de de tã, porque uma vez dissero pro Sidôca quando ele andava aí apertado de dinheiro: Prá que que você não escreve pra sua irmã? -la tem tanto dinheiro. Mas o Sidôca a senhora sabe, muito banana, nunca quiz escrever. Quando ela ficou viúva foi que nós mandamo um cartão de pezo. Ela nem arrespondeu e ficou por isso mesmo. Era mesmo que a gente nem fosse parente.
- Sidonio - On-de-de era que ela residia, dona Generosa?
- Generosa - Nas Lage, , seu si-sidoncio. Residia não, reside, porque ela ainda não morreu.
- Sidonio - E depois que morrer ficará residindo nas Lage, , Igual.
- Licurgo - Nas Lage do tumulto. É bom. (ri)
- Juquinha - Olha só como o seu Sidonio está gaio.
- Tonico - O amor rejuvenece e transforma as criaturas. -la depois que está amando ficou outro homem. -le até quasi não gagueja prá falá, vocês já repararam?
- Pepa - Lo que todos se han dado cuenta, muchacho antipático, es de que usted es el niño mas idiota y introducido que hemos encontrado en la vida.
- Tonico - Tá bom, eu não falei com a senhora. Falei com o seu Sidonio. Não sei porque motivo a senhora se aborreceu. Eu pisei no seu pé por acaso?
- Pepa - No. Mesmo porque si lo pisáras recibirias la mano en la cara en el mismo momento. Pueden pisar-se el poncho pero hagan-lo bien hecho porque sinó, bueno.
- Tonico - Eu sei que a senhora é valente. Mas a questão é que eu também não me assusto de carretas. No carnaval eu ando na rua sozinho e não disparo dos mascarados.
- Pepa - Tu eres un muchacho excepcional. Un muchacho como no he conocido otro en todo el mundo.
- Generosa - O que é que a dona Pepa tá aí batendo boca com o Tonico? Tá a mais de meia hora? O que é que ela quê?
- Licurgo - Estão conversando amistosamente. Trocando amabilidades. Ela se gosta muito.
- Generosa - A dona Pepa parece boba porê tempo dela se dá conversa pro Tonico. O Tonico não sabe sustentá um assunto. Não tem uma conversação poeta, não sabe tã uma gentileza com ninguém. -a fico tão desabitado do meu filho se assim. Olha o Juquinha, a senhora não imagina como eu gosto de vê o Juquinha. Ele tem um modinho tão bunito de tratá as pessoas. Tem boa conversa. Esse otro aí também é.
- Laura - O Junquilha, é, sim.
- Juquinha - O que deseja a senhora? se não foi confusão disse o meu nome agora?
- Laura - Disse sim. A dona Generosa é que estava falando nos modos do Juquinha e nos seus. E por falar nisto ainda não tive notícias dela.

- hoje, não melhorou nada?
- Generosa - Lá na mesma coisa, o colado. Botó um aparelho de que, minha filha?
- Tudinha - (impaciente) O que é, mãe?
- Generosa - Do que foi que o Juquinha botó aparelho?
- Tudinha - Sei lá, não me interessa o Juquinha!
- Generosa - Oh, minha sem coração, credo! -u até fico triste de tu se assia.
- Junquilha - O Juquinha botou um aparelho de gesso, dona Generosa. Tem sofrido tanto, o coladinho, uma coisa horrerosa.
- Laura - Si botou um aparelho de gesso então foi uma fratura?
- Generosa - Não foi, dona Laura, escurregô.
- Laura - Bem, escurregou mas no escurregão podia ter fraturado o osso.
- Generosa - Não senhora, botó um aparelho de gesso, a senhora não ouviu dizê?
- Laura - É ouvi, dona Generosa. (baixo) É melhor ficar por aqui mesmo. -sculte, Junquilha a gente pode ir visita-lo, pode?
- Junquilha - Como não ficará satisfeito e ha de agradecer-lhe de fundo do seu peito.
- Tonio - (enfalecto) Si que cito! (grosso) Não faz assia coisainha.
- Generosa - Que é isso, Tonico, que bobage é esse? Isso é jeito de chamá os outros de coisainha? -u trata de tomá jeito que tu já não tem mais tamanho pra fazê essas bobage que tu faz. Amanhã ou depois fica doctor e ninguem faz caso de ti.
- Tudinha - Que milagre o meu Porfirio até agora não se acordado nenhuma vez desde que chegou.
- Licurgo - É porque ninguem falou em cegô.
- Porfirio - Chamaram praô café? (gargalhada)
- Licurgo - -u não disse?
- Porfirio - Quem foi que cantou?
- Tonio - Foi o senhor.
- Porfirio - Como disse?
- Tonio - (gritando) Foi o senhor.
- Porfirio - -u cantei?!
- Tonio - Cantô.
- Porfirio - Pois olha, não ouvi.
- Tonio - Pois é, mas nós ouvimos.
- Tidonio - por falar em cantar, dona Pepa, a senhora hoje vai cantar qualquer coisa para mim. -u gosto muito de ouvir a senhora cantar. Fico com pena quando a senhora acaba.
- Pepa - Usted es muy gentil, don Tidonio. Si le gusta oír-me cantar cantaré para que se oiga. Ahora una cosa: yo canto muy mal.
- Tidonio - Não diga isso. Canta muito bem.
- Tonio - Muito bem mas não entôa.

- Pepa - Cella-te la boca, idiota. Téns gusto de hacer-te antipático, animal.
- Tonico - Animal não, não sou seu parente.
- Generosa - O que é isso, Tonico?
- Laura - Muito bem, Tonico, isso mesmo. Quem diz o que quer ouve o que não quer. -la diz desaforo tem que ouvir desaforo também.
- Pepa - Que tiene usted que meter-se señora? Porque no deja sus lengua en la boca? Yo hablo con Tonico y no con usted no tiene el derecho de meter-se adonde no le han invitado.
- Laura - ¡alei porque quiz e a senhora se não gostou como com pão.
- Licurgo - Vale a boca, Laura, não dê trela á dona Pepa.
- Pepa - Comer com pan, verdad? Comer con pan. Tu es que lo vas a comer un dia pero no será con pan y sin con puñetazos que si no te los doy ahora es porque estoy en casa que no es mia. Si fuera en el casa o en la calle te obligaria a conocer la fuerza de mi mano. La fuerza de Pepa Margarita Alcaparra, Gutierrez y Hernandez.
- Tonico - Se-de-deixe, dona Pepa. Não se incoade. Não vale a pena brigar.
- Pepa - Yo no me puedo callar, don Tidonio. Esa mujer es irritante.
- Tonico - Ma-ma-mais ela agora está enxada. Não fale mais que ela também não fala.
- Pepa - Bueno, como es usted que me lo pide...
- Tonico - Mu-mu-muito obrigado. Eu sabia que a senhora me atenderia.
- Tudinha - Essa rendinha que a senhora está fazendo, dona Celestina, aquela é aquela mesma que a senhora tava trabalhando nela na vez passada?
- Celestina - Não, Tudinha, aquela já ficou pronta. Esta é para Juracy. É prá um comissão pro casamento dela.
- Generosa - A Juracy vai se casá?
- Celestina - Vai. A senhora não sabia?
- Generosa - Não sabia. Nem sabia que ela era noiva. Ovi muito falá dela mas não sabia que ela era noiva.
- Celestina - Pois é. Vai casar muito bem. O rapaz é muito bom, muito trabalhador e já tem o seu peculiosinho.
- Generosa - Pois é, a sorte é pra quem tem. Quem é que la pensá que a Juracy iria la arrumá casamento. Uma moça falada que era uma coisa horrível. Uma das moça mais falada daqui. A mãe dela também. Uma mulher velha, casada, cheia de filho e saía a passá de automóvel de noite com os namorado das filha. Eu sei que a mais velha fugiu de casa....
- Tonico - Isso muita gente boa faz.
- Generosa - Tá bom, tu já te meteu, já? Ninguém te chamô na cunvelço. Fica quieto aí e deixa de tá dando os teus perpite que ninguém pediu. É preciso tu vê que a cunvelço não a ego na cozinha. Atrivido, pistilento.
- Tonico - Olha, mãe!...Tu me deixa sucegado. Tu vai te arrependê. Tu tó te avisando.
- Generosa - Arrependê de que? Quem sabe tu pensa que eu tenho medo de ti? Quem sabe tu pensa que eu vô calá a minha boca porque tu me mandou calá a boca? Tu não te enxerça, não?

- Tonico - Olha, mãe, eu vô só dizê uma coisa: quem tem telhado de vidro não atira pedra nos telhado dos vizinho.
- Generosa - Eu não sei o qué é que tu qué dizê com isso. O que eu sei é que tu tu não se assusta com as tuas ameaçaço. Si tu pensa que eu me assusto tu tá muito enganado.
- Luíinha - Mãe, deixa o Tonico quieto. A senhora sabe como ele é não fala mais. Deixa assim como tá que é muito melhor.
- Generosa - Mas é um disfarado dele. Vi com ameaçaço prá mim. Quem é ele aqui prá querê se assustá.
- Luíinha - Deixa mãe, não se importa. Tu fala daqui ele responde de lá tu torna a falá aqui ele torna a falá de lá e acaba tu te incomodando. Deixa, não liga, finge que não ouve que é muito melhor.
- Leura - Eu também acho, Luíinha. Você tem toda a razão. Brigam as comadres aparecem as verdadeias.
- Tonico - Deixa ela.
- Pepa - La ropa sucia nosotros la dejamos para limpiar en casa.
- Generosa - O que é que a senhora qué dizê com isso, dona Pepa? A senhora tá com essa mania de coça deis di já hoje. que coça, pega a sapingar-da e sai pur aí. Não é de fartá bicho prá senhora atirá.
- Tonico - Me redenção tem uma porção de garça e de marreco.
- Pepa - Gracias!...Essa una raridad esse muchacho!
- Generosa - Ah também. A gente chega a pericê a paciência da vez com a dona Pepa. Essa vivente quando fixa uma coisa nas ideias dela só fala daquilo deis de manhã até de noite. Hoje deu pro lado das coça-da. A gente tem culpa disso? Não tem. Pois si qué coça vai d'quê e não aburreça os otros que tá quieto em casa. Essa mulhé si não se arresorvé e atende o que a gente diz e não fô no ditô pra ela dá um remédio pras ideias dela vai acabá dum jeito muito triste. A não é por farta da gente avisá ela. Cia, todos é tistimunha... quantes veiz eu já tenho dizido pra ela que ela precisa i num doctor, que precisa tomá uma passe, precisa fazê quarquê coisa. A vivente é teimosa, a gente tá dizendo as coisa ela não atende o que é que a gente vai fazê? amanhã ou dáspois....
- Pepa - (furiosa)(interrompendo-a) Llego, señora, llego. No hable mas hoy por santo amor de la Virgen porque no tengo mas paciencia de atarar tantas tonterias. Mui bien está que usted no comprenda mi manera de hablar, mui bien está que no le guste el castellano, mui bien está que una vez o otra usted cambie las cosas que digo por la semejanza entre las palabras, ahora lo que no está bien, lo que es detestable lo que uno no puede oír sin protestar es que que todas las veces que hable sus palabras sean cambiadas sus intenciones truncadas y lo mas detestable de todo eso mas que de-seo, esa impertinencia de querer que me vaya al medico para tratar-me quando no tengo nada que lo necesite. Estoy sana. Estoy bien de salud. Fuerte, joven, robusta, porque se ha metido usted en su cabeza que yo necesito tratar-me. Píga-me no más. Porque se ha imaginado usted que estoy enferma y habla todo el dia para que me vaya al medico?
- Generosa - Quarquê um serve. Mas procure um que seja especialista nas ideias que é melhor, dona Pepa.
- Pepa - (furiosa entre dentes) Vaya-se al diablo que es mejor. Estúpida. Ignorante. Lo que quiere es hablar. Decir tonterias.
- Generosa - Vô, coitada? Ela já tá falando sosinha. Féra aí, seu gago, adonde é que o senhor vai?
- Idonio - Eu vou lá dentro mas não demoro. Eu volto já.

- Generosa - Vai lá dentro práque? Vai lá dentro uma óva. O senhor pensa que a minha casa é o que, que qualquer um vai entrando assim como se fosse a casa de sopra? Não senhor o senhor não vai lá dentro. É muito cedo, o café ainda não tá pronto. Quando tivé pronto o Juvencio chama e aí a gente vai tudo.
- Sidonio - Ma-ma-mais era um bocadinho só. -u volto em seguida.
- Generosa - Não vai não, bobage. Depois vai tudo junto.
- Sidonio - Ma-ma-mais junto exatamente é que eu não quero.
- Generosa - Pois não quê fica aí. Quando o Juvencio chamá a gente vai e o senhor fica aí. Ingraçado esse sistema. Vai entrando assim na casa da gente como quem vai pros pitanga. Pára aí, isso não é assim.
- Sidonio - Mãe, tu sabe lá o que é que o homem fazê?
- Generosa - Não tenha nada que sabê. -enho que sabê é que ela vai entrando assim pela minha casa e dentro sem sabe si pôde intrá ou não pode intrá.
- Sidonio - Desculpa mas era por motivo de força maior.
- Generosa - Ah, pois sim! pois sim! A força mesmo é que o senhor não entra.
- Sidonio - Ma-mu-muito bem, dona Generosa, uma vez que eu não posso entrar então eu vou sair.
- Generosa - Ué, quê saf pode saf. Isso tá na sua vontade. A porta da rua tá aí.
- Sidonio - Então sem licença.
- Generosa - Vai, vai com Deus e a Virga. Cuidado o vento da planta aí no descuido dos degrais. Vê si vai derrubá ele outra vez. Já outro dia me quebrô um.
- Sidonio - Não tem perigo. agora eu cuido as minhas canelas.
- Generosa - É bñô sim, porque depois quem fica com prejuizo só eu. Olha homem, leve o meu chapéu que o senhor dexô aí no cabidris.
- Sidonio - (de longe) Não precisa, não senhora. -u volto já.
- Generosa - Ah, ainda vai voltá? (baixo) Misericórdia, eu pensei que já tava desaparecida dessa.
- Juvencio - Patron, o café tá passado. É pra servi aqui nas chierinha ou é prá botá a mesa lá dentro?
- Generosa - Bóta a mesa que depois nós vamos lá. -u hoje vô dá um café mais reforçado pra vocês. Vocês tá de morte que o diácoa mandô boas notícia e eu tô contenta.
- Laura - Que bom!...
- Generosa - A lenha queimô toda àegrinho?
- Juvencio - Não dona Ginerosa queimô só a metade. Já apaguei não precisa fêlá.
- Generosa - É, é bom que tu aprenda a fazê economia que as coisa tá dum jeito que se a gente não faz assim eu não sei adonde é que vai pará.
- Laura - -u estou vendo que hoje não vamos ter musica.
- Celestina - A dona Generosa está de sentimento. A cunhada dela está agonizante.
- Laura - Ah é verdade, eu nem se lembrava.
- Generosa - Não, por isso não. A bea dizê nós nem se dava. querendo fazê musica pode fazê. Isso tá na vontade de vocês.
- Sidonio - Pro-pro-pronto, já voltei.



- Generosa - Ah, tá bem. Se assente aí e fique quieto!
- Licurgo - O que é que o senhor foi fazer, seu Sidonio?
- Generosa - Ora, seu Licurgo, deixe. A gente não precisa saber.
- Sidonio - Eu fu-fu-fui comprar fosforos. Eu ia lá na cozinha pedir fogo no Juencio e dona Generosa não deixou eu então fui buscar na venda.
- Licurgo - Ah, bem. Mas se o senhor tivesse dito eu tinha lhe oferecido fosforos.
- Tudinha - Dona Pepa, a senhora não ia cantá pro seu Sidonio ovi que ele pediu?
- Pepa - Si, voy a cantar. Ahora la dificultad es el piano. ¿Usted lo vá a tocar?
- Tudinha - O seu Porfirio toca.
- Tonico - Deixa o nome dorai descansado. Vocês tem coraço de acordá o coitado prá acompanhá a dona Pepa? Ela que cante sem musica.
- Pepa - Eso lo dejo para ti. (gritando) Don Porfirio, oh don Porfirio. Como resuena! que coisa horrible. (gritando mais) Don Porfirio, oh Don Porfirio!
- Porfirio - Chamaram praó café?
- Pepa - No llaman, todavía. Soy yo que deseo que usted me acompañe un tango que me ha pedido don Sidonio que yo cante.
- Porfirio - Como disse?
- Tudinha - Assim não adianta, dona Pepa. A senhora qué vê como é que se faz? Olha aqui. Seu Porfirio! Botê nele adianta mais do que gritá.
- Porfirio - O que foi que houve?
- Tudinha - Ó, piano...acompanhar esta aqui, é!...
- Porfirio - Ah, sim. A dona Pepa vai cantar. E querem que eu acompanhe, não é isto?
- Tudinha - Isto mesmo. Viram como eu resolvi o negocio muito mais facilmente?
- Porfirio - O que é que a senhora vai cantar?
- Pepa - Um tango.
- Porfirio - Como disse?
- Pepa - Un tango. (gritando) Un tango.
- Porfirio - Um frango?
- Tudinha - Mostra a musica e resolve logo esse negocio, dona Pepa. Ó tá aqui, ó.
- Porfirio - Ah, um tango. Eu entendi um frango. É que eu estou um pouco resfriado e quando se resfrio fico um bocadinho surdo.
- Laura - Então ele coitado está sempre resfriado porque desde que o conheço é surdo desse jeito.
- Porfirio - Então vamos, não é? Posso começar?
- Pepa - Puede. (pausa longa) Puede empezar, señor que está esperando?
- Porfirio - Quando estiver pronta avise pra começar.
- Pepa - Puede empezar ya le dije una vez. (pausa) Caramba!...(berrando) Ea peze, hombre!

- Porfirio - Ela não avisa eu vou começar, então não sei como disse hoje.
(Papa canta sendo muito aplaudida por todos no terminar.)
- Edonio - Muito boa, dona papa, gostei muitíssimo. -senhora canta admiravelmente.
- Generosa - A gente não entende que ela canta mas goata, não é mesmo? A voz dela é grossa mais é sonhrosa.
- Tudinha - Agente não entende virgula. Tu não entende os outros entende.
- Generosa - Entende nada, tudinha deixa de se boba. Vem dizê isso prá mim. Mais do que eu boto sentido no que ela diz é impossível e não posso entendê, vocês é que vai entendê? Vai contá isso prá outro. Vocês fingem que entende pra bancar chices.
- Tudinha - É isso mesmo, nós também não entendemos. Nós também somos burras.
- Laura - Engraçado, tudinha você se levantou agora e eu reparei você está engordando bastante. Precisa fazer um pouquinho de regimen prá não ir adiante.
- Tudinha - Tu achas que eu estou ~~engordando~~ de mais, Laura?
- Laura - Não, não quis dizer isto. Acho que engordaste mas não estás gorda de mais. Estás muito bem assim agora não deves engordar mais.
- Generosa - Pois é, os que quer engordar não ingorda e os que quer magreço não magreço. Se a gente pudesse tirá de uns prá botá nos outros eu tirava da tudinha e botava no Tunico. -esse diabo tá tão magro, tão magro, que o pescoço chegou a seí fora da orbita. - não é por falta de comida, dona Laura. Mais o que a gente alimenta ele não é possível. É a cumidinha bem boa na hora certa, é mingaus de cremas de aveia, é purê de batata esmagalhada com manteiga, tudo que a gente pode fazê de mais gurdurente para dá sustancia a gente faz e não adianta nada. Tá que tá seco desse peito que a sinhora tá velho.
- Tunico - Eu não seco, sim...mas é por dinheiro.
- Licurgo - Isso não é só você. Acho que todo o mundo.
- Generosa - Ele é muito engraçadinho, muito isprituoso.
- Laura - Junquilha, você não sabe declamar?
- Junquilha - Declamar? Oh dona Laura, tal pergunta não faça. Já disseram que eu era declamador de jaça.
- Laura - Ah, sim? Pois então você vai declamar para nós ouvirmos. Todos aqui apreciam muito a declamação. O Juquilha sempre declamava para nós ouvirmos.
- Junquilha - Ele mesmo não disse e eu também o farei. Recusar é tolice.
- Laura - Claro! Eu me sentiria ofendida se você não atendesse o meu pedido.
- Junquilha - Como não vou atender e creia que o farei com o maior prazer.
- Laura - Muito obrigada.
- Junquilha - Vou declamar então..... (declama uma poesia com romantica sendo muito aplaudido por todos).
- Laura - Formidavel!...Fantástico! -a me parece que ele não declama melhor do que o Juquilha.
- Junquilha - Obrigadinho, muito obrigadinho, declama muito bem, porem, meu amigo.
- Tudinha - agora tu já declamou não precisa mais falá fazendo verso pode falá como a gente.

- Generosa - Dêxa, tudinha o que é que tu tem que te miste com o geito de rapaiz falá? Cada um fala como pode. Nô tem esse cacuete tu vai quare tirá? Cada um como nasceu.
- Idonio - Tonico, você seria capaz de atender a um pedido que eu vou lhe fazer
- Tonico - Já sei. O sr. vai me pedir para não aplicar mais com a dona Pepa, não é isto?
- Idonio - Não é nada disto. Eu queria lhe pedir para você ca-ca-ca
- Generosa - Caçá?
- Idonio - Não senhora. Ca-ca-ca
- Generosa - Capigá?
- Idonio - Também não senhora. É outra coisa. Ca-ca-ca
- Generosa - Si não é o que eu tô pensando, pode dizê. Mas veja lá, hein?
- Idonio - Ca-cantar.
- Tonico - Ah, você quer que eu cante? Muito bom. Eu não sabia que o sr. também era meu fan.
- Idonio - Vou fan-fan-fan
- Generosa - Fantasma?
- Idonio - Fantasma é a senhora. Sou fan-fan-fanatico.
- Tonico - Ah, bem, eu não sabia. Sendo assim não posso deixar de atender o seu pedido. O que é que o senhor quer que eu cante? Escolha?
- Idonio - Qualquer coisa serve. Até na véspera si quiser cantar eu aceito.
- Tonico - Não, véspera hoje não dá mais. Fica pra outra vez se a velha Generosa aguentá. Vou cantá então um trocinho alinhado dedicado ao senhor.
- Idonio - Mu-mu-muito obrigado.
- Tonico - A senhora quer fazer o favor de me acompanhar, dona Laura? O Licurgo dá licença, não dá?
- Licurgo - Ora, Tonico deixa disso.
- Laura - Então vá, Tonico. O que é que você vai cantar?
- Tonico - Vou cantar.....Tem a musica aí.
- Laura - Não precisa, eu sei de cor. Podemos começar?
- Tonico - O.K. (Tonico canta acompanhado ao piano sendo muito aplaudido)
- Celestina - Que voz boa que tem o Tonico.
- Tudinha - Muito boa, prá vendê laranja.
- Tonico - Tomara tu. Tu tem é dor de não tê uma voz como a minha.
- Generosa - O Tonico se não fosse tão desleixado lava prá cantá intê nos teatro. Mas ele é vagabundo, não estuda. Não tem conta na vez que eu já disse prá ele: meu filho tu quer estudá o canto com professora formada nós te paguemo tu vai estudá, vai inducá a tua voz. -le não faz caso. O papá já disse que faz um sacrificio se ele quizer estudá. Porque o Sidôca, tem isso, ele é muito nervoso, muito arre-fecente com a gente aqui dentro de casa, muito absoluto, o que ele quer é que tem que se fazê, quando fala não deixa ninguém falá e tud do isso mas o que é verdade a gente tem que confessá: nesse ponto

- de gastá prá fazê os filho dele igual que os filho de família rica. Isso ele não se importa. O que os professor pidi ele pagá. - tem que fazê deferença no dinheiro do infeliz, porque a sinhora vê os estudo do jeito que tá hoje. Tudo pela hora da morte. Os livro então é um desperposito. Uns livro que as criança acaba de lê não serve mais. Fininho, fininho que em treis ou quatro lição acabô e já a professora que outro deferente. Ora, a sinhora vê, ali onde é que a gente vai pará?
- Laura - É, sim.
- Generosa - Pois que livro, marticula e todas outras coisa que arranjo prá gente pagá, o pai não arrreclama. Tem que dá o dinheiro dá. Mais elas não quê, elas não istuda não adiante nada. -u ás veiz tenho pena do do "idóca. palavra de honra, pur essa Luiz de Deus que eu tenho pena. As veiz eis tá deitado dormindo e eu ainda tô acordada e tô olhando prá eles me alembrando que o infeliz do renegado tem que se aliyantá cada prá í praquelo telegro trabalhá todo o dia pra gente cumê e vieti. - é, casa prá pagá, é o almazem, é o paiéro, é o leiteiro, é as criada, os professor, tudo. Um inferno. - Isso sem contá as coisa que os visinho manda pidi aqui e depois não paga. Pra isso eles são gradio. -u agora já tô tão colejada, dona Laura que quarqué coisa que eles manda pidi eu digo que não tenho. Xunára a gente se arranja com as conta no fim do meiz. Inda vai tá se dando as coisa ppos visinho? Pra só o que faltava.
- Laura - É, sim, como não.
- Pepa - Bueno, dona Generosa, nosotros no hecos venido a sua casa para o-ir-la hablar de sus vecinos. Si lo va continuar hablando nosotros nos vamos ahora em seguida.
- Generosa - Que hora seguida, dona Pepa? Deve de sê mais de dez. -u acho que já batau dez, nem sei.
- Pepa - No es eso señora. -stoy hablando cosa muy diferente.
- Generosa - Pois si é indiferente prá que é que a sinhora quê sabe?
- Pepa - Bueno por acá no se puede arreglar nada.
- Generosa - O que é dona Pepa, (gritando) O que é que a senhora quê?
- Porfirio - O café?
- Generosa - Pronto, já se acordô o morto de fome. -erá pussivle que esse home não tenha otras indécia que não seja de cumê? Ninguem falô em café e ele já tá priguntando. (gritando) -gora nós vamo tomá, seu Polfirio. -apore um bucedinho mais. que coisa pur demais! Nunca vi assim. Olhe que tem vindo gente aqui na minha casa mas como esse nunca vi. Olhe, o dia que a irmã do "idóca morré e dexá a casa prá nós, o senhor vem cá que eu vô lhe dá uma indigestão de chóps e de doce. O senhor é de cumê até fiôá com a lingua prá fora da boca. O senhor nunca mais é de reclamá comida na minha casa.
- Porfirio - Vou para casa, sim, mas vou separar o cafésinho primeiro.
- Laura - A senhora perdeu todo o seu latia, dona Generosa. -le não ouviu nada do que a senhora disse.
- Generosa - Pois é, -u acho que o que falta nos ovido dele sobra no istomago. Eu acho que esse home nunca tomô remedio de bicha. Não pode sê, dona Laura uma fome assim.
- Juvencio - Patra, o café tá na mesa.
- Generosa - Tá tudo dereitinho? Não falta nada?
- Juvencio - Tá tudo dereitinho. Não falta nada.
- Generosa - -então vamo, vamo tomá café.

- Porfirio - Chamaram pra café?
- Generosa - (gritando) Chamaram. Agora é que chamaram. Vem, morto de fome vem dum vez antes que esfrie.
- Porfirio - Vamos, vamos até lá.
- Generosa - Venha dona Laura, passe. Dona Sebastiana, vamos tomá um cafésinho. Tuinha traz aí o seu surdo. Tá com cara de estampo de papádo de impé. Vem Juquinho, vem tomá um cafésinho. Vem seu si-si-si-donio, vamos tomá café.
- Sidonio - Mu-mu-suito obrigado, dona Generosa mas eu não vou entrar. Pelo contrario, si peço licença para sair.
- Generosa - Não qué? Tá bem, pode f. (baixo) Um de menos prá tomá.
- Licurgo - Vai sair para buscar foforos?
- Sidonio - Não senhor, é por outra coisa.

(cortina musical forte e imediata.)

fin.

538

Handwritten signature and number: *21-5-942*

- Tonico - Vamo esperá o velho com uma bruta farrá
- Tudinha - Sim, tu pensa que a velha vai aguentá?
- Tonico - Ela tá radiante de vida. Ela vai se a primeira a querê
- Tudinha - Tu tá louco que a velha vai querê fazê alguma coisa. Si a titia não tivesse deixado nada prá nois ela fazia mas dexô a casa, dexô apólicas, joias e dinheiro. Agora a velha se cobre de luto e o que é pior de tudo vai nos obrigá a botá tambem e até a chorá. Tu vai vê.
- Juvencio - Eu já fidi' prá dona Generosa que quero botá luto, ela disse que sim.
- Tudinha - Tu nãoé parente nem nada, negrinho, que bestera é essa?
- Juvencio - Não so parente mas só da familia. E depois eu querendo botá luto eu ganho ropa nova, não botando não ganho nada. -u perciso uma ropa nova, a sinhora vê, a minha ropa tá tudo arreventada.
- Tonico - Esse negro é uma anta. E tu vai vê como ele vai ganhá a ropa. Ele chorando fazendo que quer botá luto ele ganha mesmo.
- Juvencio - Ah vê chorá, sim sinhô. Prá ganhá ropa nova eu choro si fô perciso.
- Tonico - Escuta aqui, Tudinha, quando é que o velho faz anos?
- Tudinha - Pomba, Tonico, tu não sabe? No dia 3 de Junho.
- Tonico - Sêê Junho. Ele vai chegá quando? quarta feira que vem que dia é?
- Tudinha - Quarta fera...pôra aí...quarta fera...quarta fera...segunda é 1, terça é 2, chega quarta fera mesmo. No dia do aniversario dele. E Pomba, que beleza!... Ah, então a velha tenha a paciencia mas nós vamos fazê uma farrá. Ah, vamo nem tem que vê. - gente fecha a porta da rua e sai no barulho.
- Tonico - que fecha a porta nada. Pra que? Faz o barulho com a porta aberta mesmo. quem quizé repará que repare. - gente agora vai tê dinheiro e eles não falô mais da gente. Tenho que metê na cabeça do velho prá comprá uma baratinha.
- Tudinha - O velho é facil de agentá. - velha é que é amargosa.
- Juvencio - Agora a dona Tudinha é cunhaiz de voltá pra perto do seu Carlo, não é dona Tudinha? -gora vai te dinheiro prá passage.
- Tudinha - Quem é que vai voltá? -u? Não. -quanto eu não tinha nada ele nunca conseguiu se colocar prá me manda' buscá agora vai querê se colocá nas minhas costas? Pois sim. Vai mais custa. -le que se arranje por lá que eu me arranjo por aqui.
- Tonico - O que é que a gente vai fazê prá esperá o pai?
- Tudinha - Ah, temo que fêz alguma coisa.
- Juvencio - Porque a sinhora não faz uma hora de artis, dona Tudinha?
- Tudinha - Que hora de arte nem hora de arte.
- Tonico - -escute aqui, Tudinha e si nós ensaiassemos um côro prá cantá pro velho?
- Tudinha - Ou, tu e a mãe?
- Tonico - A mãe não e mãe vai estragá tudo. É uma tequara rechada e alem de tudo desafinada que é uma tristezia. Dixa a mãe de parte. Não mete a mãe no negocio.
- Juvencio - Dega eu cantá junto, seu Tonico?

- Tonico - Quem tá? Piorou muito.
- Juvencio - Eu canto de reitinho, seu Tonico, o senhor vai ve.
- Tudinha - Dêxa, dêxa o nego entrá. Vai ficô gosado.
- Juvencio - Eu tenho vóis de baxo, já se dizero.
- Tonico - Só de baxo, mesmo.
- Tudinha - É o que é que a gente vai lassá prá cantá?
- Juvencio - Desde do matão a sinhora não gosta? Heim dona Tudinha, é tão bonito.
- Tudinha - Não amola com isso. Troço mais chato. Lembra qualqué coisa, Tonico.
- Tonico - Não sei...o que é que pode sê?
- Tudinha - Ah, já sei. É o aniversário do velho. Vamo cantá feliz aniversário.
- Tonico - Isso boa ideia. Será que tu sabe acompanhá?
- Tudinha - Dá prá tapeá. No dia a gente pede prá dona Laura acompanhá. Pro ensaio eu faço um acompanhamento assim tapeado. Simplesinho.
- Tonico - Então vamo vê. Vamo apruveitá que a velha não tá, vamo fazê logo o primeiro ensaio.
- Tudinha - Será que ela vai demorá? E si ela vai e nos encontra cantando? Dá um estrilo ingueles. Imagina, ela de luto fechado e nós ensaiando um coro pra uma ferra.
- Juvencio - A patroa não vem já. Ela foi ve si fala pra arranjá a missa da ermã do patrão. Disse que se arrumasse a missa já ia sai prá fazê um convite. De certo vai lá na dona Laura, na dona Castiana, naquela cambada toda que acostuma via aqui tomá café.
- Tonico - An então temos tempo de sobre. Benta no piano e sapaca.
- Tudinha - Vem negro. Vê se não berra muito nem desafina sindo tu sei fóra.
- Juvencio - A sinhora qué que eu cante de baxo ou de antenor?
- Tudinha - Qualquer coisa serve, desde que tu não desafine. Vamos. (ouve-se o "Feliz aniversário" cantado por Tudinha, Tonico e Juvencio, acompanhado ao piano. De vez emquando ha interrupções por berros ou desafinações do Juvencio e a musica prossegur. Assim vai até o fim.)
- Tonico - Tá bom. O velho vai gostá a bessa.
- Tudinha - Quem não vai gostá é a velha.
- Juvencio - A dona Gineirosa é muito encrequera é capaix de acha ruim.
- Tonico - A gente devia de fazê outra coisa. Só o coro é pouco. Dêxa vê o que é que a gente podia fazê mais....
- Juvencio - Si o sinhô quizesse, seu Tonico, eu podia fazê uma velso pro patrão.
- Tudinha - Que verso que tu vai dizê negrinho?
- Juvencio - Uma velso prá aniversário que quando eu tava na casa da dona Coleta o seu Dôsinho fez ano e ela preparô uma velso pra eu dizê e eu disse. Óia a sinhora nem quera sabê como eu fui gavadado pela aquela gente toda que tava lá. Batero palma, dero viva pra mim e depois o seu Dôsinho veio me abraçá. Disse assim que ovindo os meus velso intê tinha ficado cumvidio. Eu não sei o que é isso mas acho que ele quiz dizê que gostô, nao foi dona Tudinha?

- Tudinha - Ele disse que ficou comovido?
- Juvencio - Disse. Por essa luz de Deus.
- Tudinha - Então gostô. Si ficou comovido gostô.
- Juvencio - Pois é, eu calculei. Pois si ele veio me abraçá. Si não gostasse não me abraçava.
- Tonico - E como eram essas versos? Diz aí prá gente ouvi.
- Juvencio - Eu nem sei se me lembro.
- Tonico - Pois si tu não te lembra como é que tu vai dizê? Esse nego tem es- da uma!
- Juvencio - Eu não me lembro ansima num repentis mas si eu puxá bem gulas in- dela eu é de se lembrá. A sinhora sabe que palavra puxa palavra, uma sibala puxa otra sibala e ansima de poco a poco a gente vai se lembrando dos verso tolo.
- Tonico - Pois então vê aí se tu te lembra.
- Juvencio - Bem vê: Nesse dia glorioso...que faz ano o meu patrão...eu quero tomba trazê...minha omirde sardação. que Deus le dê muita vida... e muita felicidade...são se voto do Juvenco...seu amigo de verda- de. que a vida inteira ele goste de muita santificação...acompanhado .. dos fio...e a mulhé do curação. E todos nós supliquemo á sinhora do Russario...que arrepieta muitas vez esse seu anteverssario. Sau- de, paz, aligria...amô e dinheiro aos montão...pétala de rosa na estrada...tudo, infim quanto hay de bñ. Bonito! Não é dona Tudi- nha?
- Tudinha - É té bunito, sim. Pôe dizê esses verso.
- Juvencio - É milhó a sinhora depois inscrevê eles prá eu não me esquecê.
- Tudinha - -screvê prá que? O que é que adianta escrevê? Tu não sabe lê?
- Juvencio - É, não é? Isso é...mal i mal eu vô solestrando e vô lendo. Sempre dá prá defendê.
- Tonico - Eu tambem queria cantá uma coisa sosinho. O diabo é que eu não sei o que é que vô cantá.
- Tudinha - Canta qualquer coisa. Eu vô estudá um trecho de opereta que o velho gosta.
- Tonico - Si a gente arranjasse um violão emprestado eu cantava o luar do sertão que eu sei que ele gosta.
- Tudinha - Ué, mas precisa violão? Porque tu não canta o luar do sertão acom- panhado no piano?
- Tonico - Tu sabe acompanhá?
- Tudinha - Não, acompanhá mesmo eu não sei, mas prá ensaiá dá. No dia agente pede pra dona Laura ou o seu Porfirio acompanhá e um deles acompa- nha.
- Tonico - Então vamo até um ensaio. Eu nem sei se ainda me lembro dos verso.
- Tudinha - Isso a gente arranja com qualquer pessoa. Até quarta feira tem mui- to tempo ainda.
- Juvencio - O luar do sertão o seu Joaquim ali da venda sabe. Otro dia quando aquele nego tava tocando violão lá que a sinhora passô - a sinhora se lembra? - Pois naquele dia o seu Joaquim tava cantando. Si o sinhô quizê eu posso pidi pra ele escrevê a letra num papel prá mim e trago pro sinhô.
- Tonico - Não precisa. Lá na faculdade tem uma porção de colegas que sabem eu pago pra qualquer um deles.

- Tudinha - Como é, então tu qué ensaiá ou não qué? Si qué vamo vê.
- Tonico - Vamo vê. (Tonico canta dois versos do luar do sertão, fazendo coro com a Tudinha e Juvencio) Tem mais versos mas eu acho que não precisa não é?
- Tudinha - É, dois chega, aião fica muito grande.
- Tonico - Escuta, nãa pudia fogê otro ensaio era do "Feliz Aniversário". Depois que a mãe tivô em casa a gente não pode ensaiá porque ela não vai dexá.
- Tudinha - Nemo fazê uma coisa: a gente não diz nada prá mãe. Quando ela sai a gente aproveita e ensaia. Noz dia xaxaxax sem ela capará a gente sapéca a cantoria prá cima deles. Quando ele quixé interrompe é tarde.
- Tonico - Isso mesmo. agora vá lá, negrinho si tu vai contá alguma coisa pra ela
- Juvencio - Deus se livre! Eu não gosto de fazê lambança, o sinhô bem que sabe. Nunca tive essa sistema.
- Tonico - -I tu falá alguma coisa vai se dá. Tu nunca mais vai te esquecer da lembrança que eu vo te dexá.
- Juvencio - Eu não vô dizê nada, seu Tunico. Quero sai morto nesse instante se eu vô dizê alguma coisa. O sinhô pensa que eu não sei guardá segredo? Tô imbituado a guardá coisa muito mais grávida e nunca contei prá ninguém porque é que havéra de falá logo isso que eu tombem tô mitido no brinquedo. Num falo não. Que ficá disconçado. Eu juro por tudo quanto é mais sagrado.
- Tudinha - Té bem, não precisa jurá mais. Vamo aproveitá então e vamo ensaiá mais uma veiz o feliz aniversário.
- Tonico - É melhor primero o Juvencio dá uma espiada ali na porta. Vô Juvencio, olha ali se a mãe não vem por aí.
- Juvencio - -Si sinhô. (passos)
- Tonico - Puxa que vai sê uma ferra daquelas. Tu vai vê como o pai vai se entusiasmar e vai acabá mentando buscá um barril de chopp pro turma bebê.
- Tudinha - Não atira os fuguete antes da festa. Tu sabe que a velha não é muito sopa, não.
- Tonico - A velha é la amargá. Mas agora ela vai se acomodá melhor. O dinheiro é do velho ela vai ficá mais fofinha, mais calainha.
- Tudinha - Pois sim, é o que tu pensa. Agora mesmo é que ninguém vai pudê com a vida dela. Si ela pronta como é já arrota ~~qualquer~~ grandezas todas que a gente sabe, imagina agora com uns dinheirinho na mão. Isso vai ficá que Deus nos acuda.
- Juvencio - Não vem ninguém, dona Tudinha, pudemo casá.
- Tonico - Então vamo. Mete lá. (cantem novamente o feliz aniversário, os três em coro. Quando a musica vai na metade entra Generosa como uma flecha pela sala e dentro aos berros para os filhos e o negrinho.)
- Generosa - O que é que voçês tão fazendo, disarmados!... que berrero é esse aqui dentro da minha casa, cachorros. Voçês não sabe que eu tô de luto? Voçês não sabe que morreu a tia de voçês? A irmã do pai de voçês? Ingerados. Voçês não tem um bucadinho de arma, um bucadinho de coração. Intão isso é geito? Eu saí pra rua prá tratá a missa da pobre vivente e voçês ficá dentro de casa tocando piano e cantando? Excomungados! Voçês quando morrê vai dereitinho pro inferno porque voçês tem arma do demonho, arma de santanaia. O que é que os vizinho não vão dizê duma coisa dessas? A dona Calentina que mora ali confronte e que ainda hoje eu fui convidá prá missa da faliçia! Ela que é uma lingua de trepo, que não popa nada. que tudo ela faz assunto prá falá, deve de te ovado essa berreria toda, num pode dexá de não te ovisto. Essa mulhé vai falá com toda a razão. Voçês são uns pelveiso, uns iscumungado é o que voçês são.

- Na vez de tá chorando a tia de vocês que morreu, tá aqui fazendo gritaria e tocando piano. Uma tia tão boa, tão amiga da gente que a gente sempre se deu tão bem com ela! Vocês merecia que eu batasse vocês a burduada. Tu, nego semvergonha, passado, em vez de tá lá na cozinha tratando do teu serviço vem prá cá ajudá esses cachorro a ladrá. (dando uma porção de tapas, enquanto o negrinho grita) Toma! Toma!... Toma! Cachorro, mitido, semvergonha. Mãinha vai trabalhá na cozinha, vai fazê o teu serviço, ingenerado, punitente! (Juvencio grita muito) Grita, prate, grite porcaria grita que é pros vizinho pensá que eu tô te astendo a burduada, porcaria do inferno. (tapa) Toma nessas beijo que é prá tu aprendê (ele grita mais forte) a não te metê adonde tu nao é chamado, porquera. Mãinha lá prá dentro, já. (tapa) Toma! (O negrinho segue chorando sempre).
- Tudinha - (gritando) Tá bom, mãe, chega. Mata o negrinho agora porque ele tá va cantando. Não era só ele que tava.
- Generosa - Sei eu que não era. Era tu que é uma cachorra marcoriala e esse se-co aí que é otro burro atrivido.
- Tonico - Que novidade eu sê burro. Lá sô teu filho.
- Generosa - Vocês é que tem culpa eu sei. Vocês é que merecin apanhá uma bumentá de laço bem dada.
- Tonico - Dê, porque tu não dá? -a vez de tá dando no pobre do negro que n não tem culpa porque que tu não dá na gente?
- Generosa - Não dá porque quando o teu pai chegá vocês a primeira coisa que vai inventá é que eu martratei vocês.
- Tudinha - Deixa de fita. Tu liga muito mesmo o que o pai diga ou faça. Tu não dá porque tu não tem cor ge. Porque tu sabe que eu e o Tonico não vamo bancá o Juvencio de apanhá e chorá, não. Nós podemos apanhá mas que nós vamo tirá a nossa casquinha nós vamo.
- Tonico - Ah, isso nem tem que vê. É coisa que nem se discute. E quem tivé amor no pelo não venha prá cá pro nosso lado porque leva o que é dele. Ah levai!
- Generosa - Cachorros! Atrividos. Nem a mãe deles eles arrepeita. Até burduada na pobre infeliz eles qué dá, esses ranegado. Até burduada! Sai praga do inferno. Vocês é ruim como o pai de vocês.
- Tonico - É, é o pai que nós siamo mesia ruim. Não é a ela, não. Ela é muito boasinha, é um veludo, o pai é que é uma coisa horrerosa.
- Generosa - Tá boa, vamo calá a boca aí, negro. Chega de chorá. Quem vê é capaix de jurá que eu quagi matei a burduada tu. Um tapinha de nada e ele faz esse berulho tudo.
- Juvencio - Tapinha de nada porque não foi a sinhara que apanhê. -I fosse a si-nhora não havia de dizê que foi tapinha de nada.
- Generosa - Cala essa boca e vai tiabora lá prá dentro inhante que tu apanhe otra vez.
- Juvencio - (chorando) Já tô indo. Não precisa dá que eu já tô indo.
- Generosa - E nem mais um pio lá dentro. Trata de fazê o teu serviço e calá essa gamela. Daqui uns repente eu vô lá e si tu não tivé feito o teu serviço direito tu vai vê o que é que vai te acontesê. Tu vai tê otra dôsa. Porque tu tá com esse vistido, Tudinha? -uando tinha otro para botá? Logo hoje tu tá com esse? Hoje que a tua tia morreu e que tu divia tá de luto é que tu bota esse desêa côr?
- Tudinha - Qual é o que tu quiria que eu batasse? O branco tá sujo. Queria que eu batasse o verde ou o cor de rosa? -esse pelo menos é um pouco mais escuro. É xodron.

- Generosa - Pois é, e xodrão é cor de pessoa que tá de de luto? Porque é que tu não botô a tua saíinha preta do teu atelier de seda? Botava e-la com uma brusinha branca pelo menos tava mais decoreta do que com esse vistido xodrão.
- Tudinha - Setou muito bem assim. Bobagem botá luto por um tia que eu nunca vi nem nunca tive amizade.
- Generosa - Pois é, tu nunca viu nem teve amizade mas a questão é que si não fosse ela tu ia vivê toda a vida na prontidão. Pelo meno agora a gente vai pudê têarguma coisa mais que os rico tem. Tu devia tá toda de preto e chorando de tristeza. Isso é que tu devia.
- Tudinha - Chorando uma tristeza que eu não sinto? - Eu não, não sou hipócrita, não sô fingida.
- Generosa - É perferiva sê pócrita e fingida e não dá razão pros visinho tá falando mal da gente do que fazê o que vocês tavam fazendo. Tu e esse linguíça seavergonha que tá aí com cara de escarinho rindo da mãe dele.
- Tonico - Que bola! (ri)
- Tudinha - Tu vai botá luto? É mãe?
- Generosa - Ocerto. Eu só não. Eu, o Sidôca e vocals. Tanto tu como ele, não pensa não. Todos dois vai botá. - Eu já mandei fazer vistido e chapéu pra mim hoje. Mandei fazê daqueles chapéu de véu bem cumprido dipindurado que eu tinha lucura prá té um.
- Tudinha - (com espalhafato) Chapéu de viuva, Tonico!! (gargalhadas)
- Tonico - Que bola louca!... (gargalhadas)
- Generosa - Que é que vocês tem com isso? O vocês acham graça de inguinnente que vocês é. (elas continuam a rir) (Batidas na porta) calma essa boca, ingenernôcos. Tem gente aí. Vai vê quem é, caminha.
- Tudinha - Quem é que vai vê? Eu? Tu não te enxerga? Vá quem quizé eu é que não vô.
- Generosa - Nunca vi uma filha tão mal inducanda como tu, Deus que me perdoe. (chamando) Juvencio, vem abrindê a porta que tão batendo. Si fô visita feiz entrá prá cá. A minha casa agora vai ficô que vai sê um té déo. Vai sê visita todo o santo dia. A gente tem que tratê de vé uma subilha nove. Essa tá muito feiz prá gente arrecabê as pessoa.
- Juvencio - Patroa, é a dona Laura e o seu Licurgo.
- Generosa - Feiz intrá prá cá, negrinha. (baixo) Me exprêta o teu lenço, Tudinha que eu não tenho.
- Tudinha - Ah, tu vai chorá, é? Tá o lenço.
- Laura - (compungida) Dá licença, dona Generosa?
- Generosa - (já com voz embargada) Pode intrá, dona Laura.
- Laura - Agora é que eu fui beber, neste momento.
- Generosa - (chorando) Veja só, dona Laura, quem é que ia pensá que a coitadinha ia morre, não é mesmo. Tanto que a gente rezô prá ela ficá boa.
- Laura - Pois é.
- Licurgo - Minhas condolências, dona Generosa.
- Generosa - Ah, seu Licurgo, muito obrigado. Eu tô tão triste, tão triste, que o senhor nem imagina. Coitadinha, uma arma tão boa, tão prestativa. Nunca feiz mal prá ninguém. Sofrê tanto pra dispois morre. Ah, sendo ingrato!
- Laura - Uma pazinha, Tudinha.
- Tudinha

- Coitadinha - (baixo) Não anela, Laura, Pezacas porque?
- Laura - (baixo) Não faz assim, olha a tua mãe. (Licurgo que rimenta indistintamente).
- Generosa - Tenho chorado tanto, dona Laura que as lágrimas até já tá me faltando. Eu faço força pra elas saí e elas começa a me negocé.
- Laura - Pois é, não chore mais, dona Generosa. Afinal a vida é assim mesmo. Nós não queremos nos habitar com a morte e finalmente a morte é o que temos de mais certo na vida.
- Generosa - Pois é mesmo, Coitadinha, sofreu tanto!... Eu tô triste mesmo, dona Laura.
- Laura - Eu acredito, sim.
- Generosa - Porque hay muita gente que tá chorando mas que a gente tá vendo que não tá triste, que aquela tristeza é uma tristeza fingitiva. Eu tô triste mesmo pra que eu vo dizê. Tô saia que ela era da gente, coitadinha.
- Laura - Pois é, a senhora me disse.
- Licurgo - Quer dizer que hoje não temos serão?
- Laura - (repreensiva) Ó Licurgo, o que é isso? Como é que vai ter serão num dia de luto como o de hoje. Você foi de uma levianidade na sua pergunta, francamente.
- Licurgo - Não, é que a gente nunca sabe para que lado está o vento.
- Generosa - Tá daqui, seu Licurgo, desse lado. Eu tive que saí prá tratá a missa da pobresinha e vi que o vento tava daqui.
- Licurgo - É está daqui, sim.
- Coitadinha - (baixo) Essa não é tapada, é laçada.
- Pepa - (entrando) Peraiisso, senhora?
- Tonico - Pronto, tá aí a castilhana e o vagalume. A segunda edição revista e melhorada.
- Generosa - (compungida) Entre, dona Pepa. (chorando) Pode entrá.
- Pepa - Que sa esse? que ha passaria acá? Porque tiene tolos estes semblantes de angustia?
- Generosa - A senhora não sabe da disgracia que aconteceu prá nós?
- Pepa - (assustada) Don Sidóca se autiô?
- Generosa - (chorando) O Sidóca se molhó naia, dona Pepa, isso era disgracia? Até era bão, tomava um banho. Aconteceu uma coisa horrível. Uma coisa muito horrível.
- Pepa - Verdade? Pero lo que fue, senhora? Estoy aflita.
- Generosa - Morreu a irmã dele, a pobresinha. Lá tão longe a coitadinha. A gente nem pudê fazê nada pro ela.
- Pepa - Pero tenia el hermano pecora.
- Generosa - (braba) (sem chorar) Que não na cerea, dona Pepa a senhora parece boba? A gente tá falando coisa tão deferente lá vem ela falá em não na cerea. O que é que tem que vê o corpo com as calças? Não não tem nada que vê. Tô falando na irmã do Sidóca vem ela falá na cerea. que sai eu lá de cerea. Não sei nem quero sabê. Num momento desses que já tá nesses planto de choro ela é de achá prá falá em cerea.
- Pepa - Pero senhora, usted no se ha comprendido. Usted dijo que la hermana de don Sidóca - ha entendido? - la hermana de don Sidóca...

- Generosa - Branca não doua pepa aprenda a falá direito, a falá como gente. Não é branca é (acentuando) ermã.
- Pepa - Bueno, sea hecha su voluntad. Lá irmão de don Sidôca se ha surido sola, verdad?
- Generosa - que sola, dona pepa? que sola? quem é que falou em sola? Arguem tá falando em sonto aqui, dona pepa?
- Tadinha - Mãe, tu não tá compreendendo nada.
- Generosa - Não tô co preendido uma ova. quem é que não tá compreendendo? Ela não diz coisa com anisa. Ela não disse sola, dona Laura?
- Laura - Disse, dona Generosa, mas...
- Generosa - (Interrompendo) Pois disse, não é? Nô tu pensa que eu não sei compreender o que é que é sola? Sei. Arguem tá falando em sapato prá ela vir com essa sola fora de tempo? Não tá, não é? Porque é que ela fala então? A dona pepa precisa se convencê que ela não é bem temperada das ideia. Ela precisa se tratá, tô cansada de dizê. Não qué, não qué, pois então dexa. O dia que quizê não adicenta mais. (Pepa exclama qualquer coisa!).
- Licurgo - Dona Generosa, a sola que ela falou quer dizer só. Ela quiz dizer á senhora que a irmã de seu Sidôca não estava só. Que tinha o irmão perto dela.
- Generosa - Que irmão bobo é esse?
- Laura - O seu Sidôca, dona Generosa.
- Generosa - Ah, é. Pois é, tinha o Sidôca mas a gente gostava de tá lá perto da pobresinha. (voz de choro) Tão boa que a coitadinha era prá nós, (chorando) Tão nossa dign. dava gosto vê. (chora um bocado e de repente fala com voz natural) se assenta dona pepa.
- Pepa - Muchas gracias. Mia condolencias, señora.
- Generosa - quem é que tá com duença? Ah a ermã do Sidôca? Tava sim, dona Pepa, ha quanto tempo que ela tava duente, a pobresinha. Sofreu tanto, tanto! Cortava o coração da gente vc. (chora novamente) É tão conforçada, a pobresinha!... Não era capaz de se queixá. Tudo tava bem pra ela, a coitadinha. A gente levava um mingauzinho ela cuscia, a gente levava um leitinho ela tomava, dava o remédio pra ela ela bibia, quatinha que cortava o coração. (começa a chorar muito e de repente fala com voz natural) Te assenta, Junquilha. Não fica aí parado de impé que tu dexa a gente selvosa.
- Junquilha - Espero, senhora, voua dor acalmar para manifestar-lhe meu inen- so pesar.
- Generosa - Tá boa, te assenta.
- Juvenio - Patroa, tá aí o seu surdo e o seu gago, mando intrá? Ah, e a dona Celestrina tambem tá.
- Generosa - O que é que ela veio fazê aqui? Veio só prá dá fé. Se avisei pra ela da tarde que não ia té serão. -la já sabia. Mas tava lá por dentro dos vidro esperando as visitas que ia vir e não pode dexá de vir também prá vê bem de perto quem era.
- Juvenio - Mando intrá, patroa?
- Generosa - O que é que eu vo fazê? Mania. (passos) Fazê dá volta da porta eu não posso. Dispois vão dizê que a gente é sem educação. É logo o que eles diz. Eu tenho horror de gente que vem na casa dos outros prá dá fé, dona Laura que a sinhora nem imagina. Eu sei a sistema dessa gente...

- Celestina - Boa noite.
- Generosa - (Muito alegre) Oh, dona Celestina, entre. Vá se assentando não feza cirimônia. Prá que essa bobagem de mandá priguatá se pudia intrá a casa é sua e a sinhora já sabe disso.
- Celestina - Pois é, mas como a senhora teve essa notícia tão triste hoje podia já estar deitada eu tive medo de incomodar.
- Generosa - (Lembrando-se de que está de luto e chorando) Pois é, não é, dona Celestina, que coisa mais horrerosa, quem havia de dizê? A coladinha tão cheia de vida! Quando a gente viu que tava mais nesse mundo. (chorando) que coisa horrivi, meu Deus! que coisa horrivi!
- Celestina - São coisas de vida o que é que a gente vai fazer. Tem que se conformar, não é?
- Laura - Pois é claro.
- Papa - A la muerte nadie se acostumbra.
- Junquilha - É curioso como todos temem a morte. Até mesmo os que aqui não disfrutam bom sorte.
- Tudinha - Essa frase é forte.
- Generosa - Mas para aí, o Juvenço não tinha dizido que tava aí o seu Gago e o seu surdo? Cadê eles, adonde é que ficaram?
- Celestina - Óé, eles entraram coaigo.
- Generosa - Vai vê que dora vorta do corredor. O Juvenço disse pra eles que não tinha serão e eles arrasoverem vortá. (gritando) Juvenço! Adonde é que tu tá, negrinho?
- Juvenço - (delonge) Já vô, patroa.
- Generosa - Nem tem que vê que eles dera vorta. Isso carêlaram que hoje eu não ia dá café e nem quizero entrá. Eles é assim. Eles só vai adonde pode cumê. Não tendo cumê eles não se chega.
- Juvenço - O que é patroa?
- Generosa - Tu nao disse que o seu Gago e o seu surdo tinha chegado aí, negrinho?
- Juvenço - Chegaro, si a sinhora.
- Generosa - E não quizero intrá? Oro labora?
- Juvenço - Não sinhora tão all no corredô.
- Generosa - O que é que eles tão fazendo no corredô. Porque é que eles não entra esse estapiô?
- Juvenço - É porque se arreventô o suspensôlho do seu surdo e o seu gago tá arrumando eles porque ele tava cas carga balado.
- Generosa - E aí não pudé arrumá dereito que fique uma coisa garantida é melhor que ele não entra. Nós não temo aqui prá ve espetacu.
- Juvenço - Já endereitô. Eles já vem aí.
- Sidonio - Bo-bo-boas noite dona Generosa, boa noite para todos. (todas respondem. Porfirio tambem dá boa noite) Bo-dona Generosa eu já fui fui sabedor da infausta nova e peço-lhe que receta o meu abraço de profundo e do-do-doloroso pezar.
- Generosa - (chorando) Muito agradecido, seu Si-si-Sidonio.
- Porfirio - O que é isso? Porque esse abraço? A dona Generosa está de aniversário?

- Madrinha - Não é bem isso. - está de pezar pela morte da cunhada.
- Porfirio - Como disse?
- Madrinha - (gritando) Está de pezar pela morte da titia, a irmã do papae. Ouviu agora? - está de pezar.
- Porfirio - Vai se pezar? porque está se achando muito coria?
- Tonico - Não é nada disso. (gritando) Olha aqui. Morreu a irmã do papai.
- Porfirio - O que é que está se dizendo?! Morreu o seu Pai?!...
- Generosa - Credo, seu Porfirio, pra longe e agora. Vá agorá os seus parentes. Ora já se viu?
- Tonico - Vem cá. Traiz a orelhinha aqui. (gritando) Morreu a irmã do pai.
- Porfirio - Do pai de quem?
- Tonico - Do nosso pai.
- Porfirio - Do nosso virgula. Do seu.
- Tonico - Pois é, pois é isso mesmo.
- Porfirio - Ah bem. Então seus sentimentos.
- Generosa - (chorando) Muito agradecido, seu Porfirio.
- Tonico - (beixo) Mãe, não adianta chorá pra esse que esse não ouve.
- Generosa - Vai pro diabo que te garregue.
- Sidonio - Do que foi que ela morreu, dona Generosa?
- Generosa - Prá dizê bem direito eu mesmo não sei, seu gago. O Sidão não mandô dizê.
- Tonico - Como é que não mandô, mãe. - então o pai não mandô dizê que era do pulmão?
- Generosa - Ah foi mesmo. Eu tô tão disanortida com a noticia que nem me alegro mais. Também o senhor vê, uma coisa assim sem a gente esperá, não é?
- Sidonio - Te-te-tem razão.
- Generosa - Pois foi a pontada da pulmonia que matô a pobresinha.
- Sidonio - É uma doença muito ingrata.
- Generosa - Pois é, veis robá aquela aranha tão boa que a gente apreciava tanto.
- Sidonio - São coisas da vida. - gente tem que se conformar.
- Generosa - Quando eu me lembro que eu nunca mais vo vê ela, fico tão triste. (chora)
- Sidonio - O que é que vai se fazer?
- Generosa - Se assente, seu Si-si-sidonio. O senhor ainda tá de impé?
- Papa - Acá tiene uma silla, senhor.
- Sidonio - Mu-muito o-brigado, dona papa. - senhora é muito gentil.
- Papa - (mais voz e muito doce) To estava triste pensando que no iba a encontrar-lo hoy. No havia venido, todavia.
- Sidonio - Eu demorei um pouco porque o campadre inventou de vir a pé para fazer exercicio, depois cansou na metade de caminho, ainda esperamos bonde e vismos chegar a esta hora da noite.

- Laura - O seu Sidóca vai demorar-se muito ainda em -agas, dona Generosa?
- Generosa - Não sei, dona Laura agora eu acho que ela vai muito logo.
- Tadinha - Não pode vi, mãe, não te convence disso. Não te esqueça que tem o negocio da herança ainda prá tratá e que esses negocio sempre demoram.
- Laura - Herança? Ela deixou alguma coisa?
- Generosa - (acintosa) Dêxô, dona Laura, dêxô. Dêxo tudo pro Sidóca. Ela era o unico irmão de vivente, pra quem mais havia de dêxá? Dêxo casa, de xópóles, que eu não sei o que é pólice mas que a Tadinha e o Tonico diz que é bão. Dêxo cadavelta de dinheiro no banco e dêxo joia. As joia é prá mim, prá quem mais vai sê.
- Tadinha - Prá só usa oya. Pra ti e pra mim.
- Generosa - Eu sô mais velha do que tu teabo mais direito.
- Tadinha - Não tô sabendo disso. Quem vai reparti as joia é o pai. Tu vai vê como ele vai dá a metade pra ti e a metade prá mim.
- Generosa - -i eu dêxá. Não é mesmo, dona Laura, a sinhora não acha que o direito é dá pra mim?
- Laura - -h, não sei, dona Generosa. Isso é questão de familia ou de fora não deves dar palpite. Imagina a dona Generosa com dinheiro. Agora mesmo é que ninguem vai poder com a vida dela.
- Licurgo - Cuidado Laura, ela pôde desconfiar.
- Generosa - A sinhora não acha dona Celestina que o direito é meu?
- Celestina - Não sei, dona Generosa.
- Generosa - Talvez não sabe nada. (baixo) Tô sabe tá fé do que se passa na casa da gente.
- Sidonio - Eu vou dar o meu palpite se a senhora me permite, dona Generosa.
- Generosa - O que é seu gago?
- Sidonio - Eu acho que se as joias ainda não vieram não vale a pena brigar desde já.
- Generosa - São, isso é verdade. Mas não vieram não vem.
- Sidonio - Pois quando elas chegarem a senhora briga.
- Generosa - Não brigo né meu Si-si-Sidonio. Agarro elas, tranco na gaveta da cozinha e pode gritá quem quizer porque eu não dô.
- Tadinha - Veremos.
- Tonico - (berrando) Ai meu pé!
- Generosa - Tá bão, não precisa berrá, foi sem querê.
- Porfirio - Chamaram pro café?
- Generosa - (gritando) Não chamaram não, seu Porfirio., eu hoje nao vô dá café pra ninguem. -ra só o que fartava que a coitadinha da criação Sidóca lá se velando e a gente aqui tomando café. Não tem café ni nhum. Tô muito cansada não vô tá cuidando de dá café pra ninguem.
- Porfirio - Está bom.
- Laura - Vácos, Licurgo, e dona Generosa deve estar mesmo cansada, ha de querer se voltar mais cedo.

- Generosa - Pois é, dona Laura.
- Licurgo - Vámas, sim. Boa boa noite para todos. Passe bem a noite dona Generosa. (ela agradece)
- Laura - Boa noite. Adeusinho, dona Generosa. Passe bem a noite aqui.
- Generosa - Não sei, dona Laura, eu tô tão triste, tão nervosa. (chora) Coitadinha.
- Laura - São coisas da vida a senhora deve se conformar. Boa noite.
- Pepa - Vocetros tambiem nos vámas. Ustá se va a quair?
- Sidonio - Não senhora, dona Pepa. Se me permite irei acompanhá-la até em casa.
- Pepa - Como nó, encantada, don Sidonio. Buenas noches, dona Generosa. Vá acostar-se para descansar.
- Generosa - Encostá em quem? O Sidóca não tá aí. Tô aruindo sosinha.
- Pepa - Buano, entences que todo lo vaye mui bien.
- Generosa - Muito obrigadinho, dona Pepa. (Sidonio e porfirio les edem-se de dona Generosa, tendo cada um para ela uma frase de pesar e consolo que ela responde chorando).
- Junquillo - Permite-me senhora, que minhas condolencias eu repito agora.
- Generosa - Tá bem.
- Tonico - Cai fóra.
- Generosa - Se não fosse do consolo dos amigo tá perto da gente eu nem sei como ia sê. (chorando) nem sei como ia pudé suportá um golpe desses. Coitadinha! Não boa, tão amiga da gente!...
- Celestina - São coisas da vida, dona Generosa. A senhora tem que se conformar.
- Generosa - Não posso dona Celestina. Fico tão desesperada. (chora)
- Celestina - Está bem, eu vou para casa que é tarde. se precisar de alguma coisa é só sanhar o Juvencio atravessar. Ali estamos ás ordens.
- Generosa - Muito obrigadinho, dona Celestina. A sinhora é tão boa. (chorando sempre) Juvenco, meu filho, acompanha a dona Celestina até a porta e faça ela dispois que já é tarde.
- Juvencio - (chorando) Tá bem, patroa, eu fecho.
- Celestina - Coitada, ela está tão triste! Boa noite. (afastada) Deus lhe dê uma boa noite.
- Generosa - (falando para longe) Muito agradicido, dona Celestina. (chorando) Coitada da irmã do Sidóca. Eu não posso me conformar. A gente não vale mais nessa vida!... (chora amargamente)
- Juvencio - (chorando) Pronto, patrõesinha, já fechei a porta.
- Generosa - Que bobagem de choro é esse? Já fechô a porta? Acende o fagarero vamos tomá café.

(Esta ultima frase deve ser dita com voz alegre e firme)

Fim.

Alamirinho
9-6-43

- Laura - O seu Sidião, dona Genezosa?
- Generosa - Não sei, nem quero saber e tenho saiva de quem sabe.
- Tudinha - O pai se pegou com os cobres nem aparece mais aqui.
- Generosa - Cala essa boca, filha, ingenuidade. Já se tá dizendo besteira.
- Tudinha - A mãe fica por conta quando o Tonico diz isso.
- Generosa - E você tá achando graça, não é? Pois é, você tá achando graça porque depois não é você que vai pagar as coisas tudo que a gente compra pra ficar lá.
- Laura - Mas o seu Sidião foi tão ansiosamente esperado como agora, hein?
- Generosa - O que eu fico vingada é de ver como não se alhebrá que a gente tá aqui há tanto tempo sem uma notícia daquela vivante, dona Laura.
- Laura - É sim.
- Generosa - A gente nem sabe si tá vivo, si tá morto, si vai voltar, si não vai voltar porque aquela ingenuidade não é capaz de assar uma carta, lá escreve um telegrama pra gente ficar sabendo qualquer coisa. Também, o dia que ele chegar eu vou sortir a boca dele que ele vai vir. Pergunta si isso é coisa que se faça. Dê um proximo cheia de filho e nunca mais dá uma notícia.
- Tonico - O pai se pegou com os cobres tá gastando um pouco que ele não é besta. Ele sabe que chega aqui não vê mais nem o chero, si ele não há de aproveitá.
- Laura - Qual! O seu Sidião é um homem pacato, um homem de costumes monjigados.
- Generosa - Pois é, não é dona Laura? Mas deixe, deixe que eu tiro esses costume dele. Si tiro.
- Tudinha - Nem que seja a tiro.
- Generosa - Tá bom, tu já te meteu, já? Ninguém tá falando contigo. A conversa não chegou na cozinha.
- Tudinha - Não chateia.
- Generosa - Pergunta si a tua mãe é alguma bandida que anda aí pra tá tiro em arquem. Que é que eu tava falando mesmo dona Laura, que essa esgaritada aqui me atrapalio e eu já nem me lembro mais.
- Laura - É pra falar a verdade eu nem sei si a sinhora estava dizendo alguma coisa.
- Laura - Oh Laura, então a dona Genezosa não estava falando? Quando que isso não tece?
- Sidônio - Ta-ta-ta-tava falando, sim.
- Generosa - Que novidade! que tava falando sei eu. Ora, tava falando: que é que ele aliantô? que tava falando tava. Ninguém tá dizendo que não tava. Si queria saber era o que eu tava dizendo que eu me esqueci não era saber si eu tava falando que eu tava falando não era preciso ficar. Eu sei que eu tava falando. Quero saber o que é que eu tava dizendo.
- Laura - Com franqueza que eu não me lembro, dona Genezosa.
- Generosa - O que foi, dona Celestina, a sinhora se alhebra?
- Celestina - Como, dona Genezosa?
- Generosa - Não tô falando se a sinhora come. Tô perguntando se a sinhora se alhebra o que é que eu tava falando há um mundo. A sinhora agora tá feito a dona Pepa que a gente fala uma coisa e ela responde outra coisa diferente.
- Celestina - Eu não entendi o que a sinhora disse.
- Generosa - Eu não tô falando inglês nem estrangeiro, tô? Será que essa gente tá ficando louca, não entende mais nada que a gente diz?
- Tudinha - Mãe, não chateia. A dona Celestina não se lembra nem ninguém se lembra o que foi que tu disse há pouco. Todo mundo sabe que tu fala pelos cutuvel já ninguém tá dando bola pros teus assunto. As tuas conversa vão entrando por aqui e saindo por aqui.
- Generosa - Cala essa boca, atrivida. Canceirosa! Ingeritada!... O que acontece de tu tá interrompendo a gente é que depois a gente que se alhebra do que foi que a gente disse e não pôde.
- Sidônio - A sinhora tava metendo o pau no seu Sidião.
- Generosa - Credo, home! que vale que todo o mundo sabe que ele tá bem longe daqui que nem que eu quizesse isso não podia ser. Le agaranto que vontade não me farta. Pra que diz? Tenho vontade mesmo. Si eu agarrasse ele hoje aqui eu nem sei o que eu era capaz de fazer. Parece mentira, dona Laura parece mentira, dona Celestina que aquele vieste tivesse a coragem de sair daqui pras Lage, deixasse a gente aqui nessa agonia de saber que a outra pobresinha tava pra morrer a toda hora e escrevesse uma carta só depois que a fúlcida já tava interrada. Passou o aniversário dele no dia três e o desgraçado nem um telegrama pra gente sobre a corajade de passar.
- Sidônio - Ai quem devia passar o telegrama era a sinhora, não era ele.
- Generosa - Ingratado! Porque é que era eu que tinha que passar?
- Sidônio - Um telegrama de fe-fe-fe-
- Generosa - Perido?
- Sidônio - Não é nada disso. Um telegrama de ce-ce-fe-

- Generosa - Feste?
- Sidonio - Não é feste. Se-la-felicitações.
- Generosa - Coitado! esse bay lias que anda tão atordo. Tonico, acoria esse home aí. Jaqui a poco ele vai cá da cadera vai batê com a cabeça naquela escarradeira. E espaiiz ia quebrá ela, Deus nos livre.
- Tudinha - Lá até um favor que ele fazia.
- Generosa - Não sei porque. Mas escarradeira tão chitas. O meu filho e assim mesmo dona Celestina. Não tem amor a coisa nenhuma.
- Celestina - Os moços modernos não são como nós, dona Generosa.
- Laura - É isso mesmo, não é seu pente?
- Genio - É fato. (Porfirio respira)
- Generosa - Tonico, tu não oviu eu te mandá? Acoria esse home aí inbente que ele caia lá cadera.
- Tonico - Velha chata. Sa vez de deixá o home dormi. Depois ela mesmo tá se queixando que o home é pou, que entenie tudo trecoido e não sei mais quanta coisa.
- Generosa - Eu não vô deixá o home cai, pra ia quebrá a minha escarradeira.
- Tudinha - Pois pega a escarradeira e tira dali pra outro lado. É muito mais simple e dexa o home ax lá dormindo que inbocia muito menos.
- Generosa - É mesmo, não é? E melhor tirá a escarradeira. Tira ali, minha filha. E melhor tirá.
- Tudinha - Pois sim. Vá tirá quem quizé, eu é que não vô.
- Generosa - Que minha mal mandada. O que é que te custa, minha Tudinha. Tira ali a escarradeira num repentis ante que aquele proximo caia por cima dela.
- Tudinha - Eu não, uma escarradeira mala noventa cheis de paxataia cuspidia e la ponta de cigarro. Eu não tiro nada. Tira tu.
- Generosa - Tira ali, Tonico.
- Tonico - Tu é besta. Chama o Juvencio e manda ele tirá.
- Generosa - O Juvencio não tá aí. Foi satê noticia do Juquinha que eu mandei ele. Depois ia lá satê se a dona Pepa já vortê.
- Tonico - Pois então tira tu que eu não boto a mão naquilo.
- Sidonio - Ma-ma-ma- ma-da-ma
- Tonico - Féra aí que o home que mamá. (Repreensão de dona Generosa)
- Sidonio - Ma-ma-ma não é preciso botar a mão, pôde capuzar com o pé que dá no mesmo.
- Generosa - Mas é mesmo! E a gente nem teve essa ideia. Tá venio? Sa vez la gente a gente não espera sai alguma coisa de proveito. Os aliejo insidando os lereito.
- Sidonio - Aliejo não senhora. Eu sou um bocafinho gago mas aliejo não sou, graças a Deus!
- Generosa - Discurpe, seu gago, eu não quiz ofendê o senhor, mas o senhor querê dizê que não é isso é bobage que todo o mundo tá venio que o senhor é. Basta a gente olhá pra boca dele que a gente já tá venio que ela até é meio laviazada assia prou lado. (ouve-se um forte trambulhão de cadeira que vira, um corpo que cai e qualquer coisa de louça que se parte. Pronto! a minha escarradeira!
- Porfirio - Oh diabo. que senho terrivel! Cheguei a cair da cama e até quebrei o que estava debaixo dela.
- Generosa - O senhor quebrô foi a minha escarradeira de tanta estinação que eu trazia cumigo desi do nosso casamento. Isso é que o senhor quebrô.
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando, furiosa) Disse que o senhor caiu foi da cadera, não foi da cama e quebrô a minha escarradeira de tanta estinação que auxtraxia me acompanhava ha tantos anos. Desi do nosso casamento. Foi presente da falecida tia Virgilia do Sidosa pra ele no dia que nois se casemo. Uma coisa tão chitas que era te par e agora vai ficá só uma dismanada. Eu disse pra aquelle exaungado que tirasse ele de perto desse px estopor. Si eles não fosse uns lioobiliente a escarradeira não tinha se quebrado.
- Tonico - É, eu é que tenho culpa. Porque é que tu não levantô e não tirô? Uma escarradeira suja. Vô só como ficô a ropa dele o tapete da sala.
- Generosa - Misericordia! O meu rico tapetis. Isso vai manchá aa cor. (gritando) Juvencio! Oh Juvencio, depressa. Traiz um pano. Ah é mesmo, o Juvencio não tá aí. Vai buscá um pano depressa, Tudinha.
- Tudinha - Eu não.
- Porfirio - A senhora quer se arrancar uma escova?
- Generosa - Não arrango nada. Não tem escova nenhuma. A escova o Sidosa levô pra escová a ropa preta quando tivesse que botá luto. Passa o lenço que é mesma coisa. Si ha de sujá a escova que é dos outro suja o lenço que é seu mesmo. Tudinha vai buscá um pano. O tapetis vai ficá todo laformado.
- Tudinha - Eu já disse que não vô buscá coisa nenhuma. Eu seazole o tapete.

- Generosa - Que coisa mais melancólica. Essa menina é um castigo que Deus me deu.
- Celestina - Escondra digna, sabe é que tem o péssimo que eu vou fazer, dona Generosa.
- Generosa - (rabia) Não simula, não garbisa, deixa que eu mesmo vá. (ressaca grito a alta voz) Ah, que é tu só de tudo lá por dentro. Sa tuio em que maté o nariz. Tu mesmo vó, não perdias ninguém i. (pessoa)
- Sidonio - De-de-deixa ver o seu lenço, campfire. Vire as costas pra esfregar.
- Porfirio - Como disse?
- Sidonio - Vi-vire as costas.
- Porfirio - Fale um pouco mais alto que eu não ouvi.
- Sidonio - (gritando) Vi-vire as costas.
- Porfirio - (desconfiado) Vire as costas pra quê?
- Tonio - (gritando) O senhor está todo sujo.
- Porfirio - Tu estás sujo?
- Tonio - Tá até ponta de eu arro prego no bumbuco aí atrás.
- Sidonio - (gritando) Deixe ver o seu lenço que eu esfrego.
- Porfirio - Como disse?
- Sidonio - (gritando mais) Deixa ver o seu lenço que eu esfrego.
- Porfirio - Esfrega o quê?
- Sidonio - As suas costas. Não ouve o que a gente diz?
- Porfirio - O meu lenço para esfregar o seu nariz? Esfregue com o seu, ora essa é bba.
- Sidonio - (zangado) Po-po-pois então vá pro diabo que o carregue que eu não vou sujar o meu lenço nas costas de ninguém. (Pessoa que se aproxima)
- Generosa - Pare aí, dona Celestina, com licença. Disfeste um pouco pra lá.
- Celestina - Pois não.
- Generosa - Olha só que lambiúzia esse nome feia aqui. Que injustícia. A minha escarrelira tão bruta. Um objeto que acompanha a gente há tantos anos. Era mais velha que a Guilina. Contada até parece mentira.
- Minha - Que bobagem é essa mãe? Ela não só tão velha assim.
- Generosa - Tu não tá dizendo que tá é velha. Tu parece boba. Tá feita a dona Pepa que a gente tá falando uma coisa ela vem com outra deferente? Arredá esse pé pra lá, seu sario. Deixa lámpá essa purcaria que o senhor mesmo fez. O senhor mesmo é que devia de aliápi.
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) Tô dizendo pro senhor arredá os pé.
- Porfirio - Café?
- Generosa - Zaká Não é café, coisa nenhuma. Não tô falando em café nenhum. Tô dizendo pro senhor tirar esse pé do caminho, infomeio. (com raiva, como quem empurra alguma coisa) Tira essas purcaria pra lá. Tô até com ódio desse diabo. Quebrá a minha escarrelira tão bonita.
- Tadinha - Agora a mãe fala nisso durante toda semana.
- Generosa - Fala, sim. Fala e tu não tem nada com isso. Tô com pena da minha escarrelira. Tu não te importa porque não é tua.
- Laura - A senhora agora agora vai entrar nos cobre depois compra outras novas, dona Generosa.
- Generosa - É, isso é o que vocês diz. O Sidóca até hoje não apareceu nem mandô nenhuma coisa.
- Licurgo - Nem ele nem a dona Pepa.
- Generosa - Como é, seu Licurgo, o que foi que o senhor disse?
- Licurgo - Eu disse que nem o seu Sidóca nem a dona Pepa mandaram notícias até hoje.
- Generosa - (reflexionando) É... (outro tom) Esse lugar que a dona Pepa foi fica perto das Lage aliante tá o Sidóca?
- Tonio - Péra aí. Péra aí que a velha tá com ciúme da dona Pepa. Tá tá pensando foi se encontrá com o velho. Deixa de besteira, xixixix mãe.
- Generosa - Já, besteira não. Besteira porque? Tem se visto tanta coisa. Não havia de se o prestra.
- Minha - Era mãe, pera aí. Um sacó velho como o pai.
- Generosa - Um sacó velho pra vocês. Pra mim bem que ela tem selvantia. E aliápi, minha filha, ele agora tem dinheiro e aliápi hay mel sempre hay moeda em roda.
- Laura - (por brincadeira) É o nome que a dona Generosa tem razão. Não seria nada de admirar que a dona Pepa tivesse forjado essa viagem pra visitar a família e fosse se encontrar com o seu Sidóca e tivessem lado o fora.
- Generosa - Breio, dona Laura, vire essa boca pras costas. O diabo seja sario numa hora dessas. Puta que aí acontecesse uma coisa dessas eu ia vendê os meus trapo pelo que desse, deixava os filho aí na casa dos amigo e ia saí atrás deles. Que surra que eles ia apunhá os lois. Ele e ela. Nunca mais eles havia de se lembrá de fazê isso pra ninguém.
- Sidonio - Que coisa mais absurda. Se a dona Pepa ia fazer uma coisa dessas. Uma coisa tão seria. Nem compreendo como possa se pensar uma coisa dessas.
- Generosa - Tu também não seria, seu Sidóca-Sidonio e já fiz muita coisa que não devia de fazê.

- Sidóca - (Chamando de longe) Generosa! Oh Generosa! (Surpresa geral).
- Generosa - O Sidóca!... Ai! O Sidóca. Ai, eu vò té uma coisa.
- Juvêncio - Cê a patrão vai té um distúbio. Sigura cê, seu Tonico. Sigura ele seu gago.
- Tulinha - Cê a mãe que bastard é essa.
- Sidóca - O que é isso dona Generosa. Co-co-co-coração.
- Generosa - Não é nada não, já tá passando. (com raiva) Sorte o meu parce seu gago. Vá apertá os curso das suas ermi.
- Sidóca - É que a sinhora estava caço- ca
- Generosa - Tava coisinha nenhuma, lexe lá fizê bastarda. Tam não home não toma juízo.
- Sidóca - Onde é que está essa gente. Glá!... Como vão todos. Como vai minha filha. (Muitas exclamações de toa. Muitos abraços. Cada um faz uma pergunta sobre a viagem, sobre a saúde, sobre a viagem, ficando por último o gago).
- Sidóca - Depois que a luzinha serenou, seu Si-Si-Sidóca as minhas co-co- con- dolências.
- Sidóca - Muito obrigado, seu Sidóca.
- Porfirio - Quem foi que contou?
- Juvêncio - Ué, o seu surio se acordou-se agora e pensa que arguem cantô.
- Laura - É que ela se acordô com a barulhada. Explica aí pra ele que ninguém contou que foi o seu Sidóca que chegou de viagem.
- Juvêncio - Cê aqui, seu surio, chegou a ordio aqui perto. Tu num quero gritá muito que depois eu vò té que cantô pro patrão e tô com a voiz tetra gata. Ninguém cantô. - Ih por choro de reacção que a orcha dele tem - O patrão foi que chegou. Chegô recém da viagem dele. Vêio das lago.
- Porfirio - Que viagem?
- Juvêncio - (gritando) Não é lago, é Lago. Esse nome é burro.
- Generosa - Para com esse grito aí negriinho. A gente que falou com o teu patrão e não pôde porque tu não dá. Têcha essa cartilogaia dessa gamela aí, diabo do inferno.
- Juvêncio - Ué, patrão, eu num tenho culpa. A dona Laura aqui eu explia pro seu surio que o patrão chegou a gente fala baxo ele não entende e teinho que gritá.
- Generosa - Não tem nada que gritá. Deixa ele que se arranje aí. que vá tirá a cope dos ovio aí quisé ovi. Mas Sidóca que demora foi esse? Explica pro gente. A gente aqui nas artiza das aflição e tu sem dá nem uma palavra de tua vida. Porque é que tu ilhorô tanto, home de sua.
- Sidóca - Pois não foi possível vir vites. Essa coisa de inventario é um verda- deiro inferno para a gente resolver.
- Tanto - É fato.
- Generosa - O que é isso, Sidóca?
- Sidóca - O inventario da herança da mana.
- Generosa - Tu não vai via se dizê que inventario a herança dela que ela não tinha nada porque a casa toda o mundo sabe que ela tinha.
- Sidóca - Não é isso, Generosa, você não compreende. Para não podermos entrar na posse da herança de mana era necessário fazer primeiro o inventario.
- Generosa - Mas inventá o que, Sidóca?
- Sidóca - Não é inventar, minha velha. Você não está compreendendo.
- Generosa - Bom, eu quero saber de uma coisa. Ela deixou alguma coisa pra gente ou não deixou?
- Sidóca - Claro que deixou. O que era dela ficou pra nós.
- Generosa - É mesmo, Sidóca? Mais que coisa boa. Tanto que a gente pensava. É o que foi que ela deixou, Sidóca, conta.
- Sidóca - Depois a gente conversa com vagar. Deixa tirar o casaco e passar um pouco água no rosto depois eu venho conversar. Essas cartilhas tem pó que não é balaoladeira.
- Juvêncio - Quem sabe patrãozinho que tô lá um banho eu aqueço a água num repenti.
- Generosa - Tá loco? Banho nela. Tomá banho com um frio desses pra si conselipa. Não tem nada que tomá banho, negriinho, não inventa. Vai só lavá a cara e as mão e chega. No sabão ele toma um banho, aí fizê um dia bô.
- Juvêncio - Quem sabe o patrão tá com fome eu vò fazê um café.
- Porfirio - Chamaram pro café?
- Generosa - Não chamaram coisa nenhuma. Se assuegue aí. Tu que um café, Sidóca?
- Sidóca - Agora já, não. Espal a me papoca mais eu posso tomar.
- Juvêncio - Então eu vò botá a água pra aquecê pra que assim quando o patrão quisé não dimora nada.
- Tonico - Deixa, nego, deixa que eu é que vò fazê o café pra velha.
- Generosa - Tá, Sidóca, vem lavá a cara e as mão. Tu vò vê um tulinha liapa pra tu te enxigá.
- Sidóca - Com licença, cê. Tu volte já.
- Licurgo - O senhor está na sua casa, seu Sidóca.
- Tulinha - Deixa que eu vò vê a tulinha e o sabonete pro pai, mãe.

- Genêroza - Não precisa, quem vai vê só eu. Eu é que tenho lavado. Ven, Sidôca. (afastando-se conversando e Genêroza reclamando a lençol.)
- Laura - O seu Sidôca veio bem limpo. Até parece que passou.
- Licurgo - É a roupa nova e o cabelo aparado. Você não reparou que ele veio de roupa nova?
- Laura - Não reparai.
- Celestina - Os sapatos também.
- Tudinha - (baixo) Pôxa não deixa escapar nada. Até os sapatos do velho ela já reparou que são novos.
- Juvencio - (gritando) Seu Tuhira o sino vai aquantá a água pra fazê o café pro patrão não vê mais o fugareiro que tem só um restinho de gazulina e a gazulina com esse negocio de relacionamento tá muito custosa de se arranjar. Dentro do fogo tem uns graveto de lenha o sino pôde acendê o fogo.
- Tudinha - Porque tu não vai acendi, negro, em vez de tá aí gritando?
- Juvencio - Já porque é que eu vou? Eu lá acendê o seu único não-deixô dizer que ele que lá fazê o café pro patrão. Eu só quero vê que café que ele vai fazê. Ele não sabe fazê café.
- * Porfirio - Chamaram pro café?
- Tudinha - Chamaram sim senhor. O sino vai indo lá pra dentro que nós já vamos.
- + Porfirio - Está muito bom, então eu vô. (passada)
- Tudinha - Dexa, dexa ele é que a velha vai dá uma correção nele que ele vai sei fino.
- Laura - Que julicaria, Tudinha.
- Tudinha - Julicaria é ele tá chutando os ovidos do pente a toda a hora. Chamro pro café? Chamro pro café? Não faz outra coisa ainda perguntá isso.
- Juvencio - Não vamos cantá pro patrão, dona Tudinha aquilo que nós faziamos?
- Tudinha - Aquilo era pra festa do aniversário, negro burro. A festa não vai se já, vai se pra otro dia.
- Silencio - Eu que-que-quero declamar um soneto em homenagem á volta do meu amigo Si-si-sidôca.
- Laura - (baixo) Misericórdia, que mania que esse homem tem de ser barraco de gente. Gago como uma engrenagem e com essa mania de declamar.
- Celestina - Eu vou ensinar uma valsinha do meu tempo pra tocar quando o patrão voltar. Vou lá pra dentro.
- Licurgo - Isso mesmo, dona Celestina. Uma valsinha do tempo dele é o que ele mais aprecia.
- Tudinha - Isso mesmo o pai gosta muito de velharia.
- Juvencio - Ih, lá vem a sua dona Celestina com as varsinha dela. (ouve-se a voz da dona Genêroza, longe, anunciando que o o seu marido e perguntando se ele que lá fazê o café pro patrão. Ela que o café estava servido e ela corre com ele pra sala.) Chá a patrão encanado com o seu saril e lá vem ela com a lata amarrada na cola.
- Laura - Eu sabia que ia dar nisso. A julicaria da tudinha.
- Tudinha - Eu fiz de proposito mesmo. Pra ele socogá com essa mania do café.
- Tonico - (entrando) O fogo tá aceso quando a água tivê fervendo eu vô fazê o o café. Vocês vão vê só que café que eu vô fazê. Um café como vocês nunca tomaram.
- Tudinha - Eu só imagino, quem não toma sou eu.
- Tonico - Melhor. Menor, não pra gastá. Lá olha a outra do burdo. Foi se metê lá dentro a velha deu uma correção nela.
- * Porfirio - Jisseram que o café estava na mesa e era mentira. Também a culpa é minha ter acreditado nisto. Café aqui sempre foi bomto.
- Tonico - Mas hoje não vai se. Hoje não vai se porque quem vai fazê o café é eu. É o senhor vai ver só que café.
- * Porfirio - Eu não vou ver coisa nenhuma que eu não estou para levar outra correção lá de casa. Se quiser que eu veja traga aqui.
- Juvencio - Como é, dona Celestina, a sinhora não vai insalvê? Daqui a pouco o patrão tá de volta e a sinhora dispola vai fazê fiasco.
- Celestina - Pois é, vou ensinar sim. Eu vou tocar duas coisas e a senhora escolhe a que a senhora achar mais bonita, dona Laura.
- Laura - Está muito bom, dona Celestina toque.
- Licurgo - (baixo) Não deixa ela tocar duas coisas não, Laura, quando ele terminar a primeira você diga que esta mesma serve pra gente não ter que estar ali com esta infecção. (Dona Celestina toca uma valsa antiga)
- Laura - Está muito bom, dona Celestina. A senhora toque essa mesma que o seu Sidôca vai gostar muito.
- Celestina - Agora a senhora escolhe a outra.
- Laura - Não precisa, dona Celestina, esta está muito bonita.
- Celestina - Mais eu toco a outra pra senhora ouvir.
- Laura - Não, não precisa esta mesma está bom.
- Celestina - Não não não não.
- Laura - (com raiva) Pois então toque.

(Dona Celestina correu a tocar na Luísa, qualquer, antiga e quando ela vai ao meio
lona Generosa brava de dentro aos gritos que parou a musica e que não se da que-
ram que o suicídio casa de luto pela irmã que era tão saipa toles e que morreu
há tão poucos dias).

Juvencio - Mãe prece! A patrão Sibb oraba. Também n'cent. não se atreva que ela
tava de luto. A gente aqui não tá acostumado a botá luto, é presara vez,
a gente se esquece.

Tudinha - Tudo isso é fita de velha só pra fingi pra gai que tá muito silitia com
a morte da titia por que el. deix' illibero pra gente. Si não tivesse deixado
nada ela mesma mandava a gente tacá. Essa velha é assim. É pra onle o m-
vento lá.

Tonio - Bom, agora cá entre nós, que não tá direito não tá direito, que illo,
ela era irmã dele.

Tudinha - Espera, espera aí que ele também tá bom frisuê.

Licurgo - Ele tá com quererão fazer nada, está pretadamente alguma coisa.

Tonio - Não se mate, não se mate.

Tudinha - Não é direito cantá. Gira só a fita dele.

Silvino - Não é direito fazer musica mas declamar eu acho que não faz mal.

Laura - Ah faz sim. Como é que não faz? Eu hebo a mesma coisa.

Silvino - Não senhora. É muito diferente. Musica os vizinhos escutam e declamação...
Tudinha - A gente escuta que é muito pior.

Laura - É que era que o senhor ia declamar, seu Silvino?

Silvino - Eu queria declamar a Volta de *Raimundo Corêa*.

Celestina - É muito bonito esse soneto.

Juvencio - É uma beleza!...

Laura - São o Juvencio, eu não conheço.

Juvencio - Eu tomeou não conheço, dona Laura.

Silvino - Assim: Como a ave que volta ao ninho antigo, depois de um longo e te-
nebroso inverno, eu quis tambem rever o lar paterno, o meu primeiro e
virginal berço. Entrei. Um genio carinhoso e saigo tomou na minha mão
(e passo a passo... Espera aí que eu estou meio es. uecillo. Um genio cari-
nhoso e saigo tomou na minha mão e passo a passo...). Não sei o que, não
sei o que... e passo a passo caminhô comigo. Depois o fim é muito bonito.
O preito jorrou-me em onias...)

Tonio - Não faz nada.

Juvencio - Não é eu nem tá fazendo nada seu Tonio, o sibb parece bobo.

Silvino - O preito jorrou-me em onias. Resistar quem tude? Uma ilusão genial em ca-
da canto, chorava em cada canto uma soidade.

Laura - (exuberância) que beleza!...

Silvino - Eu estou meio deixado de fizer sonetos estou meio esquecido. Mas eu lizen-
do umas cinco ou seis vezes eu vou me lembrando aos poucos.

Tudinha - É mas não precisa se lembrar não porque o senhor não vai dizer. A mãe já
encrencou com a musica não vai deixar tambem o senhor declamar.

Silvino - Que-que-que pena.

Tudinha - Que-que que sorte, digo eu.

Generosa - (entrando de dentro e fazendo um enorme espalhafato) Si vocês visse o
que aconteceu. Si vocês subessace o que o sibba se contô... preito! Eu
nem gosto de me lembrar. Sibb tola arripulada. (Tudo pergunta o que foi)
Foi imaginô, dona Laura, imagine lona Celestina o que podia té acanti-
cillo)

Sibba - O que podia ter acontecido não, o que aconteceu.

Generosa - Cala a boca, Sibba, eu tô falando.

Laura - Mas o que foi afinal, dona Generosa, eu fiquei curiosa.

Generosa - Vocês olhem pra cara do sibba e vejam si vocês nota alguma coisa.
(Silva) Vejam si vocês nota alguma coisa diferente. (Silva)

Laura - Parece o cabelo não tá normal, cabelo o seu Sibba mais rejuvenescido.

Celestina - Parece que está um pouquinho mais gelado.

Juvencio - O patrão tá que láte parecido com aquele albista jámxxxxxxaxxxax que se
chama Janis Grachei.

Generosa - Cala essa boca, agrinha, ninguém te pergunta teu parpito. Não é nada
digo que vocês dissero. Vejem que coisa palvorosa! O Sibba sofreu um
desastre de otomóvi quando vinha pra cá, ficou todo ferido e teve que i
pra um hospital fazê uma operação Siderurgica. **xxxxxentxxxxxixxxxxxxxxx
xx
xx
xx
xx**
(Admiração e curiosid. de de todos).

Sibba - Que operação Siderurgica, Generosa, não é nada disto. Operação plastica.

Generosa - Operação siderurgica ou operação plasta isso não vem ao caso. Seje como
seje tu teve que fazê uma operação. Pois esse condenado teve a obra
de não avisá nada pra gente. Que é que custava escrevé uma cartinha.
Ficô lá estirado no hospital como cão sem dono tendo a mulhé e os filho
que qu; tá bem ele.

- Juvencio - E eu tambem, patrões, a sinhora não se esqueça. Pelo caso de eu se de
cô ~~xxxxxxx~~ não tira. Eu tambem quero bem ele.
- Generosa - Não avisô nada. Ficô lá atirado como cão raloso.
- Laura - Mas é mesmo, seu Sidoca, o senhor devia ter mandado avisar. Mas afinal
como foi o desastre?
- Sidoca - Pois o onibus logo que saiu de Lages vinha correndo com grande veloci-
dade...
- Generosa - Cala a boca, dexa que eu conto. Tu não sabe contá direito. Pois disse
que eles vinha correndo com muita velocidade e quando chegô assim na vor-
ta do caminho vinha uma charlete assim...
- Sidoca - Charrete, Generosa.
- Generosa - Cala a boca, Sidoca, não interrompe. Pois vinha uma charlete assim na
contradição do caminho delas e eles não puderô para levar a charlete
por diante caíro dentro dum perão e foi aquelea salada de gente, de ca-
minhão, de charlete e disse que era grito, era choro era sangue era gim-
do. Disse que a sorte deles foi que ~~xxxxxxx~~ bem na defrontura
adonde isso aconteceu tinha um hospital e eles foram tudo pra lá. Ahí o
Sidoca disse que teve com as carne assim do lado da boca, ali nele, tu-
do arregaçado e fartando até pedaço - otros morrerô - ahí o doctor disse
que precisava fazê logo a operação. Levare ele pra cima duma mesa dero
um chero pra ele tomá disse que cortaro um pedaço de carne dele e bo-
taro ali adonde fartava. Esse home teve tanta sorte, veja como ficô.
- Tudinha - Mas onde pai que não se nota nada?
- Sidoca - Aqui minha filha.
- Tudinha - Não vejo nada.
- Laura - Eu tambem não vejo.
- Tonico - Eu tô achando que isso até é potoca do velho.
- Generosa - O que é isso, menino? Que farta de arrespeito é essa com o seu pai?
- Tonico - Eu tô brincando, mãe. Tinha graça que eu fôsse faltá o respeito ao pai.
- Licurgo - Mas francamente, seu Sidoca, a gente só percebe reparando bem. Está uma
coisa muito bem feita. Um trabalho de mestre. Note-se apenas um frisi-
nho muito suave em volta do local que foi substituido. Isso com o tempo
desaparece.
- Celestina - Eu não percebo nada.
- Tudinha - Que milagre.
- Sidonio - Seu Sidoca e de onde foi que tiraram uma carne tão igaulsinha á sua pa-
ra botar esse remendo?
- Sidoca - Dizem eles que foi de mim mesmo mas a questão é que eu não sei de onde
porque não dei falta de pedaço algum.
- Generosa - Vai vê que não foi e eles te enganaro.
- Juvencio - Capaiz de se de argum bicho patrões.
- Generosa - De bicho não era nada. Era pelfirivi que fôsse de bicho do que de otra
pessoa que a gente nem sabe quem é.
- Juvencio - Ah patrões não diga isso. Ere mais pior se de bicho. Lá adonde eu mora-
va acunteceu uma coisa assim com o filho do seu Liduvico e ~~xxxxx~~ ficô
fartando um pedaço do nariz dele aqui assim lá nele. Pois aí os dotô
butaro um otro pedaço e não disserô adonde que tinham tirado. Pois éia
patrões, depois que ele ficô bô não podia passá por um poste sem chera.
Tinham botado um pedaço de sarne de cachorro no vivente. (risos)
- Generosa - Pois é. Essas coisa de botá carne dos otro é ruim pur isso. Eu acho que
isso até nem igiste.
- Licurgo - Como não, existe sim, dona Generosa.
- Generosa - Mas Sidoca, vamo dimudá de assunto. Vamo felá um poco na tua ermã que
nóis nem falemo. Conta como foi que ela morreu.
- Sidoca - Não, Generosa, é melhor não falar nisto. Pra que ~~xxxxx~~ recordar agora
coisas tristes.
- Generosa - É mesmo, não é? A gente tá tão contenta. Coitado do Sidoca. Nóis fiquemo
tão sintido de tu té lá sosinho no meio daquela trsiteza. ~~xxx~~ Coisa tris-
te a gente perdê as pessoa de gente. Mas que é que a gente vai fazê, não
é? A gente tem que tê regeneração.
- Laura - É, sim.
- Generosa - Nóis pensamo tanto em tí no dia do teu neverssário.
- Juvencio - Foi mesmo patrões. Nóis intê inselhemo umas coisa pra depois cantá pro
sinhor.
- Generosa - Pois é mais hoje não que a gente inda tá de luto. Na quarta fera que
vam já fais um reiz a gente já póde tocá piano, cantá, aí nós festeje-
mo o neverssário dele. Já fica todos avissado, na otra quarta fera nós
vamo festejá o neverssário do Sidoca.
- Sidoca - Não é preciso, Generosa.
- Generosa - ué não é preciso, então tu não é o chefe da familia? Tem que se festejá,
oriessa.

UM SERÃO NA DONA GENEROSA

- Um programa de ROBERTO LIS.

(Ruído de muitas vozes que conversam)

- Generosa - Tudinha, minha filha, tu já serviu sanduichis pra dona Celestina?
- Tudinha - Ora mãe, não amola. Os sanduiches estão ali se a dona Celestina quiser ela se serve.
- Generosa - A coitada tá ali tão desabitada que eu acho que ela tá com fome. Tá tão seca, com uma cara de fome!
- Celestina - Não senhora, dona Generosa, eu estou satisfeita.
- Generosa - O seu gago, ^{um} qué mais chópis?
- Sidonio - Aceito, sã senhora. Mas gago não, dona Generosa. Eu tenho nome.
- Generosa - Eu sei que o sr. tem nome mas é que a gente assia dum repente não se lembra. Bobage o senhor tá fazendo quistê por uma coisa etôa. Tá o chópis.
- Sidonio - Mu-muito obrigado.
- Tonico - Mãe, tira aqueles doce ali de perto do seu Porfirio sinão ele acaba a bandeja.
- Generosa - Misericórdia eu nem vi que a bandeja dos doce tava perto d'aquele infameado.
- Licurgo - Não é a bandeja que está perto dela, dona Generosa, é ele que está perto da bandeja.
- Generosa - Pois é, mas eu tiro. Tiro porque eu não cuvidei ninguém pra vi na minha casa matá a fome. Pra isso o mercado tá cheio de restorantis. Além não é só o mercado, toda a cidade tá cheia.
- Laura - Ih, a dona Generosa depois que recebeu a herança da cunhada deu pra gastar o aliás, você já reparou, Licurgo?
- Licurgo - Ela está convencida que é grãfia.
- Laura - O melhor você não reparou. É que ela está dando festa mas cobertinha de luto.
- Licurgo - Pois ela não disse que tinha tanta vontade de botar luto? Si ela ia perder uma ocasião destas.
- Tonico - Mãe, passa essa bandeja pra cá pra oferece pro pessoal da orchestra.
- Generosa - É mesmo, coitado dos vivente, eles tão tocando pra gente se divertir tem direito de cumê. Tá, passa lá pra eles. Mas olha Tonico, depois que eles si selvi, bota ela prá cá di novo. (baixo) A gente tem que tentiá sinão eles come tudo depois os convidado não tem o que cumê.
- Celestina - É, sã. Essa gente é danada pra comer.
- Generosa - Misericórdia, dize eu i lá depressa que o seu surdo já tá lá na bandeja dos sanduiche.
- Tudinha - Meu Deus, mãe, deixa o homem cumê. Os sanduiches e os doce tão aí prá isso.
- Generosa - Deixa uma óva. Quem paga não é tu, por isso que tu diz deixa.
- Tudinha - Trá que é que tu mandaste fazê isso, não foi prá cumê?
- Generosa - Foi prá cumê mais não foi prá diverá. (gritando) Chega, seu surdo o senhor vai té uma dedigestão.
- Porfirio - Como disse?

- Generosa - Pro cinhor não cumê tanto que vai tê uma digestão.
- Porfirio - Não ouvi bem. Está muita algazarra. Faça o favor de falar um pouquinho mais alto.
- Generosa - (gritando) Digestão. Não sabe o que é? O cinhor pode tê uma digestão.
- Porfirio - Mãe digestão? Não senhora. Tenho muito boa digestão. Eu tenho um estomago de ferro. É como se costuma dizer: um estomago de avestruz. Eu sou mexac que a avestruz.
- Generosa - Pois é, mas aqui não é jeldim joldis. Para de cumê que eu não mandei fazê isso prá matá a fome de ninguém.
- Tonico - Mãe, olha já o pai do chop.
- Generosa - (rapida gritona e autoritaria) Sidôca! Tu não bebe isso. Eu já te disse que não queres que tu tomês chópis.
- Sidôca - Não faz mal, Generosa, é um copinho só.
- Generosa - Não tem nada de um copinho só. Tu não tomas chópis que eu não quero. Eu já te disse que tu não butasse a mão na bibida. Tu tá de fazendo de bobo.
- Laura - Hoje é o aniversário dela, dona Generosa. Um pouquinho não faz mal. Deixe ela tomar.
- Generosa - Não deixo coisa nenhuma. Dispois quem se arranja só eu. O Sidôca é mesmo que criança, dona Laura, não pode tomá nada de noite.
- Licurgo - Também, Tonico, tu foste umso com o velho. Não tinhas nada que chamar a atenção da dona Generosa. Devias ter deixado ele tomar.
- Tonico - Não deixo. Ela anda jogando de bandido oculto., não quis me deixar comprar uma blusa de couro na agora vou as ríngá. Qualquer coisa eu tô fazendo trançinha com a velha.
- Laura - Mas o pobre do homem ainda nem recebeu o dinheiro, tu já queres dar facada?
- Tonico - Não recebeu mas tá garantido. Pensa que a velha pagô isso tudo? Isso tudo já foi no fiado contando com o ovo que a galinha vai botá. Eu também podia comprá a blusa fiado.
- Licurgo - Ela dá depois, quando receber.
- Tonico - Dá burduada. Vê mesmo que a mãe vai dexá dinheiro na mão dele. Ela vai segurá tudo que depois pra arrancar qualquer coisa vai sê um buraco.
- Tudinha - Eu já arranquei na vestido e uns sapatos novos. E tu vai vê como indo vê arrancá muita coisa. Tu não sabe pidi. Tu pede ele diz que não tu sai logo com disaforo. Fazê como eu. Chora. Quem não chora não mama. Eu peço, imploro...
- Tonico - Ah, não. Implorá só a Dêas.
- Tudinha - Quem tem jeito prá tirá as coisa é esse negro. Esse negro é sabido. Olha, Laura, ele já ganhou muita coisa, mais do que nós.
- Juvencio - Tombem a dona Tudinha e o seu Tonico não sabe apoiá a dona Cinzirosa. eu as veiz to vendo que dia tá negociando as coisa, tá quebrando o corpo mas eu tô indo prum lado e pra outro acurponhendo as vorta dela. Di repanti pegô ela mesmo a jeito e tá. Olá, cullado que ela vem aí. Baco falá otra coisa.
- Generosa - Negrinho que é que tu tá fazendo aqui ao meio das branco, intreduzido?
- Juvencio - Tô recebendo os copo selvado, patroa.
- Generosa

- Generosa - Vocêis aqui tá servido? Óia eu não quero que depois saiam da minha casa dizendo que passaram fome, quem convida dá banquetis. Sempre ovi aisé.
- Licurgo - Não estamos satisfeitos, dona Generosa, -satisfetíssimos.
- Generosa - Prove esses sandiviches, dona Laura.
- Laura - Provei, dona Generosa. Estão muito gostosas. Foi a senhora mesmo que fez?
- Generosa - Não senhora, dona Laura, eu agora não faço mais nada em casa. Dá muito trabalho. A gente tem tudo pronto pra que fazê? Mandei vim de Confeitaria. Mandei fazê 100 sandiviches de queijo, 100 de mortadela e 100 de patê de fuá chã. Ele queria fazê também sandiviches de encofre mas eu não deixei. Óia que é muito melho mas eu não quiz sabê. Nem ovi dizê que se cumusse isso.
- Laura - Pois é. Está muito chito o seu vestido, dona Generosa, agora é que eu estou reparando.
- Generosa - Tá, não é? Eu também achei.
- Laura - A senhora mesma que fez?
- Generosa - Não senhora, dona Laura, eu agora não costuro mais. Comprei pronto. Eu já tava muito deixada da costura porque as vista da gente cansa, não é? Mas fazia porque nunca as costurera sabe fazê dereitinho como a gente qué. Agora eu resolvi de compra pronto. A gente gasta um pouco mais mas em consideração escolhe o que qué e não se incomoda.
- Laura - Pois é.
- Generosa-- Tinha um muito chics com a saia lisa e o corpo todo em plissé mas eu preferi esse com o corpo liso e a saia impreguinada. Mesmo o otro ficava muito coliante na pel do corpo o Sidóca não gostô.
- Laura - Este é muito bonito.
- Tonico - Mãe, olha lá o pai.
- Generosa - (gritando) Sidóca, sortia esse copo aí, iscomungado. Tu vai fazê eu in-da fazê fiasco hoje aqui.
- Sidóca - Do-do-dona Generosa, a culpa foi minha. Eu que convidei o seu Sidóca para me acompanhar num chopesinho.
- Generosa - E ele acompanho de semvergonha que ele é porque ele sabe que eu não quero que ele beba.
- Sidóca - Mas ele não queria. Eu é que insisti. Não é verdade seu Bento?
- Bento - É fato.
- Sidonio - Ele não queria.
- Bento - É exato.
- Generosa - Pois é, pois si ele bebê otro chópis ele vai se acitá logo logo. Ele sabe que não pode bebê. Tá bebendo de semvergonha que ele é.
- Sidonio - Ma-ma-mais fui eu que insisti.
- Generosa - Pois é, pois o senhor é otro porque o senhor também sabe que eu não quero que ele beba.
- Pepa - Permiso, señora?
- Generosa - Óia é dona Pepa. O Juquinha também. (algazarra geral. todos cumprimentas os recém vindos e orivam-nos de perguntas. * ela sobre a viagem e a ele sobre o estado de saúde.)
- Pepa - Bueno, bueno dejem-me ahora saludar el aniversariante. Adonde está el hombre?

- Sidóca - Estou aqui, dona Pepa.
- Generosa - Te desentoca, home, vem arrecedê os cumprimento das visita. Que home esse!
- Pepa - Don Sidóca. Yo Josefa Margarita Alcaparra Gutierrez y Hernandez, tengo el honor de saludar-lo en el día de su aniversario, deseando que todas las cosas buenas y agradables de la vida los cielos las envíen a usted.
- Sidóca - Muito obrigado, dona Pepa.
- Generosa - Coitada, não melhorô nada.
- Juquinha - Seu alvides, agora toca a minha vez de abraça-lo. que todos os seus anhelos, todas as suas ambições, todas as suas vontades possam ser satisfeitas pelo divino creador de todas as coisas.
- Sidóca - Muito obrigado.
- Tonico - E pré dona Pepa, nada?
- Juvencio - Tudo.
- Tonico - Então cumé, cumé, cumé?
- Todos - Rá - rá - rá tchim bom! (destacando o nome dona Pepa. (palmas.)
- Pepa - Muchas gracias a todos pero sé que no mereço tantas manifestaciones. Además así, en general.
- Generosa - Deixa o general, dona Pepa, não vamo falá de guerra. A gente tá aqui se divertindo pra que se elembra de coisas triste. Já chegou que otro día a gente teve esse disgosto tão grande de perdê a ermã do Sidóca e pobresinha que era tão amiga da gente, que a gente quiria tanto de bem ela.
- Pepa - Es verdad, señór, no le he apresentado mis condolencias, todavia.
- Sidóca - Muito obrigado, dona Pepa.
- Celestina - Ficou bem bom o seu pé, Juquinha?
- Juquinha - Felizmente sim, dona Celestina, mas custou-me de bocado. Fiquei mais de um mez em absoluta inabilidade. Tambem o medico prohibiu-me de qualquer esfôrço. Estou pezarozissimo. Vou ter que interromper os meus bailados pelo menos por dois ou tres mezes.
- Laura - Que pena e vooô já estava progredindo tanto, não é Juquinha?
- Juquinha - Multissimo, dona Laura. A professora estava entusiasmadissima comigo
- Generosa - Isso foi oího grosso, Juquinha. Te garantio que foi. Agora quando tu dançá otra vez bota bem sintido pra não te acustecê ~~otra vez.~~ ^{o mesmo colte}
- Juquinha - Crédo, dona Generosa, nem digo isso. Longe vá o negro.
- Generosa - Pois é, meu filho. agora quando tu voltá tu paga um palinho de arruda ou de levanta e bota distraiz de orelha ou de mão dentro dos bolso. É muito bõ.
- Pepa - Dona Generosa está sui bien ahora. Aste me parece que se quedô mais joven.
- Generosa - O que é que ela disse?
- Licurgo - Que a senhora está muito boa, que até parece que está mais joven.
- Tonico - É que agora a mãe tá usando modelador.
- Generosa - Mintira, dona Pepa. Cala essa boca, altido. A sinhore acha, é dona Pepa?

- Pepa - Ha mejorado muchissimo. No es la misma, ahora.
- Generosa - Meu Deus, dona Pepa, a sinhora recém chegou e já qué sabê a hora. É cedo. Hoje ninguém sai anti das duas hora que foi a hora que nós contradeamo a orchestra.
- Pepa - No es eso, señora. Usted no ha comprendido lo que yo he dicho.
- Generosa - (baixo) Colhada, eu tenho uma pena da dona Pepa. Cada vez piora mais. Não qué se tratá. Agente tudo o dia tá dizendo.
- Sidôca - Generosa, oferece alguma coisa para a dona Pepa e o Juquinha que eles ainda não tomaram nada.
- Generosa - Já vô oferecê. Não precisava dizê que eu não ia me esquecer. O Sidôca parece bobo. Os vivente recém intrô ele já qué que a gente bote a cumida pela boca abaixo. Vea, dona Pepa. A sinhora perfere vinho ou chôpis. Tem um vinho de laranja muito bom que o seu Bento trouxe pra ele de presêta.
- Bento - É reto.
- Pepa - Bueno, entonces vamos a probar-lo. A los monos no le ofrescam bananas.
- Generosa - Banana não tem, dona Pepa. Tem vinho, chôpis, tem doce, sandivieho, tem muita coisa mas banana não tem.
- Pepa - Bueno, vanga entonces el vino ou el chopp. (baixo) Explicar-lhe que se ha equivocado es lo mismo que hacer mayorla confusion.
- Generosa - Vem, Juquinha, vem tomá alguma coisa. Tu tá aí de bico seco.
- Juquinha - Obrigadinho, dona Generosa. Eu acito um docinho mas chopp não. A senhora sabe que eu sou anti-alecolico.
- Pepa - Yo tambien soy contra el alcohol, por eso que lo bebo todo para ver se lo termino.
- Generosa - Então vem, meu filho, vem.
- Juquinha - Pois não, dona Generosa. (passos)
- Juvencio - O seu Joquinha com o pé lastiando parece aqueles gury quando anda de patinete nas garças.
- Tonico - Eu fiz um serviço que vocês todos vão me agradecer depois.
- Laura - O que foi, Tonico?
- Tonico - (baixo) Rabentei duas cordas do violino do Juquinha pra ele não arranhá os ovido da gente.
- Licurgo - Mas ele veio de violino?
- Tonico - Si veio. Deixô ali no corredor e eu já fiz o serviço nele.
- Juvencio - A eu é que vô levá as culpa, vocês vai vê.
- Tonico - É lá a boca negro, a conversa não chegou no cozinho.
- Laura - Oh, olha lá o gago servindo chopp pra dona Pepa.
- Juvencio - Hoje vai tá.
- Generosa - Pronto, deixei aquelas dois lá cozendo e já tô de volta. A gente tem que atendê a todos, não é? Um bucadinho pra cada um.
- Laura - Ah, pois é.
- Generosa - Imagina, a dona Pepa disse que me achô mais doce.
- Laura

- Laura - Não, mas a senhora está mesmo, dona Generosa. Eu já tinha dito ao Licurgo.
- Generosa - Eu ainda não me arrumei bem direito, dona Laura. A minha ve, não pode ser tudo num repente. Tem que ir indo aos poucos. Agora eu mandei fazer esse vestido e comprar essas sapato.
- Celestina - Muito bonitinhos.
- Generosa - Eu queria de vidro mas não tinha pro tamanho do meu pé. Mandei fazer aquele chapéu de ~~veludo~~ tava na moda - aquele que as viúvas usam - e agora si Deus quiser assim que o inventar fique pronto e a gente já p possa arrecodar algumas coisas eu vou mandar arrumar a minha boquinha. Vou distrair as raiz e vou está mais pivô com uma pontisinha.
- Tonico - Mãe, eu acho que ponto aí pra ti já é do resultado. Eu se fosse tu botava um viaduto.
- Generosa - Cala essa boca parado. Dáxa de se mitido que ninguém te chama nos assuntos. Eu tô aqui falando com a dona Laura e a dona Celestina, não é contigo. Tu tá fazendo trôça de mim, não é, pois fica sabendo que quando eu era moçinha a minha boca era um céu aberto. Toda cheia de fios de ouro. Dispara os dentes vai agindo, a gente não podia tratá, não é dona Laura.
- Laura - É, sim.
- Generosa - Vai perdendo, vai perdendo, fica assim. Mas si Deus quiser Senhor quizer eu ainda é de tê a minha boca.
- Tonico - Mas mãe, boca foi o que nunca te faltou.
- Generosa - Oh, ingenerado. Cala essa boca, já te disse, misericórdia, lá tá o seu surdo outra vez nos sanduiches. Esse nome vai adocô. Dáxa í lá. (para si)
- Fadinha - É porque eis vai adocô que eis vai lá, não é por causa dos sanduiches.
- Laura - Como é, Juquinha, comeu bastante?
- Juquinha - Eu sou de pouco comer, dona Laura. Satisfaço-me com pouco. Dois ou tres sanduiches e um docinho acomoda perfeitamente o meu estomago. Foi só o que comi, não é verdade seu Bento?
- Bento - É fato.
- Juquinha - A dona Papa é que ficou lá com o seu Sidonio comendo e bebendo.
- Bento - É exato.
- Juvencio - A dona Custiana hoje vai ficar daquele jeito. A eis é de má bebida. Daqui a pouco tá parando patrula cá gente.
- Juquinha - Eu já tive o cuidado de pedir ao seu Sidonio que não deixasse eis beber de mais.
- Fadinha - É, eis vai cuidar. Tomara eis quem beba com eis. Não demora muito tão os dois com a perua vestida.
- Porfirio - A dona Generosa hoje está de implicancia com os lugares onde eu me para. Si estou aqui eis me manda pra lá si vou lá eis me manda para aqui. Eu não sei onde hei de ficar.
- Licurgo - Eu sei. Longe dos sanduiches. O sr. ficando longe dos sanduiches e dos doces eis não lhe incomoda.
- Porfirio - Como disse?
- Licurgo - Não disse nada.
- Porfirio - Não ouvi.
- Licurgo - Não era pra ouvir mesmo. (gritando) Eu não disse nada.

- Perfírio - Porque não quiz. Tem muita coisa lá. E os sanduíches estão muito bons. Aproveite antes que se acabem.
- Licurgo - Está bom, vou aproveitar.
- Juquinha - Vocês repararam que o surdo hoje não dormiu?
- Juvencio - Pois sim que ele ia dormir perto dos aumê. Tá o olho e boca bem aberta. Já cunha que nem friere.
- Tonico - Esse negro tá chato, pensa porque tá de rosa nova que tem o direito de tá se atendo as conversas dos branco.
- Juvencio - É o sinhô depois que a dona Generosa arrebebeu o parquinho da irmã do patrão ficou todo jurgado e deu pra invosá aumigo. O sinhô ante não era ansim.
- Tonico - Cala esse boca e dá o fora. Vai prá cozinha que é o teu lugar.
- Juvencio - Essa gente tá tudo ansim agora. Inté a dona Ginírosa. Ele já não mi chama mais de negrinho nem de criado. É lacrão.
- Licurgo - Sou tola!
- Juvencio - Disse que quando nós si dimôrá de casa que ela vai comprá uma coisa que ele leu nos romance dos folhetim que nos casa de gente rica tem, por nome libré. Tu nem sei o que é isso.
- Licurgo - Ah, libré, ela disse que me te comprar libré?
- Juvencio - Disse. O que é isso em seu Licurgo?
- Licurgo - Libré é uma farda com galões e botões dourados.
- Juvencio - (contente) É seu Licurgo? Ah também se ele se comprá de verdade, quando eu passá pelos outros nego na rue vo fazer um orguiol!
- Generosa - (chegando) Como é, Juquinha, tu tá satisfeito?
- Juquinha - Estou sim, dona Generosa, muito obrigadinho.
- Generosa - É o teu péssimo já té bom bossinho?
- Juquinha - Felizmente sim. Ainda não tenho muita firmeza mas este eu a adquirirei em poucos.
- Generosa - Pois é, dia pouco vem vindo.
- Juquinha - E depois de toda essa massada do pé tive ainda um grande transtorno no nervo simpático.
- Generosa - É, o Sidôce teve uma vez mais foi um intepetico. Tu nem sabia que isso existia. Como hay duença, credo. Outra que eu também não conheci era a tal de minabétis. Foi do que morreu a irmã do Sidôce, a felicitada. Ih aí vem a dona Pepa de braço com o seu Si-si-Sidoncio.
- Juvencio - A dona Castiana de braço com o seu pago é coisa. Eu tô dizendo deis de já hoje que hoje vamo tã.
- Generosa - Também, Deus me perdoe e não me castigue que eu inde posso viuvá e me casá com um nome assim mas também só mesmo pela última das necessidades.
- Pepa - Don Sidonio es estupendo. (aviso embriagada) Es el mejor y mas guapo muchacho que he conocido en todos los tiempos.
- Sidoncio - Mu-muito obrigado, dona Pepa. A senhora é muito gentil.
- Pepa - Yo solo digo la verdad. Si lo digo que usted es guapo es porque usted es guapo.

- Porfirio - O que é que a dona Pepa está dizendo?
- Pepa - (falando bem alto mas meio arrastado) - estoy a decir que don Sidonio es el muchacho mas guapo que he conocido.
- Porfirio - Como dissa?
- Pepa - Guapo. Ha ha eschchado, todavia? Guapo.
- Porfirio - Ah, sin guapo. Banti o cachiro agora. Mas é guapo misturado com aguardente.
- Pepa - Pero que cosa. Es este y la otra. Bueno, no le haga caso el pobre está borracho. (soluço)
- Juquinha - Pronto, eu bem não queria que a dona Pepa ficasse lá sosinha. Eu sei que ela não se convém.
- Bento - É feito.
- Juquinha - Eu em tanto que pedi no meu Sidonio que reparasse por ela.
- Sidonio - Eu reparei mas ela quis beber, pediu um tanto gelatinho eu não tive coragem de recusar. Isso é uma vez na vida. Outra na morte o que é que tem que a contadinha pega?
- Generosa - Credo! Manará isso. Só me dá uma pessoa delirante das indas como a dona Pepa.
- Pépa - Don Sidonia: Yo, Pepa Margarita Alcazar Gutierrez y Hernandez,
- Tunico - Pronto. Té pra ela, hoje.
- Pepa - Galla-te la boca idiota.
- Juvencio - Quando um burro fala o outro surcha de creia, seu Tunico.
- Pepa - Mui bien, Juvencio, mui bien.
- Tunico - Muito bem, sim, porque agora ele disse umas coisas acertadas.
- Generosa - **Cala** a boca Tunico, não responde pra dona Pepa. Tu té vindo que ela não tá bem agora, vai te metê pra depois a gente vê que se incomodá.
- Tunico - Não obstein, não, vai cuidar de sanduiches que o seu Porfirio já foi pra lá outra vez.
- Generosa - Esquecida! (afastando-se) Esse nome é a minha deferença. (passa)
- Pepa - Don Sidonia: Yo, Pepa Margarita Alcazar Gutierrez y Hernandez, vieja amiga de su casa, la mayor admiradora de su persona resignada, no puedo dejar de decir...no puedo dejar de decir...no puedo dejar de decir... (outro tom) ¿no es lo que no puedo dejar de decir?
- Juquinha - Nada, dona Pepa, nada. É melhor a senhora não dizer nada. Muito melhor, até. É seria melhor também, que não bebesses mais nada hoje porque eu não poderei leva-la no colo até em casa.
- Tadinha - É dormi na minha cama hoje eu não aguento. Ela que não pense, não.
- Sidonio - Eu estou aqui para leva-la. Ela irá nos meus braços.
- Juquinha - Venha, dona Pepa, venha sentar-se aqui. Quando a senhora fica melhor.
- Pepa - Pero yo queria hablar primero.
- Juquinha - Mas a senhora não está com condições de falar.
- Sidonio - Falarei eu então.

- Papa - Mui bien, mui bien. Usted es un caballero, don Sidonio.
- Laura - Me castigo, meu Deus, ouvir esse homem falar. Boa coisa a dona Pepa nos arranjou.
- Sidonio - Pe-pe-pego então a palavra.
- Porfirio - (baixo) Ela está me perseguindo hoje. Já me mandou pra cá outra vez.
- Sidonio - Peço dois minutos de silencio que eu vou falar. (Sidonio fala sendo muito aplaudido)
- Laure - Puxa, graças a Deus que acabou. Eu já estava suando de cansado.
- Tudinha - É uma coisa horrerosa. A policia não devia dexá gente assim vi a festa de aniversario.
- Tonico - Não devia dexá nem saf na rua.
- Celestina - Eu tambem quero homenagear o seu Sidão. Vou cantar uma valsa oferecida a ele. (Todos aplaudem menos Tudinha e Laura que resmungam baixinho) (Celestina canta sendo muito palaudida ao terminar.)
- Generosa - Depois mais adiante eu vô fazê uma surpresa que eu preparei. Não digo o que é, depois vocêis vê.
- Laura - O que será, meu Deus.
- Juvencio - Patrão, peço a palavra.
- Generosa - Mais esse negro não se enxerga?
- Juvencio - Nesta dia grorioso que faz ano o meu patrão eu quero tambem trazê a minha omirde ardadação que Deus le dê muitas vida e muita filicidade são os voto de Juvencio, seu amigo de verdade que a vida intera le seja de muita satisfiação acompanhado dos fio e a muié do coração. A todos nós supriquem pra sinhora o Ruzario que arripita muitas veis esse seu arreversario. Com saúde e alligria e dinheiro nos bolbotão. Pétula de rosa na estrada e tudo quanto hay de bão. (muitos palmas)
- Generosa - (orgulhosa) Isso é itrado das ideia dele por ele mesmo. Esse negrinho si pudesse istudá inda ia sê gente. É que a cor não ajuda.
- Laura - Óim senhor, seu Juvencio, meus parabens. Muito bonitos os seus versos.
- Licurgo - Não é nada, não é nada-era um poeta que estava escondido aí.
- Tonico - Bom, agora eu e a Tudinha tambem vamo cantá um troço pro pai.
- Juvencio - Eu tambem entre não é meu Tunico?
- Tonico - Tu entra aím, ^{lá} pra suzinha.
- Generosa - Vem o coitadinho intrá. Não faz caíso, negrinho. (explicando meio baixo) Eu não gosto de dá confiança aos laocio, dona Laura, mas esse é deferente, essa é da familia da gente a bem dizê. A gente que bem eis. Si a sinhora visse como o coitadinho chorô quando a ermã do Sidão morreu, a falcida. Tambem ela era muito boa pre ele. Coitadinho ela era boa pra todos. Cantem.
- Tonico - Esse negro chuto em tudo tem que se metê. Mete lá, Tudinha. (cantam os tres o feliz aniversario, sendo ao terminar muito aplaudidos por todos)
- Sidonio - Tambem agora eu vou cantar uma coisinha.
- Generosa - Não, chega. Não vai cantá coisa nenhuma. Ninguem mais vai cantá. Agora eu vô apresentá a surpresa que eu disse e depois a gente vai dançá um pouco que a gente não vai tá pagando a musica pra não apruveitá

- Faz tempo já que eles vão porrás. Degrinho vai buscá aquela bandeja que tá lá no guarda-cumida.
- Juvencio - Mãe, senhora. (passos)
- Laura - O que será que vem aí, meu Deus.
- Celestina - Eu estou curiosa.
- Juquinha - Eu também, confesso que estou sentindo curiosidade.
- Genico - A curiosidade é própria das mulheres.
- Generosa - É, as mulheré é que leva a fama mas deixa que hay muito home curioso. -u sei muitos caso.
- Laura - Meu Deus!
- Juvencio - Pronto, patron, tá aqui a bandeja.
- Laura - Pastéis! Foi a senhora que fez, dona Generosa?
- Generosa - Não, dona Laura, eu já disse pra senhora que agora não faço mais nada em casa. Mando fazer fora. Quando a gente precisava a gente fazia, saia mais barato. Agora não ha precisão a gente manda fazer.
- Porfirio - Uapa! Pastéis!
- Generosa - (gritando) É, pastel mas o senhor espera que eu vo fale primeiro. Tem um desses pastel que tem um chéquis dentro. Aquelle que tirá ele tem direito a arrecebê o premio que tá escrevido no chéquis. O premio é muito bom, tô avisando.
- Licurgo - Pastela com chéqui! Boa bola.
- Generosa - Todo tirá um seu Licurgo. A senhora dona Laura. Tire dona Celestina.
- Porfirio - Eu também quero um.
- Generosa - Para aí infemiado. Toma. Tire um Juquinha. Tá seu gago, tire. Tire um aí pra dona Pepa.
- Sidonio - Está aí meu benzinho, um pra você.
- Pepa - Graças, Muxos graças.
- Generosa - Tá seu Bento, tire. Juquinha, Tanico, pode tirá.
- Juvencio - Eu também, patroa?
- Generosa - Um é meu, si não farta mais ninguém, ah farta o Sidão. Toma. Tá, tivesse morte sobre os prá ti. Como é? Os que já quero não acharo nada?
- Laura - No meu não tinha!
- Celestina - Nem no meu.
- Juquinha - No meu tão pouco.
- Licurgo - O meu e o de Laura estavam brancos.
- Genico - O meu também. Como é esse chéqui não?
- Generosa - É um calçõesinho azul, durinho, assia desse tamanho.
- Juquinha - Vamo vê quem é que tiró o pastel premiado o seu não foi. Foi o seu dona Pepa?
- Pepa - Não. Al mio tenia solo acoltando.
- Generosa - E o seu gago não tinha nele?
- Sidonio

- Sidonio - Tinha sim senhora. Tinha carne guisada.
- Generosa - NÃO é isso que eu tô priguntando. que novidade. que tinha carne sei eu.
- Sidonio - Ma-ma-mais o cartõsinho não tinha não senhora.
- Generosa - O do Juvencio tambem não foi.
- Porfirio - que recheio puzeram nestes pastais?
- Generosa - De carne, porque?
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) De carne, porque?
- Porfirio - Puxa!...que carne dura. Qu mastiguei, mastuguei, e custei a engulir que foi um horror. Parecia sola.
- Generosa - Vai ve que esse desgraçado enguliu o chéquis que tava no pastel dele. Tambem se ele enguliu eu não pago. -i não tivé bom derstitinho o que eu escrevi no cartão ele perdo o valor.
- Audinha - Tá bom, pessoal, já que o cheque não apareceu vamo danzá. Toca aí ch pessoal da musica. (rompe uma marchinha tocada por piano, violino, desafinado e pandeiro. Todos começam a dançar, fazendo algazarra, comentarios, gargalhadas, uns convidando os outros para dançar e o gago dando vives aos seu Sidóca que todos respondem. O microfone vai se fechando aos poucos até cortar a irradiação.)

Fin.

24-6-42
 H. C. ...
 (Circular stamp with text: "CASA DE CULTURA DO BRASIL")

- Generosa - Dona Pepa, se assente. A Senhora que creacô?
- Pepa - Não, senhora, graciada; estoy a gusto, não se moleste.
- Generosa - O que é que ela disse? quem é que tá com noçaceta molesta? O Augusto? Nossa molesta virgula que eu graças a Deus não tenho nada. Tô bem forte, bem rebusta bem bela. A sua molesta, isso sim. Bastante que eu tenho dito pra Senhora que a Senhora deve de se tratá, a Senhora não quê. Depois não quê flogô molinha e vai batendo o nome do outro, levando os outro de cambalhada. Não vem, não. Vai prá longe com o agoro. Nossa molesta. Nossa molesta umas pívica. Vá saindo! Ora do em cruia!
- Pepa - Señora, que pudes hacer-lo para que me entienda? Hablar mas despacio es lo mismo y hablar mas alto queda en lo mismo y sacrifico a mis pulmones.
- Generosa - Viu coitada? Fizero meus despacho pra sacrificá os porcão da proxima. Hay gente muito marvala. Hay gente pra tudo nesse mundo. Por isso que eu digo: muita gente não creita em batuquero mas eu torcedito.
- Tudinha - Mãe, deixa de dizê besteira, que não é nada disso que a dona Pepa tá dizendo. A Senhora não entende nada e qué se metê de satichonar. Fica quieta que tu tira muito mais vantagem. Sa boca calada não entra moço. Cala a boca.
- Generosa - Tu não te enxerga de me mandá calá a boca? quem é tu aqui pra me mandá calá a boca? Tu precisa vê que eu só a tua mãe e a dona da casa pra tu vir mandá eu calá a boca. Nem tu nem ninguém tem o direito de mandá eu calá a boca aqui. Falo quanto quize e tu não tem nada que vê com isso. Tinhosa! Arritinida! Aguaritada!
- Tudinha - Tá bom, mãe, que papá fala. Diz todas as besteira que quize que eu mesmo é que não tô me importante. Qué servi de troça proa outro pois então serve.
- Generosa - Mercriada! Lacerainha! eu tenho um sentimento de tã esseos filho assim que a Senhora nem imagina, dona Laura. E a gente faz tudo proa eles se bem inuocado. Ancestra as coisa, aponta, faz vê...
- Laura - É uma questão de temperamento, dona Generosa.
- Generosa - quem vê pensa que a gente não inuoca. que é isso, Tonico? Apaga esse forfi. Tu não acende mais traque aqui dentro tu vai vê como eu faço o teu pai fazê tu te delatá.
- Tonico - Ora, mãe, será possível que a gente não tenha nem o direito de brincar?
- Generosa - Isso não é brincadeira, é estupidez. Tu já sortô um af que queimô a pel da Dona Celestina.
- Celestina - A minha rica raposa que minha foi presente do feliciao.
- Generosa - Pois é, um obejeto de istimação que a outra tinha. Acende esse traque aí que tu vai vê. Ora, negro, tu também. Tu pensa que eu não tô te vendo o teu geito?
- Juvencio - Ué patroa, o que é que eu fiz?
- Generosa - Não te faz de ingenuo não que não adianta. Tu pensa que eu não tô vendo o teu geito. Eu já tirei os forfi do Tunico e ta foi lá dentro bussá outro. Deixa vê essa forfi prá cá.
- Juvencio - Ué patroa, eu não tenho forfi nenhum.
- Generosa - Passa esse forfi prá cá, Tunico, ania.

- Tonico - Eu não tenho nenhuma, mãe, não há só chata.
- Generosa - Então eu não te vi com o forff na mão, Tonico?
- Tonico - Foi o que Sidônio acendeu o cigarro dele que eu ia a revolta.
- Sidônio - Fo-fo-foi o meu sim senhora, que eu me pediu a eu sei.
- Generosa - Pois não devia ter sido, deu de introduzido que o senhor é. O senhor conhece o Tonico devia saber que pra boa coisa não havia de ser que ele queria o forff.
- Sidônio - De-de-desculpe, eu não podia adivinhar. Si eu tivesse esse dia não andava pensando na vida.
- Generosa - Pois é, generoso e fazendo os outro paná. (Mia voz) quando ele disse beste de quem Sidônio, sobre das vivente que são obrigado a ovi.
- Liourgo - Eu pensei que o senhor hoje fosse fazer uma fogueteira, dona Generosa.
- Generosa - Pois era essa as minhas tenção. Alctas não pode fazê seu Liourgo. Não achoo cada ainda prá se mudá e o patio aqui é muito diminuto, depois tá muito martelado, a casa não é da gente o senhor sabe, a gente não vai tá gastando prá fazê obra. Tudo procurando casa. Assim que a gente achá umas nas condição que eu pertencia, a gente se dianda. Ai eu faço uma festa bem bonita. Com dança e tudo.
- Laura - Já ficou resolvido o negocio do inventário da sua cambala, dona Generosa?
- Generosa - Ainda não, dona Laura. Tá na mão dos advogado e os advogado a sihora sabe, são muito remoso.
- Laura - É, sim.
- Juquinha - (gritando) Não, Tonico, não faça isto. Dona Generosa, pelo amor de Deus me ajuda, olhe aqui o Tonico quer botar um foguete nas minhas pernas.
- Generosa - Tonico! Tu assuega, diabo do inferno, tu qué dexá o outro loco? qué dá trabalho pra gente? Tu sabe que o coladinho e felastico tem coragem de fazê uma julinha desse, escumagado! Sidôca, oia o teu filho, Sidôca, bota sintido no que ele tá fazendo, tu não oye?
- Sidôca - O que é Generosa?
- Generosa - (arremedando-o) O que é Generosa? Plasta do inferno. Um ome tamanho de grande, tão bananão, tão bestrato. Si agarra nesta porcaria desse jornal que não etina mais nada. Larga isso, salmoso! Esse nome tira até a gente da paciencia. Agente até se esquece que tá na presença das visita. Mas por Deus do céu que a gente fica orateia com um boss desse. Tira essas pelna pra lá. Sudenta essas oiforas que tá com os cordão aparecendo pur debaixo das carpa, porcaihão, rilaxado.
- Tudinha - Puxa, mãe, que tu hoje tá que é um carretel vazio. Não tem um pouquinho de linha.
- Generosa - É só isso que tu sabe fazê. Ricriminá a tua mãe. E dexá de fazê as coisa pra incomodá isso tu não sabe.
- Juvenio - Patroa, o fogo tá quagi apagado e os pinhão ainda não tá bem cozido. A lenha se acabou-se, vó buscá mais um pad no almazem?
- Generosa - Não vai buscá nada. Não precisa. Deixa a lata nas braca que até a hora lá se cumé tá bão. E si não tivé que comun duro mesmo. E quem não quisé que são com.
- Juvenio - Manta gente vai querê mas não vai pedê comê. Pulo menor aqueles que tem gente pustiço num vai podê.
- Generosa - Cala a tua boca, arritinilo, não te mete adonde tu não é chamado. Mas nego, agora é que eu tô vendo, nego. Quem foi que te mandô tu botá a ropa nova hoje?

- Juvencio - Ah, que coisa não é aquela, mas como era dia de festa eu pensei que era prá batá.
- Generosa - Tu botô de senvergônia que tu é. Tu bem que sabia que não era prá batá. Dispois quando nois fô pra casa nova, eu só quero vê que roupa tu vai botá, pra atendô a porta pras visita quando as visita chegá.
- Juvencio - Ué, a sinhôza não disse que ia se comprá uma roupa de botão dourado?
- Generosa - É, ia. Mas eu também ia arrecobê na diheiro que a irmã do sidôca dia que deixô pra nois e até agora não arrecobê. E já gastei. Já tem uma purção de conta aí pra gente pagá quando arrecobê. Si não vié dinheiro nenhum eu deixo de sabê. Quem inventô a herança que inventô o dinheiro.
- Laura - A dona Generosa, é como são Tomé: Vem para orer. Enquanto o diheiro não estiver nas mãos dela ela não acredita.
- Celestina - Faz ela muito bem.
- Pepa - (falando alto) Haga-me el favor de arredar su silla, señor.
- Porfirio - Como disse?
- Pepa - (gritando) Haga-me el favor de arredar su silla, señor. que me ha prendido la pegera.
- Generosa - O que é que é noçera, dona Pepa? O que é que sia tá encrocando aí com o seu curdo?
- Juquinha - Não é noçera, dona Generosa, a senhora não entendeu bem.
- Generosa - Como é que não intendi, intendi sim. Tu é que não entendeu. Ela tá te chamando o nome de noçera, tá te gritando pra aí.
- Juquinha - Foi noçera, não foi noçera, dona Generosa. Ela pediu que ele afastasse um pouco a cadeira que estava prendendo a saia dela contra a outra cadeira. Noçera em hospanhôl quer dizer saia.
- Generosa - É prá donde que ela queria que ele saísse?
- Pepa - Que cosa horrible. Como me molesta una mujer tanta así.
- Generosa - quem é que tá tanta dona Pepa?
- Pepa - (zangada) Usted, señora, Usted es la tonta.
- Generosa - Eu? Credo mulher! Essa mulher tá loca. Como é que eu vô tá tonta aí. não bibi coisa nenhuma? que vale que todo o mundo sabe que a sinhôza é meia dilirida da vida, não era capaz de defamá o meu caráter. Credo!
- Porfirio - O que é que ela tem?
- Licurgo - Está zangada com o senhor. (natural) Esse homem é o meu Calvario.
- Porfirio - Ah! Bem me parecia que ela estava declamando. Eu declamei uma vez o Cristo no Calvario quando eu era menino ainda. Foi no Colegio. Fazem muitos anos isto mas eu ainda se lembro como se fosse hoje. Deixa ver quanto tempo faz. Uns vinte anos. Só que eu estou casado fazem 18 anos. Casado e com nove filhos.
- Jonico - (rapido) A Maria Leonor, a Tereza, a Rita, o Agostinho, a Maria Cristina, a Eulalia, a Leofrida, a Nadir e o Rubem.
- Porfirio - Perfeitamente, isto mesmo.
- Generosa - Pois é, agora o senhor já contô a sua novidade, fica quieto aí, calando pra deixá a gente convalescê.
- Tudinha - O que é que tem que o nome dela também, mãe, tu qué fazer só tu falá e não qué deixá nada por aí fora?

- Idônio** - To-to-todos... tudo igual, me parece.
- Generosa** - Não sei, não tem direito nenhum. Tem direito os que são direito e não têm direito não é os alejados que leva dais um pra falá e prá inventá as coisas. Fica aí inventando com gargalejo, não gargalejo que não sai da boca coisa. Convelsá é convelsá não é fialá fazendo ca-ca-ca-do-lo-do-it. É falá as coisas só num arlaco não é fialá as outras coisas. Convelsá não é fialá. Na boca arlaci de coisa antiga tanto. Com dais? Com dais? Vovels não sabe falá com pus-timo. Depois vem quem tira que tem o mesmo direito. Não tem direito nenhum.
- Pepe** - Bueno, señora, a mí me parece que cada uno habla como puede, y si usted que de la duella le la casaca, ¿os quiere dejar hablar porque los invita a venir entonces?
- Generosa** - Não é só isso, dona Pepa. Vix, estas e outras coisas tudo errada. A gente deixa porque a gente tá aqui pra convelsá não é pra tá inventando as outras a falá. (Pepe resmungo furiosa).
- Tonico** - Sim, mesmo porque quem quisesse e rendê o vocabulario da mãe tinha muito que escardar porque cada dia tem um termo novo.
- Generosa** - O que é que vem o meu vocabulario com o que a gente tá falando?cala essa boca e deixa lá se asobrento que é melhor.
- Juquinha** - Dona Generosa, e a senhora vai lá permitir que se sente a seu lado. Eu aqui me sinto muito mais seguro. Eu bem que estou percebendo os movimentos do Tonico e do Juvenicio. Eles estão loucos para me soltar as fogatas das pernas.
- Generosa** - Eles não é loco nem nada. Tá assenta aí que eu quero vê eles se fazê alguma coisa. Eu dipto eles que não fica na fiapo.
- Tonico** - Tu tenta de se fiteiro, vegulume. Tu queria era te sentá perto do Licurgo então vem aí com fita.
- Licurgo** - Perto de mim porque? Ele disse que queria sentar perto da dona Generosa.
- Tonico** - Pois é, perto da mãe mas foi prá perto da ti. Eu conheço esse jogo.
- Juquinha** - Nunca vi fazer o dizer tolices como este rapaz.
- Laura** - Ela ficou aborrecido porque você saiu de perto dela, Juquinha.
- Tonico** - Pois sim, Tomara eu que ele esteja sempre longe.
- Generosa** - Deixa, Juquinha, deixa ele falá, não faz caso. quem desdinha que compra.
- Pepa** - Com permiso, don Estônio. Deje-me sacar un hilo de cabello que tiene Usted en el saco.
- Idônio** - Mucho obrigado, dona Peppe-Pepa.
- Generosa** - O que foi que ela disse?
- Licurgo** - Pediu licença para tirar um fio de cabelo que estava na gola do casaco do seu Estônio.
- Generosa** - De certo era dela mesmo.
- Pepe** - Bueno, eso ahora es que no lo sé.
- Generosa** - O que foi que ela disse?
- Licurgo** - Disse que isso agora é que ela não sabe.
- Generosa** - É de sé. De quem mais vai sé, ainda dela mesmo. (meia voz) quem é que vai té coraga. Um alejado desses. Só ela mesmo.
- Laura** - Um fio de cabelo de mulher no casaco de um homem é fato que nos dá origem sempre a varias suposições.

- Pepe - Si usted se llama... me voy a quedar celoso por lo que está diciendo está muy engañada. Conozco muy bien a don Dionicio y lo sé perfectamente que él es un hombre decente por eso pierde su tiempo en querer hacer que sienta celos.
- Generosa - ¿Sesenta selo adonde? Ah, já sei, o seu si-si-Sidencio faz coleção de selo não é? Muita gente faz. O feliciao meu pai tinha a mania. Aguntava tudo que era selo que caia nas mão dele. Mas ele tinha mais que o senhor. Tinha muito mais que sessenta. Tinha uma cadeira acém grande de capa de cartolina que tava tudo cheio de selo. Tinha da Oropa, tinha da Itália, tinha do Brasil tinha do imazona, tinha do castilhano, lá na terra de dona Pepa. Todos os selo ele tinha. Uma vez até quizero comprar a coleção dele ele não quiz vendê. A felicidade minha mãe tinha coleção de barbaleta. Tão lindas. Tinha umas muito gentis. Os dois eles morrero a gente nem ficou sabendo onde é que foi para tudo isso. Mexces coisa assim a gente fica tão elevancida que nem dá acorac das coisa.
- Laure - É, sim, como não.
- Pepe - (baixo) Que facilidade que tiene esa mujer para decir tentativas. Madi misí!
- Madinha - Escuta, mãe, esse negocio tá muito pau. Nôis, bom que pudia, tirá a sorte.
- Leões - É mesmo. Boa ideia. -Assó mesmo.
- Juvencio - Então eu vô buscá os pinhão, não é patroa?
- Generosa - Não vai buscá nada. Quando tô pra buscá eu digo. Tu tá muito rinitente com esses pinhão eu não quero. Tu tá é logo pra comê eles. Tu só vai comê depois que os branco comê, fica sabendo. Dona Celestina, a sinhora trouxe o livro de carta que eu pedi pra sinhora trazê?
- Celestina - Trouxe, sim, dona Generosa. -Está em cima do piano.
- Licurgo - Boa ideia. Vamos ver o que o futuro nos reserva.
- Porfirio - O que é que vão fazer?
- Generosa - (gritando) Mãe, seu surdo, não. Quea muito que cabê mixirico que fazê.
- Porfirio - Quer fazer o que? Eu não sei o que é. Me dizencio o que é eu faço.
- Generosa - Não, senhor, o senhor não faz porque eu não quero. O senhor vai ficar a custo aí. Quem não ajuda não incomoda os otros. Fica calado aí que é melhor.
- Madinha - O que é isso, Generosa.
- Generosa - Chariço. Carne de porco não tem bicho. Cala tu a tua boca também, não te meta que ninguém te priguntô nada.
- Laure - Vamos ver a sorte então. Eu estou ansiosa.
- Juvencio - Patroa, eu também quero tirá, sim? A sinhora dáia? Tô afrito pra sabê quando é que eu vô si casá.
- Generosa - Tu vai tirá sim, mas é as carga pra eu te dá uma sumanta de loça depois que se visita sai. Burruada é que tu precisa. Tu anda muito saído, muito arritinado. Quando o bilôca tá aí esse negocio fica inseportavie.
- Juvencio - (baixo) Eu sabia que ela não ia dexá esse isquerosa.
- Madinha - Bom, vamo vô esse negocio dumá vez que já tá muito pau. Licurgo tu lê os versinho do livro. Eu dá os papelsinho pra pessoal tirá.
- Generosa - Tão ali, minha filha, naquela sarvinha de loça em cima do piano.
- Donico - Quando é que pires foi salva, mãe?

- Generosa - Cala essa boca aí não, ninguém te pergunta nada.
- Licurgo - Não é salva mas foi salvo porque naturalmente a chicara se quebrou.
- Generosa - Não faz caso, seu Licurgo ele que é fazê assunto. Agente dando muita canveles é mais pior.
- Tudinha - Tá dona Pepa vado começé pela sinhora. Póde tirá um papéisinho.
- Pepa - Yo voy a empezar? Uii! Estoy nerviosa, nerviosa. (parte baixo de Tunico)
- Licurgo - Dá aqui que eu leio, dona Pepa.
- Pepa - Aí lo tiene, señor. Lea despacito, no mas. El número once.
- Licurgo - (lendo) Se a vida lhe tem faltado, numa ou noutra ocasião, lhe poz agora a seu lado o eleito do coração. (risos, palmas)
- Pepa - que cosa formidable! Como salió cierto. Otra vez, don Licurgo, lee otra vez, por favor.
- Paura - (baixo) Repara a cura dele, Tudinha. A satisfação da velha, olha só.
- Licurgo - Quer que leia outra vez? Então lá vai.
- Pepa - despacito, despacito no más, don Licurgo.
- Licurgo - (de vapor, destacando verso por verso. Pepa vai repetindo o que ele diz) Se a vida lhe tem faltado - numa ou noutra ocasião, lhe poz agora ao seu lado - o eleito do coração.
- Pepa - Formidável! (de umas risadinhas estericas) Ahora don Sidonio. A ver, don Sidonio, ahora usted.
- Sidonio - Va-va-vamos a ver o que sei para mim. Onde estão os papéisinhos?
- Tudinha - Tão aqui, tira dum vez. (pausa)
- Licurgo - Deixe ver o numero, seu Sidonio.
- Sidonio - É o qua-qua-quaterzax qua-qua-qua-quatorze.
- Licurgo - quatorze. Está aqui bem perto do da dona Pepa. (lendo) Embora frutas bem novas - tivesses nas mãos seguras - sabias que mais gostosas - eram as frutas maduras! (risos, palmas)
- Laura - Formidável.
- Tudinha - Esta foi na batata. Feita mesmo de encocanha.
- Tunico - Tá aí uma coisa que eu não sabia era que o seu Sidonio gostasse de frutas.
- Generosa - Cala a boca, Tunico, deixa de bobagem. Quem é que não gosta de fruta? Hay frutas tão boa, não é mesmo? A laranja. Que fruta onica. Como eu gosto de laranja. Só que tá muito desgasta na gente, as uva. que pare vilha as uva. as branca então, que coisa semelhante! Hay umas por nome dedo de dama, hay de xanxa la rosa hay yma porção delas.
- Pepa - Para mi no hay como la Banana. Aquela bananita chiquita que se llama banana manzana es deliciosa.
- Juquinha - Eu prefiro a de São Tomé, acho mais gostosa.
- Tunico - Boa, vamo acabá com essa salada de fruta aí que eu quero tirá a minha sorte.
- Tudinha - Foi tu mesmo que provocó o assunto. Não tem nada que te quexá.
- Licurgo - Vamos, Tunico tira dum vez o papéisinho. Estás tão aflito pela tua sorte.
- Tunico - Numero tres.
- Licurgo - Tres. Vamos ver : Tua vida ^{que} vai começar - será de felicidade.

- hoje é apenas promessa - será amanhã realidade. (palmas)
- Tudinha - Dona Celestina, quer tirar a sua também?
- Celestina - Quero sim..
- Tudinha - Então está, pode tirar. (pausa longa) Deixe ver, dona Celestina a senhora leva um ano pra desembulhar um papelsinho.
- Celestina - É porque eu estou com os dedos duros de frio.
- Tudinha - Numero nove.
- Licurgo - Nove. (pausa) Está aqui. Dentro de mais alguns anos - Tu terás o que desejas. Não terás mais desenganos - da boca que sempre beijas! (palmas, grataria, risos)
- Celestina - Credo! Uma mulher velha me dar esses disfrutes.
- Generosa - Uá, isso não tira. A gente vê tanta coisa!
- Laura - Lá isso é verdade.
- Pepa - (significativa) Si es verdad!
- Laura - (baixo) Pronto! Ela não podia deixar de meter a colher torta.
- Licurgo - Laura, em vez de estares aí resmungando tira um papelsinho que eu quero ver a tua sorte.
- Laura - Vou tirar, sim. Eu também quero ver. Dá um aqui Tudinha. (pausa) Ih que numero alto. Vinte e sete.
- Licurgo - Vinte e sete. Vinte e sete é mais pra diante. Está aqui; Se ^{com} antigos amores - tiveste tranquilidade - os noivos te trarão flores - e muita felicidade. (risos palmas) Viu? Você já não precisa ter duvidas de que eu só darei alegrias a você.
- pepa - (baixo) En cambio ella te dará mucho que hacer.
- Laura - Agora tire você um também.
- Licurgo - Vou tirar. Deixa ver um aqui, Tudinha. (pausa) Numero sete.
- Juvencio - Ih que numero que o seu Licurgo foi tirá. Sete é conta de mintirosos!
- Generosa - Cala essa boca lacaio. Cala essa boca sinão aleais tu já vai lá pré dentro, dereitinho.
- Juvencio - Eu não tô fazendo nada aleais, patroa.
- Generosa - Cala essa boca.
- Licurgo - ~~Numero~~ sete. - Quando quizeres casar - debes ter muito cuidado não basta o presente olhar - olha também o passado! (palmas, risos)
- Laura - Graças á Deus o meu passado é muito limpo. (resmungos baixos de dona Pepa)
- Porfirio - O que é que o "r. está lendo, seu Licurgo?
- Licurgo - Isto aqui ó. Este versinho aqui. É melhor eu mostrar porque assim não preciso gritar.
- porfirio - (lendo) Quando quizeres casa - debes ter muito cuidado - não basta olhar o presente - Olha também o passado. Ah, estão tirando a sorte. Agora eu peço licença para um aparte sobre a quadrinha que acabo de ler. Eu acho que o passado não deve interessar. Passou, passou está acabado, não se fala mais nisto. O que interessa é o presente.
- Generosa - Eu acho que o seu surdo tá com a razão essa vez. Eu também acho que os presente é que interessa, pra que é que eu vo dizê? Eu quando é o dia dos meus anos as pessoa nem bem chegô com os pacotinho do presente

- 20
- na mão eu já tô com a trição boa pra vê o que é. A gente fica, não é mesmo?
- Tudinha - Mãe, fica quieta, não dá baixo.
- Generosa - Não amola, Tudinha tu agora deu para querê sê receptora da tua mãe? Tu não te enxerga? Cala a tua boca que é miíhor. Dixa vê um papelsinho aqui o tempo que tu tá dizendo bobage.
- Tudinha - Sabe o que mais? Eu não sou criada de ninguém prá andá com essepires pra cá e prá lá. Toma Juvencio alcança aí pra quem quizé tirá.
- Juvencio - Tá bem. Tá dona Ginirosa pode tirá um.
- Generosa - Dixa vê. (pausa) Umbro... Vê Sidóca pra mim. Os numbro são tudo parecido a gente não enxerga direito. Parece que é quarenta e um.
- Sidóca - É o ^{dois} quatorze, Generosa. *o vinte e um*
- Tonico - É que a mãe olhó de lá pra cá.
- Generosa - É que eu não butei sintido. Os numbro tão muito fal feito.
- Tudinha - Mal feito. Tomára tu sabe fazê igual.
- Generosa - Capaiz. Vê seu Licurgo.
- Licurgo - ^{dois} quatorze, não é?
- Generosa - O Sidóca diz que é.
- Licurgo - Não perca a sua esperança - de ter a casa enfeitada - Vai receber boa herança - E então não vai faltar nada! (risos, palmas)
- Generosa - Mais: que coisa mais certa, seu Licurgo. O senhor acredita que eu já disse pro Sidóca que assim que nois arrecebê esse dinheiro que nois vamos ai dimudá de casa e que eu vô comprá tudo novo? Eu chego a sonhá de noite com as coisa que eu vô comprá, dona Laura. Vô comprá tudo novo, e vendê essas porcarias tudo velha que a gente tem. Só fico com o piano porque foi um perculho que eu cricibi da falcida minha mãe. E a otra escarradera igual aquela que o seu Polfirio quebrô eu também vô guardá. São coisa que me acumpanha deis do meu casamento. Agora o seu Polfirio quebrô uma fió só aquela disimada mas não faz mal. E pelfirivi uma do que tarem me guspando em cima do tapetis. A sinhora vai vê só a minha casa como vai ficá, dona Celestina. Vô butá a traiz da minha cama umas curtina pindurada. Eu sempre tive paixão pra té curtina a traiz da minha cama. Assia como a gente vê no cinema.
- Laura - Eu sei como é. Umas cortinas vaporosas.
- Generosa - Não dona Laura, eu vô butá rendosa. De renda eu gosto mais.
- Tonico - Si tu vai butá curtina nas cama o que é que tu vai dexá pras janela, mãe?
- Generosa - Nas janela vô botá rebostero, cala a boca, inguinorante e não te mete nos assunto.
- Juquinha - Juvencio, você quer me deixar tirar um papelsinho desses? Eu também desejo tirar a minha sorte. Quero ver o que São João me promete para o futuro.
- Juvencio - Ué, tá aqui, pode tirá. Esse aí não seu Jóquinha. Esse aqui tá mais enroladinho. Ageranto como é mais bão que aquele.
- Juquinha - Está bom, vamos a ver o seu palpite. (pausa) Tenha a bondade de ler a quadrinha número vinte e dois.
- Tonico - Si fosse no vispora eu já dizia: Vinte dois, marrequinha com arrois.
- Licurgo - Vinte e dois: Lirios, rosas e verbenas - camelias, mangericão, dahlias, cravos e assucenas - promete-vos São João! (risos, palmas, dixotes)
- Generosa - Até que saiu uma coisa acertada, não é mesmo? O Juquinha goste tanto das flor.

- Juvencio - Lê o numero trinta, seu Licurgo.
- Licurgo - Numero trinta, pra quem é?
- Juvencio - É pra mim.
- Generosa - Tu não te enxerga, nego? Quem é que te mandô tirá os papelsinho dos branco? Não lê nada, seu Licurgo.
- Juvencio - Ora, patroa, dexa. Agora eu já abri.
- Generosa - Não dexo pra tu não te acostumá a sê mitido, passado e disabusado.
- Laura - Deixe, dona Generosa, só para a gente ver. De qualquer forma ele já abriu o papel.
- Generosa - Tá bão, como a dona Laura pediu eu vô dexá. Outra veiz que tu fizé isso tu já sabe que tu vai zê que te coçá.
- Laura - (baixo) O pobre do negro não faz outra coisa.
- Licurgo - É o numero trinta? Tem certeza? Deixa ver.
- Juvencio - É, sim tá aqui ó. O treis e a rosquinha faiz trinta.
- Licurgo - Está certo. Então vamos ver o tres e a rosquinha. Está aqui. Prá melhorar tua vida - vais ganhar de São João para fazer a comida - muito em breve um bom fogão! (risos, palmas)
- Juvencio - Ora, que quiria otra coisa, não é fogão. De fogão eu já to sastifeito. Tu não faço otra coisa sinão acende fogão e apagá fogão.
- Sidonio - Ma-ma-mais não percas a esperança que de hora em hora Deus melhora.
- Celestina - É o diabo piora.
- Generosa - Que o agouro não caia em cima da gente. Tiscunjuro treis veis. Crede de em cruz, credo em cruz, credo em cruz. O diabo seja surdo. Logo agora que a gente tá prá melhorá é que esse diabo tá prá vi falá essas coisa na casa da gente.
- Celestina - Eu estou repetindo um ditado, dona Generosa.
- Generosa - Pois é, mas é melhor ficá calada do que arrepeti bobage.
- Madrinha - Escuta, mãe, a gente bem que podia fazê um pouco de musica em veiz de continuá com esse negocio, tá muito-pau. Depois todos já tiraram a sorte. Só falta eu e o surdo. Tu não quero, não me interessa e o surdo é melhor dexá ele queto do que a gente procurá sarna pra se coçá.
- Generosa - Ué, isso tá na vontade de voceis. Voceis sabe que a minha casa é assim, é cada um como cada qual.
- Tonico - Pois então o pai vai cantá uma coisa que eu insinei pra ele. Eu aprendi com o Martinho e insinei o pai.
- Sidóca - Porque você não canta, meu filho?
- Tonico - *quero mostrar como sou bom professor de sauba.*
Porque eu vo ~~acompanha o sinhô no violão e as duas coisa eu não sei fazê, eu me atrapalho.~~ *Da' o tom pro pai, D. Laura*
Vem pai. ~~o te dô o tom A D. Laura~~
Te acompanhá. Da' o tom pro pai, D. Laura.
- Generosa - Que bobage de tão não precisa nada disso. O Sidóca tem bão peito. O peito dele arcança quarqué tão.
- Sidóca - Tá bom, deixa fazer a vontade do filho. (ouve-se acordes de violão)
- Generosa - Esse filho é os quindim dele. Si o filho entendê de ele andá de quanto ele anda. Pra mulhé dele que ele divia de se assia é o que todos vê. Uma felnetice uma orestemia que a gente tá santa em vida.
- Tonico - *entra pai.* (Sidóca canta "Onho de São João" acompanhado ao violão
ão terminar é muito aplaudido por todos)
- Generosa - Negrinho, vai ve os pinhão. Tira eles da lata e bota naqueles prato de aguida que é da gente botá o arroz e a massa e bota lá em cima

- da mesa da sala de jantar que nós agora vamos lá comê. quando tivé pronto tu chama a gente.

Juvencio - Tá bem, dona Gineirosa. (passos que se afastam)

Juquinha - Dona Generosa, eu peço licença para declamar uma poesia de São João.

Tudinha - Pronto! Não podia passá.

Pepa - Mui bien, Juquinha, mui bien. Pude decir-la no más. Nosotros, las personas de buen gusto tenemos siempre em mayor placer en cir-lo.

Generosa - Lá vem a dona Pepa com as coisa de guerra. Quando não é os general é os major. que me importa lá essas coisa. Declama, Juquinha, declama logo ante que ela continue a falá na guerra. Eu lá quero sabê disso.

Juquinha - Vou dizer então "prece a São João":
São João! "eu São João! Atende a minha prece, por favor!
Da-me um pouco de afeto, um pouco de carinho.
da-me um pouco de luz, um pouco de calor.
dame o abrigo de um teto, a tepidez de um ninho.
Eu vivo sempre só, eu vivo tão sosinho!
São João, São João, da-me um amor!...
A vida para mim tem sido umma agonia
que não termina mais e tardad em se extinguir
Fassa hora apos hora, passa dia/a apos dia,
passa ano apos ano e ele não chega a vir.

Porque hei de viver só sem meu amor querido?
porque hei de viver só e sempre incompreendido
na agonia das horas vazias, sempre iguais?
Porque me nega a vida um pouco de beleza?
porque me nega o céu consolo a essa tristeza?
porque me negas tu o que eu desejo mais?

São João, São João, atende á minha prece!
é um pobre que merece de ti algum favor!
Dá-me um pouco de afeto! Um pouco de carinho!
da-me um pouco de luz! Um pouco de calor!
a tepidez de um teto! A doçura de um ninho!
Eu vivo sempre só, eu vivo tão sosinho!
São João, São João, da-me um amor!

(palmas, vivas, e elogios de todos)

Juvencio - (gritando de longe) Pessoa! Ó cambada! Os pinhão tá na meza. Vem di-
pressa sinão vai isfriá!

Generosa - Mem, vamos tudo comê pinhão. Uns pinhão bem quentinho que eu mandei fa-
zê. Venha, dona Celestina, dona Laura, venha dona Pepa. Seu Si-si-si-
doncio.

Sidonio - Muito obrigado, dona Generosa. Eu vò mas é só para acompanhar porque
eu não como pinhão. Me faz muito mal.

Generosa - Faz mal nada. Pode comê que depois tem aí sal de fruta eu dô pro si-
nhor tomá não acontece nada. Vem vamos tudo.

Tudinha - Pessoal, vamos aos pinhões. (começa a cantar a marcha de São João, do-
dos acompanham cantando e o canto vai se afastando aos poucos até de-
saparecer completamente.)

Requiem a hua da Joazeira

(Característica final)

(companhia de telefones)

- Generosa** - [atendendo] Alô! quem é que tá aí, o quê? aqui é o Juvencio, o que é? o Juvencio do seu, ó, dona. Madama o quê? Ah não sei quem é. (dizendo que se aproxima) quem faz aqui é Juvencio, to dizendo.
- Generosa** - Mas burro isso é feito de atender o telefonista. Bur isso é que eu não gosto que vocês bota o não nele. Vocês é uma ingrata. Então isso é feito de atender? aqui é o Juvencio? Não é assim que tu tem que dizer, sim, sim, burro., latupido. Tem que dizer: Aqui é da casa de minha Generosa Pereira dos Nave. Assim é que tu tem que dizer, pra pirifilado. Pra atender um telefonista vocês penso que é assim caso, quem vai pra pitanga? precisa muita ciência, néque muita esbiduria. Alguns telefonista se é pra nego, masão. Telefonista é uma coisa muito gentil, muito delicada, néque muito cortês pra falar. Vocês bota o não nele que atender de esvergonha que vocês é, porque eu já disse que vocês não tem nada que atender telefonista aqui em casa.
- Juvencio** - Tá não, patroa, a sinhora deixa essa lavagem pra depois. tanta cantilena, tanto diatribe e a pobre da mulher esperando pra falar com ela.
- Generosa** - Ôia tu, heim passado. Quem é tu pra observar a tua patroa? Tu também que se receptor dela agora, é? Não chegou em filho e o marido? até esse caso de mulher duro?
- Juvencio** - Já pedi liberação pra aliás eles. A sinhora não me dá de não duro que a sinhora é. - sim ora agora tá rica.
- Generosa** - Tá não, cala essa boca e deixa eu ouvir o que as pessoas tão dizendo. Alô! Alô! quem fala aí? quem é? quem é favor de arrapata. Não latendi nada. Alô! quem fala aí? quem é? quem é? quem tá falando aqui é a minha Generosa Pereira dos Nave. É na casa dela. Alô! não tá se ouvindo nada. esse telefonista tá incrível. Não acredito que ele teve tanto, hoje tá desse jeito. Alô! (batendo na porta longe). Alô! a Alô! por cima aquele aí bato a batê lá. Vai lá, negrinho, tu não tá ouvindo batê? Alô! favor de falar mais arto. (ouve batida na porta. gritando) Prigunte pra quem tá batendo se não tem vista pra vê os tipos no canto da porta. si era preciso lá essas burdunda desse jeito não arrufado.
- Juvencio** - (do longe) Tá, patroa, que babado é essa de burdunda nos arrufada. Tão dando é na porta, no duro a sinhora vem aí com arrufada. Essa dona Gláurea é gorda.
- Generosa** - Alô! pronto. Mas eu tô atendendo faz mais de meia hora. é que é que a sinhora que que eu faço si eu não te ouvindo nada que a sinhora tá dizendo? depois a sinhora tá muito desaperado. Fale mais calma, fale assim como eu. - eu não posso fazer melagre. como é? (exagerado) Ah!... agora sim, agora tô entendendo. - a sinhora é a madama professora de francês? pois é. Alô! foi de qual escola que botou no jornal um anúncio que se precisava de uma aluna que insistisse a falar francês. No tempo do felicidade meu pai, dona madama nós aprendemo. alguma coincidência eu já sei, mas porra tô muito deixada. A sinhora sabe depois que a gente se casa a gente já não tem os mesmo condições. pois é. é quanto é que a sinhora cobra o atendimento? quantos vezes o quê? Ah isso tem o seu valor. Alô aqui madama, si a sinhora pudesse vir aqui era muito melhor. (batendo na porta) Alô! Alô! a gente já falava de boca a boca si entendia melhor. pois é,, pois então a sinhora vem amanhã. É melhor a sinhora vir na parte da tarde porque de manhã eu tenho que atender o doméstico. Depois das três hora, não é porque a gente arranca, depois seresteira um buccado. a sinhora vem as quatro hora assim a sinhora toma um café rápido assim. - não a sinhora vem não é? Venha que eu vou mandar buscar um sanduiche na confeitaria. Vem um sanduiche muito bom. - com palito e tudo por quinhento reis cada um. Não que nem um alirio.

- Tá muito bem, então vô lá esperá. Au revoir, dona madama. (desliga o telefone) Tôo chica que eu acho a gente falá estrangeiro.
- Juvencio - Patroa, tá aí uma moreninha brigantando si é aqui que butaro um recia me no jornal que se precisa-se de uma moça pra fazê o domesti e incinerá a casa.
- Generosa - É aqui sim, tu não disse?
- Juvencio - Eu disse pra ela isperá um macado que a sinhora tava atendendo o telefonis que depois a sinhora ia falá cunha ela. Tá lá na porta.
- Generosa - Virge da Misericordia! Essa casa parece uma arfandiga. Todo o dia uma vivente tem que tá atendendo a porta e o telefonis. Arruma esse gangólio aí que tá com a ponta arrivirada, negrinho. Daxe atendê essa proxian. (passos que se afastam)
- Juvencio - Essa puronria aqui eu já disse prá patroa que só butando um prego. Ela não qué, dis que vai istragá o gangólio. Isso não pnnadereito. (ouve-se vozes que se aproximam. todos elogiando muito os galinheiros so seu Sidóca).
- Laura - Formidaveis os galinheiros, seu Sidóca. Muito bonitos. Todos pintadinhos de verde!
- Licurgo - Agora precisa umas galinhas finas, umas galinhas de raça.
- Sidonio - E para que é aquele lago que o senhor botou no meio do galinheiro? O sr. tambem vai criar marrecas, seu Si-si-Sidóca?
- Tadinha - Vai nada, seu Sidonio. Aquilo não é lago, é o bebedouro das galinha. (baixo) Tambem tudo ele qué sabê.
- Ionico - Pai, tu vai lá comprá um galo de brigá. Eu só teráo por uma xinha.
- Pepa - Isso não é necessario que lo digas porque todos lo veem. Yo não conosco persona que guste mas de peless.
- Ionico - Tá bom, castilhana, eu não t ô falando contigo. Vira o teu santo pro otro lado e não te mete nos meus assunto.
- Pepa - As mui, gentil esse muchacho. As un encanto.
- Tadinha - O qué que tu tá fazendo aí agachado, negrinho?
- Juvencio - A patroa mandô enderaltá esse gangólio ele tá rinitente, não qué ficá defeito. A gente baxa ele ele alivanta. A gente baxa ele alivanta de novo.
- Tadinha - Daxe isso, nego, não chateia.
- Sidóca - Onde é que está a Generosa, Juvencio?
- Juvencio - Tá falando com uma moreninha que veio aí se ofrecê pro domesti.
- Sidóca - Pode sentar, dona Celestina. Aí tem cadeira.
- Celestina - Muito obrigado, seu Sidóca.
- Sidóca - Seu Bento, aí tem cadeira.
- Bento - É fato.
- Sidóca - Paga a mesma coisa de pé ou sentado.
- Bento - É exato.
- Sidonio - O seu Be-be-Bento é muito ceremonioso. Se não mandarem ele fazer as as coisas ele não faz.
- Bento - É fato.

- Sidóca - Mas aqui em casa não há razão pra cerimonia. São todos íntimos.
- Tonico - Escuta pai, vamo aproveitá que a mãe não tá aqui pra falá no negocio da blusa de couro que tu me prometeu. Si tu não me comprá eu vo dizê que tu tapiô ela. -u disse pra ela que era vinte dois conto que tu tinha recebido e botado no banco mas si tu não dá jeito na coisa eu vô dizê a verdade.
- Sidóca - Oh meu filho, o que é isso? Isso são coisas que você fale na frente das visitas? Tenha modos, Tonico. -u já disse a você-que deu a blusa de couro. Tenha um pouco de paciência e espere uma oportunidade.
- Tonico - É, mas até depois o inverno passa e no verão não se alenta nada.
- Tudinha - E eu quero vô os vestido que tu disse que ia me dá. Por ora eu não vi nada.
- Sidóca - Mas se eu recea ontem recebi o dinheiro. Esses meus filhos são tão afoçados.
- Juvenio - Acho bñõ diadúá de assunto que a patroa vem aí. (passos que se aproximam)
- Generosa - Isso é um disaforo! A gente é a veiz que tã certa mas não pode.
- Laura - O que foi dona Generosa?
- Generosa - Esses empregada maltirisa a gente, dona Laura.
- Celestina - É uma coisa horrorosa! -u sei bem!
- Generosa - Pois agora teve uma aí que viu os reclame no jornal e veio tratá pra vir pra cá. Só vendo o que ela quiria, dona Laura, só vendo. Quanta inzigença!
- Papa - Por eso es que no las tengo en mi casa. Yo misao hago todo lo que necesito sin ocupar-la a una sola.
- Generosa - Pois é, dona, tem razão. Isso é que elas gerêssas Uma sola em cima do lombo. É isso mesmo que dá vontade da gente fazê. Mas pra que, não é? Depois a gente vai se incomodá com a pábica. -a sinhora sabe quanto ela pediu pra ganhá por meiz, dona Laura?
- Laura - Quanto, dona Generosa?
- Generosa - Cento e cincuenta mirreis, dona Laura. Cento e cincuenta mirreis, imagina a sinhora. -u nem sei quanto é isso mas é muito não é, Sidóca? Nunca ovi dizê que empregada ganheesse mais da quarenta cincuenta mirreis. É o disaforo dela, dona Papa. Quiria sai duas veiz por semana prá i no dentista e otras duas veiz pré i aprendê a canto que aia que se cantora de radia. Uma tem surpa disso é o seu Piratinis, dona -aura, ele bota esses negá a cantá elas fica tudo jurgado. -i isso é direito.
- Sidóca - Ora, Generosa, é natural que todos tenham aspiração de melhorar.
- Generosa - Mas intão tu pensa que eu ia pagá - quanto que eu disse?
- Tudinha - Cento e cincuenta mil reis, mãe! Já nem sabe mais.
- Generosa - Pois é, si eu ia pagá esse dinherão todoprá ela ainda i aprendê lição de canto. Amanhá eu depois tava instudante no piano da gente. Dispadá oia logo.
- Juvenio - Que pena, patroa! Uma moreninha tão geitosa, tão amavis!
- Generosa - Cala esse boca, laeralo. Tu não pensa não que isso aqui é a casa velha que ti mitia nos assunto e tava no meio dos branco. Aqui é muito deferente. Aqui tu é o laeralo e não tem nada que via te matê no meio da gente sem a gente te chamá. Caminha vai lá prá copia. (batidas na porta) Eu não tô dizendo que essa casa é uma arfandiga. Tem aia gente aí. adonde é que tu vai negrinho?

- Juvencio - Já a Senhora não mandô que eu fosse lá pra copia?
- Generosa - Mas tu não tá ouvindo batê na porta da rua, passado? Ora instantando tu qué é te fazê de bobo pra passá bem. Casinha vai abri a porta. E briganta si não viu o tempo no canto da porta si era preciso batê desse jeito. (passos que se afastam) É uma coisa palvonesa essa porta, dona Laura, todo o santo dia tem gente batendo. É pra pidi iscoia é pra pidi cuida, é pra offeod uma coisa, é deis di manhã até de noite. Eu já disse que nós vaso tê que tê uma pessoa só pra atendê essa porta.
- Laura - Ah pois é, casa de muito movimento é assia.
- Generosa - E diapois a Senhora vê que alicais nem eu nem a Judinha vaso tá atendendo a porta que não é chic. Isso lava bom lá pra rua da margem não é aqui pro moinho dos vento. (passos que se aproximam)
- Juvencio - Patroa, essa vizinha daí veio aviad nós que tem gente gritando lá no quintá. Diz que faz tempo já que a pessoa tá gritando e ninguem atende ela.
- Generosa - Vai vê que é ladrão. Tonico vem cá adonce é que tu vai?
- Tonico - Vê lá vê o que é, mãe.
- Generosa - Não vai voadada. Deixa de se mitiao. Si é ladrão o que é que tu vai fagê?
- Tonico - Ora, mãe, não amola. (passos que se afastam)
- Generosa - (gritando) Tonico vem cá. Vai lá Sidôa. Tu vai dexá o teu filho lá sózinho. O home agarra ele pelo gargalo eu quero vê. Vai lá, seu Licurgo. O seu gago o senhor que é um home forte vai lá tambem ajudá eu proximo.
- Licurgo - Venha seu Sidonio, vamos lá. (passos que se afastam)
- Pepa - Don Sidonio tanga caidão. É melhor que yo vaya com usted. (passos)
- Generosa - Adonce é que a dona Pepa vai?
- Laura - Ela vai defender o pedaço dela. Tem medo que o roubam, com certeza.
- Generosa - O que é que tu tá fazendo aí nesse canto, nego? Vai lá ajudá os otro. Quanto mais fô melhor é.
- Juvencio - Patroa, é milibô eu ficá, patroa. Eu só muito felnetico pode se dá uma coisa e eu até o home. Diapois a Senhora vê que o home pode intrá prá dentro de casa e não tem nenhum home pra defendê as mió. É mió eu ficá.
- Generosa - Tu tá é loco de medo, nego ruim. Esse nego é medroso que é uma tristeza. Judinha vai olhá se plex fecharo a porta da casinha.
- Judinha - Eu não, vai tu. Então tu não qué que eu vá se até lá.
- Generosa - Que menina mais mal mandada, minha Nossa Senhora! (Licurgo e Tonico voltam as gargalhadas) Lê, o que é que essas dois bobalhão vem aí de risada?
- Licurgo - (rindo) É fantástico. Essa bola é maluca.
- Tonico - (gargalhadas) Dexasô o home fechado no galinheiro! (ri as gargalhadas)
- Generosa - Que bobagem, Maxixe é essa, Tonico? Que é que voccis tão aí com essas froxo de riso.
- Tonico - Conta, Licurgo, eu não posso. Que trôço gosado! (ri as gargalhadas)
- Licurgo - Essa é notavel. (ri muito sem poder falar)
- Generosa - Mas o que foi que aconteceu? O que foi Sidôa? Essas dois bobo lava aí a ti a bandieras desprezãis e não diz pra gente o que foi que aconteceu.

- Sidóca - É que eu fui mostrar o galinheiro novo pra eles e o quintal que eles não tinham visto da outra vez e não sei como foi o seu Porfirio ficou fechado no galinheiro. (todos riam)
- Tudinha - Boa bola! (ri muito)
- Laura - Essa está notável. (risadas)
- Celestina - Sobre do homem, que aflição!
- Porfirio - (viado de longe e falando) Isso é uma barbaridade! Isso é uma coisa muito mal feita, uma brincadeira de muito mau gosto!
- Generosa - Agaranto que foi coisa do Tonico.
- Tonico - Ora mãe, não chateia. Eu já sabia que tu ia dizê que fui eu.
- Porfirio - (perto) Um frio horrível e a gente fechado no galinheiro sem poder sair.
- Generosa - Mas como é que vocês fecharam o seu surdo no galinheiro, Sidóca?
- Sidóca - Não sei., Generosa. Com certeza saíram todos, ele ficou lá dentro e a gente nem viu.
- Porfirio - Estou furioso, se foi brincadeira fiquem sabendo que foi de muito mau gosto. Eu não sou galinha nem sarreça para me deixarem fechado num galinheiro.
- Sidonio - Mas co-co-coompadre. Ninguém fez isso de proposito. São coisas que acontecem.
- Porfirio - Não estou ouvindo nada. Deixe o senhor em vez de falar alto leve aí e sussurrar.
- Sidonio - (gritando) Eu estou dizendo que ninguém fez isto de proposito. Que são coisas que acontecem.
- Porfirio - Acontecem sim. Claro que acontecem. Ver-se um homem, numa noite fria como esta fechado num galinheiro sem poder sair e na perspectiva de passar ali a noite toda. Não é nada agradável. Como é que se esqueceram de mim lá dentro?
- Generosa - Com certeza o senhor quiz dá fé si os ninho das galinha era de palha ou de algodão. Foi metê o nariz lá eles intraram e nem derô farta do senhor. Bem feito. Metê o nariz em tudo.
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) Nada, seu gago eu não falei. Si eu vô arripiti tudo isso.
- Porfirio - Ah, pensei que tinha falado. Mas olha, minha senhora, gago, não. Eu não sou gago. O gago é aíio compadre.
- Generosa - Pois é, discorde. Foi uma confrontação. O senhor deixa a gente tão tonta que a gente nem pode butá sintido derêito nas palavra que pronuncia. Se assente aí. Agora por isso não precisa ficá de impé.
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - Se assente aí, (gritando) Por causa disso não precisa ficá de impé.
- Porfirio - Ah é bom, sim. Um cafézinho quante agora vai bem. Tira a friagem da gente.
- Generosa - Tira não é? Pois é, mas tu vai ficá com a tua que eu não vô fazê café nenhum a essas hora.
- Laura - Mas a todas essas o Juquinha até agora não apareceu.
- Tudinha - Mas é mesmo. Onde é que ela ficou, dona Pepa?

- Pepa - El se quedó en la esquina.
- Generosa - Caíu na esquina? Meia coltado, dona Pepa. A sinhora teve a coragem de vi e dexá o pobrezinho lá caído? Caba Deus até se o innocente não se piso.
- Pepa - El se quedó alle en la esquina...
- Generosa - Su intindi, dona Pepa, não precisa arrapiti. Eu intindi que ele caíu um tombo lá na esquina. Eu to admirada é da sinhora tó dexando ele lá e te vindo pra cá. (baixo) Depois que arrumô esse diabo desse gago até sua coração ela tá ficando. Se eu te tpe cobrage!
- Pepa - Señora, usted no ha entendido nada. Yo estoy a decir que Juquinha se quedó alla en la esquina, conversando...
- Generosa - Mãe dona Pepa, quantas veiz a sinhora já disse isso? A sinhora tá pensando que eu também sô surda? Graças a Deus eu enxergo muito bem. Já intindi o que a sinhora disse não precisa arrapiti.
- Juquinha - Tu entendeu nada, mãe, deixa de se balaquera. A dona Pepa tá dizendo que o Juquinha ficou lá na esquina conversando não sei com quem.
- Pepa - Conversando con dos muchachos compañeros y vecinos de otros tiempos. Se quedaren a conversar y yo que conosco muy bien a Juquinha los dejé allí y me vine sola.
- Generosa - Ela hoje tá com a mania de até sola em todo o mundo. É castiana briguenta, misiricórdia. Esse pobre desse gago vai passá trabalho com ela!
- Juvencio - Você ia falar no burro e as orela apontô. Aí vem chegando o seu Juquinha. (passos que se aproximam)
- Juquinha - Boa noite para todos. Peço desculpas pela demora, dona Generosa, mas imagine a senhora que eu vinha vindo com a dona Pepa quando tive a suprema ventura de encontrar o Angelito e o Dôsinho, dois amiguinhos que não via há muitos anos. Estavam em Pelotas e chegaram aqui há poucos dias. Foi uma alegria sem par. Conversemos tanto que cheguei a esquecer que devia comparecer ao seu verão. Espero que a senhora torrá com respeito bem o motivo da demora e se perdoará, não é verdade?
- Generosa - Tá bom, Juquinha, nós já tava falando que tu tava dizendo muito.
- Juquinha - Fiquei radiante de encontra-los. Também concorde que não era para mimos. Amiguinhos de infância que eu não via há tanto tempo. Foi uma alegria geral. Havia tanto assunto! Tantas confidências. Por mais que se desejasse que o tempo transcorresse lento ele voou e só agora me dei conta que já era mais de dez horas. Cheguei a sentir um frio no pelo corpo.
- Tonico - Como ele está alterado, hoje!
- Licurgo - As grandes emoções geralmente produzem efeitos semelhantes.
- Juquinha - É principalmente numa creatura de sensibilidade exagerada como a minha, seu Licurgo. Eu sou um super sensível.
- Juquinha - É uma sensitiva. A gente sopra assim (sopra) as pétalas se enroscam.
- Tonico - (baixo) Eu cubitava fazê enroscô era um chicote no corpo dele.
- Pepa - Que es lo que estás murmurando, muchacho?
- Tonico - Não tem que sabe, não tô falando com a senhora.
- Pepa - São muchacho es un caballo vestido. Es la gentileza personificada. Animal!
- Tonico - Não sô teu filho prá sê animal.
- Generosa - Tonico cala a boca. Que reboada éão essa prá dona Pepa. Tu tem que te alebrá que ela é mais velha do que tu.

- Tonico - Muito mais.
- Generosa - Vê que isso não é jeito de falá com ela. A dona Pepa, também em vez de se dá o respeito vai dá confiança pra esse mersinado! (Tonico resmungo) (dois ou tres espirros seguidos)
- Celestina - Saúde.
- Bidóca - Muito obrigado. (uma dois espirros)
- Generosa - Tu já de resfriô, Bidóca. Vai vê que tu foi lá fora e não botô chapeu. O que é que custava tu te butade o bonêr, Bidóca. "Ispeira vem prá cá incomodá a gente.
- Bidóca - Eu botei, Generosa.
- Generosa - Bêêê nada, deixa de se mintiroso. Esse diabo desse home se dá um trabalho! Si a gente não si importasse era porque a gente não se importava. Se a gente cuida ele dá rebocada na gente, a sinhora tá vendo, dona Laura? O doto já disse que ele tá com essa alergia asquerósa que precisa si cuidá. Não hai jeito. Pois qué morrê, morrê diabo e não me incomoda mais. Todo o dia esse home tem uma coisa pra aburrecé a gente, dona Pepa.
- Pepa - Ya lo creo, señora. (baixo) Ese hombre es un santo!
- Generosa - Otro dia teve aí quetava se trocando de dor de dente. Bidóca vai no dentista. Não precisa, Generosa. Home vai no dentista. Isso passa Generosa. Passô a noite toda intera que nem ele poude dorai nem eu. No dia seguinte fomos no dentista. Não era nada, dona Laura. Era um atrito de cusida que tinha intrado no dente. Tirô passô a dor. Então precisava incomodá a gente uma noite intera? Si foi prá levá ele aos doto foi o mesmo consequente. Não quiria esse, não quiria aquele até que arranjei um doto de pãina confiança dele. Foi um consaço! Agora também eu já disse. -u não se importo mais. Tu não tó prá té aqui me sacramento. Dize-me com quem andas que eu te direi quem sois. Si ha de fazê como eu fiz não qué. Arranquei os panela tudo botei e minha rica da minha chapa. Lembra agora prá mia tanto faz. É tão bom como tão bom.
- Laura - O que é que voce está sorrindo, Juquinha?
- Licurgo - (baixo) O que ha de ser. Das asneiras da dona Generosa.
- Juquinha - -u estou me lembrando dos meus amiguinhos. Junta coisa interessante eles me contaram!... Estou ansioso que cheguê a noite de amanhã para reunirmos na praça de matriz. Combinamos de conversar lá. O "agelito está tão garanhão! O Obaião é que emagreceu muito. Está tão pallido!
- Tonico - (em falsete) Ai! Ai!
- Generosa - que é isso, Tonico, tu não tem graça nenhuma. Deixa de té fazê de bobo.
- Pepa - Doña Generosa, yo le pido permiso para empezarnos nuestra hora de arte. Don Bidonio me va a dedicar una poesia y yo estoy ansioso por oírlo.
- Generosa - O que é que ele disse?
- Bidonio - A dona Pepinha está pedindo o seu com sentimento para começarmos a hora de arte. Tu vou dedicar uma poesia a ela e ela está aflita para escutar.
- Generosa - Era melhor o senhor dizê aí bazião só pra ela do que arte pra todos ovi.
- Bidonio - Ma-ma-mais alto é mais bonito. -la prefere que eu diga alto.
- Generosa - Pois ela prefere mas que culpa é que a gente tem?
- Bidonio - Como é, dona Generosa? Po-po-ponso ou não posso dizer?

- Generosa - Diz, diz duas veiz e acaba com isso logo. Mas vê si não garguleja muito.
- Sidonio - Está bem, farei o penho. Então eu vou dizer.....que dedico á minha querida pepinhe.
- sepa - Muchas gracias, mi angel, muchas gracias! Como es gentil esse hombre!..
- Sidonio - Então lá vai.
- Generosa - (Impaciente) Anda duas veiz, diabo! (Sidonio diz a poesia amorosa, sendo muito aplaudido por todas ao terminar) Credo, que cansaço! Esse home é a minha deferença!
- Laura - Juquinha, cante alguma coisa. Tu estás tão feliz hoje com certeza mas de querer cantar. (Tudinha e Tonico murmuram contra a ideia de Laura)
- Juquinha - Tem razão, dona Laura. Eu hoje estou para dar gargalos a triados.
- Generosa - Pois então canta, meu filho. Tu canta tão bem, e gente gosta tanto de ovi tu cantá. (gritando) Ai! Tunico o meu pé! Leva a cutucá na gente.
- Porfirio - Eu tive a impressão de que chamaram pra café.
- Generosa - Não chamam coisa nenhuma. O senhor é que é um isfamiado, é o que é.
- Porfirio - Eu sei, o café. Mas como aqui ha tanto rebete falso a gente fica em duvida.
- Generosa - Pois é.
- Porfirio - É melhor nós irmos indo antes que o café esfrie.
- Sidonio - Não-nã-não, compadre.
- Generosa - Dexe seu Sidonio, dexe. Dexe ele í. Ele chega lá vê que não tem café nenhum e dá vorta. Enquanto ele anda por lá a gente tá discorrendo. (gritando) Juvenço, tu bota ointido no seu surdo que ele foi aí prá dentro. Não vai ele abri os almario e cumê os resto de janta que a gente guardô prá cumê ante de se deitá. Eu hoje não quiz jantá, sabe dona Laura. Eu quero vê se emegreço um poco. Tô muito gorda. Os vis-tido não assenta direito na gente. Mas não vê qui tinha umas armoiccas muito boa então eu guardei prá cumê depois quando me deitasse. Tão boa com café.
- Sidonio - Do-de-dona Generosa, afi-fi-fi
- Generosa - Já sei. A Fifina. O senhor que sabê si ele tem tado aqui, não é?
- Sidonio - Não senhora. Não é fifina nenhuma. Eu ia perguntar si a fi-fi-
- Generosa - A Fifoca que o senhor quiria priguntá. Pois é a mesma seu gago. Uns chama ela de fifina, otros chama ela de fineca. Óia ela nem sabe que eu tô morando aqui agora num fui lá avisá. Tanta coisa prá fazê.
- Sidonio - Não é nada disso, dona Generosa. A senhora não se deixa falar.
- Generosa - Ué home quem é que não deixa falá? Engraçado. É só ele que fala, aqui ninguém mais fala depois de quexa que a gente não deixa ele fazê. Fala home deixa de se caeste.
- Sidonio - Eu queria saber si afi-afiasl o Juquinha vai cantar ou não vai cantar?
- Generosa - Ué, si ele quizê. Isso tá nos desejo dele. Tu qué canté meu filho?
- Tonico - Quem eu?
- Generosa - Não é tu, não tô falando contigo. Tô falando com o Juquinha. Tu vai cantá ou não vai?

- Juquinha - Si quieren que eu cante eu poderei fazê-lo. Dona Laura ha pouco mostrou desejo de ouvir-me. Se a senhora permite...
- Generosa - Óé, isso tá nos teus desejo. Outros tem reclamado a que é que custa a gente ovi tu cantá. Pelo meno tu canta direito.
- Juquinha - Obrigadinho. Então hoje eu vou cantar um tango que dedicarei á minha boa amiga dona Pepa.
- Pepa - Muchas gracias, Juquinha, muchas gracias!... Ese muchacho es un muchacho de oro. Hacer-se oír un tango quando estoy cerca de mí bien usando. Es encantador. Es adorable! Muchas gracias, Juquinha muchas gracias! (histericas) Cante-lo no más, cante-lo en seguida! Cante-lo Juquinha. Y vos don Sidonio llegue su silla bien cerquita de mí. Así, ahora escuchar el tango y despues morir!
- Laura - (baixo) Velha disfrutavel! Revirendo os olhos!
- Licurgo - Deixa a coltada, ela está no sétimo céu.
- Juquinha - O tango que escolhi é "anda-te no más, anda-te".
- Laura - Já sei, Juquinha, não precisa olhar para mim. Já sei que eu é que tenho que acompanhar.
- Juquinha - Muito obrigadinho. A senhora é muito gentil. (Juquinha canta "anda-te no más nada-te, sendo muito apludido)
- Pepa - Mui bien, Juquinha, mui bien. Usted canta como si fuera una argentina. Miente al alma del tango. Una se queda encantada. Tango es el alma de un pueblo! La cancion del arrabal. Es la musica divina que nos lleva tan lejano. Es un poco de nuestra alma que se va para mui lejos en las alas de los recuerdos! Ah el tango! El tango!... que preciosidad!
- Tudinha - Como ela está hoje!
- Laura - (baixo) Está daquele jeito.
- Generosa - O que é que a dona Pepa tem? A senhora tá duente dona Pepa? Quem sabe qué tomá quarqué coisa?
- Pepa - Deje-me, señora, deja-me. no me moleste.
- Generosa - Que é molestia sei eu. Ora que novidade. Por isso mesmo tô le priguando si a senhora qué tomá alguma coisa.
- Pepa - Nada, señora, nada. quiero descanso.
- Generosa - Tá boa. Depois não se queixe.
- Celestina-- Dona Generosa, cante a senhora alguma coisa.
- Generosa - É mesmo, dona Celestina, boa lembrança. Vê cantá franceiz. Assim já vê me acostumando. Amanhã vem aqui uma madama que vai me dá lição de falé franceiz ~~nãoxéxxxxxxxx~~ assim eu já vê me acostumando a lingua. Tão obice que eu echo o franceiz não é mesmo?
- Licurgo - É muito aristocrata.
- Generosa - Isso eu não me alembro seu Licurgo, tô muito deixada. Deis que me casei não falei mais.
- Tonico - Cale a boca e canta logo que é mihoer.
- Generosa - Espera si quizá, tá com muita pressa?
- Tonico - Por mim pode até deixá de cantá.
- Generosa - Então pra que tá reclamando? De nitido que tu é. (Tonico resmungo) (Generosa canta uma canção sendo muito apludida por todos)

- Laura - Muito bem, dona Generosa. Muito bem.
- Juvencio - Patroa a vizinha mandô priguntá si tem arguem duente.
- Generosa - Que bobage é essa negrinho? Tu não sabia arrespondê que não. Precisa-va via priguntá?
- Juvencio - Eu arrespondi, patroa, não perciseyá ficá barricida. Eu disse pra ela que era a sinhora que tava cantando em estrangeiro.
- Generosa - Gente mais inguinorante! Não é nada, isso é prá dá fé. Com celtaza vi-ro entrá muita gente quirisa sabê o que era. Vizinho é assim. Por isso queauteinho ravia de vizinho, pra que é que eu vô dizê.
- Porfirio - Gancei de esperar o café e via embora. Eu acho até que dorai um sono. Não fejo nem mesa posta. Sabê que mais, compadre, vamos embora.
- Papa - Si usted se va yo tambien me voy, don Sidonio.
- Sidonio - Mui-mui-muito bem. Assim vamos todos juntos. (Sidonio, Porfirio, Papa e Juquinha despedem-se de todos e saem conversando)
- Generosa - Da otra vez se eu achá alguma aram misericórdiosa que me dê um buca-dinho de gazalina eu dô café pra voceis. O fugão de agaliz eu tenho medo de lidá com ele. Voceis não arrepere. (bate oaze badaladas)
- Laura - Ceze horas, Licurgo, vamos andando.
- Licurgo - Vamos sta. Dona Celestina a senhora quer aproveitar a nossa companhia?
- Celestina - Aceito, seu Licurgo.
- Laura - Então vamos. (Laura, Licurgo e Celestina despedem-se de todos).
- Generosa - O senhor tambem já vai não é seu Bento?
- Bento - É fato.
- Generosa - Pois é, vê porque é tarde. Amanhão senhor tem que levantá cedo.
- Bento - É exato.
- Generosa - Eu nem priguntei como vai a sua familia. Vão todos bens não é seu Bento?
- Bento - É fato. /
- Generosa - Tá bem, então vá com Deus e a Virge Maria. Cuidado os otomóvi quando cruzá a rua. Tudinha Lunico vão deê delatá. (gritando) Negrinho, traiz as armonicos e um pedaço de pão que eu vô cumê ante de me delatá. Tava loca que as visita fosse labora pra cumê sinhas armonicos. Oia, Sidôca, tu vai tomá uma calbé de xarope que eu não tô pra tu dispois passá a noite toda ispirrando. Eu vô cumê sinhas armonicos dispois quero dar-mi discansado.
- Juvencio - Patroa, oh patroa, oia aqui. O preto das armonicos tá vazio, patroa. Cumero elas. A sinhora vai pensá que fui eu que cumi mas eu juro pur essa luz que me alumia como não foi eu, patroa.
- Generosa - Foi aquele desgraçado daquêle surdo. Aquêle miseravi infamiedoi as mi-nha armonicos que eu não cumi na jente pra dexá pra agora. Mas o meu consolo é que ele ha de se alianté da casa a noite laterinha!

21-7-42
Lima

A Radio Difusora de Porto Alegre tem o prazer de apresentar um dos programas de maior repercussão no Estado, intitulado "Os serões de dona Generosa". Este programa é uma criação de Roberto Lis - o diretor de radio teatro da PRF 9 - que os escreve, dirige e interpreta juntamente com Carmen de Alencar, Norah Fontes, Circinha Milano, Branca Margarita, Celestina Matos, Armando Mota, Mario Sirpa, Claudio Real, Sales Coelho e Silvino Belo. "Os serões de dona Generosa" são irradiados há mais de dois anos, todas as quartas feiras, e ouvidos com o maior agrado em todas as camadas sociais não só de Porto Alegre como de todo o Estado. É o programa mais popular de radiofonia gaucha. A gravação deste programa é feita pela Radio Difusora de Porto Alegre nos seus próprios estúdios.

(Características musical)

- Generosa - A dona Pepa hoje tá tão engraçada! A gente fala e ela nem se avexa. É o mesmo que tá falando com uma parede. Nem arresponde.
- Licurgo - Eu sei o que é que ela tem. É nostálgia.
- Generosa - Ih coitada! Isso dóe muito! Quem sabe a senhora qué tomá uma capla pirina, dona Pepa? Eu tenho uma aí.
- Pepa - Señora, no tengo nada. Estoy mui bien. Si no hablo es porque no tengo voluntad.
- Generosa - Pois é, coitada! Isso é tão aburricido. Tudinha, minha filha, vai lá no meu quarto e procura na gaveta de cima da comua uma capla pirina que tem lá e traiz pra dona Pepa tomá.
- Pepa - que voy a tomar cosa alguna, señora. Estoy bien, no tengo nada.
- Generosa - Pois é, a Tudinha agora traiz a senhora toma e passa logo. Vai, minha filha.
- Tudinha - Não vô nada, mãe, não chateia. A dona Pepa tá dizendo que não tem nada e tu de-lhe a querê que ela tome remedio. Não entende as coisa e depois fica aí incomodando a gente.
- Generosa - Oh menina mal mandada! Tu não ovio a vivente dizê que tá com nervalgia o que é que te custa a buscá a capiaspirine pra proxima.
- Tudinha - Já te disse que não vô. Não emola. Vai lavá as tuas vasilha prá lá.
- Generosa - Marriada! Arritinida! Tamanhã mulhé tão grande e tão mal mandada. Vai tu meu filho, vai.
- Tonico - Não amola, mãe. Eu tô aqui muito bem sentado vô me levantá prá buscá uma droga que tu entendeu de fazê a dona Pepa tomá? Não chateia.
- Generosa - Puxa que esses meus filho é um cansaço! A senhora tá vendo dona Laura? A pobre da proxima duente aí e eles não são capaz de buscá um remedio pra ela.
- pepa - Señora, yo no estoy enferma.
- Generosa - Dexe, dona Pepa, eu vô mandá o negrinho. O negrinho é mais bem mandado do que esses dois. (gritando) Juvencio! Oh Juvencio! Vem cá negrinho! Puxa dona Laura, que eu tenho um sentimento de tô esse filho assim disobidiente que a senhora nem imagina! E olhe que a gente te faz tudo pra eles sê bem inducado. A gente aponta as coisa pra eles, amostra, faz sê. A gente gastá com professor de tudo. O dinheiro que esse pobre infeliz do vidóca gasta pra formá esse ingenerado em doctor de direito e ele não sabe se agradecido. Essa é otra que tá aí.
- Tudinha - Olha mãe tu sabe o que mais? Póde falá porque eu nem tô danada bo-la pra que tu diz. Tu só diz bastera.
- Tonico - Eu nem tô ovindo os baixo que ela dá. Ela tá falando, tá entrando por aqui e saindo por aqui.
- Generosa - Vocéis são uns disnaturado é o que vocéis é.
- Juvencio

- Juvencio - Patroa, a sinhora tá me chamando?
- Generosa - Tô chamando, sim. Vai lá na gaveta de cima da minha comoda e procura uma caplaspirina que tá por lá e traiz pra dona Papa tomá.
- Juvencio - É na gaveta do lado de cá ou na gaveta do lado de lá?
- Generosa - Não sei. Vai lá e procura. A vê lá si tu vai mexê nas minhas coisa em negrinho?
- Juvencio - Credo, patroa! Si eu era capaz de fazê uma coisa dessas!
- Generosa - Tu sei, eu sei que tu não era capaz! Caminha anda, vai fazê o que eu te mandei.
- Juvencio - Já tô indo, patroa, não precisa gritá. (saíndo) Si eu ia mexê nas coisa dela! tu não!
- Generosa - Esse nego tem o mau costume de mexê nas coisa dispois afiança que não foi ele. Eu sei que a minha polsiera que o Sidóca me deu de presente de casamento desapareceu que a gente não viu mais nem cheiro dela.
- Laura - Bra de ouro, dona Generosa?
- Generosa - Bra sim, dona Laura. Ouro de 18 kilovati.
- Laura - Ah, sim. Imagine que pena ter perdido.
- Generosa - Não perdi, dona Laura, me robaro. Fiquei nem sentimento, num sentimento que dois dia passei sem cumê, não foi Sidóca? (pausa) Sidóca eu tô falando contigo.
- Sidóca - O que é Generosa?
- Generosa - (arredandano-o) O que é Generosa? Nunca oye o que a gente diz. Essa plasta esse banana grande que anda aí. Se agarra nesse mar dito jornal a lê essas purcaria de guerra que não hay geito de botá sintido no que a gente tá falando. Tu precisa perdê essa mania de tá lendo jornal na frente das visita, Sidóca. Isso é falta de inducação.
- Sidóca - São todos intimos, Generosa, todos de casa.
- Generosa - Pois é, mas é muito feio e eu não quero que dispois as visita vá sei daqui falando que a gente não tem inducação. (ruído de jornal) Pexa vê essa porquera desse jornal. (ruído) Agora tu não lê mais. Nem agora nem logo. (ruído de rasgar o jornal todo)
- Sidóca - Generosa, o jornal não é meu, é aí do seu Idalecio que me emprestou.
- Generosa - Bem feito. Assim ele não te impresta mais mais jornal e tu atenia a gente quando a gente tivé falando.
- Juvencio - Patroa, eu procurei a caplaspirina e não achei.
- Generosa - Como é que tu não cahô negro? Tem que tá lá. É que tu não procurô direito.
- Juvencio - Não tá não sinhora. Di remedio tinha lá só esses dois vidrinho.
- Generosa - Não é isso nego burro. Isso aí é merculho cronico e Elixir padre gó-rico. O que eu te mande buscá é uma capla branca assim do tamanho desse botão.
- Juvencio - Tu sei patroa, mas não tava lá.
- Generosa - Mas tem que tá. Ah mas não tá mesmo. Agora é que eu me lembrei. Eu outro dia tomei ela.
- Laura - A senhora estava com dor de cabeça?
- Generosa - Não, dona Laura, não tava mas é que eu vi ela lá tão desabilitada dentro da gaveta e pensei assim: tá com, se ha de ficá valha e -- botá

- fóra, dexa eu tomá pra não se estragá.
- Tonico - Puxa que esse mãe é uma tuba! Só dá baxo.
- Generosa - Cala essa boca, marcoriada. Não tô falando contigo, ingenerado, atri-vido. Esses meus filho é uma tristeza. Também o pai não induca. Eles dá as patada deles o pai fica com a mesma cara de banana. O pai é que tem culpa. Esse tá seco aí que chega a tá com o pescoço pra fo-ra das orbita. É das astucia que ele tá sempre inventando prá fazê.
- Tonico - Si falta de boia é astucia!
- Generosa - Cala essa boca marvado. A outra tá que a péi chega a tá incarida de magreza. Não come direito com o sintido na rua.
- Tonico - Eu tenho um remedio muito bom prá Tudinha, mãe.
- Tudinha - Eu já sei: um sabonete de feno, não é?
- Tonico - Não, uma pedra de sapolio.
- Tudinha - Idiota, bestalhão. Não te mete comigo não, heim? Não te mete comigo que tu já sabe como é a escrita.
- Tonico - Quem sabe tu pensa que eu me assusto dos teus grito?
- Pepa - Esse muchacho es increíble.
- Tonico - Tu já te meteu tambem, já, castilhana?
- Pepa - Si yo fuera tu madre!...
- Generosa - O que é que tem a madre, dona Pepa?
- Pepa - Nada, señora. Estoy hablando con su hijo. El antipatico Tonico!
- Tonico - A tu é muito simpatica!
- Generosa - Tonico isso é geito de tá tratando a dona Pepa de tu? Esse meus fi-lho são tão confiado! Eu tenho um desgosto deles sê assim! Eu todo o dia tô falando mas não adianta. A sinhora não imagina, dona Laura como eu gosto de vê, como eu apreço as pessoa bem inducada. Todo o dia eu tô dizendo pra eles sigui o exemplo de Juquinha. Que minimo que dá gosto vê. Que modinho bunito. Que prendado que ele é. Assim que eu quiria que o Tonico fosse.
- Tonico - Credo! Deus me livre.
- Generosa - Um minino que todos gosta dele. E que dê ele, dona pepa? Por falá no Juquinha agora eu me alembrei.
- Pépa - Se quedô allí en la esquina para comprar-me una caja de fosforos en la almacén y no ha venido todavía.
- Juquinha - (entrando) Bos noite para todos. (todos respondem)
- Generosa - A gente falando nele e ele aparece.
- Juquinha - Francamente, dona Pepa, estou muito zangadinho com a senhora. Isso não é coisa que se faça.
- Pepa - Pero, Juquinha, que te ha pasado?
- Juquinha - A senhora me pede para comprar-lhe uma caixa de fosforos no armazem, vem embora e deixa-me sozinho lá. A primeiro lugar a senhora está cansada de saber que eu não gosto de andar sozinho na rua depois, fran-camente, deixar-me lá no meio de tantos homens desconhecidos que me olhavam de uma forma como se eu fosse uma avis-rara. Eu estava me sen-tando tão mal, tão nervoso e ainda pra mal dos pecados o caixeiro le-vou um ano para despechar-me. A senhora não faça mais isto comigo por que eu não gosto. Estou muito zangadinho com a senhora, muito zangadi-nho!

- Pepa - Pero Juquinha que mal tenia que te deixasse solo, hijito., ten cerca el almacem.
- Generosa - O que é que tem a cerca do armazem que a dona Pepa disse?
- Licurgo - Vsiu com um temporã de vento, dona Generosa.
- Generosa - Ih eu tenho um medo dessas coisa. Quando começa a chuvê e relampiá eu me alivanto logo e vô queimá parma benta. É tão pirigoso essas coisa.
- Laura - É, sim.
- Tudinha - Puxe que essa mãe só dá fóra. Мухомухом
- Generosa - Mas dona Celestina, se assente, filha de Deus. A dinhora qué crescê? O tempo que essa vivente tá aí de impé.
- Celestina - Não tem cadera, dona Generosa.
- Generosa - Tem sim, dona Celestina. Cadera é que não falta. Tudinha dá essa cadera pra dona Celestina e vai buscá otra lá na sala de junta pra ti.
- Tudinha - Eu não, vai tu se quizé. Não me levanto pra dá cadera prá ninguém.
- Generosa - Que menina mais arrepecente, virge de misericordia. Tu hoje me agar-rô de boa veia mas uma dia que tu me agarre no sufragante da raiva tu vai vê só o que é que te acontece. Isguaritada! Arritinida! (Tudinha resmunga). Tonico, meu filho, te alivanta, dá essa cadera pra dona Celestina e vai lá dentro buscá otra pra ti.
- Tonico - Eu não dô coisa nenhuma. Tu mandô a Tudinha ela não quiz e tu vem virá o santo pro meu lado. A dona Celestina que se encoste no piano.
- Generosa - Que menino! Isso é jeito de irresponsã. A pobre da proxima ali se em pé e eles não dão a cadera.
- Tonico - Porque tu não dá a tua?
- Generosa - Porque voceis é mais moço é que tem ubrigação. Dexe, dona Celestina, eu já vô mandá o Juvencio trazê uma cadera lá de dentro. (gritando) Juvencio! Oh Juvencio, negrinho, traiz uma cadera aí da sala de junta prá dona Celestina se assentá, caminha. (ouvem-se vozes no corredor)
- Porfirio - (ao longe) Parece que se rebentou o botão de minha calça, veja compadre.
- Sidonio - (tambem ao longe) Não foi o botão, não, compadre, foi o suspensorio que se rebentou.
- Generosa - Ué, tem gente aí. Voceis não oviram falá?
- Licurgo - Pareceu-me a voz do seu Porfirio.
- Juvencio - Patros, a sinhora me chamô?
- Generosa - Chamei sim. Era pra tu trazê uma cadera pra dona Celestina se assentá Mas primero vai vê quem tá aí que eu tô ovindo umas voiz aí no corredor. (passos que se afastam) A sinhora espera um lucadinho mais que o Juvencio já vai trazê a cadera, dona Celestina.
- Celestina - Está bem, dona Generosa, eu espero. Que remedio!
- Laura - O seu Bento está não chlado. O que é isso seu Bento está triste?
- Tudinha - Com certeza ele tá cansado. Trabalha muito não é seu Bento?
- Bento - É fato.
- Licurgo - Ele estava de plantão no telegrafo e noite passada, não é seu Bento?
- Bento - É exato.

- Generosa - Pois é, o seu Bento é que é amigo da gente. Mesmo assim tendo passado a noite toda em claro ele não deixou de vir ver a gente.
- Bento - É fato.
- Generosa - Também a gente aprecia tanto ele. (outro tom) *uma é, negrinho?
- Juvencio - É o seu gago e o seu surdo que tão aí no corredor.
- Generosa - Ué, porque é que eles não entra? Sempre entra que bobagem é essa de ficar no corredor?
- Juvencio - É que se arrebitô o suspensor do seu surdo e o seu gago tá endereitando. Eles já vão intrá.
- Generosa - Si não ficou uma coisa bem direita é melhor ele não intrá que ninguém tá aqui pra vê espeticu.
- Juvencio - Eles já vem aí.
- Generosa - Vai lá dentro e traiz cadere pra eles que não tem cadere pra eles se assentá.
- Sidonio - Mã-da-de-licença, dona Generosa?
- Generosa - Pois intrá, seu gago. (falando pra longe) Óia negrinho, traiz uma cadere também pra dona Celestina que a pobre da vivente tá de impé até agora.
- Sidonio - Bo-bo-bom noite para todos. (todos respondem)
- Generosa - Endereitô bem os suspensor do seu surdo? Não hay pirigo?
- Sidonio - Não te-te-tenha receio, dona Generosa. *u amarrei um pedaço de cordão, ficou bem seguro.
- Generosa - Acho bôo.
- Porfirio - Boa noite minha gente. (todos respondem) *u estou dando boa noite. (todos respondem novamente) que gente mais mal educada que a gente dá boa noite e ninguém responde.
- Generosa - Mal inducado é o senhor que a gente tá respondendo e o senhor tá dizendo que a gente não responde.
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) Tô dizendo que a gente tá respondendo que não tem culpa que o senhor seja alejado dos ouvido.
- Porfirio - Estavam distraídos, eu sei! a desculpa é boa mas não convence.
- Juvencio - Óia as cadere, patroa.
- Generosa - Se assente aí e cale a boca que é melhor. (gritando) Óia seu gago a cadere. Se assente.
- Sidonio - Gago não, dona Generosa, eu tenho nome. Sidonio da Conceição, um seu criado. *já não precisa gritar que eu não sou surdo.
- Generosa - É mesmo, disculpe, eu tava divertida. *u faço uma confrontação tão grande entre esses dois. Quando tô falando com eles nunca me lembro qual é o seu gago nem qual é o seu surdo. Também, dizê verdade tanto faz.
- Pepa - Dona Generosa tiene cosas increíbles!
- Generosa - O que é que ela disse?
- Pepa - No he dicho nada, señora. He hablado conmigo misma.
- Generosa - Fiquei na mesma coisa. Não intendi nada. (outro tom) É, dona Pepa, é isso mesmo, a senhora tem toda a razão. (outro tom) não -- -- e pe-

- na contrária, não é mesmo? As pessoas duente a gente tem que tratá assim.
- Pepa - (baixo) Enfermidad tiene ella en la cabeza. (alto) Eso ahora si.
- Generosa - que Horacina, dona Pepa? Ah já sei, vai vê que ela tá falando na Horacina, aquela que canta nas ruas.
- Pepa - (baixo) A los enfermos no se contradice. (alto) Es eso mismo, señora, es eso mismo.
- Generosa - Ela já foi labora daqui, dona Pepa, ha muito tempo. Não sei prônde foi mas sei que foi labora. Mas dona Celestina, se assente, essa vivente ainda tá de impé até agora.
- Celestina - Não tem cadeira, dona Generosa.
- Generosa - Mas como é que não tem si o negrinho já trouxe.
- Ludinha - Trouxe duas que o seu Porfirio e o seu Sidonio se sentaram.
- Generosa - Mas é mesmo! (gritando) Negrinho, traiz a outra cadeira que eu te disse que traxesse que a pobre da dona Celestina inté agora ainda não se assentou.
- Tonico - Licurgo, tu já viu o album WaltDisney, do concurso de figurinhas?
- Licurgo - Não, não vi. Que album é esse?
- Generosa - É um livro que ele arrumô aí de colá figurinha que agora ele não faiz otrs coisa. -gora vêve a injomôlá a gente: "Mãe, compra sabonete Narciso Verde, mãe, compra sabão Vencedor, pai, compra ~~xxxxxxx~~ Macedonia, compra melati stock, compra café do lar, compra chocolate não sei o que...
- Tonico - Chocolate falchi. São os artigos que vem figurinha pra colá nos album
- Generosa - Todos os dia esse papaitz incomoda a gente com essas coisa.
- Laura - Mas para que é isso, afinal?
- Generosa - Pois sei lá.
- Tonico - É que esses artigo que a mãe falô e muitos outros das mesmas fabricas trazem as figurinhas que eu preciso pra colar no meu album. Quem apresenta um album completo recebe um coupon que pode ser trocado por um premio. E os premios são batutas: tem bicicletas, tem radio, tem pedagogio, tem até automóvel e casa, imagina!
- Sidonio - Na-na-não sabia dâsto. Neste caso eu tambem vou colecionar estas figurinhas. Co-co-co-compadre, componha-se. Sacode ele aí, Tonico.
- Tonico - Seu Porfirio! Oh seu Porfirio! Esse homem vive dormindo. Seu Porfirio! Oh seu Porfirio!
- Porfirio - O que foi que aconteceu?
- Tonico - Nada. Não aconteceu nada. É o meu Sidonio que quer falar com o sr..
- Porfirio - Como disse?
- Tonico - (gritando) É o meu Sidonio que quer falar com o senhor.
- Porfirio - Ah, o que é que ele quer?
- Sidonio - Co-co-componha-se.
- Porfirio - Como disse?
- Sidonio - (furioso gritando) Co-co-componha-se!
- Porfirio - Ah, desculpe.

- Generosa - O seu gago parece bobo, em vez de dexá leva e chamá atenção das coisas.
- Juvenio - Patrão, o sacco de passá café tá fureado e eu não tenho colção pra frangi ele. Não vai dá zaráxxxxxxxxxxxxxxxx pra se fazê café pra ninguém hoje.
- Generosa - Pois éi não dá não passa. Ninguém veio aqui pra matá a fome. Vieru pra me visitá, não foi?
- Laura - Certamente. Eu pelo menos não faço questão alguma de café.
- Celestina - Eu também não. Preferia uma cadeira pra me sentar que estou muito cansada.
- Generosa - Já vem, o negrinho já vai trazê. Alguem faz quistã de café?
- Juquinha - Eu não, dona Generosa. O café excita-me demais os nervos.
- Generosa - Pois é. Ninguém qué.
- Sidonio - Eu fazer questão mesmo não faço, agora confesso que sou louco por ca-ca-ca...
- Generosa - Cachaça.
- Sidonio - Nada disso. Tenho horror a cachaça. Eu queria dizer ca-ca-ca...
- Generosa - Já sei. Cachorro quente.
- Sidonio - Cachorro quente deonde? Nem frio quanto mais quente. Ca-ca-ca.
- Generosa - Capilé.
- Sidonio - Não senhora. A senhora quer ficar daíala um pouquinho pra eu poder acabar? A senhora me interrompendo a toda a hora eu fico agitado e não sei de mesma coisa. A palavra ficou atravessada na garganta.
- Generosa - Já falô?
- Sidonio - Como falei se a senhora não me deixa falar?
- Generosa - Que cisma que ele tem que eu não deixo ele falá. Vai falá, hoje de Deus, eu tô segurando a sua boca por acaso?
- Sidonio - Não está segurando minha boca mas me interrompe a toda a hora vem e dar no mesmo.
- Generosa - Pois então fala dum vez, injundo. Fala que assia a gente já ficou despachada.
- Sidonio - ca-ca-ca-ca....
- Generosa - A senhora tá vendo, dona Laura? Ele não sai do ca-ca-ca-ca- e depois diz que eu é que não deixo ele falá.
- Lulinha - Mãe, cala a boca, deixa esse home dizê o que ele qué dum vez.
- Sidonio - (com raiva num arranco) Café. Custei mas disse.
- Generosa - Pois é, café, não é? Mas hoje não tem café o senhor acabou de ovi o negrinho dizê que o sacco tá fureado e hoje não tem café pra ninguém.
- Porfirio - Eu pareço que ovi dizer que hoje não tem café?
- Generosa - (gritando) Foi isso mesmo. Até que um dia o senhor oviu uma coisa direita. É isso mesmo, hoje não tem café pra ninguém.
- Porfirio - Então vamos embora, compadre. O que é que nós estamos fazendo aqui?
- Sidonio - Vamos sim, vamos que eu estou nervoso. Eu não gosto de ser contrariado. Boa noite para todos. (todos respondem)

- Porfirio - Até amanhã, se Deus quiser. (todos respondem) (passos que se afastam)
- Generosa - Até amanhã. Deus acompanhe vocês. (falando pra longe) Seu gago bo-teu sintido no seu surdo quando atravessou a rua. Esse diabo não oves as buzina dos automóveis é capaz de ficar debaixo dum bonde.
- Pepa - Nosotros tambien nos vamos, Juquinha. La noche está mui fea, e no vamos traido el paraguá.
- Generosa - Qué agua? Pera aí que eu mando o negrinho trazê. (Pepa protesta)
- Juquinha - Não, dona Generosa, não é isto. -- Dona Pepa está dizendo que a noite está feia ~~xxxxxxxxxx~~ e nós não trouxemos guarda chuva. Paraguá é guarda chuva.
- Generosa - Ah! Também porque é que ela não fala direito? Então já vá? Pois vá com Deus e a Virge.
- Juquinha - Muito boa noite para todos. Que tenham sonhos cor de rosa. (todos respondem)
- Pepa - Buenas noches para todos señores y señoras. Doña Generosa está ma-rãna.
- Generosa - Vá. Vá com Deus. (passos que se afastam) Cuidado aí os degrais na saída da porta, dona Pepa. Não vá trucidá como otro dia e caí um tombo na sarquada.
- Licurgo - Nós também vamos andando, não é Laura?
- Laura - Vamos sim, é tarde e você tem que levantar cedo amanhã. Boa noite, dona Generosa. (ela responde) Boa noite seu Bidóca. (ele responde) Juquinha, Tonico, boa noite. (eles respondem)
- Licurgo - Boa noite para todos. (todos respondem)
- Laura - (a uma certa distancia) Até amanhã dona Celestina. Desculpe eu ia me esquecendo da senhora.
- Celestina - (falando pra longe) Até amanhã, dona Laura.
- Generosa - Se assente, dona Celestina. Agora tem bastante cadara. A senhora não se assenta porque não quer.
- Celestina - Não senhora, muito obrigada. Eu vou embora que estou com muitas dor nos pés.
- Generosa - Pois é! Também a pobre da vivente ficou de impé o tempo todo! Então vá, dona Celestina, vá descansar.
- Celestina - Boa noite para todos. (todos respondem)
- Generosa - Até amanhã si Deus quiser Senhor quizer. (passos que se afastam) (falando pra longe) oie dona Celestina a senhora chegando em casa faz uma sarabinha bem espelta e bota os pé de molho que numa repente a dor desaparece!

(característica musical forte para o fim do progresso)

- Juvencio - Patroa, é milão nóis. Lixa o resto que falta pra semana di canção. Ah vi site teu vício no sala já fôiz tempo e a sinhora lina tá aqui. Ela pô-de arrastá.
- Generosa - que arrastá. Na tô de arrastá e cada fagoo é que eu quise, ninguém tem na da com isso. Não levo tanto pra minha coisa nenhuma. Tu te envergonha e vergando é que não que persegui a lição. Mas fica sabendo que não adiante tu dimora porque tu vai lá ela toda. Tu só se alivento daqui diácia que tu tivê terminado por isso não adianta nada inderá. Tá du má veiz, lá aqui.
- Juvencio - (lendo) A...ã...ã. Co-sé-á. Co-sé-á. Co-sé-á e mânia.
- Generosa - Já começô há muito tempo. Tá só fazendo mânia teia que tu começô a li-vro.
- Juvencio - O...sol...des...porta.
- Generosa - Não pôde sê.
- Juvencio - É, dona Generosa. Tá aqui, ó. O...sol desporta. Ah não. Desporta.
- Generosa - Eu sabia que não podia sê.
- Juvencio - Os ga...tos con-tar. A-nun-ci-ando o di-a. Co-mo é há-la e mânia. A ré-ré...é...élv.
- Generosa - A erva, nego burro. Esse nego não é capaz de aprendê as coisas direito anã, anã duma veiz.
- Juvencio - A erva...das patroa, não pôde sê erva. O r tá primeiro do que o é, óia aqui. R - e - depois o éll, depois o v e depois o a. R-é-ll-v-a.
- Generosa - Dexa vê. (pausa) Esses bone que faz esse livro são uns burro. Não fa-iz nada direito. É erva, sim, é que eles enverro e betaro as letra tro-cada. Vamo, anã duma veiz. Lá o resto.
- Juvencio - (lendo) A er-va tá chei-a de gôsta...
- Generosa - Gôsta, nego burro, não é gôsta.
- Juvencio - Gôsta de or-va-lho, meu-de-uso o se-ol a-bri-o de as ji-na-la.
- Generosa - Janela adonde, nego? É janela que tá aí escrito? Porque que tu não aprende a sê gente, nego? Tu não tem vergonha, tamanho nome grande sê tão burro. Janel, adonde é que tu viu agora janela. Geninha, cumina pra diante. Passe essa janela duma veiz.
- Juvencio - O ar da mânia só fa-az bem. His-pi-re-mo o ar da mânia. Pe-dri-nyo não é pri-gui-ço-so. A-li-ce tom-bam não é pri-gui-ço-so.
- Generosa - Pois é, mas o Juvencio é priguçoso que é uma triateta. E oye, nego burro. Não é priguçoso que se diz, é priguçoso.
- Juvencio - Pois é, mas aqui tá ansia.
- Generosa - Não pôde sê.
- Juvencio - Tá, patroa, oie primeiro pra depois dizê que não tá.
- Generosa - Dexa vê.
- Juvencio - Tá aqui o u, ó.
- Generosa - É. Tu não tô dizendo que esse livro não uns perquera, não en-rrado? Vamo, vamo, acaba esse lição duma veiz.
- Juvencio - Mal o sol a-pa-ra-ce já es-tão e-las brin-can-do no jal-dia. O se-ol é a vi-de, é a a-la-gria. De-da a-ju-de a quem se-ir-gá. Pronto. Foi até aqui que a sinhora passô.
- Generosa - Pois é, agora anuncia tu vai lá essa otra.
- Juvencio - Eu não gosto desse livro que é doct Tulinha comprô, patroa, eu gosto mais daquele que tem as figurinha e as cores diatraz.



- Generosa - Também não gosto de se livrar. Diz que é um livro modelo. Pois eu gosto mais daquele livro anti o da abstração. A gente dizava para aprender, mas quando a criança aprende dum vez. O que eu queria pra aprender o mesmo livro que tinham tu vê o tempo que isso faz e quem é que hoje tá te inclinador só eu. A era tem uma coisa; tu é mais ruim do que tu. Tá bom, logo, logo, logo conta mais. Tá bom, agora tira a jogralia pra fora do conto. Caminha, caminha dum vez.
- Cláudia - (de longe) Generosa! O Generosa! Você não vem pra sala?
- Generosa - (gritando) Já vê! Vê toda as conta do neguinho, dis, dis vô.
- Cláudia - As visíveis estão todas aqui. Vem, vem vem.
- Generosa - Já disse que já vô, na visita que quero, si querê. Quando temê d não, não pôssa fazê tudo num tempo só. Tu não só manico. E deixa tu de tá aí com crito que eu não me respeito no crito. Tu bem que sabe. Vamo, caminha, caminha dum vez que é pra essas conta não tá aí me acrescentando os evido.
- Juvencio - Tá aqui o livro das conta, patroa.
- Generosa - Fala direito, indignorante. Livro das conta. Não é livro das conta que se diz. É jogralia, assim istú ito.
- Juvencio - Pois é, patroa, tá aqui eis.
- Generosa - É o que, negrinho?
- Juvencio - É tabuada das conta.
- Generosa - É tabuada que se diz, nego?
- Juvencio - Não sim'ora.
- Generosa - Então porque que tu não diz direito, Juvencio?
- Juvencio - Tabuada.
- Generosa - Pois aí tu sabia porque que tu não dizalogo?
- Juvencio - É que a língua não ajuda.
- Generosa - Deixa de convulsa, deixa de convulsa e vamo vê as conta.
- Juvencio - É na casa das oito que nós ficamos, entonte.
- Generosa - Caminha, diz dum vez.
- Juvencio - oito e um nove, oito e dois, deiz, oito e três... é onze não é patete três?
- Generosa - Deixa vê. (contando) nove, deiz, onze. É, tá certo.
- Juvencio - Oito e quatro, doze, oito e cinco, treze. Oito e seis, quatoze. Oito e sete, quinze. Oito e oito dezessete. Oito e nove, dezoito. Oito e deiz dezoito, oito e onze dezoito. Oito e doze dezoite.
- Generosa - Tá bom, tu não vai pará mais? Chega. Eu sono até que tu já disse de mais. Agora esconde tu istado e casa do nove. Agora vamo vê as conta de cumê. que casa que nós ficamos?
- Juvencio - As de cumê ficamos... ficamos... adonde sei mesmo que nós ficamos? Ah, né alenbrat. Ficamos na de seis.
- Generosa - Então vamo vê, quem de seis como um?
- Juvencio - quem de seis como um... fica... quem de seis como um fica (baixo) um, dois, três, quatro, cinco. Fica cinco.
- Generosa - É? Tu tem certeza, nego?
- Juvencio - Tenho patroa, oia aqui. A sinhora oia pros meus dedo. aqui tá seis dado. Eu como um. Agora a sinhora vê quantos que fica. Oh, dois, três, quatro, cinco.
- Generosa - É. quem de seis como dois?
- Juvencio - quem de seis como dois... quem de seis como dois. (baixo) 1, 2, 3, 4.

- Generosa - Fica quatro.
- Generosa - Tu arrepende certo mais peccado. Depois eu vó priguente pro Sidóca e si tu não arrependeu direito tu vai vó que eu te paxo a orilha.
- Juvencio - Tá certo, uma Girinosa. A sinhora conta nos seis como eu tô fazendo que a sinhora vai vó como tá certo.
- Generosa - Vamo vó. Quem de seis como treis?
- Juvencio - quem de seis como treis... quem de seis como treis... fica... (balxe) um, dois, treis, três treis.
- Generosa - quem de seis como quatro?
- Juvencio - quem de seis como quatro... quem de seis como quatro... fica dois. Quem de seis como cinco fica um e quem de seis como seis fica seis.
- Generosa - Não pôde sê.
- Juvencio - É patroa, ela aqui. Oie pra minha mãe. Aqui tem seis deio. Agora come seis. (contendo) Um, dois, treis, quatro, cinco, seis, Agora a si agora conte a vó.
- Generosa - Fica quatro.
- Juvencio - Não, patroa, fica seis.
- Generosa - Bota as duas mão aí quero vó.
- Juvencio - Tá aqui.
- Tonico - Como é, mãe, o pai mandô perguntá si tu vai pra sala ou não vai. Ele tá atucanado contigo disse que as visita já tão aí a tempo e que tu ainda não apareceu.
- Generosa - As visita que esperô e o teu pai também. Ele hoje tá muito ferretico. Ele que não se faça de engracadinho comigo não que ele sabe que comigo ele não tira farofa. Caminha pra lá dexe de vir incomodô a gente aqui.
- Tonico - Tá bom, eu tô dando o recado que ele mandô tu que atendê atende, não que atendê não atende, eu não tenho nada com isso.
- Generosa - Tá bom, não precisa dá rebocada. Faiz o que eu tô mandando e sala a boca. Escuta, vem cá. Vem dizê uma coisa aqui pra tua mãe. Eu tô sem occia não posso vó direito no livro. quem de seis como seis quanto é que fica?
- Tonico - que negócio de come seis? É tira seis que tu que dizê?
- Generosa - Eu quero sabê quem de seis como seis quanto é que fica.
- Tonico - Não fica nada.
- Generosa - Não pôde sê.
- Tonico - Como não pôde sê mãe. Dexe de sê teimosa. Olha aqui: tu tem seis laranja. Tu come as seis laranja o que é que fica?
- Generosa - As casca.
- Tonico - Ora vai tomá banho que eu não tô disposto a domesticá ninguém. (sai)
- Generosa - Marcado. Insolente. Dexe nego vai guardá os livro que depois eu priguente pro Sidóca e te digo dereitinho. E amanhã vamo vó si tu principia essa lição mais cedo.
- Juvencio - Tá bem, patroa.
- Generosa - É vó si tu toma um banho agora no sabudu que tu tá com muito mau habito nesse corpo, nego. Eu não quero sabê^{da} minha casa. Agora aqui tuô é defarente. Não pensa tu que é como na casa velha, não.
- Juvencio - Uai, patroa, num faiz muitos dia eu apurvetei a agua do banho do seu Sidóca e tomei um banho também. Apurvetei que ela teve molinha. Tomei um rico dum banho. Inté terra eu esfreguei nos pé pra se sai o incaldido.
- Generosa -

- Generosa - Ah, então tu não te atreves a... (ouve um barulho) O que foi tu que me pôs fora a minha geladeira.
- Juvencio - O que é isso, patroa que eu não sei?
- Generosa - Aquelas folhinhas pequenitas assia que os homens fazem a barba com elas. Tu bem que sabes.
- Juvencio - Sé, si é dos homens fazê a barba pra que é que a senhora queria ela?
- Generosa - Pré raspá as sobrancelhas do meu braço. Isso tu pôs a mão nela e deu umigo num repente. É assim que tu faz.
- Juvencio - Por essa luz de Deus que eu não peguei, patroa. O outro dia eu vi o seu Tunico fazendo ponta num lapir com uma folhinha dessas que a senhora tá falando. Capaiz que seja essa que a senhora tá procurando.
- Sidôca - (longe) Generosa: Vem pra sala, Generosa.
- Generosa - (gritando) Não me atreves os nervos, recumando. Aguenta tu elas aí um pouco também. Tu tá loco pra lê o jornal, não é? Pois não lê. A gente pra vê si é bom. Eu vou quando eu bem intendo de i. E chama ali uma vadia aí que tu vai vê só o que te acontece. (ouve um) Guilhermina, vai guardá esses livros e depois vai lá pra cozinha e trata de preparar tudo pro café que é pra gente vê se dá café mais cedo pra esses infamado que é pra elas i embora mais cedo. Depois que elas tomá café elas vão tá saindo que nem cachorro magro com o rabinho no meio das pernas.
- Tudinha - Como é mãe, tu hoje fez greve com as visitas, é?
- Generosa - Fiz. Tu tem alguma coisa que vês com isso?
- Tudinha - Eu não. O pai é que tá lá reclamando.
- Generosa - Deixa ele reclamá. Ele hoje tá querendo. Depois da manhã que ela ena no atazanando. Ele hoje não se deita sem eu cogá as costas dele. que i lá dizê pro ele pôe i.
- Tudinha - Eu não, não tenho nada com isso. Vai dizê tu.
- Generosa - É melhor que tu vá lá o tempo que tu tá aqui conversando. O que é que tu veio fazer aqui?
- Tudinha - Vê trocá o meu vestido que eu tô com muito calor.
- Generosa - Que vestido que tu vai botá?
- Tudinha - Vê botá o de seda que a dona A^a minha fez.
- Generosa - Mas o teu pai já não te disse na jantar que tu não botasse o vestido de seda em casa, Tudinha?
- Tudinha - Disse, mas o que é que tem isso?
- Generosa - Ele tá disse que não botasse e tu vai botá?
- Tudinha - Escuta aqui, mãe: o pai manda alguma coisa aqui em casa?
- Generosa - Ah, não manda. Não manda enquanto eu igisti eis não manda nada.
- Tudinha - Pois então o que é que tem que eu botá?
- Generosa - É isso mesmo, minha filha bôta. (ouve um) Tá bom, deix eu i lá atará o seu burdo, o seu cogo e a dona Celestina. que três, misericórdia. pra periferavela uma boa hora de morte do que tá que atará esses três. Mas eu hoje não vou atará eles muito, não, que eu hoje não tô de boa veia. (passos que se afastam)
- BRACKET: - E enquanto a dona Generosa se dirige para a sala de visitas, onde se encontra reunida toda a turma, escutamos alguns sábios conselhos que não são de trazer muito bem proveito. (faz aqui os anúncios)
- Sidôca - Parece mentira, Generosa, que até agora...

am

- Generosa - Cala essa boca, tu não estás mais que no rio aí que eu não te aguento, tu sei porque tu hoje das pra invocar contra mais de manhã. Tu e mais querêdo, Sidónio, tu não querêdo. Tu sabe que eu não ando bem contigo, mas muitos dia que tu sabe que eu ando atravessado contigo. Aquilo negócio de telefonar percorre por ti ainda tá qui, o. Atravessado na garganta, ainda não passou, não, tu não passa. Tu sabes negócio tu não sabe certo de noite na repartição e lá tu estás pra telefonaria, tu não passa que tu tá atravessado muito não. Ai tem coisa, mas a mim é que tu não me lava. Dava ficá pronto o teu vizião que eu vó lá desleitinho sacô.
- Licurgo - Porque a senhora não telefona, prá lá, dona Generosa? É mais fácil.
- Generosa - Não sei ligá, seu Licurgo.
- Laura - A senhora não sabe ligar o telefone, dona Generosa?
- Generosa - Não é que eu não sabe ligá, dona Laura. É que eu não intergo bem no numero e faço confrontação. A Sidónia e o Tunico são dois mal danado não adianta pidi que eles não fizes o negócio uma noite, eu pidi mas esse nego é burro que é uma tristessa não sabe nem fazer uma ligação de telefonis, mais feiz a ligação errado.
- Juvencio - (baixo) Ela é que pensa, vó se eu não findi olaco bico do patrão.
- Generosa - O nego, o que é que tu tá falando aí? Tu já não te disse que tu fosse tratá de apontá o café?
- Porfirio - Upai o café; Hoje saiu mais cedo do que eu esperava.
- Generosa - Não saiu, não seu Porfirio.
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) Tô dizendo que ainda não saiu. Mas vai sai mais cedo sim, que eu quero se despochá mais cedo de vocês.
- Porfirio - Medo de nós? Ora e daí! Medo de nós porque? Ninguém aqui é bicho papão.
- Generosa - Puxa! Credo! Mais papão que o senhor eu nunca vi. O sr. pensa que eu me esqueci que até as almofa harmonica o senhor foi lá dentro comê no meu guarda-culada?
- Sidonio - Tu-per-pur sinal que-que-que fez um mal horreroso, se coltado.
- Generosa - Bem feito, quem manda ele se infamado? Eu roquei praça que havia de fazê.
- Celestina - É que ele não está mais em idade de comer carne de noite.
- Bento - É fato.
- Generosa - Cala essa boca, dona Celestina, deixa de dizê bobage. Ela que é velá. Outros mais velho que ele come carne de noite e não sente nada, agora era que eu vó dizê. Eu quando agradeço mais a carne é mesmo de noite. Um rógibifi assim sacorrendo sangria! Uma bife acebolado bem calderento, que coisa mais repleta pra ganta comê de noite. Comê carne de noite é o meu hidros.
- Sidonio - Eu gosto muito de ca-ca-ca-ca...
- Generosa - Carne de noite, não é seu gago? É bôo mesmo.
- Sidonio - Não senhora não é isto. Eu gosto de ca-ca-ca-
- Generosa - Já sei, café. Vocês não pensa noutra coisa quando vem de mim e sabe.
- Sidonio - Não é café não senhora. Café eu também gosto mas o que eu te dizer outra coisa.
- Generosa - Pois intão dia dum vaiz. O senhor em vaiz de dizê fica aí fazendo ca-ca-ca-ca- fazendo boquinha.
- Sidonio - Gosto muito de ca-ca-ca-
- Generosa - Cachaça, agora tem que sê.
- Sidonio - (sanguado) Pois não é, não senhora, é bechorro quente.

- Generosa - Graças! Pensei que fosse outra coisa.
- Celestina - A dona Pepa hoje está tão calma.
- Generosa - É melhor tá calma do que tá fazendo bobeira como a senhora. Óia, dona Celestina, o felicão meu pai sempre dizia que com back fechada de mosca não entre.
- Pepa - Estou mal demais, dona Celestina. Estou fazendo umas saquetas de lã para el hijo de una vecina. Cumpre años amanhã el chico.
- Generosa - O que é que tem o Chico, dona Pepa? A senhora também conhece ele?
- Pepa - Si dona Generosa, conozco.
- Generosa - Conozco una óva. Com a senhora. Não tenta nada com ele.
- Pepa - Que coisa horrível. Essa mulher no sabia nunca. Es siempre la misma tonta.
- Generosa - Tem que ficar tonta mesmo. A senhora não quer se tratar. Todo o dia a gente tá dizendo pra senhora se trate. Todo o dia, dona Pepa se trate, dona Pepa se trate. A senhora vai melhorando. Vai relaxando. Um dia, não... Eu tô te avisando.
- Juquinha - Boa tarde para todos. peço desculpas da demora. (todos respondem) me nos dona Generosa.
- Generosa - Óia o Juquinha. Eu nem tinha te dado conta que esse viente não tava aí.
- Juquinha - Boa tardedona Generosa, como está?
- Generosa - Ué, boa tarde! que bobagem é essa Juquinha? Tu pensa que arguem aqui é aruera pra tu complementá o contrário?
- Juquinha - Ora, perdoe! Boa noite. Eu vinha tão distraído que até troquei a saiação.
- Tonico - O beija flor, tu agora já anda sózinho na rua?
- Juquinha - Conforme. Não sendo muito tarde ainda. Depois das dez horas não gosto.
- Tonico - É, toma cuidado. Põe a carrocinha de pagé.
- Generosa - O que é isso, Tonico? Não faz caso, Juquinha.
- Juquinha - Não senhora, não se incomode, dona Generosa. Eu sei que o Tonico é muito cagoiata. Arranjou companhia para vir, dona Pepa depois da rua que eu lhe avisei?
- Pepa - Si, sí. Don Sidonio ha pasado por mi casa e hemos venido juntos.
- Sidonio - Eu fui buscar a Pepinha.
- Juquinha - Muito bem. Com licença. Eu vou sentar que estou gelado.
- Generosa - Ué, rapazi da assenta. A cadeira tá aí.
- Juquinha - A gente quando anda muito fica cansado, não é verdade?
- Porfirio - Como disse?
- Juquinha - (alto) Estou dizendo que a gente quando anda muito fica cansado.
- Porfirio - Sou cansado, sim, menino. Há quanto tempo que eu digo aqui para todo o mundo que sou cansado e todos insistem na mesma pergunta. Sou cansado e tenho nove filhos:
- Tudinha - Pronto. Vem a família inteira.
- Porfirio - A Maria Leonor, a Teresa, a Rita, o Agostinho, a Maria Cristina, a Malalía e Leofrida, a Nádir e o Rubens.
- Generosa - É do que foi que faleceu a sua mulher, seu surdo? (outro tom) Com certeza de cansaço.

Profirio - Como di, ca?

Tonico - (soltando) A mãe tá perguntando de que foi que faleceu a sua mulher.

Profirio - Mãe faleceu. Ela inda está viva.

Generosa - Ah, desculpe. Eu não me lembrava.

Tudinha - (baixo) Baaa mãe tá cala baixo! A mulher do nome tá viva ele tá perguntando de que é que ela faleceu.

Laura - Que boletim o que está esse seu vestidinho, Tudinha. Agora é que eu estou reparando. É novo, não é?

Tudinha - É novo sim, foi a costurera que tá manidô que me faz.

Laura - Está muito engraçadinho. Ele está muito boa.

Idóca - Você talhou e botou o vestido, minha filha. Eu disse que você não botasse.

Generosa - Mas eu disse que botasse e quem manda aqui só eu. Quem sabe tu agora que tá alvora em alguma coisa aqui dentro de casa? Quem sabe tu pensa que nós temo aqui as melcô de tuas vontades?

Idóca - Está bem, Generosa, não está mais aqui quem falou.

Generosa - É que tivesse. Tivesse que tu ia vê. Botô tá bem botado. Quem mandô fui eu e tá acabado.

Laura - (baixo) Misericórdia! Si eu soubesse não tinha falado no vestido da Tudinha.

Generosa - Tunico discreta os braço dessa porta. Vai te acená iersito. Tu não sabe que isso não presta?

Tonico - (baixo) Velha chata!

Licurgo - Não presta porque, dona Generosa?

Generosa - Ué, o senhor não sabe, seu Licurgo? Quando a gente abre os braço em cruz diante da porta morre o pai ou a mãe da gente.

Licurgo - Não sabia, não. Vivendo e aprendendo.

Generosa - Meu Deus é uma coisa tão velha. Chapéu em cima da cama também não presta botá.

Licurgo - O que é que acontece?

Generosa - É atrazo. Dirramá sal tambem é coisa que amarra tanto a vida da gente.

Licurgo - Bem, isso eu já tinha ouvido dizer.

Generosa - É, sim, é muito ruim.

Laura - Eu não gosto é de quebrar espelho. Outra coisa não se incomoda.

Generosa - É, sim, quebrá espelho é pronuncia de alguma coisa ruim. Aleais eu tambem não gosto. Quando acontece de quebrá, a gente deve de i correto de botá os caco no mar pras onda levá a desgraça.

Licurgo - Eu hoje na pensão quando estava jentando derramei o saleiro todo em cima da mesa.

Laura - Credo, Licurgo, foi mesmo?

Generosa - O sr. devia tá pegado uma pitada de sal e jogado pras costas. É assim que se faz.

Celestina - É sim, jogando o sal pras costas não acontece nada.

Generosa - Cala a boca, dona Celestina. Ninguém tá duvidando de que eu tô dizendo não hay niciedade nenhuma de senhora confirmá o que eu já disse. Ela qui é falá. Nge tando falando não tá pastifeita. Nunca vi, Credo.

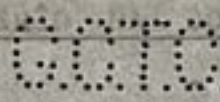
- (Lúcio) Hay ázia que no tenho um anjo de sua valia que Deus me perdoe e não se afigue. Diz que não presta, este tã injoo dos vivente mas desta valia eu tenho, praque que eu vá ázê.
- Laura - (Lúcio) Ela hoje tomou uma assistencia de dona Celestina que é um caso sério.
- Licurgo - Também a valia em vez de calar a boca leva a dar palitãs.
- Laura - Oitadas, Licurgo, até até quasi sem vida.
- Tudinha - (apitando) Ai, Juquinha! He de te com esse cutovelo na sua noção.
- Juquinha - Oh, Tudinha, perdoo, sim. Faltou, não foi, com gosto. Foi levantar o braço para ver se tinha o relógio de pulso e sem querer atingi a sua face com o cutovelo.
- Tudinha - Também tu não para. Leva a cabeça te macha, a te macha. Parou um mosquito elétrico. E logo aqui deessa lado que eu já ando com uma dor na cabeça porção de dias.
- Pepa - que tiens usted, Tudinha?
- Tudinha - Sai lá. É uma evitação de uma dor que não se trata de passar.
- Pepa - Porque no face usted una isfrigidion de alcohol?
- Generosa - que bobage é essa dona Pepa? Ninguém tá falando em bebida.
- Pepa - Ni yo tampoco, señora.
- Generosa - O que é que ela disse?
- Licurgo - Disse que nem eis tão pouco.
- Generosa - Ah, então já sei. O gôl que ela fez é de jogo de bola. Não tá se falando em bola. A sinhora tá fazendo confrontação.
- Tudinha - Mãe, cala a boca. Tu não entende as coisas pra que tu te metes?
- Generosa - Cala a boca tu, maveriada, arritida.
- Laura - Mas afinal o que é que voce? tem, Tudinha, voce não foi ao medico?
- Juquinha - Fui. Ele que fez a applicação. Tá desconfiado que seja sinusite.
- Generosa - que duanca chica, e semozito, não é dona Laura? Tãra que seja isso so que a Tudinha teje. Eu acho tão chica.
- Tudinha - Crede! Eu tô pra vê outra igual.
- Juquinha - Ah dona Pepa, comprou afinal a fazenda para o seu vestido?
- Pepa - Todavía nó, Juquinha. No se valido esta tarde. Manñana es probable que lo compre.
- Juquinha - E JÁ RESOLVEU a cor, afinal?
- Pepa - Creo que lo voy hacer celeste.
- Generosa - Ah, eu cuido. A dona Celeste casa muito bem. (pepa resmunga) quando eu fui madrinha do casamento da filha da dona Colota tu se lembra a idade? Foi ela que fez o vestido. Era todo de seda ommalótia valde bordado de antrais.
- Tudinha - Tu entendeu, Laura?
- Laura - Entendi, Tudinha. Era bordado atrez, não era?
- Generosa - Não, dona Laura a sinhora não la entendeu. Bordado de antrais, antrair é umas pedrinha de brilhante fugitivo.
- Tudinha - É atrez, Laura.

- Laura - ...
- Celestina - ...
- Generosa - ...
- Celestina - ...
- Generosa - ...
- Sidonio - ...
- Leite - ...
- Tonico - ...
- Generosa - ...
- Tonico - ...
- Generosa - ...
- Porfirio - ...
- Liburgo - ...
- Porfirio - ...
- Liburgo - ...
- Porfirio - ...
- Juquinha - ...
- Generosa - ...
- Pepa - ...
- Sidonio - ...
- Tudinha - ...
- Generosa - ...
- Juquinha - ...
- Laura - ...
- Celestina - ...
- Generosa - ...
- Pepa - ...
- Generosa - ...
- Tudinha - ...
- Generosa - ...

- Laura - É isto mesmo.
- Generosa - Eu fiquei foi com um mauco de dor de cabeça dor tanto da dona Pepa. (Baixo) Grita como uma loca.
- Sidonio - se ninguém mais vai cantar eu sou capaz de agradecer.....
- Generosa - Não se apresente não seu gago, Fique quieto aí. Alguem mais vai cantá coisa. Eu vô cantá. (Baixo) Porfiro cantá mesmo sem vontade do que de cá ele ficou aí gargalejando e resta da noite fumeiro e gente sofrê sem praveito. (dito) Vô cantá..... (diz o nome do que vai cantar e se cantá então muito apaludado por todos) Esse diabo desse seu gago foi me fazê cantá eu fiquei foi mais pior da minha dor de cabeça. (gritando) Juvenço! O negrinho!
- Juvenço - (longe) O que é, dona Cirioca?
- Generosa - Traiz um copo d'agua e uma capsulaspirina que tem dentro da gaveta da minha comida que é prá eu tomá que eu tô com dor de cabeça.
- Juvenço - (longe) Já vai patroa, minha repentis eu já levo.
- Laura - Dona Cirioca a cantora não vai cantar alguma coisa?
- Generosa - Ela não vai cantá coisa nenhuma, dona Laura. se asucegro. Uma mulé vai'n dessa jeito faz uma feiça prá cantá que as veia do pescoco e a ga a ficá delatada. Ela não vai cantá coisa nenhuma. Eu tô lá pra me incomodá dispois?
- Juvenço - patroa, óia a capsulaspirina e a agua.
- Generosa - Bota aí em cima da mesa que eu já vô tomá. Eu tu traiz assim na mão nã é maliduncado. Tu nunca que he de aprendê a tomá jeito botá essas dedo xujo dela na capsulaspirina. porque tu não trouxe ela dentro de invólucro?
- Juvenço - Ela tava assala lá na gaveta.
- Generosa - Jaminha vai t'labora lá prá dentro a bota dumá vez o café na mesa que é pra essa gente i tomá. Dixa tomá isso dumá vez que é pré vê se me passa essa porquera dessa dor. (risos de quem está bebendo agua.)
- Tudinha - Tu foi ao futibol aginal no domingo, Laura?
- Laura - Não fui. O Licurgo estava com dor de cabeça e não saímos. Passamos a tarde em casa.
- Unico - Perdeste uma partida do outro mundo. (Diz o resultado da partida principal do domingo anterior)
- Licurgo - Eu sei que a partida foi boa. Eu estava com vontade de ir mas amanchei muito indisposto e afinal não fui.
- Pepa - Nosotros fuimos a las carreras. Estuvieram formidabâes!
- Sidonio - Defendemos uns cobrinhos nas pu-pu-pules.
- Juquinha - Eu perdi dez mil reis. Fiquei tão triste. O dinheirinho que tinha recebido na vespere de uma guardanapinho que tinha bordado para uma gre-gueza.
- Generosa - Bem feito, quea manda voceis se metê em jogo? Jogo não dá camisa pra ninguém visti, não é seu Banto?
- Bento - É fato.
- Juvenço - Dona Cirioca o café já tá na mesa.
- Generosa - Também, não precisa gritá Vamo, pessoal, vamo tomá o café. Ué. O que é que tá fazendo essa capsulaspirina aqui? que vô que o negrinho trouxe duas? Negrinho, quantas capsulaspirina tu trouxe de lá?

- Juvenio - Uma só. Era só uma que tinha lá.
- Generosa - Mas não pôde ser eu já tomei ela e aqui tem outra.
- Juvenio - Essa é a que eu trouxe de lá. Tá intê anesia com a beradinha moida.
- Generosa - Mas e a que eu tomei então? Como é isso?
- Celestina - Senhora tomou o botão em vez da casiaspirina, dona Generosa?
- Generosa - Será? Como é que a senhora sabe.
- Celestina - Sei porque eu vi a senhora tomar.
- Generosa - É porque que a senhora não me avisô, isoumungeda do diabo?
- Celestina - A senhora não queria que eu falasse.....

(Característica forte para o fim do programa.)



- Generosa - Negrinho vem cá.
- Juvêncio - O que é, dona Generosa?
- Generosa - Tu vai lê essa carta que eu arresei, que eu tô sem os rinsinô não posso enxergá direito.
- Juvêncio - Eu tombem ando tão ruim de vista, patroa, em todo o caso não vê.
- Generosa - (Depois de uma longa pausa) Lê dum vez, anti que venha algum daqueles injuado lá de dentro.
- Juvêncio - Para aí, patroa, tô solestrando. Tu num posso lê tudo num repente assim.
- Generosa - É que tu dimora muito daqui e um mundo tão eles aí.
- Juvêncio - Eles são lá tudo intartido, conversaendo, não vão vim aqui.
- Generosa - Isso é o que tu pensa. São tudo uns dedero de fé. Não dimora muito tá aí um deles. Anda, aminha, lê.
- Juvêncio - Do-na. Gi-ni-ro-sa. Dona Ginezosa.
- Generosa - O que é?
- Juvêncio - Não é nada. É o que tá esarivido aqui.
- Generosa - Parasegue, parasegue dum vez.
- Juvêncio - Co-ne--cone-nhe - co-nhe-as-dóra. Conhece Dóra.
- Generosa - Si eu conheço a Dóra? Que Dóra?
- Juvêncio - Sei lá. Tu tô lendo o que tá iscrivido aqui.
- Generosa -- Si não diz que Dóra é, como é que eu vô me aiemará? Vamo, negrinho, parasegue, parasegue.
- Juvêncio - Conhece Dóra...que...so-u-de.
- Generosa - Saude deve de sê. Esse nego é burro que é uma tristeza. Si eu fosse burra como tu eu me matava. Anda, Lê isso dum vez.
- Juvêncio - Conhece Dóra que saude su-as se-las. Qual-i-da-de. Qual-idade.
- Generosa - Si eu nem sei que Dóra é como é que eu vô sabe que idade é que ela tem? Cum celtaza é isso que ela quê saê. Para aí. Ve o seboscrito dessa carta. Vê quem é que mania ela.
- Juvêncio - Lavê. (pausa) Ué, patroa, não tem nome nium.
- Generosa - Não pode sê, como é que não vai tá nome?
- Juvêncio - Não tem, dona Ginezosa. Óia aqui. Veje si tem.
- Generosa - É, não tem. Intão vai ve que é carta anônica.
- Juvêncio - Que é isso, patroa?
- Generosa - Tu não sabe o que é carta anônica? Nego? É miseravi burro, minha noessa sinhora. Carta anônica, instupidi, é carta que não vem no seboscrito. Aprende que é pra tu deixá de sê inguinrente.
- Juvêncio - Ah, agora sim. (baixo) Agora eu não sei do caso peitô.
- Generosa - Tá bô, lê essa carta dum vez que eu já tô principiando a ficar inguinriada. Eu não gosto de carta anônica, tenho palvor.

Caminha
1-9-42A

COTO

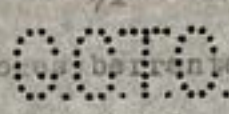
- Juvencio - Adonde é que nois fiquemo mesmo? Eu fui mostrá pro sinhora que não tinha assinatura, tirei o dedo de ribs adonde nóis tava agora não me lembro adonde é.
- Generosa - Nóis tava no pedaço que priguanta a idade da dóra.
- Juvencio - Ah, é. Agora pra achá é que vai se difirece. Ah tá aqui. Qual-ida-de de re-cu-nhi-ci-do...
- Tonico - (entrando) Mãe, onde é que tá o meu cinto de crocodilo que o pai me deu?
- Generosa - Sei eu lá, eu é que vô sabê adonde qaa tu batô?
- Tonico - Pois eu não dei prá tu guardá, mãe?
- Generosa - Tu não me deu cinto de cocodrillo nenhum prá guardá tu me deu foi um de côro que tá na gaveta de baxo da minha cômoda.
- Tonico - Pois é esse mesmo que eu tô procurando. Como é que tu nã sabe.
- Generosa - De cinto que não posso sabê o cinto é de coró tu vem procurá cinto de cocodrillo.
- Tonico - A não é a mesma coisa? Côro de crocodilo não é coró?
- Generosa - Tá bão, tu qué é cunvela fiada e eu nã to disposta. Vem cá vem Lã is-so aqui prá mim que eu nã sei aonde é que anda os meus pincinú.
- Tonico - Isso o que, mãe?
- Generosa - Essa carta anonica que eu arrecebi. O Juvencio leu aí um mucado mais ele lã muito digagar. Vem priguantando aí a idade da dóra, si eu conheço a dóra...
- Tonico - Dexa vô. (pausa longa) (baixo) Sim senhor, heim? Que pirata esse velho!
- Generosa - O que é que diz essa carta, Tonico?
- Tonico - Não é prá ti, mãe. Essa carta é pra Dóra.
- Generosa - Ué, mas como é que eles botaro ela dibaxo da minha porta.
- Tonico - Foi engano.
- Generosa - Mas lã o que tá escrivido aí.
- Tonico - Pfa que, Mãe? O que é que te interessa se a carta não é pra ti?
- Generosa - Ué, mas eu quero sabê tu não tem nada que vê com isso.
- Tonico - É uma carta prá dóra perguntando que idade ela tem.
- Generosa - Isso o negrinho leu.
- Tonico - É uma... é uma pessoa que se interessa por ela e quer saber que idade ela tem pra ver se podem se casar.
- Generosa - Vê mesmo que ela vai dizê. Vai minti que é meno... todos feiz assim.
- Tonico - Eu vô guardá essa carta e amanhã quando eu for pro pré vô devolve ela no correio. Devolve assim aberta mesmo. Que de o envelope?
- Generosa - Tá aqui. Tu iaplica que a gente abriu porque o negrinho lã malí malí e pensô que a carta era pra nóis. Ué, dona Pepa o que é que a sinhora qué?
- Pepa - Desculpe-me señora. He venido arreglar mis enaguas.
- Generosa - Ah, vai, negrinho, vai buscá agua pra dona pepa. A sinhora namou argu-me coisa sarguda hoje que mal chegô já tá tomando agua?
- Pepa - He, señora. Usted no me ha comprendido. He venido a arreglar mis enagua

- Generosa - Já mandei buscá, mas a Pepa, a sinhora não viu* espera um mucado também, a sinhora é tão fernetica, quando f. que as coisa que logo. É ruim a gente só assim, dona Pepa.
- Pepa - Explique-lhe, muchacho, por favor, Yo no sé como he de hacer para que me intienda.
- Tônico - Mãe, a dona Pepa não veio aqui dentro pra tomá agua nenhuma.
- Generosa - Ué, foi ela mesmo que disse. Pois si ela veio pra outra coisa que vá fazê.
- Tônico - Veio indiretá a sala dela.
- Generosa - É o que é que tem qua vê a sala com a agua. Sim, porque ela falô em agua que eu ouvi. Eu não só o seu polfirio.
- Pepa - Señora, en que la saja para usted es la enagua para mí.
- Generosa - Tá aí, tu viu agora? Tãmoso, burro. Tá pidando a agua pra ela. Já vem aí, dona Pepa, o negrinho já foi buscá.
- Tônico - Olhe dona Pepa, a sinhora se arranja aí com a mãe porque eu é que não tenho paciencia pra aturá. Tchau! (passos que se afastam)
- Idóca - Bueno y yo tambien me voy por la sala de visita porque ya me he arreglado. (passos que se afastam)
- Generosa - Ué, dona Pepa, a sinhora não vai esperá a agua?
- Pepa - No quiero agua ninguna, señora, tome-la usted.
- Generosa - Uredo! quanto distempatorio. Essa mulhé dada veiz tá mais loca, mais disabitada. Nós vamo tã que da um jeito desse mulhé não vi mais aqui.
- Juvêncio - (entrando) Óia o cópi. Ué, cadê a dona castiana?
- Generosa - Foi lá pra dentro. -la hoje tá bem dilirida.
- Juvêncio - Entonce vô levá lá.
- Generosa - Não vai nada, dexa aí. Ela si quizé que venha buscá. Ela mesmo nem sabe quando é que ela tem sede. Uma hora que a agua outra hora já não quer. Si ela quizé que venha tomá aqui. Vai levá a agua lá dentro já os otro olho grande vô já que tudo tomá. É a dona Celestina, é o seu surdo, é o seu gago. Aquilo são tudo uns invejento. Tem os olho maior que a barriga.
- Idóca - (gritando de dentro) Generosa!
- Generosa - Já vô. Não te parás gritá aí feito loco não que tu já sabe que tu não tem curria prá mim. Quando eu me dispachá de que eu te fazendo aqui eu vô. Não adianta nada tu tá aí de galgalo aberto porque eu vô quando eu quizé. Tu já ia pois agora vô diabrá mais um poco só pra não te dá essa ganja. Sacuta, negrinho, tu foi convidá a moça dali confrente da casa do doctor pra vém aqui?
- Juvêncio - Foi, dona Generosa. Ela mandô dizê pra sinhora que otro dia ela vem q que hoje não podia porque tinha que estudá que amanhã ela tem lição de franceiz.
- Generosa - É? Ele tá estudando franceiz? Tu não disse pra ela que eu também tava?
- Juvêncio - Num sinhora. Nem se lembrei.
- Generosa - Tá bô, vai perperá as coisa tudo pro café desses infamado que eu vô lá pra sala inhante que o Idóca me chama otra veiz que me dá uma arrecencia quando ele principela: Generosa! Generosa! Graio! Hay dias que inté a veiz desse modo me ripua. Quê home sol! (passos).
- Idóca : enquanto dona Generosa se dirige para a sala e faz de atender as suas visitas, escutemos algumas palavras sobre os patrocinadores deste programa. (faz aqui os anuncios)

- Laura - Ah dona Generosa, a senhora esqueceu mesmo a tempo. Estamos aqui numa discussão a respeito de gordura. Eu e a Tudinha somos apologistas das pessoas magras...
- Pepa - Y yo también, señora, no se olvide.
- Laura - A senhora disse que preferia as gordas.
- Pepa - Pero que mentirosa!
- Laura - Mentirosa não, que a senhora disse.
- Juquinha - Não, dona Laura e dona Pepa disse que preferia os homens gordos mas que achava mais bonitas as mulheres magras.
- Laura - Ah bem, então eu entendi mal.
- Licurgo - É claro que diante do seu marido ele tinha que preferir os homens gordos.
- Pepa - Adelante de don Sidonio porque, don Licurgo?
- Licurgo - Porque ele é gordo, ora esse!
- Pepa - Isso no quiere decir nada. A mi me gusta don Sidonio porque es un buen hombre. No es porque sea así de gordo.
- Sidonio - Mu-mu-muito obrigadinho, minha querida Pepinha.
- Pepa - No teénes que agradecer, queridito. É a verdade.
- Generosa - Esta afinal das contas que discussão é que vocês tiveram que eu até agora não fiquei sabendo?
- Tudinha - Não, alguma aqui tá falando japonês? Nós támos discutindo o que é mais bonito: a mulher gorda ou a mulher magra. O Licurgo, o seu Sidonio e o pai acham as gordas o Tonico é das magras. O senhor também não é seu Bento?
- Bento - É fato.
- Laura - Prefere as magras?
- Bento - É exato.
- Tudinha - Ah, a Laura e dona Pepa também são das magras.
- Pepa - Las mujeres, los hombres no.
- Tudinha - Já se sabe, dona Pepa. Agora a dona Celestina....
- Celestina - Eu prefiro....
- Generosa - (interrompendo) A senhora não prefere coisa nenhuma, dona Celestina. Cu-la essa boca, vá se dá o respeito. Agora uma mulher volta desse jeito perfiri isso ou aquilo. Não tem nada que preferir.
- Juquinha - Eu sou de opinião que as mulheres quanto mais fracas e espirituais mais encantadoras se tornam, agora os homens devem ser fortes, robustos, hercúlicos. Os homens bronzados são o meu tipo!
- Laura - Vamos ouvir a sua opinião, dona Generosa.
- Generosa - Eu não gosto das pessoas muito magras. Também rubusca de mais não gosto. Agora acho preferível se gorda como sou eu e a dona Pepa de que esquelética e seca como a dona Celestina.
- Sidonio - A gordura é formosa.
- Generosa - Bom, isso tem os seus defeitos. Não é assim como tu tá dizendo. A gordura é bonito quando é uma gordura parelha como a minha. Agora essas pessoas como a dona Pepa que só engorda pros arrebalde fics muito feio. É preferível então se seca como a dona Celestina.

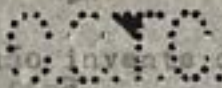
- Celestina - Eu não sou tão magra assim, dona Generosa.
- Generosa - Não, é muito mais ainda. Um esqueleto ambulante que anda aí. Porque será que as pessoas nunca se adhecem?
- Tonico - É isso mesmo mãe, agora, tu disse uma coisa acertada. As pessoas nunca se adhecem. (baixo) Não vê ela?
- Laura - O seu Porfirio ainda não deu a opinião dele.
- Licurgo - É melhor não perguntar. Ele está a sêr completamente á conversa.
- Tudinha - Tá dormindo, nem tá se dando conta do que a gente tá falando.
- Laura - Pergunta, só pra ver.
- Tudinha - Seu Porfirio, oh seu Porfirio. (pausa, silencio) Sacóda ele ní seu Sidónio.
- Sidonio - Co-co-compadre, oh compadre.
- Porfirio - O que foi que aconteceu?
- Sidonio - Não aconteceu nada. A dona Laura é que quer falar com o senhor.
- Porfirio - Como disse?
- Sidonio - (gritando) É a dona Laura que quer falar com o senhor.
- Laura - É pra saber como é que o sr. aprecia mais a mulher. Gordas ou magras?
- Porfirio - Ah, pois é.
- Sidonio - Ele não ouviu, fale mais alto.
- Generosa - (gritando) É pra saber como é que o senhor aprecia mais as moças. Gordas ou magras. Qual é?
- Porfirio - Café?
- Generosa - Pronto. Já tá o infamado. Não é nada de café, seu Porfirio. (gritando) Tá se perguntando qual é que o senhor aprecia mais. As gordas ou as magras?
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando furiosa) Tô perguntando qual é que o senhor gosta mais.
- Porfirio - O café carioca. pra mim não ha outro mais gostoso. A sinhora não achou?
- Generosa - Acho sim, mas não é nada disse que a gente tá falando. Tá se falando outra coisa. Credo! Esse home deixa a gente dizasperada.
- Sidôca - Vocês vão mecher em casa de maribondo, é o que acontece.
- Celestina - Quando está para chover os surdos sempre ficam mais atacados.
- Bentop - É fato.
- Generosa - Pois é, e as faladeiras tambem ficam. Gela a boca aí que ninguem lá pra perguntar nada. Essa vivente quando pega a falá é pió que laplica de radia fazendo anuncio.
- Celestina - Eu agora vou codar um separedrapo na minha boca.
- Generosa - Vêla buté adonde a sinhora quizé dela que a sinhora deixe tempo pra gente falá. Deus que se perdoe mas eu perfiro uma boa hora de morte a sêr assim como a dona Celestina, credo. Era coisa que o falecido meu pai sempre dizia prá nós; minha filha é coisa muito feio a gente sêr conveladada finta, a gente nunca deve de falá demais. A gente não deve de arresponder o que as pessoas perguntá prá gente, quando elas não perguntá a gente não fala. É nós se habituemo nessa sistema, que todas era assim. Eu, a falecida singorosa, a Glôriosa, só a Rosa é que era um mucado mais assim conveladada. Costava de contá as coisa que via.

- Também o galicido mau pai não deixava ela botá pé em galho verde. Falava logo e fazia ela calá a boca. Todo o dia a Rosa tinha uma história prá contá. Dadera de fé que a coitada era que Deus se perdoe. Gostava de tá espiando a vida dos visinho pra depois tá fazendo lembança e cunvelsa. Nós já seimo muito deferente. Si hay coisa que eu tenha aburricimento é de cunvelsa. Não gosto pra que que eu vô dizê? A sinhora vê que eu não sô capaz de falá sinão quando me priguntam as coisa, si não me priguntam também, aqui não tá quem falô. Essa vinte aí é uma coisa desconfolme, parece que não tem trava na lingua também coitada não é? O que é que ela vai fazê? Foi Deus Nosso Senhor que fez ela assim ela não tem culpa.
- Sidôca - Está bon, Generosa, chega!
- Tudinha - É uma coisa horrorosa!
- Generosa - Ven cá, Sidôca: com quem é que tu pensa que tu tá falando, heim? Quem sabe se tu pensa pur acauso, que eu sô tua filha ou tua lacrãia pra tu me mandá calá a boca? Adonde é que nós temos é que eu quirie só sabê. Tira essa purcaria desse charuto pra lá. Tá vindo a fumaça em cima da gente a gente depois fica com essa aroma de charuto que ninguém soporta. Agora deu prá isto. Deis que melhorô um bucadinho de vida dexô o cigarro de palha e é só charuto, só charuto.
- Laura - Charuto é mais elegante.
- Licrugo - Está mais de acordo com a posição de um homem que tem alguma coisa.
- Generosa - Só vejo uma vantagem é que não veve agora aqueles toquinho de palha com as ponta queimada em cima de tudo que era movil.
- Laura - Então já é alguma coisa.
- Sidonio - É o aroma do charuto também é mais agradável do que o cigarro.
- Generosa - O aroma tanto um como o otro tem. Quarquê dia eu já disse que vô proibi ele de fumá dentro de casa. Quê fumá vai fumá na rua. Não olha pra mim não porque os teus olho não me assusta. Não pensa, não. A pose dele só. Parece um príncipe de galhos.
- Tonico - Olha mãe, ele é o príncipe e tu a princeza. Tu é que é a princeza de galhos.
- Generosa - Cala essa boca e deixa de te mistê nas cunvelsa. Fica quieto é que é melhor.
- Juquinha - Dona Pepa, para quem é que a senhora está fazendo desse manhenita?
- Pepa - Éo no es manhenita, Juquinha, as uns tricota que estoy haciendo para mi querido.
- Juquinha - Tão delicado. É um doce.
- Sidonio - É um pu-pu-pu-pu...
- Generosa - Pudim, seu -isi-sidonio. Diz logo duas veiz.
- Sidonio - Ma-ma-mais não é isso, que eu tá dizer. Eu não ia falar em pudim nenhum.
- Generosa - O senhor começa aí, pu-pu-pu-pu-pu, o Juquinha falô em doce eu pensei que era pudim. Pudim é doce.
- Sidonio - Ma-ma-mais eu não ia falar em doce. Eu ia dizer que a dona Pepa estava fazendo um pu-pu-pulover para mim.
- Generosa - Só mesmo ela.
- Pepa - É porque, señores?
- Generosa - Porque mais ninguém ia fazê, orissai!
- Tudinha - Essa cor é muito bonita mas para pulover de homem eu não gosto.
- Pepa



- Regina - Le gustan más los colores **barraños**, escandalosos, variados?
- Tudinha - Isso não porque pra mim ficava mal de todo o jeito. Mas essa cor é muito delicada.
- Juquinha - Muito, sim, eu já disse. Parece um doce, não é mesmo?
- Generosa - Ah, por falá em doce, a vizinha aí do lado entente foi tão delicada, tão odaciôsa com agente! Me mandô um frasco de doce de ambrosina tão chica tão regleto. Nôis cumemo que se regalemo. O Sidôca chegava a iam bê os **doçes** Nuncê vi gostá tanto de ambrosina como esse homê!
- Tenico - Não é só de ambrosina que ele gosta.
- Licurgo - Se baba de moça ele também gosta, não é seu Sidôca?
- Sidôca - O gosto de tudo quanto é doce, seu Licurgo. Mas guria bastam as da vizinha.
- Vidônio - Não são poucas.
- Sidôca - Mas em casa eu só como doce de batata. Desde que casei.
- Tenico - Mas na rua bem que tu te defende... nas confeitarias.
- Sidôca - A gente precisa variar de vez em quando, não é mesmo?
- Generosa - É, mas o quistão é que tu cumendo doce de batata na tua casa tu não gasta dinheiro e pra come esse doce fina das confeitaria tu tem que pagá um dinheirão.
- Sidôca - Ora, afinal de contas, mais vale um gosto do que quatro bintens.
- Generosa - O doce feito em casa tu sabe como é que é feito e esses da rua a gente não sabe.
- Licurgo - Isso não tem importância porque o que os olhos não veem o coração não sente.
- Generosa - Espere aí, que agora me alembrei: (chamando) Negrinho! O negrinho! Chega aqui um mucado.
- Juvencio - (longe) Eu agora não posso, dona Gineirosa, tô acupado. Vaqui um mucado mais eu tô.
- Generosa - (gritando) Não tem nada que vim aqui um mucado. (mais forte) Eu quero que venha já.
- Porfirio - Ora que pena hoje é chá. Eu apreciaria muito mais um cafézinho quente.
- Generosa - Cala essa boca, seu surdo, não atrapalha. (gritando) Tu vem aqui veiz heim negrinho. Tu não me atrapalha o melvo. Olha que eles já são bem quente.
- Porfirio - É claro! Chá frio não tem graça nenhuma. Deve ser bem quente.
- Generosa - (exasperada) Home de Deus, segura essa tranca. Esse home é a dona Glestina, Deus feiz e o diabo ajuntô eles. Credo! Caminha dum veiz, negrinho eu te chamei.
- Juvencio - Fronte patroa, não precisa gritá, já tô aqui.
- Generosa - Abonta negro, tu foi levá o frasco que a moça mandô de ambrosina que eu te disse que tu levasse?
- Juvencio - Foi dona Gineirosa, já entreguei. Ela arrecebeu ele e mandô um abraço pra sinhora.
- Generosa - Ah foi? Ela mandô um abraço prá mim?
- Juvencio - Mandô sim sinhora.
- Generosa - Como é que tu não me disse nada, negro senvergonha.
- Juvencio - É praque eu me esqueci, sim sinhora.

- Generosa - Pois amanhã tu vai lá dizê pra ela que eu arricibi o abraço, que eu agradeço e contribuo.
- Juvencio - Lá bem, patroa, eu vô.
- Generosa - Agora acendo o fogão de aguilz que é pra preparar um caféinho pra sa-
na gente. (gritando) Ricem mandei fazê, seu surdo, fica quieto aí.
- Porfirio - Mas eu não estou dizendo nada.
- Generosa - Não tá dizendo mas lá dizê, pensa que eu não vi o seu jeito. (gritando)
Óia negrinho, tu acende direito esse fogão aí, hein? Vô lá. Não abre
direito os bico da aguilz depois faz aí uma exclusão e dá um susto na
gente aqui.
- Pepa - Mas tiene usted tudinha que está tan triste?
- Tudinha - Não tô triste, dona Pepa, tô chateada. Tô com dor de cabeça hoje.
- Generosa - Tu tá com dor de cabeça de teimosa e rinitente que tu é. Eu já te disse
se pra tu tomá um virasão que passa. Tu não qué.
- Tudinha - Passa, nada, mãe, já tomei não sei quantos.
- Mara - Quem sabe é dos olhos, Tudinha? As vezes essas dores de cabeça são pro-
veniente dos olhos.
- Vidonio - Ou então da bu-bu-be- bu-be...
- Generosa - De bucia.
- Vidonio - Bucia nada. Da barriga é que eu quirin dizer.
- Tudinha - Eu sei lá de que é. Só sei que é uma chatiçã. A dor de cabeça todo
o dia, todo o dia! Eu já ando por conta.
- Generosa - Minha filha, vai no doctor. Não custa nada.
- Tudinha - Doctor nada, não vou em doctor coisa nenhuma. Agora por causa de uma
dor de cabeça ir no doctor.
- Licurgo - Mas a questão, Tudinha, é que não ha efeito sem cause. A dor de cabe-
ça deve ter a sua origem.
- Generosa - Pois é, eu tô cansada de dizê. Também não qué i não vai. Eu boto o
meu coração na liberdade. Não tenho nada que vê com isso.
- Pepa - Masquites tiene muy mala cabeza.
- Generosa - A senhora também, dona Pepa, tá com dor de cabeça?
- Pepa - Yo no tengo nada señora. Estoy hablando de la chica.
- Generosa - Ah, a chica! (baixo) Sei eu lá quem é a chica. A gente tá falando uma
coisa ela vem com outra diferente. Não diz coisa com coisa.
- Pepa - Porque no te vás acostar?
- Generosa - Acostá adonde, dona Pepa?
- Pepa - Adonde quiera, señora. Usted se cre que estoy acá para contestar todas
las tonterias que me pregunta usted? Yo no soy don Simón que se re-
signa a oír-le sin decir nada. Yo no me he casado con usted, no tengo
la obligacion de estar-le. Ahora puede hablar lo que quiere y quanto
quiera porque ni le contesto. Estoy cansada, señora, estoy cansada.
- Generosa - Pois é. (baixo) Porque será que ela tá cansada?
- Benico - Mãe, tu não acha muito melhor em vez desse léro-léro a gente fazê um
bucado de musica?



- Generosa - Deix que o seu canto não invente de diclama e a dona Celestina de que-
va cantá vocela póde fazer.
- Celestina - Por mia não ha perigo. A senhora não querendo eu não canto. Só canto
quando me pedem.
- Generosa - Deixa de bobagem, dona Celestina. A senhora é a primeira que se apresenta
é só a gente falá em cantá ou tocá e a senhora já fica aí com o pes-
coço todo isgueritado ingulindo a guspe em seco. (baixo) Todo o mundo
té cansado de sabê que ela é apresentada agora té aí com bobagem!
- Licurgo - É por isso que eu me limite a escutar. Eu e o seu Bento, não é seu
Bento?
- Bento - É fato.
- Licurgo - Preferimos ouvir do que nos fazer ouvir.
- Bento - É exato.
- Pepa - Y usted tambien, don Sidonio, de hoy en adelante quedará como especta-
dor obscuro.
- Generosa - Quem é que espetou no escuro que ela disse?
- Tonico - Ela não disse, mãe, tu é que entendeu.
- Juquinha - A dona Pepa está dizendo ao seu Sidonio que de hoje em diante ele fi-
cará sendo apenas um obscuro espectador. Quer dizer que não se fará ou-
vir.
- Generosa - Ora até que um dia ela disse alguma coisa que se aproveitasse.
- Pepa - Pero así mismo usted no la entendió.
- Generosa - (que não entendeu) Pois é.
- Sidonio - O programa de hoje eu já sei. A dona Generosa canta, o seu Sidôca tam-
bem canta e o Juquinha declama. É sempre assim.
- Generosa - Já aí é. Ela disse que ele não la falá ele desmintiu ela na mesma hora
isso é só botando desperatrapo na boca. É mesmo assim ele era capaz
de falá.
- Tudinha - Laura, vai cantá alguma coisa pra acabá com esse xique-xique da mãe e
da dona Pepa. Isso incanzzina a gente.
- Laura - Cantar você me desculpe mas eu ando muito mal da minha garganta, ando
muito rouca mas se você quiser que eu toque qualquer coisa eu posso
tocar.
- Tudinha - Pois então toca. Póde ser que com a musica elas deem uma folga aos ou-
vidos da gente.
- Laura - O que é que você prefere que eu toque?
- Tudinha - Toca qualquer coisa. O fim já você sabe qual é.
- Laura - Bem, então eu vou tocar um fox. (Laura toca sendo muito aplaudida por
todas ao terminar)
- Generosa - Muito bem, dona Laura, muito bem. É tão saborioso esse foque, não é
mesmo?
- Licurgo - É, sim, muito saboroso. (baixo) Saborioso? deve ser isso.
- Bento - É fato.
- Generosa - Muito delicioso, muito repleto!
- Tudinha - (baixo) Misericórdia! Quanta asneira! Essa mãe entergonha a gente.
- Sidonio - Mi-mi-minha querida Pepinha, eu gosto tanto de te ouvir cantar. Se a
dona Generosa deixasse você cantar para mim eu ficaria tão satisfeito!
- Pepa - Te gusta de oír-me cantar, mi tesoro? Pues entonces yo voy a cantar. M
Mira

0070

- Miren señores. (acentuando) Yo voy a cantar para mi sueño y que ustedes lo permitan que voy hacer un buxixo!

Generosa - Pues é que tá fazendo buxixo, dona Pepa? Ninguém tá fazendo buxixo.

Pepa - Yo señora. Yo que lo voy a hacer se no me lojan cantar.

Generosa - Sei lá o que é que sia tá dizendo. Sia pensa que fala com sua lingua que sia pronuncia não inglate.

Juquiana - A dona Pepa quer cantar, dona Generosa.

Generosa - Não, pois que canta. Eu não tô siguranio a boca dela.

Pepa - Escucha-se querido. Lo que voy a cantar es para vos. Para vos que sois mi sueño e o quien parhença toda mi vida de virgem amorosa!

Laura - (baixo) Deus que se perdes! que vai de desfrutavel!

Pepa - Don Porfirio se vá acompanhar. (chamando) Don Porfirio! Mire, don Porfirio. Mire usted!

Porfirio - O café?

Pepa - Todavía não. Mire acá la musica. Yo deseo que usted le toque el piano para que yo lo pueda cantar.

Porfirio - Ah, sim, já sei. A senhora quer que eu toque essa musica. Está muito bem, eu toco. agora cômier eu não conto, a senhora se desculpe mas eu não ando bem de minha garganta.

Pepa - Não quero que cante. Quero que la toque suavemente. Mas la vá a cantar soy yo. Yo canto y usted le toca. No le pido que cante.

Porfirio - Não canto. Já disse que não conto e não canto. por muito favor vou tocar pra que a senhora não diga que sou rogado.

Pepa - Bueno, está bien, está bien. Toque-la no más. (mais baixo) Esta y dona Generosa se pueden juntar. (dona Pepa canta acompanhada por Porfirio sempre muito apertada por todas)

Idonio - Mu-uu-muito bem, minha pepinha. Muito bem, minha bombinha sen fel. Muito bem minha sa-sa-sa-sa...

Generosa - Baracura.

Idonio - (brabo) Não, dona Generosa. Minha sa-sa-sa-sa...

Generosa - Cabulide.

Idonio - (mais brabo) Não. Também não. Minha sa-sa-sa-sa...

Generosa - Sa sa.

Idonio - (furioso) Sa-tia-não.

Generosa - Ora crede! Pra o quê queificação levá deis que fazenda sa-sa-sa-sa-sa-sa...

Idonio - Eu quero é que atrapalha ele.

Generosa - Uma casa boca que ninguém te pergunta nada. Já e brabo pra dona Celestina e sei a paixão com ela. São os dois mitido. Ninguém pergunta as coisas pra eles mas eles tem que falar. Não pode tá sem felá.

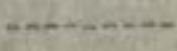
Juquiana - Dona Generosa, a senhora se permite declarar qualquer coisa? Estou com um vontade de me expandir hoje.

Licurgo - (baixo) Hoje vai ter.

Generosa

- Generosa - Diclama, Juquinha, tu sabe que a minha casa tu tem serve comida. Póde diclamar.
- Juquinha - Obrigadinho. Vou dizer então..... (diclamar sendo muito placido)
- Juvencio - Óia o café té na mesa coberta.
- Generosa - Nego eu já te disse que isso não é maneira alicia de chamá ninguém. Já te disse que aqui tu tem que pô outro jeito. Essa casa não é a outra não. Aqui eu quero tudo muito chico. Tu já te insinua como é que tu tem que fazer, cabeça dura. Tu chega na porta da sala te agacha pra frente e faz assim: Malama, la té té no tablé. Tu que sai falá franceiz já fico sabendo que o café té na mesa. Aprende a se gente, marcinado. Vamo faiz.
- Juvencio - Madama le tér tá no tablé.
- Generosa - É isso mesmo mas pra outra vez ve se diz isso com uma pronuncia aliter e te agacha pra frente como os franceiz faz.
- Juvencio - Tá ben, dona Glairosa, eu te agacho.
- Generosa - Vamo, pessoal, vamo tomá chá que já tá no tablé. (sem teles conversando) O chá é mais três jeitiz de que o café, a simhora não acha, dona Laura?
- Laura - (já atenta) Ah, é, o chá é mais chico, mais elegante, mais refiné.
- Generosa - (longa) Caminha dona Celestina, vem dumz vez. Que mulhé mole, mimiricordia. Vem seu bento, (as vozes vó se distanciando até se extinguirem)
- Tenico - Pai, é pai, vem cá.
- Sidóca - O que é meu filho.
- Tenico - Tu sabe que tu vai me dámanablusa de coure amanhã mesmo?
- Sidóca - Amanhã? Porque amanhã?
- Tenico - Porque eu quero. - tu vai me dá direitinho.
- Sidóca - Você está ficando muito malcriado, Tenico. Pois agora você não ganha a blusa nem amanhã nem nunca mais. Era só o que faltava fazer imposição ao seu pai.
- Tenico - Não ganha, não é?
- Sidóca - Não ganha, não senhor.
- Tenico - Está muito bom, então eu ven entregar esta certidão á mãe. Ouve só: Dona Generosa - concedora que sou de boas belas qualidades, de reconhecidas dotes de virtude, senhora respeitavel, carcedora de toda a sorte de fidelidade, esposa dedicada, mãe extranosa, amiga sincera, não deve viver numa eterna ignorancia. A senhora, dona Generosa está sendo traída por seu padote marido.
- Sidóca - Fala baixo, Tenico, fala baixo, meu filho.
- Tenico - Ela se chama Sarinha, dona Generosa. Sabiahei a mãe no caminho de repartição de seu Sidóca. É aquela creança que telefonou para aí naquele quarta feira. A senhora é tão calma e refletida que saberá se defender heroitamente, resolvendo esse assunto tão sério quante grave, rigorosamente e sem escandalo. Uma amiga muito sincera. (outro tom) Viu, não viu? Agora quem vai vê é a mãe. (passos)
- Sidóca - Vem cá, meu filho.
- Tenico - O que é?
- Sidóca - Eu lhe compro a blusa de coure.

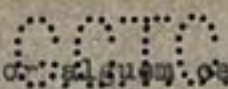
(caracteristico forte para o fim do programa)



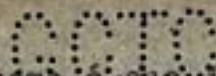
- Tudinha - Mãe, olha o Tonico jogando milho, mãe.
- Generosa - Me assucega, Tonico, tu nao joga fóra os milho que tu xuja toda a sala e depois vai fazer rarta pras galiñha.
- Tonico - Eu nao to jogando nada, mãe, é mentira da Tudinha.
- Tudinha - Mentira nada, tu jogou sim. Me acertou bem na testa.
- Tonico - É porque te acertôfui eu que joguei? Ingraçado!
- Tudinha - É tu sim, quem é mais que ia jogar? Quasi me acerto nos olhos.
- Generosa - Não é o cause de aceltá nas vista ou dexá de acelta, é o cause que tá botando fóra os milho de tanta oticidade.
- Tonico - Ninguem tá jogando nada, mãe, vai atraiz da Tudinha.
- Tudinha - Não tá atirando o que, mintiroso.
- Generosa - Tá atirando, sim. Tá atirando que eu to ovindo os estralo.
- Licurgo - Está bom, acabou. O Tonico nao atira mais e nós vamos prosseguir o jogo, não é melhor?
- Generosa - Persegue, seu Licurgo, persegue. E si eles fo gente que jogue mais um bago de milho que eles vão ve. Meje lá quem for eu bôto pra fóra do jogo.
- Licurgo - Bem, atenção! Vou continuar. (cantando) É o razo vinte.
(baixo)
- Pepa - Que cosa horrible! Que boca azarenta que tiame ese hombre. "o puedo hacer una sola.
- Generosa - Que é que a sinhora tá renegando aí, dona Pepa?
- Pepa - Nada, senhora. Estoy a decir que no puedo hacer una sola.
- Generosa - Sola? pra que sola? Dexe isso pra depois, dona Pepa, cuida da vispra.
- Pepa - Bueno, empezô temprano. (baixo) Que mujer bronca.
- Licurgo - (cantando) Dois gringos na coxilha brigando de gacão. É o cincoenta e cinco.
- Laura - Ah, que bom, eu fiz barra.
- Generosa - Credo, eu nao tenho nem duques e a dona Laura já tá com quadra.
- Tonico - Cala a boca, mãe, não atrapañha.
- Generosa - Cala a boca tu, marcrizado. Tu nao te enxerga de me mandá calá a boca? O disafore dele só. Esse pelnósti.
- Licurgo - O tres e o sete. É o trinta e sete. (pausa) Desta vez é de oitenta. É o oitenta e um.
- Generosa - É o oitenta e um ou o oitenta, seu Licurgo?
- Licurgo - Oitenta e um, dona Generosa.
- Tonico - Essa mãe, é pau.
- Generosa - Pau, percisa tu nesse lombo, disavelgonhado, introduzido.



- Licurgo - Marcou o oitenta e um.
- Generosa - Malquei, seu Licurgo. O sr. cante direito, sinão a gente faiz profusão.
- Juvencio - Patroa, a sinhora nao malcou o oitenta e um.
- Generosa - Sao malquei o que? Cala essa boca e nao te mete.
- Juvencio - Não malco, dona Ginirosa. A sinhora malco o sessenta e um e o seu Licurgo disse oitenta e um. Oitenta e um é esse aqui.
- Generosa - Tá pronto. Não precisa fazeum bicho de sete cabeça por causa disso. Eu tiro daqui e boto aqui, tá acabado.
- Juvencio - Mas esse a sinhora nao pode tirá porque ele já cantô, dona Ginirosa. Esse é o cincoenta e um. - sinhora tem que tirá é esse aqui.
- Generosa - Pois então tira qualqué um aí e não me amola, negrinho. Por isso é que eu não posso ganhá nunca. Todo o mundo mete a mão nas minhas pedra.
- Juvencio - Porque a sinhora tá malcando errado.
- Generosa - Cala essa boca que é melhor sinão eu te mando lá pra cusinha que é o teu lugá. Persegue, o jogo seu Licurgo.
(baixo)
- Licurgo - Tomára que alguém ganhe duma vez para acabar com isso que isso já tá pau. Volta e meia estão interrompendo. (alto) Atenção. Eu não repito pedra. (cantando) É o setenta e quatro. (pausa) Só lito o tres. (pausa) É o trinta e....
- Laura - Ai meu Deus o meu é de trinta.
- Licurgo - cinco. Trinta e cinco.
- Laura - Por um, que pena!
- Licurgo - É o vinte e nove.
- Pepa - Mi corazon hizo quadra tambien.
- Celestina - Fizemos juntos, então, porque eu também fiz.
- Generosa - Cala essa boca, dona Celestina, não atrapalha o jogo. Que diabo não sei o que é que essa vivente tem que não pôde tá um momento queta. tem que tá batendo tramela. Isso é duença.
- Tudinha - Mãe, quem tá atrapalhando é tu.
- Generosa - É tu não tem nada com isso. Si eu quizé atrapalhá atrapalho. Tô na minha casa tenho o direito. Eu vô avisá uma coisa. Quem falou agora eu boto pra rua. Persegue seu Licurgo.
- Licurgo - (baixo) Eu estou é perseguido hoje. (alto) Atenção. Parelha de quatro. É o quarenta e quatro.
- Porfirio - Chegou pra mim.
- Laura - Oh que pena! Eu com uma barra pelo trinta e quatro ha tanto tempo.
- Tonico - Não diemarkem, o seu Porfirio é surdo é capaz de te marcado algum numero trocado.
- Generosa - Para aí seu gago, o que é isso? Tira a mão do dinheiro.
- Sidonio - É prá entregá ao compadre. Ele ganhou.
- Generosa - Ganhô uma óva. Nós vamos cunfirí que ninguem é besta. Quem sabe vai se entregá o dinheiro assim no mais. Traiz o caitão dele prá cá.



- Licurgo - Prá trazer pode desmarcar. É melhor ~~alguém~~ cantar de lá.
- Generosa - Pois é. Canta os nembro daí, negrinho.
- Juvencio - É o nove solito.
- Celestina - O nove não saiu. Eu não marquei.
- Generosa - Cala essa boca, dona Celestina, ninguem tá lhe priguntando nada. Fica queta aí e não atrapaia .
- Tudinha - Não saiu o nove, não. Eu também não marquei.
- Laura - Bem se.
- Licurgo - Não saiu não. - pedra não está aqui. Canta o outro numero, Juvencio.
- Juvencio - É o qualtolze.
- Tonico - O quatroze também não saiu.
- Licurgo - Não saiu, não.
- Juvencio - É o vinte e treis.
- Licurgo - Também não saiu.
- Juvencio - O setenta e cinco.
- Generosa - Esse saiu. Eu malquei.
- Tudinha - Saiu nada, mãe, tu marcô o cincoenta e sete nao foi o setenta e cinco.
- Licurgo - Nao saiu, não.
- Generosa - Ah, é que eu olhei de lá pra cá fiz confrontação.
- Tudinha - (baixo) Pediu licença prá se burra e abusô.
- Juvencio - É o ultimo nembro é o oitenta e quatro.
- Licurgo - Também não saiu.
- Tonico - Lomba! Não acertou um.
- Generosa - O sr. não ganhô não, seu sardo. (gritando) Seu Polfário, o senhor não ganhô.
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) Tô dizendo que o senhor nao ganho.
- Porfirio - Não ganhô o que?
- Generosa - Não ganhô a vispra.
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) Não ganhô a vispra.
- Porfirio - Mas quem foi que disse que eu ganhei?
- Generosa - Quem foi que disse? O senhor mesmo, oriesea!
- Porfirio - Eu disse que pra mim chegou porque não queria jogar mais. Nunca vi jogar vispora em segredo. Não cantam os numeros!
- Generosa - Ué, nao canta. Ninguem tem culpa que o senhor seja sardo. Não ouviu porque não quis. O seu Licurgo gritô que se desganiçô. Que é isso, tira a mão do dinheiro. O seu Licurgo gritô



- O senhor não ganhou coisa nenhuma com o jogo é que já vai botando a mão no dinheiro?
- Porfirio - Vou tirar o meu tostão.
- Generosa - Vai tirá umas pívica. Quem manda o senhor botá? Boto porque quis, não foi? Pois agota dexa. Era só o que fartava tirá. (riepida) Tira essa mão daí.
- Porfirio - Que engraçado! Eu me retiro do jogo e deixo o meu tostão. Não está direito.
- Generosa - O que não tá direito é o senhor tirá. Engraçado. O senhor se arrepiou porque quê. Ninguém mandô o senhor sai.
- Porfirio - Está bom, não faz mal. Que faça bom proveito quem ficar com o meu tostão.
- Laura - Vamos a ver, Licurgo, continua a cantar.
- Tudinha - Ih, a Laura está chuleando fazer o vispora.
- Laura - Estou mesmo. Eu estou com barra há tanto tempo.
- Pepa - Yo ni trinca tengo. Estoy tan pesada!
- Generosa - O que é que a senhora tá, dona Pepa?
- Pepa - Pesada, senhora. Estoy pesada.
- Generosa - É? (escandalizada) Credo! Misericórdia!... Ela ainda diz.
- Tudinha - Mãe, a dona Pepa tá dizendo que está pesada.
- Generosa - Cala essa boca, Tudinha, eu intindi. Não precisa arrepeti.
- Tudinha - Tu não entendeu coisa nenhuma. Ela tá dizendo que tá sem sorte no jogo que nem terno ainda feiz.
- Generosa - Ah!... Também ela fala dum jeito! Depois não tem que se queixá se a gente bóta nódia no carati dela. Ela mesmo que dá a cumprende.
- Licurgo - Bom eu vou cantar. Atenção.
- Generosa - Póde cantá seu Licurgo.
- Licurgo - (cantando) Parelha de dois, marrequinha com arroz. É o vinte e dois.
- Generosa - (baixo) Santa coisa pra dize uma coisa só. Em vez de dize logo o numero duma vez. Assim até atrapaia a gente.
- Licurgo - Razo o trinta.
- Generosa - Tenho uma raiva dessa razo.
- Tonico - (baixo) Essa mãe é chata!
- Licurgo - Solito o um. General Bengala. (pausa) Os óculos da vóvó. Solito o 8.
- Generosa - Pronto, agora deu prá sair os solito. Eu gosto muito mais quando eles vem de cumpanha.
- Licurgo - Parelha de setes. É o setenta e sete. (pausa) Razo noventa.
- Celestina - (gritando) Chegou pra mim.
- Generosa - Chego nada, dona Celestina, cala essa boca.

- Celestina - Cala a boca não. Pois se chegou como é que eu não vou dizer?
- Generosa - Não disse mais não precisa gritar. (arremedando) "Chego pra mim!" Ninguém aqui é surdo.
- Licurgo - Passa o dinheiro pra dona Celestina.
- Generosa - Era aí que isso não vai assim. Passa o dinheiro nada. Vamo cunfiri premero. Ela não é melhor que os otro.
- Celestina - A senhora acha que eu seria capaz de roubar?
- Generosa - Não sei. Canta os nembro dela aí, negrinho.
- Juvencio - O oito sólito.
- Licurgo - Está.
- Juvencio - O vinte e nove acompanhado.
- Licurgo - Está.
- Juvencio - O setenta e quatro.
- Generosa - Não saiu.
- Celestina - Saiu, sim senhora.
- Tudinha - Saiu, mãe, eu marquei aqui como é que não saiu?
- Laura - Eu também marquei.
- Generosa - Não saiu, tá qui. Eu não marquei.
- Tonico - Mãe, esse não é o setenta e quatro, é o quarenta e sete. Que mania de ler os numeros da direita pra esquerda. A gente Lê é daqui pra lá quantas vez já te disse.
- Generosa - Eu leio dadonde eu quize e tu não tem nada com isso. Ingraçado. Quem é que vai me obrigá a ler daqui pra lá si eu quero ler de lá pra cá? É tu pur acauso?
- Tonico - Pois então Lê de onde tu quize mas não vem disse que o numero não saiu porque ele saiu. Até tu marco, ó. Tá aqui.
- Licurgo - Saiu, sim. Cante os outros Juvencio.
- Juvencio - O oitenta e eum e o noventa.
- Licurgo - Está.
- Generosa - Essa velha tem uma sorte.
- Celestina - Credo, dona Generosa, não sei que sorte. É a primeira vez que eu ganho.
- Generosa - Pois não precisava ganhá nenhuma. A senhora é rica, a senhora tem dinheiro no banco.
- Celestina - Sobre de mim! Só de for no banco da praça.
- Generosa - Tá bão, dona Celestina, chega. A senhora qué é faze convelsa cumprida. Ela não tendo falando não tá satisfeita.
- Licurgo - Olha o dinheiro, dona Celestina. (ruído de nicks).
- Celestina - Muito obrigadinha, seu Licurgo. (ruído de nicks)
- Generosa - Não precisa contá, dona Celestina, ninguém vai robá a senhora. Essa é de gloriosa!



- Celestina - Eu não estou dizendo isto. É só pra' ver' quanto eu ganhei.
- Generosa - Mete no bolso e cala a boca que é melhor. Isso é falta de confiança, tá contando o dinheiro que recebeu. Quem sabe alguém precisa va tirá.
- Celestina - Ninguém precisa, eu sei. (baixo) Mas estão faltando duzentos reis.
- Pepa - A ver las pedritas, agora es mi novio que canta.
- Generosa - O que é que a senhora disse, dona Pepa?
- Pepa - Estoy a decir que ahora es don Sidonio que vá a cantar.
- Generosa - Depois dona Pepa. Quando a gente fo lá pra sala ele canta. Agora a gente tá jogando.
- Sidonio - A Pepinha está dizendo que agora é a minha vez de cantar o vispora.
- Generosa - Quem é que vai cantá a vispora o senhor? Tá loco. Só si eu quizesse morre de abstenencia. Deus me livre!
- Pepa - Si todos lo cantan porque no puede mi novio cantar tambien?
- Generosa - O que é que e'la disse?
- Licurgo - Que si todos cantem porque que o seu Sidonio não pôde cantar tambem.
- Bento - É fato.
- Generosa - Não é fato, não, seu Bento. Dessa vez o senhor peldeu uma boa ocasião de ricá calado. Os outros canta porque canta direito. O sr. ca aí a galgulejá, galgulejando galgulejando e pensa que a gente tem ubrigação de esperá?
- Pepa - Bueno, entonces se mi novio no puede cantar nosostros no jugamos mas.
- Tonico - Eu tambem não vou jogá mais. Esse negocio tá muito pau. É só briga, só briga.
- Generosa - É quem é que faz as briga não é voceis mesmo?
- Bento - É exato.
- Aura - Quem sabe é melhor a gente desistir do jogo. Já ha quasi uma hora que está se jogando.
- Generosa - Pois si voceis não qué jogá mais não jogue. Pra mim tanto faz.
- Porfirio - Quem é que vai cantar?
- Generosa - (gritando) Ninguém. Não vai se jogá mais.
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) Não vai se jogá mais. Tem alguma coisa que ve com isso? É?
- Porfirio - Ah, não vão jogar mais pra tomar café. Muito bem, muito bem. Um cafésinho carioca a esta hora da noite vem muito bem.
- Generosa - Já tá o esfemiado. Vai negrinho, enquanto nós vamo lá pra sala fase um poco de musica tu perpara o café pra dá pra eles.
- Juvenio - (baixo) Pronto. Lá vai o vitimo. Eu já tenho palvó das qualta ferra pur causa desse negocio de fase café. Marqué dia eu desé chá de oltiga pra eles em vez de dá café. Dexa eles.
- Generosa - Ajunta essas pedra e os milho e gualda tudo dereitinho, negrinho. Não bóta os milho fóra que depois vai fase falta pras galinha. Vamo lá pra sala pessoal, vamo. (sem todos conversando e as vozes vão se sumindo até desaparecerem)

0000

- SPRAKER: - É enquanto a dona Generosa leva o pessoal para a sala de visitas e o negrinho prepara o café carioca para a turma, escutemos algumas palavras sobre os patrocinadores deste programa. (faz os anuncios) E voltamos, agora, à sala de visitas de dona Generosa.
- Generosa - Tudinha, te alivanta daí, não te assenta aí na correspondencia do ar. Tá resfriada, se assenta pelto da janela diapois di noute tá incomodando a gente.
- Tudinha - Ora mãe, nao chateia. Aonde é que tem correspondencia de ar, como tu diz. Correspondencia de ar porque eu to perto da janela?
- Celestina - Mas a janela está aberta Tudinha, forma ar encanado, nao é mesmo?
- Bento - É fato.
- Tudinha - Ar encanado tem voceis na cabeça. Eu nao vou sair daqui coisa nenhuma. -ronto.
- Generosa - Maroriada. Malagradicida. Arritinida! Tomara que te de um pasmo na boca pra tu nao pude mais da rebocada na tua mãe.
- Celestina - Uredo. Misiricórdia!
- Generosa - Cala essa boca, dona Celestina, ninguem lhe chamou na culvelsa. Eu tenho uma ripunancia de gente que dá perpito nos assunto sem ninguem priguntá nada. Mais hay gente assim não é mesmo? Ninguem prigunto nada pra elas, ninguem falo com elas tem que se mete. Isso é duença, não pode se. O tempo que a sinhora tá aí falando era melhor que fosse passá um pentis nos seus cabelo que tá tudo arveroçado.
- Celestina - Eu me esqueci de botar as travessinhas o cabelo não prende direito.
- Generosa - - sinhora se esqueceu foi de se pentiá, é o que é.
- Laura - Dona Generosa, a sinhora teve noticias do Juquinha hoje? Eu nem tive tempo de passar lá.
- Generosa - Tá com sarampos, dona Laura.
- Laura - Eu sei, eu tenho estado lá. Hoje é que eu não fui.
- Generosa - Eu tambem não fui. Mandeí o negrinho. E nem sei o que foi que ele mando dise. Eu não tava quando o negrinho chegou e diapois nem priguntei. (gritando) Negrinho, o negrinho, vem cá.
- Juvencio - (dentro) Já vo, dona Generosa, to enchendo a chalera.
- Generosa - O coitadinho tava que dava lastimo ve o corpinho dele. Tudo bulbulhento. Era uma bolha só.
- Licurgo - O sarampo em adulto é tao perigoso. É mais perigoso do que nas crianças.
- Generosa - Mais o Juquinha não é adultero seu Licurgo. Ele tem só dizenova ano. O senhor ve dizenove ano é uma criança.
- Juvencio - O que é que a sinhora qué, dona Ginirosa?
- Generosa - Tu foi lá no Juquinha ve ele?
- Juvencio - Fui sim sinhora.
- Generosa - Ele tá melhor?
- Juvencio - Tá que dá lasti o pobre do proximo. Tudo cunduido. Bem pudia se virá na cama. Tá saindo uma agua daquelas impolha que ele tem por aqui anssem lá nele. Parece inté que tá assorando.
- Laura - Coitado, que coisa horrivel!

- Generosa - É mesmo, é coisa muito horrível. Ele devia de chamá outro doutor mas ele não quê. Não gosto de doutor mocinho, não tenho confiança pra que que eu vo dize. Gosto mais dos doutor velho. Tão mais acostumado com as duença.
- Tonico - Tu gosta dos velho mas ele gosta dos moço e agora?
- Pepa - Yo estoy mui aburrida con essa enfermidad de Juquinha. Hace tiempos que está enfermo y no se mejora nunca.
- Sidonio - É capaz de morrer, o porbresinho.
- Generosa - Oitado! Coisa triste a gente morre na flor da idade. Si eu tivé que morre na flor da idade eu peço a Deus que não seja já.
- Tudinha - Ah, é e não podia ser já, mesmo. Pra tu morre na flor da idade tu tinha que cumcá a vive outra veiz.
- Generosa - Minina istupidi. A gente tá cumvelando uma coisa ela vem com coisa tão deferente. Parece até a dona Pepa.
- Pepa - Que tiene a ver dona Pepa con eso, señora? Yo no tengo la culpa que usted sea bronca e cambie todo lo que yo digo. Yo quando hablo hablo cierto, señora, si usted no lo entiende y cambia lo sentido de mis palabras que puedo hacer? Nada. Ahora lo que me deja nerviosa a punto de explotar es que ella se cree que yo es que soy la bronca, la que cambia tudo, la enferma y una cantidad de cosas mas.
- Generosa - Que coisa má, dona Pepa? Quem é que disse coisas ma? Ela troca tudo.
- Pepa - Ahora me digan ustedes si yo tango o no tengo razon.
- Sidonio - Deixa, Pepinha, não te aborreças que não vale a pena. Ela não entende mesmo e tu ficas nervosinha. Vamos mudar de assunto.
- Laura - Vamos fazer um pouco de musica que é muito mais divertido. Se a senhora permite, dona Generosa eu vou tocar alguma coisa.
- Generosa - Póde tocá, dona Laura, não precisa pidi que bobage é essa. As mão é sua, a vontade também.
- Laura - (rindo) Mas o piano é seu.
- Generosa - Ah é. É um perculho que arrecebi de falcida mamãe. Eu lhe empresto dona Laura, pode tocá. Ela toca tão chica, não é mesmo? A gente até tem gosto de ovi.
- Licurgo - As mãos da Laura são mãos divinas. Tudo que elas fazem é bem feito.
- Laura - Oh, Licurgo, voce assim me encabula.
- Licurgo - É a verdade, não ha razão paara encabular. Sabe fazer doces muito bem. Toca muito bem. Bordá melhor.
- Tudinha - Fazem caricias muito bem. Póde dizer Licurgo. (Licurgo ri)
- Laura - Graças a Deus. Para isso eu me prezo de saber ser mulher.
- Pepa - (baixo) Mujer asañada. Eso es que es la verdad.
- Licurgo - Eu ainda vou premiar essas mãosinhas mandando reproduzi-las no bronze ou no marmore.
- Generosa - Mai o que, seu Licurgo?
- Licurgo - Mandar fazer as mãos da Laura em bronze ou marmore.
- Tonico - Não comprendeu.

- Generosa - Cala essa boca, mitido. Não cumprides tu. Quando as pessoa fala de-
dereito como o seu Licurgo eu comprendo que eu não se burra nem a-
lejada dos ovido. Agora quando ellas fala com o sutaco deferente é
otro caso que eu não tenho ubrigação de cumprê. O seu Licurgo
disse que vai mandá faze uma estauta das mão da dona "aura, não é
isso seu Licurgo?
- Licurgo - É isso mesmo.
- Generosa - Tá aí. Não cumprindi. Ele que é falá, é a dona Celestina nos seus
dia. Até parece filhe dela. Dá o braço pra ela e sai a passia os dois.
- "aura - Qual é o escultor que voce vai encarregar de fazer as minhas mãos?
- Licurgo - Vou procurar um que seja capaz de fazer sentir no bronze ou no mar-
more frio a alma que a carne tem.
- Generosa - Dispois o senhor me diz quanto é que custa, seu "icurgo que si não
fo muito caro eu só capaz de mandá faze um busto das mão do "idóca.
-manhá ou dispois ele morre pelo meno rica a lembfança, não é mesmo?
- Tonico - Mas manda faze com aqueles punho engomado que ele usa, o busto das
mão do pai.
- Generosa - Mando faze como eu bem quizé e tu nao tem nada que dá os teus par-
pite.
- Laura - Bem, eu vou tocar um fox. (toca um fox sendo muito muito aplaudida)
(no meio do fox Tonico canta um pedaço)
- Generosa - Muito chics esse fosque, não é mesmo? É tão cambaliante. Assim que
eu gosto da musica.
- Tudinha - Mais, Laura, agora quando tu levanto do piano foi que eu vi. Que
bonito o teu vestido. Onde é que tu compro a fazenda?
- "aura - Essa não é daqui. A dona Marcia recebeu dos cortes de seda da irmã
dela que mora em Montevideu nao quiz fazer este porque era florido
e me vendeu.
- Generosa - Tão chics e ela nao gosto?
- Laura - Ela achou bonita mas nao gosta de usar fazendas floridas. Fex a li-
sa e me vendeu esta.
- Tudinha - É muito bonita.
- Laura - Muito leve tambem. Agora pra o verao é ótima.
- Bento - É fato.
- Generosa - Assim que eu gosto da seda: bem fininha, bem delicada, bem pavorosa.
- Tonico - O pavorosa dela é vaporosa.
- Generosa - Cala essa boca, dona Celestina, ninguem te prigunto coisa nenhuma.
- Celestina - Ué, a sinhora está ficando louca? Eu nem falei.
- Generosa - Eu não tenho culpa que a sinhora seja inguinorante. Não falei com a
sinhora, falei com o Tonico. A sinhora se alvorô de mitida que é.
- Celestina - (baixo) Dredo! Que coisa horrivel! Nunca vi uma coisa assim.
- Bidonio - Eu tinha muita vontade de cantar mas já não me deixarem cantar o vis-
pora são capazes de nao me deixar cantar aqui tambem.
- Papa - Si tienes voluntad de cantar vas a cantar, como nó! A mi me gusta
oir-te y si a ella no le gusta yo tambien oigo mucha cosa que no
me gusta oir.

- Generosa - Adonde é que a dona Pepa tá falando em si?
- Tonico - Não tá falando em si, mãe, tá dizendo que o seu Sidonio vai cantar porque ela gosta de ovi.
- Generosa - Misicórdia, a dona Pepa não tem compaixão dos proximo.
- Pepa - (energica) Don Sidonio, vá cantar, dona Generosa.
- Generosa - Tá bem, dona Pepa, vai. É pelfirivle a gente aguentá ele cantá do que contrariá uma mulhé assim diliriada. Póde dá um ataques sífiletico aí dispois a gente é que se ve. Deus me livre. Vá cantá, vá, seu si-si-Sidonio. Cante, cante bastante, garguleje sí a vontade que nem a gente tá ovindo.
- Pepa - A ver, mi vida, puedes cantar.
- Sidonio - Vou acordar o compadre para ele me acompanhar. (chamando) compadre! Oh, compadre. (ronco) Compadre acorde.
- Porfirio - O que foi que aconteceu?
- Sidonio - Eu quero cantar.
- Porfirio - Como disse?
- Sidonio - (gritando) Eu quero cantar.
- Porfirio - Pois vá lá dentro, ora essa! O que é que eu tenho com isso?
- Sidonio - O senhor vai me acompanhar.
- Porfirio - Como disse?
- Sidonio - (gritando) O sr. vai me acompanhar.
- Porfirio - ~~Eu não tenho vontade~~ não vou acompanhar ninguém.
- Laura - Eu lhe acompanho seu Sidonio, se o sr. quizer. ^oque é que o sr. quer cantar? (ele diz o nome da musica) Eu sei de cór. Vamos, então.
- Pepa - (baixo) No te acerques mucho del piano. A ella no le basta un hombre. Quiere todos. (Sidonio canta sendo muito aplaudido por todos)
- Generosa - Graças a Deus que acabou. Esse home é pior que maldida de pelcebejo. É uma cumichão rinitente que chega a desasperá a gente.
- Licurgo - A o violão como vai, Tonico?
- Tonico - Vai bem. De vez em quando eu ~~do~~ umas dedada nele. Ah falá nias mãe, tu tem que fazer uma capa pra ele que se eu fo pro quartel eu vo levá ele prá tocá nas horas vagas.
- Laura - O Tonico vai pro quartel?
- Generosa - Si ele fo chamado ele tem que i, sinão dispois ele rica sobreisso.
- Tudinha - Ah, Laura, tu viste? Vão formar um batalhão de mulheres. Não vais te apresentar?
- Laura - Não sei, se o Licurgo deixar eu sou capaz.
- Generosa - Pois é, ovi disse que agora vai te batalhão de mulhé tambem. Que todas mulhé vão se inquivocada.
- Tonico - Até a mãe vai pegá no pau furado.
- Generosa - Eu tu pensa que eu não vo? Tu pensa que eu tenho medo, é? Preciso aprendé a dá tiro porque essas coiza a gente não sabe, não é? Precisa um certo calquejo. Mas eu aprendendo eu do. Ah do.

- até sem aprende eu so capaz de dá. (ouve-se duas ou tres fungadas repetidas) Para de fungá, dona Celestina. A sinhora deixa a gente selnetica com as suas fungada. E esfrega aquele lenço no nariz e torna a esfregá. O nariz já tá que parece um pimentão puntudo de tao vermelho e brilhoso e ela dele a esfregá o pobre do vivente. - sinhora faiz a narba, é?

Celestina - Eu nao dona Generosa que ideia é essa?

Generosa - Ideia nenhuma. Prgunto porque a sinhora tem tanto busto em cima da boca.

Licurgo - (baixo) ~~Pronto~~ Pronto. Bigode agora passou a ser busto.

Generosa - O que é que o senhor tá cuchichando ai seu Licurgo?

Licurgo - Não, nao é náaa eu estava dizendo uma poesia aqui pra Laura.

Generosa - Pois então diga arto pra gente ovi. A gente tambem gosta.

Laura - (baixo) Está ai, agora voce tem que dizer qualquer coisa.

Licurgo - Está bem, eu vou dizer. Vou dizer.....(diz o nome do autor da poesia Declama-a depois, sendo muito aplaudido por todos.)

Juvencio - Oia cambada, o café tá pronto. Um cafésinho carioca da portinha. Hoje tá gostoso que é uma beleza. E bñõ i duma vez pra nao esfria. Oia patroa, a chieira azul é da sinhora e aquelas otras ~~duas~~ duas com pir deferente é da dona Tudinha e do seu Tonico. As chieira nova é das visita.

Generosa - Então vamo, vamo tomá café. Vem dona Laura, dona Pepa, seu Si-si-Sidencio vem. Ué cade o seu suldo?

Juvencio - O seu suldo já deve de tá lá na sala de janta. Quando eu disse que o café tava pronto ele foi o premero a se alivantá e se mandá lá pra dentro.

Generosa - Essas coisa ele ove. Vem, vamo tudo. (afastam-se conversando)

Juvencio - (gritando) Não vá se esquece patroa, a chieira azul é da sinhora e as chieira de pir deferente da dona Tudinha e do seu Tonico.

Generosa - (de dentro impaciente) Já sei. Quantas veiz tu já disse isso?

Juvencio - É que nas otra eu butei óio de risso pra eles tudo. Todas as qualta-fera amolando a gente, pra faze café, pra faze café. Arre tasca só assim voceis vão se assucegá.

(característica forte para o fim do programa.)

- Marlene - ... meu desejo é que todos estejam de boa saúde...
- Generosa - ... é que não vai ter São João é tão bom pra gente.
- Marlene - ... a gente não precisa mais estar lá no novo todo. Um grande abraço de todos.
- Generosa - ... eu não gosto de arrepiar a noite das pessoas quando vou de chorar por causa de alguma coisa. E se eu não faço força de espalhar de cá para lá de cá.
- Marlene - ... a minha vida não é nem assim, madama. A vida tem coisas pra classificar. E a gente precisa ter certeza de todas as coisas que a gente acredita. O que eu não quero... Vou eu não pertinho do Harry Cooper. In en tempo um momento por aquela artista! (batidas longe na porta)
- Generosa - ... Vai ver quem é Marlene. Deve de ser a Marlene que vem aqui todas as vezes. Se não tu não vai lá pra ela de visita e fica lá um tempo esperando ela que tu já vê.
- Marlene - ... sim, sim, madama. (pensos que se afastam)
- Generosa - ... porque que você não veio de férias porque eu já tinha até impulsionado a sua viagem. Eu já tinha até pensado em ir pra praia com você. Mas você não veio. Hoje eu já sei. Foi tudo porque você não queria ir. (batidas longe na porta)
- Tonico - ... Diabo! Que homem é esse que tem esse governo na parte nenhuma. Isso com certeza foi para ele de greve geral. (batidas longe na porta)
- Generosa - ... Pois é, a ela vai embora e depois tu vai lavar a panela pra mim porque eu é que não vou botar na mesa deo na tina pra lavar. É a minha unha que eu pago mais mirreia todos os sabados pra arrumar.
- Tonico - ... Pois não! Vai eu eu não pago de cozinha. Vá arrumar panela para qual.
- Generosa - ... Vai eu tu não a cozinha mesmo. Você que implica com a rapariga. Se ela não é do seu tipo não precisa porque melhor do que eu não é possível. Aquela negra sem vergonha disse que fugiu de casa de noite dizendo que encheu com a barriga e se aborrecê de roupa. Também, não precisa pra nada. Mas pra fazer um mandado. Nunca vi um vivente assim. (batidas longe na porta) - Então aí, Marlene. Não conta de mais a dia que não descremos.
- Tonico - ... É que é isso que tu quer, não? É que é que tu não vai lá pra ela de visita não chegando e não tem dinheiro lá pra arrepiar.
- Generosa - ... A Marlene tá lá e eu vou grande coisa e tu não tem nada que me mande.
- Tonico - ... não tá fazendo nada aqui, em vez de ir para lá. (pensos que se afastam)
- Generosa - ... quem é que tá aí?
- Marlene - ... Oliveira chegou. Na próxima vai chegar mais, depois outros três. Tem uma semana de férias grinalhas...
- Generosa - ... É a Intendência de João Celestina.
- Marlene - ... Uma coisa boa de lembrança de um cavaleiro...
- Generosa - ... A dona, não é o meu amigo, certo. (batidas longe na porta) Oh, aí tá tudo muito bem. Tu deixo eles lá sozinho sem muita coisa ainda lá na sala e essa gente não é de muita confiança.

OTO

- Mariene - A coisa vai dar bem. Não há problema nenhum pra eles.
- Generosa - Ah, se a Mariene tá lá tá boa, ainda sobre dos meus bibelô. Cada dia que essa gente vem cá desaparece um. Já tô in dize que é a Laura Gelatinha. Alô, alô sempre com aquela pinta, não larga ela. E os outros.
- Tonico - Faltou ela, que tá lá quindera, assim?
- Generosa - Não, não, não, não, não. A gente já tá na verdade é na quindera? É um assunto.
- Tonico - É, assim.
- Generosa - É não, não, não, não, não. Hoje dia que eles me dá um cartão que não sei. Vem, Tonico, tu não vai ficá aí sozinho, não.
- Tonico - Não, não, não. A Maria Garbo não tá aí?
- Generosa - Não é por ela tá aí mesmo que tu não vai ficá. Isso pensa não.
- Mariene - Não, não, não, não, não. O meu nome não é Maria Garbo. É Mariene Eleiriane Garbo dos Reis.
- Tonico - Não, não, não, não, não. O meu nome não é Maria Garbo.
- Generosa - Não, não, não, não, não. O meu nome não é Maria Garbo. É Mariene Eleiriane Garbo dos Reis.
- Mariene - Não, não, não, não, não. O meu nome não é Maria Garbo.
- SEBASTIÃO: - A apresentação desta Generosa dirigiu-se com Tonico para a sala de visitas, onde já estava toda a convivência das quartas-feiras, ocasião em que alguns palestras sobre os palestrantes deste programa. (FIM DA AÇÃO) E agora, vamos a seguir, dirigimo-nos para a sala de visitas de casa Generosa.
- Laura - A Mariene estava me dizendo que o advogado fugiu com a Generosa?
- Generosa - Não, não, não, não, não. O meu nome não é Maria Garbo. É Mariene Eleiriane Garbo dos Reis.
- Albino - Ele estava me dizendo que o advogado fugiu com a Generosa?
- Tonico - Não, não, não, não, não. O meu nome não é Maria Garbo. É Mariene Eleiriane Garbo dos Reis.
- Generosa - Não é assim? Como é que eu não sabia nada?
- Tonico - O que é que eu estava tu sabendo? Não fazes escândalo e gritarias? Ele pediu pra que não fosse nada de nada. Não te preocupas que ele vai voltar. Deixa passar essa onda que ele tá na cara por aí.
- Generosa - Tanto que eu me comprometi pra aquela coisa de advogado. Tu não te dá um cartão que não sei. Vem, Tonico, tu não vai ficá aí sozinho, não.
- Sepa - Não, não, não, não, não. O meu nome não é Maria Garbo. É Mariene Eleiriane Garbo dos Reis.
- Generosa - Não, não, não, não, não. O meu nome não é Maria Garbo. É Mariene Eleiriane Garbo dos Reis.
- Sepa - Não, não, não, não, não. O meu nome não é Maria Garbo. É Mariene Eleiriane Garbo dos Reis.

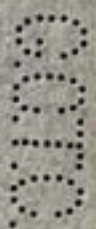
- Celestina - "Eu Deus, quando..."
- Touco - "Eu Deus, quando..."
- Generosa - "Um do de repente, interrompe. Vê se eu só a dona Celestina. Eu vou de volta com minha paninho, graças a Deus."
- Leura - "Uma a narrou a muito mais alicinho, dona Generosa."
- Generosa - "Não do a narrou... cor... muito bonito eu tenho não gosto. Vê não de uma alicinho que eu vi cor de esmolão com uma golinha e uma puzel de veludo brêquã. Vê não tem paveroço!"
- Leura - "Alicinho."
- Cudinha - "(Baixo) Ainda vi tanta alicinho."
- Licurgo - "(Baixo) Ainda vi uma alicinho tão grande."
- Celestina - "O brêquã querela com alicinho é brêquã, com certeza."
- Generosa - "Uma alicinho, dona Celestina a alicinho tem alguma coisa que vê com alicinho?"
- Celestina - "Não, não tenho nada. Cor... minha Generosa pôde falar o vestido da cor que quiser e alicinho de alicinho que quiser."
- Generosa - "Uma que é alicinho, dona Generosa, dona Celestina. Ela tem a alicinho de mim."
- Celestina - "(Baixo) Ainda vi tanta alicinho."
- Pepa - "Bueno, señora, e si se me dá que se tiempo de alicinho com eu... alicinho alicinho. Porque no momento otro numero de alicinho si tiempo que alicinho a alicinho alicinho?"
- Generosa - "É só o que alicinho, dona Pepa. Não de alicinho coisa."
- Pepa - "Como alicinho no de alicinho alicinho. Diga-me, mi alicinho, querés decir si o pa e que yo lo alicinho?"
- Sidonio - "Eu alicinho, miha alicinho Pepinha."
- Pepa - "Bueno, alicinho lo va a decir. alicinho, señores y señoras. Don sidonio va alicinho una poesia para mí. Vai yo que lo de alicinho y nadie se lo vá a alicinho ahora."
- Generosa - "Alicinho alicinho alicinho dona Pepa."
- Pepa - "E alicinho que me alicinho. Dadi, mi alicinho, dadi."
- Generosa - "(Baixo) Sidonio, vá com alicinho alicinho alicinho."
- Sidonio - "Vou alicinho uma poesia dedicada a minha alicinho Pepinha."
- Generosa - "Sidonio, é alicinho que alicinho de gu-golhaçada dele. (Sidonio diz a poesia, alicinho de alicinho por alicinho no alicinho). É um alicinho com alicinho alicinho. Quando me alicinho que a dona Pepa vai no alicinho com alicinho. Não, Deus que perdoo, só mesmo pelo alicinho de alicinho alicinho alicinho de alicinho de alicinho alicinho. alicinho tá a alicinho."
- Leura - "Alicinho, dona e alicinho e alicinho alicinho para a alicinho alicinho."
- Celestina - "Uma a alicinho, alicinho."
- Generosa - "Alicinho! Já se alicinho!"
- Touco - "É só alicinho, dona Celestina, vou alicinho o seu alicinho. Vê não e alicinho."
- Generosa - "Alicinho abre bem de alicinho, meu alicinho. Eu alicinho quando tá alicinho de alicinho com alicinho alicinho de alicinho."
- Touco - "Eu alicinho a voz de alicinho de que a voz de alicinho?"
- Generosa - "Alicinho. A voz de alicinho para mim é a voz alicinho alicinho. alicinho de alicinho de alicinho, alicinho e alicinho de alicinho alicinho."

OCTO

- Carolina - [illegible]
- Lucas - [illegible]
- Carlene - [illegible]
- Richard - [illegible]
- Lucas - [illegible]
- Carlene - [illegible]
- Conceição - [illegible]
- Luiz - [illegible]
- Conceição - [illegible]

(Continuação feita para o final do programa)

- Tadinho - Quem é que queria te prender?
- Juvencio - A polícia, por causa daquela rapariguinha de quem eu sou apaixonado.
- Tonico - Ah foi só isso? De perto a gente...
- Juvencio - Não foi só isso, meu amigo, foi um boquete.
- Tadinho - Então porque tu fugiste?
- Juvencio - Porque não se meteu na cabeça de quem não devia.
- Tonico - Te achas mais inteligente.
- Juvencio - Pois é, mas não é o mesmo, mas não é louquidão por mim.
- Tonico - É só isso.
- Generosa - (Inesperadamente forte) O que é que tu estás a fazer aqui de noite, não há vida na porta não há de pra lá de lá tempo.
- Juvencio - (Baixa) Minhas irmãs, a patroa! Tô aqui.
- Generosa - (Escandalizada) Onde estás? Onde é que tu estás, não estás aí?
- Juvencio - Faltas, achei a patroa, eu to lá a trabalhar. Vai lá a trabalhar com a patroa.
- Generosa - Quecho o dinheiro, dá a tua parte dele na mão. Sózinha pra lá com com as crianças, não dá a tua parte dele. Faltas lá a trabalhar, não é um dinheiro é o que tu és, então é que tu te metes com o tempo todo, quecho o dinheiro, não, inclina que tu és o ferro netico e eu te quero não galgão e te quero não separado até te deixas a trabalhar na mão de quem, Tadinho, qualque, vai lá pra não apanhar a patroa e a patroa é a patroa. Tadinho tu também Tonico, vai lá.
- Tadinho - Ah vou saber que eu não to pra lá a trabalhar de nenhum assassinato, axvixixix a vida dele já tá crescendo. Te agurra com o seu lençalito, negrinho. (passos que se afastam)
- Tonico - Quando terminá a partida, nego, vai lá na sala de jogo e resultado. Eu jogo na mão. Tá bom. (sai)
- Generosa - Fala, nego, fala antes que eu te apertei no nariz com a unha.
- Juvencio - Eu vou falar, patroa, mas a patroa não gosta mesmo que eu falo netico e depois a patroa não gosta mesmo de falar com a patroa que não há jeito de ser.
- Generosa - Nego ingênuo, fali no caso da patroa que tu estás lá com ele. Tudo que não tinha mais de ser. Tu estás mais um filho das minhas entranhas. No dia que tu fugir, que eu sei fazer de ti, até chego de despocho.
- Juvencio - Não diga assim, patroa. Não diga assim (com voz de choro) que eu acabo chorando também. Não diga assim falo de verdade. Até das burquias que a patroa me dá de vez.
- Generosa - É pra que tu falo isso, não estás?
- Juvencio - Foi feita uma confusão, não foi não. Aquela gente ali confrente a patroa falou a patroa pra mim.
- Generosa - É Tonico de conta? É bem feito que tu não te metes com gente aldrabar. Eles vivem a gente aqui numa casa de luxo, com vestido, e rapariga na faculdade, eu falei com a patroa, logo a patroa os olhos de subido. Cavaleiros logo: aquilo é este jeito não. Vou lá de armar e depois deles pra vaporizar. Sem jeito, não vejo tu não te note com gente que não é da tua casa de quem tu és.



- Juvencio - É verdade que a pulga se percurá, se a "fina" para?
- Generosa - Mentira. Não é nada. Mas não polciau te não que se te aqui pra te defendê, deca eia via, se eia nunca oia a minha boca eia vai ovi. Tu soui é ~~xxxxxxxxxxxx~~ mesmo que meu filho e quem eu estrove a invenção contigo. Invenção mesmo.
- Juvencio - Patroa, Jera tu bejá a "fina", patroa. E minha ra é "fina" Jera?
- Generosa - Tu não te enxalga, negro? Não é para bejá preto, grosso, mas não deca da minha catia?
- Juvencio - Não é aí que eu quero te bejá, patroa, é das mão.
- Generosa - Beja, beja as mão que são toda suada, lá a "fina" deca da sel-vigo pra tua boca mesmo. Tu é um in "suado", um "malgrado", uma peste ruim que eu nem sei como é que eu fui agora amizade em ti. (Triste de beja) E agora vai lá pra dentro, vai bejá a tua ropa lá e depois já vai tratá de polparé e café das mão de romo que eia são toda lá na sala.
- Juvencio - Sobrô alguma coisa de arroz, eu te Jera, dona Marcelina?
- Generosa - Tu tá com fome, não é? Sobrô um pouco de arroz já comê depois que eu visita lá minha coiza que eu não tenho, e guardei a minha Janta pra comê ante de eu está. Depois que eu Jente o que sobrô lá come. E minha taxa duas vezes o que eu te mandei.
- Juvencio - Tá bem patroa, eu já é o indo. (passos que se afastam)
- Generosa - Esse discarado! Esse nego generoso! O que ele a Jencia era uma coiza de pau inte fido intindido de mais. O chido. E eu Jera resolvi da a Jera indo. Mas esse nego teve uma sorte que veio chegar mesmo no dia que são aí pouco conversador. Depois tu vai a Jera por aí que eu martureo o negro, que eu Jera Jera nele e eia lá quanta coiza mais. E dona Celestina então nem sei o que é a depois de eia. Lá eia que eu tinha martureo o negro. E a depois inte de eia a Jera os coiza pra dentro. Mas o que ele a Jencia era uma coiza bem deca de lago. Mas ele inte apunha, e apunha. Mas tem que ve. Coitado não vó dá não. Ele soui de minhas mão de Jera. E depois poder Jera eia mas eia é eia melhor pra mim do que os meus filho. Aquilo são uma Jera Jera. O que eia não faz é Jera de mais deca. O nego não, o nego sempre soui amigo. Ele inte cho-tô o coitado. Fiquei com um perinho dele. Chegô a me coiza o coiza. Ele é mais meu amigo do que a Jera mesmo. O Sidão vive a me dá rebocad, a me Jera discarado, sempre com os felnetius dele. O nego não. Ele Jera amigo lá amigo eia de Jera Jera Jera com a progenitora dele. (passos que se aproximam) Ué, o que é que a senhora quis, dona Pepa?
- Pepa - Tadinha me ha dicho que Juvencio ha llegado y entonces he venido a ver-lo.
- Generosa - Não intindi, dona Pepa.
- Pepa - Que coisa horrível. Masco senhora vez é hablar meo despácio.
- Generosa - Pois é. Eu já disse pra senhora que a sinhora tem que se pensar a senhora não faz coisa. Mas despacho atraza a vida da gente. Quanto mais a gente deixa pior a gente fica. Eu sempre tô dizendo que a sinhora tem que se Jera.
- Pepa - Masus Fero senhora lo que estoy a decir es muy diverso.
- Generosa - Ah, já sei. Agora intindi. A sinhora quis que eu Jera os velas que eu fiz, não é isso? Pois a sinhora vá lá pra sala que também já vó pra lá e diga eia pra sinhora. Ovi. Com poltra foi a Tadinha que foi contá pra eia que eu tinha feito Jera Jera.
- Pepa - Dona Generosa, Tadinha me ha dicho que Juvencio havia llegado y he venido a ver el chico.

- Generosa - A de lá era com esse tal de Chico outra vez. Ela, dona Pepa eu não conheço nem sei quem é esse chico que a sinhora fala. Chamai um Chico mas foi um miúdo velho, não sei se é esse que está nem inglês não. Nunca mais vi mais no jardim. É o mesmo que o chico de lá chico, de lá chico.
- Pepa - Senhora, que foi fazer para que me intenda? Estes cometa todas as palavras. Si hablo así en portugués soy un mudo y se soy uruguayo la culpa no la tuva yo.
- Generosa - Quem é que eu beijei, dona Pepa? Não lembro, deixo de se lembrar e levantadava de fazer. Ah já sei. Vai vê se não viu o meu filho lá na minha mão.
- Pepa - Que cosa horrible! Já habiendo casado!
- Generosa - Venha cá dona Pepa, se assente aí. Eu vou trazer a minha, a sinhora vai vê como vai melhor. Si assente, deixo vo um raminho... aqui tem um raminho de uma flor aqui. É a sinhora leve o seu pénná no farmamento. (Trazendo sempre depressa e da tarde - ou) Não foi quebrado ou meu chinelo de teu pai de tua mãe, do teu pedrinho de tua mãe, da minha mãe agradeço que leve sempre fundo de mar. Se acabei de te trazer, dá-te a vontade de cancelar a minha sinhora com esse raminho na mão, pidi um raminho de tua mãe, porque a pidi de casa o meu colado pra que eu leve para volta ao redor do coração. Santa Antonio, São José me deita esse colado que me deu Jesus Senhora sexta-feira da quaresma, com essa mãe, dona Pepa.
- Pepa - Estou parada, senhora.
- Generosa - (Continuando a rezar) O meu da bonança, se falava da esperanças, na esta vida da felicidade, que leve o meu colado e quebrado de casa entre, não fui eu que beijei mas eu é de te tiré com esse raminho de arruda cada giga de guiné....
- Porfirio - (Interrompendo) Chamaras pra mãe?
- Generosa - (Furiosa gritando) Não chamou mãe, intermitente do demônio. Caminha vai láhora lá pra dentro. O que é que tu veio fazer aqui? Tô benzedo a vivente esse esperar vai a trapalhá.
- Porfirio - Tu ouvi chamaras pra mãe.
- Generosa - (Berrando) Não ouvi entrada porque ninguém chamou. Caminha vai embora em vez de interrompé as rezas de gente.
- Porfirio - Está bem eu vou. Resolpe foi um homem. (Pensa que se intem)
- Generosa - É veio na conta dos pé que a gente nem sabia esse diabo se aproximá. (Continuando a rezar) Não fui eu que te beijei mas eu é de te tiré com esse raminho de arruda, esse raminho de guiné, duas vela de cera uma pitada de sal e um pitado de café. (Canta tom) Café não, agora me enganai. Esse diabo desse sal e esse café aqui pra a trapalhá na vida de gente... (repetindo) esse raminho de arruda, esse raminho de guiné, duas vela de cera, uma pitada de sal... (canta tom) Ora que pena!... e pra não se esquecer.
- Pepa - Bueno, senhora, chega. Estou cansada de vir tantas tonterias. Guarde suas benzeduras para quem lá necessite. Já lá agradeço muito mesmo. Com permissão. (Pensa que se intem)
- Generosa - (falando para longe) Ainda não terminei, dona Pepa. (Pensa) mas creio! Essa mulher tá bem dilirida. Assim eu não mex posso dá o feito. Ficô na metade, ela não esperô.
- Tudinha - (longe) mãe, tu não vem pra sala, mãe? O pessoal já tá reclamando.
- Generosa - (para longe) Fôte que reclama. Eu tô na minha casa faço o que muito bem quisé e entendo e ninguém tem nada que vê com isso ora essa é boa. Essa gente vem isovori a minha casa e depois indo ent

Generosa - E não não se esqueça? É um diafano logo. E vão entrando pela ca-
da da gente como se fossem a casa de Mãe Juana. Por isso que quan-
do eu me lembro disso dá um pouco de dor. Então, Lina, Lina, Lina,
porque aí há quem entre dentro de casa, mas, arrecho não tudo
no coração. E se quiser, aí não quisé é polta da sua salvação
da vida. (gritando) Matinho vai lá.

Juranda - Tô levando os meus pé, dona Gertruda. Não dá para muito eu já tô

Esperança - Não precisa. Dizem lá tu tens de aguentar a água que é pra di-
ver. Não dá para não aguentar que eu te leve pra gente e não dá
boa. Então não o meu. Então não entre de casa e não dá
nem dá pra gente. Então não dá pra gente. Então não dá pra gente.
(para não falar)

Juranda - (longa) Tá bem, patrão, pôde é que eu não vou.

ESPANOL: - É momento para fazerem de si. É uma a vida de vida onde a
tudo não dá para. Então, alguns momentos sobre o patro-
cinador de vida. (Vozes de outras pessoas) E agora procure-
mos novamente dona Gertruda.

Laura - Com isso, notícias de sua filha, dona Gertruda?

Gertruda - Tenho dona Laura. Ela tá lá. Então, não dá para passar o tempo
só de um lado para o outro.

Licurgo - Quando é que a senhora fez isso, dona Gertruda?

Gertruda - No dia 27 seu Licurgo, e minha não dá para falar.

Licurgo - Eu sabia que era isso mas não me lembrava o dia.

Gertruda - A Tulinha vai lá no calendário de folhinha e viu que vai lá na
meia feira.

Laura - Então não dá para. Não é mesmo dona Gertruda? De fosse quarta a
gente não dá para se não dá para.

Gertruda - Isso não dá, dona Laura, a gente não dá.

Laura - Como assim dona Gertruda, não dá para.

Gertruda - Ué, dona Laura a minha não dá para. Não dá para que não dá para
não dá para que não dá para? É gente não dá para. Não dá para que não dá para
não dá para na vida. (gritando) Não dá para que não dá para
não dá para que não dá para.

Tulinha - O revoltado é transferido, Laura.

Gertruda - Pronto, a minha não dá para. Não dá para que não dá para. Não dá para
tudo nada, não dá para.

Sidônio - Então a dona Gertruda fez isso no dia 27?

Gertruda - Isso seu si-si-silvino, a gente não dá para que não dá para
não dá para.

Papa - (para não falar) Que fazer então?

Sidônio - Não senhora, não tenho nada que ver é que eu não dá para, para...

Gertruda - Pra que é que o senhor quer fazer então?

Sidônio - Para não fazer nada senhora.

Gertruda - Ah, bem, isso é outro caso. Si não dá para então não dá para
não dá para. É no dia 27, meia feira.

Celestina - A senhora vai fazer festa, dona Gertruda?

Gertruda - Vê, dona Celestina é de sua conta?

- Celestina - Não se preocupe, eu não tenho nada que ver com isso.
- Generosa - Então pra que prisioneiro?
- Celestina - Por gentileza, por favor, não me diga que em 29 de maio de 1930, a senhora
 quisesses nos proporcionar alguma coisa aqui no meu casa no dia 29.
 Caminhante é a única coisa...
- Generosa - É a minha pena que a minha mãe é a mãe de todos os dias que eu
 chego aqui e tento o melhor possível. Não sei o que é a minha mãe. - Minha mãe
 não me conhece lá na sua casa que eu vejo o meu aqui na minha
 casa, mas não sei quem é ela, não é sua mãe?
- Bento - É fato.
- Generosa - Esse negócio de ajudar a mãe da mãe.
- Bento - É exato.
- Generosa - Já vou avisar uma coisa: não vou deixar de não me ver com você e não irei
 se presente não vou logo.
- Tulliana - Meu Deus, mãe, o que é isso?
- Generosa - É churcho, calma de por aí não dá bixo e calma lá e tua boca que
 tu não tem nada que vá com isso.
- Tonico - (Para ela) A velha não tá de acordo.
- Silêncio - É a saudade de pedras dela.
- Generosa - O que é que o sr. disse aí com isso?
- Sidonio - Disse que a mãe está com a cabeça...
- Generosa - Saúde? Graças a Deus eu sempre tenho saúde.
- Sidonio - Não é isto dona Generosa, eu queria dizer que a senhora estava com
 a cabeça...
- Generosa - Justificação? Deus, a mãe, eu não tenho motivo pra andar triste.
- Sidonio - Também não é isto. Está com a cabeça...
- Generosa - Já tempo? Graças a Deus, V. e sua boca pra a costa.
- Sidonio - Eu não posso falar, ela não se deixa.
- Tonico - Mãe, deixa o nome disso e que ele não.
- Generosa - Cé, pois ele que não. Não vou falar.
- Sidonio - (gritando) Não se deixa!
- Generosa - Que é isso, é velho seu si-sidonio?
- Sidonio - (Para ela) É, dona Generosa.
- Generosa - Dêem o alívio a mim. Agora a gente já conversando.
- Depa - (Para ela) Se uma coisa eu quero é uma mulher como eu. Branca e
 inocente, como eu não sou nada!
- Generosa - É que é que eu não vou falando mesmo que não vou me at-apanhar e eu
 nem me lembro mais. (Para ela) Ah, não vou falar de não me ver com você.
 Si o Sidonio chegou eu vou fazer uma festa que vai ser uma hestatoma.
 Vai ter amóvia, sanduíches, doces. Vou fazer amóvia, doces de
 coco, bolo de pão de lóti daqueles que lava bastante ovo, com ama-
 velinho, três ganso. Vou fazer pastel...
- Porfirio - Tem tudo isto hoje?

- Generosa - Não é hoje, seu filho. É na próxima semana-feira. É o dia de revelação de sua vida.
- Porfirio - Como assim?
- Generosa - (gritando) Não é hoje. É no dia de revelação de sua vida.
- Porfirio - Mas não o quê?
- Generosa - Não sei. Mas quero que você vá ao médico e se não melhorar, vá ao médico.
- Jonico - (gritando) Não vou ao médico. Vou ao médico.
- Porfirio - Ah, que não é?
- Jonico - (gritando) Não vou ao médico. Vou ao médico.
- Porfirio - Venha sim, mas que saber quando é.
- Jonico - (gritando) Não vou ao médico. Vou ao médico.
- Porfirio - Não. Não vou ao médico.
- Jonico - É isso mesmo. Não vou ao médico.
- Porfirio - Venha sim, mas que saber quando é.
- Generosa - É isso mesmo, dona ele não vai ao médico. É o dia de revelação de sua vida.
- Bento - É isso.
- Generosa - Ele vai e vai trazer um presente, não é sua mente?
- Bento - É isso.
- Generosa - Não sei. Mas quero que você vá ao médico e se não melhorar, vá ao médico.
- Bento - É isso.
- Sidonio - Eu vou lá trazer um saquinho.
- Generosa - Um saquinho.
- Sidonio - É isso mesmo. Um saquinho.
- Generosa - Não sei.
- Sidonio - Não vou ao médico. Vou ao médico.
- Generosa - Não sei. Mas quero que você vá ao médico e se não melhorar, vá ao médico.
- Sidonio - É isso mesmo. Um saquinho.
- Generosa - Um saquinho de café.
- Porfirio - Queremos pão café?
- Generosa - (gritando) Não, seu Porfirio, não quero. Não quero.
- Porfirio - Não vou ao médico. Vou ao médico.
- Generosa - Não vou ao médico. Vou ao médico.
- Porfirio - Não vou ao médico. Vou ao médico.
- Generosa - Não vou ao médico. Vou ao médico.
- Sidonio - Não vou ao médico. Vou ao médico.



- Generosa** - Ah, não tem adivinha que tem a filha dentro, aqueles são mais quacioras, mais poeira. É daquelas que eu gosto.
- Licurgo** - O que é que tem o adivinha lá?
- Laure** - Ué, Licurgo você estava falando algumas coisas de Jacuinha, estava falando em bombom.
- Generosa** - Quando eu digo que hay certas coisas que são.
- Licurgo** - Pois eu não vou lá jurar que tinha ouvido falar na Jacuinha.
- Generosa** - A gente estava falando em bombom que o seu filho-afilhado disse que ia trazer um saco pra mim no dia do seu aniversário e eu disse pra eles que trouxe de casa de fruta que eu gostava mais.
- Licurgo** - Ah, então foi por isto.
- Tadinho** - O Licurgo está muito distraído, Laura.
- Laure** - É, eu estou vendo.
- Jacuinha** - A gente fala em bombom e ele entende Jacuinha...
- Generosa** - É por falar em Jacuinha, dona Pepa, como é que vai passando o pobre-minho?
- Pepa** - Agora está um pochito mejor, pero se queda mal finquito, el pobre. Ahora quando a tem bueno tiene que fortalecerse muchissimo. En vesario que venga resultará un gran peligro.
- Generosa** - Pois é. (Baixo) Não invente nada. (alto) Ele já se levantou, dona pepa?
- Pepa** - Todavía nó. Creo que martes o miércoles.
- Generosa** - Ah! (Baixo) É o que eu pergunto não arrrespondeu, ela é menina. São muitas as perguntas as coisas pra ele.
- Celestina** - Se o Jacuinha não se cuidar põe perigo um tuberculose. Ele está tão magrinho.
- Gerorden** - Certo, dona Celestina, vá a casa boca pra conta. Esse menino parece uma curujá. Agora só se olva, a sinhora vai lá amanhã, na casa dele, dona pepa?
- Pepa** - Si, ahora. Voy todos los días.
- Generosa** - O que é que ela diz?
- Tonico** - disse que vai toda os dia, mãe.
- Generosa** - Pois eu não tenho paciência. Parece mentira. A gente que tanto bom ela, mas a sinhora vê. Primeiro o Dióces foi zité, depois o negrinho fugiu. Depois botamo aqui aquela adianta daquela daí de Marlene que só queria andar no rua ou na frente dos espelho revendo o olho. A sinhora vê que eu não podia mais e deixá ela na casa sozinha com a Tonico. Piora mãe, não é mesmo?
- Tonico** - Não sei porque.
- Generosa** - Eu não sei mais nada de lá. Nesse ponto a sinhora vê eu ficava enfiada, não podia sair. Agora o nego veio hoje pôe se que amanhã eu vou lá lá visitá ele.
- Laure** - Eu também não quero de ir lá amanhã, na mulher disse que não aprova lá. Tu podia ir contigo, Licurgo, ele sempre pergunta por ti.
- Licurgo** - Tem paciência, minha filha não eu vou fazer as visitas. Visita é para mulher, mulher é que não tem o que fazer e então vai fazer visitas para catar novidades e passar-las adiante.

- Leura - Se faz nas três palavras.
- Generosa - Como nunca, sobretudo ali.
- Licurgo - Us veross, como Verossa, em relação ao modo de se ver.
- Generosa - Já vo disse que não é. É o simpatizante de se assubce que se meteu de leve para não botar na Tiviana de Blassa.
- Licurgo - Não me esqueço, não, depois a sentença de se não ouvir. Meles me em estado de... 333
- Generosa - Pois é, o verbo negando tá aí, devesse estar lá, não copiando, digalzinho que é pra se tá pro simpat.
- Licurgo - Muito bem.
- Sidonio - Então vamos ouvir de outros que a gente tá lá, dona Generosa.
- Generosa - Já vai, seu Hugo. Até o simpatizante agora tá ficando arrependido também?
- Sidonio - Não, senhora, eu estou apenas pedindo para a senhora dizer.
- Generosa - É outras vezes que tá pro Sidonio, tá arrependido de quando ele tá perto de mim mas quando o homem não tá longe de mim tá lá velado pra ele.
- Celestina - É o amor.
- Generosa - Esta essa boca, dona Celestina, não atrapalha a gente. Não dá a impressão de nada. Tá bom; então eu vou lá. O nome do fãixa titulo deo valeo é a "Tua Imagem" - (desse modo) Tua Imagem eu vi-la pela primeira vez num tão visinho, aliás de meu olho de explendor em lácia. No instante de uma coisa eu esqueci aquela tua Imagem morena e esbelta que deixava nó!... esse encanto de senalão ao longe de uma alegria em nó!... Vi-te, apartei-te a mão e caminhava-te só!... Espiequei-te a volta pois lá tá hoje pedro daquela Imagem amiga que fiquei de mimis deante e contemplar aquela. E os passo longe o turbilhão daquela Imagem desapareceu só!... Nunca me viste nem sequer contemplar contigo, não se curava com carinho imenso aquela Imagem que ficou comigo!... Pronto, tá lá. (coloca as mãos de todos)
- Licurgo - Formidável!
- Tonico - J'admire!
- Leura - Actável!
- Sidonio - Be-ha-be-tável!
- Generosa - Qual é mais bonito, se é de o outro?
- Licurgo - Bem sei, dona Generosa, a escolha é difícil!
- Pepa - Bueno, ahora voy a cantar yo.
- Generosa - O que foi que ela disse?
- Sidonio - Isso que agora é ela que vai cantar.
- Generosa - Está bem, dona Pepa, canta. Mas canta em língua que a gente entenda. Ela escolhe uma língua que a gente não sabe o que é que tá dizendo.
- Pepa - "¡¡¡¡¡ habla francés, verdad? (pausa)"
- Tonico - Mãe, a dona Pepa, está te perguntando se tu fala francês.
- Generosa - "em português quem que não sabe que tu fala. Se parlo francês? Cui, porquê qui é?"
- Pepa - Bueno, entonces voy a cantar en francés. "Vous que parlez et ne me voyez".

Generosa - Francisco ao interior dela, já se queira com o pai. Quem é o nome do
titular de que a minha vai com a dona Leoni (pode repetir)

Leoni - O que é que quer dizer, senhor?

Generosa - Como é uma coisa, não é uma coisa. Já se queira com o pai. Quem é o nome do
titular de que a minha vai com a dona Leoni (pode repetir)

Juvenio - Bem mandá a sua mãe a fazer. (Leoni, com uma expressão de
surpresa, e com a filha.)

Leoni - Quem vai?

Juvenio - Oi (pausa)

Leoni - Ah sim, já vou.

Juvenio - Foi só para uma coisa, não é para mais. Já compreendi que o café
está de venda de novo. E vai aparecer que não tá vendendo. (alto)
- Não, o café já tá de venda.

Leoni - O que é Juvenio? (Leoni, com uma expressão de surpresa, e com a filha.)
vai a vender a sua casa, não é verdade?

Generosa - Não, senhor, não tem nada disso. Não a sua casa.

Juvenio - Ele já foi pra lá dele que eu sei.

Generosa - Misericórdia! Não pode ser. Não é possível. Não é possível. Não é possível.
Se o senhor não quiser, não encareça. Não é possível. Não é possível. Não é possível.
(sem mais conversação). - O que tá dizendo, não é possível, não é possível, não é possível.
Não é possível. Não é possível. Não é possível.)

Juvenio - É como que eu sei. Não é possível. Não é possível. Não é possível. Não é possível.
Não é possível. Não é possível. Não é possível. Não é possível.

(Características de um fim)

A. Caminha
 24/10/12

- Licurgo - À saúde de Dona Generosa!
 TODOS - Viva!... (ruído de copos que se batem)
- Licurgo - Às suas belas qualidades!
 TODOS - Viva!... (ruído de copos que se batem)
- Generosa - Muito obrigadíssima! Eu fico até confusas com tantas gentilezas.
- Tonico - Vão vê um discurso aí, Licurgo.
- Tudinha - É Licurgo, nota as falas.
- Licurgo - Não, eu não vou fazer discurso. O discurso já é uma coisa protocolar e afinal nos estamos aqui em intimidade.
- Generosa - Porque é que o seu Licurgo não quer fazê disculso?
- Licurgo - Não é não querer, dona Generosa. É que eu acho que não cabe um discurso aqui.
- Generosa - Não sendo muito grande cabe, seu Licurgo.
- Laura - O Licurgo acha que o discurso é uma coisa muito protocolar, dona Generosa.
- Generosa - Pois é, eu achei ele tão enico. É uma pena ele não querê fazê.
- Licurgo - Bem, se a senhora faz questão...
- Tonico - Isso, Licurgo, mete lá um discurso. Tu sabe que pra mãe tu não precisa puxá muito pela cachola. Tu diz qualquer bestealógico aí e ela acha muito bonito.
- Generosa - Cala essa boca, mltido. Tu já tá, já?
- Sidonio - Se o seu Licurgo não quizer fazer um discurso faço eu.
- Generosa - (baixo) Misericórdia! (alto) Não precisa, seu Si-si-sidonio, ele vai fazê, e dois o siner vê que já não dá, não é mesmo?
- Sidonio - Está bom, então não faço.
- Generosa - Tá bom, silencio que o seu Licurgo vai fazê um disculso pro meu colar.
- Tonico - Pro teu colar, mãe? que bestera é essa?
- Generosa - Ué, não sei, foi ele que disse que ia fazê.
- Laura - (baixo) É protocolar que ela entendeu que era pro colar dela. Como ela ganhou um colar que eu dei, naturalmente fez confusão.
- Tonico - Essa velha é uma eterna confusa.
- Generosa - Faz favor de fazê mais silencio que o seu Licurgo vai dá um discurso.
- Papa - Permiso, señora, Antes que hable don Licurgo yo desaba pedir-le mas una copita de chop. Despues hay que beber su salud y no tengo ni un poquito acá.
- Generosa - Não sei o que é que ela disse.
- Juvencio - A dona custiana quer mais um copo de chópis. Disse que depois tem que bebê a sua saúde e o copo tá vazio que tá se vendo até o fundo.
- Generosa - tá vazio porque ela bebeu tudo. (baixo) São uns esponja. Estão ela e o seu Polfirio nunca vi. Deis que chegaro que não faz ota coisa sinão bebê. (gritando) Seu Polfirio. Tira essa mão daí. Não tem nada que tá mexendo nas bondeja. Espera que se ofereça. que nome mia infamiado! Juvencio vai pra pelto daquêle vivente e toma

COTO

- conta dele. Se a gente não cuidá quando chegá a hora de ofresê otra vez ele cumê tudo. Misericórdia! Esse home me dexa sacramada. Vai dum vez negrinho. Se ele não pôde tá sem mastigá tu vai lá na cozinha arranja uma rolná e traiz pra ele mordê.
- Juvencio - Tá bem, dona Gineirosa.
- Papa - Bueno, señoira, me van a dar otra copita de choops o nó?
- Generosa - Sei lá o que é que ela tá dizendo. Atende ela aí Juvencio.
- Juvencio - Havê o seu copo que eu vô buscá.
- Papa - Muchas gracias, chiquito.
- Juvencio - Chiquito não, Juvenco. Não me troque o pseudônimo.
- Generosa - Vamo vê seu Licurgo, príncipele.
- Licurgo - Dona Generosa. (ruído de vozes de Papa, Siderio e Tudinha)
- Generosa - Silêncio. (as vozes cessam)
- Licurgo - Como antigo amigo da família e admirador das suas belas e excelentes qualidades de coração e excepcionais dotes de espirito...
- Tonico - (baixo) Tu até é semvergonha.
- Licurgo - Tenho o prazer de erguer a minha taça...
- Tudinha - Que neste caso é um copo.
- Generosa - Cala essa boca, Tudinha, dexa o ridente solá. Que minina mais intruzida.
- Tudinha - Não chatela, mãe.
- Generosa - Mercriada! Continua, seu Licurgo.
- Licurgo - Tenho o prazer de levantar o meu "copo" para beber a saúde da distinta aniversariante, e ao mesmo tempo desejar que as benções divinas possam por muitos anos...
- Juvencio - (distante do microfone fazendo uma bruta briga) Não seu Polforio, tira a mão dos sandiviane. A patroa disse que eu cuidasse eles e depois vai pensá que foi eu que cumi.
- Polforio - (longe) Deixe de ser impertinente, menino. Ponha essa bandeija aqui.
- Juvencio - Vô ponhá eu sei adonde é. Bem longe do sinhô. Depois eu é que vô me vê com a dona Gineirosa.
- Generosa - (gritando pra longe) que é isso aí, negrinho. Que argazarra é essa? Vocês vê que o seu Licurgo tá dando um disculso e em vez de fazê silencio tão aí nessa arruía.
- Juvencio - É o seu Polforio que não que pará de cumê.
- Generosa - Não dexa. Ataca ele. Continue seu Licurgo. Tava tão chics o seu disculso.
- Licurgo - Como eu estava dizendo, tenho o prazer de levantar o meu copo para beber a sua saúde e desejar ao mesmo tempo que as benções do céu possam tornar a sua vida numa vida cheia de venturas e felicidades ao lado do seu excelente esposo e dos seus encantadores filhos.
- Tudinha - Obrigadinho pela parte que me toca.
- Licurgo - À saúde de dona Generosa, pois! Hip-hip
- TODOS - Hurrah!
- Licurgo - Hip-hip-

- Licurgo - Hip-hip
- TODOS - Hurrah! (tatem-se os copos, ruído de vozes, apertes etc.)
- Generosa - Que pena que o Sidoca não tá aqui pra vê-los! Muito obrigadinho, seu Licurgo. Mas o senhor veja. Negrinho, bota mais um poco de chópis pro seu Licurgo bebê. Ele deu um disculso tem direito.
- Juvencio - Sim senhora, já vô butá. Eu já escondi os sandiviche agora tô vindo um lugar pra escondê as lampada mas o seu Polfirio tá me cuidando não adianta.
- Generosa - Traiz pra cá. Bora a bondeja aqui pecto de mim que quando ele vié tirá eu dô um tapa nas mão dele. (pausa) Aqui. Dera aí. Agora lema o cope do seu Licurgo e bota mais um chópis pra ele.
- Licurgo - Muito obrigado. Sem galão em Juvencio. Por enquanto eu sou soldado raso.
- Juvencio - Tá bem.
- Laura - Que linda torta, dona Generosa.
- Generosa - Comprei, dona Laura. Quatorze mirreis, custô.
- Laura - Muito bonita. Se ela for gostosa como é bonita.
- Generosa - Depois nós provemo, dona Laura. Não quero parti ela já porque a não é uma passada. Vai que nam um rajampio.
- Laura - Não, dona Generosa, eu não estou elogiando a torta para que a senhora a sirva. Achei bonita a ornamentação.
- Generosa - É o boné da Republica com o monograma dos meus ano. Vinte e sete de Outubro de 1942.
- Laura - Muito chic. O sr. viu seu Bento? o monograma do aniversario da dona Generosa?
- Bento - É fato.
- Sidonio - Pepinha, não bebe mais, minha filhinha. Tu podes ficar^tontinha.
- Pepa - Te crees que me voy a quedar borracha? Yo soy hija de buena cria, mi tesoro. Mire que graça, dona Generosa. Mi novio está receoso que me vaya a quedar borracha.
- Generosa - O que é que a senhora disse, dona Pepa?
- Pepa - (rindo meio torta) Figure-se que mi novio está receoso que me vaya a quedar borracha.
- Generosa - Borracha? Pra que será que ela qué berracha? Eu não sei se tem aí, dona Pepa, vô mandá o negrinho procurá.
- Pepa - No es eso, senhora, usted no na entendido.
- Generosa - Intindi, sim, dona Pepa, vô mandá procurá.
- Pepa - Que cosa horrible. Una se cansa de hablar y ella no entienda nunca.
- Generosa - (ruído de um tapa.) Tira essa mão daí morto de fome.
- Porfirio - Ué, o que é isso?
- Generosa - Isso é que o siphornão tem que metê as mão adonde não lhe cumpete.
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) Que o senhor não tem nada que metê as mão adonde não lhe cumpete.

- Porfirio - Quer dizer que isso aí é só pra enfeite?
- Generosa - Não tem nada que sabe e mesmo que fosse era da sua conta? É pra enfeite mas não é pra enfeite como um infantilado. Espere que as pessoa lhe ofresça.
- Porfirio - **(Baixo)** Se eu fosse esperar estava bem arranjado.
- Celestina - Dona Generosa, a senhora não dá licença que se sirva de um empada?
- Generosa - Credo, dona Celestina, a senhora ainda não tirinou de mastigá uma já tá pidiendo outra?
- Celestina - Eu mastigar, dona Generosa? A senhora está enganada. Até agora eu não comi coisa nenhuma.
- Generosa - Então é a guape que a senhora tá aí mastigando deis que chegou. Tá, tira a empada.
- Celestina - Agora eu aceitav-a um copinho de choopp para acompanhar.
- Generosa - Credo, dona Celestina, não chegou a empada? O chópis é uma coisa muito vegetativa pras pessoa de idade. A senhora não devia de bebê.
- Celestina - Um copinho só não me faz mal. Eu ainda não tomei nenhum.
- Generosa - Pois então pega o copo e vai enchê no barril. Eu é que não vô me aliviá daqui pra vê bibida pra ninguém. Mais o seu Bento tá com o copo dele vazio. Dexe vê o seu copo que eu vô enchê, seu Bento. Esse vivente é tão quieto, tão calado que se agante não vê as coisa e não aliança pra ele fica em jejum porque pedi não pede.
- Bento - É fato.
- Tudinha - Repara só, pra dona Celestina ela disse que não ia se levantar pra servi ninguém e no mesmo momento se levanta e vai encher o copo do seu Bento.
- Laura - É porque simpatia não se compra, não é seu Bento?
- Bento - É exato.
- Tonico - E depois o seu Bento trouxe um presente pra ela que ela tá radiante.
- Laura - Não ví, o que foi?
- Generosa - Tá seu Bento, um chópisinho. E um sandiviche tambem pra companhia.
- Laura - Dona Generosa, o que foi que o seu Bento lhe trouxe de presente que eu não ví.
- Generosa - Um leitãozinho tão chico. Tá lá no quintal. Vô guardá ele pra mattá no dia que o Sidóca chegar.
- Licurgo - Quando é que ele vem, dona Generosa, já sabe?
- Generosa - Não sei, seu Licurgo. Tava esperando ele hoje, por isso que perma-rei essa festa toda mas quando foi ontí ele escreveu um telegramma dizendo que não podia vir por causa que ainda não tinha arrecebido o dinheiro da casa que nós vendemo. H je escreveu otro telegramma mandando dá um abraço pra mim e de je já uma purção de condolencia e de abraço. Tá lá em cima da cama o telegramma. A Tudinha quiz bebê.
- Tonico - O que foi que a dona Celestina te deu, mãe?
- Generosa - **(com pouco caso)** Um gualdanapo de sacco, boidado com ponto de cruz pra enxugá as panela.
- Celestina - Não, dona Generosa, é para pendurar na parede, atraz do fogão.
- Generosa - Ah, é? Não sabia. Esse que são de dipindará na parede sempre tem uma letreiro escrito o dela não tem, pensei que fosse pra enxugá as panela.

- Celestina - É que o risco desse não tinha dizêr. Tinha só aquele peixe, aquela galinha e a barrinha vermelha em volta do guardanapo.
- Laura - Foi a senhora que fez, dona Celestina?
- Celestina - Foi, dona Laura.
- Generosa - Nem pebolava priguntá. A senhora vendo o beldado a dona Laura via logo que foi ela que fez. A dona Laura é que se deu um presente muito chics. Um colar de três fio de perlas. São legitima ou fingitiva, dona Laura?
- Laura - Não sei, dona Generosa, como que legitimas não podem ser.
- Generosa - Pelo preço que custô a senhora mais ou meno pode tirá um tempo.
- Tonico - Tu tá querendo que a dona Laura te diga o preço do colar, é não?
- Generosa - Não é que eu quero sabê o preço que ele custô, eu quero sabê é si as perla são legitima ou fingitiva.
- Tudinha - **(baixo)** Olha o grupo dela só.
- Laura - O que é que tem que eu diga o preço. Afinal nós temos tanta intimidade.
- Generosa - Pois é, não é? Botage.
- Laura - Custou 60 mil reis, dona Generosa.
- Generosa - **(admirada)** 60 mirreis, dona Laura? Mais! Então tem que sê legitima. **(transição)** Eu vô buscá mais um chopisinho pra senhora dona Laura.
- Iskra - Não, dona Generosa, muito obrigadinha, eu já tomei muito.
- Generosa - Tomô quasi nada. Tem que tomá mais um chopisinho. Eu vô buscá.
- Tonico - A dona Laura foi dizer que o colar custou 60 mil reis agora ela vai obrigá a outra bebê até fica tonta.
- Pepa - Doña Generosa. **(tonta)** Yo pido la palabra.
- Tonico - Pronto, começou.
- Pepa - Calla-te la boca, idiota, manipanzo. Hoy no te creas que voy a quedar-me silenciosa ante tus insultos y arrogancias.
- Tonico - Ah hoje a senhora não fica calada mesmo. Não precisa dizê porque eu sei que a senhora não fica.
- Sidonio - O que é que tu vais fazer, Papinha. Tem juizinho, senta aí que é melhor.
- Pepa - No, hoy yo quiero hablar.
- Generosa - Tá dona Laura o seu chópis. **(laura agradece)** Eh que é que a dona Pepa já tá?
- Pepa - Quiero hablar, señora. Quiero saludar-la por la fecha de hoy. Usted no conoce y sabe que soy su amiga. Mi madre, que no tuvo la ventura de conocer-la, ya me decía quando yo era chiquita, que las almas rudas eran las que tenían mas capacidad de querer sin ocultar sus sentimientos. Parecia que mi pobre y vieja madre adivinava que un día nossostras nos encontraríamos en la carretera de la vida y la verdadera amistad nos llevaria junta por los años afuera. Yo no estoy borracha pero ahora neste instante quiero emborrachar al corazón. Quiero emborrachar al corazón... **(cantando)** Quiero emborrachar mi corazón para despues poder brindar por los fracasos del amor... **(enquanto Pepa segue cantando algumas frases mais do canto, entrecortadas de soluços, todos riam e batem palmas.)**
- Tonico - Essa castilhana é uma boia.

ATO

- a pobresinha.
- Generosa - Tá citada, eu sei. **(baixo)** Ela tá é bebuda. Também tá belendo deis que chegou.
- Juvencio - Hoje vai se cá pra dona castiana. Tá hã!
- Laura - Na pessoas assim a quem o "cheiro" da bebida deixa muito excitada.
- Sidonio - Po-po-pois é.
- Celestina - A finada Cesalpina, a minha irmã, era assim.
- Generosa - Se mariava só com o cheiro, não é dona Celestina? Eu sei. Eu conheço as idioma dessa gente. **(baixo)** Falsa que a gente é bêba. **(ruído de tapa)** Tira essa mão daí seu Porfirio.
- Porfirio - Na mais de uma hora que eu não mastigo nada.
- Generosa - Pois mastiga a língua.
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - **(gritando)** Mastiga a língua. que vivente mais impertinente.
- Porfirio - **(baixo)** Não faz mal, eu hei de descobrir onde esconderam os sandwíches e nê deixo um só pra remédio. Eu que não puder comer levo no bolso para a casa.
- Laura - O seu Bento fica só olhando, não é seu Bento?
- Bento - É fato.
- Tudinha - Ele acha que em boca calada não entra mosca, não é seu Bento?
- Bento - É exato. **(campainha do telefone)**
- Juvencio - Patrona oia o telefonis. qué que eu atenda?
- Generosa - Não tem nada que atendê, dexa que eu atendo. **(campainha)** Vai cuidá o seu suldo que eu não vejo ele aqui. Bota sintido onde é que ele anda. **(campainha)** Eu vô piá pra vobeta fazê um chamado de silencio que é pra eu pudê ovi o que o telefonis diz. **(campainha)** Alô! Quem é que tá falando? **(pausa)** quem é? Não ovi, faiz favor de arrepeti mais arto? **(pausa)** Aqui é a Generosa sim, como é que a senhora sabe? **(pausa)** Heim? Conheceu a minha vóis? Pois eu não sei quem é que tá falando aí. **(pausa)** Quem? Espera um mucado. Vobeta faça silencio que eu não posso atendê o que a vivente tá dizendo.
- Tudinha - Ninguém tá fazendo barulho, mãe, arranja outra desculpa.
- Generosa - Cala essa boca atirvida. **(falando)** O que é? Não sinhora o convite não é pra sinhora é aqui pra Tudinha. **(pausa)** Mas quem é que fala aí que eu ainda não sei? **(pausa)** quem? **(pausa, espalhafato)** Ah, madama, agora é que eu pude conhecê. **(para os outros)** É a minha professora de francês, a madama Blancha. **(no telefone)** Pois eu mandei avisá pra vu que não podê da lesson de francê ojurdis porquei je tô de aniverssé. Mas eu mandei le convidê pra veni lei o a sinhora não veio. **(pausa)** Que pena. A sinhora não imagina como isso aqui tá jolí. Tem tanta boeus de persone! Iliás de chópis, de candivichí, de amadós e de volovantes. Porque não vem até lei agora, Madama? Ainda tem boeus de choses. **(pausa)** O jurdis não? **(pausa)** Damaín? **(baixo)** O que é demain? Como é que a sinhora disse a madama? **(pausa)** Que vem demain? An sim no domingo? Mas no domingo as cosa já se acabô. Ojurdis era melhor a sinhora vi. **(pausa)** porque que a madama não apela um automóvi e não vem lei num repa? **(pausa)** que pena! Malade? Têta malade? **(pra si mesma)** Têta... teta... Ah! Tá com duença aí é? Que lasti! Tá hã Madama então o que é que nuz olon dem? Galibai, não é? **(pausa)** Orçavair. Meloi didon, Madama, meloi didon. **(desliga)** Era a minha professora de francês.

- Tonico - Todo o mundo já sabe, não precisa dizer.
- Generosa - Como é que tudo o mundo vai sabê si eu tava falando francês? Tenho que dizê. É farta de inducação falá que as pessoa não intenda. Ela não entende brasileiro eu tenho que falá francês, mais depois eu digo o que foi que eu falei. Credo, seu Si-si-Sidoncio, não dá mais sibida pra essa vivente. Ela tá que já nem pode com p peso da ropa e osinhor ainda bota o copo na boca dela pra ela bebê?
- Sidoncio - Ela tá pedindo. Eu não gosto de contrariar a minha Pepinna.
- Generosa - Si ela pedi pro sinhor se atirá no rio o sinhor se atira? As pessoa dilirida a gente não pôde fazê todas as vontade.
- Pepa - Da-me de beber, querido, no la digas. Da-me de beber.
- Celestina - Que coisa horrivel! Eu acho tão fofo uma pessoa tonta!
- Generosa - E bisbilhotera ainda é mais piór. (baixo) que é que ela tem que vê com isso?
- Juvenio - Patroa, óia aqui.
- Generosa - O que é negrinho?
- Juvenio - Quando eu me agachei pra bota a bota do barril do chópia a minha carga se rasgo-se.
- Generosa - E tu ainda tem a corage de amostrá, negrinho? Camilina vai lá dentro vai pregá um arfenete aí que agora eu não tenho tempo de cusê.
- Juvenio - Arfenete pode me ispetá quando eu se assentá, dona Generosa.
- Generosa - Pois não se assenta, fica de impé. Assim é que tu não pôde finá que a minha casa não é caburé. É uma casa de familia. Quanto foi mesmo que custô o colar que a sinhora me deu, que a senhora disse, dona Laura?
- Laura - 60.000 dona Generosa.
- Generosa - Coma um velovante, dona Laura. Tão tão gostoso. A massa foi eu mesmo que fiz e o guisadinho tambem. liquei bem a carne assada que sobró de ontá de janta, perparei ela bem com bastante tempero, refuguei bem refugadinho na panela, misturei ovo duro e azeitona ficou que é um talento.
- Laura - Estão muito bonitos, dona Generosa, mas eu não tenho mais vontade. Estou satisfeita.
- Generosa - Não sinhora, tem que comê. É um copuzinho de chópia tambem tem que tomá. Eu vô selvi pra sinhora.
- Laura - (baixo) Misericordia! A dona Generosa hoje me espanturra.
- Tonico - A senhora foi dizê que o colar custou sessenta mil reis.
- Laura - Ela perguntou eu não ia mentir. Liurgo, você está bebendo de mais.
- Liurgo - Ora Laura, deixe disso. Eu não tomei ainda nem dez chops.
- Laura - E então, você acha pouco?
- Todina - O Liurgo é dos meus. Chopp a mim tambem não derruba.
- Sidoncio - Nem a mim tã pouco. A Pepinna é que fica logo tonta só com o cheiro.
- Tonico - É, só com o cheiro.
- Pepa - Chamaste-me amoroso?
- Sidoncio - Não queridinha, dorme.
- Perfirio - Hoje é que é dia de festa não se faz um brinquinho de musica?

- Celestina - É melhor pedir à dona Generosa.
- Porfirio - Como disse?
- Celestina - **(gritando)** É melhor pedir à dona Generosa.
- Generosa - Não sabia pedi que eu não tô, dona Celestina. A senhora já te-
teu demais. Tá dona Laura e sua criada.
- Celestina - Eu não estou pedindo coisa, dona Generosa, é o seu Porfirio que es-
tá lembrando de se fazer um pouco de música.
- Generosa - Agora nós não fazê. Passamos lá pra sala de visita a fazemo. Mas es-
pera um momento. **(um grito forte de Juvencio)** Oô é isso negrinho? tu
parece loco.
- Juvencio - É que eu me esqueci do urfaneta, fui me assentá e ele me mordeu.
- Generosa - Bem feito pra tu não se relaxado. Si em vez de botá o urfaneta tu
tivesse ido lá dentro, tivesse tirado as tuas orelha e cusido ela não
tinha acontecido isso. Tá São vamos passá lá pra sala de visita que
é pra nós tocá e cantá um mucado. Neverssario sem toque e sem can-
to não parece neverssario. Ajuda a levá essa gente, Tudinha, Vem,
dona Laura, seu Licurgo vamo. **(vão saindo todos conversando)**
- Tudinha - Vamos, dona Celestina. Vahê sei tanto. **(sem conversando)**
- Porfirio - Onde é que vão?
- Juvencio - Vão tocá piano lá na sala de visita, o senhor não vai?
- Porfirio - Como disse?
- Juvencio - Vão tocá lá na sala de visita. O senhor não vai?
- Porfirio - Vou, sim vou. **(baixo)** Vou é aproveitar a ocasião.
- SPEAKER: - E enquanto a turma toda se transfere para a sala de visitas da dona
Generosa, aproveitemos a ocasião para dizer duas palavras sobre os
patrocinadores deste programa. **(faz aqui os anúncios)** É agora, vamos
nós também, ao encontro dos que já foram.
- Generosa - Ola, eu vô aproveitá pra amostrá pra voceis os presente que eu arre-
bebi. O esse colar de perlas foi a dona Laura que me deu. Perlas li-
gítima. Custô sessenta alreais.
- Celestina - Muito bonito.
- Generosa - **(baixo)** Pronto! A invejosa já arregalô os olho de grilo. Esse sabo-
nete foi o seu Si-si-sidoncio.
- Sidoncio - Foi eu, sim.
- Generosa - É bem querido. O sabonete quando é querido é muito chies, não é mesmo?
Esse copô foi a dona Pepa.
- Pepa - Chamaste-me amoristo?
- Sidoncio - Não, Pepinha, dorme.
- Generosa - Esse quadro com esse santo foi o seu Polfirio.
- Laura - Que santo é esse, dona Generosa?
- Generosa - São Jorge, dona Laura., não é vendo aqui o dragão?
- Laura - Eu sei a lancia não vejo boa. **(pausa)** Ah é são Jorge sim.
- Celestina - Daqui eu pensei que foese Santo Expedito.

ATO

- Generosa - Santo Expedito é a vontade de falá. Fica quieto que é melhor.
- Laura - Esse guardanapo de crochê, dona Generosa?
- Generosa - Foi o Juquinha, o coltadinho que me mandô. Ele queria vêsse vinha hoje mas o doctor não dexô ele apañhá o ar da noite. Deisso que ele podia tê uma revanche. Ele então me mandô trazê aqui. Alciais foi ele mesmo que fez o pabrasinho. Tem umas mão de fada. Essachiera a dona Firmiana a mãe da Gigiea o do prudencinho que era vizinhoda gente lá na rua da margo, a sinhora se lembra? Pois a coltada não se esqueceu. Hoje de manhã cedo veio trazê essa rica chiera. Tem que parece que o pir é meio deferente.
- Tudinha - Diferente da mãe. O pires é da chiera mesmo.
- Generosa - E eu tô dizendo que não seja? Tô dizendo que é meio deferente o pir da chiera. A chiera tem esse crochêco dorado e o pir já tem umenas quantidade. Isso é que eu quiz dizê. O que é que eu tava dizendo mesmo que me esqueci?
- Tonico - Tu não tava falando nada, mãe, tu tava mostrando os presente.
- Generosa - Ah, é mesmo. A sinhora sabe que agora eu tô assim, dona Laura? Tô conversando muito bem, quando é num repente me dá uma síncope da memória e eu já não me dá mais conta do que é que eu tava falando.
- Licurgo - Perda de fosfato. A senhora precisa de um fortificante pra o cérebro.
- Generosa - Eu to usando, seu Licurgo. Eu boto uma loção de figo de tuna e óleo de barboza, todas na manhã na cabeça.
- Licurgo - Ah, bem, então vai ficar boa depressa.
- Tudinha - **(baixo)** Depois fica braba quando a gente chama ela de tuba. É cada baixo que é uma coisa loca. **(alto)** Mãe, o remédio que tu precisa é dentro da cabeça não é por fóra.
- Tonico - Não ha remédio.
- Generosa - Dentro da cabeça não sei porque. Eu não sô diliriada como a dona Pepa.
- Pepa - Chamaste-me amorcito.
- Sidonio - Não, Pepinha, dorme.
- Celestina - Dona Generosa, a senhora se esqueceu de mostrar o meu presente.
- Generosa - Ora, dona Celestina, não paga a pena. Tá aí amostra, Tudinha, os bordado de pé de galinha que ela fez.
- Laura - Ah, muito bonito.
- Tonico - **(baixo)** A galinha parece o Mussolini de perfil!
- Generosa - Tá, tudo o mundo já viu. **(baixo)** Traiz esse langanko pra guildá.
- Laura - Bem vamos começar a nossa hora de arte. Vou tocar qualquer coisa em homenagem a aniversariante. **(todas aplaudem. Laura toca ao piano sendo muito aplaudida ao terminar)**
- Generosa - Muito obrigadinho, dona Laura. Ela toca tão chies, não é mesmo?
- Licurgo - A Laura tem mãos de fada.
- Laura - Você já disse isso muitas vezes, Licurgo. Será que vai repetir outra vez?
- Licurgo - Se lhe desagrada eu não digo.
- Laura - A mim não mas aos outros será cacete ouvir sempre a mesma coisa.
- Celestina - Eu também vou cantar em homenagem ao aniversario da dona Generosa.

- 20
- Generosa - Misericórdia! que mãe fiz eu pra Deus!
- Tudinha - **(baixo)** Tu não póde protestá, mãe, é sa homenagem a ti tu tem que aguentá firme.
- Generosa - Si val cantá, canta duma veiz que é pra gente já ficá despachada, dona Celestina.
- Celestina - Vou cantar uma coisinha do meu tempo.
- Generosa - Canta, canta lá as suas coisinha. **(Celestina canta acompanhando-a ao piano sendo muito aplaudida)** A coragem dessa velha de cantá com essa voz palvrosa que ela tem. Parece uma vasilha rachada.
- Sidonio - Bem, uma vez que a dona Celestina cantou eu acho que também tenho o direito de fazer qualquer coisa.
- Generosa - Pronto! Eles hoje se aproveita. Diz, diz duma veiz, seu Si-si-Sidoncio e vê se não gargalja muito que é pra gente não ficá esperando muito tempo.
- Sidonio - Vou dizer uns versos em homenagem a aniversariante.
- Laura - Hoje os versos não são para a dona Pepa.
- Pepa - Chamaste-me queridito?
- Sidonio - Não, Pepinha, dorme.
- Generosa - Anda duma veiz, seu Si-si-Sidoncio, a gente tem mais que fazê. **(Sidonio diz uns versos antigos sendo muito aplaudido)** Que consaço meu Deus. Su floc tão fernetica que tenho lapios de me avançá nele e acudi. **(passos que se aproximam)**
- Juvencio - Dona Ginrosa, óia aqui.
- Generosa - O que é negrinho?
- Juvencio - Óia esses prato.
- Generosa - Dádonde tu tirô esses prato, negrinho? não são os prato adonde tava os sandiviche e as empada?
- Juvencio - São, sim senhora. Vim amostrá pra sinhora que tão os dois vasio. O seu saizo foi lá sem a gente vê e deu sumiço nos contsuão todo que tinha dentro feles. Inté a toita com o bone da republiã e o melodrama do seu neversario ele paltiu e dexô só um pedaço.
- Generosa - Disgraçado. Adonde é que tá esse isfamiado.
- Celestina - Ele saiu já faz um bom pedaço. Saiu com um pacote em baixo do braço.
- Generosa - É porque que a sinhora não me avisô, dona Celestina?
- Celestina - Pra sinhora me dizer que eu não tinha nada com isso? Eu não. Fiquei queta.
- Generosa - É assim mesmo quando ela deve de falá não fala. Quando devia ficá calada metê o nariz em tudo. Aquelle ordinario daquêle alejado lexi os meus sandiviche e as minhas empada. Coltá a rica da minha toita que eu não ia palti ela hoje. Mais dexa, malinducado, dexa isfamiado do listo, tu não é de aproveitá nada que tu meu.
- Laura - Licurgo, já é tarde, nos deviamos ir andando.
- Tudinha - Não, Laura, espera um pouquinho mais que nós temos ainda um numero para encerrar a hora de arte.

ACTO

- Juvencio - Nesse numero eu tambem vó cantá.
- Tudinha - É você que vai nos acompanhar, Laura, Depois você vai embora.
- Laura - Muito bem, então digam o que é que vocês vão cantar.
- Tonico - O feliz aniversario. Eu acompanho ao violão.
- Laura - Bem, então, vamos. (Tudinha Tonico e Juvencio cantam o feliz aniversario sendo muito palaudidos por todos ao terminar)
- Juvencio - Viva a dona Gírirosa!
- Todos - Viva!....
- Juvencio - Viva os ano da dona Gírirosa!
- Todos - Viva!...
- Juvencio - Viva o osento da dona Gírirosa.
- Todos - Viva!... (os vivas e as palmas continuam e a caracteristica entra forte para o final de programa)

Fin.

- Generosa - Negrinho vem cá. Lê essa carta que eu arrecebi.
- Juvencio - Porque que a senhora não lê, dona Gírirosa? Eu não gosto de lê as cartas dos outros.
- Generosa - Eu não leio porque tenho laçoado pra lê pra mim, orieessa.
- Juvencio - Uma carta muito mal escrita que a gente pelcia tá indivinhandando as letra.
- Generosa - Capalz que seja do Sidóca, não é negrinho?
- Juvencio - Eu ricia tô sobstrando as letra do principio a senhora já qué que eu diga de quem é a carta? Isso só no fim é que a gente póde sabê.
- Generosa - Nêgo burro, inguiporante. Porque tu não principela pelos fundo da carta que aí tu já fica sabendo de quem é?
- Juvencio - Mais é mesmo! Tanto faz lê daqui prá lá como di lê prá cá dá no mesmo, não é dona Gírirosa?
- Generosa - Tô não deta de cuvelsa fiada e vê duma veiz de quem é essa carta que eu já tô ficando felnetica.
- Juvencio - Uó, patroa, essa carta nem é.
- Generosa - Nem é o que, negrinho?
- Juvencio - Nem é carta. Não tem nome nenhum iscrivido em baixo.
- Generosa - Dava vê.
- Juvencio - Oia aqui, Não tem.
- Generosa - Mis é mesmo! É uma carta anônica!...Ih, eu fico tão melvosa quando ar recebo carta anônica! É uma carta que só dá noticia ruim pra gente, não sei porque. Lê, negrinho, lê ela duma veiz.
- Juvencio - (lendo) Dona Gírirosa...
- Generosa - O que é?
- Juvencio - Não é nada, é o que tá iscrivido aqui.
- Generosa - Então lê duma veiz, negrinho, não encêba.
- Juvencio - (lendo) quem avisa...ami...go é, por isso vou lhe avisá...que o seu Sidóca ainda não vortô de Lá...
- Generosa - Dele dadonde?
- Juvencio - Lá...ges.
- Generosa - Das Lage, negrinho, lê direito.
- Juvencio - Ainda não vortô das Lage porque tá mui...ta bem acunepa-ado ponto. Levô com ele uma loira...loira? Não loira, chama de Sarinha e está gosando a vida com ela...Dáidaço do...não, oidade dona Generosa qui si ele dimorá muito por lá não sobra dinheiro nenhum da venda da casa. Umá amiga.
- Generosa - Não intindi direito. Fala em dinheiro da venda mais ajis não tamo devendo nada na venda. Nós já paguemo.
- Juvencio - Patrona, a senhora tá fazendo confrontação das coisa. Essa carta que senhora arrecebeu é uma denuncia.
- Generosa - Que denuncia bobá é essa?

Alamirinho
4/11/42

- Juvencio - Qué dizê... é uma sentença. É uma sentença que diz que o patrão tá ligando a senhora.
- Generosa - Quem é que disse isso?
- Juvencio - A carta é que tá dizendo.
- Generosa - É quem é que disse pra carta?
- Juvencio - Não sei, a pessoa não seboescritô a carta.
- Generosa - Nessas carta anônica são boa porque conta as coisa pra gente que a gente não sabe, mais também é uma pena não tê o nome da pessoa porque aí a gente ia preguntá pra ela mesmo como é que ela tinha sabiêdo e si ia sabê tudo de certinho. Nessas consiguente o que é que a carta diz que eu ainda não cumarindi?
- Juvencio - A senhora ainda não comprendeu? Qué que leia a carta otra veiz?
- Generosa - Não. Tu não sabe lê direito. Faz uma profusão que no fim a gente não entende. (chamando) Tudinha! Oh Tudinha!...Tudinha!
- Tudinha - (longe) Que é mãe?
- Generosa - Chega aqui, minha filha pra tu lê uma carta anônica pra mim que eu arrecebi.
- Tudinha - Já já não posso. Tô arrumando a minha sala.
- Generosa - Vê si não demora muito, minha filha.
- Laura - (longe) Dá licença dona Generosa?
- Generosa - (pra longe) Entre, dona Laura. A dona Laura tá aí.
- Licurgo - A licença é para dois porque não é só a dona Laura que está aqui. (Já perto) Eu também estou.
- Generosa - Que novidade. Isso nem precisava dizê. Vê si ela nhôdy sem os pondrucalho deia.
- Juvencio - Ah, não anda. É faz ela munto bem. O que é de gente a gente segura que é pros otro não agarrá.
- Generosa - Oh, negrinho mitido. Cala essa boca.
- Laura - Boa noite, como vai, dona Generosa?
- Generosa - Vêve-se dona Laura. Eu hoje não tô munto boa não.
- Laura - O que é que a senhora tam está indisposta?
- Generosa - Tô. É não é só discomposta não, dona Laura. Tô meia aburricida também. Se assente seu Licurgo, o senhor fez promessa pra ficá de im-pé? Tá bancando a velha Celestina aqui?
- Licurgo - Não se incomode comigo, dona Generosa, eu não sou de cerimônias. Quando eu tiver vontade eu canto.
- Laura - Mas afinal a senhora está aborrecida porque? Falta de notícias do seu Sidóca? (venenosa) Ele está demorando tanto a senhora não acha?
- Generosa - Tá não tá dona Laura? A proposito eu vô amostrá uma coisa pra si-nhora. Seu Licurgo, o senhor dá licença que eu tenha um particu-lar aqui com a dona Laura?
- Licurgo - Si eu dou licença? Fois não. A senhora quer que eu me retire?
- Generosa - Crado, seu Licurgo, não é preciso o senhor se arretirá. O senhor vai lá no quarto do Tunico que ele tá lá tocando violão. O negrinho leva o senhor lá. Vai, negrinho, leva ele.

- Juvencio - Bem, seu Licurgo. Eu sou boio e senhor.
- Licurgo - Não há perigo de eu ser torpedado?
- Laura - Si acontecer isto você manda um S.O.S. que eu corro em seu auxílio e abro uma segunda frente.
- Licurgo - Está bem. Vamos, Juvencio. (passos que se afastam)
- Laura - O que é que a senhora queria me dizer, dona Generosa?
- Generosa - Não queria ligar, dona Laura, queria priguantá. Eu arrecebi hoje essa carta anônica sem assinatura. Fala no Sidóca e diz uma coisa mas eu não cumprindi. O negrinho lê mal e mal a gente custa a compreender. Eu até acho que ele lê errado. Eu queria que a senhora lesse ela pra mim igual como tá escrito aí.
- Laura - Leia sim. Deixe ver.
- Generosa - Tá aqui. Foi hoje que eu arrecebi ela. As vista curta é uma tristeza.
- Laura - É, sim. (lendo) Dona Generosa...
- Generosa - O que é dona Laura?
- Laura - Não é nada. Eu estou lendo o que está escrito aqui.
- Generosa - Ah, pensei que a senhora tava se chamando. Pôde perseguir, dona Laura. (lendo)
- Laura - Quem avisa amigo é.
- Generosa - Não o negrinho leu errado. Foi isso mesmo que ele leu.
- Laura - (continuando) Por isso vou lhe avisar que o seu Sidóca ainda não voltou de Lagos...
- Generosa - Das Lagos.
- Laura - (continuando) Porque está muito bem acompanhado. Levou com ele uma loura chamada Farinha e está gosando a vida com ela. (outro tom) Uma loura dona Generosa?
- Generosa - É, dona Laura? É que mais, e que mais?
- Laura - (lendo) Cuidado, dona Generosa que si ele demorar muito por lá não sobra dinheiro nenhuma da venda da casa. Uma amiga.
- Generosa - Quem será dona Laura, a senhora não sabe?
- Laura - Não sei, não. Mas veja só como são esses homens. Será verdade mesmo? Eu até custo a acreditar. O seu Sidóca, tão serio, tão pacato. Não, eu acho que isso nem pôde ser verdade.
- Generosa - É sim, dona Laura. Ele não tá morto na nada. Mas ele pensa que isso vai ficar assim? Oh, não fica. Que não fica não fica! Nem que eu precise ir lá buscá ele. Eu não sei acorda é um priguantando eu é de acolta. Vê lá disparado sem vergonha! A gente atura as asma e as felatice de lê diante toda uma ingistencia, colta os calo, dá afuná fazê isfricção na conta dum dislavado desses pra depois ele se refestelá por aí com a outra, botá fóra o dinheiro que a gente ganha com o suor do rosto da gente. E eu que tinha uma confiança mátua nesse sem vergonha! Mas dexa ele. Dixa ele que ele agora vai vê com quem que ele se casô-se. Tá acostumado a faxô o que que eu não riolama coisa nenhuma e pensa que por causa disto ele vai se fazê de bobá? De bôba ninguém me lava, dona Laura. Eu só munto boa, dona Laura, muito pacienciosa mais quando se arranha os meus garrotinho eu palco as estribaria. Mas então não é mesmo um disaforo, dona Laura?
- Laura - É, sim.
- Generosa - A senhora não acha que eu tenho razão, dona Laura?

- Laura - Tem, dona Generosa, tem toda a razão.
- Generosa - Me dê de conselho o que é que a senhora acha que eu devo fazê? Levo de i lá nae Lage, a senhora não acha?
- Laura - Fazer o que dona Generosa?
- Generosa - Fazê o que? Hum! A senhora nem sabe. A primeira coisa que eu ia fazê era puzá naa os cabelo dessa cuja e rasgá todo o vestido dela. Depois tirá o sapato do pé e quebrá os doto e os dentes do semvergonha do Sidóca a sarto de sapato.
- Laura - A senhora quer o meu conselho? NÃO faça nada disto. Vai gastar, vai se incomodar, vai fazer encaidelo sem resultado pratico nenhum. A senhora escreva uma carta pra ele dizendo que um mez é mais do que tempo para se vender uma casa e que se ele não estiver de volta dentro de dez dias que a senhora então irá porque está com muitas saudades. A senhora vai ver como ele vem.
- Generosa - Mais aí eu não nego ela.
- Laura - Mas a senhora não tem certeza se isto é verdade. Póde ser e póde não ser. Ha muita gente que por inveja de felicidade dos outros procura destrui-la.
- Generosa - É mesmo. Agora é que a senhora me alembró. (num grito) Dona Laura!
- Laura - O que foi, dona Generosa?
- Generosa - Já sei quem foi que escreveu essa carta. Foi a dona Celestina. Ela tem uma inveja da gente a senhora já botô sintido?
- Celestina - (longe) Dá licença, dona Generosa?
- Generosa - Ereto, ó. A gente falou no burro apontô os orelas. (risada) Entra. (baixo) Eu não póde ficar queta na casa dela. Tem que vi da fé na casa dos otro. É vivanta bem colteiz. Credo!
- Celestina - Boa noite. (numa resposta suave e mansueta, Generosa sacamente)
- Generosa - Arricibi a sua calta.
- Celestina - (admirada) A minha carta? Que carta?
- Generosa - Não venha se fazê de ingenua, dona Celestina. É não arregale esses olho de grilo, não, porque a senhora tá tanto conhecida.
- Celestina - Dona Generosa...
- Generosa - (braba) Cala a boca, deix eu falá. Quando um burro fala o otro murcha as orelha. Olha, a senhora fica sabendo que a senhora pra se enganar precisa nasc outra vez de novo. Não adianta a senhora querê se embarracá com o Sidóca porque eu tenho uma confiança mútua nele, e ele em mim nem se pergunta. A senhora qué que lhe diga uma coisa? Tá aí a dona Laura que não se dera minti. Quando eu li a sua calta dei risada!
- Celestina - Mas eu não escrevi carta nenhuma dona Generosa! A senhora está louca?
- Generosa - Ora, dona Celestina, não faiz boquinha. Eu conheço a sua letra.
- Celestina - Eu tomo a Deus por testemunha. Juro por essa luz que alumia.
- Generosa - Credo, dona Celestina, isso até é um privilegio. Botá o nome de Deus numa coisa dessas. (outra tom) O que é negrinho, o que é que tu tá aí lapiando?
- Juvencio - O seu Licurgo mandô perguntá si já se acabou a silconferencia e si ele já póde vim.
- Generosa - Póde. De qualquer jeito já onegô otros que a gente não queria.
- Celestina - Credo!

- Generosa - ~~Di... Tudinha~~ e pro Tunico pra vim duma vez pra sala. Que é que eles tão fazendo infalmando lá dentro?
- Juvencio - A dona Tudinha tá lá no quarto de banho arrumando os cabelo e o seu Tunico tá tocando violão.
- Generosa - Pois diz pra ela vim duma vez.
- Juvencio - Sim senhora ad vô dizê. (risada que se afastam)
- Celestina - Dona Generosa, a senhora disse que conheceu a minha letra mas a senhora nunca viu a minha letra. Como é que podia conhecer?
- Generosa - Ora, dona Celestina, a senhora que é fazê assunto mas eu não tô disposta, sabe? É milão não botá um basta nisso. Eu não boto fóra a culpa porque eu aproveito o papel. (passos que se aproximam, (Tudinha vem brigando com Tunico porque este lhe dá cutucadas nas costas. Tunico diz que não é ele e sim o Licurgo e as vozes devem se aproximar no momento que Licurgo fala.)
- Licurgo - Não amola, Tunico, você faz as coisas e empurra pra mim? A Tudinh pôde pensar mesmo que fui eu.
- Generosa - Vocês já vem brigando, já?
- Tudinha - É o semvergonha do Tunico a me dar pibretos na cabeça me desmanchando o cabelo e cutucadas nas costas. Chegou a ficar me doendo aqui.
- Tunico - Cuidado! O merengue! Não se pôde tocar porque desmancha.
- Tudinha - Vai amolá o boi.
- Tunico - Tá bom. A minha indolência hoje tá atravessada mas eu sei porque é. O telefone a dois dias que não toca.
- Tudinha - Não seja besta, ouviu?
- Generosa - Tá não, vamo acabá com isso? Vamo boté um dera nisso?
- Pepa - (longe) Peraliso, senhora?
- Generosa - Inda mais agora que chegou essa que não é boa celta. (gritando) Entre, dona Pepa, a casa é sua.
- Sidonio - Já entramos, sim senhora.
- Pepa - Buenas noches para todos. (todos respondem)
- Generosa - Adonde é que o sr. vai seu suldo?
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) Adonde é que o sr. vai?
- Porfirio - Vou bem, obrigado.
- Generosa - E eu poco me impolta. Não é isso que eu tô te perguntando. Pergunta aí Tunico a donde é que ele vai.
- R Tunico - (gritando) A mãe está lhe perguntando onde é que o sr. vai?
- Porfirio - Eu já disse que vou bem. Não tenho culpa que ela seja surda.
- Generosa - Suldo é tu, engraçado. Quem que falou.
- Tunico - Não é isso. Chega aqui o ouvidinho.
- Porfirio - Oh, menino o que é isso? Me puxando a orelha?
- Tunico - Para aí. (destacando as palavras) A mãe está lhe perguntando onde é que o sr. vai.

oito

- Porfirio - Onde...vou? Vou botar o chapéu no cabide.
- Generosa - É? E o cabide fica lá dentro? Engracadinho. Traiz esse chapéu aqui. Se ceenta aí, não tem nada que é lá dentro. (gritando) Juvencio! Oh, negrinho! Vem cá.
- Juvencio - Tô aqui, dona Generosa, não precisa de gritá.
- Generosa - Bóta o chapéu desse diabo lá no corredor que ele tem que sabe que é lá que tá o cabides lava se fazendo de bobo a querê ir lá prá dentro. Eu bem que sei o que é que ele queria... (outro tom) Mas seu Bento o senhor tá aí?
- Bento - É fato.
- Generosa - Mas eu não tinha visto o vivoente.
- Bento - É exato.
- Generosa - Quanto é que o senhor entrou? Foi arrisco, não foi?
- Bento - É fato.
- Celestina - Meu Deus! Há tanto tempo. Ele entrou comigo.
- Bento - É exato.
- Generosa - Não priguentei nada pra senhora dona Celestina deixo de se mitida.
- Celestina - (baixo) Outra rebocada. Hoje é dia. Ela hoje está com dor nos calos.
- Generosa - O que é que a senhora disse?
- Celestina - Não disse nada, dona Generosa.
- Generosa - Não disse nada uma óva que a senhora falou que eu ouvi.
- Celestina - Eu disse que estou com dor nos calos.
- Generosa - É de se por causa desses funil que a senhora bóta nos pé. Si ficasse em casa de chinelo os pé não tava doendo.
- Pepa - Que tenés amorzito estás tan triste. Que te paq?
- Sidonio - Não tenho nada, meu beatinho.
- Pepa - Estás tan inquieto, tan callado, ni me me prendido lá mano hoy.
- Sidonio - É que eu ainda não me ajitei nessa cadeira. Tem um diabo duma móla que está me espetando.
- Pepa - Porque no cambias la silla?
- Sidonio - Estão todas ocupadas.
- Generosa - O que foi seu Si-si-Sidonio, que é que o senhor tá aí inzaminando a cadeira? Tá xuja?
- Sidonio - Não senhora, Suja não digo mas que tem um corpo estranho, lá isto tem.
- Celestina - Percebejo, com certeza.
- Generosa - Não, dona Celestina, essas cadeira nunca tiveram na sua casa, já vê que não pôde té percebejo.
- Celestina - As da sala de jantar também nunca estiveram lá em casa e eu saí daqui outro dia com as pernas na miséria.
- Generosa - Decerto porque elas são muito grossa. Percebejo gosta de pel e de osso... mas é pra vê de longe.
- Pepa - Acá está, queridoito, la encontré. Es una muela rota.

- Generosa - O que é, dona Pepa?
- Pepa - Encontré lo que molestava mi bien, señora. La silla tiene una rueda rota.
- Generosa - Greco! Quem é que tá com a rueda rota, dona Pepa, o seu Si-si-sidenciô?
- Pepa - Só, señora. É a silla, la silla.
- Generosa - Ah, sim! (Baixo) Sei eu lá quem é.
- Pepa - Mire la silla. Ponga la mano. Acá está la punta.
- Generosa - Tá bem, dona Pepa, eu vô dimodá a cadeira não precisa fizê bobage. Buxia a gente contrareta ele é isso. Mas a gente tem que disculpá, coitada, além de laguinarante a coitada é duente das indela o que é que a gente vai fazê? Tá dona Celestina, troca de cadeira com o seu Si-si-sidenciô.
- Celestina - Lá não, pra essa é boa. Troque a senhora que tem carne para espetar eu não tenho.
- Generosa - Ota lá se viu? Será cobra ou largatixa? Não é que até esse quero-quero constipado já que mandá na minha casa?
- Tudinha - Mãe, faz ela muito bem não trocá. Tem muita graça a dona Celestina, uma velha de cabeça branca, levantá pra dá a cadeira pra um barbado.
- Tonico - É logico. É o banco do piano pra ele sentá. O banco tá ali.
- Dicurgo - (Baixo) Começou o Tribunal.
- Pepa - Callate la boca machaco antibiotico, mantanzo. Nadie te ha preguntado tu opinion. Bien sabes que yo no soy mujer de aguentar desaforos. Pepa Margarita Alcaparra Gutiérrez y Hernandez es hija de buena cria no teme a las mujeres ni a los hombres, enténdés?
- Tonico - (Sobexando) Sim, já sei. (Baixo) Si eu te dô uma bulaxa a gelito eu querovê si tu não te acorda.
- Generosa - Tonico tu cula essa boca Tonico. Tu sabe que não é pra tu te metê com a dona Pepa. Vocês já tã avisado, tu é a tua irmã.
- Tonico - (Gritando) Já sei, mãe. Já sei. Não precisa falá mais.
- Juvencio - Tá aqui a cadeira, não precisa mais brigá.
- Generosa - Dé quem foi que te pediu cadeira?
- Juvencio - Ninguém pediu mas eu tava ovindo o fervero de lá de dentro, garrei truxa em uma taiz ante que saísse argum paginato.
- Laura - É, foi bom, sim. O Juvencio sempre oportuno.
- Juvencio - Lá aí dona Pepas, agora a sinhora fica com duas cadeiras, nem pôde se quezá.
- Pepa - Sempre tive dos, no seu mutilada. Y escucha una cosa. No me cambies el nombre. Yo no soy Pepas. Soy Pepa. Pe-pa.
- Juvencio - A sinhora é muito miudera, dona Pepa, discorre que lhe diga. Por causa duma sibala que quazi nem faz deferença, tá aí fazendo quistá. Eu tambem me chamo (acentuando) Juvencio- Ju-ven-cio e a sinhora sempre prononceia o meu nome Rovencio e eu não digo nada.
- Pepa - Bueno, gracias por la silla.
- Generosa - Negrinho, tu já entregô a cadeira, agora volta lá pra cozinha vai tra tá de acuenta a agua pra berpará o café dessa gente. (passos) Eh, ó seu surdo, adonde é que o sr. vai? Ataca ele aí negrinho.
- Juvencio - (mais distante) A patroa tá perguntando adonde é que o sr. vai?

- Porfirio - Vou ter obrigado, o você?
- Generosa - Ele só vive de certo o Tonico, fala Tonico.
- Tonico - A mãe tá perguntando assim que o sr. vai?
- Porfirio - Ora esta é muito boa! Foi ela mesma que disse: Nunca aproveitar enquanto o café está quente. Eu vou.
- Tonico - Pois é, o sr. vai. Vai mas não é agora. Resoa a mãe mandou fazer o café. Tem paciência e espera mais um bocadinho.
- Generosa - Se desente aí, isfamiado, que é isso, seu Licurgo, o sr. hoje tá tão calado, até parece o seu Bento.
- Bento - É fato.
- Generosa - Nem que fosse irmão hoje não tava tão paricido.
- Bento - É exato.
- Licurgo - É que o silencio às vezes vale ouro. Às vezes mais vale calar que falar.
- Tudinha - • Licurgo falou pouco mas falou bem.
- Licurgo - Ah, eu sou assim como as pílulas homeopáticas. Doses pequenas mas de bom efeito.
- Tonico - Tu diz que o silencio é ouro, Licurgo?
- Licurgo - Às vezes é.
- Tonico - Então o seu Bento deve estar cheio de ouro.
- Bento - É fato.
- Generosa - Meu Deus! que convulsa mais sem pontuação. Vocês tão muito sem punctuação pra convulsa, hoje. Não fala uma coisa de certo, uma coisa que a gente compreenda, não é mesmo, dona Laura? (Laura concorda) No meu tempo, na casa do finado meu pai, não fazia essas reunião mais a gente falava umas convulsa que dava gosto de ouvir.
- Tudinha - Tu só imagina.
- Tonico - Então tu sou pra traiz mãe, porque hoje!....
- Generosa - Ora, hoje eu tô deitada. É brincado casá com um banana como o teu pai e tã que sã ao mesmo tempo a mulher e o homem da casa? É a lida da cozinha, é a lida da mesa, é a lida da casa e arruma alvario, e lava chão e esfrega panela então pensa que tudo isso é biscoito? agora graças a Deus, depois que a finada irmã do Sidóca ficou óbita..
- Tonico - (Interrompendo) Óbita?
- Generosa - Óbita, sim. Tu não sabe o que é? Depois que ela morreu, inguinante. Aí é que nós melhoramo mais de vida. Hoje, graças a Deus, eu até já aprendo franceis. Também, aprendê franceis era o meu ideal. Uma vez vi uma moça falá em franceis, fiquei tão apaixonada, tão apaixonada que jurei que não havia de morrer sem aprendê. Percorruva apanhada que jurei que não havia de morrer sem aprendê. Percorruva um jeito das nunca encontrrei. Com o aldeano apanhada ao Sidóca a gente não podia vivê, a assia passao dizendo sempre uns bico pro outro goiz. Ora, quando a finadinha se foi desse mundo, foi uma beza pra gente. A primeira coisa que se veio ao ideal foi aprendê o franceis. E o jurdais graças a Deus eu já parlex becás de outras. E se não fosse esse bucadinho de franceis eu não sei o que seria de mim.
- Celestina - Eu também aprendi quando era moça.
- Generosa - Quea esse bico, dona Celestina. Ela tem a mania de não deixá ninguém falá. Só ela é que quê falá. A sinhora aprendeu franceis colou na namora, dona Celestina, deixa de sã balaquera. Vê mesmo que franceis é pra quarqué um.

- Celestina - Póde ser que nãoç seja pra qualquer um mas o caso é que eu falava muito melhor de que a senhora. A sua pronuncia está toda errada.
- Generosa - Ora, dona Celestina, deia de se bozar. Tire o seu cavalo da onuva, quem sabe a senhora que insistiu pra mim como é que se pronuncia francês? Vá se dá o respeito, não é valha disfrutavi. Nesse caso eu não precisava pagar a professora ~~Madama~~ Madama pra aprendê a falá, aprendia com a sinhora que não pôsse a nada, ora, é se viu? A dona Celestina querendo dá lição pra mim. A sinhora pra mi insistiu percoisa aprendê muito ainda. Falô da minha pronuncia. Dizê que eu não pronuncieba direito. Alente até ter vontade de ri. (dá umas fervealadas de bozarina)
- Celestina - (arrastado) O Jorduis, o flez, booué. (ei fazendo troça)
- Generosa - Olha é para ella riado, olha só. Abre aquela boca que parece um fóle de gaita. Valha fazibida, Deus que se perade!
- Fepa - Señora, No le parece que es tiempo de hacer fin a essa polemica?
- Generosa - Certo, dona fepa. Inda anti bôis cumeo na junta uma polenta muito boa.
- Fepa - No es eso que quiero decir, señora.
- Generosa - Ué, mais ela não perguntô si eu gostava de polenta?
- Sigano - Não senhora, dona Generosa. A repinna perguntou si já não era tempo de terminar a polemica.
- Generosa - O que é isso?
- Tonico - Mãe, tu nao sabe o que é polemica?
- Generosa - Não sei, o que é?
- Tonico - Ah, pois sim. Tu qué aprendê a minha cueta.
- Tiourgo - Esse teu sistema eu tambem empregava quando não sabia as cousas.
- Tonico - Não sabia, não, que eu sei. Sei ou não sei, tudinha?
- Tudinha - Sei eu lá si tu sabe. Si sei.
- Tonico - Pois si tu sabe diz, quero vê.
- Tudinha - Ah, pois sim. Agora é tu que qué aprendê a minha cueta mas comigo não violão.
- Generosa - Afinal eu não fiquei sabendo o que é que qué dizê isso.
- Laure - Eu lre explico, dona Generosa. Polêmica é uma discussão.
- Generosa - Ah!... Qué dizê que é polema, não é polenta.
- Porfirio - Café com polenta? Umá!... A coisa agora está ficando fino. Eu gosto de um café com polenta!
- Generosa - Gosta, não é? Pois o signor manda fazê na sua casa e toma. É muito simples de fazê, se a sua mãe não sabé fazê eu insino ela.
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) Disse que o sr. vá apolá o boi.
- Porfirio - Não. Com carne de boi tambem é bom mas eu gosto mais com café.
- Tonico - Tá aí, mãe, perdaste todo o teu latin.
- Generosa - Isso é um desgraçado que nem adianta a gente perdê tempo em falá com ele porque ele nem tá ouvindo. É vê uma gaveta, esse infeliz.

- Laura - É sim, ele canta muito e a com muita expressão.
- Generosa - Também parece que é a unica coisa que ele sabe fazer direito.
- Tonico - Não, mãe, veja disso. Não se esqueça que a Maria Leonor é um bocado boa!
- Licurgo - Agora está chegando a época de vocês se encontrarem de novo. Dezembro já está próximo.
- Tonico - Lá tá chullando, rapaz. Quando eu tava agitando a turma a meu modo esse cara de fronta amarela cantava a turma pra São Leopoldo.
- Licurgo - E porque tu não fizes lá visita-la?
- Tonico - Foi uma vez mas não me deixaram entrar. Fiquei enfado de gastar 4 pilba de bacinhão e não arranjar nada não foi mais lá.
- Licurgo - Ah, é verdade, como vai o Julião, dona Lepa? Tem estado lá?
- Lepa - Si, estoy siempre, don Licurgo. El ahora está bien e por la semana já puede salir de noche. Creo que muy pronto estará otra vez acá con nosotros.
- Generosa - Dona Celestina, tome esse vestido. Me unia que a sinhora tem de mostrar esses graveto.
- Celestina - Não é mania, dona Generosa, é que o vestido prende na cadeira que culpa eu tenho?
- Generosa - Quando prendê a sinhora disparente em vez de ficá aí com quasi tudo nas vitrinas como a sinhora Tica. Si alambre que a sinhora tá numa casa de Cailla.
- Celestina - Por uma coisinha atôa não é preciso tanta reboada, dona Generosa.
- Tonico - Lá tá a mãe outra vez atucando o velho Celestina.
- Tudinha - A mãe é impossível. Não tem consideração alguma com a creatura.
- Laura - Mas ela não se comporta muito. E de vez em quando tambem dá a sua pauladinha na dona Generosa.
- Generosa - O que é que tenho eu, dona Laura?
- Laura - Não, não é nada... quer dizer... eu estava olhando o seu vestido e estava elogiando o seu gosto.
- Generosa - Eu sempre fui muito gostosa, dona Laura.
- Laura - Acredito.
- Generosa - As minha falicida irmã, a Eloriosa, a Blaforosa e a Rosa sempre que fazia vestido vinha pedir o gosto pra mim. Da vez elas escolhia elas nos figurino e depois com os meu papete ellas deformava elas que ficava mais bonito, e tem dizê, do que tava pintado nos figurino.
- Tonico - É, a mãe é a tal.
- Generosa - Cala essa boca nitido. E a outra ali tambem, tá se rindo. Tu é uma iscarinhha, é o que tu é. Sendo pra fazer poco da mãe delas estão sorindo. Vocels são uma filia diabolico é o que vocels é.
- Tonico - Ué, se não somos assim de quem é a culpa?
- Tudinha - Sim, si nós somos mal educados a culpa é de quem nos educou mal.
- Generosa - A culpa é de vocels mesmo que não arrepende os conselho da gente, não acha seu Bento?
- Bento - É fato.

- Tudinha - Mas se os concélnos não têm ministrados nós também não temos culpa o sr. não acha seu Bento?
- Bento - É exato.
- Tonico - É assim. Ele vai pra tolas. (baixo) É o tipo da gelancia.
- Pepa - Bueno, en vez de estarmos a perder tiempo cindo discussiones sin provecho era mi más interesante que escucháramos un poquito de musica, no les parece?
- Generosa - O que é que ela disse?
- Sidonio - A menina está dizendo que pra vez de escutar discussões seria muito mais interessante ouvir um pouquinho de musica.
- Generosa - Tá bão, pois intão pra fazê as vontades dela eu vô tocá uma varsa do meu tempo. eu tô muito darada do piano com as lição de Granceiz, si eu inará alguma coisa, vocês não arrepara.
- Laura - Não senhora, ninguém repara. Toque, dona Generosa.
- Generosa - Vô tocá. (diz o nome duma valsa antiga que será ouvida em seguida, errada, esquecida e repetida. Ao finalizar, grandes aplausos)
- Tonico - Muito boa, mãe tu até parciais o Bralóvski.
- Generosa - Cala essa boca, passada, cala essa boca arritinido. Tu deixa de tá deboçando da tua mãe é o que é.
- Juvencio - Óia o café macacada! Mas não parecia de alivantá que hoje é aqui mesmo.
- Generosa - Para aí, seu soldo, para aí. Neguinho, principala por ali e vai oferecendo um por um.
- BEKKER : - E enquanto dona Generosa serve o seu cafésinho ás visitas, falamos mais uma vez sobre os patrocinadores deste programa. (reclames) E agora voltamos coisa atenção para D. Generosa.
- Generosa - Pera aí negrinho, arrecolhe-se os calera e desasse aquela ali no piano.
- Juvencio - Eu não tinha visto ela, dona Gidiroza. (passos)
- Generosa - Tá bão, pudemo perseguir o nosso concelto que tava tão bão.
- Laura - Tudinha canta alguma coisa.
- Tudinha - Desculpa, Laura, mas eu não gosto de cantar assim sem prená. Eu tô muito distreidade.
- Generosa - Distreidade! Tu é uma abuericida é o que tu é. A gente pede as coisa pra ti tu nunca qué fazê.
- Tudinha - Não chateia.
- Laura - O que será que o seu Sidonio está ali a fazer marisquetas pro seu Porfirio?
- Licurgo - Está fazendo gestos de tocar piano.
- Laura - (baixo) Vai ver que foi pedir pra o outro acompanhá-lo.
- Licurgo - Ou talvez pra o outro tocar, quem sabe.
- Laura - Não, tu vais ver como ela vai cantar. É que ele já não anuncia porque sabe que a dona Generosa não deixa. O sr não disse? (ouve-se o piano cantando si, uma coisa antiga acompanhado ao piano. Quando termina é muito aplaudido)
- Pepa - Mi bien, mi tesoro. Mi bien mi vida. Te escuché con los oídos, con los ojos, con el alma y con el corazón.

- Sidonio - Muito obrigado minha rica rapinha.
- Generosa - Escute uma coisa seu gago, o senhor não ficou cansado de cantá em turco?
- Licurgo - Como em turco, dona Generosa?
- Generosa - Pois então, pois ela não canta de prestação?
- Licurgo - (riado) É bom. Essa a senhora se ganhou.
- Generosa - De é isso seu gago? Esse nome tá dizendo alguma coisa.
- Papa - (assustadíssimo) que te tá amorzito? que te passou? Habla queridito por Dios que matas de ansiedade, tô espita!
- Generosa - É não chamá um doctor. Esse nome tá rixando os olho.
- Laura - É, talvez fosse bom chamar o medico. (gestos de gago e lamentos apitos de dona Papa)
- Generosa - Esse nome se para a cantá eu já disse que ela não pôde. Vai vê que ela se rendeu.
- Celastina - Afrota o colarinho dela. arranja qualquer coisa pra abanar a Tutinha.
- Tudinha - Eu vou buscar. (pausas)
- Generosa - Vou mandá o negrinho fazê um café bem quente.
- Papa - Não señora. Não le haga café, por favor. Creo que cué el café que le hice mal. Don Sidonio es hipertense.
- Generosa - Eu sei, dona Papa que ela lhe pertence e ninguém pertende le tirá ele. Não flicá com ele. Tô dizendo é que vô mandá fazê um café prá ele.
- Papa - Haga entonces un té de ararajos. Te duela mucho el pecho, queridito? estás mejor. Vamos hacer-te una asfricion. A ver. (ruído de fricção. Os convidados diminuem e se espasam. Pausas)
- Tudinha - Aqui tem um leque pra abanar.
- Porfirio - O que é que tem o compadre?
- Tonico - Não sei, vai ver. Ou então vai perguntá pro dr. Lacerda.
- Porfirio - Vai tu, maloriado.
- Generosa - Eu truze umas gotinha de ilixir de Padre Gorico dismanchado num bucado d'agua. Dá pra ele bebê que faz muito bem.
- Licurgo - Ele está com os dentes cerradas, não vai tomar.
- Generosa - Arreguça os beiço dele assia pra cima e assia pelo buraco que falta laquela gente a gente pudia dirramá com uma pinha gota. Ah, pérrá aí. Tem uma xiringuinha na gaveta de cima da comoda. Vai buscá Tudinha.
- Papa - Está loca, señora? vá a poner eso en la boca de mi angelito?
- Tudinha - A mãe parece boba uma seringa que ela fazia curativo nos ouvido do pai.
- Generosa - Fazê tanto tempo o que é que tem a gente lavava bem lavadinha. Pois então despeja pelo buraco do dente mesmo. Tanto luxo.
- Licurgo - Ele já está melhor. Ele mesmo vai tomar. Vamos ver seu Sidonio, beba um pouquinho disto.
- Papa - Aver, mi amorzito, a ver que te vás a mejorar.

OTO

- Liourgo - Pronto, pronto, pronto bebeu tudo.
 Laura - Está melhor, seu Siderio?
 Siderio - Já passou. Foi só uma tostura.
 Sapa - Ehem, não hables eno para desoñar. quedá-la quiesto. (palavra que se aproxima)
 Juvencio - Pronto a chovava de café. Dinorá porque a água já não tava bom quando te e eu tive de levantar a feitura.
 Liourgo - Mas agora não é mais preciso. O homem já ficou bom.
 Porfirio - Está bom, para não entrarar o café eu vou tomar.
 Tunico - (gritando) Gullado que foi o café que faz mal ao seu compadre.
 Generosa - Deixa, Tunico, deixa que faça pra siz tambem.
 Porfirio - Foi o café que faz mal a ele?
 Generosa - (gritando) Foi, sim, foi o café.
 Porfirio - Total eu já tomei uma xícara e tanto mal faz uma como duas.

(caracterização forte para o fim do programa)

- Generosa - Agora com essa cabeça, nego. Dessa maneira como é que eu vô cutá essa lândia?
- Juvencio - É que tá duendo, patroa. A sinhora racha muito o meu casco. Eu chego a tê a impulsão que tô com a malalta do pensamento toda amassada.
- Generosa - Bem feito pra tu não sê porco. Só o que ela sabe fazer é engraxá esses cabelo pra ficá bem liso e brilhoso. Limpá eles/não sabe. O resurtado tá aí: a cabeça cheia de bicho. Agora acabando essa catança eu vô te despejá korozena nessa mucócia cabeluda que é pra cutá os filhote que a gente não pode tirá. Aqueles que a gente não tirô morre tudo com a korozena.
- Juvencio - Korozena, patroa? A sinhora vai butá korozena nos meus cabelo?
- Generosa - Vô.
- Juvencio - Não faça isso, dona Siniroza! O korozena tá tão isquêsio. É uma dificuldade pra gente conseguí um tiquinho e agora a sinhora vai gastá ele nos meus cabelo?
- Generosa - A gente arruma sempre um sacudo. Tu não qué é que eu bote korozena na tua cabeça e então vem com essa cantilena que o korozena tá escasso. Eu bôto, não adianta falá porque eu bôto.
- Juvencio - Depois eu não vô pudê chegá pelto de ninguém. Vão logo sinti o cheiro na minha cabeça e vão vê que eu garrei pioio.
- Generosa - Pois tu carrô mesmo agora qué lacondê? Aguenta.
- Juvencio - (num grito) Ai dona Siniroza!
- Generosa - Para quêto negrinho.
- Juvencio - A minha cabeça já tá toda sacramada! (passos que se aproximam e se afastam logo em seguida)
- Tudinha - Bem feito. Aguenta pra tu não sê porco. Pegá essas porcaria na gente! Anda dumá veiz, mãe a vem pra sala que as visita tão esperando.
- Generosa - Já vô. Ela que espere. (fretica) Pira com essa cabeça, nego. A cabeça tá que chega e tá cinzenta. Agora fica aí direito que eu vô buscá o korozena pra butá. (passos que se afastam)
- Juvencio - Porcaria botá korozena na cabeça da gente. Agora durante dois ou três dia eu não vô pudê convulsá com as morena ali na praçinha são Manué. Mí eu chego pelto delas elas vão sinti o cheiro do korozena e logo vai vê o que foi que aconteceu. Vô escrevê um biêta dando palte de enfelmo pra elas não vô aparecê lá esse dia. Diabo é que dois dia que eu farte quando chegá lá já vô incontrá elas com outro galão. Os nego mesmo andam aí ansim. Vô uma balcaça sem comboio encoata logo. É o que elas qué é isso mesmo, nem tão se lembrando que tem compromisso com a gente. A gente o que tem que fazê depois é sai com a lata amarrada na cõla. (campainha do telefone) Alôis! quem fala? Aqui é o Juvencio, não tá vendo? quem é que fala ali? Quem é? Fuxe se a patroa atende a sinhora, a sinhora ia vô só quanto rebocada que a sinhora ia levá. (pausa) Não tem modo? É porque a sinhora não conhece a patroa. (pausa) Não tá. Não tá, tô dizendo. (pausa) Faz tempo já que ele foi pras lago. (pausa) Não sei. A patroa já endreveu um telegrama pra ele vâm vindo ele vai lá buscá ele. (pausa) Tá bem, quando ele chegá eu digo pra ele telefoná pra sinhora, mais oia aqui: não telefonei mais pra oá que pôde dá buxinha daqueles! (pausa) Pois é, pois foi o que eu disse. A Malgê. (pausa) Tá bem. Orrevóir. (desliga)
- Generosa - O que é que amargô, negrinho? Com quem é que tu tava falando?
- Juvencio - (atrapalhado) Com quem é que eu tava falando?...Home...pra di zê memora veldade eu intá nem sei.



- Generosa - Tu tava dizendo que não sei e não sei que mais que tu disse que eu tava ouvindo e agora tu não sabe com quem que tu tava falando?
- Juvencio - Não sei, patroa. Tava uma vóia aí bobinando, fazendo murisqueta no telefonista... botando a língua. Eu pareci disse orrevoir e dialiguei ele.
- Generosa - Mas o que é que tu disse que anargô?
- Juvencio - O que é que eu disse que anargô? (pausa) Eu disse que anargô... ah; eu disse que anargô quando ela cusco e disse uma palavra de nome feio, uma palavra de intrompério.
- Generosa - Era mulher que tava falando?
- Juvencio - Não senhor, não era.
- Generosa - Então como é que tu disse ela?
- Juvencio - Eu disse ela? (ragindo, encontrando uma saída) Eu disse sim. Ela... a vóia. A senhora vê que vóia é do genio filisimino ou não podia dizer ele, tinha que dizer ela. Ela, a vóia. Era dizer ele só si fosse do genio mercurino.
- Generosa - Isso é tróti. Eu tenho um ruiwa dessa pulcária deesse troti. Ligá pras casa de família pra dizer intrompério. É pulcária viva putá sintido nisso. Logo falôo que tu foi usando o telefonista. Imagina si fosse eu que atendesse, quanto coisa que eu lá ôvi.
- Juvencio - Si não era a senhora que ia ôvi, era ela.
- Generosa - Tá bôo, traz essa cabeça aqui dum veiz. Tinha muito pouca korozona lá eu arreborevi botá flerte. O flerte também mata os bicho. Agora aqui, nada.
- Juvencio - Minha cabeça senhora! Vai botá flerte na minha cabeça. Ôia, bota o gavaralho patrao que é pra não se intrô nas vista.
- Generosa - Dale essa boca e agora aí dum veiz. (pausa) Fecha bem as vista. (pausa) (ruído de bomba de flit por alguns instantes)
- Juvencio - Chega, patroa, a cabeça já tá se ajudando.
- Generosa - Não chega nada, fica queto aí. (continua o ruído da bomba do flit)
- Juvencio - (apos uma pausa maior) Chega patroa. Já tá decorrendo pelas oreia.
- Generosa - Dale essa boca e te aquecega aí. (continua o ruído do flit)
- Juvencio - Que coisa palvoroza! Que suorario, Meu Deus! (pausas que se aproximam)
- Laura - Dona Generosa boa noite. Desculpe eu ir entrando. (para o flit)
- Generosa - Boa noite, dona Laura, o que é que a senhora qué?
- Laura - A Andiana me pediu que viesse buscar a senhora para ir para sala que nós queremos fazer qualquer coisa para nos distrair.
- Generosa - Ah, já vô, eu tava limpando a cabeça do nego/agora vô lavá as mão que fiquei com ela cherando a flerte.
- Laura - O que é que o Juvencio tem na cabeça?
- Generosa - Piolo, o que há de ser?
- Juvencio - Não é piolo, dona Generosa, não dá ansia. É lendica, dona Laura.
- Laura - Contado. Então a senhora já vem não é dona Generosa? podemos começar o brinquedo?
- Generosa - Pôde. Mas ôia aqui, dona Laura, eu vô pedi uma coisa pra senhora. A senhora não se deixa aquele pago contá que eu não tô prá acontecê o tra veiz o que aconteceu a veiz passada/que aquele diabo deu um

- susto na gente que nem sei. E depois ficou aí incomodando a gente até as onze horas da noite.
- Laura - Quem incomodou mais foi a anasteliana com o medo de perder o noivo. Luxa que essa mulher estava impossível!
- Generosa - A senhora viu? A pensá que a gente queria o noivo dela pra gente e levava a dizê a toda hora: "ele me pertence, ele me pertence".
- Laura - Não, dona Generosa, a senhora entendeu mal. Ela dizia que ele era hipertence.
- Generosa - Pois é, como se agente paraisasse tirá ele pra gente. Credo! Deus que se peidoe. E depois o diabo do home tava com os dente cerrado a gente queria dá o remédio pra ele bebê e ela não queria que a gente botasse o remédio com a xiringuinha que eu mandei buscá.
- Laura - É porque a Tudinha foi dizer que a seringa era de fazer curativos no burido do seu Sidôca.
- Generosa - Pois é, mas o que é que tinha isso? Fazia tanto tempo que agente não usava ela. Mandei passá um bucadinho de agua quente, arregacei o beico dele assim pra cima e botei o xiringuinha naquele buraco do dente que falta lá nele. Num repente o diabo do home melhorô. Si eu fosse a raiz dela ele era capaz até de morrer.
- Laura - Ele estava reclamando que o relógio desapareceu.
- Generosa - Decerto foi no caminho que ele perdeu porque aqui ninguém ia tirá. Inda si fôsse de oro. Um relógio de niferis vagabundo que a gente mandô no relajuero o relajuero queria dá só trinta mirreis pur ele. (passos que se aproximam)
- Tonico - Como é, dona Laura a senhora veio buscá a mãe e ficou aqui. A Tudinha disse que quando quisé mandá buscá a morte vai mandá buscá pela senhora.
- Generosa - Nós já vamo. O que é que tu tinha que via atráiz da gente. Vocês tão muito fernetico, hoje, muito sem pontuação.
- Tonico - Bom, eu não falei contigo. Tô falando com a dona Laura. Te fecha.
- Generosa - Tu não falô comigo mais eu tô falando contigo. Dala essa boca, marcriado. Olha que eu hoje não tô muito boa não. Tu me atucloa os melvo eu te dô uma lampurina nesses beico depois tu vai te quezá.
- Tonico - Não precise dizê que tu não tá boa porque tu tá sempre assim. Teu estado normal é como cobra que perdeu o veneno.
- Generosa - Dala essa boca, marcriado, dala essa boca! Tu tá querendo, hoje. Tu tá procurando. Depois tu te queza. Vocês é que me deixa desse jeito. Tá, negriano, tá alivanta daí e vai lá pra dentro. E não me aparece lá na sala pra empentá tudo com esse choro de flerts. Vai, dona Laura, vai que eu já vô. Vô lavá as minhas mão ali no qualto de banho e num repente eu já tô lá. Caminha tu tambem pra lá, marcriado.
- Tonico - Não tenho grasea. Vô quando eu quizé.
- Generosa - Tonico, Tonico! Tu anda pidindo. Tá bom!
- Tonico - Ando pidendo dinheiro, ela ha muito tempo. Mas não adianta porque desse m to não sei coelho. Temára que o velho chegue duma vez.
- Generosa - Tu anda pidendo é burduada, é o que tu anda pidendo. Caminha vai prá lá com a dona Laura, anda.
- Tonico - Já vô. Tu não tá vendo que eu tô indo? Tá vendo a gente fazê as coisa e tá mandando. Ela velha chata.
- Generosa - Marcriado! Tu um dia inda vai te arrependê de se tão arrespondeo prá tua mãe.

- Laura - A senhora não demora, não é dona Generosa?
- Generosa - Não dona Laura, já vô. É só o tempo de lavar as mão.
- Laura - Vamos Tonico. (passos que se afastam)
- SIDÔNIO : - É enquanto a dona Generosa vai lavar as mãos e o negrinho vai pra cozinha preparar um café "Carrioca" para as visitas, ouçamos algumas palavras sobre os patrocinadores deste programa. (faz aqui os anúncios) É enquanto eu falei sobre as firmas que oferece aos nossos ouvintes este alegre e interessante programa, dona Generosa por certo já lavou as suas mãos e já se encontra na sala com as suas visitas. Dirijamo-nos também para lá.
- Tudinha - Quem é, dona Iapa, já escolheu a flor?
- Pepa - Si, va la he elegido. Yo soy la rosa y mi amorcito es el mirasol.
- Generosa - O que é que ela disse?
- Tudinha - Nada, mãe, não te mate.
- Generosa - Não te mate. Eu tanto que sabê. engraçado.
- Pepa - Señora, yo soy lá rosa. Ha entendido?
- Generosa - Intindi.
- Pepa - Y mi navio es el mirasol.
- Generosa - Não intindi.
- Pepa - Que cosa horrible! que mujer incomprensible!
- Generosa - Como é que a senhora qué que eu intenda si a senhora não diz coisa com coisa? A senhora pensa que fala mas não fala, dona Pepa. Isso que a senhora diz nem ligate. A senhora é que passa.
- Pepa - Pero señora, entonces no existe el mirasol?
- Generosa - Pois é, dona Pepa. (baixo) Sol eu lá o que é que ela tá dizendo.
- Pepa - No ha entendido, todavía!
- Sidonio - Do-do-dona Generosa, a repinha está dizendo que ela é a Rosa e que eu sou o Gira-sol. Entendeu agora?
- Generosa - Ah, agora intindi. Mas também o senhor sabe falá. Garguleja mas fala alguma coisa que se entenda. Ela não fala.
- Sidonio - Ela fala, dona Generosa, a questão é que a senhora não entende o que ela diz.
- Generosa - Pois é, seu Si-si-Sidonio, eu é que sou a burra.
- Sidonio - Eu não quis dizer isto, a senhora é que está interpretando mal as minhas palavras.
- Pepa - Deja-la no más, amorcito. No te molestes. Los niños tienen razon. Es una tupa humana.
- Tudinha - Tá boa, vamos acabá com esse negocio. Então a dona Pepa é a rosa, o seu Sidonio o Gira-sol, tu, Tonico, o que é que tu é?
- Licurgo - O Tonico é o cravo.
- Tonico - Não, cravo tu. Eu sou o amor perfeito.
- Tudinha - O Tonico é o amor perfeito. O pai João quem é?
- Laura - Pode ser o Licurgo.

- Tudinha - É isso mesmo, o seu alcunço é o pai João.
- Licurgo - Está certo, eu sou o pai João.
- Tudinha - Você Laura?
- Laura - Eu sou a brabiceira.
- Tudinha - A Laura é a orchídea. A senhora dona Celestina?
- Celestina - Eu sou a violeta, Tudinha.
- Generosa - Era a senhora assentava muito mais o calcanço, Chaprada, deca, sem geito. É vê um calcanço quando tá marchando.
- Celestina - Poder ser mas eu prefiro a violeta.
- Tudinha - É tu, mãe, que flor tu é?
- Generosa - Eu? Nem sei. Inda não escolhi.
- Tudinha - Escolhe duma vez.
- Generosa - Vem va...
- Celestina - É espiRADadeira, dona Generosa.
- Generosa - Não, essa eu guardo pra oferecer pra sinhora quando a sinhora pô in-bora pra casa.
- Licurgo - (balço) Não diáseram nada pra valma agora.
- Laura - (balço) Pra que que ela vai se meter com a dona Generosa? Ela sabe que a dona Generosa é milionada. Procura sapna pra se doçar. Bem feito.
- Fepa - Bicho, vamos a empazar o no vamos?
- Tudinha - Vamos, dona Fepa, estere um pouquinho. Falta escolher a flor pra mãe e pra mim, Vá, mãe, resolve duma vez.
- Generosa - Não sei. *M* alicabra uma.
- Laura - A cravina, dona Generosa.
- Generosa - Não gosto, dona Laura.
- Licurgo - A saudade.
- Generosa - Muito triste, também não gosto.
- Tonico - A camelia, mãe.
- Generosa - É. O Tonico lembrou boa. A camelia.
- Tonico - É camelia que já caiu do galho.
- Generosa - Tá já esqueço, já, incardiano? Tu vusoga com muita coisa tu não entra no brinquedo.
- Tudinha - Bom, a mãe é a camelia. Eu sou... eu sou a Dália.
- Fepa - Bueno, vamos a empazar, antonces.
- Sidónio - O co-cospadra não vai entrar no brinquedo?
- Tudinha - Não vai São seu Sidónio, Ele é surdo obriga a gente a gritar e no fim não ouve agudo, vai dar na confusão dequela. Nem ele nem o seu Bento. O seu Bento tem preguiça de falar.
- Bento - É fato.
- Generosa - Ele perfere vô, não é seu Bento?

- Bento - É exato.
- Tudinha - Está boa, então atenção: A mãe é a casella, eu sou a Dhalia, a Laura é a Grcidêa, a Iona Celestina é o cartucho...
- Celestina - Cartucho nada, violeta.
- Tudinha - A violeta, eu de ananás. - Mãe foi fã de cartucho de ris confusão. A dona Pepa é a Rosa, o Tonico o amor perfeito, o seu Licurgo o Pai João, o seu Venter... e o seu Bento não saiu.
- Bento - É fato.
- Tudinha - O seu Sidonio é o Gira-sol. Agora podemos começar. Entra Licurgo.
- Licurgo - Atenção. (pausa) O pai João foi passear na floresta e desesidou na casa da Dhalia.
- Tudinha - Mentas tu.
- Licurgo - Onde estavas tu?
- Tudinha - Na casa da violeta.
- Celestina - Mentas tu.
- Tudinha - Onde estavas tu?
- Celestina - Na casa do amor perfeito.
- Tonico - Mentas tu.
- Celestina - Onde estavas tu?
- Tonico - Na casa do Pai João.
- Licurgo - Mentas tu.
- Tonico - Onde estavas tu?
- Licurgo - Na casa da Rosa.
- Pepa - Mentas tu.
- Licurgo - Onde estavas tu?
- Pepa - Em casa del mira-sol.
- Sidonio - Mentas tu, Papinha.
- Pepa - Adonde estavas tu?
- Sidonio - Na casa da casella.
- Generosa - É mentira tua.
- Sidonio - Adonde estavas tu?
- Generosa - Na casa do amor perfeito.
- Tonico - Mentas tu.
- Generosa - Adonde que tu tava?
- Tonico - Na casa da Grcidêa.
- Laura - Mentas tu.
- Tonico - Adonde estava tu?
- Laura - Na casa do Pai João.
- Licurgo - Mentas tu.

- Laura - Onde estavas tu?
- Licurgo - Na casa da Dália.
- Tudinna - Mentas tu.
- Licurgo - Onde estavas tu?
- Tudinna - Na casa do Gira-sol.
- Sidonio - Me-mentas tu.
- Tudinna - Onde estavas tu?
- Sidonio - Na casa da Rosa.
- Pepa - (Melosa) Mentas tu, amorcito.
- Sidonio - Onde estavas tu, Pepinha?
- Pepa - Em casa de la camélia.
- Generosa - A mentira tua.
- Tudinna - Ó mãe, não é assim. É mentira tua! É mentas tu que se diz.
- Generosa - Não é a mesma coisa?
- Tudinna - Não é não senhora, pois o jogo é diferente pra que é que vai dizer assim.
- Generosa - Tu digo como eu quizé.
- Tudinna - Não senhora, tem que dizê como é o jogo.
- Generosa - Tá bom, não atrapalha. Vamo perseguir o brinquedo. Onde é que a conta tava?
- Laura - Agora tem que começar de novo. Começa, Licurgo.
- Licurgo - Pai João foi passear na floresta e descansou na casa da orquídea.
- Laura - Mentas tu.
- Licurgo - Onde estavas tu?
- Laura - Na casa do amor perfeito.
- Tonico - Mentas tu.
- Laura - Onde estavas tu?
- Tonico - Na casa da Rosa.
- Pepa - Mentas tu.
- Tonico - Onde é que tavas tu?
- Pepa - Na casa do mira-sol.
- Sidonio - Mentas tu, queridinha.
- Pepa - Onde estavas tu?
- Sidonio - Na casa da orquídea.
- Laura - Mentas tu.
- Sidonio - Onde estavas tu?
- Laura - Na casa da Dália.
- Tudinna - Mentas tu.

- Laura - Onde esta a tu?
- Profirio - Que negocio é esse? O que é que estão fazendo?
- Generosa - Tamo brincando de mente tu. Cala essa boca aí e não atrapalha.
- Profirio - Como disse?
- Generosa - (Gritando) Tamo brincando de mentira tua.
- Profirio - Mentira minha não se chama. E tu estás vendo como é que é mentira minha?
- Generosa - Oh, meu Deus! (Gritando) Cala essa boca aí, hehe. Vira outro.
- Profirio - O que é que tem o Beto?
- Tonico - (Gritando) Vai cá na sua cabana.
- Profirio - Agente diz que o Beto vai cair quando se mente. Você quer dizer também que é mentira minha pois o meu amigo adoeceu um bocadinho surdo nas duas orelhas. Exagero muito bem até o eu vi.
- Generosa - Pois é, pois se viu pela a boca e não tem nada que se metê. Vamo perseguir o jogo e deixa ele ali falando sozinho. O seu Beto é que é bom. Ele fica ali caladinho, botando o dedo no olho e não incomoda a gente.
- Beto - É fato.
- Generosa - É profirio é assim do que se conta esse outro.
- Beto - É exato.
- Generosa - Tá não, baba parva.
- Laura - Comaça outra vez, Licurgo.
- Licurgo - Oh meu Deus, é a terceira vez.
- Generosa - O que é que a gente vai fazer? Esse diabo estróva a gente.
- Licurgo - O pai João foi passear na floresta e descansou na casa da Dália.
- Tudinha - Mentas tu.
- Licurgo - Onde estavas tu?
- Tudinha - Na casa do amor perfeito.
- Tonico - Mentas tu.
- Tudinha - Onde estavas tu?
- Tonico - Na casa da camelis.
- Generosa - É mentira tua.
- Tonico - Mãe, a Tudinha já te disse que não é assim que se diz.
- Generosa - Não é mas eu quero dizer e agora?
- Tonico - Fica errado, tu tem que pagar prenda.
- Beto - É fato.
- Generosa - Cala essa boca aí, seu Beto, não se mete.
- Tudinha - A mãe é pior do que burro quando se mente. Ela já disse que pôde dizer assim e agora não diz de outro jeito nem a pai.
- Generosa - As não disse assim, disse como eu quis.

- Tudinha - Mas tá errado, mãe.
- Generosa - Tá errado, nada. Tá errado a tua cabeça. A sinhora acha que tá errado, dona Laura?
- Laura - Não sei, dona Generosa.
- Celestina - Tá errado sim, dona Generosa.
- Generosa - Cala essa boca, caltinho, ninguém ti brigado nada. Mitida que isso é que é uma coisa por demais.
- Tudinha - Olha aqui, mãe, escuta uma coisa. Ou tu diz direito como tem que se querê tu não entra mais no brinquedo.
- Generosa - Quem é que não entra? Tu não te enxeiga? Quem é que vai me botá pra fora do brinquedo? Si eu não brinco ninguém brinca porque eu não deixo, tá aí.
- Laura - Esse brinquedo está mesmo muito sem graça. Quem sabe seria melhor nós desistirmos e fazermos um pouco de música. A música distrai muito mais, não achas?
- Lento - (Canto, (passos que se aproximam))
- Juvencio - Dona Ginirosa, é pra aquentá a água pra fazê café?
- Porfirio - Chamaram pro café?
- Generosa - Não chamaram ainda ninguém. Vira queto aí. Cachorro mais arrefecente.
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) Não chamaram ainda ninguém.
- Porfirio - Mas tal ran em café poram eu ouvi.
- Stenão - (gritando) Falaram mas não chamaram, cadabra. O sr. ficou aí surtado que quando chamaram eu não acordei.
- Porfirio - Tu fico mas é com um olho no padre e outro na missa porque ainda fazem como fizeram outror dia que me deixaram dormindo e não me chamaram.
- Juvencio - Como é, patroa tu tá esperando a resposta. É pra aquecê a água ou não é?
- Generosa - É, sim. Aquecê a água e prepara um café cariboca tem quentinho que é pra dá pra eles ante talan 1 labora. E não dimora muito negrinho que eu quero me deitá mais cedo hoje que eu tô muito cansada com muito sono. (boca) (boca)
- Juvencio - Tá bom, dona Ginirosa. Num repentin eu faço. (passos que se afastam)
- Calbatina - Meo queiro da flit.
- Generosa - Pronto, ela já tinha que senti. Não é nada, dona Celestina, decerto o Juvencio tára matando as horas na cozinha. Mas não podia passá sem matê o nariz dela até no coveiro do fiesta.
- Celestina - Dê, pois si eu estou sentindo que culpa eu tenho.
- Generosa - A sinhora tá elatindo porque a sinhora veio fugando esse nariz. A sinhora devia consurtá, dona Celestina. Isso tem que se duença. Vai vê que a sinhora tá com algum pamatista dentro do nariz e nem sabe.
- Celestina - É que eu estou um pouco resfriada. Não é nada de malho.
- Generosa - Pois si tá resfriada não devia mal de acoute. Divia tomá um chá quente e se acê na cama. Isso é pé de garcia que é uma coisa palvorosa. Não pôde pará dentro de casa. Tem que andá na rua. O que é isso seu Porfirio, adonde é que o senhor vai?
- Porfirio - Como disse?

- Generosa - (gritando) Alô Alô a quem o senhor ouvi?
- Porfirio - Vou tocar piano.
- Generosa - Ah, eu já tenho medo quando esse diabo se levanta da cadeira. Toca, toca, enquanto tu toca tu não tá incomodando a gente. (ouve-se os acordes do piano e finalmente Porfirio começa a cantar o lear do sertão, fazendo todos os outros o coro) (ao terminar palmas)
- Laura - Muito bem. Eu gosto de ouvir o seu Porfirio cantar.
- Generosa - Não chora que é o lear do sertão, não é mesmo? No tempo que eu era serteira nós cantava isso. Muitas vezes o diabo cantô com a gente. Tão bom que era. Agora nós távamos cantando e eu távamos me lembrando. Até senti carta daqueles sacudungado. Ah, dona Laura sabe, eu fiz aquilo.
- Laura - Aquilo que, dona Generosa?
- Generosa - Aquilo que a sinhara disse que eu fizesse.
- Laura - Eu não sei o que é.
- Generosa - Descrivi aquele telegrama que a sinhara disse que devia de escrever.
- Laura - Ah, viu e esse não respondeu?
- Generosa - Por enquanto não. Desolto ainda não chegou lá. Andei di zê que ele se não vier que eu vou lá buscá ele. E vê isso. Não que eu tenho que vendê os meus vestidos. Isso é um desaforo a sinhara não acha?
- Licurgo - Não é desaforo, é uma pirataria.
- Generosa - Pois é, mais não ele onegá que ele vai ve. O que é dele tá guardado. Ele não perde por estorá.
- Tonico - Pronto. O velho tá se berlindo.
- Papa - Dona Generosa, mi novio vá mandar.
- Generosa - O que é que mi disse?
- Didólio - A Papinha disse que eu vou cantar.
- Generosa - Ah, não vai. que não vai não vai. Vocais não pensando que a minha oitava é necrotário? Se gente ingranda essa família do Si-Si-Edoncio. Tem o meu costume de morrer no caso dos outros. Vão morrer na casa dele. Na minha casa o senhor não canta mais que eu não tô disposta a tá velando ninguém.
- Sidonio - Mas eu estou disposto a perder o que é meu. O meu relógio bateu a-zaa e voou.
- Generosa - Becalto foi no cantão que o senhor perdeu porque aqui não foi.
- Tonico - (cantando com a música da baratinha) o relógio, Yayá, o relógio Yoyo, o relógio bateu azaa e voou. Foi no canto cortá lenha, vi os chifre do demônio, quem é que me dá notícia do relógio do Sidonio. (risas)
- Generosa - Encarapalho. Não tem graça nenhuma. Cala essa boca introduzida.
- Tonico - Eu não sei porque a não riu por mim a quando eu falei no relógio do meu sidonio.
- Generosa - Bobalhão. Falsa que tem muita graça.
- Galantina - O tempo que eu estou dizendo bobagens pra melhor que cantasse alguma coisa pra gente ouvir.
- Generosa - Ora até que eu não a sinhara disse que eu devia de escrever Galantina.
- Papa - Si Tonico vá a cantar pode hacer-lo pero antes mi novio vá acalamar

- algo, si el no puede cantar, declamar el puede.
- Generosa - V que é que ela disse?
- Tudinha - Disse que a sen Glória vai declamar. Mas se ela não pôde cantar, declamar ela pôde.
- Generosa - Pronto. É a gente tem que aguentá.
- Sidonio - Atendendo ao pedido da minha vizinha eu vou declamar... (diz o nome e destaca sendo muito apressado).
- Laura - Quando eu vou declamar na planície sempre de Jucinha. Ele costuma é que gostava de declamar.
- Generosa - É mesmo, por falá na Jucinha, como é que vai ele uma Pepa a tinnora saber?
- Pepa - Ainda va bien. Solo se quedá mui flaquito, y el medico no quiere que saiga de noche todavía.
- Generosa - Não é nada disso, dona Pepa. Tô perguntando como vai o Jucinha. Faiz tanto que eu não vo lá.
- Pepa - Yo lo estoy a decir que está mejor. Creo que en algun tiempo ya puede salir de noche.
- Generosa - Pois é. (olha) Ela não entende nada que a gente pergunta. Arresponde tudo errado.
- Porfirio - An quadro, lembrei-me de uma coisa: quando o seu relógio que tinha ficado aqui?
- Generosa - Tinha ficado aqui uma óva, viu seu surdo? Ele esconde por aí.
- Sidonio - Não aqui, não, compadres. É um um relógio de muito valor. Além do valor estimativo ele custou trezentos e cinquenta cruzeiros.
- Generosa - Trezentos e cinquenta cruzeros pôde só. No unto hay tantas. Agora por falá nisso já alimbrei. Agora tressero de dinheiro a gente faiz uma confratação. Otray dia eu fui no mercado comprar umas verdura e os boys fizero uma longa lenga tão grande com essas cruzero que eu tô em diçê que eles me levare no baifo. Isso que eu butei bem pido n no dinheiro mas no princípio embora a gente não quera a gente tem que faiz confratação.
- Laura - Eu acho tão facil. Um cruzeiro vale um mil reis, logo não he razão para confusão. Cinco cruzeiros são cinco mil reis, dez cruzeiros são dez mil reis, cem cruzeiros são cem mil reis.
- Generosa - É, mas depois tem os quebrado que embaralha muito a gente. Eu pra diçê a verdade ainda não pude intender isso. A Tudinha diz que explicou a gente nenhuma. Bamo vê.
- Tonico - Bem, pra acabar com o assunto de dinheiro que se faz muito mal porque é uma coisa que se só começa de noite, eu vou cantar qualqer coisa. (todos acendem a ideia) Vou cantar... (diz o nome com a acompanhamento de piano sendo muito apressado no terminar)
- Generosa - O Tonico tá ficando com o peito tão suprimido! Ele antes tinha tanta retumbancia na voz, agora não tem. Eu acho que é se tá cantando todo o dia.
- Laura - Pôde ser também de idade. taxmas às vezes na idade da transição a voz se modifica.
- Generosa - Não é de transição não, dona Laura é de voz mesmo. Eu acho que ele não abra bem o peito. Quando tu cantá, seu filho, abre o peito.
- Tonico - Pois é, e tu te facha, velha.

600

- Generosa - Já tá, já. Ele não pode passar sem eu na cozinha dele. Adando é que vai, seu suído?
- Porfiria - Vou lá dentro. Já estão fritoando o chapiro do café. Não demora muito o negrinho vem chamar. Eu vou estar dormindo na cozinha assim vou aprovar tar enquanto estão acordado.
- Generosa - Negrinho! (gritando) tá negrinho! Passa a chave de suída suída e tira ela da fechadura que o meu suído já vai pra lá.
- Invenção - (longe) Pôde vir pro café já tá pronto.
- Generosa - Então vae. Vou com Maria, seu Henrique, seus Japa. Vão tuão. Vou com Celestina.
- Celestina - Não se lembra muito obrigada. Eu agradeço. Café com gosto de flit ou cacão.
- Generosa - Dêx de se faladura, dona Celestina a mesma ainda não provô o café como é que sabe que tá com gosto de flit?
- Celestina - O café foi feito pela Juvenal e o negrinho até que é puro flit eu agradeço. Vou tomar café na minha casa.
- Generosa - É de faladura. O café que eu tô aqui pra vocês bebê é do melhor que há. É café caribca. É não que pôde dexá. Vê tomá aqueles de lá que é pura lavagem que a minha fiz lá na sua casa. Vão pessoal vão tudo. Dêx ela aí. Ela não que via, o que é de gosto regular a vida.

(característica feita para oficial do governo.)

- Tudinha - Toma negrinho, vai entregar pra mãe esse telegrama que chegou agora
- Juvencio - É pra ela, é dona Tudinha?
- Tudinha - Pois se eu estou dizendo que entregues a ela pra quem mais ha de per
- Juvencio - Quem será que escreveu ele, hein dona Tudinha?
- Tudinha - Não sei nem quero saber. Si eu abro dá um bacará daqueles e eu não estou disposta a me incomodar. Entrega pra ela e diz que ela venha de uma vez pra sala que as visitas estão esperando. Ela agora deu na mania que é chic aparecer depois de ter feito as visitas esperar e fica horas lá dentro e a gente que se aguenta a aturar o seu si-dendo e o seu Porfirio. Vai duma vez, negrinho.
- Juvencio - Já vô, dona Tudinha, a sinhora agora tá que com a patroa? Tá vendo que a gente tá indo e tá mandando a gente. (passos sempre á mesma distancia do microfone) É coisa que me deixa inguniado é tarem mandando eu fazê uma coisa que eu já tô fazendo. Pois si eu já tô fazendo não é preciso mandá. É outra coisa que eu fico engezado com essa gente aqui de casa é de tarem me chamando de negrinho. Me dá um ribuligo aqui por dentro. Negrinho! Negrinho. Parece ansia que a gente é filha das erva, que não tem possidômino. Eu graça a Deus só filho de pai e mãe. Diz que eles num era casado mas isso não tira.
- Generosa - O que é que tu vem aí risungando, ladainha, negro? (passos os passos)
- Juvencio - É a dona Tudinha que não pelde a custume de chamá a gente de negrinho.
- Generosa - É por acaso tu não é?
- Juvencio - Sô mais tenho pai e mãe e tenho possidômino. Sô arrigistrado. Meus papel tá lá em casa pra quem quizê vô. Juvencio da Encalção Tixera.
- Generosa - Vai cheré o boi.
- Juvencio - Não é tixera de xerá, patroa, é Tixera de nome. A sinhora tambem custa a comprendê as coisa. Nem parece uma moça que instudô.
- Generosa - Pois então pronuncia de certo as coisa. Como é que tu qué que eu intenda as coisa se tu diz elas trocado? Tixera! Tixera! Não é Tixera que se diz. É Telxera.
- Juvencio - Pois é, pois lá nos papel reza. Juvencio da Encalção Telxera, filho de Sebastiana Encalção Telxera, lavadera de Arsená e pai inguinado.
- Generosa - Tá bô, deixa da canvelsa fiada e vai arrumá a loja da junta que tá lá tudo inutilidade em cima da mesa da côpas.
- Juvencio - Já vô, patroa, ela já tá lavadinha e luxutinha é só bctá ela no gualda cuida. (passos de longe, aproximando-se) Ah, patroa, eu já ia me esquecendo. A dona Tudinha pediu pra eu entregá pra sinhora esse tiligrama que escrevero pra sinhora e que viere trazê aí na pãlta.
- Generosa - Telegrama? É porque é que tu não me entregô ele logo, negrinho?
- Juvencio - Nós começo a paléstriá, eu ia me esquecendo.
- Generosa - Tu anda muito esquecido. Deixa vô. Porque é que eles mando isso tu-do dobrado e colado que a gente nem sabe como é que vai abri. Vô, negrinho, abre ele aí.
- Juvencio - Xivê ele.
- Generosa - Essa gente tem a mania de fazê as coisa sempre mais difícil.
- Juvencio - Tá, patroa, foi só arreventá esse selinho.

Alameda
18-11-42

Alameda

- Generosa - Lê ele. Meus ócri tá lá dentro.
- Juvencio - Tombem patroa, seus ócri nunca tão pelto da sinhora. A gente é que tem que Lê tudo pra sinhora.
- Generosa - Lê isso duma veiz e cala a boca. Pra que é que eu tenho lacraio?
- Juvencio - A sinhora tem lacraio pra fazê o selviço, orieessa.
- Generosa - Não senhor, tu tá muito ingunado. Oss lacraio é pra fazê tudo. A quistã é tu tá muito mal acostumado. Mas dexa que agora eu vô te botá nos eixo.
- Juvencio - Ah, patroa, não faiz isso que eu tenho réiva do Bixo. Eu sô aleado.
- Generosa - Não é esse Bixo do jornal que eu tô falando. Dixa de sê inguinorante. É nos eixo do selviço que eu vô te butá. Tu agora é que vai lê os romance pra mim, me coçá as costa, me lavá os pé.
- Juvencio - (baixo) Misericórdia! Me castigo!
- Generosa - Tá bõ, vamo dexá de convelsa e lê duma veiz o que é que tá escrevi-do aí nesse telegrama.
- Juvencio - Credo! Unas letra muito fininha que a gente custa a decifrá.
- Generosa - Lê duma veiz e dexa de tá fazendo boquinha.
- Juvencio - (lendo) Lá...gés...
- Generosa - Ah é das Lage. É do Sidóca. Lê duma veiz, negrinho.
- Juvencio - Ne....gócio...cun...clu...ido.
- Generosa - Como é, negrinho?
- Juvencio - Negócio concluido.
- Generosa - O que é que qué dizê isso?
- Juvencio - Sei lá, é o que tá escritidê aqui. (repetindo) Ne-gó-cio cunclu-i-do. Em...ba...ra...parei se...gun...da feira. Pro...vá...ver tel-ça aí.
- Generosa - (assustada) O que é negrinho?
- Juvencio - Nada, dona Gintrosa.
- Generosa - O que é que tu gemeo aí?
- Juvencio - Eu não gimi, patroa.
- Generosa - Tu disse: 'áí.
- Juvencio - Pois é o que tá escrevido aqui, tinha que dizê. Pro-váver talça áí aí. Tá aqui ó. Tá aqui, ó. A, i - ai.
- Generosa - (depois de pausa) É. Quem sabe ele tá sintindo alguma dor?
- Juvencio - Capaiz.
- Generosa - Persegue a letura, negrinho.
- Juvencio - Tem só mais uma síbala. (lendo) Si...do...cá. Sidóca.
- Generosa - É ele mesmo. Coitado tá duente pur isso que inda não veio. Que se-rá que ele tem, meu Deus? Eu bem me parecia que essa dimora do Si-dóca devia de tá um cunsignite. Óia, negrinho, o coração tava me dizendo. Tu acredita? (obscuro) Eu bea que não queria que aquele alcumungado fosse sósinho. Quantes veiz eu disse pra ele que era melhor eu í junto. "A viagem é rúia, a viagem é rúim" e não dexô eu í na cumpanha dele. Agora tá aí - Ai, ai, o que é que adiante?

- A gente aqui tão longe e que é que vai pudê fazê? (rope a chorar com espalhafato) Ai meu Deus! Eu bem que não queria que ele fosse sosinho. Eu bem que pedi tanto pra aquele iscusungado me levá!... Coitadinho, sózinho lá nos país istranho e a gente aqui sem pudê fazê nada por ele.
- Juvencio - (chorando) Se acarea, patroa. Com a graça de Deus num é de acuntecê nada. Ele é de ficá bom.
- Generosa - (chorando com espalhafato) Tão bão que ele era pra gente, tão paciencioso. Ah mundo ingrato. (ouve-se uma correria e confusão de vozes, todos se aproximam curiosos e perguntarem o que foi que aconteceu. Generosa continua nas exclamações sem responder o 1.ª pergunta. Exata Ah, meu Deus! Quando é que eu pudia imaginá uma coisa dessas! (Todos insistem nas perguntas, cada qual dá um palpite diferente, sem fazer referência ao sídoca. Parece que eu tava adivinhando. Parece que o meu coração tava predileitando o que ia o acuntecê. Me é que eu vô fazê agora, meu Deus!
- Laura - Acalma-se, dona Generosa. Explique o que foi. Veja que nós estamos todos aflitos.
- Generosa - Não posso, meu Deus, não posso mais. Ai! Ai!
- Tonico - O que foi que aconteceu, negrinho, tu não sabe?
- Juvencio - (chorando) A dona Gineirosa... ai, meu Deus, eu nem posso falá! (chor
- Tonico - Pronto, agora um dum lado outro do outro e a gente não fica sabendo o que foi que aconteceu.
- Tudinha - Mãe, para essa trama e diz logo o que foi que aconteceu. Isso tam-
bem já tá demais. (Generosa chora mais) O que foi negrinho, tu não sabe?
- Tonico - Esse tambem tá aí com o berrador aberto não adianta nada perguntar porque ele não responde.
- Licurgo - Dona Generosa, procure acalmar-se e veja se pôde explicar o que a-
conteceu.
- Generosa - (chorando) Não posso, meu Licurgo, não posso. Eu não posso falá. Bem que o meu coração tava disconstruindo que ia se dá uma coisa dessas!
- Tonico - Mas afinal o que foi, mãe?
- Generosa - (parando de chorar) Tu pua de gritá com a tua mãe, heim? Tu não te faiz de bobo de quarê me comanda que eu te implico um tapa bem da-
do nesses beiço, marroliado. O que é que tu tá pensando?
- Tonico - Tá aí de grito, de grito, não fala, não diz o que foi que aconteceu.
- Generosa - (chorando) Que coisa horrivel, meu Deus. Eu nem gosto de me alembrá. O coração da gente não engana a gente. Quando ele tá com uma impressã
sã que aperta ele assia pra baixo que a gente nem pôde suspirá é porque vai acuntecê alguma coisa pra gente.
- Fepa - Pero seõora, porque ne habla? Porque ne dice lo que ha sucedido? Un-
tod nos está aflijiendo a todos.
- Sidonio - Fa-fa-fale, dona Generosa.
- Generosa - Não posso, meu Deus! Não posso falá.
- Celestina - Faça uma fereinha e fale, dona Generosa.
- Generosa - (parando de chorar rápida) Não calo. A seinhora tá loca pra sabê
pelo agora não digo. A abilhuda tá que parece cobra que perdeu o
veneno pra sabê o que foi.
- Celestina - Não é porquerer saber. É que a gente fica aflita.

- Generosa - Eu sei. Eu lhe juntei de lá da rua da Marge, dona Celestina. Pro meu lado a sinhora vem de carrinho mas volta deapé.
- Tonico - Bem, mãe, agora vê se fala e diz o que foi que aconteceu. A gente tá aqui nessa agonia, pergunta e voceis nerusca.
- Generosa - Não posso, não posso me alembrá. (chorando) Fico tão desesperada da minha vida que até me dá vontade de morrer. Ante fosse eu, meu Deus, anse fosse eu.
- Tonico - Mas fosse tu o que?
- Generosa - Que coisa horrível. Que coisa polverosa. Isso até parece um castigo. A gente nunca deve de se rúim pois otro pra depois não se arrepende.
- Tudinha - (lembrando e fazendo alarido) Ah! Espera aí que eu agora me lembrei. A mãe recebeu um telegrama que eu mandei o Juvencio trazê pra ela. Vai vê que era alguma noticia ruim. (Generosa chora mais alto) Onde é que tá o telegrama, mãe? (ela não responde e continua a chorar)
- Tonico - Onde é que tá o telegrama, negrinho, não sabes?
- Juvencio - (chorando) Sei, sim sinhô, tá aqui.
- Tonico - Deixa vê o que é que diz esse telegrama. (lendo) Negocio concluido. Embarcarei segunda feira. Provavel terça aí. Sidóca. É porque o pai vai chegá que tu tá fazendo essa gritaria toda, mãe?
- Generosa - (chorosa) Ele tá duente. Diz aí no telegrama.
- Tonico - Tá doente, nada, mãe. tá doente coisa nenhuma.
- Laura - Não está não dona Generosa.
- Generosa - Tá sim, tava até o gemido dele escrevido aí que o negrinho leu.
- Licurgo - O Juvencio leu mal, dona Generosa. O que está escrito é outra coisa.
- Tudinha - Esse nego não sabe ler.
- Juvencio - A sinhora é que sabe.
- Licurgo - O telegrama diz que o negocio está concluido.
- Generosa - O que é isso?
- Licurgo - Quer dizer com certeza que já vendeu a casa e já recebeu o dinheiro.
- Generosa - Será seu Licurgo?
- Licurgo - É, negocio concluido é isto.
- Pepa - E que viene martes.
- Generosa - O que é dona Pepa?
- Pepa - Que don Sidóca viene Martes.
- Generosa - Marti sô eu que fiquei aqui aguentando os filho e voceis. Eu é que sô martes. Ele foi prá lá gosá agora vem a sinhora aí dizê que ele é marti.
- Pepa - Pare señora, yo no quies decir eso. Usted, como siempre ha cambiado todas mis palabras. A ver, Tónico, deci-le que se ha equivocado.
- Generosa - O Tónico ainda não foi iquivocado, não, dona Pepa. Quando ele fô ele vai pro quartel. A sinhora vê? Ela mistura tudo. Não diz coisa com coisa. Uma bona tá falando que o Sidóca é Marti depois já fala que o Tónico vai se chamado pra selvi.
- Pepa - Miren, miren como cambia todo! Es una mujer imposible. Una se que da nerviosa. Explica-le queridito.

- Sidonio - Dona Generosa, a senhora entendeu mal o que a Pepinha disse, Eu vou lhe explicar.
- Generosa - Não é preciso, seu Si-si-Sidonio, dexa ficá assim.
- Sidonio - Não senhora, mas eu faço questão de explicar. A Pepinha não disse que o seu Sidôca era martir.
- Generosa - Disse sim senhor. Disse que eu ovi.
- Sidonio - A senhora entendeu mal. Disse que ele ia chegar Martes.
- Generosa - Pois então?
- Sidonio - Martes em castelhano quer dizer terça feira. Ela disse que o seu Sidôca ia chegar terça feira.
- Bento - É fato.
- Generosa - Também a lingua que ela fala num ingirte. Só o senhor mesmo que tá acostumado com ela é que pôda entendê, não é mesmo?
- Bento - É exato.
- Sidonio - E depois ela disse ao Tonico que explicasse á senhora que a senhora tinha se enganado.
- Bento - É fato.
- Generosa - Ah, isso não. Não é fato nada, seu Bento, cala a boca. Ela falou que o Tonico ia se equivocádo pro quartel. Falô que eu ovi. Eu não só surda.
- Sidonio - Não é surda mas entendeu mal. Ela pediu ao Tonico que explicasse que a senhora tinha se equivocado.
- Generosa - Que bobage é essa? A mulher inda nem foro equivocada. Falaro que ia se mas foi um caso que inda nem se deu. Bôde se que depois eu seja mas dizê que eu tinha sido é bobage dela.
- Tonico - Mãe, equivocado em castelhano quer dizer enganado. Ela pediu que eu te explicasse que tu tinha te enganado. Tu é que entendeu tudo trocado.
- Bento - É fato.
- Generosa - Pois é, é sempre assim. Elas diz aí toda as bobage que que depois a culpa é sempre só eu que tenho. (passos que se aproximam)
- Porfirio - Muito bonito, deixa-a lá na sala de visitas dormindo e vem todos praô café.
- Laura - Quem é que veio praô café, seu Porfirio?
- Licurgo - Ele sonhou com certeza.
- Bento - É fato.
- Porfirio - Já não é a primeira vez que me fazem isto. Não querem me dar café avisem mas não precisam me fazer ursadas.
- Generosa - Quem é que fez ursada praô senhor, seu surdo?
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) Quem é que fez ursada praô senhor?
- Porfirio - A senhora mesmo que me deixou dormindo lá na sala e ainda apagou a luz pra eu não me acordar.
- Generosa - O senhor tá maluco, tá doído? Eu nem sei daqui. Agora vem ele dizê que eu apaguei a luz. Esse home tá dilirado.

- Porfirio - "ooo disse?
- Generosa - (gritando) Tô dizendo que o senhor tá bem diliriado hoje.
- Porfirio - E a senhora, (baixo) Malcriada, (confidencial) Escute compadre, já tomaram café?
- Sidonio - Não, compadre, ainda não tomaram.
- Generosa - (gritando) Não tomare não, morto de fome. Agora é que eu vô mandá fazê. Escuta negrinho vai fazê um cafésinho carioca pra dá pra eles bebê.
- Juvencio - Ih, patroa, pra dizê a verdade eu nem arreparei se tem café aí.
- Generosa - Tem que tê como é que não tem. Pois eu hoje não te dei cinco mirreia pra tu i fazê as compra?
- Juvencio - Má deu, mas a quistã é que a senhora vê: cinco mirreia não dá pra gente comprá quagi nada.
- Tenico - Cinco mil reis, não, cinco cruzeiros.
- Juvencio - Pois é, cinco cruzero não dá.
- Generosa - Mas eu te disse que era pra comprá só o supérfluo necessario.
- Juvencio - Fuis eu comprei, comprei lenha, comprei arrois, comprei feijão, comprei banha. Ah agora me alembro. Tem café sim. Eu não comprei aí porque ele não tinha café carioca então eu dispels fui buscé lá no otro almazem.
- Generosa - Pois então omlinha e vai perpará ele duma veiz. Vai que eu quero me despachá mais cedo hoje pra me deitá que eu tô com muita sono. Eu não sei o que é isso, dona Laura, hoy dias que me dá um sono, um sono, que eu chego não tô força pra abri as vista. Isso é capaix até de sé duença.
- Licourge - Não, dona Generosa, é sono.
- Generosa - É coisa triste a gente tá assim na madórnia e não pudê vestê o sono.
- Laura - É sim.
- Tudinha - (baixo) Nunca vi tanta bestera junta!
- Pepa - Doña Generosa, mientras van a preparar el café nosotros podriamos hacer un poquito de musica para pasar mejor el tiempo, verdad?
- Generosa - Má o que, dona Pepa?
- Pepa - Dar puñetazos nel aire y hablar con usted es la misma cosa.
- Generosa - Pois é. (aparte) Sei eu lá o que é que ela tá dizendo.
- Sidonio - A Pepinha está propondo que enquanto nós esperamos que o Juvencio prepare o cafésinho, que vamos para a sala de visitas fazer um pouco de musica.
- Generosa - Tá bem, nós vamo mas com uma cundição: o senhor não vai diolamá nem cantá.
- Pepa - Bueno, eso ahora é que vamos a discutir. Si los otros lo hacen porque no lo puede hacer mi novio? Y nadie lo hace con tanto gusto como el lo hace.
- Generosa - Que Eliós, dona Pepa? Não cunheço. É alguma parenta sua, alguma a cunhada?
- Pepa - Eso mismo, señora, eso mismo. Es lo que quiera usted.

- Generosa - Tá bão, então vamo lá pra sala. Vamo dona Laura, vem dona Pepa, seu Si-si-sidencio, seu Polfírio. (gritando) Oh, seu Polfírio! Vamo lá pra sala de visita.
- Porfírio - Como disse?
- Generosa - (gritando) Vamo lá pra sala de visita.
- Porfírio - Não senhora eu fico aqui. Assim quando chamarem pra café eu não preciso vir.
- Generosa - Pois sim! Fica umas piveca. (com raiva) Caminha daí.
- Porfírio - Não me puxe assim que a senhora vai me rasgar o casaco.
- Generosa - Pois então vem. Vem dona Celestina. Tudo o mundo já se alivantô só eia que tá ali assentada feito uma barona, filha dum rei.
- Celestina - Sa su sou barona, como a senhora diz, a senhora é condessa.
- Generosa - Posso não sé mas pelo menos tenho parencias.
- SPEAKER - E enquanto dona Generosa conduz a sua turma á sala de visitas para fazer um pouco de musica, ouçamos algumas palavras sobre os patrocinadores deste programa. (faz os anuncios) E passemos agora á sala de visitas de dona Generosa para escutar os numeros de musica que os seus convidados nos oferecerão. Vejamos, dona Laura está sentada ao piano, certamente vai cantar ou tocar alguma coisa.
- Laura - O que é que vocês preferem?
- Licurgo - Qualquer coisa, desde que seja musica...
- Laura - Mas que genero de musica?
- Generosa - Qualquer coisa, dona Laura, a gente qué é ovi a sinhora tocá. (Laura dá uns acordes no piano e por fim toda qualquer coisa romantica sendo muito aplaudida ao terminar)
- Tudinha - Muito bem, Laura, eu gosto de te ouvir tocar que nem sei.
- Laura - Ah, muito obrigada.
- Porfírio - A dona Laura já tocou?
- Generosa - Já seu Polfírio, não tá vendo?
- Porfírio - Como disse?
- Generosa - Já tocô, não tá vendo?
- Porfírio - Como é que ela ainda está sentada no piano?
- Generosa - Ué, tá sentada porque ela qué, orissima. O que é que els tem com isso?
- Laura - Bom, eu já paguei o meu tributo, agora cedo o piano para outro que quiza.
- Pepa - Porque no tocas algo, Tudinha?
- Tudinha - Tocá o que, dona Pepa? Eu não sei tocá coisa nenhuma.
- Pepa - Bueno, entonces canta. Cantar lo sabes, no me vayas a decir que n...
- Tudinha - Sei mas não gosto de cantá.
- Generosa - Isso é uma lójua. Foi dinheiro botado fóra foi o que a gente pagô a professora pra ensinar ela a cantá. Nunca qué cantá pros outro ovi.

- Tudinha - Não gosto não conto, pronto. Ninguém me obriga.
- Generosa - Mãe tu tá, já marariada? Ora dá as rebocada dela ela não passa.
- Laura - Mas, Tudinha, que engraçadinho o teu pregador, agora é que eu vi.
- Tudinha - É uma cruz de malta.
- Laura - Muito engraçadinho.
- Generosa - Eu já tive um assia, só que não tinha pedrinha era todo de oro.
- Tudinha - Mãe, o teu não era assim nada. O teu era a Cruz suástica nós até fizemos tu botá ela fóra.
- Generosa - Pois é, fizero eu botá o meu rico do meu brócho fóra. Dissero que a cruz ciatica era o que que vocês dissero?
- Tonico - Era o simbolo do nazismo, mãe.
- Generosa - Pois é, dissero que era isso que o Tonico disse e não dexaro eu usá ele.
- Licurgo - Por falar em cruz suástica. Os americanos agora estão fazendo os alemães suarem um pouco hein?
- Laura - Eu tenho a impressão que é o principio do fim.
- Generosa - Ah mas eu já ouvi dizê que o sobremarisco do Eixo tão se suprimindo de azulina - ainda é mesmo que eu te disse que era Tudinha?
- Tudinha - Na America do Sul, mãe. (outro tom) Ela é que veio com essa conversa que disse que eu ouvi no bonde. O suprimindo é supindo.
- Papa - Bueno, vamos a cambiar de assunto que a ei não se gustan esses assuntos de guerra. Mientras sea possible es mejor que lo dejemos de parte.
- Generosa - Que parte, dona Papa?
- Papa - De la que quiera señora. (a parte) Que cosa horrible!
- Celestina - Dona Generosa eu vou cantar.
- Generosa - Te assucega aí, saltucho seco. Que valha mais introduzida. Ninguém pediu pra ela cantá e ela se apresenta.
- Celestina - Pediu sim senhora. O seu Sidonio pediu e eu vou cantar.
- Generosa - Eu não ovi o seu Si-si-sidonio pedi coisa nenhuma.
- Celestina - É porque ele talou baixinho no meu ouvido.
- Generosa - Arrepara. Arrepara se eu não tenho razão de dizê que ela é introduzida. Já tá asentada no piano. (Celestina toca e canta sendo muito aplaudida por todos)
- (ANUNCIOS)
- Generosa - A dona Celestina cantando é vê aquelas pandoras com roncador que os guri borta aí no meio da rua.
- Licurgo - Eu não sei, ela se defende.
- Bento - É fato.
- Generosa - É antirrasa os ouvido da gente que não tem culpa nenhuma. Nunca vi o cantá tão mal. Cruz!
- Celestina - É a senhora pensa que canta muito bem, por acaso?
- Generosa - Pelo meno milhor que a minha que canto. Eu canto francosiz.

- Celestina - Grande vantagem! (baixo) Um francez muito mal pronunciado.
- Generosa - Queria que a senhora visse a dona Celestina no aniversário da dona Laura, dona Iepa, parioia que táva fantasiada de torero. De luva incarnada, faza incarnada, parioia o diabo a moleaoute. (ri debexando)
- Celestina - E ela estava muito chio! O chapéu parecia um andar de procissão.
- Generosa - Pois é, mas pelo menos não levei pasta pra robá doce.
- Tonico - Dona Celestina, pergunta pra ela quem foi que ficou com a mão toda espetada dos garfo quando a luz se apagou e o bolo de seu Sidonio desapareceu.
- Celestina - Dexa.
- Generosa - Cala a tua boca aí, ouviu mitido. Ninguém te chamou nos assunto. A cunvelsa ainda não chegou na cozinha.
- Laura - Escute aqui dona Generosa a senhora não vai fazer festa na chegada do seu Sidóca?
- Generosa - Sô capaziz. Inda não sei, dona Laura. Na otra vez quando vocelo viu ele já tá aí.
- Laura - Vamos fazer qualquer coisa pra ele. A gente prepara uns numerosinhos.
- Tudinha - A mãe diz uma daquelas poesias que fez para ele.
- Licurgo - É mesmo. Muito boa ideia a da Tudinha.
- Generosa - Pois é, eu digo. E vô cantá tambem. Vô cantá a Rolinha.
- Laura - A Rolinha? Como é eu não conheço.
- Generosa - Conhece sim dona Laura, é que a senhora não se lembra. É assim. (canta um pedaço sem acompanhamento.) Eu quizera sê a rolas, pois é, a rolinhas do seltão, pois, lálá lálá lálá lálá lálá lálá.
- Laura - Ah eu sei, espera aí. (começa a tocar no piano. Ouve-se um pouco do piano como se dona Laura quizesse tirar a musica, depois Generosa começa a cantar e a turma toda a fazer coro.)
- Licurgo - O seu Sidóca vai ficar radiante com a homenagem.
- Generosa - Puxa! Eu alivante as mão pro céu do Sidóca vortá. É tão ruim quando o home da casa não tá, não é mesmo?
- Bento - É fato.
- Generosa - Agora ele volta e eu já fico com as minha tranquila sucegada.
- Laura - Pois é. (passos que se aproximam)
- Juvencio - Óia o café tá selvido, cambada. O vaso andá um poco digero que tem muita acoxa la na sala de janta.
- Porfirio - Chamaram praó café?
- Sidonio - Desta vez chamaram.
- Porfirio - Como diasse?
- Sidonio - (gritando) Desta vez chamaram.
- Porfirio - Chamaram de que?
- Generosa - De infamiado. Tudinha leva eles pra tomá café que agora que eu se alembrei que telça fera é o dia da minha lição de franceiz e o Sidóca chega eu não vô pudê dá ela. Tenno que avisá a madama. Vô falá

*o momento
do primeiro
Tango
Puz*

- na telefonia com ela. Leva eles pra lá e vai salvando eles.
- Tudinha - Vamos pessoal, vamos tomá um cafésinho caríocoa. Vem seu Polfírio.
- Porfírio - Os cafés agora aumentaram o preço do cafésinho pra trezentos reis vamos aproveitar.
- Tudinha - Vem Laura, Liurgo, dona Pepa, seu Sidônio.
- Sidônio - va-va-vaamos, queridinha.
- Pepa - Mi besoro! A tu lado yo voy para donde quierres. Asta para el infierno! (aceñ todos conversando)
- Generosa - (gritando pra dentro) Juvencio, tu beta sintido no seu suldo inquanto eu não chegá lá, negrinho. Esse diabo é uma friera capala de cumê todo o pão.
- Juvencio - (longe) Pode dexá que eu cuidó dele.
- Generosa - Escuta aqui é melhor tu escondê duas fatia de pão pra depois eu tomá o meu café ainda eu chego aí não tem mais nem uma pra enchê um buraco de dente.
- Juvencio - (longe) Tá bem, eu iscondo. Tô iscondê pra sibara e prá mim.
- Generosa - Pera aí seu Bento, ante de i pra lá liga aqui o telefonia pra mim. É o seis. (ruído) o nove (ruído) a rocca, queé dizê...o zero (ruído) e o cinco (ruído) Muito agradecido. Agora vá tomá o seu cafésinho. (passos que se afastam) (pausa) Alons! Alons! Quesce que parla aí? É a madama? Comance vá, madama? Tres bien, merci bocús e vas? Ici que parla é a Generosa. Escuta madama: Je vé le pedi una chose. Na telça fera o Sidóca vai arrivê eu queria pídi pra madama não veni dá la leçon. Non fé pas de difference de veni otre jour? (pausa) Pois é. Eu também suis ocupê na telça fera. Que pena, nes pas? Tá bão não faz mal. Je perde la lesson entên. (pausa) Merci bocús, Madama. Merci didon. Não faz mal. Je suis muito confêssê. Fica la lessons pra sexta sera. É que o Sidóca vai arrivê a gente percisé esperá, nes pas? (pausa) Oais. Tres bien, madama. Si quizé venis leis tomê um licorsinho, podê veni. Não tem rian de persones de cerimonia. Tudo é da sezon. Dona Pepá, dona Laurá, seu Liurgo, seu Bentô todas persone de sezon. Si quizé vai donê bocús de plazer. (pausa) Tres bian, madama, tres bian. Então vai desoupe, nes pas? Gudibai. Orrevoir. Varteciôis. (desliga o telefone) Ah meu Deus como eu acho chico o franceiz. É eu já tô falando ele tão bem, tão bem que quarquê dia sô capalz até de isquecê o brasileiro!

(característica forte para o fim do programa)

- Generosa - O negrinho é que tava com a razão, dona Laura. Esse aí é um sabido só ele é que sabe as coisa, só ele é que entende as coisa, tá estudando pra doutor e coisa e massada mais quem leu direito o telegrama foi o negrinho.
- Tonico - É, mãe, o negrinho é que leu direito. O burro sô eu.
- Generosa - É mesmo. É a prova tá que foi tu que leu errado o telegrama é que o teu pai não encreó. Se ele escrevesse um telegrama dizendo que ele ia vir ele não ia deixá de chegá aqui. Mas veio porque tá duente. Pois si tava no telegrama dona Laura, aí! É porque ele tava sintindo alguma coisa, alguma dor, si não ele não ia botá. Pra botá no telegrama um grão que ele não tava sintindo só se o teu pai é bebudo, lico ou muito senvergonha!
- Tonico - É isso mesmo, mãe, eu já disse que o burro sou eu. Eu é que li errado. O negrinho leu certo.
- Generosa - Pois é, o tempo que a gente tá gastando os pecúlio da gente em fazê tu estudá pra doutor divia fazê o negrinho estudá. Parece mentira, dona Laura mas o que é verdade a gente tem que dizê. O negrinho que é meu filho Claudastina tem mais tino de cabeça do que os meus filho natural.
- Celestina - " senhora tem filhos naturais, dona Generosa?
- Tonico - Sou eu e a Tudinha, dona Celestina.
- Generosa - É por acaso não tenho dona Celestina? A senhora não vem quasi todo o dia na minha casa será que ainda não deu fé que a Tudinha e o Tonico era meus filho? De quem foi que a senhora pensô que eles fosse? Da dona Laura....
- Laura - Cruzes!
- Generosa - (continuando)...da dona Pepa?
- Pepa - Si fueram meus haverian de tener outra educacion!
- Tonico - (como quem bota a lingua) Ahn!
- Pepa - Antipático! Manipuzo!
- Generosa - Cansada que tá de sabê agora tá aí fazendo boquinha.
- Celestina - Ben, eu sabia que eram seus filhos, agora o que eu não sabia é que era filhos naturais.
- Generosa - Enraqadinha! Não sabia! Coitadinha da dona Celestina, é uma anjai!
- Tudinha - Dona Celestina, os filhos naturais que a mãe fala são filhos legítimos.
- Generosa - De celto, Fingitivo é que não ia sô. Vossaí fala, vossaí anda, vossaí come... Fingitivo é os bonecro.
- Tudinha - É um caso serio essa velha. De caso de policia.
- Generosa - Ôia tu néim sarpiçada? Tu não abusa comigo não que tu sabe que eu hoje não tô muito boa. Tu se incomoda muito pra ti vê.
- Tonico - Nao te mete, Tudinha, o velho não veio ela hoje tá que nam uma lixa. Áspera que é uma beleta.
- Generosa - Aspra tem tu, mal inducado. Tu pensa que eu não sei^ô que é que tu qué dixê? Ti pruntá se eu sô argum animal pra té aspra. Arrepete o que tu disse, arrepete que tu vai vê.



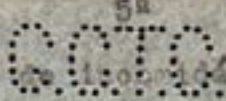
- Sidônio - A dona Generosa hoje está nervosa.
- Bento - É fato.
- Generosa - Também pudera não tá, seu Bento. O senhor vê o tempo que o Sidóca tá osente.
- Bento - É exato.
- Generosa - Num baiz istracho, duente a gente então não vai se aburrecê. Só se a gente não tivesse um poco de amizade no vivente. A gente tem que tê, que a gente também tem coração.
- Bento - É fato.
- Generosa - E depois não é só isso dona Laura, a senhora vê: O Sidóca não tá aí a gente é que tem que dixer o negócio, a casa, tem que fazê tudo, não é?
- Laura - Pois é.
- Generosa - A gente fica numa afligência que tá loco que o infeliz chegue duma vez. Depois essa casa tem o que fazê, dona Laura, a gente não pôde tá com a tranquila suçada.
- Laura - Olho aqui dona Generosa, o Licurgo não veio hoje ao Serão porque embarca amanhã para São Paulo, e foi para o escritório preparar a papclada que ele tem que levar. Eu saindo daqui vou me encontrar com ele para nos despedir-mos. Ele vai por terra, vai passar em Lages. Se a senhora quiser eu peço a ele para procurar o seu Sidóca e me escrever em seguida uma carta dizendo tudo que se passa. Assim a senhora tem notícias exatas e pôde ficar mais descansada.
- Generosa - Pois é, dona Laura, pois então eu aceito. A senhora pede pra ele r rezá na calta tudo dereitinho. Sego que sege.
- Laura - Está muito bem, eu peço.
- Generosa - A senhora diga pro seu Licurgo dizê pra ele que eu preciso que ele mande notícia.
- Juvencio - É gaita que não tem mais.
- Laura - Que gaita?
- Juvencio - Dinheiro, dona Laura, então a senhora não sabe? O dinheiro que já se acabo-se e a gente tá precisando das coisa é uma dificuldade pra arranjá. Os almazem diz que não acredita...
- Generosa - Cala essa boca, negrinho, ninguém tá te chamando na cunvelsa. Quem foi que mandô tu vim te metê aqui no uelo dos braco? Caminha vai timbora pra cusinha.
- Juvencio - Pra cusinha não. Vê buscá o café que a senhora mandô.
- Porfirio - Chamaram pro café?
- Generosa - Chamaram nada, cala essa boca aí.
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) disse que não chamaram. Recem o negrinho vai buscá.
- Porfirio - Vai usar? Não, nada disse. Eu não gosto de brincado com cachorros. Sempre me lembro de um caso que vou relatar agora.
- Generosa - O senhor não vai relatá coisa nenhuma. Fica quieto aí não incomoda os otro.
- Porfirio - Uma vez eu saí com todos os meus filhos: a Maria Leonor, a Teresa e Rita, o Agostinho....

- Generosa - (gritando) Já sabemos, seu Polfírio, já sabemos.
- Porfírio - Já sabem?
- Generosa - Meu Deus, temo cansado de sabê.
- Porfírio - Como diasse?
- Generosa - (gritando) Temo cansado de sabê.
- Porfírio - Mas como se eu nunca contei aqui?
- Generosa - (gritando) Contô, sim, o senhor é que não se alembra mas já contô. Nem tam conta de veiz.
- Porfírio - Não pode ser.
- Generosa - meu Deus, que home rinitante! Cruz! Seu Bento, contô não contô?
- Bento - É fato.
- Generosa - O senhor arresponde bem arto que é pra ele ovi, sinão ele não ove. Esse diabo é suldo que num uma savata. (gritando) Seu Bento: contô não contô?
- Bento - (gritando) É fato!
- Generosa - Tá aí. (gritando) Dona Laura, contô, sã não contô?
- Laura - Contô, sim senhora.
- Generosa - (gritando) Dona Pepa, contô ou não contô?
- Pepa - Si, señora, ha cantado.
- Generosa - (gritando) Tá aí. Qué que prigunte pois otro?
- Celestina - Contou, sim.
- Generosa - Não le priguntei nada, dona Celestina. este a viola no sacco. (gritando) Óia, seu Polfírio o senhor tá cansado de contá o nome dos seus filho. É que o sinhor não se alembra. O sinhor qué vô como eu digo eles? - Maria Lianor, a Tereza, a Rita, o Agostinho, a Maria Cristina, a Lofrida, a Madil e o Rúbi.
- Porfírio - Pois era o que eu estava dizendo. Pois eu saí com eles para darmos uma volta.
- Generosa - Não precisa contá, seu Polfírio. quantas veiz já disse que não precisa contá?
- Porfírio - Como disse?
- Generosa - (gritando) Eu disse que não precisa contá.
- Porfírio - Pois eu vou contar. Saímos para dar uma volta...
- Sidonio - Cunpadra, dá volta.
- Porfírio - Como disse?
- Sidonio - (gritando) Dá volta.
- Porfírio - Óia, uma volta. Fomos dar uma volta. Mas interrompem-me á toda a hora, não me deixam prosseguir.
- Generosa - Pois é, não é um persegui mesmo. Ninguém qué que o sinhor persiga.
- Tonico - É o daddado continua perseguindo a mãe, hein não?

- Generosa - Fala com ele, Tonico, diz pra ele que esses caso chato dele ninguem que sabê. Que a gente perfere ovi os ronce dela e as rasonancia.
- Tonico - Chegue aqui a orelhinha, seu Porfirio.
- Porfirio - Ai, meu! Que dasefora é esse de puxar a minha orelha?
- Tonico - Eu quero falar com o senhor.
- Porfirio - Não tá dor porque não é em ti. Deixa eu puxar a tua pra tu veres. Menino mais desaburado!
- Tonico - (gritando) Olha aqui: a mãe tá dizendo que não precisa contar o caso porque ele não interessa a ninguem aqui.
- Generosa - É, não interessa.
- Porfirio - Está boa, pois então não conto. O prejuizo não é meu.
- Generosa - É de se nosso ousoarteza. (outro tom) Negrinho o que é que tu tá fazendo aí parado. Eu já não te disse que tu fosse pra cozinha, introduzido?
- Juvencio - Mais eu vô comprá café, dona Generosa.
- Generosa - É porque é que tu já não foi, descarado?
- Juvencio - Eu tava isperando prá ovi o caso do seu Porfirio, agora eu vô.
- Generosa - Chaiina dum vez. Traiz café carioca porque tu já sabe que otro nós não gartemo aqui.
- Juvencio - Vô dizê... eu vô buscá, agora si eu vô trazê isso eu não sei.
- Generosa - Ué, porque é que tu não vai trazê?
- Juvencio - Porque pôde eles não fiá.
- Generosa - Daninha dum vez e dexa de tá convulsando fiado. Tu qué é fazê assunto.
- Juvencio - (sai falando) Ele ontonti já não quiria fiá da mirrais de lenha e meio kilo de assucá.
- Laura - Então a senhora quer que o Licurgo escreva mandando dizer o que está se passando com o seu Sidoca, não é isto, dona Generosa?
- Generosa - É de a Laura, porque a senhora vô, a gente não pôde fió sempre nos mesmo consiguiente. A senhora vô que uma obisa assim não requer, a gente tem a dispesa da casa pra fazê. Ele dexó o perculio mas a quietã é que ele ia ficá uns dez dia e já tá lá mais de meiz. O café já se acabô, o assucá já se acabô, o arroz tem um pinguinho assim, as lentilha tambem. A gente peroisá comprá vinagre, a gente peroisá comprá farinha, a gente peroisá comprá selentina higienica, peroisá almidão, manteiga a gentá já nem fala e azeite então é só pra aqueles que é muito rico que pode comprá. O perculio que fiô aí já se elaborô-se, não tem mais num um vinten, a gente tá contando com o dinheiro dessa casa que ele foi vendê. É depois é uma coisa que eu não gosto tá piando fiado pra ninguem. A gente toda a vida comprô no dinheiro avista, dá só toma lá, não se bitua com otro assistema. Eu pudia, não é? Esse almazem tudo conhece a gente. Mais conhecido do que a gente é! Mas eu não gosto de mandá botá no assento. Não se dô com esse assistema, prá que é que eu vô dizê.
- Laura - É, não convem mesmo.
- Generosa - Então a senhora fala pra ele, não é?
- Laura - Falo sim.

COTO

- Pepa - Yo quando estea casada el maridito de mi no se aleja.
- Generosa - Não se aleje a senhora que não tem que vê com as conta, mas me alejo eu que não quero ficar com a fama de celotera.
- Celestina - Dessa a senhora não se livra. Lá na rua da margem, meu Deus!...
- Generosa - Cala a boca, libguardada, faladeira. Eu te devo alguma coisa prá tu tá falando desse jeito, bebendo nódia no meu carapu?
- Celestina - Prá mim não porque eu nunca emprestei dinheiro pra senhora, mas lá na rua da margem muito gente se queixa. Ainda outro dia a dona Clotilde e a dona Adalgisa me contaram que a senhora andou reformar um chapéu lá e que até hoje.
- Generosa - Pois eu vô priguanta pra elas. A primeira vez que eu saí vô passá lá pra toma uma bastifação delas. Mas tem que é dor de eu tá aqui na casa de luxo e não té convidado elas pra vi aqui. Deus me livre! Aquelas até parece suas irmã. Só vinha aqui pra dá fé e dispois saí falando. Óia elas tizero uma convulsa da Tudinha, dona Laura, que eu nem lbe conto.
- Laura - É?!...
- Generosa - Meu Deus. Também sortei os cachorro nelas que elas nunca mais butaro os pé na minha casa. É é o que vai acontecé qualquer dia com essa boca aí, esse estamio. Óia dona Celestina a senhora fica sabendo deé uma coisa: quem tem rabo não se assenta. A senhora fique bem quietinha aí que é muito melhor. A senhora começa a falá eu vô falá também e vamo vê quem é que vai saí bebendo. Se a senhora vai arripiti o que ove eu também arripito o que eu sei.
- Celestina - Ora, eu nem me importo. O que não é não paga.
- Generosa - Tá bão, dona Celestina, cala essa boca aí que é melhor. A senhora qué é fazê assunto.
- Pepa - La cosa que me hace quedar mas nerviosa es oír dos personas en discusion.
- Tudinha - Da discussão é que nasce a luz, dona Pepa, a senhora não viu? Brigaram as comadres apparece a a verdades.
- Pepa - Yo no disento. Quando las cosas a mi no me gustan hago en seguida un buxinzo va lá tengo terminadas.
- Tonico - Boa, isso é a senhora que é valente.
- Pepa - Calla-te la boca, animal. El asunto no ha liezado en la cocina, todavia.
- Tonico - Olha aqui, oh castilhana, animal não, ouvia? Eu não sou teu irmão nem teu filho.
- Pepa - Gracias al cielo! Gracias al cielo que no eres. Porque si lo fueras no tendrias tiempo de decir dos veces una cosa desagradable.
- Sidonio - Pepinha, não discute com o Tonico.
- Pepa - Es muy atipático ese muchacho.
- Sidonio - Tú te incomodas e é muito pior. Deixa ele falar o que quizer. Não dá confiança a criança.
- Pepa - A ver, queridito, yo me voy a callar porque me lo pides pero las ganas que tengo es de romperle el nariz.
- Generosa - O que é que a senhora tem no nariz, dona Pepa?
- Pepa - Que tengo yo en la nariz, pregunta usted? Señores, No tengo nada. Usted es que se imagina las cosas.



- Generosa - Imagino, sim. E é ~~de~~ ~~isso~~ ~~isso~~, não é mesmo?
- Sidonio - Se incomoda, não é bom falar.
- Pepa - É uma coisa irritante!
- Generosa - Quem sabe é algum tresol, dona Pepa, porque que a senhora não vai no dotor?
- Pepa - Voy es a decir-le dos o tres desaforos quando se me vaya la paciencia. Usted se cre que ella es desagotable?
- Generosa - Ah, pois é. (aparte) Sei eu lá o que é isso? (alto) Coitada, ela ficou vermelha! A senhora devia de tratá isso, dona Pepa.
- Pepa - (furiosa) Si, senõra, vay a tratar. Voy a tratar.
- Sidonio - Ela vai tratar, dona Generosa, que a senhora faça ofavor de não falar mais nisso.
- Generosa - Pois é, não falo. (aparte) Tem pessoa que se impulsiona a gente não pôde falá nas duença, que lãe tem.
- Bento - É fato.
- Celestina - Que bonitinhos es seus sapatos, dona Laura.
- Laura - Gostá, dona Celestina?
- Celestina - Muito.
- Generosa - Prigante quanto custá, dona Celestina, é só o que falta.
- Celestina - Mas credo, dona Generosa, a senhora hoje não está muito boa. Bebeu vinho no jantar?
- Generosa - Bêbi, dona Celestina. Na janta e no almoço. E a senhora tem alguma coisa com isso? É a senhora que paga por adauso?
- Celestina - Eu não, não tenho nada com isso.
- Generosa - Vio os sapato da otra não pôde passá sem falá. (outro tom) Dadonde foram dona Laura?
- Laura - Estes vieram do Rio, dona Generosa.
- Generosa - Ah, logo vi. São bem abeltinho. Assim que é bão pro verão. São comodista non pé, dona Laura? não incomoda?
- Laura - Não senhora, são muito comôdos até.
- Generosa - Pois é, será que tem igual a esse netras cor, dona Laura?
- Laura - Não sei, dona Generosa, mas deve ter.
- Generosa - Si não custasse muito caro eu comprava uns pra mim.
- Laura - Estes eu nem me lembro mais quanto custaram. Parece que foram de cento e quarenta cruzeiros.
- Generosa - Cento e quarenta cruzero quanto é, dona Laura?
- Laura - Cento e quarenta mil reis, dona Generosa.
- Generosa - Ah, pois é, mas é caro!
- Celestina - Eu ando precisando comprar sapatos para mim.
- Generosa - A senhora tem aqueles seus de alchoispo tão puetas pra que é que vai comprá otros? Dispõe sapato pra senhora nem igiete. Uns pé seco, comprido.

- Celestina - Cada um como Deus fez, dona Generosa. A senhorinha que eu seja assim tão magra, dona Laura?
- Laura - É magra mas não é tanto.
- Celestina - Está aí.
- Generosa - Tá aí! Tá aí o quê? A dona Laura disse que não era por um prazer. A senhora não é magra, dona Celestina, a senhora é seca. Seca e incalorada.
- Celestina - Pois eu prefiro ser seca como sou a ser garrão como muita gente que eu conheço.
- Generosa - Se é endereta pra mim não me avexo. Eu sei que a senhora que é curvada.
- Juvencio - (entrando) Óia aqui dona Generosa, eu não trouxe café.
- Generosa - Porque? Não tinha café carioca?
- Juvencio - Tô tinha mas ele não quis dibilitá disse que a senhora não tinha era credo.
- Generosa - Ah é? Pois agora por disaforo eu não pago a conta dele. Eu sô uma cobra de boa, dona Laura, mas não me pizem ao rabo.
- Sidonio - Quer dizer que hoje não temos café?
- Generosa - O senhor não ouviu o negrinho dizê que não? O senhor tá querendo tirá o barrete do seu Polfirio, seu gago?
- Sidonio - Gago não, dona Generosa, eu tenho nome.
- Pepa - Sidonio, Sidonio de la Concepcion es su nombre. Y usted le llamam de gago y no se porque.
- Tonico - Porque ele é gago, ora essa é boa.
- Pepa - Gago no es. Es un poquito nervioso y tembía quando habla.
- Generosa - O que é que ela disse?
- Tudinha - Disse que o seu Sidonio é nervoso e treme quando fala mas que gago ele não é. Tu também não intende nada a gente tem que tá traduzindo. Coisa chata.
- Generosa - Ora dona Pepa, tira o seu cabelo da chuva. Então o seu gago não é gago? Não é gago uma óva. Va-va-va-v-a né-né-né-né do-do-do. Se isso não é maguera então eu não sei o que é.
- Pepa - Bueno, señora, y aunque lo sea es una infelicidad y una persona bien educada no lo deve decir.
- Generosa - O que é que ela disse?
- Tudinha - Ela tá braba, mãe, porque tu chamou o seu Sidonio de gago.
- Generosa - Pobrega dela. Usa coisa que todo o mundo tá vendo.
- Juvencio - Patroa, eu vô ficá aqui nessa inguina o resto na noite?
- Generosa - O que é que tu qué negrinho?
- Juvencio - O almazem não quis dibilitá as conta o que é que eu vô fazê?
- Generosa - O que é que vai fazê? Não faz nada. Não tem café não se dá café, paciência. Todos os dia elas toma um dia que não toma não vão morrer por isso.
- Sidonio - Mas saiu falando.

- Generosa - Os linguarudo fala de todo o jeito, seu Bento, dando ou não dando. Quem tivé muito vontade de tomá café que dê o dinheiro que o negrinho vai buscá.
- Porfirio - O que é que falaram aí em café?
- Tonião - (gritando) A mãe disse que quem quizer café que dê o dinheiro que o negrinho vai comprar e faz que ela tá sem gaita, sabe como tá?
- Porfirio - Está bem. Vem cá negrinho. Toma, traz 50 centavos de café e prepara lá que eu vou tomar.
- Juvencio - (gritando) Assim eles não vende, seu saldo. Só sendo di kilo, di meio kilo, di metade de meio kilo.
- Porfirio - Está bem, então deixa ver os 50 centavos e leva dois cruzeiros. Compra um quarto de kilo de café caricea que depois eu levo o que sobrar para casa.
- Juvencio - Tá. Quem é que havia de dizê, heim? O seu saldo. (saindo) As veiz é assim mesmo. De modo que a gente não espera é que vão sai os cu-Bio. (sai)
- Generosa - Tá bão, enquanto o negrinho vai buscá o café e depois prepara ele, nós pudia fazê um poco de musica pra se divertir um bucado. As trizora não paga o que a gente deve e tambem eu tá aqui triste porque o Sidôca não chagô, mas pivica que eu vô ficá. Ele já não veio de senvergonha, de gaitero e assantado que ele é. Mas deixa que quarqué dia eu vendo as joia que ficô da herdancia da falicida ermã dele e quando ele táxxxxxxx menos vê eu tô lá. Eu até já tô querendo ficá disconfiada que ele tá gostando da ausencia. (outro tom) Adonde é que tu vai, Tudinha? Agora que a gente vai cusacá a tocá e cantá é que tu vai lá pra dentro?
- Tudinha - Eu volto já, mãe, não te afôba. Vô buscar a minha tesourinha para cortar a cuticula das minhas unhas. (sai)
- Generosa - Vêa cortando essas pilicula dessas unha. As veiz chega a sazê sangue. O Juquinha é que tinha essa mania.
- Laura - E por falar no Juquinha como vai ele?
- Generosa - A sinhora sabe dona Pepa? Eu faiz tempo que não vejo o vivente.
- Pepa - Si, yo lo sé pero muy poco adelanta hablar porque usted no me lo entiende.
- Generosa - O que é que ele disse?
- Sidonio - A Pepinha disse que ela sabe mas que não accanta falar porque a senhora não entende.
- Generosa - Ué, a curna não é minha. Ela que fale direito que eu suprendo. Ela não diz coisa com coisa que que a gente vá entendê? (passos)
- Tudinha - Preciso mandar afiar a minha tesourinha, ela não corta nada, nada. O que é mãe, que tu táva reclamando aí que não podia entender?
- Generosa - A dona Pepa, a gente pergunta pelo Juquinha todas as veiz ela arre responde coisa diferente depois diz que não adianta falá que a gente não entende.
- Tudinha - Ah, eu falei com ele outrá dia na rua. Está tão magro, tão magro que mete medo!
- Generosa - Pobresinho! Eu tento uma beninha dele!
- Tudinha - Diz que durante um mez ainda não pôde sair de noite.
- Generosa - Oitadinho. A vida do jeito que tá o pobresinho duente, sem pudê trabalhá teve tãssão uma sta muito niceitosa pro pobresinho.
- Laura - Mas ele estava trabalhando numa loja, ultimamente é a loja parece que tem ajudado a sustear as despesas dele.

- Generosa - Inda foi bô que a loja reagiu ao pagamento dele perante a doença do coitadinho.
- Pepa - Bueno, vamos hacer musica o no vamos? Estou esperando.
- Tonico - Se a senhora está com muita pressa vá cantá. Cante o passatinho do relógio.
- Pepa - Usted me disse eso pra que yo me aburra, verdad?
- Generosa - Quem é que é Burra, dona Pepa?
- Pepa - No estoy hablando con usted, senhora.
- Generosa - Misirlealdia!
- Pepa - Mui bien, usted me me pediu para que canto el pajarito del reloj, verdad? Usted lo hice pra aburrir-me y entonces por eso, para que te aburras tu yo lo vou a cantar.
- Tudinha - Quem é que vai lhe acompanhar?
- Pepa - Yo misma. Eso yo lo sé. Las cosas antiguas yo las sé casi todas. (canta o passatinho do relógio em portuguez com acento napanhoiz, sendo muito aplaudida ao terminar)
- SPEAKER : - (Faz aqui os anuncios pela primeira vez)
- Laura - (rindo baixo) É uma comedia a dona Pepa cantando em portuguez.
- Tudinha - Muito melhor comedia é a mãe cantando francez.
- Vidonio - É um encanto quando cantas, minha rica Pepinha. (rolcos suaves)
- Pepa - Gracias, muchas gracias, mi vida.
- Juvencio - Tá aqui o café agora eu vô fazê ele num repentin.
- Generosa - Dixa vê o troco. (navos roncões)
- Juvencio - Ué dixa vê, o troco é pro seu Volário, não é pra sinhora.
- Generosa - Dixa vê. Ele tá durmindo, dispola quando ele se acordá eu dô. E a caninha dum vez vai preparar esse café pra não fazê o coitado do home esperá.
- Juvencio - (baixo) Esse quatrocentã ele não va mais nem o chero.
- Tonico - Olha aqui uma coisa, a dona Pepa cantou pra me fazer desaforo, não foi?
- Pepa - Si.
- Tonico - Pois eu tambem vou cantá pra fazê desaforo pra ela. Eu sei que ela não gosta de ouvi eu cantá. Dixa vê o violão daí dona Laura, faz favor.
- Laura - Pois não. (pausa) Está. que bom que ele vai cantar com violão. Eu gosto tanto! Gosto mais das musicas populares com violão do que com piano.
- Bento - É fato. (Tonico canta ao violão sendo muito aplaudido por todos)
- Tudinha - E agora a dona Celestina vai cantar.
- Generosa - Pois sim! Ele que se alvora pra ela vê.
- Tudinha - Mãe, dexa a creatura cantá.
- Generosa - Não dexa.
- Celestina - Ela não dexa, é bobagem.
- Generosa - Não dexa mesmo. A sinhora já sabe porque é que insiste. fica quietinha aí.
- Pepa - Quem é que vai acompanhar?

- Tenico - Não tem nada que sabe.
- Generosa - Tenico, isso é jeito de arresponde pro homem? (gritando mas procurando ser suave) Tanto cantando, seu Polfírio. O senhor não quer cantá qualquer coisinha? Si quer cantar, não faça caricomina. O senhor tá na sua casa.
- Porfírio - Como disse?
- Generosa - (gritando por um amavel) Ó, piano, canto oh: ah-ah- ah-ah-ah-ah. Piano, ó. O senhor cante alguma coisa pra gente ouvi. O senhor canta tão bem.
- Porfírio - Está bem, eu vou tocar. (toca uma valsa antiga sendo muito aplaudido)
- Laura - A senhora pediu para ele cantar e ele tocou.
- Generosa - Pois é, coitado, mas ele não escuta muito bem, e coitado não é? Que acacia malinal faz confrontação. A gente tem que tê paciência.
- Juvencio - Oia o café já tá na mesa. (alegria de todos)
- Generosa - Venha seu Polfírio, venha tomá um cafésinho carioca bem fazidinho. Eu mesmo é que vô botá assucari na chieira pro senhor.
- SPEAKER : - E enquanto a turma vai ao café carioca, ouçamos duas palavras sobre os patrocinadores deste programa que é sem dúvida o de maior sintonia da radiofonia sulina. (faz aqui os anúncios pela segunda vez) E agora voltamos á casa da dona Generosa. Os seus convidados já se retiraram mas ainda vamos ouvir um diálogo entre ela e o seu lacraio.
- Juvencio - Dona Generosa a senhora divorveu os quatrocentão pro seu Polfírio?
- Generosa - Di certo que divorvi, negriano, então eu ia ficá com um dinheiro que não me pertence? Tu até é loco praquintá uma coisa dessas.
- Juvencio - Eu brigantel só por brigantá. A senhora podia ter se esquecido. (baixo) A senhora não é desse mundo.
- Generosa - O dia que eu ficá com um dinheiro que não me pertence eu quero que Deus faça as minhas mão seca. O que não é da gente a gente não aproveita.
- Juvencio - Pois é. O seu sulão hoje pagô ocufá mas também ele tãrô a deferencia. Tomô três chieira daquelas bem grande que chega inté a parecê uma bacala.
- Generosa - Pois é e depois ainda queria levá o café que sobro pra fazê na casa dele amanhã. Eu agarrei um papel e butei toda a borra do café que tinha no saco. Ele tá convencido que leva café por fazê quando chegá na casa dele vai encontrá café já fazido. Um mundo de gente prá tomá café o que é que ia sobrá.
- Juvencio - Sobró, sim, patroa, eu butei só seis culhé no saco ficou muito mais da metade no pacote.
- Generosa - Pois que sobró eu sei. Sobró mas eu não ia dá pra ele, ingrato. É a gente o que é que ia tomá amanhã de manhã? Caminha vai te delatá. (pausa, passos que se afastam)
- Porfírio - (longe) Com licença? (passos que se aproximam)
- Generosa - Misericórdia! O que é que esse homem quer?
- Porfírio - Via reclamar o meu troço que eu esqueci. Lá dei ao negrinho dois cruzeiros para comprar um quarto de kilo de café e ele não me entregou os quatrocentos centavos de troço.
- Generosa - É seu Polfírio? Pois pra mim ele também não entregô. Tá bão não faz mal. Ele agora já tá dormindo eu tenho pena de acordá o coitadinho. Ele lida todo o dia tá cansado. Mas amanhã eu peço pra ele e mando levá lá na sua casa!

- Porfirio - A senhora pediu o meu troco do negrinho, dona Generosa?
- Generosa - Como disse, seu Porfirio?
- Porfirio - Pediu ou não pediu?
- Generosa - (gritando) Eu não ouvi o que foi que o sr. disse.
- Porfirio - (gritando) Estou perguntando se a senhora pediu o meu troco do negrinho?
- Generosa - Que troco seu Porfirio?
- Porfirio - O troco do café. Do dinheiro que eu dei para a moçoquinha comprar café na quarta feira passada.
- Generosa - E ele não lhe entregou, Seu Porfirio?
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) Ele não lhe entregô?
- Porfirio - Pois não entregou. A senhora não se lembra que eu dei volta para buscar o troco e a senhora me disse que ele já estava dormindo e que no dia seguinte a senhora pediria a ele e mandaria me levar?
- Generosa - Eu disse, seu Porfirio? Pois olhe não me alembro. E u tô tão isqui cida das indêia que as pessoa me diz as coisa e eu depois não me alembro. Eu perciso tomá quanqué um fortalecente. Eu tô muito ni-cissitosa!
- Celestina - Porque a senhora não toma uns passes, dona Generosa?
- Generosa - (rispida) Porque não quero. A senhora não se meta na cunvelsa que eu não tô falando com a sinhora.
- Celestina - Está bem, desculpe.
- Generosa - Que coisa mais intepática, za gente tá tratando os causo com os otro ela vem se metê. É a coisa que eu tenho mais ripunancia é das pessoa dadera de fé e cunvelsadera. Eu nunca pude sê assia. Também a inducação que a gente arrecebeu muitas familia de dinheiro não tem. Meu pae era home que depois da jante se assentava numa cadeira, chamava a gente pra pelto dele e principiava a dé culejo pra gente. Aquilo a gente não era sinhora de interrompê ele nem que percisasse sei pra lá fora. Depois chamava de uma a uma e ia zia arrepiá todo que ele tinha insinado pra gente. É aí que a gente não tivesse botado sintido e não soubesse arrespondê! Apansava por conta acaltasse. Por isso que nós semos bem inducada, cunvelsada, assuntosa. E não sô só eu não. Quarqué uma das minhas erói. Dava gosto vê. Todos gava a gente. Hay pessoas que parece que n nem forum criados por gente. Nem sei o que é que parece. Adonde vão é pré falá dos otro, até o cariz em tudo, fazê assunto das coisa que não deve, pringuntá das coisa que se passa com a gente e até botá omo grosso nas coisa a gente.
- Celestina - Bom, isso não é comigo porque eu graças a Deus não tenho inveja de ninguém.
- Generosa - É com a senhora mesmo, dona Celestina, não se faça de ingema. E também nã adianta fazê essa cara de anja porque todos aqui já lhe conhecem. A sinhora é invejosa, mesmo a sinhora tem inveja da gente.
- Celestina - Inveja da senhora não sei porque. Credo! Deus que me perdoe.
- Generosa - Credo, não é? Deus que lhe perdoe, não é? Pois olhe, dona Celestina, quem desdanza qué comprá. Otro dia a senhora agarrô um bibe-



- **lot** que tava naquela cantoneira e disse assim "que bunitinho". No outro dia, por essa luz que me alumia, dona Laura, eu fui pegá no bibelót ele pulô da minha mão e se espatifô no meio do chão. O que é isso? Não é olho grosso? É olho grosso.
- Celestina** - Póde ser olho grosso, não digo que não porque eu também acredito muito em mau olhado, mas garanto que não era meu.
- Generosa** - Pois si foi a senhora que agarrô ele, dona Celestina, a senhora que gavô ele, de quem mais é que ia sê?
- Porfirio** - Afinal, dona Generosa, eu estou esperando a resposta do meu troco.
- Generosa** - Ah, eu nem me lembrava mais. Eu não tô dizendo que eu ando muito fraca das indéia?
- Laura** - Porque a senhora não toma um fortificante, dona Generosa?
- Generosa** - **Vô** tomá, dona Laura. Eu vô fazê a catinga de mulata misturado com o agrião e depois buté em difusão no vinho doce. É um santo remédio!
- Laura** - É, dona Generosa? Eu não sabia.
- Generosa** - Meu Deus, chega a alivantá as pessoa da cama. O xarope do pé da bananera também é muito bão mas eu perfiro a catinga de mulata.
- Porfirio** - Como disse?
- Generosa** - (gritando) Tô dizendo que perfiro a catinga de mulata.
- Porfirio** - Ah não. Eu acho insuportavel. A ter que aturar alguma eu sempre prefiro a dos brancos.
- Generosa** - Eu sei lá o que é que ele tá dizendo! (gritando) É, é isso mesmo, seu Polfírio.
- Sidonio** - A todas essas, dona Generosa, a senhora se esqueceu de mandar ver o troco do compadre.
- Generosa** - Que troco, seu Si-si-sidonio?
- Sidonio** - O troco do café que ele deu pro negrinho comprar na quarta feira passada.
- Generosa** - Ele deu, é seu Si-si-sidonio?
- Sidonio** - Pois deu, dõna Generosa. Agora mesmo a senhora falou nisto.
- Generosa** - Pois olhe, não me alembro. Agora vô mandá vô. Eu tô muito isquiciada, com a minha memoria muito relaxada.
- Sidonio** - Se a senhora esquecer outra vez póde deixar que eu lhe lembrarei.
- Generosa** - Credo, seu Si-si-sidonio. O senhor até parece que tem porcentage no dinheiro do seu Polfírio.
- Porfirio** - Como disse?
- Generosa** - (gritando) O seu Si-si-sidonio até parece que tem porcentage no seu dinheiro.
- Porfirio** - Chantage com o meu dinheiro, o compadre? Não ele não seria capaz de uma coisa destas.
- Generosa** - Não foi isso que eu disse mas vai atraiz que ele era incapaz. A gente nesse mundo não deve buniá nas pessoa.

- Pepa - Señore, lo que usted acaba de decir es más que una tontería, es una barbaridad. Mi novio es un hombre muy serio que no iba a sucular sus manos en una moneda. Usted necesita tener más culpas en las cosas que dice porque no es cosa que se haga dudara de las personas de responsabilidad como es don Sidonio. Todas las cosas se hacen y todas las cosas se dicen pero hay que ver como se hacen y quando se dicen. Usted no tiene el derecho de ofender a mi novio adentro de seu casa. Mi novio es un hombre decente un hombre que sabe lo que hace y lo repito bien alto para que todos oigan: (alto) No iba a sucular sus manos.
- Generosa - É dona Pepa? (aparte) Que seria que os mano dela dizero que ela tá tão braba com eles!
- Tonico - Mãe, ela tá braba por causa do troco do seu Porfirio.
- Generosa - Mas será que até ela também tem que vê com o caso? Eu vou mandá vê o troco, dona Pepa, eu já disse que vou mandá vê. Agora o negrinho vem aí e eu pergunto.
- Pepa - Yo no tengo nada a ver con eso señora. Estoy hablando es de lo que ha dicho usted de don Sidonio. El es un hombre decente!
- Generosa - Decente, não é dona Pepa? Pois é. Vai vê que falare do caráter da ocitada. Coisa triste meu Deus. Eu não sei como hay gente que tem a corage de falá do caráter das pessoas. Uma coisa tão seria, não é mesmo? De tanta responsabilidade. Ah, aguranto que já sei quem é que falô da sinhora, dona Pepa. Só podia sê uma pessoa. E ela não tá muito longe daqui, não. Tá bem pertinho. (Pepa resmunga)
- Tudinha - Mãe, bota um ponto final nesse negocio que tu tá fazendo jogo de disparate.
- Celestina - É procurando acusar quem não tem culpa, também. Su bem que comprendi.
- Generosa - Cala essa boca, dona Celestina. É melhor nós dá um basta no assunto porque sinão... quem tem claraboia de vidro não joga pedra no quintal dos visinho. Fica queta. Fica tesa.
- Porfirio - Afinal, onde é que está o dinheiro?
- Tudinha - Não, vê esse dinheiro duma vez pra acabá com esse negocio.
- Generosa - Que dinheiro, Tudinha, eu não tenho dinheiro nenhum, tu sabe que eu não tenho dinheiro.
- Tonico - O troco do seu Porfirio, mãe, não te faiz de boba.
- Generosa - Cala essa boca, tu, mitido. A cunhela não chegô na cozinha.
- Tonico - Mas é mesmo, em vez de chamá logo o negrinho e perguntá leva aí a fazê boquinha.
- Generosa - Pois agora não pergunto, pronto. Só pelo teu disaforo não vou pergun-tá. Te pergun-tá o que é que tu tem que vê com isso. Ora já se viu? Os foi adiante da carroça?
- Tudinha - Escute aqui seu Bento ouvi dizer que faleceu uma tia do senhor, é verdade?
- Bento - É fato.
- Tudinha - Pois é, eu não sei quem foi que me falou.
- Generosa - Ué seu Bento, eu não sabia. Tava aqui fazendo papel de sem indução com o senhor desfalcadamente. (outro tom) Acompanho o sentimento.
- Bento - Muito grato.
- Generosa - Faiz pouco dia que ela morreu?
- Bento - É fato.

- Generosa - Tava deante, de celta.
- Bento - É exato.
- Generosa - Eu sempre tô dizendo: não ha nada pior prá saúde do que a duença.
- Bento - É fato.
- Celestina - Minhas condolencias, seu Bento
- Bento - Muito grato.
- Generosa - Hum! Ela não podia dexá. Eu fazendo as coisa ela tem que fazê. Tudinha, Tunico, caminha vão cumprimentá o seu Bento.
- Tunico - Eu já comprimentei quando ele chegou.
- Tudinha - Eu tambem, não sei a troco de que essa ideia dela.
- Generosa - Pois vocéis acabarem de cuvi dizê que o vivente tá de sentimento e ficaro aí sentado do mesmo gento. Nem dá dos pezoais nem nada.
- Tudinha - Não se use mais.
- Tunico - Isso é coisa do tempo que se amarrava caaborro com língua.
- Generosa - Pra vocéis que são uns mal inducado. o sr. não arrepare, seu Bento
- Laura - O seu Bento não leva a mal essas coisas, não é seu Bento?
- Bento - É fato.
- Laura - É uma das coisas mesmo que já estão fóra de moda.
- Pepa - Para las personas sin **educacion**.
- Laura - Já se meteu.
- Pepa - Don Bento, yo y mi novio le presentamos las expresiones mas profundas de nuestro sentir.
- Sidonio - pa-fa-fa-ço minhas as palavras da Pepinha.
- Tunico - Ela já tinha feito não precisava repetir.
- Pepa - Callate la boca tonto, idiota. Nadia te lo preguntado cosa alguna.
- Tunico - Pois é, ninguem me perguntou mas eu quiz dizê e agora? Tu vai me dá pancada por acaso?
- Pepa - No te lo hago porous no puedo poroue si fueras mi hijo....
- Tunico - Eu te baxava a griapa em dois tempos.
- Generosa - Tunico que é isso que tu tá falando com a dona Pepa? Isso é geito de tu falá pros mais velho? Esses meu filho nem parece que são filho de quem é.
- Celestina - Pois eu acho que parecem.
- Generosa - Cala essa boca, calucho, cala essa boca, olho de grilo. Quem foi que te priguê alguma coisa, mitida? Eu ainda acabo brigando com a sinhora e correndo com a sinhora de minha casa, dona Celestina.
- Celestina - É a senhora pensa que eu ia chorar por causa disto?
- Generosa - A sinhoro não pense não. Um dia a sinhora me agarra com os azeite e já sabe. Polta da rua selventia da casa. Eu tô sempre evitando a sinhora a sinhora não qué se convencê. Quantas veiz eu já lhe disse, depois a senhora não se quexe.

- Celestina - (com pouco caso) Está bem.
- Laura - Ven cá, Juvencio, faz favor. Ele espicou e se escondeu.
- Generosa - Dama dona Laura, não chama esse negrinho prá cá. O seu Sulaio vai vê ele vai falá do dinheiro eu vô tê que me incomodá.
- Laura - É que eu queria um copo d'agua, dona Generosa.
- Juvencio - A signora tá me chamando, dona Laura? Discurpe de eu tê misericórdia mas a quistê que eu tenho umas razão de retagualda pra não vim aqui na sala hoje.
- Tonico - Como é que tu fôdisse negrinho? Umaz razão de que?
- Juvencio - Umaz razão de retagualda, seu Tonico.
- Tonico - Q que é que vem a sê isso em linguagem de branco, traduz.
- Juvencio - Ora, seu Tonico o sinhô nem parece que se assenta todos os dia nos banco da faculdade. Umaz razão de retagualda qué dizê: A minha carga foi atingida por um impacto dereto e tá furada. O sinhor tem de cumprê que eu não posso tá aqui nem me virá de costa pra ninguém.
- Tudinha - Quando ele falou em impacto dereto eu já estava pensando outra coisa.
- Laura - Oni sóá que malí pânse.
- Tudinha - Hum hum, gastando francez, heim?
- Tonico - Olha aí mãe a dona Laura falou franceiz.
- Generosa - Eu sei, eu cumprindi.
- Tonico - Tu comprendeu, mãe? O que é que qué dizê?
- Generosa - Não amola Tonico, não precisa sabê. Tô dizendo que cumprindi e chega.
- Tonico - Pois si tu comprendeu diz o que é.
- Juvencio - A patroa tem de cumprê, orissima. Ela tá aprendendo ingreiz com a madama franceza aquela que vem aí de quando em veiz.
- Generosa - Dixa negrinho, nem paga a pena falá. Isso é um inguinorante um mal-fabéti que nada aí como ele não comprendeu pensa que os otro é burro igual a ele.
- Tonico - Bem, eu não discuto eu só digo que se tu comprendeu diz o que é.
- Generosa - Meu pensa que eu não digo, é? É só eu butá sentido que eu já vejo o que é.
- Tonico - Pois então bota sentido que eu quero vê.
- Generosa - Como é que a signora disse, dona Laura que eu já não me alebro mais.
- Laura - Oni sóá que malí panse.
- Generosa - Como é dona Laura? Diz mais digavarsinho.
- Laura - Oni sóá que malí panse.
- Generosa - Ora credo! Quem é que não vai sabê? Onde suá faz mal á pança. (risos) Eu sempre tô dizendo que os meus filho não fala franceiz de burro que eles é. É a coisa mais fácil desse mundo.
- Tudinha - Falando assim como tu é facilimo.
- Juvencio - Oia ali, patroa, a dona Celestina tá se rindo da signora.

- Calestina - (rindo) Esse dona Generosa é uma bola!
- Generosa - Eu sô uma bola, dona Calestina e a senhora é um pau de virá tripa. Não se enxada essa seca tá si rindo dos otro. Si rindo o roto do magado, como se acostuma dizê.
- Pepa - Bueno, señora, a nosotros no interessa sus traduciones de francez nosotros podriamos hacer cosa mas agradable, verdad queridito?
- Sidonio - Sem duvida, Pepinha.
- Generosa - O que é que a dona Pepa qué, seu Bi-si-Sidoncio?
- Sidonio - Nada, dona Generosa.
- Generosa - Fensei que ela quiria alguma coisa. Caminha, negrinho vai timbora lá pra cozinha. Tu mesmo disse que não podia ficá aqui que tu tava bombaladado.
- Juvencio - Pois é, mais dexa eu ficá, patroa.
- Generosa - Ficá nada, negrinho. Ninguem tá aqui pra vê espetaco. Que atrazé os otro é?
- Juvencio - Eu fico encostado na paredis, patroa.
- Generosa - Não fica incostado na parede coisa nenhuma. Essa parede é muito nomicida dispois tu vai te cunstipá e eu que me aguente. É uma humidades que a agua chega a iscorrê.
- Porfirio - Ah, o negrinho está aí?
- Juvencio - Credo! Eu já tô aqui a tanto tempo agora que ele se deu conta que eu tava aqui.
- Laura - É que ele estava cochilando. Agora despertou.
- Bento - É fato.
- Generosa - Eu bem quiria que esse negrinho fosse imhora anti que ele se acorda se.
- Porfirio - Vamos a saber, onde é que está o meu troco?
- Juvencio - Ué seu Polfirio, o que é isso cumlgo? Que troco bobo é esse?
- Porfirio - Como disse?
- Juvencio - (gritando) Que troco bobo é esse?
- Porfirio - O troco de café. Eu lhe dei dois cruzeiros e você não me deu troco.
- Juvencio - Entreguei prá patroa, o senhor tava drumindo.
- Generosa - Pfa mim não, negrinho. Tu não entregô coisa nenhuma. Dexa de alivantá farsco tistimunho.
- Juvencio - Pur essa luz de Deus que eu entreguei, patroa, a senhora não se lembra?
- Generosa - Não. Tu tá fazendo confrontação. Tu entregô pra otra pessoa, pra mim não foi.
- Juvencio - Foi pra senhora, sim, dona Ginirosa. A senhora inté tava assentada aqui, ó.
- Generosa - Eu não disse que tu tava fazendo confrontação? Quem tava assentada aí não era eu, era a dona Celestina. Então vai vê que tu entregô pra ela.
- Celestina - Não vem não, pra mim ele não entregou coisa nenhuma.

- Generosa - Entregô que eu vi, dona Celestina. Foi a sinhora que ficou com o troco que não lhe pertenciu. Entregô ele pro seu Polfírio.
- Porfírio - Como é, o negrinho ficou com o meu dinheiro?
- Generosa - (gritando) Não ficou, não, seu Polfírio, agora é que eu me alembro. ele entregô ele pra dona Celestina. Foi ela que ficou com ele.
- Celestina - Olhe, dona Generosa, para mim não foi, mas eu não me chamo quatrocentos reis está aí o dinheiro.
- Generosa - (aparte) Váu como foi ela? Vê mesmo que se não fosse se ela ia dá. Essa mulhé intê é um pirigo na casa da gente. Pois um dia eu tirei um bibelô meu de dentro da pasta dela, dona Laura.
- Laura - (baixo) Não me diga, dona Generosa!
- Generosa - Tô lhe dizendo dona Laura. Não quero me alivantá daqui si tô falando com a verdade.
- Porfírio - (baixo) Se eu não fizesse barulho o dinheiro não aparecia. (alto) Ah, é verdade, dona Generosa, eu disse que ia levar para casa o café que sobrasse, a senhora foi lá dentro buscar o pacote eu chego em casa a mulher vai abrir e encontra só borra de café já passado.
- Generosa - Não pode sê. Vai vê que tava chovendo, o senhor apanhó chuva, molhó o café e pensô que era borra.
- Porfírio - Como disse?
- Generosa - (gritando) Vai vê que tava chovendo, o senhor apanhó chuva, molhó o café e pensô que era borra.
- Porfírio - Chovendo nada, a noite estava até muito bonita. E^{ta} tava uma noite quente.
- Generosa - E o sr. levô o pacote debaixo do braço não foi?
- Porfírio - Como disse?
- Generosa - O sr. levô o pacote debaixo do braço?
- Porfírio - Decerto, onde é que ia levar?
- Generosa - pois então tá aí, não tava chovendo mas tava uma noite quente o senhor botô o café debaixo do braço, molhó ele. Fui eu mesmo que parei o café pro senhor levá, ele tava sequinho.
- Tudinha - Ó mãe, tu sabe que esse negocio do café e do dinheiro tá muito pau? Vocês não tem falado noutra coisa desde que estamos aqui.
- Sidonio - É verdade. E por falar em café não tomamos o cafésinho hoje?
- Generosa - Hoje eu não vô dá café pra ninguém, seu Si-si-sidoncio. Mandei buscá no almazem e almazem não tem café carioca, pra comprá otro eu não gosto arresorvi não dá café.
- Sidonio - Que pena!
- Generosa - Ué, seu Si-si-sidoncio, o senhor agora tá tirando o direito do seu Polfírio? Ele é que era o isfamiado. Agora o senhor é que tá ficando.
- Pepa - Señora, mi novio pide cafesito porque es agradable tomar-lo aonde quiere que uno estea pero no tenemos necesidad, ni yo ni el, de que usted nos sfresca. Quando salimos de acá vamos a tomar-lo en el café.
- Generosa - Pois é, dona Pepa, mas eu já ispliquei que não vô dá café hoje. Não tinha café carioca no almazem e eu não quiz comprá otro.
- Pepa - Mui bien, señora, mui bien. Nosotros no necessitamos de su café.

- Generosa - Meu Deus, ela não comprende nada do que a gente diz! A gente tá dizendo pra ela que não tem café e ela de-lhe a pidi. (alto) Tá bem, dona Pepa, dispois eu dô.
- Pepa - (aparte) Vas a dar es con la cabeza en la pared.
- Tudinha - Escuta, Laura, o Licurgo já te escreveu?
- Laura - Já. Recebi carta dele hoje.
- Generosa - E não mandô dizê do Sidôca?
- Laura - Não, ele ainda não foi a Lages. De lá é que ele vai mandar dázer alguma coisa. Ele está em Araranguá. Na outra carta talvez eu já tenha noticias para lhe dar.
- Generosa - Aquele cachorro, não veio e não mandô dizê nada pra gente. Eu iscriví um telegrama e ele nem arrespondeu. capalz intê daquele diabo já tê murfido.
- Juvencio - Uredo, patroa, não diz anesim que os anjo póde dizê amen.
- Generosa - Ué, pois que diga eu tô com raizta dele. Tambem se ele morresse a sinhora pensa que eu ia me importá? Eu não. Ficava bem concha. Ele não faz causo de mim eu vô fazê dele? Eu não. Quem muito se rebaixa acontece o contrario.
- Tonico - Nem luto tu botava não é mãe?
- Generosa - Ah não, isso não. Luto eu botava. Botava porque eu gosto tanto daqueles chapau preto com os gais dipindrado, acho tão chics. Era a premera coisa que eu mandava fazê. Eu não sei, dona Laura, mas eu tenho uma paixão por aqueles chapau que ás veiz quando eu encontro uma viuva na rua com aquilo eu chego a tē pena que não seja eu pra pudê usá.
- Tudinha - Deixa o pai chegá que eu vou contar essa pra ele.
- Generosa - Ué, póde contá, tu pensa que eu tenho medo dele?
- Pepa - Nosotros no tenemos culpa que usted se quede ou no se quede viuda. Es mucho mas interesante y agradable hecermos un poquito de musica do que escucharnos toda la noche ese lero-lero.
- Generosa - Sei lá o que é que ela tá dizendo. (alto) É isso mesmo, dona Pepa, a sinhora tem razão eu tambem sou por esse consiguiente.
- Pepa - Asta que un dia parece que me ha entendido. Bueno, entonces mi novio va a cantar una cancion. Hace mucho que no lo oigo cantar e a deseo escuchar-lo hoy.
- Generosa - Pois é, eu tambem acho que a sinhora é que tá com a razão. (baixo) Eu disconfeio que tô me aceltando com ela. É melhor porque eu não gosto de contrariá gente diliriada.
- SPEAKER : - É enquanto o seu Sidonio resolve com dona Pepa o que deverá cantar, escutemos algumas palavras sobre os patrocinadores deste programa. (ANUNCIOS) É agora ouçamos seu Sidonio.
- Generosa - (acordes no piano) Eu não cumprindo o que ela tava dizendo sinão não tinha dexado. É uma coisa palvorosa ovi esse home cantá e dispois é pirigoso essa familia tem a sistema de morrê na casa dos otro, pensa que a casa da gente é necroteria. (Sidonio canta alguma coisa antiga sendo muito aplaudido por todos)
- Pepa - Como es precioso, mi tesoro! Como cantas bien. Yo me quedo entusiasmada quando te oigo.

0070

- Generosa - Fuxa que eu fico tão cansada quando esse home canta que chego a sinti uns tremor aqui no apêndice. (outro tom) Quem é que tá ali?
- Tudinha - Ali aonde, mãe?
- Generosa - No corredor?
- Tudinha - Ué, mãe, tu tá sonhando? Não tem ninguém ali.
- Generosa - Pois eu era capaiz de jurá que tinha. Olhei assim num repentis e dislumbrei uma pessoa.
- Laura - Ilusão de ótica.
- Generosa - Não, dona Laura, uma pessoa.
- Laura - Ah, sim, (outro tom) Vais cantar, Tonico? Estou te vendo do violão na mão.
- Tonico - Vou tocar qualquer bobage.
- Celestina - Isso mesmo, Tonico, toca. Eu gosto tanto de violão.
- Generosa - Pronto, o sapato de alcebispo já se meteu. Ela não pôde passá sem metê a culhé tolta dela.
- Celestina - Meu Deus, que implicancia que essa creatura agarrô comigo! Misericórdia!
- Tonico - Vou tocar.....(diz o que vai tocar. Toca sendo muito aplaudido ao terminar)
- Laura - Muito bem, Tonico, você está ficando um teco no violão.
- Juvencio - Toca um chorinho seu Tonico.
- Generosa - Cala essa boca, negrinho, dexa de te metê. Esse nego tá tão saído.
- Juvencio - Ué, qual é o meu? A senhora memo disse que eu sô o seu filho clan destino, eu tenho o direito de me metê.
- Generosa - Tu vai metê é a tua viola no sacco.
- Laura - Dona Generosa, cante alguma coisa para a gente ouvir. Ha muito tempo que a senhora não canta.
- Bento - É fato.
- Generosa - Tá bão, já que todos tão assistindo tanto eu vô cantá uma ópra. Eu gosto de ópra porque é mais chics. Vô cantá.....(diz o que vai cantar) (é muito aplausida por todos ao terminar)
- Sidonio - Está tudo muito bonito mas de bico seco é que não vai. Vamos embora, Pepinha que ainda vamos passar no café.
- Pepa - Si, si, vamos nosotros. Asta manhã para todos. (todos respondem)
- Sidonio - Vamos compadre.
- Porfirio - Como disse?
- Sidonio - (gritando) Vamos embora.
- Porfirio - Ah, está na hora, sim. Boa noite para todos. (tosos respondem)
- Sidonio - Boa noite, até amanhã. Quando escrever para o seu Sidôca dê recomendações minhas.
- Generosa - Muito obrigadinho seu Si-si-Sidoncio. Farei presente. Inté amanhã, se Deus quizé, vá com Deus, e a Virge. (passos que se afastam)
- Celestina - O sr. tambem já vai, não é seu Bento?

- Bento - É fato.
- Celestina - Então vou aproveitar a sua companhia, o sr. vai para o mesmo lado não é?
- Bento - É exato.
- Celestina - Está bom, então até amanhã para todos. (todos respondem passos que se afastam)
- Generosa - Vai, vai largatixa. Esse diabo ~~axxxxxxxxx~~ é vê a morte empé. Vai tão digera e miudinho que é vê um pé de tico-tico. Criatura intepatica, Cruz!
- Laura - Bom, dona Generosa, eu também vou andando.
- Generosa - Já, dona Laura? Bica aí mais um macado.
- Laura - Não, depois fica muito tarde para eu ir sosinha.
- Generosa - O negrinho acompanha a senhora.
- Juvencio - Não posso, dona Ginirosa, eu tô com a carga bombardiada.
- Laura - Não é preciso não. Eu vou sosinha. Até amanhã, Tudinha.
- Tudinha - Até amanhã, Laura.
- Laura - Adeus, Tonico.
- Tonico - Quéé que eu vá levá a senhora?
- Laura - Não. que esperança, não é preciso. Boa noite, Juvencio.
- Juvencio - Inté minhã, dona Larua.
- Laura - Boa noite, dona Generosa.
- Generosa - Orrevoir, dona Laurá. Andéz vitis que é pra chegá mais cedô.
- Laura - (sai rindo) É, vou depressa, sim.
- Generosa - Negrinho, acompanha a dona Laura e fecha a porta. (passos) Tá bão, agora vamo tomá o nosso café e se deitá.
- Juvencio - (gritando de longe) Patroa, acia aqui o seu Suldo qué intfa otra veiz.
- Generosa - O que é que esse home qué, home de Deus?
- Forfirio - (falando longe) Isto nao é idreiro. É uma verdadeira vigarice, deram-me quatrocentos reis de chumbo e eu fui obrigado a descer do bonde. O condutor não aceitou.
- Generosa - (gritando pra longe) Não desa ele intfa não negrinho. Eu não tenho nada com isso que o sinhero seja de chumbo. Quem deu o dinheiro pra ele não fui eu, foi a dona Celestina. Ele que vá arseclamá na casa dela. (natural) Misericórdia! A dona Celestina tem corage! Rôba o dinheiro do vivente e ainda paga com dinheiro fingitivo! Vamo se sem velgonha mais assim também não!...

Característica forte para o fim do programa.

Generosa - O diabo dela! Adonde é que nós temo? Então tem cabimento essa mulher vim aqui me tomar satisfação? Por acaso ela tem esse direito? Di mais a mais vim bate boca comigo na minha casa, dizendo que eu tinha levantado farsa, tistimunho do carati dela. Ora, dona Celestina, a senhora dexe de cunvelsa fiada, é o que é. A senhora gosta muito de cunvelsa mais eu não gosto. Aleis nunca fui inducada nesses ambiente. ~~XXXXXX~~ O meu pai sempre foi muito caprichoso, muito pachola na inducação que dava pros filho dele, não pense a senhora que nós fomos criada assim como cachorro sorto na rua, como muita gente que eu cunheço.

Celestina - Se isto é comigo não me atinge, porque eu tive doze anos de collegio.

Generosa - Pois olha, dona Celestina, não parece. Uma pessoa que teve esse tempo que a senhora tá dizendo de culejo, não faz os papel triste que a senhora faz.

Celestina - Que papéis tristes? A senhora me diga que papel triste que eu fiz porque eu não sei.

Generosa - Mas então eu tô aqui muito concha na minha casa, a senhora vem me tomar uma satisfação e depois ainda faz essa cara de ~~XXXX~~ anja a pergunta que papel triste que a senhora fez? Ora, dona Celestina, vai tomar banho que é melhor.

Celestina - Mas então a senhora me acusa de uma falta que eu não cometi e eu hei de ficar calada? Eu não vim lhe tomar satisfação, vim lhe dizer que a senhora estava enganada, que não fui eu que fiquei com o troco do seu Porfirio.

Generosa - Não foi o que, dona Celestina? Que diz pra mim? Óis dona Celestina, eu não naci anti, saba? A senhora é muito espelta e tereré e massada, mas pra cima de moas não. Aleis é o que dá a gente trazê gentinha pra a casa de luxo da gente.

Celestina - Dona Generosa, a senhora veja que a senhora está me ofendendo.

Generosa - Pois to, eu sei que to. Tô dizendo de propósito pra lhe ofende. Quem sabe não gosto? Se não gosto já sabe qual é o impelhativo. As verdade, dona Celestina, a gente tem que dizer, se pessoa goste ou não goste. Eu só assim: comigo não tem cure-cure. É pão pão, queijo queijo. Depois já é demasiada as coisa que ~~XXXXXXXXXX~~ que a senhora faz.

Celestina - O que é que eu faço, dona ~~XXXXXXXXXX~~ Generosa?

Generosa - Mas credo! A senhora ainda tem o caradurismo de criança, dona Celestina. Então a senhora acha pouco vi pra casa da gente pra fica com os perculho dos otro sem té necessidade disso? A senhora precisava fica com o troco do seu suido? Fazê velgonha por uma miussalha dum troquinho miudo? Óis, dona Celestina, a gente quando tira tira logo coisa que se apruveita não é uma polcaria que nem da pra nada.

Celestina - Mas eu não tirei, creatura de Deus, não fui eu.

Generosa - Foi a senhora, sim, eu vi, agora que disse que não foi? E depois ainda um dinheiro fingitivo pro pobre do vivente, faze o vitimo passa velgonha e té que adece do bonde a ainda vim ba casa da gente incomoda a gente a quere que a gente trocasse um dinheiro que a gente não tinha nada que vê com isto.

Celestina - (com voz de choro) Dona Generosa eu entrego nas mãos de Deus. Eu nunca me sujei com as coisas que não me pertencem fique sabendo, mas quando o seu Sidoca chegar eu vou contar tudo para ele. (Chora)

Generosa - Cale essa boca, dona Celestina. Que conta pro Sidoca pôde conta. A senhora pensa que eu tenho medo, é? Quem sabe a senhora pensa que ele vai acora dita mais em mim do que na senhora? Era só o que tartava. Pra isso eu só a senhora mesmo. Eu vi. Ninguém me conto. Quem viu fui eu com esses olho que a terra é de cumo.

Celestina - (chorando) Nunca me aconteceu uma coisa dessas mas eu entrego nas mãos de Deus.

Generosa - Pois entregue nês mão de quem a senhora quizé porque pra mim tanto faz. E vamo dexa dessa bobage de choro porque pra mim essas fita não adianta. E sabe, dona Celestina? (Celestina funga tres ou quatro vezes) Leva ai a funga esse nariz de fincao. E vé a Intalia Pausta do cinema. ~~XXXX~~ A senhora dava pra artista. Pensa que eu tô acriditando nesse choro? Eu tenho muitos ano de Gilco, dona Celestina. (Passa que se aproximam)

Tudinha - Ué, o que é isso? Porque é que a dona Celestina está chorando?

Celestina - A dona Generosa lavento uma colunia. (Chora)

Generosa - (forte) Mentira. Neo alivantei colunia nenhuma. Ela tá fazendo fita, é o que é. Fita cumigo não adianta. Quando eu quero vé fita eu vá no cinema. Pago dois mirreis mas vejo fita que devolve a gente, não é fita que incomoda.

- Tudinha - Mas afinal de contas o que houve, mãe?
- Generosa - O que houve foi que ela veio me tomar uma satisfação de mim...
- Celestina - Eu não vim tomar satisfação...
- Generosa - Veio. Eu tava aqui dando a lição de franceiz pro negrinho... Tá aí o negrinho que não me deixa minti. Não foi negrinho?
- Juvencio - Eu não sei, não. Vocês são branco que se entendem.
- Generosa - Tá aí, viu? O negrinho tá confortando. Eu tava dando a lição de franceiz pro negrinho ela vem entrando assim na casa da gente, sem pidi licença, sem nada, ~~xxxx~~ como a casa da gente fosse a casa da mãe Juana, e vem dizendo que eu tinha mintido pro seu suldo que ela que tinha ficado com o troco dele e que era mentira...
- Tudinha - Mas meu Deus do céu! Ainda é aquele negocio do troco do café? Barbaridade isso já tá chato. Vocês não tem outro assunto pra conversar? Sabe o que mais, dona Celestina? A sinhora não faça caso das bobage da mãe. Vamo lá pra sala, venha se divertir, vamo. (Passos que se afastam. Afastam do-se) A sinhora já sabe como a mãe é inda vai liga as cousas que ela diz.
- Generosa - O disaforo dessa otra. Foi pelo lado do caltucho. Será que ela pensa que fui eu que fiquei com o troco do home?
- Juvencio - (baixo) Patrão, cá entre nós que ninguem nos ova, mas foi a sinhora mesmo. Foi pra sinhora que eu entreguei ele. Eu me alembro.
- Generosa - Pra mim nada negrinho tu tá loco? Tu até é disaforado. Quando que tu me entrego? Tu tá sonhando? Si tu não tá sonhando tu tá bebudo ou então tu é muito semvelgonho.
- Juvencio - Patrão eu me alembro, patrão! Jurô pur essa luz de Deus. Quero que um raio me palta de meio a meio se não foi pra sinhora que entreguei. Quero cá muito nesse ~~xxxx~~ repentis.
- Generosa - Não foi, negrinho, tu tá fazendo confrontação.
- Juvencio - Não tá, dona Gidrosa. Eu sei que foi pra sinhora que eu entreguei. Eu até me alembro que ia entrega pra ele e a sinhora foi e me chama e disse que eu não acordasse ele que ele tava drumindo e garró fico com o troco pra entrega pra ele quando ele se acordasse.
- Generosa - Pois é, e entreguei.
- Juvencio - Oriessa, si a sinhora tivesse entregado o home não ia fazê baruido pur causa do troco que ele não tinha arricibido.
- Generosa - Entreguei, sim, negrinho, eu me alembro.
- Juvencio - Pois intão a sinhora não divia reclama da dona Celestina. Se a sinhora entrego pra ele...
- Generosa - Não, eu não entreguei pra ele. Eu disse assim: óia, seu Polfirio, tá aqui o seu troco. Agarrei butei ele em cima do piano. ~~xxxxxxxxxx~~ A dona Celestina viu eu buta, passou a mão nele digero.
- Juvencio - A sinhora divia tá falado na mesma horinha que era pra dismascaraliza ela.
- Generosa - Pois é, não o quiz fazê, fiquei com pena. É uma mulhé velha, de cabelo branco a gente deve de arrespeita a infiliza. Agora despois queré tira uma satisfação da gente duma coisa que a gente sabe que foi ela, isso é disaforo, isso é queré fazê os otro de besta e a mim ela não faz. Pra me fazê de besta ela precisa nacê otra veiz. Ah precisa. Que precisa precisa. Dispois se ela tivesse tido geito pra fala com a gente. Tivesse chegado com gentilidade a gente acomodava as coisa sem fazê velgonha. Mas queré vi arrogante, grita com a gente na casa da gente é disaforo. Porque eu sempre digo: Eu só uma cobra de boa, mas não me pisem no rabo.
- Juvencio - Na calda, patrão, rabo não se diz.
- Generosa - Aleais eu digo como quize. Quem sabe tu também agora vai queré me insinua a fala? Tu não te enxelga? Nem tu nem ninguem aqui tem competente pra mi insinua. (Pausa) O disaforo dela só! Deus que me perdoe, mas é velha muito descarada! Faz as coisa dispois que nega pra gente! Só se eu já não conhecesse ela das casa velha. (Passos que se aproximam) Gunheço muito bem a fama dela.
- Tonico - O que é, mãe, o que é que tu tá aí resmungando?
- Generosa - A dona Celestina! Tira o troco do seu Polfirio dispois que contradizê.
- Tonico - Mas pelo amor de Deus, mãe! Tu ainda tá falando nesse troco?
- Generosa - Tô falando e é de f. la enquanto tivé vontade. Eu fico furiosa quando as peasso que me fazê de boba! Tudo eu aguento, menos me fazê de boba.
- Tonico - Pomba! Por causa de uma porcaria de quarenta centavos vocês falam nisso ha mais de quinze dias! Repagaio! Nem eu que sou um pronto.
- Generosa - Falo porque ela que metê pra mim as culpa que não reguer. Eu não transpero, o que é que ela tá pensando?
- Tonico - Olha aqui, mãe, deza esse negocio do troco do seu Polfirio que isso até já tá com chero ruim e vamo lá pra sala que é muito melhor pra ti.
- Generosa - Agora não vô, primero vô trini a lição de franceiz do negrinho que eu ainda não trimeinei. Dispois eu vô, quando me dé da Veneta eu vô.
- Tonico - Pois acaba com esse negocio e vem duma veiz. Imagina agora o negro arrependendo franceiz. E com o franceiz da mãe ele vai ~~xxxx~~ muito.

- Generosa - Tu tá dizendo isso pra debox- do negrinho, é? Pois fica sabendo que ele tem mais cabeça, mais ideia do que tu e a Tudinha. Vocês são uns burro. Nem parece meus filho. Vocês saiu foi ao Sidoca. A mim é que não foi. Ideia não me falta.
- Tonico - Não, não falta. Sobra. Sobra que chega a derrama. É: por isso que tu toda a hora tem um baxo pra dá.
- Generosa - Vocês fala e de inveja do negrinho. Mas deixa tá que quando ele principia a fala e a deduzi o franceiz vocês não de fica com vergonha. A cara de vocês é d' cai no chão.
- Tonico - Se ela cai eu levanto e bôto no lugar. É o que menos custa. Quando o corpo cai eu levanto que é mais pesado porque é que não vo levanta a cara!
- Generosa - É porque vocês não tem velgonha. E quem não tem velgonha com ferro será virido.
- Tonico - (rindo) Não, mãe, tu bolou as troca. O negocio é assim. Quem não tem veí-gonha todo o mundo é seu.
- Generosa - E o que foi que eu disse?
- Tonico - Tu disse quem não tem vergonha com ferro será ferido.
- Generosa - Pois então, não tá certo, pur acaso? Com ferro será firido, sim senhor.
- Tonico - Isso é otro ditado, mãe. "Quem com ferro fere, com ferro será ferido".
- Generosa - E eu disse deferente, Tonico? Não foi isso mesmo que eu disse?
- Tonico - Foi, mãe, foi iss mesmo que tu disse. Tchau! (Passos que se afastam)
- Juvencio - Dona Gineirosa, não é milho nós pra a lição?
- Generosa - Não tem nada que para. Tem que dá até o fim. Tu já tá argariado, já?
- Juvencio - Não é argariado, patroa. É que foi tanto do bate boca que eu inte peldi a vontade de perssigui.
- Generosa - Pois é, mas tu vai perssigui com vontade ou sem vontade. Anda dum veiz. principia/ daqui.
- Juvencio - O franceiz já é uma coisa difirei e depois que fôge o sentido da gente a gente já não pode acelta mais.
- Generosa - Não tem nada de difícil. Lê o que tá escrevido, olha pra figura e diz o que a figura amostra. Mais ferci não pode sé. Vamo, vamo vé.
- Juvencio - (lendo) Le li... vre. O livro.
- Generosa - Tá aí. Que difícil. Muito difícil. Perssegue.
- Juvencio - Le pen... cil. O lapir. Le ta... ble... au - a mesa. La fe... né... tre. A vizeniana. Le so... le... il - o sol. La ly... né - a lua. La te... te - a cara. Le oi... se... aux - o tico tico. Le chá - O tigre.
- Generosa - Tá enrado, não pode sé.
- Juvencio - É o que tá pintado aqui. Veja si não é um tigre.
- Generosa - É, mais tá enrado, tá O nome tá dizendo. Le chá é o chá. Ah já sei. xani Eles trocero as figura. Aqui tá uma chicra, ó. xixaxaxaxá a chicra é que era pra tá no chá.
- Juvencio - Nesse gaugo também ficava enrado, porque o chá é que tinha que tá na chicra, não é a chicra no chá.
- Generosa - Tu é burro, nego, tu não entende as coisa que a gente dig. A chicra é que era pra tá nas letra do chá. Ai adonde tá o tigre era tigre. Perssegue.
- Juvencio - Les e... to... i... le (repetindo) Les ato-i-le. As/ estrelinha. Le cis... el... as núvi.
- Generosa - Que núvi, negro, que núvi? Le ciél. A abóbora contrelada. O filamento, a casa de Deus. Quando será que tu vai aprende, inguignorante? Tá bom as figurinha já tá. Agora vamo diduzi. Eu só quero vé. Não tem figurinha. Tu tem que puxa pela ideia. Lé.
- Juvencio - (lendo) Le livre de cé-te enfante é tres jaií jo-li.
- Generosa - (repetindo) Le livre de sete enfante é tres joli. O que é que qué disé?
- Juvencio - (repetindo a meia voz) Le livre de sete enfante é tres joli. (alto) O li-vro do elefante é tijolino.
- Generosa - Que nego inguignorante! Tu até parece mente capo. Olha, nego, bota sentido. As palavra tão dizendo o que é que é. Le livre de sete enfants é tres jo-lis. O livro de sete infantes é tres bunito. Vamo vé aqui.
- Juvencio - (lendo) Le cha... le... ur de le... te. Le chaleur de fatax lête.
- Generosa - Chaleur não, não seja burro. Le chalér.
- Juvencio - (repetindo) Le chalér de lête. (Pausa. Repete baixo. Alto) A chalêrça do leite.
- Generosa - A chalera do leite? Não, deixa vé. (lendo) Le chalér de letê. Chalera do leite adonde, negrinho? Le chalér de lête. O Chalé do leitero.
- Juvencio - Foi só até aqui que a sinhora passo.
- Generosa - Não foi nada, deixa de tá mintindo. Era treis offásias pra deduzi. Tu só diduziu duss. Farta um. Anda, perssegue.
- Juvencio - (suspirando) Ai minha nossa sinhora! (lendo) Le mem ... dro... it dans la mem gauche. (repete a frase baixinho) Isso eu não sei, patroa isso eu não istudei. Eu pensei que era só até aqui.

- Generosa - Bota sentido, negrinho, tu não tá botando sentido. (lendo) La mem dorrit dan la mem gaúche.
- Juvencio - (repetindo) La mem dorrit dan la mem gaúche. (Pausa. Não sei dona Gínerosa.
- Generosa - Tu é mesmo um malfabeti. A mãe da Rita dando na mãe gaúcha. Tá tão claro a gente tá vendo. Tá entrando nos olho da gente. Na vez que vem tu vai arripiti essa lição que tava muito enrrada hoje e vais istuda mais esse pedaço.
- Juvencio - Sim sinhora, eu istudo.
- Generosa - E agora vai lá pra dentro que eu vô pra sala atendê as visita. ~~xxxxxx~~ Premero eu vô passa um pentis no meu cabelo que os meus bucre tá tudo se derretendo e iscurrégando pelo pescoço. A gente não se pentiando nos prostituto nunca os pentiada sai bem feito. Puxa! Tomara que o Sidoca vorte dum vez pra gente té dinheiro otra vez pra gastar. Tenho uma rai-va da miseria, nunca cunhici miseria na minha vida. Tá baa, dexa i lá.
- SPEAKER:** - E enquanto dona Generosa vai passar um pente nos cabelos para depois at-tender as visitas, escutemos alguma coisa sobre os que nos oferecem este programa. (Faz os anúncios) E agora na sala de visitas de dona Generosa, com toda a turma reunida.
- Laura - Não yá dizer nada á dona Generosa, Tudinha. Eu menti que o Licurgo ain-da não tinha estado em Lages porque não quiz fazer encrenca.
- Tudinha - É não vale a pena. É: melhor ela não ficar sabendo.
- Tonico - Sim senhor, bein? O velho tá me saindo melhor do que encomenda.
- Celstina - Deixa o coitado gosar a vida.
- Laura - É, mas a gente pode gosar a vida sem ser semvergonha. A coitada aqui es-perando por ele e ele lá se refestelando com a tal franceza que levou daqui. Eu sou muito condescendente mas neste ponto não. Isso é canalhada
- Tonico - Tá pra nos agora. Quando o velho chega se ele não vie com a gaita ele vai vé. Agora é que eu vô arruveita um pedaço.
- Tudinha - Ah eu tambem. De saída ele vai me compra um maiô e um pijama de praia.
- Tonico - É mesmo, boa ideia. Tambem vô pidi um calção. O meu tá velho pra xuxu.
- Sidonio - Pobre do seu Sidoca. Desta vez ele está roubado.
- Laura - Ingraçado. Roubados estão os filhos e a mulher. Ele gasta com as outras o que devia gastar com a familia.
- Pepa - Bueno, senora, mi nobio no le ha dirigido la palabra.
- Laura - Eu sei que ele não me dirigiu a palavra mas eu quiz responder e agora?
- Pepa - Usted es una viuda asañada. Cuando los hombres hablan usted no puede dejar de contestar para llamar la atencion sobre "su belleza". Eso es la verdad.
- Laura - Olhe, dona Pepa: agora o Licurgo não está aí para não me deixar falar, ouviu? A senhora não pense que ha de dizer tudo o que quer sem ter o troco, ouviu? Eu lhe darei o troco fique sabendo. (gritando) Eu lhe darei o troco.
- Porfirio - (alto) Ah! então foi a senhora que ficou com o meu troco! E eu a recla-mar da dona Generosa. Então vamos a ver, passe-o pra cá.
- Laura - (alto) Ora seu Porfirio não me amole, ouviu? Eu não estou falando com o senhor. Não falei com o senhor. Foi com a dona Pepa.
- Porfirio - Foi a dona Pepa? Mas será possível que a senhora, dona Pepa...
- Pepa - Calle-se imbecil. Usted no sabe lo que está diciendo. Nosotros no esta-mos hablando con usted. Estamos hablando cosa mui diferente. Habla-le queridito. Deci-le que no estamos hablando con el. Una ya está nerviosa por las insolencia que escucha y viene este idiota a decir tonterias que nada tienen que ver con el assunto.
- Sidonio - Eu vou dizer a ele, Pepinha, mas não te incomodes pelo amor de Deus. Tu sabes que quando tu te aborreces eu fico tristinho. Eu vou dizer mas a ele mas não discute mais se me tens amizade.
- Pepa - Si, si, amorzito, perdona-me.
- Sidonio - Compadre! (gritando) Compadre!
- Porfirio - O que foi que houve?
- Sidonio - A Pepinha não está falando com você.
- Porfirio - Como disse?
- Sidonio - (gritando) A Pepinha não está falando com você.
- Porfirio - Nem eu com ela, ora esta é boa! Eu estou calado.
- Bento - É fato.
- Pepa - Calle-se la boca, Don Bento. Usted no se meta adonde no es llamado.
- Sidonio - É exato.
- Tudinha - E a todas essas a mãe não aparece. O que é que ela tá fazendo?
- Tonico - Tá dando lição de franceiz pro negrinho.

- Sidóca - Francamente, Generosa, então isso é maneira de receber a gente? Dizer uma porção de barbaridades na frente das visitas e ainda por cima quando eu vou lhe beijar você me dá um empurrão!?
- Generosa - Dei e tá muito bem dado. Divia de te dá era uma bufetada bem dada nessa cara dislavada. Tu acha que não é geito de te arrecebê, não é? E eu vou te pergunta si é geito tu dexa a gente aqui quagi treis meiz no oriveja. A gente percisando de café, de assucrí, de feijão, de arroz, uma porção de conta pra paga e tu sem manda dinheiro nem manda dize quando ia chegá.
- Sidóca - Mas eu escrevi, Generosa, eu não tenho culpa que a carta tenha se extra viado.
- Generosa - Que astravazado nem istravazado. Tu é é um semvelgonha é o que tu é. Ti bota lá pra Lage, arrecebe o dinheiro, dispois te para a gasta, com a barriga bem cheia, o bolso bem arrichado de dinheiro e os vitimo aqui que se arranje, que coma pedra. E eu não vou fica chocosa? Tenho que fica. Vou arrecebê os teus beijo? Eu não, não quero teus beijo.
- Juvencio - (cantando) Não, não quero mais teus beijo, pois sinão eu morrerei...
- Generosa - (violenta) Caminha timbora daqui (ruído de passos disparando) nego semvelgonha e disabusado. Vem te metê a faze dibique da tua patroa que tu vai ve como eu te estralo os dedo na cara que te viro a cara pras costa, miseravi. Tu viu? Tu tá vendo só? Tu lá gosando os dinheiro e gastando eles, eu aqui aturando esse nego marvado e os filho marcriado que tu bote no mundo pra me dá trabalho. Porque tu dimoró tanto, velho disabriado?
- Sidóca - Porque estava esperando receber o dinheiro, Generosa.
- Generosa - Tava esperando, não é? E que de o dinheiro? Adonde é que ele tá?
- Sidóca - Está ~~maxxama~~ depositado no banco.
- Generosa - Que dispositado no banco, eu quero vê o dinheiro é aqui na minha mão.
- Sidóca - Pois amanhã você vai ao banco e retira.
- Generosa - Quem é? Quem é que vai se arretirá, eu? Pois sim! Pois sim! Tu casô cumigo tiro eu da casa do meus pai adonde não me fartava nada e agora tu manda eu-me arretirá? Tu até é loco. Si tu não é loco é semvelgonha. Tu é de aguenta cumigo o resto da tua vida que é de se o teu castigo.
- Sidóca - Mas eu não disse para você se retirar, creatura.
- Generosa - Disse. Disse. Tu até mintiroso tu vortô lá das Lage, é? Então tu não disse que era pra eu arrecebê o dinheiro e me arretirá? Tu não acabou de dize isso, solprendente?
- Sidóca - Você não compreendeu o que eu disse. Eu disse que amanhã você vai ao Banco e retira o dinheiro. O dinheiro foi o que eu disse.
- Generosa - E que banco é esse? Adonde é esse banco?
- Sidóca - Eu levo você lá, não se preocupe. Faz-se o cheque e retira-se a importância.
- Generosa - Que cheques nem cheques. Eu não faço cheques nenhum, não quero sabê de cheques. Eu vou lá, arreclamo o dinheiro, agarro ele na minha mão e trago pra casa. E se eles não o quize me dá o dinheiro quem vai paga ele é tu mesmo. Quanto é que eles tem que me dá?
- Sidóca - Doze mil cruzeiros. O preço que se vendeu a casa.
- Generosa - Eu dispois vou pergunta si foi isso. Tu pensa que tu vai me levá de cum-padre, é? Pois sim. Tu me leva mais custa. (Passos que se aproximam)
- Tudinha - Mãe, tá se ovindo as tuas gritaria lá da sala. Ve se acaba com isso.
- Generosa - Tá se ovindo, não é? Pois que se ova, tu pensa que eu me impulto? E tu fica sabendo que eu não aguento que voceis venha dá exemplação pra mim, tá ovindo? Voceis não se enxelga. Caminha vai timbora pra lá que ninguem chama tu aqui.
- Tudinha - Puxa mãe, que tu tá de amargá. A chegada do pai em vez de melhorá veio te atucana ainda mais. Va saindo. (Passos que se afastam)
- Generosa - (falando para longe) Vai saindo tu, marcriada, arritinida, intreduzida. Vai saindo tu que ninguem te chama aqui. Aparece mais aqui que tu vai vê.
- Sidóca - Generosa, vamos acabar com o barulho. Tu já expliquei a você o motivo da demora, vou entregar o dinheiro a você amanhã, agora ponha os resentimentos de lado, dê-me um beijo e vamos acabar com essa briga sem motivo.
- Generosa - Sai daqui, sai daqui. Não do bejo nenhum. Uns bejo muito isqueroso, cum chero de palha de fumo. Sai-daqui que eu não quero os teus bejo.
- Juvencio - (cantando a certa distancia) Não não quero mais teus beijo...
- Generosa - (gritando para longe) Nego semvelgonha e discarado! Tu não abusa comigo, diabo do infelno. Oia que eu já tô com os meus melvo bem atucicado. Si eu te matá de bulduada dispois tu não vai te quezá. Tu sabe que eu não só de brincadera.
- Sidóca - Deixa, Generosa, não te incomoda.

- 000
- Generosa - Dêxa porque não é de ti que ele tá fazendo iscálmio. Si fôsse eu quiria vê. Tu não tá comprendendo que ele tá cantando isso pra me diboxá? Dêxa a visita sai que ele vai me paga. Si ele vai cantá com vontade.
- Sidóca - Escuta, Generosa, eu vou tomar um banho e mudar a roupa depois vou lá para a sala.
- Generosa - Quem é que vai tomá banho a essa hora da noite? Tu tá loco? Vai tomá banho nenhum.
- Sidóca - Mas eu estou muito suado, muito cheio de pó.
- Generosa - Passa um pano seco que tira. Vai tomá banho nada. Eu tô aí pra dispois dá uma pontada da pulmonia e eu ainda tô que te aguenta em cima da cama? A farta de banho nunca feiz mal pra ninguém. Tu não vai tomá banho nenhum. Vai e te assucega.
- Sidóca - Então ao menos vê os chinelos para eu botar. Os meus pés estão doendo muito.
- Generosa - E eu é que vô sabê adonde tu botô os chinelo?
- Sidóca - Estão ali naquela valise.
- Generosa - Tão adonde que tu disse?
- Sidóca - Naquela valise.
- Generosa - O que é isso?
- Sidóca - Isto aqui, Generosa.
- Generosa - Ah, mala agora ~~mala de nome~~, é? Não sabia. Isso na minha terra toda a vida se chamô de mala agora tu vem das Iage com nome deferente, só se é lá que se chama como tu disse porque aqui não se chama. Como é que tu disse?
- Sidóca - Valise, Generosa. Mala pequena chama-se valise.
- Generosa - Outra que eu não sabia! A gente vai ficando velha e sempre tem que aprendê. (Chamando) Negrinho, oh negrinho, vem cá, tu não ouve?
- Juvencio - (de longe) Já vô, dona Ginirosa, já tô indo.
- Sidóca - Não era preciso chamar o negrinho. Então deixa que eu mesmo vejo.
- Generosa - Vê nada. Pergunta pra que que a gente tem o lacraio.
- Juvencio - Tô aqui, dona Ginirosa. O que é que a sinhora cordena?
- Generosa - Eu já te disse que é pra tu me arresponde em franceiz que é pra tu aprendê.
- Juvencio - Eu não sei, patroa, eu não sei como é que se diz isso em franceiz.
- Generosa - Quêsce que se que sa. Assim é que tu tem de dizê.
- Juvencio - Quem si quize coça.
- Generosa - Abre as variz do Sidóca e percura os chinelo dele que ele que butá.
- Juvencio - Como é que eu vô abri as variz do proximo dona Ginirosa?
- Generosa - Abrindo orieessa. Pega aquela piquininha ali que ele disse que os chinelo são ali.
- Juvencio - Ah as variz que a sinhora disse é as mala?
- Generosa - É inguinorante. Então tu não sabe que pula fonétia mala pequena é variz? Não sabe aprende que é pra dexá de se burro.
- Juvencio - Essas branco tem cada idioma!... I, tá dura éssa trinca, qui varise mais dura de se abri... (ruídos) Pronto. Chi... que pervadera dentru dessa mala... tudo arrevirado... tá difícil de se acha... decha vê aqui debaxo... Ué... qui é isso meu deus! Será que o patroa tá usando essas coisa! Eu acho inté qui o sinho si engano di varise, qui essa varise não é do sinho...
- Generosa - Dêxa eu vê isso aqui, negrinho. Isso é ropa de mulié, Sidóca!
- Sidóca - (atrapalhado) Ropa de mulher!? ...É, é ropa de mulher...
- Generosa - Qui é ropa de mulié sei eu, não precisa tu dizê.
- Juvencio - É inguel as que a sinhora use, não é patroa?
- Generosa - Argum dia andei te amostrando pra tu sabê?
- Juvencio - Não, a sinhora nunca amostrô, mais eu tô cansado de vê dipindurada lá na celda do quintal. Só qui são mais cumpridas e a cor é deferente.
- Generosa - Cala essa boca nego mitido. Não te mete e não me atrapaia. Dêxa eu me entendê com o Sidóca que nós temo muito que se entende. Caminha vai timbora lá pra dentro.
- Juvencio - Já tô indo, patroa, não precisa gritá. (saindo) Tá vendo que a gente tá indo e tá man'ando. Pobre do patroa! Hoje vai tê!
- Generosa - Vamo vê, Sidóca, vamo vê, como é que essa ropa foi para na tuamala? Tu tem que arresponde sem pensa. E se tu não arresponde direito tu vai vê o iscandulo que eu vô fazê. Si eu nunca te dei na tua cara hoje vô te dá. Mas vô te dá na frente das visita. Leve a ropa pra elas vê, dispois te esfrego ela na fuça e dispois perparo elas bem perparada com muito tape, muito bufetao. Vô te dá inté guspida, tu vai vê.
- Sidóca - Para que tanto barulho, Generosa a coisa é muito simples.
- Generosa - Pois si é simpli arresponde duma veiz e não impata.
- Sidóca - Foi um presente que eu comprei pra ti em Santa Catarina.
- Generosa - Mas tu não foi em Santa Catarina, tu foi nas Iage, que bobage é essa?
- Sidóca - Pois e Iages onde fica, generosa, não fica em Santa Catarina?

- Generosa - Não tem nada disso. Não vou dar as tuas tapiaçõ não que a mim tu não me tapeia. Iages é um paizo e Santa Catarina e outro paizo deferente.
- Sidoca - Você quer se convencer do que eu digo? (Chamando) Dona Laura, oh dona Laura a senhora quer fazer o favor,
- Laura - (de longe) Este me chamando seu Sidoca?
- Sidoca - A senhora faz o favor de chegar aqui um pouquinho?
- Generosa - Praque que tu foi chama logo a dona Laura. Porque que tu não chamô a Tudinha?
- Sidoca - Você podia achar que a Tudinha nã o sabia. (Passos que se aproximam)
- Laura - De licença? O que foi ~~anaxax~~ seu Sidoca?
- Sidoca - Eu queria que a senhora me dissesse aqui pra Generosa onde é que fica a cidade de Iages, em que estado fica.
- Laura - No estado de Santa Catarina. Porque?
- Sidoca - Porque eu já disse pra ela e ela não acreditou. Está desconfiada.
- Laura - É sim, dona Generosa. Iages fica em Santa Catarina. Era só isto?
- Sidoca - Era, dona Laura, muito obrigado.
- Laura - Esta bom deixa eu voltar para a sala. Com licença. (Passos que se afastam).
- Sidoca - Está aí, viu? Agora está satisfeita? Gostou do presente? Nem me disse nada.
- Generosa - Tu não tinha otras mais curta pra trazê? Espera aí, Sidoca. Essa roupa tá com chero de roupa que já foi usada. Vê, chera. Agora vai me dize que não.
- Sidoca - É... está, sim... Bem é que... é que veio na mala misturada com a roupa usada ficou com esse chero.
- Generosa - Nem um papel de envelope, enrolando o presentis nem nada.
- Sidoca - É que eu comprei de um viajante... era do mostruario dele. Ele não tinha papel na ocasião eu botei dentro da mala.
- Generosa - E isso aqui o que é?
- Sidoca - Ah isso é pasta de dentes. Mas deixa isso aí e vamos pra sala que as visitas estão esperando.
- Generosa - E tu vai pra sala assim de chinelo, home? Isso é um dismanzelo, uma falta de poetismo. O que é que essa gente vai dize?
- Sidoca - Ora, Generosa, são todos de casa, sabem que eu cheguei de viagem, cansado, ninguem vai reparar.
- Generosa - Escuta aqui, home, tu jantô?
- Sidoca - Não jantei mas na o tenho fome. Quando fizerem café pras visitas eu tomo.
- Generosa - Quando fizerem café? Então dá dinheiro pra mandá buscé que não tem. A gente andava aqui numa osencia de dinheiro que era uma tristeza!
- Sidoca - Aqui tem vinte cruzeiros.
- Generosa - Xave. Dispois eu vo fica com o troça que tem muita coisa que farta a gente compra. Vai pra sala que eu vo manda o negrinho compra o café e dispois vo pra la.
- SPEAKER** - E enquanto dona Generosa vai dar ordens ao negrinho para comprar um pacote de Café Carioca e seu Sidoca dirige-se arrastando os seus chinelos para a sala de visitas, escutemos duas palavras sobre os patrocinadores deste programa. (FAZ OS ANUNCIOS) E agora vejamos o que se passa na sala de visitas de dona Generosa.
- Celestina - Eu estava aflita que o senhor voltasse, seu Sidoca.
- Sidoca - É, dona Celestina, porque?
- Tonico - A senhora estava com saudades do pai, é?
- Celestina - Para fazer queixa da dona Generosa.
- Sidoca - O que foi que a Generosa fez?
- Celestina - Tem me maltratado muito.
- Sidoca - Agora, quando ela vier lá de dentro eu vou perguntar a ela como é isto.
- Tudinha - Uma coisa horrerosa, Pai, tu nem imagina. Fez a coitada chorar na quarta feira passada. (Passos que se aproximam)
- Sidoca - Ó Generosa, que historia é essa? Diz que você tem maltratado muito a dona Celestina?
- Generosa - Mentira dela.
- Sidoca - Ela estava me contando aqui. Disse que você fez ela chorar na quarta feira passada...
- Generosa - Ora chora! Chero fingitivo que nem a Intalia Fausa aquela comica do cinema. É xã a Intalia Fausa nos seus dia. Tambem ela faiz uma cara que parece o demonho. Só tu vendo, Sidoca, a cara que ela faiz. Si ela se olhasse num espelho ela nunca mais se alebrava de chorá perante o publico. Dispois um chero assim em casa de familia não requer.
- Celestina - Chorei porque fiquei sintida com as coisas que a senhora disse.

- Generosa - Ora crede, sintida! Dixa de se boba, dona Celestina. Então a sinhora pensa que é de faze o que quize dentro da minha casa, dize o que quize e bem intendê e eu não é de rechoça? Então a sinhora não que.
- Celestina - A sinhora tem a mania que eu sou faladeira, dona Generosa, mas eu não sou.
- Generosa - Crede! Essa mulhé tem corage!
- Celestina - Sey eu fosse faladeira eu vou lhe dizer no ouvido do que é que eu tinha falado. (Cochicha. Puasa)
- Generosa - E a sinhora pensa que eu duvido que a sinhora tenha falado?
- Celestina - Por essa luz de Deus que nunca abri a minha boca para falar nisto. Ou bem a gente é amiga ou não é. Si é amiga tem obrigação de esconder.
- Generosa - É isso mesmo, dona Celestina, por isso é que eu gosto da Senhora. Eu sempre disse que das pessoas que vem na minha casa uma das que eu mais apricio é a dona Celestina.
- Tonico - Ué! que é isso hoje, mãe?
- Tudinha - O que é isso agora, pergunto eu, nem é hoje.
- Generosa - Cala essa boca. Tu mesmo é que não pode fala da pobre da vivente. Se assente, dona Celestina, a sinhora ta de impé vai ficá cansada. Aí não, dona Celestina, nessa cadera de pau. Senta nessa aqui que tem mais fofura.
- Laura - Ela já é magra e sentada em cadeira de pau.
- Generosa - Magra, dona Laura, a sinhora acha?
- Laura - É magra, sim.
- Sidonio - Nem é magra, é seca.
- Generosa - Ora seu Si-si, Sidonio, cala essa boca, dixa de dizê bobage. O senhor até parece um malfensor. Então a dona Celestina é seca? Olha tomara muitas te o corpo que ela tem. Fininha, arta, elegante. Ela até que é bem pueta. E depois é pelfirivi se fininha assim do que se como otras que a gente vê dessa arturinha assim e que tem os arrabalde dessa largura.
- Pepa - Eso es comigo sehora?
- Generosa - Tu to falando com o seu Si-si-sidonio, dona Generosa.
- Bento - É fato.
- Generosa - Tá bae seu Bento eu tô falando com a dona Pepa. O senhor agora também tá ficando falador, é?
- Bento - É exato.
- Pepa - Bueno sehora usted ahora ~~me~~ me está despistando. Yo quiero saber si usted hizo referencia a mi quando hablo hace un rato.
- Generosa - Um rato? Adonde, dona Pepa. Bota pra fora, Sidoca, bota pra fora esse bicho que eu tenho um medo horrivi de rato. Anda, Sidoca, caminha te mexe, home mol.
- Sidoca - Mas que rato, Generosa? Onde é que está o rato?
- Generosa - Eu não sei, prigunta pra dona Pepa, foi ela que viu. ~~Anda~~ Bota esse bicho pra fora, anda Sidoca, eu não quero esse bicho aqui dentro.
- Porfirio - O que foi que aconteceu.
- Sidonio - É a dona Generosa que está com medo do rato.
- Porfirio - Como disse?
- Sidonio - É a dona Generosa que está com medo do rato.
- Porfirio - Qua rata? Ela vive sempre dando ratas, que novidade!
- Generosa - Cala essa boca, linguarudo, falado. Ninguem tá falando contigo, mitido. Alejado duma figa.
- Sidoca - Ch Generosa, o que é isso? Isso não é modo de falar com a creatura.
- Generosa - Porque tu não sabe quem tá aí, por isso que tu tá arreclamando. Si tu susses o que isso é, o que ele faiz tu achava poco o que eu disse pra ele. Isso é um isfamiado e um falador que tá aí. Si tu visse o farse tistimunho que ele alivanto ~~purxeausaxdaxxatrasantaxraix~~ do carati da pobre da dona Celestina por causa duma pulcaria de quatrocento reis, tu ficava inté ripunado.
- Laura - Ah foi ele é dona Generosa.
- Generosa - Pois fái, dona Laura, a sinhora não sabia?
- Pepa - Quien ha dicho las cosas fue usted misma, sehora.
- Sidonio - Cala a boca, Pepinha não te mete.
- Pepa - Ella hace las cosas y despues los otros es que llevan la culpa.
- Sidonio - Eu sei, mas deixa, não te importa. A gente discutindo se incomoda e calando é melhor.
- Pepa - Pero la cosa que me hace un mal terrible es sentir las cosas y no poder ~~discutir~~ hablar.
- Porfirio - O que é que a dona Pepa tem?
- Generosa - É um ataque de estupidez, cala a boca e fica queto aí.
- Pepa - Perdona-me, queridito, pero ahora tengo que hablar. Mire sehora: usted es una inorante y yo no devia de hacer caso de las cosas que dicen los inorantes porque yo soy una mujer inteligente. Pero fije-se sehora: ataque de estupidez las tiene usted quando las cosas no salen como usted las desea.
- Generosa - É, dona Pepa? É depois.

- Pepa - Es solo, señora. Nada más. Perdóneme don Sidoca yo lo estimo muchísimo pero su mujer es increíble.
- Generosa - Pois é, dona Pepa. Coitada! O que seria que fizero pra ela. Ela de vez em quando tem uns repenti assim de cólica. Imagina essa mulher pegando um vivente no sufragante da raiva, é capaz de dá sumiço no próximo. As pessoas que tem certas duença não divia de anda assim sorta na rua. É um pirigo.
- Pepa - Enfermedad la tiene ella en la cabeza. Tonta. Idiota.
- Generosa - Kinga, dona Pepa, se isso alivia a sinhora, kinga. (xia baixo) Ela é duente. a gente nao vai arrepara, nao é mesmo?
- Laura - (baixo) Eu sei qual é a doença dela!
- Sidoca - É o seu Licurgo, dona Laura?
- Laura - O Licurgo está em Sao Paulo. Escreve todas as semanas, seu Sidoca.
- Generosa - Tu viu? Escreve ~~xxxxxx~~ mensalmente todas as semana. E tu não era capaz de escreve pra gente. A gente aqui sem sabe de ti e tu nem cause.
- Sidoca - Eu já disse a você que escrevia, Generosa, eu não tenho culpa que a correspondencia se extraviasse. Eu também seguido ia procurar no Correio e não tinha correspondencia daqui.
- Generosa - Si tu escrevesse tu tinha correspondencia que nós não ia dexá de correspondê com uma calta as calta que tu correspondesse pra gente. Tu não correspondia a gente também não correspondia. Tão bão como tão bão.
- Laura - O Licurgo esteve com o senhor em Lages, não foi seu Sidoca?
- Sidoca - É, ligeiramente, ligeiramente. Nos vimos assim de passagem mas ele ia muito ocupado, eu vi que ele não podia parar então fui seguindo.
- Laura - É, ele ia muito ocupado. Ele mandou me dizer.
- Sidoca - É o Juquinha, estou dando falta dele.
- Laura - (baixo) Velho semvergonha, já despistou.
- Tudinha - Ainda não morreu.
- Generosa - Oh Tudinha isso é geito de falá do pobresinho? Ele tá duente, Sidoca. Deixa que tu embalco pras lage que ele já não veio mais aqui.
- Sidoca - Tanto tempo assim?
- Generosa - Pois o pobresinho teve tão ruim! Primeiro teve o sarampico e depois agarro uma fraqueza que quasi que se fino. Até hoje ele tá em tratamento com os doctor. Ele não vem aqui porque ainda não pode sai de noite. Mas fico esse vivente, Sidoca que tu não faz uma impusição. ~~xxxxxxxxxxxx~~ O chá do cipó cabeludo é que tem alivariado ele. Os braço e as peina fico que era ve uns graveto.
- Tonico - Pior que os gravetos da dona Celestina.
- Generosa - Tonico tu te faiz de bobo, Tunico. Óia essa farta de desrespeito com a dona Celestina, hein? Tu fica sabendo que ela não é brinquedo de voceis. Voceis precisa arrespeita os cabelo branco da vivente, hein?
- Tonico - Eu não sei o que é que a dona Celestina deu pra mãe, tome hoje.
- Tudinha - Eu só sei que ela disse um segredinho no ouvido da mãe.
- Generosa - Cala essa boca. Tu mesmo é que tem de te cala.
- Pepa - Mire, señora dona Generosa Perera de las Nieves: nosotros hemos venido a su casa para entretenernos y no para escuchar las cosas que usted puede hablar despues en su pieza con su matrimonio. Por eso yo le digo que una vez que hemos tenido el placer y la sorpresa de encontrar a ~~xxxx~~ don Sidoca le vamos hacer un poquito de musica en su homenaje.
- Bento - É fato.
- Generosa - O que é seu Bento, o que é que o senhor já tá se metendo? Esse home agora deu pra isso. Tudo ele dá parpito. Agaranto que o senhor nem entendeu o que a dona Pepa disse que é que o senhor já tá aí falando de mais? Eu não intindi ele vai intende.
- Pepa - Ella como es tona se cre que todos lo/ sean. A ver queridito tu vas a cantar hoy.
- Sidonio - A dona Generosa não gosta que eu cante.
- Pepa - É a mi que me importa? Tu vas a cantar porque yo te pido y nadie se te va a oponer.
- Sidonio - Então eu tenho que acordar o compadre para me acompanhar.
- Laura - Se o senhor/ quizer eu lhe acompanho.
- Pepa - Muchas gracias, señora. No se moleste.
- Sidonio - (chamando) Compadre! Oh compadre! Acorde compadre!
- Porfirio - (num bocejo) É a hora do café?
- Sidonio - Ainda não.
- Porfirio - Como disse?
- Sidonio - ~~xix~~ (gritando) Ainda não. Eu queria que o senhor me acompanhasse.
- Porfirio - ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ O que é que o senhor vai fazer?
- Sidonio - Cantar!
- Porfirio - Vá sesinho.

- Laura - Muito bem, sim senhor. Os dois podiam cantar no Rádio. Garanto que faziam sucesso.
- Tonico - Deviam cantá, era na cadeia.
- Generosa - Que bobagem é essa Tunico? Isso é geito? Não faça causo, dona Celestina, ele tá falando assim é de inveja. Ele não tem uma voz como a senhora.
- Tonico - Graças a Deus que não. A minha vasilha ainda está inteira.
- Celestina - Queres dizer que a minha ~~vozes~~ *vozes*?
- Tonico - Não dona Celestina que esperança! Rachada nada. A sua já está certida e há muito tempo!
- Generosa - Óia aí, Sidoca. Vê o geito do negrinho, só. Arrespeita as pessoa mais velha do que tu, mal inducado.
- Juvencio - Tá bom, cambada, pode i toma o café que ele já tá na meza.
- Generosa - Mais ~~xixis~~ tu não foi lá como é que tá na meza? Tu não saiu daqui, negrinho inventador.
- Juvencio - Não sei porque num precisava saí. Quando eu vim de lá já dexei ele istin dido na mesa.
- Generosa - Então vamo duma veiz ante que esfrie. Tu aqueceu o leite, negrinho?
- Juvencio - Aquici, sim senhora.
- Generosa - O Sidoca não janto vai tomá café com leite que tem mais sustancia. O Sidoca e a dona Celestina. Vamo, vamo passa pra sala de janta. Venha dona Celestina, a Senhora e Sidoca vão tomá um cafésinho ~~grinzza~~ *grinzza* com leite. E café muito bom, que é o Carioca. Fresquinho, feito agorinha mesmo que o negrinho feiz. Vamo, vamo tudo. (Afastam-se conversando) Pera aí dona Celestina, cuidado os degrais aí do corredor. Sidoca, dá o braço pra dona Celestina que ela pôde cai, a coitada tem as vista curta. Tão boasinha que ela é! Tão amiga da gente! Eu gosto tanto da dona Celestina!...
- Tudinha - Mãe, que amores são esses de última hora com a dona Celestina?
- Generosa - Tu ainda vem mi briganta, não é? É pur tua causa mesmo. Essa ~~excumungada~~ *excumungada* sabe de toda a tua novela. ~~XXxisxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ Agora teme que trata ela e assim. Temos com o rabo prezo!

(CARACTERISTICA FORTE PARA O FIM DO PROGRAMA)

- Juvencio - Fuxa, madama, a sinhora tá fazendo tanta quistã por uma peça de ropa que até parece que a sinhora não tem otras pra carod. Eu já disse pro patrão ele disse que vai levá pra sinhora. (pausa) Ele não foi porque ele tem tãdo muito que fazê. Dispois a sinhora vê ele ricem chegô de viagem, tem que ficá umas noite em casa sinão a patroa disconfeia. (pausa) A sinhora inda tá com solte que a patroa não atendeu a sinhora nenhuma veiz. Sempre só eu ou o seu Tonico, que atende, sinão a senhora ia vê quanta rebocada que a sinhora ia levá. (pausa) Não tem medo? Fuxa! É porque a sinhora não conhece a dona Giniroosa. Ela é de amalgá. (pausa) Não se assusta de careta? É, mas ela não faiz só careta, não. Ela faiz as careta e chega a lenha na gente. (pausa) Pois antão exprimenta prá sinhora vê. (pausa) Tá bem, eu vô chamá ele mas a sinhora não telefonia mais pra cá que a sinhora vai fazê se dá um humicídio aqui em casa. Pera aí um mucado que eu vô chamá ele mas a sinhora não telefoná mais. (resumando) O patrão vai se metê com essa madama franceza, elas não qué pelô nenhuma, dispois véva a telefoná prá cá por causa de uma peça de ropa que ela gualdô na variz dele e que ele se esqueceu-se de entregá pra ela. Faiz sete dia que o patrão chegô e sete dia que essa mulé telefonava prá cá, mensarmente. (passos) Que bão que aí vem o patrão, não preciso ia chamá ele lá na sala. Óia, patrão o sinhô atende aí o telefonis e fala com a Madama Malgô que ela tá de amalgá por causa da peça de ropa que ela se esqueceu-se na sua variz.
- Sidóca - Outra vez? Mas eu já disse a ela que vou levar.
- Juvencio - Disse que ia levá mas não levô e ela não qué sabê de palavra ela qué sabê de fáquite que ela não é boba. O sinhô pensa que ela é a dona Giniroosa que o sinhô ingazopeia com duas palavra? Essa mulhé é sabida. Andá patrão atende duma veiz sinão daqui a um repentis esse telefonis tá dando pulo.
- Sidóca - Era melhor dizer que eu não estou. Eu já disse a ela que não tenho aquela peça aqui.
- Juvencio - Mais o sinhô tem, patrão, pois si o sinhô até deu ela pra dona Giniroosa.
- Sidóca - Pois é, pois eu dei, a Generosa agora não vai querer entregar.
- Juvencio - O sinhô compra otras pra essa madama e acaba com esse negocio duma veiz. O sinhô ainda vai se inralscá pur causa disso.
- Sidóca - Eu já propuz a ela de comprar outras ela não quer, quer aquelas.
- Juvencio - Pois antão o sinhô compra otras pra dona Giniroosa e tira aquelas e entregue pra ela duma veiz.
- Sidóca - Mas tirar como? A Generosa depois que segura não solta mais.
- Juvencio - Ah, isso é. Tá bão intão o sinhô se arranje cume pudê. Eu não tenho nada com isso. O telefonis tá aí. Do lado de lá do telefonis tá essa madama franceza esperando pulo sinhô. Eu já dei o recado. A minha incumbencia já tá ditriminada. Eu vô é lá prá dentro. (passos)
- Sidóca - Espere um pouco Juvencio, espere aí, que eu lhe pago o cinco amanhã. Fique aí perto da porta, se vier algum voce se avize.
- Juvencio - Tá, seu Sidóca, tá. Eu fico do gualda costa. Pôde fããã. Esses velho quando dão pra essas alegria fica mais assanhado do que os moço.
- Sidóca - (falando) Alô, quem fala? Ah é você bemsinho? (pausa) Mas...olha aqui...escute aqui, meu bemsinho...mas...Margosinha...Margosinha...espera um pouquinho, filhinha, deixa eu falar...Meu bemsinho, te acalma. Escuta aqui... (pausa) Mas você não se deixa falar...Eu vou



- levar amanhã sem falta o que você quer. Olhe aqui: eu dou a minha palavra de honra que amanhã vou levar essa peça de roupa. Eu vou procurar bem procuradinha vou encontrar e vou levar para você, ouviu meu bem? E levo um presentinho também. Não fique zangadinha. Eu demorei em atender você porque só agora é que o negrinho me chamou.
- Juvencio - (longe) É mentira.
- Sidóca - Está muito bom, minha querida, amanhã sem falta. Não fique zangadinha, ouviu? Meu docinho de coco, meu marron glacê, meu tótócinho de luxo. Olha, pra você. (beijo) Mãe faça assim pro seu doquinha. Oh, (beijo) Não seja masinha. Eu levo amanhã filhinha, eu levo. Não fique zangadinha comigo, sim? Desligue o telefone direitinho e receba o beijinho que o doquinha está mandando pra você. (beijo) Ah, assim sim, assim o doquinha fica contente. Até amanhã, queridinha, até amanhã. (desliga)
- Juvencio - (cantando) Eu Sidóca se esconde aí vem a cobra grande, ah, ah, ... ahn (falando) Disfalce, patrão disfalce. (cantando) ahnahn (cantando) faz depressa uma oração pra ela não lhe pegá, ah, ah, ah, (passos)
- Generosa - Que canturia é essa aqui nego? Que falta de abuso é essa? Tu não sabe que eu tô com visita lá na sala e tá aqui nessas canturia dessas landalinhá? Cala essa boca aí. Canta mais aí que tu vai vê. Caminha vai timbora pra cusinha. Tu não ova?
- Juvencio - Já vê, patroa, já to indo. A sinhora não tá vendo que eu tô indo? Não precisa gritá. A patroa anda tão orastemia. Pensei que ela ia miôrã com a chegada do patrão mais parece que ela inda ficou pió. Cruz! Misericórdia!
- Generosa - Cala essa boca intreduzido. Cala essa boca arritinido. Vai timbora lá pra dentro duma vez. O que é que tu tá fazendo aqui, Sidóca? Porque que tu já não vortô prá sala? As visita tão lá e tu aqui?
- Sidóca - Já vóu, Generosa. Eu já ia indo quando você chegou.
- Generosa - Tu tá com uma cara muito disfalçada. O que é que tu andô fazendê?
- Sidóca - Nada, Generosa. Eu passei aqui pela sala de jantar, vi o jornal em cima da mesa, comecei a dar uma olhada nos títulos, me distraí e fui ficando.
- Generosa - Sempre com essa mania dos jornal. Tu é um pelveso Sidóca. Por mais que a gente quera te botá nos bom caminho a gente não tira proveito porque quando tu intenta pra um lado é de só pra aquele lado que tu enveredô. Hay dias que tu me deixa tão felnetica, Sidóca que eu fãtê tenho vontade de te dá bulduada. Caminha vai timbora lá pra sala, tu não ova? Tu vai fazê coisa de eu ainda te proibí de lê jornal dentro de casa. Quarqué dia eu não deixo entrá mais jornal aqui. Tu vai vê. É o Tunico intê agora não chegô. Aquilo é otro seavelgonha ingual que tu. Disse que ia não sei adonde, que era pra gualdá a junta dele que ele ia vir mais tarde pra cusê e até agora não apareceu. Isso é uma coisa pur dimais, Sidóca. Tu precisa botá um corretivo nesse teu filho. Isso assim vai de bom pra piór. Isso não pôde sê, Sidóca, isso não pôde continuá. (passos) Bonitas hora, não é? Eu tava agora mesmo falando pro teu pai.
- Tunico - Vamo vê a boia e dexa de lero-lero que eu tô vesgo de fome.
- Generosa - Arresponde o que eu tô te priguntando, marerriado. Isso é hora de tu chegá? Adonde é que tu tava intê essas hora Tunico?
- Tunico - Ora, mãe, não chateia. Vamo vê a boia que eu tô com fome.
- Generosa - Não vê vê boia nenhuma que eu não sô teu lacraio. Adonde é que tu tava intê-essa hora? Tu já não ouviu eu te priguntá?
- Tunico - Não, eu não te disse antes de sai que eu ia trenaí no campo do Grunz-

COTO

- Generosa - Pois é, e quando a gente manda tu trená o quintal, virá a terra pra gente plantá umas verdura tu não é capaiz de fazê. Trená pros otro ele sabe.
- Tonico - Dexa de dizê bestera, mãe. Eu vô é cumê que eu tô cum fome, Tehau!
- Generosa - Tu viu só o disaforo dele? Tu viu só? (frenética) Arresponde, Sidóca, eu tô falando cêntigo.
- Sidóca - Vi, Generosa, vi.
- Generosa - (arremedando) Vi, Generosa, vi. E o que é que adianta vê si tu não diz nada pra ele si tu dexa ele fazê todos os disaforo que ele quê? Tu é um bananão, um plasta mol, é o que tu é. Vê o teu filho fazê disaforo pra mãe dele e não é capaiz de tomá uma reprêssália. Credo, home! Tu éas minha vergonha que eu carrego nas costa ha 24 ano. (passos que se aproximam)
- Tonico - Mãe, é só aquêle prato de boia que tá do guarda cumida que tu guardô pra mim?
- Generosa - (rispida) É. É só aquela que tá lá. E lambe a unha. E si quizé como se não quizé dexa ficá que cachorro não é de fartá ai pula rua pra gente dá.
- Tonico - Um bife muito esmirrado, um pouquinho de arroiz e couve picada. Isso é jantar? Ora, não amola.
- Generosa - Porque tu não veio ha hora si tivesse vindo na hora tinha cumido umas armonica muito bem feita, tinha cumido sopa de batata e um purezinho de feijão que sobfô do armoço. Não tava em casa na hora não tem direito dericlamá. Caminha vai cumê duma veiz.
- Tonico - Não vô cumê nada. Comê aquela porcaria que tu guardô?
- Sidóca - Oh, Tonico, que goito é esse de falar com a sua mãe? Você está ficando cada vez pior. Os outros vão crescendo vão compreendendo as coisas e vão ficando educados, você é o contrario, quanto mais cresce mais maloriado fica. Você precisa ver que certas coisas você já não tem o direito de fazer.
- Tonico - Pois é, não sou só eu que não tenho o direito de fazer "certas coisas". Ha muita gente boa que não tem esse direito e faz.
- Sidóca - Você precisa acabar com essa mania de não querer obedecer a ninguem nem respeitar a ninguem. Isso não tem cabimento. A gente diz qual-quer coisa você sai e com quatro pedrasa mãe mão. Você precisa se lembrar que você sem o seu pai e sem a sua mãe você não é coisa nenhuma, que você não pôde passar sem eles. Você não é coisa nenhuma. Você não tem coisa nenhuma.
- Generosa - (frenética) Tã bão, Sidóca, chega. Tu agora por causa disso vai fazê intê dispois damanhã? Que home mais arrefocente. Cruz!
- Sidóca - Mas Generosa, você não vê que ele está reclamando a comida, chamando de porcaria?
- Generosa - É ele tem razão, é porcaria mesmo. Eu já tô cansada de te dizê que a gente tem que acabá com esse negocio de cumê de fóra. Uma cumida muito horríve que ninguem pôde dirigi ela. A gente tem é que botá cusinbera. Todo o dia eu tô dizendo. Dispois um pânço de cumida que vem que a gente nem sabe como é que vai se arranjá. O que é que veio hoje? Uma sopa de batata muito sem tempero annim pula metade da viana. Um arroiz muito pegajento, umas armonica muito sem tempero, muito discolorada, três ou quatro bife que ela apequênô o mais que poude e uma couve picada. Isso é cumida pra gente pagá cento e sessenta mirreis pur meliz? O Tonico tem razão de dizê que é porcaria. É porcaria mesmo. O rapaiz tem razão de não querê cumê. Aqui em casa é assim. A gente não tem nem o direito de reclamá as coisa porque esse home é de uma frenética que

- só farta dá burduada na gente. É os pobre dos filho que são os viti-
mo dele. Si não fosse eu defendê eles os pobre nem sei, nem igistia
mais que tu já tinha matado eles de burduada ha muito tempo. Vai,
meu filho, vái lá dentro e diz pro negrinho i lá no almazea, comprá
dois ovo e estralá eles num poquinho de banha que é prá tu cumê.
- Genice - É um pouco de salame de caxias, também, eu vô dizê pra ele trazê.
- Generosa - É vai. E depois come a tua cusidiana e vem pra sala que a gente tá
lá bricando. (passos) Tu precisa tê otro geito de tratá os teus filho
Sidóca. Desse geito eles acaba te aburrecendo depois tu vai te que-
rá que os teus filho não qué bem tu. Como é que eles né qué me arre-
peita e me trata bem? Tu precisa usá otros indioima com eles. (ouve-
se longe exclamações gerais de todos com a chegada de Juquinha) O
que gritaria é essa?
- Sidóca - Chegou alguém aí.
- Generosa - Mas isso não é geito de se arrecebê ninguém. Que é que os visinho vão
dizê da casa da gente? Vão pensá que isso aqui é um caburé. (gritando
que barulhada é essa i Tudinha? Isso é geito de vocês se poltá? O
que é que os visinho nao vão dizê. A dona Consolôia a coltada que ta-
va se queixando de dor de cabeça hoje de talde, vai falá da gente com
tuda razão. Tudinha, oh Tudinha, tu não tá ovindo, eu te chamá?
- Sidóca - Não grita, Generosa, vai lá.
- Generosa - (rispida) Não quero í. Agora já se viu que eu não tenho mais o derei-
to nem de falá dentro da minha casa? Não tenho o direito de fazê o
que eu quero? Não vô lá pronto. Quero gritá, grito e quero vô quem é
que vai me atacá. (gritando com força) Tudinha. Oh Tudinha. Tu não
tá ovindo eu te chamá, Tudinha?
- Tudinha - (longe) O que é mãe?
- Generosa - Que gritaria é essa aí? Vocês não tem capricho de fazê essas grita-
ria aí na sala da frente? Olha os visinho aí confronto que já falaro
que a gente aqui tá todo o dia batendo piano e cantando. O que é que
essa gente vai dizê?
- Tudinha - Foi o Juquinha que chegô, mãe. Vem vê como ele tá gordo.
- Generosa - O Juquinha? Foi o Juquinha que chegô Sidóca. Quanto tempo que o pobre
sinho não vinha na casa da gente! Vamo lá, Sidóca, vem.
- Sidóca - Vá indo você, vá indo que eu já vou, Generosa.
- Generosa - Anda, home, deixa de sê mol. Que home mais plasta esse diabo!
- Sidóca - Já estou indo, Generosa, você não está vendo?
- Generosa - (arremedando) Já estou indo, Generosa, você não tá vendo? Um diabo ma-
is mol como eu nunca vi. Pode licença a um pé pra alivantá o otro. Cre-
do!
- SPEAKER : - E enquanto dona Generosa e seu Sidóca dirigem-se á sala de visitas
para receber o Juquinha que chegou após uma tão longa ausencia pro-
vocada por um sarampo impertuno, ouçamos algumas palavras sobre os pe-
treinadores deste programa. (FAZ ANUNCIOS) E agora dirigimo-nos
tambem para a sala de visitas de dona Generosa.
- Generosa + Mais, como ele tá gordinho! Nem parece que teve duente! Como vai
meu filho!...
- Juquinha + Dona Generosa, que saudade!... Que saudade que eu tinha dos seus ce-
rões. Que falta me fazia o convívio amigo desta gente toda. A gen-
te se habitua ás pessoas, aos costumes, até aos bichos a gente se a-
costuma, não é mesmo? É depois quando por qualquer motivo somos o-
brigados a nos afastar como a nossa natureza resente pela falta de-
quilo a que estava habituado!

- Generosa - Pois é, até com os ~~caracteres~~ a gente se habitua, não é mesmo?
- Juquinha - Como não! Seu Sidóca, como vai o ar? Como tem passado? Então como chegou de viagem.
- Sidóca - Um pouco cansado mas cheguei bem, obrigado.
- Juquinha - Tanto tempo longe, não é verdade? Muitas saudades da mulher e dos filhos pois não? É coisa dolorosa a gente viver longe das pessoas que estima, não é verdade? Não ha nada como o convívio do lar, das pessoas da familia, dos amigos. Tudo isto é tão bom, tão bom! É alucinante!
- Tonico - Tu pioraste dos nervos, hein oh beija flor.
- Bento - É fato.
- Generosa - Cala essa boca. Já tá o senhor tambem já, linguarugo?
- Bento - É exato.
- Generosa - Pois é, pois não divia de se.
- Pepa - A ver, Juquinha, porque no me has dicho que venias hoy que yo andaria a buscar-te para que no llegaras solo.
- Generosa - Qué jogá solo, é dona Pepa? Nao, agora o Juquinha chegou vao convellsá com ele. Tanto tempo que o pobresinho não vinha cá!
- Pepa - Señora, usted se ha equivocado. Yo he dicho una cosa mui diferente.
- Generosa - Claro que é diferente. Jogá é uma coisa, convellsá é otra, ora que novidade. Vim dizê pra mim que é coisa diferente. Como si a gente não subesse de ferencia a coisa.
- Pepa - Usted no lo sabe porque cambia todo. Usted se imagina las cosas y las dice una a su gusto. Es una cosa verdaderamente irritante. Una se queda nerviosa con una persona así.
- Sidonio - Não fica sangada, Pepinha. Tu ficas sangada eu fico trutinbo. Tu já sabes que ela é assim, deixa o barco correr. Não te aborreças nem te importes, minha florsinha de maracujá.
- Generosa - Ela se unpulsiona com as coisa, não é seu Si-si-sidonio? Eu sempre tô dizendo. Mais isso é da duença mesmo. Essa duença é uma duença muito ingrata.
- Pepa - Mirá! Mirá se una se puede contener.
- Sidonio - Faz que não ouve e não te aborreças.
- Generosa - Não contrareia, seu Si-si-Sidonio, não contrareia ela que não paga a pena.
- Bento - É fato.
- Generosa - Pronto! Já se meteu.
- Laura - Está tirando o direito da dona Celestina, não é dona Generosa?
- Generosa - Não dona Laura, a dona Celestina nunca foi faladera. Esse home é uma coisa pur dimais. Em tudo ele tem que se metê. A dona Celestina até dá gosto a gente convellsá com ela.
- Celestina - Muito obrigada, dona Generosa.
- Generosa - Ué, não tem nada que agradeçê, eu tô dizendo as verdade. As coisa que é verdade a gente não tem que agradeçê. A dona Celestina tem uma convellsa muito assuntosa. É é vivente que não se mete na vida de ninguém. A gente se dá com ela ha tantos ano, nunca ovii a dona Celestina dizê isso de ninguém. É uma santa criatura.

- Porfirio - Quem foi que cantou?
- Generosa - Esse diabo tá loco.
- Tudinha - Ué, seu Porfirio o que é que deu no senhor?
- Porfirio - Como disse?
- Tudinha - O que é que deu no senhor?
- Porfirio - Quem é que deu em mim? Você está louca menina? Quem é que ia me dar?
- Tudinha - É isso mesmo, seu Porfirio. Mas deixa lá que ele bem precisava apagar.
- Porfirio - Afinal não me responderam quem foi que cantou.
- Laura - Ninguém cantou, seu Porfirio, eu acho que o sr. estava dormindo e sonhou.
- Porfirio - Como disse?
- Laura - (gritando) Ninguém cantou. Eu acho que o sr. estava dormindo e sonhou com alguém cantando.
- Porfirio - Quem?
- Laura - O senhor.
- Porfirio - Não senhora, está enganada. Eu não senhora. Eu não faço essas coisas.
- Tudinha - Puxa que o seu Porfirio hoje está de amargar.
- Sidonio - Como é, dona Generosa, não vamos ter uma festasinha de Natal depois de amanhã?
- Generosa - Não seu Bi-si-Sidencio, as coisa não tá pra isso. Os genios tão muito caro, cuido iscalcios, a gente tem dificuldade de arrumá manteiga, de arrumá annóiz, as avelã, tudo é com dificuldade e disppis pela hora da mortis, a gente nem tem gosto de fazê.
- Laura - É sim, está tudo tão caro!
- Generosa - Eu já disse prao Sidóca que o tempo que a gente vai gastá nessas coisa que então a gente compra presente de ropa que é mais útil.
- Laura - Ah pois é.
- Generosa - A Tudinha pediu um mailó de ropade banho, o Tunico qué um carção, o negrinho qué umas luva de boquechêur. Então a gente já dá essas coisa que tem mais proveito do que tá enchendo a barriga dos extra-nho.
- Laura - É isto mesmo.
- Juquiquh - É a senhora, dona Generosa, o que pediu a papai Noel para lhe trazer?
- Generosa - Pidi divelzas coisa. Um viatido enramalhado de seda bréques, umas luva de cutiáde oño e um cinto aniquilado.
- Tonico - Cinto aniquilado, mãe? Que diabo é isso?
- Generosa - Tu não sabe, não, engraçadinho?
- Tonico - Nem eu nem ninguém. Nunca vi falá em cinto aniquilado. Sei eu lá o que é isso?
- Generosa - Desses cinto pratiado. Tu não sabe é dizê missa é o que tu não sabe.
- Tudinha - Ah, descobri. O cinto aniquilado que a mãe fala é cinto niquelado.
- Tonico - Pomba! Tá descobrindo, mesmo.

GOTO

- Juquinha - Porque não compra doirado, dona Generosa? O doirado agora está em grande moda. Patou num dos seus ultimos figurinos apresentou vários modelos em branco com ornamentos em ouro. Fica um conjunto delicado e esplendente ao mesmo tempo.
- Pepa - Si es verdad. Me acuerdo de haver visto los dibujos, pero el blanco con el oro no sobre-sale. A mi me gusta mas los colores fuertes.
- Generosa - O que é que ela disse?
- Pepa - (gritando) Señora: Yo he dicho que a mi me gustan mas los colores fuertes.
- Generosa - Coitada! Vê se ela qué i lá dentro?
- Sidóca - Que bobagem é essa Generosa?
- Generosa - Cala a boca, Sidóca, bobage tá dizendo tu. Tu não entende o que a dona Pepa diz, depois vem dizê que a gente tá dizendo bobage. Não te mete. Qué dona Pepa, qué i lá? ~~xxxxxx~~
- Pepa - No, señora. Estoy muy bien acá. Yo lo que deseo es que no me molesten.
- Generosa - Eu sei que é molestia, dona Pepa, pur isso mesmo é que tô oferecendo da sinhora i lá.
- Pepa - Señora: deje-me por favor! Deje-me! Es mejor que no me conteste quando hablo.
- Generosa - Pois é, dona Pepa. (baixo) Coitada, ela tá cada vez mais pior, a pobre!
- Celestina - Que pena não haver reunião aqui no dia de Natal, dona Generosa!
- Bento - É fato.
- ~~Sidonia~~
Generosa - Tá bõ, seu Bento, a dona Celestina não faiô com o senhor. Tá falando é comigo!
- Bento - É exato.
- Generosa - Pois si o senhor sabe que é inzano é melhor o senhor calá a boca do que tá se metendo adonde ninguém chamô. Esse home agora deu pra se metê em tudo. (outro tom) Pois é, dona Celestina, nós não vamo fazer nada. A sinhora vê, a guerra, as coisa do jeito que tão, é melhor dexá, mas se a sinhora quizé vi passá com nós aqui a gente tem muito gosto. A coitadinha não tem ninguém da falicida familia dela, não é mesmo? Tão disabitada a pobre, a gente fica com peninha.
- Celestina - Muito obrigada, dona Generosa. Eu sou capaz de vir para nós irmos á missa do galo. A senhora não vai á missa do galo?
- Generosa - Só capaz.
- Celestina - Pois é, pois então eu sou capaz de vir aqui para nós irmos juntos.
- Generosa - É depois da missa a sinhora vem prá cá que a gente toma um café carrega eu compro uns biscoito, mando fazer umas rabanada.
- Sidonio - Upa! Rabanada! Não me fale em rabanada que eu sou capaz de vir tomar café. Eu sou louco por rabanadas.
- Tonico - Já tinham se dito isso.
- Juquinha - É cousa que a mim não se tenta. Eu gosto muito mais dos sonhos! Do Do torresmo! Dos pastéisinhos! Dos croquetes!
- Tonico - Sai, croquete.
- Generosa - Tunico tu não te faz de bobo, heia! Não fais caso, Juquinha.

- Porfirio - Do que é que estão falando?
- Laura - De comidas.
- Porfirio - Como disse?
- Laura - Estamos falando de comidas. O seu Sidonio disse que gosta de raba-nadas. O Juquinha prefere sonhos e os pastéisinhos, E o senhor?
- Tudinha - Não ouviu.
- Porfirio - Eu prefiro as rosquinhas.
- Laura - Ouvii sim, sendo coisa de comer ela ouve sempre.
- Porfirio - Ha então umas bem fofinhas que são deliciosas.
- Pepa - Don Sidóca, yo deeso hacer-le un pedido.
- Sidóca - Pois não, dona Pepa, póde pedir.
- Generosa - O que é que ela vai pídi?
- Pepa - No le voy a pedir plata, señora. Voy a pedir-le que cante.
- Sidóca - Cantar, dona Pepa? Mas eu ha muito tempo que não canto. Estou des-trenado.
- Pepa - Pero que mal tiens? Son todos personas de casa. Cante una de las cosas antiguas que usted cantaba para nosotros antes de alejar-se.
- Generosa - É issomesmo, Sidóca, a dona Pepa tem razão. Canta tu antes que can-te os alejado.
- Tudinha - Mãe, não foi nada disso que a dona Pepa disse. Ela pídiu pro pae cantá uma daquelas coisa antiga que o pai cantava antes de alejar-se.
- Generosa - Mais ele não se alejó, que bobage é essa. Ela coitada nem sabe o que diz. Tá fazendo confrontação. Da otra vez que o Sidóca foi na Lage é que deu-se o caso do caminhão virá e ele ficou com a cara frangida e o beijo arregaçado. Aí ele teve que fazer uma operação Siderurgica. Ela soube disso agora tá pensando que foi dessa vez. Coitada!
- Tudinha - Mãe, a confrontação quem tá fazendo é tu. Alejar não quer dizer a-lejar. Quer dizer partir.
- Generosa - Pois vem dá no mesmo. Ele não partiu coisa nenhuma. Graças a Deus veio bem intero.
- Tudinha - Oh meu Deus, que coisa impossivel. Ajuda, Laura, ve se faz a gñe compreender.
- Laura - Dona Generosa, o partir aqui não é no sentido de quebrar. É partir no sentido de separar-se.
- Generosa - Mais quem é que vai se separá? Só se é^é ela porque eu não sô. Casei na igreja tenho os papel do caltorio e mesmo que o Sidóca quizesse se separá precisava a assinatura do meu nome e eu não dava.
- Laura - Eu desisti, passo pra outro.
- Tudinha - É uma coisa horrivel.
- Tonico - Vocês ainda são boba. Fala como eu que não ligo.
- Generosa - Pois si vocês fala umas coisa que ninguem póde intendê como é que vocês qué que eu intenda.
- Sidóca - Você é precipitada, Generosa, voce não presta atenção as coisas. A panha as coisas no ar e já imagina que é aquilo.

OCTO.

- Tonico - É, a mãe é precipitada. Não sabia que agora se chamava assim. Isso com certeza é lá em Lages.
- Generosa - Eu não sei como é que vocês qué que eu entenda as coisas. Vocês diz as coisa dum jeito e qué que eu intenda elas deferente? Não póde sê.
- Sidóca - Bem, não vale a pena discutir.
- Generosa - Engraçado!
- Sidóca - Pra botar um ponto final no assunto eu vou atender o pedido da dona Pepa e vou cantar. (Pepa agradece) A senhora póde me acompanhar, dona Laura?
- Laura - Pois não, com muito prazer, seu Sidóca. O que é que o senhor vai cantar?
- Sidóca - Vou cantar....deixa ver... "No jardim de uma princesa, a beleza."
- Laura - Ah, já sei. Então vamos. (Sidóca canta sendo muito aplaudido por todos ao terminar)
- Pepa - Mui bien, don Sidóca, mui bien. Usted canta divinamente!
- Sidóca - Não diga isto, dona Pepa. Já passou o meu tempo. Hoje eu estou velho e a gente depois que vai chegando a certa idade já não póde fazer nada direito.
- Tonico - Acredito.
- Sidóca - Em todo o caso, prao gosto da casa ainda dá.
- Pepa - Bueno señor como usted tan gentilmente ha hecho mi voluntad cantando algo para que yo escuchara, voy yo ahora decir-le una poesia que me gusta muchissimo y que la voy a dedicar a usted.
- Generosa - Dificá de quem que ela disse?
- Sidóca - Dedicar de ninguém, Generosa, ó minha velha. Não foi dedicar que ela disse, foi dedicar.
- Generosa - Ah, então intindi mal.
- Pepa - Quando será que va entender bien? Bueno, entonces yo voy a decir..... (diz o nome da poesia que declama em hespanhol ou em portuguez com sotaque. Ao terminar é muito aplaudido por todos.)
- Sidonio - Muito bem, minha rica Pepinha. Gostei muito. Só não gostei de ter sido dedicada a outra pessoa.
- Pepa - Dídique a don Sidóca la poesia pero a ti he dedicado mi corazon!
- Sidonio - Ah, agora sim. Melhoreou muito.
- Juquinha - Agora eu peço licença para cantar.
- Generosa - É isso mesmo, seu filho canta. Faiz tempo que a gente não ove tu o cantá.
- Juquinha - Vou cantar "Vereda tropical". A senhora me acompanha dona Laura?
- Laura - Pois não, com muito prazer. (Juquinha canta sendo muito aplaudido)
- Juquinha - Obrigadiabo, obrigadiabo!...
- Generosa - Ele tem uma voz tão chica, não é mesmo? É vê uma moça cantando!
- Juvencio - Dona Giniroda, o café tá selvido. O pão é sem manteiga porque não hay manteiga. A chiera com leite é do patrão as de café preto é das visita. Eu tô avisando pra depois não havê confrontação.

- Generosa - A dificuldade da gente conseguir manteiga agora é uma coisa palvoro-rosa. Eles vende por favor a metade daqueles pacotinho piquinhinho, e a gente não tem o direito de reclamar, tem que ficar muito satisfeita. Eu cunheço o jogo deles. Isso é manobra de artista. Olha aqui negrinho...Ué, adonde tá esse nego?
- Laura - Ele já foi lá para dentro, dona Generosa. Ele anunciou do café e sumiu.
- Generosa - Eu já disse pra ele ir no almazem comprar chiaciti de laranja ou de moranga. Tão ruim que é pão assado seco. O café fica tão diabitudado. Tá bom, vamos tomar café. Vem dona Laura, dona Pepa, dona Celestina, cadê o infamado do seu Polfírio?
- Celestina - Esse já foi há muito tempo desde que o negrinho anunciou o café.
- Juvencio - (vindo de longe correndo) Óia patroa, eu cheguei pro café e avisei que a chicra com leite era do patrão. Dimorare pra í, eu fui na cozinha botá mais água pra aproveitar o fogo, quando vortei o seu a surdo tava tomando o café com leite. O patrão agora vai te que tomá preto mas eu não tenho culpa porque eu avisei. Tom tudo aí por tistimunha.
- Generosa - É diabo incumunhado infamado esse istupor. Cruz!
- Sidóca - Também, coitado ele não tem culpa. Ele surdo não ouviu.
- Generosa - Não ouviu uma óva. Como é que ele ouviu que chamare pro café e foi digero? Ele é surdo quando coarva. Mais olha qui Juvencio não faiz mal. Ele vai tomá aquela chicra e vai pidi otra. Tu bota aquele leite daquela garrafinha que tem no almaric dos remedio.
- Juvencio - Já sei, qual é. Mais vô botá a chicra inteira?
- Generosa - Bota, enche bem a chicra ele que se arranje.
- Juvencio - Pobre do vitimo! Tá bem, eu vô botá.

(característica forte para o final do programa)

Censura

4ª feira

" UM SERÃO NA DONA GENEROSA "

- Um programa de Roberto Lís.



SPEAKER: - Os fans, os amigos e até os inimigos de dona Generosa Pereira das Neves sabem que o seu costume, em todos os fins de ano, é fechar-se em casa e tomar banhos de sol no quintal para fingir depois que esteve nas praias. É o eterno anseio de acompanhar o sistema e os hábitos das elegantes que ela impõe á família, anualmente, um castigo de dois meses de reclusão a portas fechadas. A princípio todos acreditavam que dona Generosa fosse mesmo para fóra e os seus vizinhos da rua de Margem, que nada deveriam ter com o caso, preocupavam-se em saber como era que chefe de família que recebia apenas seiscentos e poucos cruzeiros por mez, podia, no verão, dar-se ao luxo de passar dois meses fóra com a mulher, dois filhos e mais um negrinho. Um dia, porém, uma galinha do vizinho resolveu fazer uma excursão ao quintal de dona Generosa. Foi e não voltou. A dona pensou resolveu, por sua vez, fazer uma inspeção nos quintais ligados ao seu. Trepou num caixão de kerozene, olhou para um e outro lado e qual não foi a sua surpresa quando avistou a dona Generosa e a Tudinha a queimarem as pernas ao sol enquanto o velho Sidóca pacatamente sentado numa cadeira de balanço, lia o jornal a sombra de um mamoneiro. A galinha não estava lá mas as suas penas apareciam á superfície de uma lata de lixo, ao canto do quintal. Fechou-se o tempo, a galinha não ressucitou - porque não era possível - mas ficou de vez desvendado o mistério do veraneio da família Pereira das Neves. Pois muito bem, meus amigos, desta vez dona Generosa fez um programa diferente: anunciou que ia passar uns dias na praia da Limeira e acabou batendo com os costados no Rio de Janeiro. É que seu Sidóca completou seus trinta anos de serviços publicos e um amigo aconselhou-o a tratar da sua aposentadoria na Capital da Republica, dizendo-lhe que uma vez que estivesse lá e naturalmente interessando-se pelo assunto, tudo correria mais rapidamente. Desnecessario é dizer que dona Generosa não o deixou ir só e acabou indo a família toda e mais a dona Celestina que com eles estava também veraneando na Cidreira...ou Limeira, como quizerem. Seu Sidóca lá continua a correr atraz dos papeis que andam de um lado pra o outro mas dona Generosa - por motivos economicos - foi obrigada a voltar com a Tudinha e o negrinho. Vamos encontra-la agora na primeira das suas reuniões de quartas feiras, a contar aos seus amigos as novidades do Rio de Janeiro. Ouçamo-la.

1º serão

- Generosa - Ih a gente se divertiu tanto, dona Laura, que a senhora nem imagina! Era baile, era festa, era revelião - os baile chics eles chama de revelião - era passeio naquelas ilha, naquelas soburgos, banho nas praia, nas pracinha...aproveitamos que não foi brinquedo. A Tudinha arrumô namorado...
- Laura - Ah, por falar nisto...a senhora sabe que a dona Celestina andou falando mal da Tudinha?
- Generosa - Não me surprende, dona Laura. Aquilo é uma faladeira. O que é ela disse da Tudinha?
- Laura - Uma porção de coisas. Nem me lembro mais. Quem me contou foi a dona Doçolada do seu Polício. Disse até que ela tinha dito que a Tudinha tinha se casado e que o marido a abandonou.
- Generosa - Velha ligarada! Semvergonha. Varoniando com a gente, sumendo os pirão de gente e botando nóia no carate da gente. Esse mundo é assim mesmo, dona Laura. Era falá eles não tem fastio. Não é ela a primeira. Quantas já dissero que a Tudinha se casou-se e que o marido dexô ela. E as que fala é as que vem na casa da gente e que se dá amiga da gente.
- Laura - Eu nunca fiz isto, dona Generosa. Nunca abri a minha boca para falar mal da senhora nem dos seus.
- Generosa - Bom, mas a senhora é uma conseqeção. As otra tudo fala. Ora veja só aquele olho de grilo, aquele pé de alcebiço pra que que havia de dá! Eu sempre disse que aquela boca era faladeira, dona Laura. Eu sempre disse. E a Tudinha mesmo brigava comigo ás veis porque eu dizia as coisa na cara dela. É prá senhora vê. Eu cusso, dona Laura, eu tenho unção. (pausa) Assim como não as pessoa são as creatura!
- Laura - E a dona Celestina ficou na Sidreira, dona Generosa?
- Generosa - Ficou nada, dona Laura. Quando nós falemos em 1 no Rio já a vóia se arçou toda pra 1 junto aos nós.
- Laura - E foi?
- Generosa - Foi, aquele ironungada. Disse que vendeu um anel que ela tinha com umas pedra de brilhante mas eu tô em dizê que é mentira dela, dona Laura. Eu não gosto de alivantá farsa tintimurcho de ninguém mais tô capaz de dizê que foi o Sidóca que pagó a passage dela. Quando ele voltá eu vô confisco ele e vô fazê ele contá dereitinho. Ninguém me tira das indaia que eles tem coisa um com o outro. Tem, dona Laura, tem que tá.
- Laura - A dona Celestina e o seu Sidóca? (ri) Óra, dona Generosa, francamente!
- Generosa - A senhora tá-se rindo não é? Pois pôde iscrevê o que eu tô lhe dizendo. É a prova tá que ela vinha com a gente e na penurtina da hora regeitô a passage dizendo que tava gostando muito e que ia aproveitá mais um pouco, mas não foi nada disse. Agora eu tô convencida que ela quis fiô depois que sabe que o Sidóca não vinha com a gente.
- Laura - Ah o seu Sidóca não veio?
- Generosa - Pois não veio, dona Laura. O papel tava quase pronto os doçoladô dissero que ele podia imbará e depois que a gente já tava com a passage com as cambias e tudo - que foi uma luta pra gente obtê - aí eles dissero que era melhor ele esperá mais um pouco. Depois também o Tunico tava fazendo insame pra um cujejo que eles chama de oronútico e a gente não quiria dá-lo ele sozinho lá porque a senhora sabe...um rapaz que tá ficando na idade dele a gente não sortia assim.

- Laura - É sim, é perigoso.
- Generosa - Pois é, pois ela quando nós dissemos que o Sidóca não ia vir pra causa dos papel e dos fazendeiro do Tunico, num repente já quiz ficar também. Eu é que não me engano, dona Laura. Ali tem coisa. Ah, que tem tem. Mas também eu lhe dê de certeza que se eu chegar mesmo a descobrir, dê uma surra nele e quebro os dentes dela com umas boas bufetada naquela cara dislavada.
- Laura - (rindo) Que dentes que a senhora quebra? A coitada nem tem dentes.
- Generosa - Aquelle de oro que ela tem que ficou de amostra. Quebro ele e ainda mando o negrinho vendê por disaforo dela. (passos que se aproximam)
- Tudinha - Alô Laura, como vai você?
- Laura - (alegre) Alô Tudinha a quanto tempo não nos vimos.
- Tudinha - É verdade.
- Laura - Como tu estás queimada, menina!
- Tudinha - Bastante, não é mesmo? Também estava sempre na praia. Escuta, mãe onde é que ficaram as travessinhas do meu cabelo?
- Generosa - Sei lá! Eu é que vô sabê? Vocês perde as coisa de vocês depois que a gente dê conta. Vô adonde é que tu butô.
- Tudinha - Eu tinha posto dentro do necessér.
- Generosa - Pois então papouza nistê que é de tá.
- Tudinha - Mais eu não sei onde você por o necessér.
- Generosa - Ahênde eu puiz o que?
- Tudinha - O Necessér, mãe. (destacando as sílabas) O necessér.
- Generosa - O que é isso?
- Tudinha - Aquela valise pequenininha que a gente guarda o pente, a escova, a pasta de dentes, os perfumes...
- Generosa - Também vocês bôta apilido em tudo como é que a gente vai sabê? No meu tempo, dona Laura a gente chamava de mala piquininha, depois já apilidaro de balisa e agora já é isso que a Tudinha disse.
- Tudinha - Bom, mãe, deixe de conversa e diga duma vez onde é que está que eu quero arrumar o meu cabelo.
- Generosa - Leve de tá lá em cima daquela mala grande no canto do meu quarto. Si não tivê lá não sei.
- Tudinha - Com licença, Laura, vou terminar de me arrumar. (passos que se afastam)
- Laura - A Tudinha está que é uma perfeita carioca.
- Generosa - Fala ingualzêinho as moça de lá, dona Laura, só a sinhora vendo. Ela tem muito tingê, a Tudinha. Su quiritá falá assim mais não pode aprendê. A lingua não ajuda.
- Laura - E o Juvencio como vai?
- Generosa - Não deve de demorá aí. Foi comprá uma biscoito pro café.
- Laura - Ele deve ter gostado muito do Rio, não?

- Generosa - Ah, gostô. Mas me deu muito brabelho, dona Laura, muito disgosto. A sinhora nem imagina. Nós levemo ele por ue não tinha adonde dexá mas o diabo do nego chegô lá e sumiu. Até na pulieia o Sidóca teve que i pra percurá o nego. Treis diadispóis que a pulieia incontrô ele, lá numa tal de Fivela.
- Laura - Ah, eu sei. Mas a Favela não acabou?
- Generosa - Não sei, dona Laura eu não falei com ela. A pulieia foi que falô. Pois o diabo do nego veio pra casa e dois dia dispóis desapareceu otra veiz. Tava lá na praça doze.
- Laura - Na praça onze, dona Generosa.
- Generosa - Doze, dona Laura.
- Laura - Não dona Generosa, deve ser onze.
- Generosa - Si não fô a doze intão é a deiz. A onze é que não pôde sê porque todoo mundo diz que ela desapareceu.
- Laura - Está bom, o numero não~~ve~~ vem ao caso.
- Generosa - Pois é, mais o caso é que dei-lhe uma tunda de laço e nem assim o diabo do nego se acomodô, uma semana dispóis fugiu pra meterói. Nas vesperia do Calnaval é que o diablavado apareceu pra pidi fantasia. Aí não sortei mais ele. Alonde eu ia ele ia junto. Até nos baile.
- Pepa - (de longe) Feraiso, dona Generosa?
- Generosa - Olha a dona Pepa! Entre dona Pepa. (passos que se aproximam)
- Pepa - (aproximando-se) Vengo a traer-le mis saludos por su llegada y escuchar las novedades que tengan para contar-nos. Estoy ansiosa, ansiosa!
- Generosa - Pois se asente, creatura de Deus, aqui tem cadera. Ela tá anciada assim porque com celtaza veio de apé.
- Pepa - (saca) Buenas noches, señora.
- Laura - Boa noite, como vai a senhora?
- Pepa - Muy bien, gracias a Dios! (outro tom) U entonces, señora, es verdad que fueran al Rio? No me acuerdo quien se ha dicho que sí. A mí me parece que fue con don Banto que hablamos a la semana pasada y el nos dijo que no estaban mas en la playa que se habían ido todos al Rio. Sí, me parece que fué don Banto que ha dicho a don Sidonio pero no se puedo acordar.
- Generosa - Pois é, de certo o coitado tav~~ra~~ cansado foi por isso que a sinhora não poudé acordá ele. Não faz mal, otro dia ele vem aqui a gente vê ele.
- Pepa - Quien, señora?
- Generosa - O seu Si-si-sidonio.
- Pepa - Si se quedô en la esquina a bucar cigarrillos, señora. Viene ahora.
- Generosa - Tá bñe, a hora que ele quise. Não vindo na hora de armoço nem de janta quarqué hora tá bom.
- Pepa - Que cosa horrible! El viaje y el verano no le han aprovechado nada por la cabeza.
- Sidonio - (longe) Dá dá-dá licoença, dona Generosa?

- Generosa - Olha o seu Si-si-sidoncio! E a dona Pepa disse que não tinha pu-
dido acordá ele. Vai vê que ele nem tava durmindo. Coitada! Pa-
rece que ela não melhorô nada das ideia. Persegue diliriada
do mesmo jeito.
- Sidoncio -- Boa noite para todos. (laura responde)
- Generosa - Como vai, seu Si-si-sidoncio! Ah quanto tempo que a gente não
se via-se, não é mesmo?
- Sidoncio - É verdade, dona Generosa.
- Generosa - O senhor tava durmindo quando a dona Pepa veio pra cá, não foi?
- Sidoncio - Não senhora. Como dormindo se eu via com ela?
- Generosa - Ué, não sei. Foi ela que disse.
- Pepa - Yo no ha dicho cosa ninguna, señora. Usted es que se ha equivo-
cado como siempre. Que voy hacer se usted no entiende lo que ha-
blo? Yo ni sé porque hablo, seria mejor que me callase la boca
de que estar a perder mi precioso tiempo.
- Generosa - É, sim, o tempo agora anda bñ. Mas houve um tempo aí que era
uma seca que Deus nos acuda. As plantaço ovi dizê que a seca le
vô tudo por agua abaixo. As veldura esse ano vai tá por um preço
que vai sê uma coisa miseravi! Eu truxe do Rio umas semente de
cortalicea que vô plantá aí no quintal e vô botáo negrinho a cuiá
dá. Se a gente não fizé assia não vai pudê cumê veldura esse ano.
- Laura - É sim.
- Sidoncio - Gostou do Rio, dona Generosa?
- Generosa - Gostamo muito. Ih si devortimo tanto que o senhor nem quera sabê.
- Pepa - E gon siôca como está?
- Generosa - Ficô lá com a seca da Celestina.
- Pepa - Y usted porque lo dejó?
- Generosa - Pois é. Mandô abraço pra todos os sunhido.
- Sidoncio - Muito obrigado pela parte que se toca. Quando eserever pra ele
mande um abraço meu, tambem.
- Generosa - Muito obrigado, farei presente.
- Pepa - Que mas le gustô en rio, señora?
- Generosa - Foi no Rio, dona Pepa. Pois eu já disse que fomo lá.
- Pepa - Yo le pregunto que mas le ha gustado allí.
- Generosa - Ah, pois é. Mas se assente, seu Si-si-sidoncio. Tá de impé por
gosto? (passos que se paroxissam)
- Tudinha - Salve eles!
- Sidoncio - Olha a Tudinha! Como vai você?
- Tudinha - Muito bem, felizmente. Como vai, dona Pepa?
- Pepa - Mui bien, felicissimas, Gracias. Mirá que cosa! Vomo se ha queda-
do morocha esta chica.
- Generosa - Quem é a chica que eu não sunheço, dona Pepa?

- Fepa - Tudinha, señora, Tudinha!
- Generosa - Boitada! Como ela tá atrozada da cabeça! Chega a chamá a Tudinha de Chica. Ela não é Chica, dona Fepa. É Tudinha.
- Fepa - Eso lo sé mui bien, señora. No diga tonterias. Calle-se la boca que es mejor.
- Generosa - Imagina! Si tá melhor tá trocando as coisa si tivesse pior como taria.
- Laura - É então, Tudinha, gostasta muito do carnaval?
- Tudinha - Esteve muito desanimado mas eu me diverti bastante.
- Generosa - Fomo a tanto baile que a sinhora nem quera sabê. Se fantasiemo.
- Sidonio - Do que se fantasiou a senhora, dona Generosa?
- Generosa - Eu? De Cleopática. Tava tão chica. Fui muito gizada.
- Sidonio - Cleopática? Não conheço essa fantasia.
- Generosa - É uma que tem uma pavona aqui na testa com o rabo todo abelto.
- Sidonio - Que fantasia exquisita.
- Fepa - Ya la policía le ha dejado salir así?
- Generosa - A Iracy não foi com nós, dona Fepa. Eu não quis. A gente nel se cunhiçia eu não gosto de andá convivente com gente assim que a gente não sabe quem é. Fomo só nós. Eu a Tudinha o Tunico e o negrinho.
- Sidonio - E o seu Sidóca não foi?
- Generosa - Aquilo é um velho mais injuado que nem sei. Já tava vistido e tudo depois não quis i.
- Laura - É do que era a fantasia dele, dona Generosa?
- Generosa - Dêê verdade eu não sei do que era, dona Laura. Tinha umas earça branca, uma faixa de sitia laquêê sôr de briques um corçolete boidado a lentejolas um lenço na cabeça e umas algola nas orelha. Eu acho que era de pache. Nós pintemo ele e tudo depois não quis i. Também eu botei a boca nele. Tu pensa que porque tu não quis i que nós não vamos? Eu nem me avexo. Não quis i ficar em casa. E nós fomo e ele ficou.
- Fepa - Y Juvencio de que se ha disfrazado, señora?
- Generosa - O que é que ela disse?
- Tudinha - A dona Fepa está perguntando do que foi a fantasia do Juvencio, mãe.
- Generosa - Ah o negrinho foi de couve boi.
- Sidonio - Eu conheço couve galega, couve de bruxelas, couve rábano mas couve boi eu nunca ouvi falar.
- Generosa - É? Pois eu nunca ouvi falá foi nessa couve rabo que o senhor falou agora. A de mais a mais eu tô falando é em fantasia, não tô falando em cereal. Não sabe o que é fantasia de couve boi, inguizicante? Nunca foi no cenema, nunca viu aquelas fita que o menino nada a cavalo com um chapéu desse tamanho, umas fraia no lado das earça e um revorvi e um maço de colôa na cintura? Pois couve boi é aquilo.
- Fepa - Calle-te la boca, queridito. No le hagas preguntas porque esa mujer es increíble! Yo no se quiero colear porque entonces ella va le iba a decir quien es la inorante.

- Sidonio - Não vale a pena, Pepinha. É melhor deixar assim.
- Laura - Está faltando muita gente hoje, não é verdade?
- Tudinha - Está sim. Só de casa faltam dois. O pai e o Tonico.
- Sidonio - O Tonico onde é que ficou?
- Generosa - Pois eu já não disse que o Tonico ficou no Rio fazendo insame pra um culejo que eles chama de aeronautico? Que home mais indagadero.
- Laura - A senhora disse pra mim, dona Generosa, o seu Sidonio ainda não tinha chegado.
- Generosa - Pois é, mas agora ele já ficou sabendo.
- Sidonio - Quer dizer então que ele pretende entrar para a aviação?
- Generosa - Que viação home de Deus? Que viação? Pois eu já não acabei de dizer que ele ficou fazendo insame no culejo? Venha ele com viação. Que home mais insoprensivo. A gente tá dizendo as coisas ele tá compreendendo deferente.
- Laura - Mas Escola de Aeronautica aviação é, dona Generosa.
- Generosa - Cala essa boca tambem, dona Laura, deixa de dizer bobage. O que é que tem que vê uma coisa com a outra?
- Tudinha - Não faz caso, Laura deixa ela falar. Ela é que não sabe o que está dizendo.
- Generosa - Eu sei o que é que a senhora tá pensando que é. A senhora tá pensando que é o culejo dos croplano que ele foi, não é isso?
- Laura - É isso sim, dona Generosa.
- Generosa - Isso é o que ela queria mas eu não deixei. Deus me livre! O Toni já me dá dor de cabeça aqui em baixo imagina lá em cima o que ia ser. Ai como eu não deixei ele foi vê se dava pra ele intrá prá esse tal de aeronautico.
- Sidonio - Aeronautica e aviação vem a ser a mesma coisa, dona Generosa.
- Generosa - Cala essa boca, seu Si-si-sidonio, deixa de dizer bobage. A gente quando não sabe as coisas fica quieto.
- Pepa - A ver que já te dije que calles la boca. Por que no lo haces?
- Sidonio - Está bom, eu não falo mais.
- Tudinha - A senhora ficou em Porto Alegre todo o verão, dona Pepa?
- Pepa - Não, não, he salido, sã. Estuve em Buenos Ayres y Montevideo.
- Sidonio - Foi buscar o enxoval.
- Laura - (baixo) Olha só o luxo da cas-elhana!
- Generosa - Quem é que andô lá nessas terras que a dona Pepa falou?
- Tudinha - Ela, mãe, a dona Pepa. Foi buscar o enxoval em Montevideo e Buenos Ayres.
- Generosa - Ah! Deve de ser muito caras as passagens pra esses lugares não é dona Pepa? Lá pro Rio adonde a gente foi conta Rico de Sinhero.
- Pepa - Si, mui cara. Costa millones y millones.
- Generosa - Tá bom, vamos diminuir de assunto que a dona Pepa já se dinoltiu.

- Ela tá falando muito bem com a gente quando é num repente lá vem os intrompério.
- Juvencio - Boas noite, macacada. Como vão vocês? (Pepa e Sidonio respondem)
- Laura - O Juvencio! Olha a pinta dele só!
- Juvencio - Tinha mais um da trinca que tava lá do lado de fóra.
- Bento - É fato.
- Generosa - O meu Bento! Pronto, agora vai cumcá as prgunta e as indagação.
- Juvencio - Se assenta aí que as pessoa que tá aí é tudo de casa.
- Laura - O sr. está mais magro seu Bento.
- Bento - É fato.
- Tudinha - Mateve doente?
- Bento - É exato.
- Generosa - Foi o gripis, um celteza. Hay tanto gripis aqui em Polto Alegre.
- Bento - É fato.
- Juvencio - Oia aqui seu Bento o sinhô precisa adextrá mais a lingua pra intrá com umas papolinha mais incorporada. O sinhô só diz é fato, é inzato, é fato, é inzato, dease jeito a gente fica sempre na mesma.
- Laura - Mas olha só a pose do Juvencio falando chiado!
- Generosa - Pois é pois o diabo do nego pagô dereitinho e sutaco dos Rio de Janeiro. Eu que quiria pegá não pude pegá.
- Laura - Então disse que dèste um trabalho enorme á dona Generosa e acabou te fugindo pra Niteroy, não foi?
- Juvencio - De celto. A gente no Rio não podia fazê nada. Quarqué coisinha tava indo em casa. Niteroy é a Francaia livre. A gente ali tá como quê.
- Generosa - Cara dielavada, fazê a gente passá a noite sem durar por causa dele. Eu cheguei até a chorá de pensá que pudesse tã acuntidoio quarqué coisa pra esse exoumungado.
- Juvencio - E eu lá em Niteroi muito concho com a minha fulera.
- Generosa - Tu precisava era muito tapa nessa cara. Sem velgonha disabriado. E vamo acabá com esse negocio de falá como os Rio de Janeiro que eu não quero isso aqui em casa. Fala direito.
- Juvencio - Ora, dona Gineirosa o que é que tem? A gente precisa falá assim que é pros otro vô que a gente andemo por lá.
- Generosa - Não quero. Fala direito, já te disse.
- Juvencio - A dona Tudinha fala ansela e a sinhora deixa. A gente qué falá de arperação.
- Generosa - Cadê os biscoitos?
- Juvencio - Tá aqui.
- Generosa - O troco?
- Juvencio - Ué, a sinhora se deu dois cruzero que troco bote é esse?
- Generosa - Eu não te disse que era pra comprá tudo de biscoito. Tu comprô de intredusido que tu é. Te alembra o que a gente gastô no Rio de Janeiro e não pôde tá se botando fóra desse jeito os perculho

- Juvencio - A senhora tá achando que é muito biscoito? É só o seu buldo chegado que ele sóinho é capaz de cumê eles tudo.
- Laura - Ah mas é verdade e por falar no seu Porfirio onde é que ele anda?
- Sidonio - Está com um calo arruinado, foi por isto que não veio. Na próxima quarta feira talvez ele já possa vir.
- Generosa - E si não pudé não faz mal. Não faz falta nenhuma. Ele só vem na casa da gente pra cumê.
- Tudinha - É o Licurgo, Laura quando volta?
- Laura - Em todas as cartas ele fala em voltar mas até agora ainda não voltou.
- Fepa - Ni volveré nunca mas.
- Laura - Si não voltar não pense a senhora que eu vá morrer de paixão. Namorados é que não me faltam. Ainda agora me diverti bastante no carnaval com um caixeiro viajante de Santa Catarina.
- Fepa - Y es lo que tiene que hacer porque aquel si no volvió asta ahora no vuelve nunca más.
- Generosa - Logo catarineta, dona Laura. Arrume otro. Eu não gosto de catarineta.
- Tudinha - Não é você que vai casar com ele, mãe, que mania que você tem de se meter em tudo!
- Generosa - Dera. É da tua conta? Eu não tô falando contigo, nitida. Cala a tua boca que é melhor.
- Tudinha - Vou calar mesmo porque eu não gosto de discutir com você.
- Generosa - Vamo acabá com esse negocio de se chamá de você. Você é pra nego.
- Juvencio - Oia dona Ginezeira quando falá em nego você alimpa o canto da boca que tá sujo.
- Generosa - Oh nego atrevido. Maninha tiorora daqui. Vai lá pra cozinha preparar o café duma vez, anda. Maninha pra cozinha que é o teu lugar.
- Juvencio - Meu lugar! Pringuntá si a gen tem lugar! Meu lugar é no cemitério como é o lugar de você e de todos que tão aqui. (gritando) Ai mardada! Larga a minha orelha, assassina!
- Generosa - Cachorro! Mardada! Isso é pra tu aprendê a arrespeitá a tua patroa, peste ruim.
- Juvencio - Quagi que me arrancê a minha rica da minha orelha que a minha fulera gostava tanto de soldo.
- Generosa - É era o que eu devia de te fazido era te arrancá mesmo ela e te dexá maneta das orelha pra tu não sê cachorro. Maninha vai fazê o café duma vez, anda.
- Juvencio - Já vê. Não tá vendo que eu já tô indo? Não perdeu a assistencia de vê que a gente tá indo e tá mandando?
- Tudinha - Olha aqui, mãe, enquanto a gente espera que o negrinho faça o café podia passar pra sala e fazer um pouco de musica.
- Generosa - Ué, pôde passá.
- Juvencio - Oia aqui, dona Tudinha a senhora precisa peldê essa acustume de se chamá de nego. Eu tenho nome, já diase prá senhora umas quantas veiz. A senhora tá vendo dona Fepa como é que eles tratam a gente aqui? Dispois ficarão tudo sintido porque eu qui-

- ria ficá no Rio de Janeiro.
- Pepa - Tenes razon, Chiquito.
- Juvencio - Chiquito não, Juvencô. Meu nome é Juvencô, não é Chiquito.
- Bento - É fato.
- Generosa - Pronto, já se meteu e sabe tudo. Em tudo ele tem que metê a culhá, tolta dele.
- Laura - Então o Juvencio queria ficar no Rio de Janeiro?
- Generosa - Quiria. Ia intrá não sei pra donde.
- Juvencio - Pros fuzilero navá. Ai que eu ia dexá aquelas morena bem tonta.
- Generosa - Te préguntá si tu lá ia sê bem tratado como a gente te trata aqui. Foi uma luta pra trazê esse excomungado, a sinhora nem quer saber. No dia que nós embarquemo foi preciso a gente trazê el fechado no qualto deizdo canhá codo.
- Sidonio - É aonde a sinhora se jospedou lá no Rio, dona Generosa?
- Generosa - Nós ficuemo no Rio Juca.
- Laura - Ele tem casa lá, é?
- Generosa - Umaz quantaz casa dona Laura. Tem rua de casa, a mesma coisa que aqui.
- Laura - Não sabia. Nunca ouvi a sinhora falar nesse tio.
- Generosa - Que tio, dona Laura?
- Laura - Esse Juca que a sinhora está falando.
- Generosa - Não falei em tio nenhum. A sinhora tá fazendo confrontaçõe, dona Laura. Tio Juca é um lugar que tem lá que tem umaz quantaz casa, que tem rua, que tem praça que tem tudo como aqui.
- Tudinha - É Tijuca, Laura.
- Laura - Ah, sim. Agora entendi.
- Generosa - Credo, dona Laura, até parece que eu tô falando estrangeiro. Si fosse a dona Pepa eu não me indimirava mas a sinhora...
- Pepa - Que tiens doña Pepa, señoerá? Porque no me deja descansar?
- Generosa - O que é que ela disse?
- Laura - Porque a sinhora não deixa ela descansar.
- Generosa - Qué descansá? Ué pôde descansá, minha de Deus. Eu tô mandando a sinhora lavá a ropa, barrê a cage, enxugá loça fazê solvigo pesando? Mas vê pensa que eu tô. Tá cansada descansá, orissima. Ela já chegô aqui dizendo que tava cansada que tava ansitada que tava não sei o que... a sinhora precisa é se tratá, dona Pepa. A sinhora não se trata dispois não se queza.
- Pepa - Yo no me trato y usted se destrato. Esto es la verdad.
- Generosa - Pois é, dona Pepa. (baixo) Coitada! Isso é uma doença muito intolerante ela não se cuida tem que piorá.

- Tudinha - Mãe, essa papulina já está dando náusea. Vamos pra sala fazer música que é muito mais interessante.
- Juvencio - E eu vô butá a água pra felyê e depois vô lá cantá um sambinha que a minha fulera mi ensinô.
- Generosa - Tu vai é te colocá nas tua posição que era só o que fartava tu i te metê lá no meio dos brancos. Não pensa que tu vai fazê toda a vida o que tu tinha acostume de fazê aqui em casa. Nôis agora vamo se guiá por um otro assistema.
- Juvencio - Ela agora depois que veio do Rio de Janeiro veio toda julgada.
- Generosa - Cala essa boca maroriedo. Venha dona Laura, vamo lá prá sala. Venha dona Pepa. Seu Si-si-sidonio, seu Bento, vamo passá tudo prá sala. (sambinha do telefone) Oia o telefonis. Leva eles prá lá Tudinha que eu vô atendê o telefonis e já vô em seguida.
- Tudinha - Vamos Laura. Venha dona Pepa. (sambinha)
- Generosa - Vão indo que num repente eu já tô lá. (afasta-se conversando) (sambinha) Meu Deus essa gente vo que a gente já tá se aliviando pra atendê o telefonis e toca e toca e toca. (no telefone) Aloni quem é que tá falando aí? Quem? Fale mais arto que eu não tô ouvindo nada. Quem é? A sinhora veja si pronuncia as sílabas mais digavar que eu não tô ouvindo nécas. Mas quem é que tá falando aí? Quem? Virolétes? Que virolétes? Ah! é a madama. Coman savas Madama? Je suis con vocus de saudades da sinhora. Pois é, pois eu telefonei pra sinhora pra parles de cozecô otra vez las loçons, nes pas? Je suis tão adiantada que é una pena parê não é mesmo? Ih je tiens tantas choscs prá le contê Madama que a sinhora nem imagina. Tivo do Rio de Janeiro, trouxe muita novidê prá contê, muitas choscs jolis tambem gastemo tanto dinheiro que a sinhora nem imagina. Muitas choscs bunitas mas tudo muito caro. Uis. Qual é os jura que a sinhora escolheu pra me dá lâçã? lessons? Mercedes e camerdis? Dexa vô... é tá bom. Mercedes e camerdis. Então no camerdis a gente já pode comecô não é madame? Ouis, tres biens. Quêca que cês que sãs? Sidôca? Vai bem, merci diçen. Ficô no Rio de Janeiro. Tá tratando da aposentação? Uis. Depois que tteé tudo pronto ele vai veni. Uis, tres biens. Então no camerdis a gente comeca, nes pas? Gudibis, madama. Or-revoir. (desliga) Que bom eu não tô nada esquecida do franceis. Falei como si tivesse acostumada a falá todos os dia. É bem deixada que eu tava. Quandova gente tem queda pras coisa é bobage. Tá bô dexa eu i lá pra sala que as visita tão me esperando. (passos que se afastam)
- SPEAKER: - Enquanto dona Generosa dirige-se para a sala de visitas, ouçamos duas palavras sobre os patrocinadores deste programa. (Faz aqui os nuncios) E Agora dirigemoos á sala de visitas a estabelecer novamente contacto com dona Generosa e sua turma.
- Generosa - O quê! A dona Pepa vai contá?
- Pepa - Si señora voy. Voy hacer la voluntad a mí novie y las personas todas que me han pedido.
- Bento - É fato.
- Generosa - Pronto, já se meteu. Ninguém lhe priguê coisa nenhuma, seu Bento. Porque o senhor não fica calado que é muito mais melhor? O que é que a dona Pepa disse que vai cantá?
- Sidonio - Ela ainda não disse.
- Generosa - Ué, o senhor tá tirando o direito do seu Polfirio? Pois a mulher não acabô de dizê que ia cantá?
- Sidonio - Disse que ia cantar mas não disse nome.

- Pepa - Y mujer nó, señora. Vea como habla.
- Generosa - Tá bom pois então cante isso.
- Pepa - Voy a cantar una canción de mi tierra la que cantaba allá quando estava tan fejos de mi novio tan querido.
- Juvencio - Ih como ela arrevera os óio, misericórdia! Hoje vai té.
- Generosa - Mais nego tu já tá aqui otra vez, curtido?
- Juvencio - Outra vez não que é a primeira vez que eu piso na sala de visita no dia de hoje, dexé de sê lambancera.
- Generosa - Cala essa boca, cachorro strivido. Cala essa boca e vai timbora lá pra dentro, arritinido.
- Juvencio - Já vó. (baixo) Eu vó mais custa. Friguntá si eu tambem não tocho o deroito de ovi.
- Tudinha - Vamos dona Pepa, comeece duma vez.
- Pepa - Voy a empezar ahora, chica. Estaba esperando que terminassen las peleas.
(baixo)
- Generosa - Coitada! Como ela tá avacada! Trocando tudo! Todos agora é Chica e Chico pra ela. (Pepa canta qualquer canção em Hespanhol, sendo, ao terminar muito aplaudida por todos)
- Sidonio - Muito bom seu coraçãozinho de ve-ve-ve-ve...
- Generosa - Vente.
- Sidonio - Vente nada. Coração de ve-ve-ve-
- Generosa - Veneno.
- Sidonio - Veneno tem a senhora na cabeça. Coração de ve-ve-ve...
- Generosa - Velhaco.
- Sidonio - A senhora vai ou não vai se deixar falar?
- Generosa - Vé nome pôde falá eu não tô assegurando a sua boca. O senhor é que é um mal agradecido que a gente que ajudá e senhor e o senhor ainda fica bravo.
- Sidonio - A sua ajuda só se atrapalha.
- Generosa - Pois então fala diz as bestera que quisé que eu não tenho nada que vê com isso, sabe?
- Sidonio - Coração de ve-ve-veludo.
- Generosa - Imagina só, levá tanto tempo pra dizê isso.
- Sidonio - Lá aiada cão acabei, dona Generosa.
- Generosa - Pois então acaba duma vez. O senhor vai parando em tudo quanto é posto. Até parece iguales cachorrinho que sai preso pelas corrente. Não pôde vê posto que não tenha que pará nem que seje só pra charrá.
- Sidonio - Na retribuição ao teu belo canto eu vou declamar uma poesia.
- Generosa - Misericórdia. Tá aí. A gente nem ben chegô e já tem que tá a-turando os galgulejo dele. Vai calado!
- Pepa - Señora! mi novio vá a decir una poesia para mí. Si no la quiero escuchar puede salir.

- Generosa - Pois é, dona Pepa.
- Tudinha - Vamos a ver, seu Sidonio, desambucha.
- Sidonio - Já vai. Vou dizer.....(diz duas ou tre quadrinhas sendo muito aplaudido por todos)
- Laura - (baixo) Como este homem cansa a gente, que coisa horrível!
- Tudinha - (baixo) É uma coisa pavorosa!
- Pepa - Que se lá que está sussurrando, senhora?
- Laura - Nada, dona Pepa, é um assunto meu aqui com a Tudinha.
- Pepa - Yo? la conozco mui bien! "a conozco mui bien! Mejor do que usted se imagina.
- Laura - Pretensão e agua benta cada qual toma o que quer.
- Generosa - Eh dona Laura, não intica com essa mulher. Daqui a pouco ela tá dizendo umas coisa que não tem coragem e a minha casa é uma casa de família. O nego, tu não vai palpará o café, iguaritado?
- Juvencio - Eu ia palpará aia sinhora mas ha mais de uma hora que eu tô aqui fazendo sinal pra sinhora pra dizer que não tem café e a senhora fica assim numa postura fingitiva de quem não vê vendo. Como é que eu vô palpará café si não tem café?
- Generosa - E a essa hora é que tu vem me dizê? Porque é que tu não disse isso mais cedo?
- Juvencio - Porque eu não tô adivinho. Si eu fosse adivinho não tava aqui. Eu tô dentro da lata, com oitosa pra sabê si ela tá cheia ou tá vazia?
- Generosa - Mas tu devia de botá sintido que é da tua obrigação. Agora tá aí a velgoaba que a gente passou! as visita tá aí e a gente não tem nada pra ofrecê.
- Juvencio - As visita não viero aqui pra comê.
- Sidonio - Mas um cafézinho é sempre agradável.
- Bento - É fato.
- Sidonio - E como não vai sair nada nós podemos ir andando Pepinha.
- Pepa - Si, si, podemos andar. Mañana tendê que levantar-te mui temprano.
- Generosa - O que já vão? Não espere aí que eu ainda não cantei. Depois que eu cantá voçês sai. Então voçês penso que eu é de aturá ovi voçês e depois não é de se vingá? Pois sim. Cia dona Laura, vô cantá uma coisa que tava muito em voga lá no Rio de Janeiro. O Calmelito, a sinhora conhece?
- Laura - Conheço, sim, posso até lhe acompanhar.
- Generosa - Pois então vamo. É uma cantiga muito chice, não é mesmoy?
- Laura - É sim.
- Generosa - Principale, dona Laura, principale que depois eu vô. (começa o piano. Generosa cantando:) Calmelito você foi ingrato, prometeu sapato depois não se me deu e eu fiquei me arruando na vida cheguei a fazer frita e o nariz se deu. Que papel bonito o seu! Desde que se foi-se, nunca mais voltou feiz cansá meus braço e não me pagô. Calmelito você foi ingrato, prometeu sapato depois

- inclinou.
- firida e o nariz ~~inclinou~~. Que papel mais feio o seu! Depois que se foi só uma vez voltô pra buscar seus trapo mas não se levô. (ao terminar é muito aplaudida) É muito chica essa musica não é mesmo?
- Laura - É sim. A letra é que eu não conhecia. Foi a senhora que fez?
- Generosa - Foi dona Laura. Que dizê...uns pedaço eu ouvi ea cantar cantá outros pedaço que eu não sabia eu butei.
- Papa - Bueno, señora, nosotros nos vamos.
- Laura - E eu tambem vou andando que é tarde. O sr. me acompanha até o hotel, não é seu Bento?
- Bento - É fato.
- Laura - O sr. passa por lá pra ir pra casa, não passa?
- Bento - É exato.
- Generosa - Ah, mais péra aí que eu não dei os presentis que a gente trouxe lá do Rio pra dá pra eles. Vai bussô minha filha.
- Tudinha - Onde é que estão, mãe? Eu não sei que presentes são.
- Generosa - Os presentis que eu comprei prá dá pra eles. Comprei um pra cada um. Não lá dentro daquela malinha escura que tá lá no meu quarto. Aquela piquena, (passos que se afastam) Comprei uns lenço muito chics pra sinhora dona Laura.
- Laura - Prá mim? Que bon, muito obrigada.
- Generosa - Pra dona Papa uma sombrinha que a gente dobra ela e tem parencia de bolsa.
- Papa - Gracias, señora, no mereço tanto.
- Generosa - Pro seu Sidonio uma gravata de vidro que é vê fazenda. Ninguém é capais de dizê. Pro seu Bento...
- Tudinha - (gritando de dentro) Mãe, não tem malinha nenhuma aqui no quarto.
- Generosa - Tem minha filha, como é que não vai tê. Procura que ela tá aí.
- Tudinha - (aproximando-se) Eu já procurei em toda a parte e não achei. Até eu baixo da cama eu espiei.
- Generosa - Adonde é que tu botô a mala negrinha?
- Juvencio - Oredo! Dona Giniroza, seu eu lá. Eu não butei a minha mão naquela mala. Nem sei que mala é que a sinhora tá se intelfirindo.
- Generosa - Aquela mala que eu comprei só pra botá os presentes que eu ia trazer.
- Juvencio - Eu não sei qual é, dona Giniroza. Quero vê a minha mãe morta no meio de quatro vela aí eu butei a mão nessa mala.
- Generosa - Mala não pôde sê mas então no rebarco a mala dos presentis? Que tristeza, seu Deus, será possível? Eu bem que não quiria que ninguem butasse a mão naquela mala e ven um agarra e ven otro e segura e ven otro e bota a mão e o resultado tá aí. A mala desapareceu. Ah mais isso não fica assim. Que não fica não fica. Eu sô capais intê de dá parte na policia. Eu é de veretia tudo aí até a mala appareçê. Veja só Nios de diabero que a gente gas tô com os presente e chega aqui e não tem eles pra dá pras pessoas.
- Laura - Talvez a mala appareça depois nalgum outro lugar. Não se abor

- reça por isso, dona Generosa. Eu vou andando que é tarde. Até amanhã se Deus quiser, Vamos seu Bento? É tarde.
- Bento - É fato.
- Generosa - Assim que ela aparecer eu mando levá o seu presentisinho, dona Taura.
- Taura - Está muito bom, não tem importancia. Boa noite para todos. (todos respondem)
- Papa - Bueno y nosotros tambien nos vamos. Vêni queridito. Buenas noches para todos. (todos respondem)
- Sidonio - Boa noite, dona Generosa. Si a mala aparecer a senhora manda lá.
- Generosa - Vejo só! Tanto trabalho que se deu escolhé as coisa e não pudé dá pras pessoa e o dinheiro que se gastó. Isso é uma coisa que não requer. Uma coisa tão odiosa que eu tinha comprado! É de quê o coração da gente! (passos que se aproximam)
- Juvencio - Dona Gineirosa eu já fechei a porta da rua porque não farta ninguém pra disguiá. Já foi tudo embora.
- Generosa - Eles já saiu tudo?
- Juvenão - Já sim senhora. Tô dizendo que já foi tudo embora.
- Generosa - Então tragiz os biscoito pra gente cumê i depois i drumi que amanhã a gente tem que alivantá cedo.
- Juvencio - Sim senhora já vô buscá.
- Tudinha - Mãe, que mala é essa dos presentes que eu não me lembro dala?
- Generosa - Que mala é de sê? Uma mala fingitiva. Tu sabe que eu não comprei presente nenhuma. Vô mesmo que as coisa anda assim pra gente tá dando presente pra todo o mundo e as coisa cara do jeito que tão. Heia eles pensá que eu comprei e que peldi. O que ficava feio era a gente não tê trazido coisa nenhuma! Sáfá tudo daqui falando do mal da gente. Assim eles já não tem esse direito.

(Caracterista forte para o final do programa)

31

2.º SERRÃO

- Juvencio - (gritando) Dona Gairosa! Oh dona Gairosa! Dona Gairosa! Oh mui-
é de Deus chega um mucado aqui na sala de janta que eu tenho uma
coisa pra amostrá pra sinhora. (natural) Será que esse diabo des-
sa muié não tá ovindo a gente clamá o nome dela? (congigo mesmo)
Pera aí, eu disse clamá mas parece que tá enrrado. Parece que não
é ansia que se diz. Clamá...clamá...eu só burro mesmo, não é cla-
má que se diz é conclamá. Parece que ela não tá ovindo a gente con-
clamá o nome dela... (gritando) Dona Gairosa! Oh, dona Gairosa
a sinhora parece que tá com panarisco nesse uvido que a gente
grita, grita, grita, grita e a sinhora não atende? Pera aí que eu
já sei comó é que eu vô fazê. Qué vê ela vim correndo em toia
tempo? Vô jogá essa viana do chão ela vem logo lá fé do que foi
que caiu se se quebrou-se se não se quebrou-se, que vê só? (ruído
de cair qualquer coisa de folha) Agora é um repenti ela tá aí.
(passos que se aproximam)
- Generosa - (falando de longe) Negrinho, oh negrinho, que é esse aí?
- Juvencio - Eu não disse? Eu conheço o meu amigo.
- Generosa - (perto) Que é que tu dexô cai aí, negrinho, que é que tu já pal-
tiu aí iscumungado?
- Juvencio - Nada, dona Gairosa, nada. Dixa de se faldara e tá xingando a
gente sem a gente se merecedente. Foi a viânia que caiu no chão
mas bem dizê ela nem caiu, fui eu que impili ela perpositadamente
prá bem da sinhora me atendê da clamação - não - a conclamação
que eu tava fazendo há mais de meia hora do seu nome e a senhora
fazendo ouvido de compradó.
- Generosa - Tu divia de tê ido lá dentro me chamá o tempo que tu levô gritando
daqui. Tu bem que sabe que o mosquito moldeu o típoço do meu ová-
do, eu tive que botá um argodão com azeite quente dentro da cre-
lha fiquei com ela mio paralistica. Se eu tava assentada desse laé
lo de cá que é o lado que tá com o argodão como é que tu quiria
que eu fosse iscutitá? Tu tava era te fazendo de ingraçadinho.
- Juvencio - Por Deus que eu nem me alembrei que a sinhora tava maneta desse
ovido.
- Generosa - Não te alembrés o que, dexa de te fazê de bôbo.
- Juvencio - Pur essa luz divina que não me alembrei. Quero lhe vê morta no
meio de quatro vela como não se alembrei.
- Generosa - O que é que tu quiria cumigo que tava aí com essa boca abelta que
pariciá uma gamela?
- Juvencio - Era pra lhe entregá essa calta que a vizinha me passô por riba do
muro do quintá que botaro dibaxo da polta dela pur lápis de um en-
gano.
- Generosa - Já véz que calta é essa. Butaro dibaxo da polta dela pur ingano e
ela que passá pra gente? Bôa coisa não é de sê. Vai vê que é man-
dando sobrá alguma conta que não devendo.
- Juvencio - Não, dona Gairosa, a calta foi iscriviá pra sinhora.
- Generosa - Poia si foi iscriviá pra mim como é que botaro na polta dela?
- Juvencio - Pois eu tô isplícando pra sinhora que foi pur lápis de um engano.
- Generosa - Que bobage de lapir de engano é esse, nego, fala direito.



- Juvencio - É a mesma coisa que dizê por uma confrontação, por um inquivo...
- Generosa - Eu tô em dizê que essa calta não é pra mim mas em todo o caso por um iscarro de consciencia eu vô abri ela.
- Juvencio - É pra sinhora sim, dona Ginirosa, pois tá iscrivido aí: "Dona Ginirosa Ferara das Neve." Ginirosa Ferara das Neve não é a sinhora?
- Generosa - É, acho que sô... Mas pera aí que desse otro lado tem otro seboscrito.
- Juvencio - É memo, toa. Tá aí, ó, eu nem me tinha dado conta.
- Generosa - O que é que tá escrivido aí?
- Juvencio - (soletrando) Ré...mête.
- Generosa - Mête adonde?
- Juvencio - Não sei, ele é que tá mandando mête.
- Generosa - Não diz adonde como é que a gente vai sabê. Esse diabo que escreveu isso até parece que tá loco. Dispois? Persegue.
- Juvencio - Ar-ci-dé dé-dés. Arcidés Fer-ra das Ne-ve. Arcido Ferera das Neve.
- Generosa - Arcido Ferera das Neve? Péra aí. (pausa) Eu parece que conheço esse nome. Não tô bem alembrada mas parece que já ovi falá nesse nome.
- Juvencio - Conhece sim dona Ginirosa. Pois Arcido Ferera das Neve não é o patrão?
- Generosa - O Sidóca? Ah é mesmo nem me alembrava mais. Meu Deus como eu ando ritraída! Isso é prá tu vô. Mas então essa calta é pra mim e pro Sidóca?
- Juvencio - É isso memo. Deve de sô pros dois, então.
- Generosa - Então vamo vô o que é que escrevero aí dentro. Abre ela. (ruído de papel rasgar) Lê bem disposadamente que é pra gente pudê comprendê tudo dereitinho. Tu tem a sania de lê tudo dum forgo só, assim não dá.
- Juvencio - (soletrando) Mi-nha a-dóra-vê con-solte. Minha dóra-vê consolte.
- Generosa - Que é que a Dóra vê con solte?
- Juvencio - O que e la vê não sei. É o que tá iscrevido aqui.
- Generosa - Não tô entendendo nada.
- Juvencio - Será pussivle que a sinhora não teje entendendo, dona Ginirosa?
- Generosa - Já disse que não tô é porque não tô. Quem sabe tu qué que eu vá dizê uma coisa que não é?
- Juvencio - Mais será o Biniáto? Dona Ginirosa a sinhora qué que eu lhe diga uma coisa com toda a minha sencricidade?
- Generosa - O que é negrinho?
- Juvencio - A sinhora não tá entendendo o que tá iscrivido aqui?
- Generosa - Não.
- Juvencio - Pois óia, nem eu tão poco.
- Generosa - Persegue, persegue a leitura, pôde sê que mais adiante a gente possa cumprandê alguma coisa.
- Juvencio - (soletrando) Deús, to-de po-de-re-se e os anjós de gu-al-da...

- Generosa - Ah já sei. Agora é que eu cumprindi! Isso é uma oração, negrinho. Dessas oração que botam nos envelope e mandam pra nove pessoa. Noi precisa lêo resto, nem precisa. Agora tu vai copiá nove ingual-sinha a essa que a gente tem que mandá pra nove pessoa. Agora eu já te dô o caderno que o Tunico dexô aí naquela gaveta, tu arranca nove pagina e copia dereitinho tudo que tá inscrito aí, depois tu sai por aí a bôta debaixo das polta das casa que tu quité.
- Juvencio - Mas não é ansia dona Ginirosa, a gente tem que botá dentro dum velópida, inscrevê o nome da pessoa e depois botá no correio. Aí o correio é que vai levá ela.
- Generosa - Ah não. Eu inda vô pagá pelo? Era só que fartava. Escreve no papel, a gente dobra ele dereitinho e tu vai botá debaixo das polta. Ninguém pôde dizê que eu não mandei.
- Juvencio - Quem sabe a sinhora diz que mandô e não manda nada, heim dona Ginirosa? Isso vai dá tanto trabalho pra fazê.
- Generosa - Ah não isso eu não quero. Tô pra depois caí um despacho na minha casa e cumagá a andá tudo ás avessa? Ainda mais que aquele infilizo tá lá no Rio com aquelas porcarias daqueles papel que sem darem os papel pra ela ela não pôde arrecebê o dinheiro? Eu não. Eu quero sucego com essas coisa. Léra aí. (passos, ruído de abrir e fechar gaveta) Tá aí o caderno. Copia e depois vai fazê o que eu te disse. Eu com essas coisa não quero brincadera. Quem o alheio despe na praça veste. E depois que tu tivé copiado tudo vai preparar um café prá dá pra essa gente ante dessa gente í sibora.
- Juvencio - Ih dona Ginirosa vai dimorá munto. Eu copio munto digavá.
- Generosa - Tu copia uns, faiz o café e depois tu copia os otro.
- Juvencio - Ah mais eu não posso fazê café. Agora me alembrei.
- Generosa - Porque é que tu não pôde fazê, negrinho? Tu já tá inventando, já?
- Juvencio - Pois então tem café aí que café que eu vô fazê?
- Generosa - Tu vai ali no almazem....
- Juvencio - Não adianta. O almazem não fia pra sinhora, a sinhora já tá cansada de sabê.
- Generosa - Esse desgraçado desses infilizo que a gente co pra a vida inteira na casa deles, um dia que a gente pru acauso tá sem dinheiro em casa eles não qué fiá pra gente. Mas dexa. Deus Nosso senhor não dolme. Aquilo que a gente faiz pros otro o vento traiz pra gente. Eu não desejo mal pra ninguem, mas esse desgraçado inda é de vim chorando na minha polta pídi uma chiera de café pra matá a fome dele e eu não dô.
- Juvencio - A sinhora dá, dona Ginirosa.
- Generosa - Não dô.
- Juvencio - Dá, dona Ginirosa, é ansia que a gente tem que fazê.
- Generosa - Não dô. Já disse que não dô não dô. Assim como ele faiz desaforo prá gente hoje eu tambem tenho o direito de fazê pra ele quando ele precisa. Tão bom como tão bom. A felicidade minha mãe sempre me dizia que quem muito se agacha acantece o contrario.
- Juvencio - Então vai vô que é pur isso que tudo acantece o contrario. Eu passo quagi que todo o dia agachado. É encobendo esse chão, é lavando a cozinha é ajuntando graveto no quintá pra fazê o fogo...vive com essa lapinha dorsal reconcentrada. Eu preciso arranjá otro rúcio na minha vida.
- Generosa - Dixa de dizê bestera, negrinha. Vai fazê o que eu te mandei o

- tempo que tu tá aí betendo com a lingua nos dente. Ah, vamo cumbi-ná uma coisa que é prá dispois tu não se dexá com a cara no chão quando eu te gritá pra tu fazê o café. Tu não tem nada que chegá lá e dizê (arremedando) Não tem café, como é tua sistema. Tu diz que sim que vai fazê e dispois quando eu reclamá que tá dimorando muito tu diz que o fogo tá reinando e que a agua não qué felvê. Aí eles cansa de esperá e vai simhora.
- Juvencio - Sim senhora.
- Generosa - Se arguê folá que não tem pressa e qu vai esperá tu já vai dizendo que vai dimorá munte porque a agua lada tá fria fria como tu tirô da tolnera. (passos que se aproximam)
- Tudinha - Ó mãe, tu vai se dexá a noite inteira lá aguentando as tuas visita, é? Tem paciencia, dá um geito na vida porque eu não tenho nada que vê com isto.
- Generosa - Ah ingraçadinha, eá eu tenbo é?
- Tudinha - De certo que tu tem, ora essa é boa! Pois se as visita são pra ti, não são pra mim.
- Generosa - Pois é, pois é pra ti vê si é bom, Dispois voceis ainda fala de mim que eu sô orastemia, que sô arrefecente que sô isso que sô aquilo. Isso é pra voceis dá valor pra mãe de voceis. Quando eu digo que sô uma bobra de bôa voceis si ri.
- Tudinha - Bom, mãe, dexa de lero-lero que não adianta, sabe? É melhor que tu vá pra lá duma veiz que eu já tô até aqui de gogos, áurdos e é fatos
- Generosa - Dispois uma trupilha de alejados que arranjarô pra trazê pra minha casa que Deus nos acuda.
- Tudinha - O que é que o negrinho tá fazendo?
- Generosa - Tá copiando umas oração que botaro dibaxo da polta que agora eu te-ngo que mandá pra nove pessoa.
- Tudinha - Tá bem arranjado.
- Generosa - Tu dexô eles lá na sala sosinho, minha filha?
- Tudinha - De certo que deixei. Tinha que arrumá a minha saia não ia arrumá lá na frente deles.
- Generosa - Tá bom, não dimóra muito. E tu negrinho não vai te esquecô das minhas recriminação, hein? Quando eu te chamá e mandá tu fazê o café....
- Juvencio - Já sei, dona Cindrosa, não precisa arrepeti. Não se atrapaie que esse negocio aqui tá muito cuspricado.
- Generosa - Faiz isso direito, não vai fazê polcaria. (passos que se afastam)
- Tudinha - Engraçado, não demora! Ela me deixa quasi uma hora lá sócinha aguentando aquela turma braba e depois vem dizê que eu não demore. Ela que aguente agora.
- Juvencio - Oredo, dona Tudinha, a sinhora não tinha otro lugá pra endereitá a sua saia? Tá se vendo todas feição.
- Tudinha - Não olha prá cá. Tu não tinha nada que olhá. Tu olhô de mitido que tu é. Eu não conheço negro mais mitido do que tu.
- Juvencio - Que mania que a sinhora tem de se chamá de nego, dona Tudinha!
- Tudinha - E por acaso tu és branco?

- Juvencio - Não só o vô lhe dizê uma coisa: eu perfiro sê nego como eu sô, toda a minha vida do que sê branco xujo.
- Tudinha - Pois se tu reconhece que és negro não tens nada que reclamar.
- Juvencio - Mas o cause é que eu tenho nome- porque fui registado, graças a Deus, e não custava nada a senhora me chamá pelo nome que eu arre-cibi na pia batismá.
- Tudinha - Tu qué é conversa mas eu não tô disposta, sabe?
- Juvencio - Pois eu agora já sei como é que eu vô fazê. Não chamo mais a senhora pelo nome. Toda a vez que eu me dirigiri pra senhora eu vô chamá ansina: "dona branca". Quero só vê se a senhora vai gostá. Se é a outra, a castiana, deu pra me chamá de chico. Eu não sô chico, eu sô Juvencio, que bobagem é essa de me chamá de chico. Quarquê dia eu ainda vô dizê pra ela que chico é a mãe dela. Ela não vai gostá mas eu vô dizê. Agora cumigová sê ansina, tão bão como tão bão. Eu é de ensiná voccis a me tratá com mais intelferencia. Eu não sô er-mão de voccis.
- Tudinha - Que duvida! (pausa) Bom mas vira essa cara pra lá que eu estou arrumando a minha saia.
- Juvencio - Se a senhora não quizesse que eu classes a senhora ia se arrumá no-tro lugá. A casa não tem só essa peça.
- Tudinha - Tu estás muito engraçadinho, heim negro. Esse negro veio do Rio de Janeiro completamente curtido. Si ele já era um pouco com a viagem então completou.
- Bento - É fato.
- Tudinha - Credo, seu Bento que susto! Parece que vem nas pontas dos pés, não avisa nada á gente.
- Juvencio - É que ele tá com sapato de ipilémático que não faiz barulho.
- Bento - É exato.
- Tudinha - O que é que o sr. veio fazer aqui dentro?
- Juvencio - Ora, dona Tudinha, o vivente que veio aqui dentro é porque precisa-va vim.
- Bento - É fato.
- Juvencio - Não fica doreito a senhora priguntá.
- Bento - É exato.
- Juvencio - Venha seu Bento, eu amostra pro sinhô adonde é. (passos)
- Generosa - (gritando de longe) Tudinha, minha filha, amostra aí pro seu Ben-to adonde é a pia pra ele lavá as mão que ele foi endeteitá o qua-dro pra mim que tava tolto e xujô as mão que puêra.
- Tudinha - (gritando) O Juvencio já foi levá ele lá, não se amola. (outro tom) Diabo dessa sala que não ha jeito de indareitá. É essa eterna ma-nia da mãe de fazê tudo com economia resulta é nisso. Se tivesse comprado mais trinta centímetros da fazenda, gastava mais tres ou quatro mil reis mas ficava uma coisa direita. Acaba que eu não boto mais essa porcaria e ela fica aí perdida. (passos) Escuta, negrinho ninguém telefonou pra mim?
- Juvencio - Não sei, dona Branca, a senhora sabe que a dona Ginírosa não deixa ninguém atendê o telefonis. Toca o timpão ela vai correndo aten-dê. Ele tocô umas tres ou quatro vez mas quem falô foi ela.

- Tudinha - Ele quem? O Claudionor?
- Juvencio - Não senhora, o telefonis.
- Tudinha - Ué, seu Bento, o que é que o sr. está parado aí, já lavou as suas mãos não lavou?
- Bento - É fato.
- Tudinha - Pois então pôde dá o pira. Vá lá pra sala que os outro estão esperando pelo senhor.
- Bento - É exato. *(Passos que se afastam)*
- Tudinha - *(pausa)* Será que não tinha toalha lá no banheiro que esse infeliz saiu enxugando as mãos no lenço?
- Juvencio - Tuia tinha sia senhora, mas tava tão molada e tão murrinhenta que ele de celta pelfiriu iaxugá no lenço. O pañelo como diz a castiana óia aqui, dona Tudinha, eu le agaranto uma coisa. Eu tenho uma cabeça tão boa que só de ovi a dona Ginírosa falá francels e a dona Fépa falá castiano eu já aptandi os dois sutaco. Agora pelcisava era aparecê aí um ingreiz que em sua duzia de veiz que ele viesse aí e falasse eu já tava no gudibí, no alraitex no Mistichúrchis, na Lúfitáváfis no Walterclós.
- Tudinha - É tu tem uma cabeça muito boa. O que te estraga é o cabelo.
- Juvencio - O que me estraga é as pancada que a marvada da dona Ginírosa parece que não encontra otro lugar pra dá. Quarqué coisa, pá. Uma tabela lascada na cabeça. Otro dia inté com o batedô de bife a marvada me deu uma burduada na cabeça. A senhora vê que assim não hay cabeça que aguente. Os pensamento vai sendo pelos uvido, pelos édo, por tudo quanto é buraco que encontra. Não é por querê dizê, dona Tudinha, a senhora sabe que eu não tenho a assistema de falá pelas coeta, mas agora que ela não tá aqui eu vô lhe dizê: a dona Ginírosa é uma assassina. Puxa quíe bem pelvelsa e de mau carati, cráiz! Isso quando murrê vai sê um isprito sofradó que vai sê uma coisa polvorosa. Vai dá trabalho pros vivente que murrê dispois dela!
- Tudinha - Deixa te está, deixa-te está, negrinho que eu vou contá pra ela.
- Juvencio - Isso não se faiz, dona Tudinha, dexa de brinquedo. Eu disse isso prá senhora em segilo de segredo. *(passos que se aproximam)*
- Laura - Tudinha, a dona Generosa mandou que eu viesse busca-la.
- Tudinha - A mãe está muito aflita que eu volte pra sala. Ela veio prá cá, ficou mais de uma hora aqui dentro e me deixou lá sosinha.
- Laura - Mas vamos, não custa. Ela pediu pra eu levar você.
- Juvencio - Boa noite, dona Laura, a senhora anda muito jurgada. Chega, não cumprementa a gente.
- Laura - Boa noite, Juvencio, desculpe eu não tinha lhe visto. Vamos Tudinha.
- Tudinha - Tu sabe o que é que me faz fugi lá da sala, Laura?
- Laura - O seu gago.
- Tudinha - Exatamente. Oh como me cansa aquele camarada. Palavra de honra que o maior pavor que eu sentia de voltar pra Porto Alegre, quando estava no Rio, era por me lembrar que tinha que aturá otra vez esse camarada.
- Laura - E porque não ficaste no Rio?
- Tudinha - Ah minha filha, vontade não faltou. Mas não vê que a velha ia me aguentá. Era um controle desgraçado em cima de mim. Ah mas no

- Carnaval eu tirei a minha fórra. Fiz um romance daqueles, Laura. Nem queiras saber.
- Laura - Ah me conta.
- Tudinha - Namorei um aviador americano daqui! Depois eu te conto outras coisas. Agora eu não posso porque tem roupa na corda.
- Juvencio - A ropa na corda que ela qué dizê é a minha presença. Óia, por mim pôde falá que as coisa tão entrando por aqui tão saindo por aqui. Eu não tenho essa assistencia de me metê na vida de ninguém. Não tenho nada que vê com os otro. Veia é que gosta de fazê isso. Eu não sô veio.
- Laura - Vamou, Tudinha. Depois você vai me contar tudo direitinho, sim?
- Tudinha - Conto, sim. (passos que se afastam)
- SPEAKER: - E enquanto dona Laura e Tudinha dirigem-se para a sala de visitas e o negrinho fica copiando as supostas orações, ouçamos duas ou tres palavras sobre as firmas que patrocinam o programa mais ouvido do sul do Paiz. (faz aqui os anuncios). E agora, para continuarmos em contacto com dona Generosa e sua turma, dirijamo-nos tambem á sua sala de visitas.
- Generosa - Olha aqui seu Gago, da otra veiz já o senhor declamô, a dona Pepa cantô e nós aguentamo tudo quieto sem reclamá. Tambem assim não é direito. O senhor precisa de tê mais consideração com a gente e não querê abusá. Fica quieto aí no seu canto que o senhor não precisa de tá fazendo folça pra falá e a gente não fica aqui nessa afriçencia de esperá que o senhor acabe as palavra e o senhor não acaba nunca.
- Pepa - Mire, señora: yo voy hablar ahora.
- Generosa - Pois é, pois tambem tem que vê isso: a hora. Ele principiava, fica aí toda a vida galgulejando que hora que a gente vai se deitá?
- Pepa - Voy hablar, señora, he dicho.
- Generosa - Pois é.
- Pepa - Usted es una persona que se ore que habla muy bien, que canta muy bien y que hace todo muy bien y que los otros tienen placer en escuchar-la Bueno, como usted diz a los otros lo que quiere es justo que escuche tambien lo que no quiere. Por eso lo voy a decir con toda mi franqueza, que es una franqueza ruda, que usted es una mujer increíble. Quando habla solo dice tonterias, quando canta, canta horribilmente mal, quando hace qualquier coisa hace con la mayor deselegancia possible y los otros la toleran y escuchan porque estan en su casa y no tienen otra alternativa, pero si usted hiciera en la casa de los otros lo que hace en su propio hogar usted llevaria asta unos trompazos. Y es por su culpa que su hijo es irritante y mal educado como es. Y es por su culpa, todavia, que todos en su casa hacen broma de mi novio pero la verdad es que si el lo quisiera su hija se casaria con el (muchacho de Tudinha) porque aun que no quieran decir lo cierto es que el hombre es bueno, trabajador, y honrado. Eso yo lo estaba por decir hace mucho tiempo y si no lo he dicho antes fué por una sola razon: es porque su esposo es muy bueno, no tiene la culpa de lo que hace usted y seria una deshumanidad hacer-lo oír ciertas cosas que lo molestarian por fuerza. Ahora ha dicho todo y todavia le voy a decir mas: usted es irritante, pretenciosa, invidiosa y aun está para venir a la tierra una persona que diga tantas tonterias como usted. He dicho.
- Generosa - (batendo palmas) Muito bem, dona Pepa, muito bem. Que bem que ela declamô, não é mesmo? Isso é soneto ou é poesia, dona Pepa?
- Sidonio - Viste, minha queridinha? Te incomodaste e perdeste o teu tempo.

- Generosa - A dona Pepa fala pouco mas porra quando ela fala faiz gesto a gente ovi.
- Pepa - Solo digo verdade, señora.
- Generosa - É verdade sim dona Pepa. A sinhora sabe que eu não sô de fazê elogios eu quando ~~xxxxxxixgaxxx~~ não gosto digo na cara das pessoa.
- Pepa - Y yo tambien.
- Generosa - Pois é, pois é assim que deve de sê, não é mesmo, Então já que a dona Pepa cumeçô a hora de artis vamo vê quem é mais que vai cantá.
- Laura - Canta alguma coisa que tu tenhas aprendido lá do Rio, Tudinha.
- Tudinha - Cantar não posso. Os sorvetes e os banhos de mar acabaram de escangalhar a minha garganta. Si tu quizeres que eu toque eu posso tocar alguma coisa.
- Laura - Pois tóca.
- Pepa - Besa-me mucho no lo conoce usted? Es un bolero precioso que canta Pedro Vargas.
- Tudinha - Conheço mas não toco dona Pepa.
- Pepa - Es un encanto, verdad, chica?
- Generosa - Vem cá dona Pepa, quem é essa chica que a sinhora tanto fala nela que eu não conheço.
- Pepa - Es una de las tantas hijas de su imaginacion, doña Generosa.
- Generosa - Ah pois é. Fiquei na mesma.
- Sidonio - Xixá-xixi....
- Generosa - Cala essa boca, home de Deus. Que home mais inconveniente. Dona Pepa olha esse home.
- Sidonio - (zangado) Xi-xica que a Pepinha diz não é Xi-ca.
- Generosa - Ah a chica não é Chica? Então só se é lá da lingua dela porque na minha chica é ohica. Tombem não é de admirá porque cada roca com o seu uso cada terra com o seu parafuso. Cortado pela Censura
- Laura - Tudinha, vai tocar. Cortado pela Censura Cortado pela Censura
- Tudinha - Está bem, Laura, mas depois tu vais cantar qualquer coisa pra eu ouvir.
- Laura - Está bem, eu canto. (ouve-se em solo de piano quâquer musica do carnaval de 43.) (quando a musica principiou Generosa fala!)
- Generosa - Ah isso nós dançemo muito na embaxada do selencio lá no Rio de Janeiro. (suspira) Ai que me dá uma agunia de me alembrá!!
- Sidonio - Que embaixada é essa dona Generosa?
- Generosa - Não tem nada que sabê, seu Gago, fica quieto. Tudo que sabê. É um clubis calnavalesco. (ao terminar, Tudinha é muito alaudida por todos)
- Laura - Muito bom, Tudinha, muito bom. É muito bonitânho esse samba.
- Generosa - Esse nós dançemo muitas veiz na Embaxada do Selencio dona Laura.
- Tudinha - Nós não, mãe, tu. Tu e a dona Celestina. Vocês que iam lá, eu nunca fui.

- Generosa - Tu não foi de boba que tu és. De presumida. Bastante que a gente se divertiu. Ela só queria i era nos Flomenensais e naqueles otros colubos. Eu não, aonde me convidavon eu ia. Ia eu e a seca. As veis o negrinho ia com a gente otras veiz eu dexava ele em casa.
- Sidonio - A sinhora foi na bóbóbo....
- Generosa - Botafogo?
- Sidonio - Não senhora, na bó-bó-bó
- Generosa - Já sei. Botanica que o senhor qué priguntá. No jaldia Botanica?
- Sidonio - Nada disto. É na bó-bola preta.
- Generosa - Na bola preta? Óia seu Si-sidoncio, o senhor qué sabê de uma eei-coisa? O sr. não tem nada que sabê em que bola é que eu andei. Tambem eu não vô dando palte pro senhor de tudo que eu fiz lá no Rio de Janero. O sr. não é padre nem nada que bobage é essa.
- Fepa - A ver, angelito: no lo preguntas mas anda porque si ella te lo contesta otra vez como te ja contestado ahora yo voy a sali de acá con un ojo inflado asi e entonces se va a quddar ela con la cabeza quebrada. Hoy estoy mui nerviosa y no estoy para aturar desaforos.
- Tudinha - Laura, vai cantar agora pra ver se acalmas um pouco o ambiente.
- Laura - Vou cantar porque te prometi mas eu tenho a impressão de que o meu canto em vez de acalmar vai excitar mais os nervos dos exaltados.
- Generosa - O que é que a senhora vai cantar, dona Laura?
- Laura - Vou cantar aquêa rumba do Romance no Rio, dedicada á Tudinha.
- Tudinha - Ah bandida! Canta. (laura canta sendo muito aplaudida) Muito bem! Formidavel! Eu cheguei até a sinti um tréco por dentro.
- Generosa - A dona Laura canta muito chics, não é mesmo?
- Bento - É fato.
- Generosa - É a voz dela tão sonora, não é mesmo?
- Bento - É exato.
- Laura - Ah muito obrigada. Isso é bondade da dona Generosa e do seu Bento. Eu não canto ha tanto tempo que até estou com a voz enferrujada.
- Generosa - Ah e por falá em ferruge agora eu me alembrei. É o seu Saldo adonde é que anda, seu gago?
- Sidonio - Está em ca-ca-ca....
- Generosa - Caminho?
- Sidonio - Não senhora. Em ca-casa. Ainda continua com o pé na-na-na....
- Generosa - Massacrado.
- Sidonio - Não senhora. Ma-chucado.
- Generosa - É machucado e massacrado não é a mesma coisa? O sr. parece bobo.
- Laura - Dona Generosa e as poesias como vão, não fez mais nenhuma?
- Generosa - Muitas dona Laura. Lá no Rio eu fiz umas tão chics, mas dei de presente pras pessoa que me pidiro. Ficaro umas até lá que um moço me pidiu, priguntô a minha graça e tudo, disse que era prá sai impressada no jornal.

- Tudinha - Mãe, acaba com esse negocio, mãe. Dixa de sê ridicula.
- Generosa - Féra aí, adonde é que nós temo heim Tudinha? Acabo coisa nenhuma, marriada, arritinada. Tu é que tem que acachá com esse jeito de falá com a tua mãe. O desaforo dela só. Tu fala de dor porque tu não sabe fazê. Faze, faço e faço. É agora eu vó dizê pra dona Laura uma que eu fiz. Tu não gosta mais eu vó dizê, pronto.
- Laura - Diga, dona Generosa, diga.
- Tudinha - Ué, por via, tu póde dizê. Não éde mim que eles fazem troça, é de ti mesmo.
- Generosa - Pois dexa que faça. Só póde fãzê troça os que é inguinorantes. (com enfaze) "O teu pelfirme". (Generosa diz a poesia anexa sendo muito aplaudida por todos) Xepk
- Pepa - Que barbaridad! Que cosa horrible! Monumental!
- Generosa - Costô dona Pepa? Dispois eu digo outros pra sinhora ovi.
- Pepa - Muchas gracias, señora, muchas gracias. Es preferible que oiga los perros y las lechuzas.
- Generosa - (vaidosa) Muito obrigado! (meia voz) Coitada, ela gostô viu? Ela é assim dilirrada mais é justa. E inda fazem galhofa da coitada! (alto) Ah dona Pepa, agora de olhá pra sinhora se alembrei. Como é que vai o Juquinha? Não apareceu mais. Mandemo avisá pra ele que nós tinha chegado e ele não veio aqui. Até eu trazia pra ele umas receita dumas renda tão bonita que uma catarineta nós insinô lá no Rio de Janeiro. Mas sei mais adonde élas anda. Deve de tá por aí. (passos quesss aproximaa)
- Juvencio - Dona Generosa, as oração tá aqui. Inerivi elas tudo.
- Generosa - Xavé, negrinho. Tu copiô elas bem dereitinha?
- Juvencio - Inguarsinho como tava nessa que a sinhora arrecebeu.
- Laura - Que oração dona Generosa, deixa ver.
- Generosa - Dessas que botu nas casa pra gente dispois mandá pra nove pessoa. Amostra ali pra dona Laura.
- Tudinha - Dixa vó uma aqui, mãe, eu tamem não vi.
- Generosa - Pronto. A sinhora tambem não qué uma dona Pepa?
- Pepa - A ver señora.
- Generosa - Tá. Pois então eu já vó fazê uma coisa, ó, já dô uma pra cada um aqui. Tá seu Si-si-Sidencio. uma pro sinhor tambem. Otra pro sinhor seu Bento. Agora cada um tem que tirá cópia e mandá pra nove pessoa. Essas otra que sobró o negrinho amanhã vai botá aí pula viei-nhança.
- Laura - Mas a minha não é oração.
- Pepa - La mia tampoco lo es.
- Sidencio - Isto aqui é uma ca-ca-ca....
- Generosa - Crede, seu Si-si-Sidencio, dexa de chamá na oração de cação. Olhe que isso até é um privilegio. Deus Nosso Sinhor castiga.
- Tudinha - Mas mãe, tu parece bobá, mãe, quem é que te disse que isso é oração. Isso é uma carta do pai.
- Sidencio - Era o que eu ia dizer.
- Generosa - Uma calta do Sidôca? Não é nada tudinha quem foi que te disse isso

- Tudinha - Negrinho deixa vê uma coisa. De onde é que tu tiro essas cópias?
- Juvencio - Daqui dessa que a dona Clairosa arrecebeu.
- Tudinha - E isso é oração negrinho?
- Juvencio - Foi a dona Clairosa que disse eu não tenho nada que vê com isso.
- Tudinha - Olha, mãe,ouve: Minha adoravel consorte. Deus todo poderoso e os bens anjos de guarda estejam contigo uma vez que não possa estar eu ao teu lado para guiar-te e proteger-te. Tenho sentido muitas saudades tuas e da filha. Os meus negocios continuam no mesmo. Os papéis andam de um lado para outro e eu atraz. Já começo a perder a paciencia. Hoje falei com um amigo do Ministro e ele me prometeu interessar-se, assim é que espero que tudo em breve possa estar resolvido. Tonico vai bem. Radiante com a perspectiva de poder entrar para a Escola de Aeronautica e servir melhor o Brasil como bom brasileiro que é. Os exames prosseguem mas ele parece que vai indo mais ou menos. Dona Celestina não appareceu mais lá em casa, depois que tu embarcaste.
- Generosa - Pois sim! Ela pensa que eu só bocha. Pois sim. Dixa, dixa essa secca chegá que ela vai se vê contigo.
- Tudinha - (continuuando a leitúra) Vê se vai te aguentando por aí com os fiados até que eu possa conseguir receber as bijujas que eu então te mandarei.
- Generosa - Recebê o que que ele disse?
- Laura - As bijujas. É giria lá do rio. Bijuja é dinheiro.
- Tudinha - (continuuando) Um abraço e um beijo para a filha e outro muito saudoso para ti do teu velho esposo e companheiro Sidôca.
- Generosa - Vá se arrumando com os fiados, não é? E os dinheiro que ele fô arrumando lá é pra a circumungada da secca gastá. Dixa. Elas não perde por esperá.
- Fepa - Entonces esta es que era la oracion.
- Juvencio - A dona Clairosa que disse que era oração e mandô copiá.
- Generosa - Mais tu quando copiô tu devia de tê visto que não era, nego burro. Agora arrecolhe elas tudo e vai botá no fogo. Dixa só essa aqui que ele me escreveu.
- Juvencio - Foi só pra eu tê um trabalho inuter.
- Generosa - Leva elas pra queimá e acende o fogo pra aquecê agua pra dá café pras visita.
- Juvencio - O café já tá pronto, já tá inté na mesa.
- Generosa - Não pôde sê.
- Juvencio - Ué não pôde sê eu tô dizendo pra sinhora que tá na mesa.
- Generosa - Tu tem celteza, negrinho?
- Juvencio - Se não tivesse celteza não tava dizendo, orissima. Pôde levá a caabada.
- Generosa - Leva elas, Tudinha. Leva elas pra tomá café que eu já vô lá.
- Tudinha - Vamos pesscal, vamos tomar café. Vem dona Fepa, seu Sidôcio, Laura, seu Bento, vamos todos.
- Sidôcio - Vamos sim. Um cafésinho sempre vem bem.

- Bento - É fato. (afastam-se todos conversando e fazendo comentários sobre o café) ~~XXXXXX~~
- Generosa - (confidencial) Ô negrinho, tu não disse que não tinha café aí?
- Juvencio - Disse mesmo, pois num tinha.
- Generosa - É como é que agora tu tá dizendo que o café já tá na mesa selvidado?
- Juvencio - Ora, dona Gineirosa, a senhora pensa que eu tô dormindo nas paia? Quanto tempo que eu já tô na sua casa? Já paguei a assistencia. A dona Laura se esqueceu-se da bolsa deia em riba da sua cama eu disse: tá bão não faiz nar, dexa que eles hoje pague o café. Também todo o dia só a senhora pagá, só a senhora pagá não tá direito.
- Generosa - É isso mesmo. (tom de censura) Mas tu tirô só o sinhero do café, não foi?
- Juvencio - Fur essa luiz de Deus que foi.
- Generosa - Pois tu foi burro. Tu devia tê tirado mais.
- Juvencio - Tá bão, pra otra veiz eu já fico sabendo.

(CARACTERISTICA FORTE PARA O BIMAL)

Para o dia 31-3-43.

7-4-83
veio.
 Generosa - Fuxa nego que tu é uma cabeça disalvorada excomungado. Tão dereitinho que ele já ia no franceiz. Passô uns meis sem dá lição, pronto. Revelteu tudo. Caminha, príncipeia daqui otra veiz, anda. E tu não pensa que tu vai ficá aqui me encebando até as tanta da nou-te não que eu tenho que fazê. As visita tão lá naç sala me esperando. O que é que tu tem dentro dessa cabeça, diabo, que tuñão repõe nada que a gente te insina?

Juvencio - Óra, dona Gírirosa, faiz tanto tempo que a sinhora me insinô depois eu nunca mais dei lição, a gente si esquece.

Generosa - Como é que eu não me isquici as coisa que a Madama me insinô. Como é que eu dei a minha lição dereitinho? E bem dexada que eu tava. Tanto tempo como tu. É que a tua cabeça não dá mesmo. Caminha, lê aqui.

Celestina
 Juvencio - *Lés...ê...tófle... Les etoile*

Generosa - *traiha... não traiaha*
 - Que étoile. Les étoile. Aprende a lê dereito, nego burro. É pur essas e otra que tu nunca ha de sê gente na tua vida. Caminha, persegue, persegue duma veiz.

Juvencio - Les étoiles sons...dans...lé ci...él. Les étoiles sons dans les ci-él.

Generosa - Agora reduiz o que tu leu.

Juvencio - Riduzí é que é mais difícil.

Generosa - Não tem nada de difícil. Bota sintido nas palavra que tu vai dizendo dereitinho o que que é.

Juvencio - Les étoile. Eu não sei o que é étoile, dona Gírirosa.

Generosa - É nego misiravi de burro esse diabo. Então, tu não sabe o que é étoile? O nome tá dizendo. Bota sintido. Etoile! Etoile. Estalo, nego, estalo. Les étoile sons dans le ciél. O estala é um som que dura no céu. Desse geito tu nunca vai aprendê. Lê essa otra, vamo vê.

Juvencio - La...plus joli ché-se de la vié cés-te la-mo-ur.

Generosa - Misiricórdia! Como tu pronunçeia mal, negrinho. La plus joli chose de la vie, cés lamur. Esse tê não é uma síbala labial, é uma síbala que não se pronunçeia. É o mesmo que a fonética que as letra tá e não se diz. É como a gente custuma dizê: é uma síbala catarral. Logo tu tem que lê assim: Le plus joli chose de la vie ces lamur. O que qué dizê?

Juvencio - (após uma pausa) Isso tá um buraco pra dizê a verdade, dona Gírirosa. Póde sê que riduzindo as palavra de a uma que eu possa dizê.

Generosa - Pois reduiz e diz. Depois é só ajuntá elas. La plus. O que é isso? (pausa) Tu não sabe nego? (pausa) Mais nego a palavra tá dizendo. p-lus. Pêlos. Joli. Tu vai me dizê que não sabe o que é joli?

Juvencio - Joli eu sei, aia sinhora, Joli é cachorro.

Generosa - Fuxa, tombem si não subesse isso! Chose-chuva. La vie - a vista. Lamur - lamuria. As palavra tão dizendo e esse animal não sabe. Agora é só ajuntá. A chuva caiu na vista do cachorro peludo que ficou em lamuria. Eu vô acabá não te insinando mais nada. Tu não aprende mesmo. Pronto, agora tu vai lê mais uma e depois se acaba-se a lição. Pra otra veiz tu vai arrepti a mesma praque tu não soube nada.

Juvencio - Le-nex- e-tê...

- Generosa - Infelno da minha vida! quantas veiz eu já te disse que esse tê é como na fonétis que não se pronuncia!... É síbala que tu ingole. Em veiz de guspi tu ingóle.
- Juvencio - Le nez e la bou-che son dans la tête.
- Generosa - O que é que qué dizê? (pausa) Le nez e la bouche son dans la tête. Será pussivle que nem isso tu sabe, negrinho? (pausa) O nene botô a boca na teta. Pra veiz que vem tu tem que arripiti tudo de novo porque tu é um burro e tu não sabe coisa nenhuma. E eu quatquórdia vô disisti de tá te insinando franceiz porque o verbio é que fala a verdade. Pedra mól em agua dura tanto fura até que bate. As veiz a gente não qué acriditá mas tem que se convencê. Quando as pessoa não nace pras coisa é bobage. Pronto agora vai gualdá esses livro e depois vai arrumá a cusinha que tu dexô tudo lá que é uma riviria. E ante de fechá a polta do quintal tu tira aquelas ropa da colda que tá lá dipindurada porque o tempo não tá mui sincero e é capaiç de vi chuva. E depois vai vê o negocio do sutiano na Tudinha que o vento tocô aí pra visinha e eu já te disse que fosse vê. Vai dexando, vai dexando, depois ela diz que não tá lá e fica com ele.
- Juvencio - Que sutiano é esse patroa que deis de já hoje que a sinhora tá falando nele e eu era prá priguntá e se esqueci.
- Generosa - Sê eu lá o que é. A Tudinha disse que tava dipindurado na colda e que avuô pra visinha, deve de sê ropa. Agora que ropa é é que eu não sei. Agora déro pra butá apilido em tudo. Com certeza deve de sê alguma blusa ou otra domentária quarqué.
- Juvencio - Premero arrumo a cusinha ou vô buscá o sutiano?
- Generosa - Não. Premero tu arruma. Depois tu vai e não volta tão cedo. Eu já te cunheço.
- Juvencio - Dona Giniroza, quem sabe se isso que a sinhora disse que avuô pra lá não é as meia da dona Tudinha que tava instindida aí na colda e que agora não tá?
- Generosa - Não. As meia nao é que ela butô pra saí. É otra coisa quarqué.
- Juvencio - Purque que não diz as coisa direito pra gente sabê. Como é que eu agora vô lá arreclamá da mulé?
- Generosa - Isso é títalo que ela aprendeu lá no Rio de Janero. Eu nunca vô prá butá apilido nas coisa como os Rio de Janerense. As sinhora é Madama. As franceza tem esse apilido mas lá não é perciso, sê franceza pra eles chamá assim. Os hoje tudo é doctor. As empregada que cuida as criança é nurasa. Póde se preta, póde se branca póde se sê o que fô. As criança é goroto. As chiora de café eles chama de média. Média que eu cunheça era média isprita.
- Juvencio - O bocavulário lá é todo deferente. Nem tem parencia desse aqui.
- Generosa - Os caburé eles chama de Casino. As venda é quetanda, os ótomovi é táchi. A gente ouega a tê parencias que tá notro Estado deferente. (passos que se aproximam) KKKKK
- Laura - Dá licença, dona Generosa?
- Generosa - Póde intrá dona Laura. O que é que a sinhora qué? Eu ainda não fui lá pra sala porque tava aqui traminando a lição do negrinho.
- Laura - Eu queria falar com a senhora particularmente, foi por isto que entrei.
- Generosa - Póde falá dona Laura.
- Laura - Escute aqui, dona Generosa, por acaso não teria caído de dentro da minha bolsa lá pelo seu quarto a minha carteirainha de nickels?

- Generosa - Não sei, dona Laura, não vi mas a senhora pôde lá procurá.
- Laura - Não, não foi hoje. Eu digo da outra vez que estive aqui. Eu passei uma vergonha que a senhora nem queira saber. Quando saí daqui entrei na confeitaria comprei uns doces e quando fui pagar não achei a carteira na bolsa. O coitado do seu Bento é que teve que pagar os doces.
- Generosa - Mas adonde que a senhora tinha botado a bolsa?
- Laura - Pois eu quando cheguei e entrei no seu quarto para tirar o chapéu, botei a bolsa em cima da sua cama e me esqueci. Na hora de sair eu levei a bolsa mas não abri. Só na confeitaria é que eu fui dar falta da carteira.
- Generosa - E quanto é que tinha na carteira?
- Laura - Tinha uma nota de vinte e uns tres ou quatro mil reis em miudos.
- Generosa - E desapareceu tudo, dona Laura?
- Laura - Tudo, dona Generosa, Pois estou lhe dizendo que até a carteira.
- Generosa - É mas aqui não foi não, dona Laura. Eu acho que a senhora perdeu na rua. Quem é que ia mexê na sua bolsa pra tirá?
- Laura - Bem, eu não estou afirmando que foi aqui. Estou apenas perguntando porque podia ter caído lá pelo quarto.
- Generosa - Pois é, mas não caiu não, dona Laura.
- Laura - Desculpe então, dona Generosa. Bem, eu volto pra sala. A senhora não vem?
- Generosa - Já vô dona Laura. Pôde ir indo que eu já vô. Eu vô pressero tomá a lição das conta do negrinho depois eu vô.
- Laura - Até já, então, (passos que se afastam)
- Generosa - Inté já, dona Laura.
- Juvencio - A senhora inda vai se tomá as conta dona Generosa? A senhora disse que eu galdasse os livro, eu já ia galdá.
- Generosa - Pois é, eu disse que tu galdasse os livro mas não disse que tu galdasse o dinheiro que tu tirô da bolsa da dona Laura, disavelgonhado. É essa as conta que eu vô tomá de ti agora, tihoso do diabo! Então tu tem o discabimento de mexê na bolsa da vivente pra tirá dinheiro pra café e robá até a bolsinha dos náoles ladro seavelgonha! Me cai a cara no chão. Como é que tu disse que tinha tirado só o dinheiro do café, mintiroso?
- Juvencio - Por Deus Nosso Sinhô como foi só, dona Generosa. Põe essa luiz que me alumia como não tirei mais nem um tostão.
- Generosa - Si tu não tirô como é que a proxima vela arreclamá? Tu fica sabendo de uma coisa, negro disabriado: tu vai se devorvê esse dinheiro sinão tu vai apanhá uma tunda de laço que durante muito tempo tu não vai pudê nem te assentá. Tu escolhe. Até as visita saí tu pensa e te arresorve. E agora caminha fazê o que eu mandei tu fazê. (passos que se afastam) (gritando de longe) E depois prepara a agua prá dá café pra esses morto de fome.

SPEAKER:

E enquanto Dona Generosa se dirige para a sala de visitas, deixando o negrinho no dilema de devolver o dinheiro ou apanhar, ouçamos algumas palavras sobre os patrocinadores deste programa. (PAZ OS ANUNCIOS) E agora, amigos ouvintes, eu vos convido a passar para a sala de visitas de dona Generosa.

- Generosa - Mais, o seu suldo tá aí!...Tá melhor do pé?
- Surdo - É, sim senhora. Fiz operação das amídalas.
- Generosa - Ah feiz. Pur isso que ela tá com a vóis deferente. Mas dessero aqui em casa que o siñhor tava era com um pé lastimado.
- Surdo - Como disse?
- Generosa - (gritando) Dissero aqui em casa que o sr. tava com um pé lastimado.
- Surdo - Ah, pois é, estou sentado sim senhora.
- Generosa - Não é isso. (gritando mais) Dissero que o siñhor não tinha vindo antes porque tava lastimado dum pé.
- Surdo - Mas dona Generosa eu não estou de pé. Eu estou sentado. Que creatura mais incompreensível. Será que ela não enxerga que eu estou sentado?
- Generosa - Sabo que mais, seu Polfírio? É isso mesmo. Vá pro diabo que carregue.
- Surdo - Muito obrigado, não se incomode.
- Tudinha - Mãe, tu mandaste o negrinho lá onde eu te disse?
- Generosa - Agora mesmo tava dizendo pra ele i. Ele primeiro vai arrumá a cusinha depois ele vai.
- Tudinha - Ah então ele não vai hoje porque até que ele apronto a cusinha.
- Generosa - Se ele vai primeiro lá a cusinha não se arruma porque até que ele vorte.
- Laura - Dona Generosa, a senhora sabe de uma grande novidade? O seu Bento declamou.
- Bento - É fato.
- Generosa - O seu Bento declamô?!
- Bento - É exato.
- Generosa - Mirricórdia o que tará pra acontecê. Esse home só sabe dizê sinônimos.
- Tudinha - Os sinonimos que a mãe diz são monosílabos.
- Generosa - Tá bõ, mitida, cala essa boca. Ninguém te priguntô coisa nenhuma. Tu agora tá feito a genra da dona Elastina que tudo que a vivente diz ela contrareia?
- Tudinha - Eu só queria saber onde é que ela foi buscar a genra.
- Generosa - É como é que tu quíria que eu dissesse? O genro? Si é ferallino eu tenho que dizê genra. Tu fala de inguinorante que tu é. Tu é mitida e sabida, a falá no sutaco dos Rio de Janerense mas comigo não adianta nada disse, porque eu tenho mundo, fica tu sabendo. Quando tu nasceu eu já tava aqui. É o falcido meu pai e a finada mãe me de-ro uma inducação muito ótima, graças a Deus.
- Tudinha - Tá bon, mãe, chega. Não diz mais nada.
- Generosa - Não diz mais nada uma óva. Te priguntá se arguem arguem dia mandô na minha boda. Eu falo quantas veiz quizé e digo o que bem quizé e entendê porque eu sei muito bem o que eu tô dizendo. Si eu tivesse inducado voceis como me inducero a mim hoje voceis não tava me dando de rebocada do jeito que voceis me dá.
- Tudinha - (bruta) Tá bon, mãe, chega. Vira o teu santo pra outro lado. Pomba é todo o santo dia essa mstraca em cima de mim. Tomára que o Toni

- chegue duma vez porque assim e quando tu infésa com ele eu descanso um pouco.
- Generosa - Depois são assim, dona Pepa, a sinhora tá vendo? Paiz as bestera deles, a gente passa uma detriminação neles eles ainda se sobetrái. Não pôde sê, não tá direito, isso não requer.
- Pepa - La culpa le tenes vos.
- Generosa - É mas com as tenebrosa dela não pensa ela que ela se assusta, não.
- Pepa - Yo quando tenga mis hijitos he de dar-les una educacion preciosa! Han de hablar siempre mui dulcemente con su padre y con su madre. Y que no lo hagan.
- Generosa - O que é que tem os padre e as madre que ela disse?
- Tudinha - Mãe, ela está dizendo que quando tiver os filhos dela que eles não de falar muito direitinho com ela e com o pai.
- Generosa - Ah mas a sinhora ainda qué filho, é dona Pepa?
- Pepa - Claro que si y porque nó.
- Generosa - E qué que fale direitinho? Mas se o pai não sabe falá, fala tudo gargulejado como é que a sinhora vai inzigi que os inocente fale direito?
- Pepa - Não de hablar mui dulcemente, señora. (destacando) Dulce-men-te.
- Generosa - Qual é a Dulce que mente? Ah já sei. (baixo) Coitada! Ela sempre diliriada das indéia. A Durce é a Tudinha. Otro dia era Chica hoje é Durce. Ela é assim vai botando os nome que ela qué e vai chamando as pessoa. A gente não contrareia porque pra que que a gente vai fa zê, não é mesmo? Ela é duente.
- Sidonio - A minha fi-fi-fi-fi....
- Generosa - Finada.
- Sidonio - Que finada, nada. Si ainda nem nasceu como é que pôde ser finada
- Generosa - Tá bão discurpe. Eu pensei que o senhor ia falá da mãe.
- Sidonio - A minha fi-fi-fi....
- Generosa - Firida.
- Sidonio - Que firida, dona Generosa? Eu não tenho ferida nenhuma.
- Generosa - Tá bão discurpe, eu pensei que tivesse.
- Sidonio - A mi-minha filha na de ter uma educação pri-prá-pri....
- Generosa - primária.
- Sidonio - Nada disso. Pri-prá-primorosa.
- Pepa - Ho ha de contestar a su padre ni a su madre.
- Generosa - Ah e são os que educa milhor mesmo, são as madre e os padre. Nós não butemo o Tunico e a Tudinha no culejo das madre e dos padre por que tinha uma tal de cartícula que o Sidóca disse que era muito ca-ra. Disse que sem isso não podia butá e a gente naquele tempo não podia gastá muito que a gente não tinha perculho tinha só o aluguel do Sidóca. Ficava muito sacrificado. Mas eu tenho sentimento de não tê podido botá eles lá.
- Tudinha - E já escolheram o nome da creança?

- Generosa - Que bobage é essa tudinha? Uma pergunta dessas nem requer. Se os v
viventente ainda nem se casô já vai tê nome isculhido pros filho?
- Pepa - Y que tiene eso demás, señora?
- Generosa - Pois é, dona Pepa, pois é o causo que eu tô dizendo.
- Sidonio - Pois já escolhemos os nome, sia senhora.
- Generosa - mais credo, seu Si-si-Sidonio! Isso até fica feio pro carati da
dona Pepa.
- Pepa - No sé porque. Yo no soy mujer? (pausa) Mi novio no es hombre?
- Generosa - Sei lá. (baixo) Eu não sei o que é que ela tá dizendo.
- Pepa - No nos vamos a casar algun dia? No vamos a tener hijos? Porque no
podemos pensar en sus nombres, entonces? Es la cosa mas natural!
- Generosa - É, dona Pepa, o causo é mesmo como a sinhora tá contando. A sinhora
tá com a razão. (baixo) Esse diabo é loca a gente contrareia ela e
ela se para aí a dizê intrompério e a gente é que fica com a cara
no chão.
- Tudinha - Eu tinha curiosidade de saber que nome a senhora escolheu para sua
filha, dona Pepa.
- Sidonio - Filha ou filho, isso não se sabe.
- Pepa - Por mi gusto seria una nenita.
- Generosa - Nenita? Não gosto. Hay nomes muito mais chics! Porque que a sinho-
ra não bota sirley Terezinha. Eu acho tão chics! Derotir tambem
gosto muito. E hay otros nomes muito mais campante. Mari Figuefór.
Joanete Pato Donaldi, Marleina! Marlenia é muito saboroso. Eu si
fosse a sinhora botava Marlenia. Dispois pentida ela assim com
duas trancinha e dois lacinho de fita libelty. Os aventalsinho
ingomado com os entremelho de renda! Todo o mundo ia gava ela.
- Sidonio - Nós não fazemos questão de nomes bonitos. Queremos nomes bem ori-
ginais.
- Pepa - Já los hemos elegido, señora.
- Sidonio - Si for mu-mulher vai se chamar Re-re-re
- Generosa - Regina?
- Sidonio - Não senhora. Ressurreição.
- Generosa - É, é um nome bem sobetil. E si fô home?
- Sidonio - Si for homem vai se chamar e-e-es....
- Generosa - Estevo.
- Sidonio - Não senhora. E-e-es-candalo.
- Tudinha - Escandalo?!
- Generosa - Misiricórdia!
- Laura - (baixo) Sim, um filho dessas dois só pôde ser Escandalo, mesmo.
- Surdo - ^{juventes} ^{voce} Dona Generosa a senhora quer trocar de cadeira consigo?
- Generosa - Que bobage é essa, seu Polfirio? Trocá de dadera pra que? O sr.
não tá tão bem assentado aí?
- Surdo - Como disse?
- Generosa - (gritando) Trocá de cadeira pra que?

- zendo as coisa e tá mandando. É óie eu vô lhe dizê uma coisa. Eu vô lhe dá um prázio pra sinhora acabá com esse assistema e se a sinhora não scabá eu vô mihora da sua casa. *daqui*

Generosa - Pois vai- Atrivido, cachorro! quem sabe tu pensa, pur acauso, que a gente não pôde vivê sem a tua companhia? Tu precisa muito mais da gente do que a gente de ti. Adonde é que tu vai te metê o dia que tu saí daqui da minha casa, me diz.

Juvencio - Vô trabalhá aí em quarqué lugar e arrecebê aldenado que eu aqui não arrecebo.

Celestina = *tem su nada tudo que ver com o pagamento do 3º aluguel*
 Generosa - tu não arrecebe, mal agradecido? É as ropa que a gente te dá. É os sapato que a gente compra pra tu visti? É o cenema que tu vai? Essas coisa não custa dinheiro? A gente arrecebe de graça?

Juvencio - Quem vô a sinhora falá pensa que eu ganho muita ropa. Quando as ropa do patrão já tá que ele nem pôde mais visti aí é que ela me dá. Pois eu agora vô fazê um trato com a sinhora. A sinhora não me dá mais ropa nem sapato e se paga aldenado no fim de mais. Eu já tô cansado de trabalhá de graça. Quem trabalha de graça é relógio.

Generosa - Olha nego, tu deixa de sê atrivido e mercriado. Tu tá te provalecendo que as visita tá aí e eu não vê me rebaxá de tá discutindo contigo na frente delas. Vai faê o que tu tem que fazê e vorta duma veiz pra fazê café pra essa gente que essa gente tem que i imbora

Juvencio - (saiado) Quando a gente diz as verdade elá/ não gosta. (passos que se afastam)

Tudinha - Olha qui, mãe, vamos acabar com essas discussões, pelo menos aqui na sala de visita. Isso fica mal. Os vizinhos ouvem o que é que vão dizer?

Generosa - É eu o que é que tanto que os vizinho diga? Eu não tenho nada que vê com os vizinho. Eu não tomo agua na orelha deles. Não é eles que paga a casa pra mim, não é eles que manda as compra do almazem, não é eles que paga o sqougue, o leiteiro coisa nenhuma. Eles não tem nada que vê com o que se passa dentro da minha casa.

Bento - É fato.

Generosa - (furiosa) É o senhor taubem cala essa boca sí que o senhor não tem nada que se metê.

Laura - *Celestina* *paus tempo qualquer?*
 - Dona Generosa, vamos fazer um pouquinho de musica?

Tudinha - (beize) Isso Laura. Vô se despiata.

Juvencio
 Generosa - Pôde fazê, dona Laura, pôde fazê. Mas veja si isso não dá raiva mesmo na gente. Que é que essa gente té pensando? Eles se vô vistida de casélo: pensa que eu sô argum passuro? Não té direito. Eles tem que me arrespeitá.

Laura - É, sim, *voce* a *Juvencio* *deixa Generosa.* Mas agora não falamos mais nisto. Vamos fazer um pouquinho de musica que a senhora se distrai e nós tambem. *O seu Bonferris vai declamar.*

Tudinha - É, chega de brigas, puxa! Senta logo no piano e toca alguma coisa, Laura, que é pra acabar com as encrenhas duma vez.

Laura - Vou tocar: Mas que barulho é esse, seu Juracy, lá no corredor?

Tudinha - Não, não acala. Chega de barulho.

Bento - É fato.

Tudinha - Toca outra coisa qualquer. (Laura toca um bolero ou um fox sendo muito aplaudida ao terminar)

- Juvencio*
Generosa. - Olha aqui, dona Laura, não é por querê gavá mas no Rio de Janeiro eu não vi nenhuma dessas musica chics que a gente tóca aqui em casa. Tinha uma malchinha que tocava muito nos baile que a gente ia que eu gostava. Mas tambem era só aquela. Não vi outra.
- Laura - *Voce*
- ~~Ôme doneme, a~~ ^{voce} senhora não sabe?
- Juvencio*
Generosa - O nome eu não me lembro mas era assim. (cantando) Alô tio Santo, alô, dizem que você tá de canivete. (falando) Só sei esse padacinho.
- Laura - Ah, eu conheço. É a marchinha do tio Sam.
- Juvencio*
Generosa - Pois é. É tem um pedaço que dizassim. (cantando) Eu tambem quero comê aquela massa de espaguéti.
- Surdo - Upa! Temos espaguéti hoje? Melhorou muito.
- Juvencio*
Generosa - Pronto. O morto de foma oviu falá em cusida já começô a inguli o guspe. Palavra de honra que eu ás veiz discofelo que esse nome passa foma na casa dele. É é de passá mesmo, dona Laura, não pôde mê. Pois esse diabo tem seis filho. A gente aqui com dois se vê-se e se deseja. Seis ou doze sei lá.
- Jago*
Rudiana - Dez ou doze nada, *Juvencio* mas. Uaixa de ser exagerada. O homem tem nove filhos.
- Juvencio*
Generosa - Pois nove que seje, já é um dispeldicio. Pra que tanto filho?
- Laura - Por isto que o coitado está sempre dormindo. Com certeza trabalha muito está sempre cansado.
- Surdo - A senhora falou comigo?
- Laura - (gritando) Não senhor. Estou dizendo que o sr. parece que está cansado.
- Surdo - Mas meu Deus, quantas vezes eu já disse que sou casado. Si eu dissesse que era solteiro ninguem acreditava. Como digo que sou casado acham que é mentira. Olhe minha senhora: sou casado e tenho nove filhos. A Maria Leonor, A Tereza, A Rita, O Agostinho, a Eulalia, A Maria Cristina, a Leofrida, a Nadir e o Rubens.
- Juvencio*
Generosa - Pronto, veio a ilandade toda. Tambem bem feito quem manda voceis marê com casa de moribundo. Fuiu, adonde é que o senhor vai?
- Surdo - Como disse?
- Juvencio*
Generosa - (gritando) Adonde é que o ^{tu} senhor vai?
- Surdo - Foi não me pediram pra cantar? Vou cantar.
- Juvencio*
Generosa - Não senhor, ninguem pediu o senhor tá fazendo confrontação.
- Surdo - Não conheço essa valsa. Vou cantar outra coisa. (seu perfilho canta uma valsa, de preferencia antiga sendo muito aplaudido)
- Juvencio*
Generosa - Pois olha, esse diabo até que pra se surdo canta bem direito a senhora não acha?
- Laura - É, sia ele canta muito bem.
- Juvencio*
Generosa - Tá não isso não tira. Não tem nada que vô o corpo com as carga. Ele é surdo é dos ouvido, não é da garganta. Si fosse da garganta é que não podia cantá. (passos que se afastam)
- Rita (entra)*
Juvencio - Olha aqui, dona *Juvencio* Ciriaca, o que tava lá no quintá da vizinha que o vento fez avô pra lá era isso. Uma coia de nome e um lenço. Aquilo que a dona Tulinha mandô procurar não tava.
- D. Celiustina*

- Generosa* - Eu já sabia. O que cai pra cá nem precisam mandá ninguém percorrá, a gente mesma manda levá. O que cai daqui pros vizinho pôde contá de celto que tá peldido. Dixa vê essa meia e esse lenço.
- Rita*
- Juvencio* - Não é daqui. Eu truxe ^{tu} prá ^{tu} ~~ainhora~~ vê pur um diais, mais eu sabia que num era nosso.
- Generosa* - Eu sei que não é daqui mas dexa vê. (pausa) Toma, devolve a meia diz 'que não' é nossa. O lenço dexa que a gente pôde apruveitá.
- Rita*
- Juvencio* - Eu não vô lá otra veiz levá a meia. Eu joga ela por riba do muro do quitá.
- Generosa* - Que joga nada. Vai lá intregá que é pra ela vê que a gente não fi-
cô com o que não é da gente. Eu gosto das coisa muito dereita. E
anda duma veiz que tu tem que perpará o café pras visita.
- Juvencio* - (longe) Eu não vô perpará café nium que não tem corozena, não tem
lenha, não tem nada aí. *É ombro eu mam pô priada.*
- Sidonio* - Ah não tem café hoje? *Então váos embora, cantando por ai pedem
meu amirinho.*
- Pepa* - Si, vamos, pero antes lo vas a cantar por desaforo. Y antes que te
lo impidan, canta, canta no más. (Sidonio canta imediatamente o
Bai Barrozo)
- Generosa* - Cé, o que foi que deu no seu gago, meu Deus? *Porfirio*
- Ludinha* - Vontade de cantar.
- Generosa* - Um ataque de estupidez, digo eu. (Sidonio é muito aplaudido ao
terminar) Credo! Vocês lada tem a corage de batê parna pra um cas-
tigo desses!
- Pepa* - Buena señora, asta mañana. Mai buenas noches para todos. (todas res-
ponden) *siáxix*
- Sidonio* - Bo-bo-bo-a noite.
- Generosa* - (arremedando) Bo-bo-bo-boa noite. Vai, vai com Deus e a Virge.
(pausa) Graças a Deus que esses dala já foram.
- Laura* - E nós também vamos, não é seu Bento? *D. Celestina?*
- Celestina* - *Vamos sim. É lá muito feio a noite*
- Bento* - É fato. (passos que se aproximam)
- Rita (entra)*
- Juvencio* - Já entregui, dona Giniroza. A sinhora já vai dona Laura? Fé. aí
um mucado que eu tenho uma coisa pra le entregá. Vô buscá lá den-
tro já venho. (passos que se afastam)
- Laura* - O que será que o Juvencio tem pra me entregar? *Ritinha*
- Generosa* - Não é nada não, dona Laura, não se reisa esperá que é bobage dele.
Pôde i. Era só o que fartava a sinhora ficá aqui esperando pelo
negro. Vá, dona Laura, vá duma veiz.
- Laura* - Elê pediu pra esperar um pouco não custa. Deixa ver o que é que
elê quer.
- Generosa* - Ele não quer nada, dona Laura, a sinhora pôde acriditá no que eu t
dizendo. Pôde i com confiança que não é nada. Oms e seu Bento já
tá le esperando ali na bera da carçada. (passos se aproximam)
- Rita*
- Juvencio* - Ôia dona Laura, tá aqui a sua borsinha. Eu procurei ela e fui a-
chá lá no cantinho do qualto da dona Giniroza já ansia peltiano
do buraco do rato que os rato tinha carregado. De celto caiu ali
no meio do qualto e eles arrastô prá lá.
- Laura* - É de certo foi isto.
- Rita*
- Juvencio* - Si farta argum dinheiro aí foi eles que ruiu porque eu não aixi.

- Laura - Bem, si faltar não tem importância. A carteirinha é que eu não queria perder. Está bom; boa noite então e muito obrigada. (passos)
- Juvencio - Inté aminhá si Deus Nosso Senhor quizé.
- Surdo - Uá, onde é que está o passoa, já foram pra espagueti?
- Juvencio*
Generosa - Não foram pra espagueti nenhum. Foram simhora. Caminha vai tu também timhora duma veiz.
- Surdo - Espere aí dona-Generosa, não me empurre, deixe eu ir buscár o meu chapéu.
- Juvencio*
Generosa - Arcança esse chapéu daí, ^{Ritinha} Luciano. (pausa) Tá. Tá aí o seu chapéu. Caminha, caminha duma veiz timhora que eu não tô disposta a tá te aguentando não.
- Surdo - Muito obrigado. Serão dadas. (passos quase afastas)
- Juvencio*
Generosa - (pausa) Nego descarado. Disvelgochado. Cara dislavada! Tu vai apanhá tanto como nunca tu apanhô na tua vida. Então isso era coisa que tu fissesse, assassina!
- Rita*
Juvencio - Uai, dona-Generosa, pois a ^{Juvencio} ^{tu} sinhora não disse que eu iscolesse de entregá ou de apanhá? Eu intreguei.
- Juvencio*
Generosa - Mas tu não tinha nada que entregá pra ela.
- Rita*
Juvencio - Uai, mais quem era a dona num era ela?
- Juvencio*
Generosa - Mais quem é a ^{o Varano} dona-de-casa, não só ^{tu} eu? (pancada) Toma. (gritos do negro) Toma. Toma. Toma! (gritos)
- (O microfone vai se fechando aos gritos do negro e finalmente rompe a característica).

4^o ANO

- Um programa de Roberto Lis.-

Generosa - 13/4/84⁸ - A senhora não sabe de uma casa pra gente se mudar, dona Laura?

Laura - A senhora está pretendendo sair desta casa?

Generosa - Tô dona Laura, não soporto mais esse vizinho.

Juvencio - Eles fizeram um abaixo assinado pra policia pedindo pra tirá nós daqui.

Generosa - Cala essa boca, negro. Dê a de se introduzido que ninguém te chamou na calveia. Te coloca nas tuas posição. Tu sabe que o teu lugar é na cozinha o que é que tu tá fazendo aqui?

Juvencio - Arreessa dona Cleofosa, por acaso a gente não pôde falá?

Generosa - Não tem nada que falá, fica quieto. Ninguém te perguntô coisa nenhuma.

Laura - Tu pensa a senhora ter que sair daqui, dona Generosa, uma casa tão boa, não é mesmo?

Bento - É fato.

Generosa - Tá bô, seu Bento, o senhor também cale essa boca e se coloque na sua posição. É ele e o negrinho. Os dois nitido. (outro tom) Pois é, dona Laura, eu fico com pena, porque a gente também já agarrô amizade na casa. Até nos bicho a gente agarrá amizade, não é mesmo? Mas a questão é que é um inferno a vida que a gente leva aqui com essa vizinhança. Tudo que aparece mal feito por aí, tudo que faz nos jaldim e nos quintal da casa deles, os vítimas somos a gente. Foi o filho da dona Generosa, que fez. Foi o lacraio da dona Generosa que fez. Foi a dona Generosa que fez. E a gente todo o dia tem que tá se incomodando com um e com outro. Outro dia furtô umas peça de roupa que tava estendida na corda no quintal da senhora des-se doctor aí do lado. Nós levemo a culpa. Duma desgraçada duma italiana que mora aqui do outro lado, desapareceu um galo pestiado, muito magro, amarelo, peçoço pelado, era vô a dona Celestina, pois o diabo do galo não sei adonde é que foi pará, que ela procurô, procurô ele e não achô. Não achô, pronto. Já se sabe. Nós que fiquemo com a culpa. Porque eu vô le dizê uma coisa dona Laura: a gente faz que a gente não é santo, mas também assim é uma coisa dismasiada. Uma coisa que não requer.

Sidonio - Então foi por fato que fizeram um abaixo assinado á policia?

Generosa - Não foi por isto nada. Foi por outras coisa. E o sr. nem sabe se fizeram o que é que é que o sr. tá aí batendo com a lingua nos dentes? Por acaso o sr. sabe de alguma coisa prá tá falando? O senhor fala de candonguero que o senhor é. Só ora fazê candonga. O seu sistema é esse mesmo. A gente olha pro senhor não diz, porque parencias o senhor não tem. Mas que o sr. é candonguero é candonguero. Todo o mundo sabe.

Pepa - Mire, señora: yo le he dicho una vez y le repito ahora....

Generosa - Sei eu lá de hora dona Pepa. Também a senhora não faz outra coisa quando vem na casa da gente não querê sabê as hora. Compre um relójo. (baixo) Que mulher mais aburricida!

Pepa - Escuche no más, señora: yo le he dicho una vez que no destrate a novio. A mí figa usted lo que quiera, pero a él no le haga, por di os! Yo le estoy avisando. No le haga. No le haga.

Generosa - Traiz, negrinho, traiz duma vez a agua pra essa injuada pra vê se ela cala a boca e deixa a gente cuvelô.

Juvencio - Ela não qué agua, dona Cleofosa.

- Generosa - Pois se ela tá pidiendo aí como é que não qué?
- Juvencio - Não tá, dona Generosa, é que a senhora não entende o castiano. Ela tá xingando a senhora.
- Generosa - Tá me xingando? O que é que ela tá xingando?
- Juvencio - Não sei, o que é não sei, mas que ela tá xingando, tá.
- Pepa - Lo que estoy haciendo, señora es llamar la atención para la manera con que se dirige usted a mi novio. Nada más.
- Generosa - Pois é, dona Pepa, é isso mesmo. (baixo) Dêxa ficá assia como tá, não mexe mais que não vale a pena. Ela mesmo nem sabe o que é que ela tá dizendo. Essas coisa que ela fala nem igiste. A gente sabe que é ela tá d'enta prá que que a gente vai tá fazendo assunto das coisa que ela diz. Pois como eu tava le contando, dona Laura... Eu nem me alembro mais o que é que a gente tava cunvelsando.
- Laura - A senhora estava falando nas encrencas com os vizinhos.
- Generosa - Ah pois é. É uma coisa palvorosa. Eu já não aguento mais. Todo o dia é cunvelsinha, é candonga, é intriga... pois até o galo tibirculoso fomo nós que tiremo. Tudo foi eu. tudo foi eu.
- Sidonio - E não foi, dona Generosa?
- Generosa - Pois si eu tô dizendo que não fumo.
- Sidonio - Mas eu não estou lhe oferecendo cigarros. A senhora entendeu mal.
- Generosa - E eu tô falando alguma coisa de cigarro? O senhor é que já tá pegando a duença da dona Pepa, tambem. A gente fala uma coisa e o senhor vem com outra deferente.
- Pepa - La enfermedad de doña Pepa ha dicho usted? Míme, señora, enfermedad la tiene usted en la cabeza. Es una cosa dolorosa!
- Generosa - Pois é, coitada, éla tem razão essas duença de cabeça são dolorosa mesmo. A pobre da vivente é de vivê muito sacrificada, muito sacramada! Eu sei o que é isso, dona Pepa. Nós tivemos um vizinho por nome Gumelcindo que teve um unhero na cabeça, o pobre do infipor lizo vivia bessolvido naquela dôr que dava lásti da gente vê. Pois foi indo, foi indo, foi indo que um belo dia morreu sem soprendê ninguém. Todo o mundo ficou admirado. Uma coisinha atôa. Essas coisa a gente deve de tratá, dona Pepa. Dêxá é pior.
- Pepa - A mí me parece que lo mejor es dejar. Usted sigue siempre a decir tonterías, yo me puedo molestar y la destratar y así para que?
- Generosa - É, sim, dona Pepa. O caso é mesmo como a senhora tá contando. A senhora é que tá com a razão. Trate que a senhora vai ficá boa num repentin. A senhora nunca esprementô de se tratá pelo espiritismo? Eu gosto tanto! As veiz é um isprito mau que a gente tem que acumpanha a gente e a gente não sabe.
- Laura - Ah dona Generosa, eu me lembrei agora! Lá perto do Hotel em que eu mesmo ha uma casa muito boa para alugar. Até quanto a senhora paga de aluguel?
- Generosa - Não sei. Eu nem sei quanto é que nós pagamos de aluguel. (chamando) Tudinha, minha filha, chega aqui um mucado.
- Tudinha - (Vae dentro) Não pôsso, mãe. O que é que tu qué? Eu tô ocupada.
- Generosa - Tá bõ, não precisaava dizê o que é que tava fazendo. Tem visita aqui. Dispois chega aqui que eu quero te priguntá uma coisa.
- Laura - O aluguel dessa casa que eu lhe fale deve ser quinhentos e cincen-ta ou seiscentos cruzeiros. Não tenho bem certeza.

- Generosa - Qué mamá vai na leitaria, ora essa é boa! Su perciso moralizá as visita que vem na minha casa. Isso não tá direito. Amanhã ou depois sai falatório aí fóra não vão dizê que foi a dona Pepa que disse esse sas palavra imbicenica, vão dizê logo que foi na casa da dona Generosa que faláro.
- Pepa - Calla-te la boca, angelito. No hables mas. Tanto hace decir las cosa, ou no decir para ella es lo mismo porque no las entiende. Y de oír tantas tonterias, asta ya me duelen los oidos.
- Generosa - O que é que ela disse?
- Tudinha - Que de ouvi tantacoisa até já lhe doem os ovidos.
- Generosa - Ah tá com dor de ovido? Pois é, mas a gente não tem culpa, não é mesmo. A sinhora quando chegá em casa bóta um argudõsinho com azeite quente que é muito bõ. É mesmo que a sinhora tirá com a mão.
- Pepa - Si, voy a poner-lo siempre antes de venir para cá para no escuchar las cosas que dice usted. Es mejor.
- Generosa - Vai alhorá, sim, a sinhora vai vãi vê só. A sinhora exprimenta e diz pois me diz.
- Pepa - Ya lo creo, señora, ya lo creo.
- Laura - Afinal a senhora não resolveu nada da casa que eu lhe falei. Quer que peça a preferencia para a senhora amanhã?
- Generosa - Não, dona Laura, é muito cara. Percisa que seja asia do preço dessa, mais ou meno.
- Laura - Pois ela é mais barata, dona Generosa.
- Generosa - Não é, dona Laura, é mais cara.
- Laura - Não, dona Generosa, é mais barata. Pois é seiscentos e cincoenta cruzeiros esta é setecentos.
- Generosa - Ah é? Então a sinhora se enganô. Tá bem, se é mais barata pôde pidi a pelferencia e avisá nós que nós vamo lá vê dia. Mas sem compressio, dona Laura, a gente só fica com a casa se a casa selvi.
- Laura - É claro. se não se vir não fica.
- Tudinha - Bem, nós podíamos dar um basta neste lero-lero e fazer qualquer coisa mais interessante pra passar o tempo.
- Bento - É fato.
- Laura - Um pouco de musica, por exemplo.
- Bento - É exato.
- Generosa - Escuta aqui, seu Bento porque que o senhor não mete a sua viola no sacco, heim? Era muito mais melhor. Muito mais odacioso do que tá aí aburrecendo a gente com essas simõnimas que é só o que o ori sabe di-zê.
- Tudinha - Ele diz que não tem sacco, mãe.
- Generosa - Pois é, mas si ele não tem ele arranja. É o que menos custa.
- Bento - É fato.
- Tudinha - Bem, vamos fazer um pouco de musica, então. (GINGO)
- SPEAKER: - Bem, enquanto dona Generosa fica a discutir com os seus convidados qual deles deverá iniciar a hora de arte destas alegres serões, ouçamos algumas palavras sobre os patrosinadores deste programa. (ANUNCIO) e agora voltamos a estabelecer contacto com dona Generosa. (volta)

- Porfirio - Muito bonito! Eu ter que levantar daqui para a Tudinha sentar. Como visita eu devia merecer mais consideração.
- Generosa - Ora deixa de se boba, seu surdo. Quantas vezes que a gente já explicou pro senhor que ela vai acompanhá a dona Laura que a dona Laura vai cantá. É bobagem eu tá pedindo a minha guspe porque tanto faz a gente explicar pra ele como não explicar dá no mesmo.
- Porfirio - Pois se dá no mesmo porque ela não fica sentada onde está e não me deixa aqui esquecido?
- Generosa - Porque eu não quero, tá ovindo? (barrando furiosa) Porque eu não quero.
- Porfirio - Está bem, eu canto. Não precisa gritar desse jeito nos meus ouvidos que eu não sou surdo. (começa a cantar acompanhado ao piano, "masme eu quero" sendo ao terminar muito aplaudido)
- Generosa - (logo que o surdo começa a cantar) Mas credo, esse home tá loco! Ninguém pediu pra ele cantá. É logo que cantiga que ele foi escolhido, muito sem harmonia, muito sem puetismo! (quando o canto termina) Não le gavo o gosto do que o senhor cantô. É a cantiga mais palverosa que eu conheço.
- Porfirio - Muito obrigado. Se não é lisonja.....
- Generosa - Si não é o que que ele disse?
- Tudinha - Lisonja, não.
- Generosa - O que é isso? Nem sei se isso existe.
- Tudinha - Pois se tu não sabe cala a boca e não te mete.
- Generosa - Cala a boca umas pivica! Cala a boca é um tapa muito bem dado nessa beijo que é pra tu não se arretinida e ingratitude. O disaforo dela só! Cala a boca! Te priguntá adonde é que nós temo. Tu porcina tá mais romantismo pra tratá as pessoa, calinducada.
- Tudinha - Quem sai aos seus.....(pausa)
- Generosa - Persegue. Trina o que tu ia dizê. Trina pra tu vê como já te canta já um tapa nessa beijo aqui na frente das visita e tudo. Trina se tu é gente.
- Sidonio - O que foi que ela fez, dona Generosa?
- Generosa - Marcriação. O que é que ela faz que não seja isso.
- Sidonio - Ela nem disse nada, dona Generosa.
- Generosa - Não disse nada uma óva! Não trininô porque eu repiliquei ela. Mas ela ia dizê aquele adjectico que quem sai os seus não disegora.
- Sidonio - Isso é apenas um proverbio, dona Generosa.
- Generosa - Óia seu Si-si-sidonio, su letrada não só masi burra eu tambem não só, o verbio que o senhor disse é uma boa marcriação. Eu sei que é e não adianta o senhor querê dizê que não é. Eu uma vez disse ele pro meu pai e apanhei nos beijo, si ele se deu nos beijo é porque era marcriação, si não ele não ia me dá que loco ele não era. Vocês se vê vistida de ovelha pensa que eu só calnera? Vocês tão muito enganada. Culéjo, bem dizê eu não tive muito mas burra eu não só e sei bem as coisa.
- Sidonio - Ninguém está dizendo que a senhora seja burra, a senhora não é burra, é i-i-i-i-i.....
- Generosa - Intiligente? Tá bõ, intiligente eu tambem não quero dizê que seja.
- Sidonio - Não é isto. I-i-i-i-i.....

Generosa - Istéria?

Sidonio - Isso talvez a senhora seja mas o que eu ia dizer era outra coisa.

Generosa - Fois então diz duma vez, deixa de tá fazendo boquinha.

Sidonio - I-i-igulnorante.

Generosa - Igulnorante é tu, atrevido, marmoriado. Adonde é que tu pensa que tá pra tá me fartando o respeito. Então tu tem o astrivimento de ve-
via na minha casa pra me zingá, cara de mamão apustemado. Adonde é que nós temo?

Pepa - Señora, yo no permito que ai novio sea destrutado por quien quiere que sea, ha entendido? Uted se ha molestado porque don Si-
donio le ha dicho la verdad. Es preciso que usted sepa que el que dice lo que quiere oye tambien lo que no quiere. Don Sidonio no t
tiene el derecho de hablar, de decir la verdad porque ese derecho
solo tenéis vos. Don Sidonio no tiene ne el derecho de rechazar los
desaforos porque solo una persona los pueda decir acá: vós. Usted
dice todo lo que quiere y se uno rechaza es sin educacion y tantas
cosas mas. Don Sidonio es el hombre increíble. Don Sidonio es el
tonto. Don Sidonio es el manipango, el atorrante el siaverguenza,
el sin educacion, por una sola razon: porque le ha dicho a verdad.

Generosa - Tá não, dona Pepa, chega. Agora por causa disso também não precisa
matá o home. Ele agora já sabe, otra vez ele não diz mais e tá a-
cabado não precisa a sinhora fazê tanto barulho com ele por causá
disso. Quem foi mais tingida fui eu e não tô fazendo esses barulho
que a sinhora tá fazendo.

Pepa - Incorante! Nunca ha dicho don Sidonio una verdad tan verdadera!

Tudinha - Laura, vem cantar.

Laura - Espera um pouco, deixa serenarem os animos.

Tudinha - Ah ai tu vais esperar que eles serenem não cantas hoje. Vem. Seu
Porfirio. (gritando) Oh seu Porfirio. Acorde.

Porfirio - Quem é que está me chamando?

Tudinha - Levante daí que a dona Laura vai cantar.

Porfirio - Como disse?

Tudinha - (gritando) Levante daí que a dona Laura vai cantar.

Porfirio - Outra vez? Mas eu já cantei ha pouco, menina. Eu cantei, não cantei?
Ou foi ontem que eu cantei e estou fazendo confusão?

Tudinha - Já cantou, sim, agora quem vai cantar é a dona Laura. (nervosa) Ca-
minha duma vez e levanta daí, diabo. Esse home tira uma creatura da
paciencia.

Porfirio - Ah é para eu levantar? Porque não disse logo em vez de estar dan-
do puxôca na gente? Si tivesse dito ue já teria levantado. Não fa-
lam, não dizem nada e querem que a gente uavinho?

Tudinha - Vem Laura. Canta.

Laura - Eu vou te fazer a vontade mas eu não sei cantar direito.

Generosa - Isso é lisonjo, dona Laura. A gente sabemos que a sinhora canta.
(Laura canta, sendo muito aplaudida por todos ao terminar) Muito
bem, dona Laura, muito bem. A sinhora canta muito chice. Até pare-
ce essa primordoma de obras.

Bento - É fato.

Generosa - Pronto, já seu meteu. Ele não pôde dexá de dá o parpito dele.

- Juvencio - Dona Gineirosa, é pra dá café pra essa gente ou não é?
 Generosa - Que bobagem de pringantã mais inúter. Então tu não sabe que é?
 Juvencio -- Não sei, não. Uma vez a senhora qué dá outras vez já não qué, eu não só advinho. As vez eu dô a senhora diz que não era pra dá outras vez não dô a senhora diz que era prá dá. Eu preciso sabê pradonde é que tá o vento hoje.
- Generosa - Tu precisa é tê mais punção na frente das visita. Isso é que tu precisa.
- Juvencio - Tá bão a senhora diga duma vez si é prá fazê ou não é.
- Generosa - Decerto que é. E tu vê lá como é que tu fala comigo, heim? Tu olha que eu não só biscuto.
- Porfirio - Upa! O café hoje é com biscoitos? Muito bem. Não vá ser como o espagueti da quarta feira passada que eu sai com o bico seco e aos trompaços. Também roguei praga pra todos que comeram.
- Generosa - Pois a sua praga não pegô porque ninguém comeu.
- Sidonio - Pois é, mas eu mim pegou.
- Generosa - Não podia pegá pois o sr. não comeu. Ninguém comeu que bobagem é essa?
 Sidonio - Pois é, não comi mas pegou. E pegou bem forte até. Fassei uma noite de cachorro.
- Generosa - Então foi outra coisa que o sr. comeu aí pelo caminho. (baixo) Também são uns infamiado. Come tudo que acha pela frente. O Sidôca também tinha essa assistencia mas eu tirei ele em dois tempo. Eu disse pra ele: fôra de casa tu não se ocupa nada nada pra comê. Comê essas purcaria que tu não sabe como é fazida. Tu só come aquilo que te oferecê de graça.
- Laura - E por falar no seu Sidôca, como vai ele, dona Generosa, tem tido notícias?
- Generosa - Tenho, dona Laura, ele escreveu um telegrama dizendo que vai vir agora. Ele já era pra tê vindo mais diz que não conseguiu cambina no trem por isso que não veio.
- Pepa - Y doña Celestina, viene tambien?
- Generosa - O que é que ela disse?
- Juvencio - Tá pringutando se a dona Celestrina não vai vir toben.
- Generosa - Sei lá dessa seca, nem quero sabê. Pensa que eu duvido que ele ainda pague a passage prá ela vir? Ah mais eu vô esperá ele na estação. Nunca fui dona Laura, mas dessa vez eu vô. Vô e aí dela que venha junto com ele. Nós vamo parê as duas no posto. Ela vai vê que eu não só biscuto.
- Laura - A senhora ia dar nela, dona Generosa?
- Generosa - Si eu ia dá? A senhora ainda pringuta? Ia dá-lhe uma tunda de laço de dezê ela com a pelanca dipindurada.
- Tudinha - Pois é e depois tu ia pra cadeia e ia ficá muito bunito pra ti.
- Generosa - E que ficasse, tu pensa que eu tava me importado? A minha deferença eu tirava. O chinelo é velho, dona Laura, tá acrocachado, á mas é da gente ninguém temquada que sarqá ele.
- Laura - É isto mesmo, dona Generosa.
- Generosa - E depois eu sempre ovi dizê que quem empresta o que tem na praça despt.

- Bento - É fato.
- Generosa - Puxa seu Bento que o senhor é um martirio, credo! Eu não sei o que é que deu nesse homem de uns tempo pra cá. Era um homem tão acomodado que dava gosto. Depois virô a marés pro outro lado e olha: o homem que parecia que tinha a língua travada deu pra falá dessa maneira. Distravô ela.
- Sidonio - Então se a dona Celestina vier junto com o seu Sidôca, vai ter prá ela?
- Generosa - Ah vai. Que vai tê vai tê. Ela não tem nada que metê o dedo no pudim dos otro. Dessa vez ela vai queimá o dedo dela.
- Juvencio - Oia dona Gineirosa, uma coisa eu já vô le avisando deis de já. A sinhora não conte comigo pro tirá a sinhora da cadeia.
- Generosa - Ora, negro tu não te encolga? Eu havia de percisá mesmo de ti. Cunhicimento é que não me fartava.
- Juvencio - Mais cunhicimento do que eu sa pulica a sinhora não tem, isso eu le agaranto. Oia: eu cunheço o cabo Matia, o cabo Diolindo, o praça Piedonga, o Zé minhoca, o seu Varisto, o seu Nascimento, cunheço uma trupia deles. Tombas, quantas vez eu já tive lá.
- Generosa - Tu divia de tê velgonha de dizê, cara dislavada e ainda fica aí todo artanero.
- Juvencio - Ué, pois eu cunheço mesmo porque é que eu é de negá. Inda outra dia que a sinhora foi chamada e que eu fui lá com a sinhora, a sinhora viu que todos eles me cumprantô.
- Sidonio - Mas afinal até agora nós não ficamos sabendo porque é que a senhora foi chamada, dona Generosa.
- Generosa - Por ispicula, seu Si-si-Sidonio. Quem muito qué sabê mixirico qué fazê.
- Pepa - A ver, queridito que ya te diho muchas veces que no le preguntes nada. Ella te contesta siempre con brutalidad y yo no me quiero molestar. Es mejor que te calles la boca.
- Sidonio - Está bem minha Pepinha, eu não falo mais.
- Pepa - Bueno, entonces calla-te la boca.
- Sidonio - Eu estou ca-ca-ca...
- Generosa - Veiu, cala essa boca seu Gago. Dona Pepa, bota sintido nesse homem. Veje lá o que é que eis vai dizê.
- Sidonio - Estou calado.
- Generosa - Ah!... Que susta que se deu esse infeliz.
- Sidonio - Dona Generosa, a senhora é muito pre-pre-pra...
- Generosa - Presunçiosa é que o senhor qué dizê?
- Sidonio - Não senhora. Pre-pre-pre....
- Generosa - Presunçiosa, pur acauso?
- Sidonio - Também não.
- Generosa - Então não sei o que é que o sr. qué dizê.
- Sidonio - Presunçiosa.
- Generosa - O sr. acha, é? Pois olhe eu vô le dizê que acho pelferivle a gente se pelcipitiada do que retardada como o sr.. Quem sabe o

- senhor queria que as pessoas fossem tudo iguais? Não pôde sê. Uns é deferente dos otros. A vida é assia: é cada um como cada qual. Nego o que é que tu tá fazendo aí que ainda não foi perpará o café?
- Juvencio - Puxa dona Gineirosa que a sinhora é faladeira. Quem é que não foi? Porque é que a sinhora tem essa assistencia de falá as coisa que a sinhora não sabe? Já fui e já vortei pra dizê grá sinhora que vô trazê café piquininho pra essa cabada de convulsadô porque não t tem pão, nem manteiga, nem biscoito pra dá café grande pra eles.
- Generosa - Pois e o tempo que tu veio dizê tu já devia de tê trazido. São quasi onze hora a gente precisa se deitá que amanhã o selviço tá aí mesmo prá gente fazê. Caminha vai buscá duma veiz. Ele diz as coisa e depois fica aí muito concho esperando a resposta.
- Juvencio - A sinhora não tá vendo que eu tô indo? É só pra fazê assunto. Candonguera como não hay otra. Gosta de convulsá de dizê o que não sabe como nunca vi.
- Generosa - Olha tu, nego passado, olha tu! Tá bão. Eu vivo te avisando, um dia tu vai te arrependê.
- Tudinha - Laura, enquanto se espera o café toca aí uma coisinha pra gente ovi
- Generosa - Ah não, isso é que não. Agora quem vai cantá sô eu. Que diabo tambem todo o mundo canta na minha casa eu que sô a dona da casa não canta? Era só o que fartava. Agora quem vai cantá sô eu e voceis é de ovi quera ou não quera.
- Laura - Cante uma marchinha que a senhora tenha aprandido no Rio, dona Generosa.
- Generosa - Não, dona Laura, eu agora não vô cantá mais sonetos. Só vô cantá opras. A opra é muito mais odaciosa, muito mais patriota. Vô cantá aquela opra que é toda assia em galgulejos que se chama os gritos da Primavera. A sinhora não conhece, dona Laura, é tão chics.
- Laura - Não sei se conheço a senhora cante que depois eu digo.
- Tudinha - (baixo) Os gritos da primavera que ela diz são as vozes da primavera
- Laura - (baixo) Bem, mas as vozes da primavera na garganta da dona Generosa fica melhor mesmo com o apelido que ela botou. (Generosa canta as vozes da primavera, toda em gorgelios sendo ao terminar muito applaudida)
- Sidonio - Que bem que ela cantou isso, não é verdade?
- Bento - É fato.
- Sidonio - Parecia um passaro em gorgelios.
- Bento - É exato.
- Generosa - Muito obrigado, seu Bento. Coitado ele é mitido mas ás veiz ele é justo. Gostô dona Laura?
- Laura - Muito, dona Generosa, achoi formidavel.
- Pepa - A mi se me figuró la sirena del diário quando llega un telegrama.
- Generosa - Depois, dona Pepa. Na sua casa. Quando a sinhora chegá lá é melhor.
- Juvencio - Olá o café, cabada. Pára aí home de Deus. O seu soldo quangi que me érruba com a bandeja e tudo.
- Generosa - Isso é um infamiado. Não podia caperá que se oferecesse pra ele.
- Porfirio - (alto) Compadre, um segredo: tira depressa uma enxada que nós somos sete e vieram só seis.

- Generosa - Negrinho cadê o assuari que tu não trouxe, negrinho.
- Juvencio - Já butei. Já butei assuari em todos. Tudo tá bão de assuari.
- Tudinha - Tu andô botando a boca aqui nas chicra, é negrinho?
- Juvencio - Não butei boca nenhuma, dona Branca, dexe de sê faladera.
- Tudinha - Pois se tu não botou como é que tu sabe que tá boa de assucar?
- Juvencio - Eu mitia o dedo na chicra e lambia ele. Provei todos.
- Generosa - Tá, dona Laura, póde tirá.
- Laura - Não, dona Generosa, mui te obrigada. Eu não quero mais café de noite que me tira o sono. Eu já observei isto.
- Generosa - A senhora, dona Pepa.
- Pepa - Muchas gracias, señora, muchas gracias. Nó, nó, mi novio tambien no lo quiere.
- Generosa - É o seu Bento tambem não qué? Ué o que é isso? Será que o café tambem hem lhe dá insonica?
- Bento - É fato.
- Generosa - Tu não qué, Tudinha? Apruveita, olha aqui, sobre cinco chicra. Só o seu suldo é que tomô.
- Tudinha - Não, muito obrigada, agradeço o teu café.
- Generosa - Pois é, dispois se a gente não manda fazê café pra dá pra vossás é porque não manda fazê. Quando a gente manda fazê vossás não toma. Só prá butá fóra, prá butá fóra eu não mando fazê mais.
- Porfirio - Está ótimo este cafésinho. Vou tomar mais uma chicara. (ruído)
- Generosa - Póde tomá de qualquer fórma vai se botá fóra, pulo menos um apruveita.
- Pepa - Bueno, señora, nosotros nos vamos. Mui buenas noches para todos.
- Generosa - Boa noite, dona Pepa, vá com Deus e os anjo.
- Sidonio - Bo-boa noite, dona Generosa.
- Generosa - Boa noite, seu Gago. Olha vá depressa que o tempo não tá muito sincero é capaix de vir chuva.
- Laura - Nós tambem vamos, seu Bento que é tarde.
- Bento - É fato.
- Laura - (baixo) Olha aqui, Juvencio, tu na próxima vez tens que me dizer porque motivo a dona Generosa foi chamada ao posto, ouviaste?
- Juvencio - Si a sinhora me dá dois cruzero eu lhe conto tudo tudo.
- Laura - (baixo) Está bem, cuidado que ela póde ouvir. (alto) Bem, então boa noite e até amanhã se Deus quizer. (Generosa, Tudinha e Juvencio respondem)
- Generosa - O que é isso nome de Deus, tudo o mundo já foi labora o senhor in-da tá aí tomando café?
- Tudinha - Dexe o nome aproveita, total ninguem vai tomá esse café. Ele já tomou quatro chicrinhas agora está na quinta.
- Generosa - Eu não sei porque será que ninguem quiz café hoje.

- Tudinha - De certo que ninguém ia querê se o negrinho mesmo disse que botô o dedo nas chieira e lembou pra prová quem é que ia só porco querê?
- Generosa - Que grande coisa. Era muito mais pior se ele botasse a boca prá prová. Como é que tu quirá que ele fizesse?
- Juvencio - Dexe ela falá, dona Gírirosa. Eles não quiz de luxento que é. Só porque eu miti o dedo. Pois éia então dexe eu le dizê uma coisa, dona Tudinha: a senhora fique sabendo que adonde eu meto o dedo eles não meste a lingua deles.

(Característica musical para o final)

1943

" UM BERRÃO NA DONA GENEROSA "

5^o período

- Um programa de Roberto Lis.-

- Laura - Meus parabens, dona Generosa!
- Generosa - Muito obrigadinho, dona Laura.
- Sidonio - Parabens porque?
- Generosa - Pronto. Já tenho que rifiri pra ele porque é. É porque o Sidonio chegou, seu Si-si-sidonio. Tá mastifeito agora?
- Sidonio - Estou sim senhora.
- Generosa - Tudo ele qué sabê tudo ele tem que dá fé.
- Bento - É gato.
- Generosa - E o senhor não póde galá que o senhor tambem é otro. E eles não era assim nem um nem otro.
- Pepa - Es la convivencia, señora.
- Generosa - Pois é, a convivencia fais isso mesmo. O seu Si-si-sidonio já aprendeu com o otro.
- Sidonio - O que é que eu aprendi, dona Generosa?
- Generosa - A convivencia, o senhor tá ficando surdo tambem?
- Sidonio - O que é isso, convivencia?
- Generosa - Não sabe vai pro culejo aprendê. Eu não sô jongrafia prá tá insinando matamáti pra ninguem.
- Pepa - Es una cosa como no he visto igual en la vida.
- Generosa - Pois é, não é dona Pepa? Tá ficando ingual, ingual. Tudo ele tem que priguntá, tudo ele tem que sabê.
- Sidonio - Claro. Eu não gosto de jogar no escuro. Eu gosto de saber aonde eu pizo.
- Generosa - Não parece. Volta e meia o senhor tá pisando nos calo da gente. O senhor pensa que eu mi isquicé que a urtima veiz que o senhor teve aqui que o senhor me chamô de inguinorante? Não me isquiei não. Tambem o meu consolo é que eu reboquei o senhor bem rebocado. E não fui eu só, não. A dona Pepa tambem lhe deu inderetas muito ótimas. Aleais ela lhe disse coisas tão horrives que eu ainda tive que intelferis em seu binificieo. Mas é assim mesmo. Os home tem que sê tratado com rusticidade. Assim é que eles gosta. Ela diz todos os disaforo pra ele e ele ainda anda dipindurado pelo beigo dela. Home é assim, dona Laura, é mesmo que cachorro.
- Pepa - Ella tiene el ejemplo en su casa. Es por eso que lo afirma. El pobre hombre es tratado peor do que un perro. Acá es la gagina que canta.
- Generosa - Se assuegue, dona Pepa, não inventa de ninguem cantá agora. A gente recem começô a cunvelsa já a sinhora tá inventando da gente tê que aguentá esses injuado aí. Ainda se eles cantasse argute em coisa que prestasse pra gente ovi, uma coisa direita, inda vá lá. Uma garguleja, o otro se assenta de repente no piano e começa a berrá: (cantando) Mamãe eu quero, mamãe eu quero, mamãe eu quero mamãe. Ora isso é uma coisa que nem requer. Uma farta de jonorosidade. Uma coisa sem puetismo, sem apontuação. Isso só num soburgo disabitado é que a gente vê.

Alamirador

20-4-943

- Porfirio - Que jogo é que estão fazendo?
- Generosa - É o jogo do ispicula.
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) É o jogo do espicula.
- Laura - Do ispicula eu não digo que seja mas do disparate eu afirmo que é.
- Porfirio - Jogo de que? Não entendi bem.
- Generosa - (gritando) e destacando as sílabas) Es-pi-cu-lá.
- Porfirio - Aonde? Não conheço mas deve ser bem interessante este jogo.
- Generosa - Adonde? Na rua do Conde, puxando um bonde. Te assenta aí e não incomoda os outros que é melhor que tu faiz. Que homem mais ríspido e fernetico, meu Deus! Cruz!
- Laura - Escute, dona Generosa, afinal a senhora nem me disse como chegou o seu Sidóca, se chegou bem ou não.
- Generosa - Também a gente nem teve tempo de curvelhá. É rícriminação de todos os lados. Um rósnia daqui outro rósnia de lá o outro de acolás quando a gente vai falá já passô. Pois ele chegou ontante, dona Laura. Nós tava se assentando na mesa pra jantá quando eu ovi aquela voz muito clamorosa dizê assim lá na porta da rua: "Generosa, minha velha adonde é que tu tá?" No primeiro repente eu até pensei que fosse uma comunicação isprita mais nisso eu já ovi os bulziguim d'êe rístringindo pulo corredor, fui vê era ele.
- Laura - Quer dizer que então a senhora não foi na estação?
- Generosa - Pois não fui, dona Laura. Pois ele chegô de solpreza.
- Fepa - Y doña Celestina no ha venido con el de allá?
- Generosa - O que é que ela disse? Que ajá bobo é esse dona Fepa? A senhora aprenda a falá direito que assim ninguém pôde entendê o que a senhora diz. Ela faiz uma confrontação das sílabas que é uma coisa pulverosa.
- Fepa - Soy lo que hago la confusion. La tonta soy yo.
- Generosa - Arripita direito em lingua de gente o que foi que a senhora perguntô que é prá eu pudê lhe arrespondê.
- Fepa - Derecho ou nó es la misma cosa porque usted no lo entiende nunca!
- Sidonio - A Pepinha perguntou á senhora se a dona Celestina veio junto com o seu Sidóca.
- Generosa - Ah, si a seca veio junto? Não sei pois eu não fui a Estação. Ele chegô de sobre aviso a gente não ficou sabendo. Eu perguntei pra ele ele disse que ela ficou lá mas eu vô tê uma contestação inzata disso qualquer dia. É só eu i nuacasa de Nação. Não fui ainda porque não tive tempo. Mas também se ela veio e ele mintiu, ah dona Laura que eu nem sei o que eu só capaix de fazê. Só capaix de se abessolvê vê dele. Le juro que só capaix.
- Laura - E onde é que ele está dona Generosa? Eu tenho vontade de vê-lo.
- Sidonio - Euq também quiria dar um abraço nela. Acho que todos queriam.
- Bento - É fato.
- Generosa - (baixo) Não é o abraço, não que eles quê dá. Eles quê é sabê adonde ele foi. (alto com raiva) Foi com a Tudinha e o Negrinho no cinema pra vê um filme muito chiss por nome sangue de arcia. Um que

- nós viam no Rio e ele e a Tudinha ainda não tinha visto. Tem uma palte tão chics dona Laura, a sinhora viu?
- Laura - Não me lembro se vi. Quais são os artistas a senhora sabe?
- Generosa - Sei, dona Laura. É o Tirano Laiti endi Póver e a Rita... Rita de que mesmo meu Deus? Ora, eu sabia tanto o nome dessa moça... Não é que eu fui me esquecer? Tô con ele no canto da boca e não posso me alembá...
- Laura - Não é a Linda Parnel?
- Generosa - Não, dona Laura, não atrapalha, a Linda da Néla e notro firme. É Rita de que, meu Deus?.... Ih se dá um fernetico quando eu quero me alembá das coisa e não posso...
- Laura - Rita Eiuórt.
- Generosa - Não. Tem parencias desse nome mas é um adejetivo deferente. Óia a órta, parece que é. Tã bõ, tambem isso não vem ao caso. Eu sei que tem um pedaço muito chics que o mocinho abre assim a sala, flameja ela na frente da vaca, a vaca vem de certo no sufragante da rai-va e infia as guampa no bedomo do infilizio e ele fica istindido no meio do chão. Ih é um pedaço tão impituoso que as pessoa saiu tudo com os olho lagrimijante do cenema. Ih eu no Rio fui muito a cenema. Vi firmes muito odaciosos, muito puetas. A Região dos bem-chegados, o Rosário Fantasco, o Ultimo gangeste, uma dama Istucioe sa, Anjas da Brodivai, o Couve Boi e a dama, o Couve Boi apaxonado e muitos otro que eu nem me alembro agora. Esse firme de hoje a Tudinha gostô tanto que quiria vê ele otra veiz. Eu quiria esperá prá vê se levavam ele do dia das Margarida que assim ela não pagava, mas diz que não vão levá, o Sidóca quiz vê ele ela foi junto Mas não dimora muito eles tão aí.
- Sidonio - É o negrinho tambem foi ver o mesmo film?
- Generosa - Olha seu si-si-sidoncio, negro não. Quem vê o sinhor falá desse geito até pensa que o pobresinho nem tem nome. O sinhor qué ofendê ele ofende com otros adejetivo, mais puetas. Ele não é meu filho de unha e calne mas é meu filho clandestino. A mãesinha do infilizio quando morreu me entregô ele prá eu zelá pur ele e dentro da minha casa ninguem ofende ele que eu não dô promissão nem competencia. Agora adonde é que se viu: nego, nego, nego, nego. Olha: ele é negro mas é milhor que muitos branco que eu cunheço.
- Sidonio - Está bem, desculpe eu retiro o que disse.
- Pepa - EsUsted, señora la primera persona que lo llama así, ahora porque mi novio lo llamó usted hace un boxinjo como si fuera una enfermedad lo que ha dicho el hombre. Usted es la persona mas incoerente que he conocido en toda mi vida. Negro para nosotros es una palabra de cariño.
- Generosa - Pois é, dona Pepa, agora é que a sinhora disse tudo. O caso dele sê negro não incontabilisa da gente tê carinho pur ele. Até pelos bião a gente tem não é mesmo? A sinhora vê, dona Laura que adonde a gente vai eu levo ele. O que a gente temos ele tem. Até no Rio de Janeiro ele foi com a gente. Fremero eu não quiria levá mas ele chorô, chorô chorô disse que quando nós voltasse que não ia incontré mais ele, que ele ia se assassiná lá do viaduti ou intão dibaxo dum bonde. Aí eu garrei fiquei cum medo que ele fixesse que depois a gente fôssê sintá resolso - e é coisa triste o resolso não é mesmo? - aí eu garrei e levei. Hoje ele quiz i no cenema. Pois o Sidóca ia, a Tudinha ia, eu disse vai, meu filho vai tambem. Mandei ele notro cenema mais barato mas ele até saiu ganhando porque adonde ele foi ele vai vê viate cineo parte por um mirreio. O cenema não é tão granfino mas em compensação ele vê muito mais fita do que o Sidóca e a Tudinha. É afinal das conta pra que é que a gente vai no cenema não é prá vê fita? pois então tá aí.
- Sidonio - Mas os granfinos tem uma vantagem dona Generosa.

- Generosa - Que vantagem? Tem vantagem nenhuma seu Si-si-Sidonio.
- Sidonio - Tem, sim senhora, a senhora vê fita no pano e na platéia.
- Generosa - Como assim? Não tô compreendendo o que é que o senhor que dizê com isso.
- Sidonio - Eu explico pra senhora. (passos que se aproximam)
- Generosa - Ué, negrinho, já acabô o cinema?
- Juvencio - Acabô coisa nenhuma. (chorando) Não me dexaro entrá.
- Generosa - Porque? Porque tu é de côr? Tu vai me dizê quem foi que eu cuatigolá.
- Juvencio - (chorando) Não é nada disso! Não me dexaro intrá porque o dinheiro que a senhora me deu era de chumbo ele não quizero aceitá ele.
- Generosa - De chumbo? Não pôde sê! Ele não conhece dinheiro e inventô que é de chumbo.
- Juvencio - O condutô do bonde tombeu disse que era. Feiz eu descê e vim de apê deis de lá. Não quiz aceitá ele.
- Generosa - É porque dois inguinorante não quiz aceitá ele tu vai agravá eu, e o meu caráti, dizendo que te dei dinheiro de chumbo pra tu i no cinema? Isso é muito feio, isso não se faiz. Cadê o dinheiro, dexa vê ele aqui.
- Juvencio - (chorando) Tá aqui, esse escamungado que me feiz perdê o cinema tão bôo que eu ia vê e ainda vim de apê desde lá dos navegante intê aqui. Tô com os pé numa aldencia que intê é um desperposito. Os pobre dos vitimo ficaro intransitavi. (continua chorando e soluçando)
- Generosa - Eu já mordi ele e não vejo nada que seje farso. ~~Vejo seu gago.~~
Juvencio - É que a senhora mordeu com a dentadura, dona Generosa
Pepa - Mire, senhora, você fez um gago.
- Mire, senhora, usted hace poco se enojô com mi novio porque llamô de negrinho a Juvencio; yo tambien me enojo quando usted llama de gago a mi novio.
- Generosa - Agora ele vai dizê, dona Pepa, se é farso ou não é. Não adianta tá dando parpito. Espera um mucado que agora ele diz. Ele tá inzaminando.
- Sidonio - É falso, sim, dona Generosa.
- Generosa - Não pôde sê. Vê dona Laura.
- Laura - É, dona Generosa, basta olhar.
- Bento - É fato.
- Generosa - Tá bôo, pro senhor eu não priguntei nada, seu Bento.
- Bento - É exato.
- Generosa - Fois então cale essa boca e dexe de se metê adonde o senhor não foi chamando. Olha: quem fala muito, pouco siso. Assim dizia um falcido cunpadre do meu pai, o seu Podalirio.
- Sidonio - Seu quem, dona Generosa?
- Generosa - (gritando) Seu Podalirio. O senhor tombeu tá ficando surdo, é?
- Porfirio - Quem foi que me chamou?
- Generosa - Ninguém.
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) Ninguém.
- Porfirio - Ah, muito bem! Onde é que ele está? (Juvencio soluça de vez enquanto)

- Generosa - Tá no diabo que lhe carregue, sabe? Que eu não tô disposta a tá atuando as suas surdidade nem as suas lucura. Fique quieto aí no seu quartax canto.
- Porfirio - Agora não. Mais tarde. Quando o seu Sidóca chegar eu canto alguma eeí coisa.
- Generosa - Fronto! Quem é que pediu pra esse mardito desse alejado cantá? Quem foi que adiriu semelhantes lucura? Quem? Um home desse bota uma ideia confrontada na cabeça dele quem é que vai tirá ela depois? Nem o Rei nem Papas.
- Porfirio - Papas? Upa!...Eu sou louco por papas á portugueza.Tem hoje aqui?
- Generosa - A minha casa não é restorantis, o senhor sabe disso, que bobage de prigunta mais sem puetismo é essa que o senhor tá fazendo? Qué cumé papas, come mas vai cumé lá adonde tu quizé, não é aqui na minha casa. (solucos do Juvencio). O que é negrinho o que é que te aconteceu que tu tá aí chorando?
- Juvencio - Uai, pois então a sinhora já não sabe? Eu preciso arrepti tudo otra veiz?
- Generosa - Tá bõ mas tambem o cenema não é casamento que não se possa disatá. Inté os casamento hoje se pôde. Dexa,não precisa tá aí fungando, fungando, fungando que nem a velha Celestina porque tu não pôde intré noe cenema. Otro dia tu vai e entra e com esse mesmo mirreis.
- Juvencio - Ah não. Com esse eu perfiro não i do que depois té que caminhá uma cambuiada de legua de apé e chegá com os meus pesinho tudo sacramado sem nem tã pudido oiá a cara dos infilizio dos artista. Nem o chero deles eu tomei.
- Laura - Toma Juvencio, vou te dar dois mil reis para tu ires amanhã ao cinema Estes não são falsos. Pódes ir com toda a confiança.
- Juvencio - Muito obrigadinho, dona Laura, muito ubrigadinho. Que Deus Nosso Senhor mate sempre os seus marido ante da sinnora é o que eu lhe desejo.
- Laura - (baixo) Não esqueças de me contar o que me prometeste.
- Juvencio - Póde dexá, hoje inhante da sinhora saí eu lhe conto tudinho.
- Generosa - Tá bõ agora vai lá pra dentro e vai perpará um cafésinho bem gostoso pras visita.
- Laura - No meu não precisa botar assucar nem provar, ouviu Juvencio?
- Pepa - En ^{ll} mio tampoco.
- Sidonio - No meu tambem não precisa. Nem no meu tambem, não é seu Bento?
- Bento - É fato.
- Juvencio - Tá bem, eu não prove o de ninguem mas depois se o café não tivé bõ ninguém tem o direito de se quezá. (passos que se afastam) (GONGO, ANUNCIOS)
- Generosa - Mas é mesmo eu nem me alembrei que da otra veiz ninguém quiz aceitá café, eu hoje não divia de fazê.
- Laura - Eu da outra vez não estava com vontade mas hoje aceito.
- Sidonio - Eu tambem.
- Pepa - Yo tambien.
- Generosa - O unico que não arreigeitô foi o seu saldo. Tomô as cinco chiera e se eu não arretiro uma em tempo ele tomava elas toda.
- Sidonio - O cumpadre sempre foi assia. Ele topa tudo. (passos)

- Tudinha - Boa noite pra todos. (todos respondem)
- Laura - Então que tal te foste de cinema?
- Tudinha - Bem.
- Laura - E o filme, gostaste?
- Tudinha - Eu já tinha visto no Rio, mas assim mesmo gostei.
- Generosa - E o teu pai adonde é que tá?
- Tudinha - Entrô na venda pro comprar cigarro, eu não quiz esperar, vim na frente. Vocês me dão licença, sim? Eu vou lá dentro e já volto. (passos)
- Generosa - Porque tu não fica um mucado aqui assentada, minha filha? Recem tu chegô da rua.
- Sidonio - Deixe a coitadinha dona Generosa. Ela esteve sentada duas horas numa cadeira dum cinema. (passos que se aproximam. Barulho geral de dona Iepa, Laura, Sidonio e Porfirio, abraços tec, etc)
- Sidôca*
Generosa - Boa Noite, meus amigos. (abraços, exclamações de alegria perguntas de cada um que ele responde todas moleirão)
- Generosa - Tu gostô da fita, Sidôca?
- Sidôca - É uma fita muito bonita, sim, não ha duvida.
- Generosa - Que pedaço priate aquele que a vaca mete as guampa na barriga do mocinho não é mesmo, Sidôca?
- Sidôca - Não é vaca, minha velha, aquilo é um touro.
- Generosa - Vaca ou toro ou lá o que seje isso não vem o causo. É uma ávis. Tô te priguntando si tu não gostô do pedaço que ela mete as guampa nele.
- Sidôca - Ela não, minha velha. Ele. Pois é um touro.
- Generosa - Ah isso agora é que é bestera tua porque tu não pôde sabê se era marculino ou firailino. Tu não foi lá no pano pra vê. Agora pelo causo de sê um toro era obrigado que fosse marculino? Pur acauso não hay tôra também?
- Sidôca - Que horror, Generosa! Quanta bobagem você está dizendo aí, minha velha.
- Generosa - Olha aqui, Sidôca, escuta uma coisa: eu já arreparei que depois que tu veio do Rio, que tu veio com a mania de passá ricriminação nas coisa que eu digo. Será que tu agora deu pra querê se insiná a falá? Depois de eu velha do jeito que tô. E por acauso eu sô alguma inguinorante que não vô sabê o que é que eu tô dizendo? Olha eu vô te dizê uma coisa: tu trata de te apianá cumigo porque sinão vai té pra ti, hein? Não. Eu tô te avisando. Agora uma mulinha vai té pra ti, hein? Não. Tu tá loco ou tá bebudo, eu tu é munto scovelgenho. Te apiana. É só o que eu te digo. Tu sabe que eu já não tô muito boa cumtigo pur causa daquele negocio.
- Sidôca - Que negocio, Generosa?
- Generosa - Tu bem que sabe. Aquele negocio da pelanquera imbulante té ficado lá contigo.
- Sidôca - Mãe Generosa, que culpa eu tenho?
- Generosa - Ah isso é que eu não sei. Mas que eu vô descubri eu descubro. Ah te juro que descubro. Eu tô lá na Izabel ou numa morena que eu cunheço que tem casa de Nação, dô umas colher de mel, umas vela. Descubro tudo em dois tempo. Mas também se ela veio se metê no

- meu terreno eu deixo o nome dela lá' escrevido num caltão todo amarrado com fita e cabelo. Todo amarrado. Fica o nome dela lá. Amarro as peina dela, amarro os braço que ela não é nem de pudê caminhar nem se mexê.
- Pepa - Santa Madre de Diós!
- Generosa - Não é nada com madre, dona Pepa. Esses trabalho não é com madre que a gente faiz. É cum batueza. Oia: eu já tenho um lenço dela aí que ela se esqueceu-se. Era pra gente entragá ele eu nem sei porque que a gente não intregô. Eu mando o negrinho arrumá otra peça de ropa dela leva lá na casa de Nação ela vai vê só se ela se mete mais a tomá o que é dos otro. Eu nunca fui capaiz disso, dona Laura. O que é dos otro eu arrespeito. É sagrado pra mim. Agora, quando as coisa não tem dono a gente agarra mas se já tem dono, pôde se purcaria que se como esse infilizio que tá aí, não tem nada que botá a mão. Tem que arrespeitá. Quem foi que pagô a passage dela não foi tu?
- Sidoca - Não, minha velha, eu já disse a você que não.
- Generosa - Quem foi que pagô então?
- Sidoca - Não sei, deve ter sido ela.
- Generosa - De donde que ela ia tirá? Mas intão voceis pensa, pur acauso que eu sô alguma inguinorante? Voceis pensa que voceis me leva de cumpadre assim no mais? Olha eu vô acabá com esse negocio. Amanhã eu vô na Izabel ou então nessa morena que eu disse e já vô botá tudo nos pra to limpo. Prato xujo é pra porco, eu não sô porco.
- Sidonio - A dona Generosa é ci-ci-ci....
- Generosa - Cismada, não é o que o senhor qué dizê? Ah sô cismada mesmo.
- Sidonio - Não é isto. A senhora é ci-ci-ci-
- Generosa - Virigalta? É isso mesmo que o senhor vai dizê? Si é eu lha dô de conselho que não diga. Fica aí pelo ci-ci-ci e ingule o resto.
- Sidonio - Não senhora. é ci-ci-ci
- Generosa - Já sei. É sibalante que o senhor qué dizê. Se é isso é uma bobage o senhor dizê porque nós todos semos. Quem fala pronuncia as sibalas Todos nós falemos, todos semos sibalantes.
- Sidonio - (zangado) Puxa dona Generosa que a senhora hoje está dando todas fóra. É ci-ci-ciumenta que eu queria dizer.
- Generosa - Quem é que é ciumenta, eu?
- Sidonio - Não sou eu.
- Generosa - Ora, seu Si-si-sidoncio, tira o cavalo da chuva. Vá se dá o respeito. Era só o que fartava eu té ciume do Sidoca. Olhe bem pra essa cara de arango-tango constipado e veja se eu posso té ciume diase. Isso é uma coisa que nem requer o senhor dizê. (passos que se aproximam) Puxa, pensei que tu não ia voltá mais. Porque que tu não ficô lá dentro?
- Tudinha - Não fiquei porque não quiz, sabe? E não me anola muito que eu não tô dispois não, fica sabendo.
- Generosa - É eu que tu não teje disposta? Tu pensa que eu tenho medo de ti, por acauso?
- Tudinha - Graças a Deus que o pai chegou já me aliviou a carga mas mesmo assim desde manhã que ela tá com o santo virado pro seu lado. Vai baxá o teu santo pra lá.

- Generosa - Vô baxá é a tua grampa de me arrespondê desse jeito, é o que eu vô baxá. Quarqué dia... Bão! Eu tô avisando depois tu vai te quexá que te peguei de surpresa.
- Tudinha - (baixo) Tu qué é pasto mas eu não te dou.
- Generosa - É vê uma negra velha com esses risunço dela.
- Laura - E o Tonico seu Sidóca, como ficou?
- Sidóca - Fico: bea, felizmente, dona Laura. Mandou um abraço para todos os conhecidos.
- Pepa - El se va ^{quedar} quêar allá, finalmente?
- Sidóca - Ainda não se sabe. Está esperando o resultado de alguns exames. Depende disto.
- Laura - Ele já ficou na Escola de Aeronautica?
- Sidóca - Por ora ainda não. Ficou em casa de um compadre meu na Tijuca. Se passar em todos os exames vai para a Escola se não passar volta pra cá.
- Generosa - Ah, dona Laura, eu me alembrei agora duma coisa. Veio aqui uma moça por nome Maria - mora lá na Vila Dona Conceição - aleiás uma moça muito chics muito pueta, muito prendada moça, gostei muito dela, veio me pídi pra fazê uns crochêtes, uns gualdampo boldade, uns pilove, uns pegue no ar, quarqué coisa assia de trabalho que eu quizesse fazê que era pra uma festa que ela vai fazê lá no asilo dos cego. Diz que vai sê uma festa muito chics, que vai tê char, café, biscoito, hora de altis, uma purção de coisa. Pela indomentária que ela disse da festa vai tá muito patriota, muito ótima. E não se paga engrada.
- Laura - Ah eu sei é no Instituto Santa Luzia. Eu vou mandar um trabalhinho tambem.
- Generosa - Então a sinhora traiz pra cá, dona Laura que eu prometi pra ela que ia ajuntá trabalho de todos os meus cunhicido e os meus amigo e ia mandá pra ela. Olha e já peço pra todos que tão me ovindo. Amanhã vô mandá o negrinho lá no Juquinha pra pídi pra ele quarqué teteia. Ele trabalha tão bem, não é mesmo?
- Laura - Ésim, ele é muito geitoso. (passos)
- Tudinha - Pronto, chegou a cocada puxe.
- Juvenio - Cheguei sim, dona cocada branca. Tô atrapalhando a sinhora, t62
- Generosa - Tu feiz o que eu mandei tu fazê, negrinho?
- Juvenio - Tô fazendo. O fogo tá reinando que é uma coisa lastimaver! Agora parece que pegô mais ainda vai dimorá pra felvê a agua, garrei vim aqui iscutá as cunvelsa que é muito aburricido a gente ficá lá ovindo o baruido dos estralo deosa lenha verde que esses almazem vende pra gente. Óia, dona Ginirosa, nesse almazem daqui é que a sinhora divia fazê o que feiz com o otro lá da rua da marge quando se dimudô. Dexá ele esperando pulo dinheiro. Ele solve a gente tão mal!
- Generosa - E eu perciso que tu me dica as coisa pra eu fazê? Tu pensa que eu tô molta, é?
- Tudinha - Como é pessoal, hoje não tem cantoria?
- Laura - Ah, tem, sim, eu hoje faça questão de ouvir o seu Sidóca cantar que qualquer coisinha. Ha muito tempo que eu não ouvia estava louca de saudades.
- Pepa - A ver, don Sidóca, cante uma conga ou otra ^{luta} qualquera que usted la tenga aprendido en Rio.

- Generosa - Quem é que teve prendido no Rio? Tu Sidóca?
- Sidóca - Não, minha velha, a dona Pepa está pedindo pra eu cantar alguma coisa que tenha aprendido no Rio.
- Generosa - Ah! Até que dessa vez ela falou parecido, não é mesmo? É que a gente já tá tão imbituada com as coisa que ela diz que não que diê coisa nenhuma que quando ela fala alguma coisa direito a gente já nem bota sintido.
- Sidóca - Eu não aprendi nada no Rio, dona Pepa, não ia a parte nenhuma.
- Laura - No Rio ha muitos jornais, não é seu Sidóca?
- Generosa - Oi hay. É lá não é como aqui. Eles abre os jornal nas esquina e dipindura na parede. A gente não precisa comprá. Chega ali para e lê. Eu saia com o Sidóca era uma cunsumição. Era vê esses cachorrinho de franceza que vai parando em tudo quanto é esquina.
- Laura - A conversa já está se desviando e eu não quero que o seu Sidóca se escape. Vá cantar qualquer coisa antiga mesmo, seu Sidóca.
- Sidóca - Está bem, dona Laura, eu vou lhe fazer a vontade. Você me acompanha, minha velha?
- Generosa - O que é que tu vai cantá, Sidóca? Canta a maluca dá abano, Tão chi-
cs.
- Sidóca - Ora minha velha, a Doida de Albano é declamação.
- Generosa - Mais é mesao! Adonde é que eu tô com a minha cabeça. Tão bão, foi uma confrontação. Então canta o que tu quixé. Tu cunsega que eu vô a-
traiz. Tu sabe que as minhas mão no piano avúa.
- Sidóca - Eu vou cantar então... (diz o nome de qualquer musica antiga canta, sendo muito aplaudido por todos) (ANUNCIOS)
- Generosa - A dona Laura gosta tanto das coisa que o Sidóca canta, das que eu canto ela não gosta.
- Laura - Gosto sim, dona Generosa, quem foi que disse que eu não gosto?
- Generosa - A sinhora nunca me pede pra eu cantá, sempre pede pra ele.
- Laura - Cante então, dona Generosa.
- Porfirio - É inutil estarem discutindo comigo pra cantar porque eu já declarei que positivamente hoje não canto. Não canto e não canto está aí. Quem é que vai me obrigar? O senhor?
- Sidonio - O que é isso comigo, compadre? O sr. está se estranhando?
- Porfirio - É a senhora que vai me obrigar a cantar?
- Pepa - Por Diós, hombre, yo no le voy hacer cosa alguna.
- Porfirio - É você?
- Tudinha - Ué!... O que será que deu no seu Porfirio hoje?
- Porfirio - É a senhora?
- Generosa - Agora éumigo tu te acomodá. (forte como quem dá um empurrão) Te as-
centa aí e enla essa boca (trambolhão) que ninguem te pediu pra tu
cantá alejado. Isso esse infillizio senhô e agora vem tomá satisfa-
ção da gente. Mas cumigo não. Isso cara de otomóvi a exigencio. Tá
bão, dona Laura, pra satisfazê o seu pedido eu vô cantá aquela mo-
dinha a Erva. É tão chica a sinhora não cunhece?
- Laura - Não, não conheço.

- Tudinha - É a Eva, tu conheces sim. (Generosa canta sendo muito plaudida)
- Laura - Formidável, dona Generosa, formidável!
- Generosa - Muito obrigadinho, dona Laura, muito obrigadinho. Eu sempre fui muito gavadado por todos. Não posso me queixar. A senhora gostou dona Pepa?
- Pepa - Muchíssimo, senhora.
- Generosa - Viu? Coitada ela é diliriada assim mas ela apreçcia.
- Pepa - Aستا me parecia las sirenas de los diários quando llega un telegrama.
- Generosa - Depois, dona Pepa, lá na sua casa é melhor. Eu vô vê aquele café lá que não ele não sai hoje. Cuidado Tudinha, beta sintido na dona Pepa não dexa ela vim prá cá. (passos que se afastam)
- Tudinha - Mas negro o que é que tu tá fazendo aí nesse canto? A mãe foi lá prá dentro vê o café. Ela nem te viu aí nesse canto não ela tinha te mandado. Ela pensa que tu tá lá dentro.
- Juvencio - Eu já vô. Tombem eu faço café todas as veiz não é nada demais que um dia a dona Giniroza faça. Uma mão lava a otra e as duas junta lava o colpo todo.
- Bento - É fato.
- Juvencio - (baixo) Oia aqui, dona Laura, a dona Giniroza foi chamada na puliqua por causa de uma gata angorá que ela robô da vizinha depois mintiu que não tava aqui e a vizinha encontro a gata na lata de lixo três ou quatro dia depois quando a gata morreu.
- Laura - Mas então a gata morreu enjaguida?
- Juvencio - (baixo) Pois morreu., disse que a gata só tomava pirão de leite com miúdo de pão e a dona Giniroza dava resto de comida. Matô a vivente. Tombem leite aqui não tem nem pra peesoa, vai té pros gato
- Tudinha - O que é que voces estão aí esbichando?
- Laura - Nada, Tudinha é que o Juvencio estava me pidiendo para acompanhalo no piano que ele ia fazer uma surpresa pra voces.
- Pepa - Mui bien, Juvencio, mui bien. A ver, lo que vas a cantar?
- Juvencio - (baixo) Ih dona Laura que intalada que a senhora me arrumô. Agora eu tenho de cantá de quarquê gaitoi (alto) Tã não eu vô cantá prá dona Pepas que é castiana, um tango castiano. (canta um tango argentino sendo muito aplaudido)
- Generosa - Mas sim senhor, hein? O disaforo dele. Eu lá fazendo o café prá visita e ele aqui na sala cantando.
- Juvencio - Foi a dona Laura que pediu, dona Giniroza.
- Laura - Foi eu sim, dona Generosa, não se aborreça com ele.
- Juvencio - Fui tão gavadado, dona Giniroza a senhora viu?
- Generosa - Eu te dô gavadado.
- Tudinha - Mãe o que é que tu tea aí na boca uma coisa preta.
- Generosa - Adonde?
- Tudinha - Não é no labio, mãe, é preso no dente.

- Juvencio - Xavê, dona Cinirosa. (pausa) Ah é uma casca de feijão. A senhora se esqueceu-se de lavá a chapa. Pidiu que era pra eu trazê agua num copo e a escovinha eu trouxe ficô lá em riba da mesa adonde eu butei.
- Generosa - (chupa os dentes duas ou tres vezes) Tã bõ, dexa os meus dente e vai buscá o café que já fico até selvido nas chiera. (passos)
- Sidôca - O que é que tu tens, minha velha, estás sentindo alguma coisa?
- Generosa - Essa dor nas cadera eu já sinto ha tanto tempo mas o que é que eu vô fazê? Fui otro dia no mercado percurá erva centavo pra faêê um chá não achei.
- Laura - Erva centavo? Não conheço.
- Fepa - Ni yo tampoco.
- Sidonio - Eu tambem não conheço.
- Tudinha - Mãe, não será inovação tua? Essa erva centavo que tu fala não é erva tostão?
- Generosa - Que novidade! Que grande disubrida que ela feiz. Pois si não igista mais tostão agora é centavo tu quiria que eu fosse percurá erva tostão!
- Tudinha - Por isso que ela não achou. (passos se aproximam)
- Juvencio - Oia o café, mucacada. Hoje eu não tenho nada que vê se ele não tivé bõ. Não fui que perparei nem que prové ele. Da otra vez vocêis fixero uma lambança de tamanho dum bonde porque eu tinha provado o café. Hoje foi a dona Cinirosa que provô: Chiera por chiera. Se não tivé bõ a culpa é dela. Póde se selvi, dona Laura.
- Laura - Nho, Juvencio, muito obrigadinha. Eu não estou muito boa do meu estomago nao convem tomar café.
- Juvencio - Tá dona Pépe. Póde se selvi.
- Fepa - No lo quiero no, muchas gracias, muchas gracias.
- Sidonio - Eu tambem não quero.
- Generosa - Ah é assim? Vocês agora dero pra isso é? Pois tá munto bem das otra vez que vocês vié aqui vocês póde piá, póde implorá que eu não dô café nenhum pra vocês.

(CARACTERÍSTICA FORTE PARA O FINAL DO PROGRAMA)

(Campainha do telefone)

Juvencio - Aloni! Aloni! Que é que tá falando aí? (pausa) Quem é? (pausa) Que nome é que a senhora disse? (pausa) Não cumpridi. O que é que a senhora tá dizendo? (pausa) O que? Óia, burro não que eu não sô seu irmão, tá vindo? (pausa) Pois dicelto que não posso cumprê a senhora não fala direito. Fala direito que eu compreendo. A senhora ingole og monasibalo, as palavra fica sem complemento como é que a senhora que que eu vá intendi? Num posso. A senhora pensa que eu sô adivinha? (pausa) Como é que a senhora tá dizendo? (pausa) Que é que é cachorro? Ah! Também não posso sê, não sô fio da sua mãe. Se a senhora pensa que eu levo disaforo pra casa a senhora tá muito enganada. Óia: e fique sabendo de uma coisa si a senhora ligar o telefonis pra dizê disaforo pra mim eu não tenho tempo pra tá expelidando com a senhora, tá vindo? (pausa) Rôde se quezá prá quem a senhora quizê que eu não tenho medo. Eu não bebo agua nos uvido do seu Sidôca. Rôde contá. Eu nem se avexo. (pausa) Atrivido? Tô atrivido, graças a Deus. Foi a nerancia que a falecida minha mãe me dexô. Se a senhora falasse direito comigo a gente havia de se entendê. A senhora vem xingando e dispois não qué que eu arrequite as suas palavras? Uma óva. Pelo cause de eu sô nego a senhora não é milô de que eu. É tão bôo como tão bôo. (pausa) O seu Sidôca não tá. (pausa) Se eu tô dizendo que ele não tá é porque ele não tá, orizeza. (pausa) O que? (pausa) Ah não sei. Se veiz ele dinora e outras veiz não dinora. Isso tem os seus confolço. É milô a senhora telefoná aqui um mucado mais que pôde sê que ele já tenha pegado e já teje. (pausa) Credo! que muitê mais bruta largô o telefonis sea dá nem um gudibi pra gente. Essa é de sê daquelas que pensa que nego não é gente.

Sidôca - O que é Juvencio que tu estás aí resmungando com o telefone na mão?

Juvencio - Tô indaguinado com essa cuja que tava falando comigo. Não cumprimentô a gente nem nada. Falô só pra xingá, só pra dizê disaforo.

Sidôca - Quem éra?

Juvencio - Se lá, quiriá falá com o sinhô.

Sidôca - Comigo?

Juvencio - Não mano era pelo sinhô que ela tava perguntando e procurando. Sidôca quem é, não é o sinhô? Pois ela tava procurando um nome com paciencias dessa.

Sidôca - Tu diceste que eu não estava, negriancô?

Juvencio - Dicelto, pois o sinhô tua tava o que é que eu la dizê? Disse que daqui um mucado mais que ela telefonasse que pudia sê que o sinhô tivesse chegado.

Sidôca - Fizeste muito mal, não devias ter feito isso. Tu sabes que a Generosa não se deixa falar no telefone não devias dizer a essa pessoa que voltasse a telefonar. Devias dizer que eu não estava e que não vinha tão cedo pra casa. (campainha do telefone).

Juvencio - Óia, deve de sê ela otra veiz.

Sidôca - Bonito! Está aí o que tu se arranjata! (campainha) Agora eu vou atender a Generosa vem aí, vê que eu estou falando e vai dar um bairinho dos diabos! (campainha)

Juvencio - Atende duas veiz, atêção, aqui um mucado a dona Generosa lecluta



- Sidóca tu - Lá da sala e é muito mais pió. (campanha)
- Juvêncio - Atende tu, diz que eu ainda não cheguei.
- Sidóca - Ah eu não. (campanha) Ela vai me dizê uma pulção de introspeção que eu sei e eu hoje não tô muito disposto vô butá a boa nela, vô dizê todas as coisas feia que eu sei, (campanha) depois o sidóca vai acará ruia.
- Sidóca - Isto é o diabo! a gente se mata em cada complicação! (atendendo) Alô! quem fala? (pausa) quem? Ah é você meu bem? (pausa) pois eu cheguei neste momento. (pausa) Maltratará você? Não pôde ser. (pausa) falando tudo errado? Ah então foi o sapregado.
- Juvêncio - Falando errado eu? Essa xuja não se encolpa? Tumara ela. Óia aqui, patrão diz pra ela que eu sei falá até frazeiz.
- Sidóca - Você desculpa, meu bem, eu vou repreende-lo. (pausa) Como é que você está dizendo? (pausa) hoje não posso, beasinho. Você não imagina com que pesar eu recuso o seu convite mas é impossível. (pausa) e-lha aqui espera um momentinho, si? (outro tom) Juvêncio, fica ali na porta do corredor se a Generosa vier por aí você me dá o sinal.
- Juvêncio - pois é eu que não tenho culpa da senvelgonha dele tanto que ficou feito ordenança istaquido ali pelo da porta. Tá bem eu fico mas não demora muito não que eu peço lá dentro. (passos que se afastam) Deis das seis hora que eu tô pra fazê uma coisa e não posso fazê. Um manda, otro manda é um infelaz essa casa.
- Sidóca - Alô! Você perdoa a interrupção, Margarida. Eu estava dando umas ordens aqui fui obrigado a interromper a nossa palestra.
- Juvêncio - (cantando de uma certa distancia) Margarida vai a fonte, Margarida vai a fonte vai inchê a catarina.
- Sidóca - O que é, negrinho, ela vem aí?
- Juvêncio - Vem nada seu sidóca, tô cantando. Será que nem de cantá a gente tem direito?
- Sidóca - Luxa, que tanto você se deu. (falando) Pronto, beasinho, desculpa sim? (pausa) pois é, não posso. Olha aqui meu amor, amanhã eu dou um gatinho de passar o serão com você. (pausa) Desconfiada do que? (pausa) Casado eu? Ora que ideia a sua. Nada disto. Quantas vezes eu já disse a você que sou solteiro?
- Juvêncio - Mais intê senvelgonha ele tá ficando!!
- Sidóca - Pois fica combinado então: amanhã de noite irei passar o serão com você. Está bem assim?
- Juvêncio - (cantando) Lá vem ela, decendo o morro ela vem sambando....
- Sidóca - Escute aqui, Margarida. (passos que se aproximam) Margarida! Margarida!
- Generosa - Quem é?
- Sidóca - Margarida, orão, rosas, jasmim do cabo. Esfin todas as flores bonitas que o senhor puder arrégalar. Quero fazer um jardim bem bonito. Mas olhe aqui, o senhor não dign nada para a Generosa que é uma surpresa que eu quero fazer a ela no dia do seu aniversário. A manhã de noite eu vou na sua casa e o senhor então me mostra o desenho dos canteiros. Perfeitamente. Matamos combinados, então. Boa noite, seu Epifanio, muito obrigado. (desliga) Ué! Tu estavas aqui? Cuviste o que eu estava desejando?
- Generosa - (disfarçando) Não vi nada. Bomem cheguei nesse repente. Quem era?
- Sidóca - Era....era... um era mesmo Juvêncio?

- Juvencio - Pois não era o seu Bifancho? Não foi isso que o sinhó disse agora-nha memo?
- Sidóca - Ah é. Era, sim. É um colega meu.
- Generosa - Com certeza quiria sabê como é que tu chegô não foi?
- Sidóca - Foi isto mesmo. Ele é muito meu amigo,, o Spifanio. Muito meu amigo.
- Generosa - Afinal ele é teu amigo ou é teu colega?
- Sidóca - As duas coisas. Amigo e colega. A todas estas eu fiquei com o meu chapéu na mão em vez de pendurar no cabide. Deixa ir ali bota-lo. (passos que se afastam)
- Generosa - Cala a boca, tu não diz pra ele que eu uvi. O coitado qué fazê uma surpresa pra gente no dia dos ano da gente, a gente não tem o direito de estragá ela.
- Juvencio - Pois é, e a sinhora vai tê memo uma surpresa o dia que vê a Malgarida na sua casa.
- Generosa - Agora eu já sei, não vô tê surpresa nenhuma. Vô tê uma surpresa fingitiva que é pra ele não ficá desapontado.
- Juvencio - Não, ^{com} mais essa Malgarida a sinhora vai se surpreendê.
- Generosa - Porque? que bobage pois si eu já sei.
- Juvencio - (pausa) disse que ela ^é de muito boa qualidade, que é muito bonita. que se aproximam)
- Generosa - Cala a boca que ele vem aí, dizuda o assunto. Tu não vai lá pra sala, Sidóca? As visita tão tudo aí.
- Sidóca - Já vou, sim. Via tomar um pouco d'agua que estou com muito calor.
- Generosa - Mais é mesmo, ele chega a tá suando. Não tá tanto calor assim. Tu tá quente, Sidóca.
- Sidóca - Não, é que eu via muito depressa pra não demorar fiquei transpirando do.
- Generosa - Pois é, pois intão sai do vento insuado aí dessa janela. Quando a gente transpira não deve se propô nas correntes de ar. Póde te dá um pouco e tu depois vai vê só.
- Juvencio - Póde intê ficá duro pro resto da vida.
- Generosa - Ah, isso não acontece. É bobage. (campainha do telefone) Dêxa, Sidóca, dêxa que eu atende.
- Sidóca - Mas é que póde ser pra mim, minha velha.
- Generosa - Si fô pra ti (campainha) eu pergunto quem é e te chamo. (atende) Pronto. Alô! Pronto, já disse. (pausa) quem é que tá falando aí? (pausa) Quem fala aqui é a Generosa. (pausa) Mãe do quem? Mãe do Sidóca? Ou mãe do Sidóca? Ora não seja boba! Olha bem pra minha cara e veja se eu tenho parencias de sô mãe dela! A sinhora tá é re-fazendo de boba.
- Sidóca - Desliga, Generosa, isso é trote.
- Generosa - O que? (pausa) Como é? (pausa) O que é que a sinhora tá dizendo? (pausa) O que é que eu sô do Sidóca?
- Sidóca - Desliga, minha velha, eu estou dizendo a você que isso é um trote.
- Generosa - (fretada) Cala essa boca, Sidóca, não se atrapalha. O que é que

- eu só do -idóca que a sinhora priguntô? O que é que a sinhora tem que vê com isso. O que é que a sinhora tem que cabê que eu xeje isso ou que xeje aquilo? (pausa) Empregada? Quem é que é empregada? Olhe fique sabendo que quem tá falando aqui é a dona da casa, tá ouvindo? É a Madama Generosa Ferrera das Neves, tá sabendo? (pausa) O que?
- Sidóca - Filhinha, não dá conversa pra essa gente, Desliga logo.
- Generosa - Eu só sevelgonha? O Sidóca? (pausa) Ele e eu? Olhe aqui cara de tataruga de intestino caído, tu quando falá no meu nome tu dobra a língua, tá ouvindo, disabridada. Tu não sabe quem eu só. Tu não me conhece pra me chamá de samvelgonha. Tu telefonava mais pra cá pra dá essas trote besta que tu vai vê como eu vô da palte de ti lá na pulicoin. Tu fica sabendo que eu tenho muitos cunhido lá, hein? (pausa) Vai tu marcriada. Come com boas elvas. (desliga o telefone com raiva) O disaforo dela só.
- Sidóca - Quem era, Generosa?
- Generosa - Sei lá. Uma marcriada aí qualquer que ligô o telefones pra casa da gente só pra dizê disaforo. Priguntá se eu era tua mãe. *(Sidóca respira)*
- idóca - Que trote mais sem graça! que bobagem sem pé sem cabeça. (passos que se aproximam)
- Tudinha - Mãe, tu vai me dexá o resto da vida lá na sala sóciaha, aguentando aqueles alajado, é? Dá um geito, dá um geito na vida porque eu não tenho nada que ve com as tuas visita não.
- Generosa - Já vem tu, já? A outra ligô o telefonis pra dá as rebocada dela agora vem essa lá de dentro rebocando também. Será que voceis tiraro o dia prá me fazê de parede é? Olha que eu hoje não tô muito boa não, eu tô avisando.
- Tudinha - É eu que tu não teje vou? Tu pensa que eu me assusto de cara feia? Já tô acostumada com essa fachada indecente que tu usa desde que eu nasci.
- Generosa - Que bobagem de fachada é essa? O que é que tu qué dizê com isso?
- Tudinha - Não /é fehada, é fachada. Fachada. Essa cara de pimentão amadu-ecido fóra do pé que tu tem.
- Generosa - Tu tá vendo o disaforo dela só, Sidóca? Tu tá vendo? Depois a gente dá um tapa bem dado nos beiço dum estupor dessas é porque a gente é mãe desnaturalizada. Caminha vai timbora lá pra sala em vez de tá fazendo marcriação. Arrttinida!
- Tudinha - Eu vô si eu quizé. Tu não pensa que eu me assusto dos teus grito, não.
- Generosa - Caminha timbora lá pra sala tô te mandando.
- Tudinha - Eu já disse que vou si eu quizer.
- idóca - Minha filha, quando é que você vai se resolver a ter modos de gente?
- Tudinha - A mãe pensa que a gente é alguma negra nuocana pra tá gritando desse geito. Eu não me assusto de grito, já disse.
- Sidóca - Aqui não é questão de assustar-se ou não assustar-se. É fazer o quê a sua mãe lhe mandou fazer em vez de ficar aí a dizer maledicções e inconveniências. Você precisa ver que além de ser mais velha que você ela é sua mãe e por consequente você deve obedecê-la. Eu nunca vi/ninguê filha nenhuma tratar a sua mãe de senhora que você trata a Generosa.
- Tudinha - Eu também nunca vi uma mãe tratar os filhos de senhora que ela trate.

- Generosa - Tu tá vando só?
- Sidóca - Você não diga uma coisa destas porque eu não consinto. Sua mãe é a-tá muito boa pra você. Você é que é é uma altaneira de marca maior. Não pôde ouvir recriminação nenhuma calada. Pra tudo tem uma resposta na ponta da lingua e sempre uma resposta malcriada. Afinal voce está na casa dela, é ela quem lhe dá de comer, quem lhe veste e tudo o mais, portanto você tem a obrigação de acatar o que ela lhe diz e não discutir. É muito menos dizer as malcriações que você diz. Isto precisa acabar de uma vez por todas aqui em casa. E vai acabar de qualquer jeito porque eu estou dizendo. Eu custei muito a tomar uma atitude mas quando tomá vão saindo da minha frente porque sou pior que furacão. Vou derrubando tudo que encontro. Não é direito, eu já disse, estou cansado de repetir e o que não pôde ser de maneira nenhuma é que eu esteja pregando num deserto. De agora em diante quem vai tomar conta.....
- Generosa - Tá bom, Sidóca chega. (Frenética falando alto) Agora porque a tua filha me deu uma resposta meia atravessada tu não vai querê matá ela. Também o cause não é prá isso. Só o que farta é tu dá na cara dela agora. Dá. É só o que farta. Tu também é cito ou outolze. Não sabe fazê uma coisa direita, sem apunhação. Tu é assim na ponta da lingua, tudo por troncos ea barrancos. Credo! Cruz! Nunca vi um nome mais orastemio e mais fernetico do que tu. Por uma coincinça desse tamanho faiz um lapalhafati, uma depradação que parece que o mundo vai vir abaixo. Te acomoda, nome. Toma jeito. Fata que se tu tivesse te casado com uma mulhé de genho igual o teu eu nem sei o que era capaz de acuntecê.
- Tudina - Tá bom, pai tu fica aguentando aí porque entre esse bate boca de mãe e o léro léro daqueles alejados paulificantes parece que é sempre melhor lá do que aqui. Tehau. (passos)
- Generosa - Tamanko nome velho nao sabe indueá os filho dele. Si eu deixasse ele era até capaz de matá os pobre dos vitimo. Tu precisa quebrá esse genho, nome. Desse jeito tu vai mal. Daqui uns diate matas aí na rua tu depois vai dizê que não sabe porque é.
- Juvencio - Papagaio! A coisa hoje tá feia pro lado do patrão. Tombem ele já sabe o altigo dele e vai pelcurá saloa pra si coçá, bem feito.
- Generosa - Caminha, vamo simhora lá prá sala dum vez, anda.
- Sidóca - Vá você que eu vou depois.
- Generosa - Não tem nada de via depois. Tem que vir comigo.
- Sidóca - Está bom, eu vou. (passos que se afastam)
- SPEAKER : - Enquanto dona Generosa Pereira das Neves arrasta o seu Sidóca até a sala de visitas vou dizer aos ouvintes algumas palavras sobre os patrocinadores deste programa. (FAZ OS ANUNCIOS) E agora vamos também nós á sala de visitas de dona Generosa Pereira das Neves.
-
- Laura - Estou aflita para ouvir o meu gramofone, dona Generosa.
- Generosa - Não é gramofone, donakaura, é vitróla.
- Papa - Niro que cosa rara! Ni me havia dado cuenta que tinham até un fonó-grafés!
- Generosa - Quee fonófo bobo é esse? A otra chama de gramofone essa chama de fonófo. Vitrióla elas não diz. Cismô não diz, é bobage. Agora é gramofone e fonófo até o fim.
- Laura - Mas dona Generosa, a vitrola é diferente. Este é o legítimo gramofone.

- Generosa - Tá aí, o que é que tu qué agora? Ela qué que seje gramofonia quem é que vai tirá da cabeça dela? É dona Laura é gramofonia. Eu não tu disposta a tá discutindo.
- Sidóca - Mas Generosa, a dona Laura tem razão.
- Generosa - Tem razão coisa nenhuma. Gramofonia era no tempo de antigamente que a gente dizia. Hoje ninguém diz mais. É vitrióla.
- Pepa - Le han regalado, señora?
- Generosa - Arrigalada é a sinhora. O disaforo dela. Pra isso ela não é loca pra dizê os disaforo dela.
- Pepa - Señora: que le he dicho yo demás? Usted cambia las cosas que culpe la tengo yo? Le estoy haciendo una pregunta y usted me contesta con una cantidad de tonterias. Y loca nó, ha entendido? Loca es Usted. Mas ciesta do que lo soy es imposible.
- Generosa - Engraçado, ela diz os disaforo dela pra gente e depois não qué que a gente arregeite eles. Oia, dona Pepa eu nunca levei disaforo prá casa, tá uvindo?
- Pepa - Ni yo tampoco. Josefa Margarita Alcaparra Gutierrez y Hernandez ha aprendido en su niñez que los desaforos se los contestan todos.
- Sidonio - Ca-ca-cala a boça, Pepinha.
- Pepa - No me callo.
- Sidonio - A dona Generosa não entendeu o que tu disseste.
- Bento - É fato.
- Pepa - No ha entendido porque va bronca.
- Bento - É exato.
- Generosa - Tá bñõ, seu Bento, a convelsa não chegô na cozinha. O senhor nem tá intendendo nada que ela tá falando o que é que tem que se metê.
- Pepa - Como sabe usted que si no se ha entendido?
- Generosa - O que é que ela disse?
- Tudinha - Mãe, ela tá dizendo como é que tu sabe que o seu Bento não entendeu o que ela disse?
- Generosa - Ora como é que eu sei! Porque ninguém intende. Porque não ingiate o que ela diz.
- Pepa - Mire que cosa fantastica! Que cosa fenomenal. Anda siento ganas de reir. (começa a dar muitas gargalhadas)
- Generosa - Credo! Essa mulhé tá cada vez mais loca! Isso até é um pirigo vi na casa da gente! Olha seu Si-si-Sidonio, eu vô lhe dá de conselho, o senhor leve ela amanhã num doctor que ela tá muito pior. Vocês vão deixando, vão deixando, tá bom. Um dia ela quebra as coisas toda da gente.
- Sidonio - "ona Generosa, a senhora está enganada.
- Pepa - Calla-te la boca amorcito. Vas hablar a una pared.
- Bento - É fato.
- Pepa - Y usted tambien calle-se la boca pra que ella no le diga una cantidad de desaforos.

- Laura - Dona Generosa, ante foi que a senhora comprou o seu... a sua "vitrola"?
- Generosa - Não compremo, dona Laura. Tiremo numa Fifa. Custô deiz tostão. Barato a senhora não acha?
- Laura - É, realmente.
- Sidonio - Pois eu não souho. Pelo aspecto que ele tem até de graça ele é caro.
- Tudinha - Foi isso mesmo que eu disse.
- Generosa - Tu disse porque tu é uma burra igual a ele.
- Pepa - A ver, señoira! A ver como habla! Mire que mi novio no es hijo de su madre.
- Generosa - Pois é, dona Pepa, é isso mesmo. (baixo) A gente não contrareia porque ela hoje tá muito atacada. Sempre com a mania das madre!
- Laura - Quantas chapas a senhora tem dona Generosa?
- Generosa - Uma só, dona Laura. Custô trezentos mil reis, mais tem dois dente de oro.
- Laura - Não, não é isto. A senhora não me compreenheu. Eu estou perguntando quantas chapas de vitrola a senhora tem.
- Generosa - Ah tenho develasas. Nós tiremo a vitrióla eu fui no briques e comprei uma purção de chapas. Tã umas muito chiques.
- Laura - Toque alguma então para nós ouvirmos.
- Generosa - Vê tocá. Dá colda nela aí, Sidóca. (Ruído de corda) Vê escolhé uma chapa bem pueta que é pra senhora vê que chics fica. Tãra aí, Sidóca, pra que que tu vai baxá aí se eu ainda não butei a chapa no lugar. Tu é um imbecível mesmo!
- Sidonio - Essa chapas devea ser anti-diluvianas.
- Generosa - Não, seu Si-si-donio, são chapa de vitriola. Agora o sinhor vai ouvi vai se cúnvençê. Vê tocá essa aqui que eu acho muito chics.
- Laura - Como é o nome, dona Generosa?
- Generosa - Nem sei, dona Laura, não li. (ouve-se uma chapa antiga em vitrola)
- Laura - Foraidavel!
- Porfirio - Quem foi que cantou?
- Tudinha - Ninguém.
- Porfirio - Como disse?
- Tudinha - (gritando muito) Ninguém, ninguém cantou.
- Porfirio - Pois eu sei que cantou. Estou perguntando quem foi.
- Generosa - A vitrióla.
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) A Vitrióla.
- Porfirio - Não conheço.
- Generosa - Pois então vá pro diabo que carregue! Parece mentira, não é dona Laura? Que uma coisa assim possa falá que chics a tã parencia de gente.
- Laura - É verdade!

- Generosa - O que é a natureza!
- Sidonio - Que bo-bo-bo...
- Generosa - Que bonito, não é seu Si-si-sidoncio?
- Sidonio - Não senhora. Que bo-bo-bo....
- Generosa - Bonitante?
- Sidonio - Não senhora. Que bobagem.
- Generosa - É? O senhor acha? Pois olha eu acho que bobagem é a gente dá ouvido as coisas que o senhor diz. Isso é que é bobagem.
- Pepa - Bueno, bueno, señora. Vea como habla. Yo le estoy avisando, y quien avisa amigo es. Bueno...Es mejor que te calles la boca. No hables, no le contestes nada. Yo estoy nerviosa e es mejor que no me molesten.
- Generosa - Oxa dona Pepa não faça causo. A gente já sabe que ele é assim não dá i poltancia. Não é por cabeça dura não é por nada. Já pur molestia como a senhora mesmo tá dizendo o que é que a gente vai fazer não é mesmo? Tem que suportá. O que é que tu tá mexendo aí, Sidóca? O que é que tu vai fazer?
- Sidóca - Não vou fazer nada, Generosa, estava olhando os nomes dos discos que você comprou.
- Generosa - Todos tem o mesmo nome "Casa Edison" mas toca diferente.
- Sidóca - Não minha velha, isto não é o nome di disco. Casa Edison é o nome da casa que gravou o disco.
- Generosa - Pois então? E não vem a dá no mesmo consiguiente? Tu é un imbecível mesmo, Sidóca.
- Pepa - Miren como trata el pobre hombre. Un hombre así es un desgraciado.
- Generosa - Quem é que é desgraciado, dona Pepa?
- Pepa - Su marido, señora.
- Generosa - ~~quepntridade!~~ Ela diz assim como se descobrisse uma coisa muito palvorosa. Quem é que não sabe disso? Até os cachorro da vizinhança sabe. Até os cachorro da vizinhança, olha: não atrupela nós e atrupela ele. É porque eles já sabe com quem se mete.
- Laura - Seu Sidóca, por lhe ver agora com os discos na mão me lembrei de uma que estive ouvindo outro dia. O sr. não faz ideia que maravilhosa!
- Sidóca - Eu também no Rio estive em casa de um compadre seu e assisti partes da Ida, da Norma, da Gioconda...A Celeste Aida que coisa linda!
- Generosa - E tu tem o displanto de vi contá na casa de tua mulhé e dos teus filho? Adonde é que tu viu essas mulhé, discarado?
- Sidóca - Que mulheres, Generosa?
- Generosa - Essas que tu falou aí, que tu tava dizendo pra dona Laura que tu vi A Celeste e não sei quem mais.
- Sidóca - São trechos de ópera, Generosa, você está fazendo confusão. A ópera Ida, a ópera Gioconda, a ópera Norma....
- Generosa - Ah também tu não explica as coisa direito. Diz que viu as parte

- Sidóca - Havia uma seleção do palhaço que coisa estupenda!
- Laura - O ride Palhiati é uma maravilha não é mesmo?
- Generosa - Eu cunheço.
- Tudinha - O Ride Palhiati, mãe, tu conhece? Ou a seleção que o pai falou?
- Generosa - Não, eu tô fazendo confrontação. Eu não cunheço a seleção do Rindo palhaço. Eu cunheço é a seleção do Rindo indigesto. Aqueles livrinho piquinininho assim que vem cada um com capa duma cor diferente.
- Tudinha - Agora mesmo é que tu fez a confrontação, como tu diz.
- Sidóca - Deixa, minha filha, deixa.
- Generosa - Psiu! Aonde é que o senhor vai?
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) Aonde é que o senhor vai?
- Porfirio - Ah vou, sim senhora.
- Generosa - Mas vai adonde, istopor?
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - Aonde é que o sr. vai? (gritando) Aonde é que o senhor vai?
- Porfirio - Vou cantar.
- Generosa - Quem foi que pediu pro senhor cantá, ninguém pediu. Dize de se inibi-
do. Ninguém pede pra ele cantá e ele se apresenta. *Não canta porque eu não deixo cantá.*
- Bento - É fato.
- Generosa - O sinhô acha, é?
- Bento - É exato.
- Generosa - Pois intão metta a sua viola no sacco que ninguém lhe priguntô coisa nenhuma. (~~... e a qualquer coisa antiga ainda muito aplau-
diu por todos os cantos.~~)
- Laura - *Que pena o senhor não ter cantado, eu gosto tanto de lhe ouvir.*
- Generosa - Não adianta, dona Laura a senhora falá porque é inúter. Ele nem tá ouvindo o que a senhora diz. Aleais os suldo são assia mesmo. Eles não ova.
- Bento - É fato.
- Generosa - Cala essa boca, home intepático. Em tudo ele tem que se metô. (fazendo do espalhafato horroroso) Ai seu gago os meus pé! Que diabo também o senhor não enxelga? Que coisa! Vai caminhando sem botá sintido vai pisando em tudo.
- Sidonio - Desculpe dona Generosa eu não vi. Machuquei muito o seu pé?
- Generosa - O pé não tinha importância que machucasse. O sapato é que é. Arranhô eles tudo. Óia aqui só.
- Tudinha - Não passa cuspe, mãe, não adianta. Tu pensa que o arranhão vai sai com cuspe?
- Generosa - Os meus rico sapatinhos que eu comprei no Riode Janeiro! Esses sapato são os meus arriliqui.

- Sidonio - A senhora passa uma po-po-pomadinha que o arranhão desaparece.
- Pepa - Porque saliste de acá? Porque no te quedaste quieto adonde estavus?
- Sidonio - Porque a cadeira estava doendo de eu estar muito tempo sentado nela. Essa cadeira é muito dura.
- Generosa - Eu vô botá uma arnofada prao senhor sentá em cima, da otra veiz. Dona Laura, a senhora me discorde, inda que mal prigunte. Que pacote é esse que a senhora tem na mão deis que chegô?
- Laura - Eu nem sei, dona Generosa. Foi um presente que eu recebi no caminho ainda nem vi o que é.
- Generosa - O que será?
- Laura - Posso desembulhar para ver.
- Generosa - Uxa se fôsse eu si eu já não tinha desembulhado pra vê o que era. (ruído de desembulhar pacote).
- Laura - Olhe são uns biscoitinhos. Bonitos que estão. Devem ser de polvilho ou de araruta. Quer provar um?
- Generosa - Vô aceitá, dona Laura. Eu gosto muito dessas coisa. Eu só muito gostosa.
- Tudinha - Cuidado mãe, isso salta da boca que é uma beleza.
- Generosa - Ora Tudinha, não amola. Por acaso eu pensa que eu não sei conduzi a minha boca? Val te dá o respeito. Muito agradecido, dona Laura.
- Laura - Se mais alguém quiser pôde servir-se. Sirva-se dona Pepa.
- Pepa - Gracias señora, muchas gracias. A mi no me gustan essas cosas.
- Laura - Tira, Tudinha. (pausa) Seu Sidôca. (ele agradece) Seu Bento. (pausa) Tire o senhor seu Sidonio.
- Pepa - Mi novio tambien no los quiere, señora.
- Laura - Olhem, o pacote vai ficar aqui. Se alguém mais quiser pôde servir-se.
- Generosa - Onde é que a senhora vai, dona Pepa?
- Pepa - Voy a cantar, señora. Veni, Tudinha, he prometido a mi novio que cantaria y tu me lo vas acompañar.
- Tudinha - (baixo) Deus me dê paciência. (alto) O que é que a senhora quer cantar?
- Pepa - Acá tens la musica, la he traído de casa.
- Tudinha - De nunca toquei isso, si eu errar paciência.
- Pepa - Yo sigo adelante ya usted tambien puede hacer lo mismo. (Pepa canta uma canção ou um tango sendo muito aplaudida por todos)
- Juvenio - Iacôta aqui, dona Generosa, eu quero sabê si é pra fazê café pra essa gente ou não é. Si é a senhora diga logo que eu ainda tenho que i acendê o fogo. Eu acendo e a senhora vai fazê o café porque eles não gosta de tomá café fazido por mim.
- Generosa - Quer é que vai fazê, eu? Tu não te enxeiga laoraloy? Te priguntá se eu só tua capenga pra tu me mandá? fazê as coisa que tu tem que fazê.
- Juvenio - Já bô, eu não tenho nada com isso. Eu posso fazê mas eu sei que eles não toma café fazido por mim. Dixa tudo nas chieras.

- Generosa - É nea por mim tão pouco. Da otra veiz tu viu que eu fui fazê e eles dexô igual. Pra gente tá gastando café e assuori e lenha pra fazê e fôgo e dispois ele não tomá é melhor não fazê café nenhum que as coisa não tá prá isso. Pra se gastá e se butá fóra. Não faiz café nenhum. Eles se quizé que vão tomá no café.
- "Idonio - Então não temos café hoje, dona Generosa?
- Generosa - Não seu gago e a curpa é de vocês mesmo. Quem samela tempestade nasce truvuada. Não dô café pra ninguém! Pronto.

(Característica forte para o fim do programa)

Fin.

- Generosa - Ladrão! Socorro! Socorro! Acudam ladrão, socorro! Minha Nossa Senhora, quanta coisa se rocaro! Socorro! Socorro! Sidóca, depressa! Tudinha, socorro, meu Deus! Me acudam, me acudam! Me acudam depressa que eu vô ganhá um ataque! Ai! ai! ai! (fica dizendo ais até que correm todos alarmados, fazendo grande alarido, perguntando o que aconteceu, o que foi, etc.) Ladrão, ai! Ladrão, ai! Ladrão, ai! Eu vô té uma coisa! Eu vô té uma coisa!
- Sidóca - Mas ladrão aonde, minha velha, fala explicou direitinho!
- Generosa - Ai, ai, ai, ai! (xangada) Me agarra, Sidóca, tu não tá vendo que eu vô té / a coisa.
- Sidóca - Mas minha velha, não fica assim. Procura ter calma, explica direitinho o que se passou.
- Tudinha - Fala, mãe, tu fica aí gemendo, gemendo. Tu não adianta nada com os teus gmiado. Diz logo o que foi que aconteceu.
- Generosa - (furiosa) Pois eu não tô dizendo ha mais de uma hora que é um ladrão? Gente mais incompreensível. Um ladrão. Vocês são tão ingui-
prante que não sabe o que é um ladrão? Ladrão que róba as coisas da gente. Um vingarista, um inimigo do alheio, sabe agora? Ai! Ai! Eu acho que eu vô ganhá um ataques. Eu não posso mais. Ai! Meu Deus! Ai!
- Sidóca - Espera aís minha velha. Senta aqui. Tem calma.
- Laura - É melhor deita-la um pouco aqui na cama. (passa) Assim. (Ela geme de vez enquanto)
- Pepa - Siy si, es mejor, ya lo creo.
- Sidonio - A-a-agua! A-a-agua!
- Tudinha - será que o seu Sidonio taabem vai ganhar ataques?
- Pepa - Tenés algo, queridito? Que te passa?
- Sidonio - Nada, Pepinha, nada.
- Pepa - Para que queres agua, entences?
- Sidonio - Para dar pra dona Generosa tomar.
- Sidóca - É bom, sim. Foi muito boa ideia. Tudinha, minha filha, vai buscar meio copo de agua pra tua mãe e bota umas gotinhas de agua de melissa. (passos que se afastam)
- Generosa - Dexe de se plasta sói, Sidóca. O tempo que tu tá aqui tu devia era de ipecurá o ladrão que deve de tá aí escondido pela casa.
- Sidóca - Está bem, minha velha, eu vou.
- Generosa - Não vai sózinho, não. Fêde o seu Si-si-Sidonio pra i contigo.
- Sidonio - Si-Sidonio, seu Si-si-Sidóca. (passos que se afastam)
- Laura - Quer levantar um pouco mais a sua cabeça, dona Generosa? (ela geme) Eu acho que ela está com a cabeça muito baixa.
- Bento - É fato.
- Generosa - Cala essa boca, seu Bento. dexe de se injunado. O sr. não intende

Handwritten signature and a circular stamp with the text "Biblioteca Especial" and "1921".

- disse. Ai! Ai! Ah! Meu Deus! Ai! (passos que se aproximam)
- Tudinha - Olha a agua, mãe. Levanta um pouco a cabeça prá tomá.
- Generosa - Ai não posso mais.
- Laura - Tome a agua que a senhora se acalma.
- Generosa - Me dóe todo o golpe. Até as gingibas.
- Laura - É do choque nervoso. A senhora bebendo isto se acalma a dor desaparece.
- Bento - É fato.
- Generosa - É fato porque não é no senhor. Si fosse no senhor eu quiria vê.
- Tudinha - Mãe, bebe, mãe, bebe isso duma veiz.
- Generosa - Pera aí. Tu qué que eu ingulha tudo duma veiz só? Eu não sô funil. Tem que i aos poucos que é pra não dá infartação no estomago. É logo seu que soffro do apenas. ~~Qu~~ ^{Qu}anqué coisa o apenas tá me duendo. (ruído de beber) Tá.
- Pepa - Siente-se mejor, ahora?
- Generosa - Sei lá de hora, dona Pepa. Dexe de sê injuada. A gente aqui no sufragante da ingunia e essa vivente a querê sabê as hora. Eu não sô relójo.
- Pepa - Mire, señora: usted no me ha entendido. Yo le estou preguntando se está mejor.
- Generosa - Sei eu lá o que é que a senhora tá falando. A gente aqui aburricida que tá e ela aí a dizê bobage que nem ingista. Fale direito se quizé que a gente arresponda.
- Pepa - Lo que vou hacer es dejar ~~de~~ ^{de} ~~hablar~~ hablar con usted. Para que perca mi tiempo entonces es mejor que se calle la boda.
- Generosa - É isso mesmo, dona Pepa. Não sei. (passos que se aproximam)
- Sidóca - Revistamos a casa toda e não achamos ninguém.
- Generosa - De certo que ele já fugiu. Ora se ele era bobo ~~esperá~~ ^{esperá} por vocês.
- Sidóca - Mas afinal você não nos disse o que foi que se passou.
- Generosa - Vocês não me dexaro falá como é que eu ia dizê?
- Tudinha - Conta, mãe, explica logo esse negocio.
- Generosa - Pois eu tava lá na sala com vocês. Depois o meu nariz tava toda hora escorrendo, toda a hora escorrendo. Eu pra não tá sempre alivando ele na sala se alivantei e vái aqui no qualto percurá um lenço do Sidóca. Cheguei aqui não encontrava a luiz. Quando eu arresquei assim que a luiz parecia que tinha disudado de lugar eu cuvi uns passo muito sobetil. Fui priguntá quem era e o ladrão avariangô prá mim se tapô a boca com a mão e fiquemo os dois numa briganga de mais de meia hora. Depois que ele se tirô no chão eu ainda vi a solueta dele sainda ali naquela polta levando um sacco cheio de coisa. Foi aí que eu butei a boca no mundo. Gritei até vocês chegá.
- Sidóca - Ah mas ele chegou a te agarrar?
- Generosa - Tô dizendo que me agarrô. Me butô o revorvi nos peito e disse assim: tu pronócia uma sibela eu te dô um tiro e te mato.

- Laura - Que horror, meu Deus! Lá morria de susto. E a senhora o que fez?
- Generosa - Pois eu não tive medo. Carrei disse pra ele: pronúncio, pronúncio e pronúncio. Ele me atirô no chão, passou a mão no saco, eu comecei a gritá e ele fugiu.
- Tudinha - É porque tu não saiu correndo atrás dele, mãe?
- Generosa - Pois se ele me atirô no chão. Me sacramô toda essa pelna que eu nem podia mexê ela, comô é que eu ia corrê?
- Sidonio - Que me-me-me....
- Generosa - Medonho, não é seu gago?
- Sidonio - Não senhora, não era isso que ia dizer. Que me-me-me....
- Generosa - Maxeriquero? Tá mexendo nas coisa da gente?
- Sidonio - Também não. Que me-me-me....
- Generosa - Já sei. Que nefestóflis que o senhor ia dizê.
- Sidonio - Nada disto. Meliante.
- Generosa - Ora credô! Se eu subesse que era essa bobage que o senhor ia dizê nem tinha percurado lhe ajudá.
- Sidonio - Eu não pedi a sua ajuda. A sua ajuda só me atrapalha.
- Generosa - Pois é, os mal agradecido é assim.
- Sidóca - Generosa, eu acho que o ladrão não nos roubou coisa nenhuma. Eu não sinto falta de nada.
- Generosa - Dixa vê. (pausa) Puxa Sidóca, tu é surdo, mudo, cego? Tu não tá vendo quantas coisa que falta aí?
- Tudinha - O que é que falta, mãe?
- Generosa - Ai! Nem me priguata. O meu ríco do meu vidro de extrato que tava aqui em cima do comudá!
- Tudinha - Que extrato, mãe?
- Generosa - Da que eu comprei ontem de talde.
- Tudinha - Mas mãe, não pôde sê, tu não saiu de tarde.
- Generosa - Pois se não foi ontem foi ontante, se não foi ontante foi outra dia. Eu sei que ele tava aqui em cima e desapareceu. Nove mirreis se cus-tô!... Que injusticia. Um extrato tão fino! Si pari si. Cara de luna. A gente botava e arrecendia o aroma!
- Laura - E falta mais alguma coisa, dona Generosa?
- Generosa - Uma pulção de coisa, dona Laura. A gente elha e vê. A minha escova de dente, a escova do Sidóca...
- Sidóca - As escovas devem estar lá no quarto de banho, minha velha. É lá que elas ficam.
- Generosa - Não é lá nada. Cala a tua boca e não fala o que tu não sabe. Eu tinha trazido elas prá cá. Farta o pentis, as abutadura do Sidóca...
- Sidóca - As abutaduras estão aqui comigo, minha velha. Estão nos meus punhos

- Generosa - Mais farta otras coisa. Até a lâmpada de abiceira. Até a lâmpada de abiceira.
- Tudinha - Que lampada, mãe? Tu nunca teve lampada de abiceira, que bobage é essa agora?
- Generosa - Nunca teve uma óva. Tu não sabe das coisa cala a boca e não te mete. Então eu não comprai uma lâmpadao tro dia?
- Tudinha - É....comprô.
- Generosa - É milhó que tu te assuegue aí do que tá dizendo as coisa que tu não sabe. A gente não pôde requerê as coisa que tudo ela dispende. Eu nunca vi uma pessoa mais dispiciente.
- Sidonio - É que mais que a senhora deu falta, dona Generosa? O vidro de extracto, a sua escova de dentes, a escova do seu Sidóda, a lampada de abiceira....
- Generosa - Prá que é que o senhor qué sabê, seu Si-si-Sidencio? O senhor é repólti, é repólti pur acaso?
- Sidonio - Não senhora. É que eu estou fazendo uma lista do que falta para dar parte na policia.
- Pepa - Porque vas hacer eso queridito? Deja-la no más, las cosas que han desaparecido no te pertenecen.
- Sidonio - É que eu me dou muito com o Inspector Aurelio e posso pedir a ele para se interessar.
- Generosa - Intão beta aí seu Si-si-Sidencio: Uma tuaia beldada a ponto de olivo: dois par de moia de seda, um leques, um pregador com pedra de Rubim duas porsera...
- Sidonio - De ouro?
- Generosa - Uma é, a otra era fingitiva mas as pedra era muito chies. Uma de cada cor deferente. Um pregador de oro do Sidóda com as inicial dele em franceis, um cosaco de seda que eu ainda não tinha mandado fazê... (baixo) Que mais que eu precisava, meu Deus?! (alto) Ah! Um par de sapato novo que eu kixkx nem tinha usado ainda, umas luva de giliça.
- Sidonio - Pe-pe-pelica.
- Generosa - Pe-pe-pe-pelica ou peliça vem a dá no sacco. umas luva. (continuan do) Uma mente do Sidóda, uma bulzinguia amarelo e um suspensóil.
- Laura - Quanta coisa!
- Generosa - É prá senhora vê. Pois ele levô um sacco cheio, eu vi. O senhor fala com o seu amigo, seu Si-si-Sidencio, e vê se ele pôde arranjà essas coisa pra gente.
- Sidonio - Está muito bem, dona Generosa, eu vou falar.
- Generosa - E quarqué coisa o senhor avisa a gente que é pra gente sabê.
- Sidonio - Sia senhora. (passos que se aproximam)
- Porfirio - Muito bonito! Disparou todos da sala e deixou a gente sózinho lá.
- Generosa - Ué, o senhor não veio porque não quiz. Todos os otros veio o que é que o senhor ficou fazendo lá?
- Tudinha - Ora que pergunta! Ficou dormindo.
- Porfirio - Mas o que foi que aconteceu?

- Generosa - Um ladrão que roubô nós.
- Porfirio - Nomo disse?
- Generosa - (gritando) Um ladrão que robô nós.
- Tudinha - Que robou nós.
- Generosa - Tá bem, letrada, discorde.
- Porfirio - Eu não entendi bem o que a senhora disse.
- Generosa - (alto destacado) Um ladrão que roubô nozes.
- Porfirio - Ah sim! E onde estavam essas nozes?
- Generosa - que pergunta mais besta! (alto) Iqui, onde mais que ia sê? Adonde é que nozes temos, não é aqui?
- Porfirio - Que pena que eu não sabia! Eu sou roxo por nozes. É coisa bôa, não é mesmo?
- Bento - É fato.
- Generosa - Tá bão seu Bento, veja se para um poco de falá que eu tô com dor de cabeça. É brinquedo o susto que a gente levô?
- Laura - Quem sabe é melhor nós irmos embora para a senhora se deitar e descansar, dona Generosa?
- Generosa - Não, não precisa, eu já tô milhor. Daqui a poco passô tudo.
- Sidôca - É melhor até que fiquem porque assim ela conversa e se distrai.
- Bento - É fato.
- Generosa - Pronto. Ele já se meteu. Esse home tem uma coisa na lingua que ele não pôde calá a boca. Esse home tem uma duença na lingua, dona Laura, ou intão ele não é boa disinguilibrado. Oh vivente affitivo, credoi! (passos que se aproximam)
- Juvencio - Dona Cinrosa, a vizinha aí do lado me priguntô o que foi que aconteceu aqui disse que a sinhora gritô muito tempo por socorro e ela quiria sabê o que era.
- Generosa - Pois é, ela ouviu, não foi? Pois não foi capaz de vir aqui pra ajudar a gente e agora qué sabê o que é? Pois diz pra ela que é ispicuda. Que não tem nada que sabê. Que dexe de sê dadeira de fé da vida dos vizinho. Que isso é muito feio, muito ripilente, muito sem jocosidade. Que aleais graças a Deus é um cacuêtes que eu não tenho. Não se meto com a vida deles. Pôde se passá o que se passá na casa deles que eu nem tô sabendo, nem quero sabê e tenho raiva de quem sabe.
- Juvencio - Porque é que a senhora tá deitada, a sinhora tá duente?
- Generosa - Tu não sabe, não, engraçadinho? Tu tá te fazendo é de bobo.
- Juvencio - Fur essa luz divina que não sei, dona Cinrosa. Fui eu não tava em casa como é que eu ia sabê o que foi que se passou-se?
- Generosa - E adonde é que tu tava?
- Juvencio - Fui eu trimezi de arruada e cusinha ganhei logo na rua inhamto das visita chegá. Fui lá na padaria que a sinhora meco disse que depois eu fosse lá vê se tinha pão.
- Generosa - E tinha?

- Juvencio - Tinha aia sinhora. Já trouxe.
- Generosa - Tu não levó dinheiro, tu mandé ele botá no assento?
- Juvencio - É, aia sinhora, mandei.
- Generosa - E ele não rielaô?
- Juvencio - Não sinhora, ele botô.
- Generosa - Pois re indimira ele não gosta.
- Juvencio - Foi é, mais botô.
- Generosa - Que arma tará prá se sarvá!
- Juvencio - A sinhora não me disse o que foi que aconteceu, dona Gineirosa.
- Tudinha - Mas tem mais que sabê, nego, foi um ladrão que teve aí e rebou umas purcaria da mãe.
- Generosa - Purcaria porque não é tua. Si fosse tua tu havia de achá que era muito bô.
- Juvencio - Um ladrão, robô aqui, dona Gineirosa.
- Generosa - Uma pulção de coisa, negrinho. Saiu com um saco apelo.
- Juvencio - Ah eu vi memo!... Eu tava ali confronte conversando com a dona Iai-pordina quando vi saí um home com um saco nas costas. Era ele antão.
- Generosa - É porque que tu não chamô logo a policia, arrinegado?
- Juvencio - Eu não sabia que era ladrão, dona Gineirosa. Vi o home saí aleais e nem tive um sospeito que pudesse sê um ladrão. Um home bem vistido intá. É foi a sinhora que viu ele?
- Generosa - Pois tô dizendo que foi. Ele se agarrô pelo pescoço me troceu a cabeça toda pra esse lado assim que eu quasi que nem porco mexê o meu pescoço.
- Juvencio - Creô, dona Gineirosa!..Pudia intá lhe matá.
- Generosa - Pois ele apontô o calibre do revolve pra mim, tô dizendo.
- Juvencio - Millicoidal!...
- Generosa - Mais eu revesti contra ele, ele passô a mão no saco e saiu correndo. Ai! nem posso me alembra que já parece que vai me dá aquela coisa! Ai!
- Sidôca - Não fala mais no assunto, minha velha. Vamos esquecer isto.
- Pepa - Vamos hacer um poquito de musica que es mejor para que ella se olvide.
- Sidôca - É, vamos pra sala, fazer um pouco de musica, conversar, distrair o espirito e não se fala mais no ladrão. O que passou, passou.
- SPEAKER : - E enquanto dona Generosa se levanta e se encaminha com a sua turma para a sala de visitas, ouçamos duas palavras sobre as firmas que vos oferecem, amáveis ouvintes, estes momentos de bom humor. (anuncios) E agora novamente com dona Generosa e sua turma.
- Generosa - Principela a sinhora, dona ~~XXXXXXXX~~ Pepa, a sinhora tá loca pra cantá.
- Pepa - Porque se imagina usted que yo deese cantar?
- Generosa - Pôde cantá, pois tô dizendo que a sinhora cante.
- Pepa - Ya lo sé, señora. Pero le pregunto porque se cre usted que yo deese cantar?

- Generosa - Mais meu Deus do céu, minha nossa Senhora! Eu tarei falando ingleiz, tarei falando fonétis, outro lingua deferente? Tô dizendo pra sinhora que póde cantá e a senhora persegue em dizê que qué cantá. Pois canta, criatura de Deus! Não to dizendo pra sinhora que não cante, tô dizendo que cante.
- Pepa - Si es lo que voy hacer porque a los tontos no se contradice y ademas mi novio tiene ganas de oír-me cantar.
- Generosa - É, canta, canta, antes que dê essas gana. (baixo) Ela é duente a gente contrareia ela é mais pior pra gente. Mas olhe aqui, dona Pepa, canta coisa que a gente entenda. Hay tanta oprá bunita, a sinhora não canta ópra?
- Pepa - No, señora, solo canto canciones.
- Generosa - Tem a princeza dos Dolár, tem a Regina do gramofonis, a Erva - aquela que eu cantei otro dia - tem a maluca do abano. Ah, não, a maluca do abano é soneto. Eu fiz confrontação. Tem a Condensia do Bar Tabaris, o Componez Alegre, a Fresquita, a Balhadera, a Iscuginizia a Dansa das Libél, o Chótis azul.....
- Sidóca - Mazurka azul, minha velha.
- Generosa - Mazurka, chótis dá no mesmo. É uma dança. (continuando) A madama de Tébis, a Madama Buteflis, o Bacaço...hay muitas.
- Sidonio - Do Bocaço que eu conheço são anedotas.
- Generosa - Tá bñõ, seu gago, veja lá se vai contá alguma. O Senhor se alembra adonde que o senhor tá. A minha casa não é caburé. É o bocaço que eu tô falando é ópra, não é nada de ~~anedota~~. Nedóta a gente nem pronúncia numa casa de familia.
- Tudinha - Tá bom, mãe, cala a boca e dexa a dona Pepa cantá.
- Pepa - Es una cosa imposible. Una se queda nerviosa.
- Generosa - Óia, Tudinha, cala a boca umas pivica, tá ovindo? Tu aqui não é ninguém prá me mandá cala a boca. Tu precisa vê que eu só tua mãe. Só mais velha do que tu e não te dô pelmissão nem cumpetencia pra tu vim me mandá calá a boca. Te alembra daquele sobejetivo que diz que o sapatero não passa das butina. Vocéis tão pensando que são arguem dentro da minha casa vocéis tão muito inganado. Quem manda dentro da minha casa é eu e quem manda dentro da minha voca também é eu e não adiante nada vocéis vim querê se arvorá em recepetora de ninguem porque pro meu lado não pega. Quem muito se agacha acontece o contrario. A falicida minha mãe é que sempre dizia. Mãe é assim mesmo, o macaco nunca olha prá sua calda.
- Tudinha - Cante duma veiz, dona Pepa senão a senhora não canta hoje.
- Generosa - O disaforo dela só. Mas a culpa de vocéis não me arrespeitá dentro da minha casa é desse bananão que tá aí, esse plasta mól. Cara de furunco laprimado.
- Sidóca - Acabá é minha porque, Generosa? O que é que eu fiz, pelo amor de Deus.
- Generosa - Tu não sabe o que é que tu feiz. O coitadinho do vitimo não sabe. Tão inocentinho que ele é. É um anjo que tá aí. É a filha é otra anja. Quem não te conhece que te venda. Ele não sabe o coitadinho. Mas é assim mesmo. O boi sempre é o urtimo a sabê que tem chifre.
- Sidonio - Mas ha bois que são mochos, dona Generosa.
- Generosa - Pois é e hay vacas que também são móchas. Mas ele não é.
- Tudinha - Cante, dona Pepa, por favor. Canta duma vez que é pra ver se acaba

- com esse lero lero.
- Pepa - Bueno, señores, yo no voy a esperar mas. Voy a cantar una cancion que me gusta muchissimo y si a ustes ella les desgustar para mí es lo mismo. (Pepa canta uma canção qualquer sendo muito aplaudida)
- Juvencio - Muito bem, dona Pépa, muito bem. A sinhora canta que parece uma prí-mordoma de opereta. A gente não intende o que ela diz mas é tão chi-os o que ela canta que a gente gosta, não é mesmo?
- Bento - É fato.
- Generosa - Pronto. O otro já se meteu.
- Juvencio - A voz dela ás veiz chega a té parencias de vóis de home de tão sobe-terrânes que ela é.
- Bento - É exato.
- Generosa - Cala essa boca um mucado pelo amor de Deus, seu Bento. O senhor não dexa ninguem falá, parece uma grelhas. O senhor divia de se alembirá daqule sobejetivo: quem muito fala, poco erra. Mas boca fechada as mosca não entra.
- Juvencio - A dona Gírirosa pegô assinatura no pobre do vivente que ele não tem direito de dizê-nada. Alugô ele.
- Bento - É fato.
- Generosa - Pois que alugasse, tu tem alguma coisa com isso? Tu é alguma coisa aqui dentro dessa casa, pur acauso?
- Juvencio - Sô, sim sinhora. Sô o lacraio, oriessa!
- Generosa - Que grande coisa! O lacraio! Lacraio e cisco é a mesma coisa.
- Juvencio - Mais é alguma coisa, não quero sabê.
- Generosa - Cala essa boca, marceriado. Cala essa boca e vai tiabora lá pra den-tro que é o teu lugá não é aqui no meio dos branco.
- Juvencio - Priguntá no que que os branco xujo são milhó do que os nego. Vocéis enche a boca de nego, nego, nego, mais sem os nego vocéis não passa. Se não fôsse os nego eu quíria vê quem é que ia fazê a cumida pra vocéis, i na venda e no açougue ouvi as discumpustura dos home que vocéis não paga, dirramá as vasiñha de vocéis, fazê café, fazê man-daleite, fazê uma pulção de coisa que vocéis só sabe mandá a gente fazê.
- Generosa - Tu cala essa boca nego confiado, heim?
- Juvencio - Não calo a boca nenhuma. A boca é minha quem manda nela sô eu.
- Generosa - Tu não ove atrivido? Tu cala essa boca, arritinido.
- Juvencio - Não calo, não calo, não calo, não calo e não calo!
- Generosa - Sidóca, tu não tá vendo isso, bananão?
- Sidóca - Juvencio, você cale a boca e vá embora lá para dentro que a sua pa-troa está lhe mandando.
- Juvencio - Inté o senhor já qué baxá o santo em cima de mim tombem, é? Tá bão o sinhó veje lá, heim? Dispois bamo vê quem é que vai saí peldendo. Lhe agaranto que eu não sô.
- Sidóca - Dona Laura, toque qualquer coisinha para a gente ouvir. Su gosto tanto de ouvir a senhora tocar!

- Generosa - Ela não vai tocá, não, não disfalça; tu tá é com medo do negrinho. Bota ele lá pra dentro, caminha.
- Sidóca - Deixe o coitadinho aí, minha velha. Ele não está incomodando ninguém.
- Generosa - Tá mi incomodando, sim. Caminha, manda ele, tô te mandando.
- Juvenio - Eu vô, seu Sidóca, dexa. Não precisa o senhor se incomodá que eu vô. Mas que ela vai me pagá essa ingratidão que ela me fez ela vai. Essa infilizia pensa que ela é de fazê da gente gato e sapato e a gente é de mulchá as orelha e agachá a cabeça? O tempo dos bobo já passô. (passo que se afastam)
- Generosa - Marrochado! Atrivido! Insolento! Dexa as visita sai que tu vai vô.
- Sidóca - E agora minha velha, a dona Laura pôde tocar qualquer coisa?
- Generosa - Não pôde tocá nada. Quem vai diclamá sô eu. Eu fiz otra puisia, sabe, dona Laura?
- Laura - Ah fez? Então leia para a gente ouvir. Eu gosto tanto das suas poesias.
- Generosa - Não precisa lê, dona Laura, eu sei de pensamento.
- Laura - Pois então diga.
- Generosa - Vô dizê. (declamando) Manhã de **otonio** chuvoso!
- Laura - Que titulo notavel!
- Sidonio - Pi-pi-pi....
- Generosa - Ué, seu gago, o que é isso?
- Sidonio - Pitoresco!
- Generosa - Cale essa boca aí, não atrapalha os otro. (declamando)
 Era uma minhã primavera de **otonio**!
 Nisso vinha vindo um moço - ele se chamava Antonio -
 e olhô assim pra compezeza e disse:
 minina tu já visse
 um sol tão chies como esse?
 Ela não arrespondeu nada e baxô a cabeça
 muito incabulada.
 Ele pegô na trança dela e puxô ela
 mas ela atropêçô numa pedra
 caiu e machucô o pesinho.
 Só vendo como ficaro os dedinho
 da pobresinha da compezeza.
 Os dedo incharo que foi uma beleza.
 Chegava a parecê uma **penquinha** de bananinha do mato.
 O Antonio ficô muito arripindido
 correu, alivantô ela e disse assim:
 não era isso que eu quiria fazê.
 A coitadinha trepia que dava pena
 e tava amarela, amarela.
 Ele pegô abraçô ela
 e bejô os dois lado da cutis dele.
 Essa é a historia da compezeza e do Antonio
 que se passou-se numa manhã primavera de **otonio**.
- (muitos aplausus de todos)
- SPEAKER : - Enquanto os presentes felicitam dona Generosa pela bellissima poesia de sua "larva", escutemos mais algumas palavras sobre os patrocinadores deste programa. (faz os anuncios)..
- Sidonio - Porque a senhora não publica as suas poesias, dona Generosa? São muito pitorescas.

- Generosa - Sei eu lá o que é isso. Não publico porque não quero. Mas que muita gente gava elas, gava.
- Porfirio - Quem foi que cantou ha pouco?
- Laura - Ninguém cantou, seu Porfirio. Acho que foi o senhor que sonhou.
- Porfirio - Como disse?
- Laura - (gritando) Acho que foi o senhor que sonhou.
- Porfirio - Sonhou com quem?
- Laura - Ah isso agora é que eu não sei. Isso é lá com o senhor.
- Porfirio - Como disse?
- Laura - (gritando) Isso é lá com o senhor.
- Porfirio - Ah sonhou comigo? Muito bem. E o sonho foi bom ou mau?
- Laura - (alto) Isso é que eu não sei.
- Porfirio - Estou compreendendo. Ha certos sonhos que a gente não póde contar.
- Laura - É isto mesmo. Oh sujeito injuado.
- Generosa - Isso é pior que chá de sena a sinhora ainda vaidá cuavelsa pra ele tá aí. Vai tocá alguma coisa, dona Laura, vai. A gente gosta tanto de ovi a sinhora toca. Ela toca tão bem não é mesmo?
- Bento - É fato.
- Generosa - Pronto. Ele não podia dexá de dá o parpito dele.
- Laura - O que é que eu vou tocar? Sugiram alguma coisa.
- Tudinha - Toca besa-me mucho, Laura. Eu acho um encanto.
- Laura - Eu não sei se me lembro de cór, em todo o caso vou tentar. (Laura toca sendo muito aplaudida por todos ao terminar)
- Sidonio - Dona Generosa, a senhora vai nos dar café hoje?
- Generosa - Não vô, seu Si-si-sidoncio, porque é que o senhor tá priguntando?
- Sidonio - É só pra saber porque se não vai sair café nós vamos embora.
- Generosa - Pois intão póde i porque não vai sair. O café vem vovéis depois não toma, as coisa não tá pra isso, tá tudo muito caro.
- Sidonio - Vamos então, Pepinha?
- Pepa - Si, si, queridito vamos a descansar. (alarmada) Pero que cosa se ha passado acá?
- Tudinha - O que foi dona Pepa?
- Pepa - Yo tenia cincoenta mil reis en mi bolsija y ahora no los encuentro. Quien los sacó de acá. Me han robado cincoenta mil reis, señora!
- Generosa - O que é que ela disse?
- Tudinha - A dona Pepa disse que tinha cincoenta mil reis na bolsa dela e que eles desapareceram.
- Generosa - Foi o ladrão. Só podia sê ele. Quem é que ia tirá o dinheiro da bolsa dela se não fosse o ladrão? Adonde é que a sinhora dexó a sua bor-

- sa, dona Pepa?
- Pepa - Quando usted gritó y nos fuimos a su pieza yo la dejé acá sobre la silla.
- Generosa - Não intindi nada.
- Laura - Ela disse que quando a senhora gritou por socorro e nós fomos lá para o seu quarto que ela deixou a bolsa aqui em cima da cadeira.
- Generosa - Então foi o ladrão, nem tem que vê. Se não foi o ladrão só podia sê o seu Polfirio que foi quem ficou lá.
- Sidóca - Óra, minha velha, francamente.
- Generosa - Ora, ora o que? A gente vê tanta coisa! Depois meu filho, quem vê cara não vê o resto do golpe. Eu se fosse a senhora inzaminava o bolso dele, dona Pepa. Parencias nem sempre qué dizê domentárias. Diz com quem tu anda que eu dir-te-ei-te quem sóis.
- Porfirio - O que é isto? O que é que a snhora quer no meu bolso?
- Pepa - Quero ver una cosa.
- Porfirio - Como disse?
- Pepa - (gritando) Quiero ver una cosa. (pausa) Hay un pañuelo. Nada más.
- Porfirio - Ué, e o meu dinheiro onde é que está? Fui roubado. Eu tinha vinte e tantos mil reis neste bolso como é que eles desapareceram.
- Pepa - (gritando) Pues el mio tambien se me fué de acá.
- Porfirio - Somos roubados, então?
- Generosa - Foi o ladrão nem tem que vê. Passô por aí viu a bolsa tirô o dinheiro. Viu esse infilizio drumindo apruveitô robô ele tambem que ele não era bobo.
- Laura - Espera, falar nisso deixa eu ver a minha bolsa que tambem ficou aqui.
- Tudinha - Não me diz, Laura, que a tua tambem foi atingida.
- Laura - Ora seu foi! Limparam direitinho. Nem dinheiro prao bonde se deixaram. Vou ter que ir a pé.
- Generosa - Ely tinha muito dona Laura?
- Laura - Deixa ver...eu sai de casa com quarenta mil reis na bolsa. Comprei p pasta de dentes, gastei seiscentos reis de bonde...Tinha trinta e seis mil reis!
- Pepa - Que bandido! No me puedo olvidar de los cincuenta cruceros que me llev
- Laura - Bem, paciencia. Vamos andando seu Bento que é tarde.
- Bento - Já fato.
- Laura - Está bom então boa noite para todos e passe bem a noite, dona Generosa (todos respondem. passos que se afastam)
- Generosa - Muito obrigadinho, dona Laura. Vá com Deus e a Virge. (gritando para longe) Óia dona Laura, a senhora não fique triste que mais tem Deus pra dá que o diabo pra robá.
- Pepa - Nosotros tambien nos vamos. Buenas noches para todos.
- Sidonio - Bo-bo-bo noite. (todos respondem. passos que se afastam)

Generosa - (Gritando para longe) Óia dona Pepa, a senhora dexe o balco andá que a marésjá de virá. Quem robô o seu dinheiro não é de apruveitá.

Pepa - (de longe) Eso ya lo he pedido a Dios, señora.

Generosa - O senhor tambem já vai?

Porfirio - Como disse?

Generosa - (gritando) Tô priguntando se o sr. tambem já vai?

Porfirio - Vou sim senhora mas queria pedir trinta centavos emprestados para o bonde pra eu não ter que ir a pé que é muito longe.

Generosa - Ninguém tem. Vai de apé que é muito bão inzerocio. Desempena as pelna.

Porfirio - Não tem?

Generosa - (berrando) Não.

Porfirio - Está bem, então vou a pé mesmo. Pobre dos meus pés amanhã. Boa noite (todos respondem) (passos que se afastam)

Generosa - (falando para longe) Chegando em casa faz uma salmorinha bem espelta que amacia os pé que é uma beleza. Tu já vai drumi, Sidóca?

Sidóca - Já, minha velha, estou muito cansado. (passos que se afastam)

Generosa - Tu tambem, minha filha, vai te deitá, que é muito tarde.

Tudinha - Pois sim, primeiro vou tomá café. (passos que se afastam)

Generosa - Negrinho! (gritando) Oh negrinho! É discarado edonde é que tu tá?

Juvencio - Não precisa gritá que eu ja tô aqui.

Generosa - Vem cá. Vem me dizê dereitinho: quanto foi que tu tirá?

Juvencio - Só deiz mirreis. Não tinha mais.

Generosa - Nego discarado mintiroso. Tu não ouviu a dona Pepa dizê que robaro cincuenta da bolsa dela? Como é que tu diz que tirô só deiz mirreis. Caminha aqui vem fazê as conta. Cincuenta da dona Pepa, com vinte e poco do seu suldo quanto é que faiz?

Juvencio - Cincuenta com vinte e poco...cincuenta com vinte e poco...é cincuenta, cincuenta...é trinta e nove mirreis.

Generosa - Agora bóta tranta e seis da dona Laura, vé quanto é que fica.

Juvencio - Cincuenta com vinte poco...é trinta e nove, mais tranta e seis da dona Laura...mais trinta e seis da dona Laura.....fica vinte e treis.

Generosa - Pois antão? Como é que tinha só deiz mirreis, nego oldinario.

Juvencio - É que eu não tinha fazido as conta dereito e me enganei-me, dona Generosa.

Generosa - Tu te enganô. Eu sei que tu te enganô. Fassa pra cá os vinte e treis mirreis, negro saavelgonha.

Juvencio - Tá.

Generosa - Hum! Si eu não só espelta tu me levava. Mas tu prá me enganá pericia na nacé otra veiz.

(Caracteristica forte para o final do programa)

19-5-43
1ª Via

" UM SERÃO NA DONA GENEROSA "

GOJO

- Um programa de Roberto Lis.-

8º Serão.

- Generosa - Dona Laura, discanse o seu chapéu e a sua bolsa. Dê aqui eles que eu boto lá em cima da minha cama.
- Laura - Não senhora, dona Generosa, não se incomode. Eles estão bem aqui.
- Generosa - Mas a senhora vai amarrotiá o véus todo. É milhó tatá eles lá. Dê aqui que eu boto eles lá num repentis.
- Laura - Está bem, já que a senhora insiste tanto...Está o chapéu.
- Generosa - É a bolsa?
- Laura - Não, a bolsa não é preciso. Eu fico com ela aqui, é melhor.
- Generosa - Mas é que a bolsa também póde amarrotiá....
- Tudinha - Mãe, ora mãe, que bestera! Onde é que tu viu bolsa de crocodilo amarrotá. Só da tua cabeça, mesmo.
- Generosa - Credo, vai lhe cansá o seu braço. Me dê ela aqui que eu boto ela num repentis. Quando a senhora fô eu lhe entrego ela outra veiz.
- Laura - Não senhora, obrigada. O chapéu eu aceitei porque podia mesmo me incomodámas a bolsa não incomoda.
- Generosa - Isso é o que a senhora pensa. Tá bão não qué melhor. Eu tô lhe avisando pro seu bem a senhora tá fazendo cirimonhas dispois não se queixa. Tá bão dexa eu botá lá o chapéu então. (Passos que se afastam)
- Laura - (baixo) Eu poderia me queixar se deixasse a bolsa lá, isso sim.
- Bento - É fato.
- Laura - (baixo) Era capaz de sumir até a bolsa.
- Bento - É exato.
- Sidonio - Não descobriram o ladrão que esteve aqui na quarta feira passada, seu Sidóca?
- Sidóca - Não, seu Sidonio, não se descobriu. Póde ser que ainda se descubra As vezes quando a gente menos espera...
- Pepa - Si no lo han escuentrado asta ahora no lo van a enuestrar mas.
(passos)
- Bento - É fato.
- Generosa - O que é, o que que o seu Bento já tá se metendo aí com os parpites dele?
- Laura - Ele também acha que se não se encontrou o ladrão até agora que não se encontra mais.
- Generosa - Que ladrão, dona Laura?
- Tudinha - Ora, mãe, que ladrão! O que esteve aqui na quarta feira passada.
- Generosa - Ah! Nem me alembra mais. Ué assim como póde não se encontrá póde se encontrá também. Isso não tira. Dona Pepa a senhora não qué tirá a sua buena e discansá a sua bolsa? Me dá aqui elas que eu gualdo lá no qualto.
- Pepa - Nó señora, muchas gracias. Estan mui bien acá. No me molestan.

Generosa
 VISTO
 SECRETARIA DE CULTURA
 DATA 18-5-1943

- Generosa - Não tô falando de molestia, dona Pepa. Coitada, ela tá sempre com as muléttia na cabeça. (gritando) Tô le priguntando si a sinhora não qué gualdá a sua buca e a sua bolsa lá em cima da minha casa, prá não tá aí lhe incomodando. O que eu priguntei ela não me arrepondeu.
- Pepa - Já le he contestado que nó, señoira. Y no es preciso gritar que no soy sorda.
- Generosa - Pois é. Estão me dõ que eu vô butá lá.
- Pepa - Quantas veces ya le he dicho que estas bica acá? No las doy, señoira no las doi.
- Generosa - O que é que doi dona Pepa? Vê adonde é que ela tá cum dor seu Bi-sidoncio.
- Sidoncio - Ela não está com dor nenhuma, dona Generosa.
- Generosa - Tá home de Deus. Pois se a mulhé tá dizendo que tá, o sinhor qué requiri ela?
- Sidoncio - O que ela está dizendo é que não lhe entrega nem a boina nem a bolsa.
- Generosa - Ué, pois si não qué entregá milhó pra ela. A gente faiz isso pur um comprazer pra ela, ela não qué que se arranje. Eu mesmo é que nem me avexo. Ué, o que é que tem o seu suldo que tá só mexendo no bolso dele? Ele rasgô o bolso? (gritando) Heia seu Porfirio, rasgô o bolso?
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) Tô lhe priguntando se rasgô o bolso?
- Porfirio - Não senhora não rasguei. Felo contrario, cossi o bolso que é pra não me acontecer como na quarta feira passada que me deixafam limpo que eu tive que ir a pé pra casa.
- Generosa - Coitado, é mesao! Esses ladrão não tem pena das pessoa que eles roba, não é mesao?
- Prato - É fato.
- Generosa - Pronto, já se meteu. Ninguém priguntô nada pra ele.
- Tadinha - Dixa o home falá, mãe, tu pegou uma assinatura com ele que ele não tem nem o direito de dá um palpite.
- Generosa - Cala tu a boca que é melhor. Quem vô tu falá pensa que ele diz alguma coisa que se apruveite. É só monasíbalos que ele sabe dizô, não sabe dizê outra coisa. Um home mais injundo que Deus me peldoe. "É fato, é fazato; é fato, é fazato, é fato é fazato" Credo!... Esse home pra bea de se casá pereisa arrumá uma mulhé que tenha o genho que eu tenho, sinão ela não soporta ele. (passos) O que é negriano, o que é que tu já vem aí com essa cara estanhada e esse livro na mão? Carinha vai estudá lá adonde eu te dexei.
- Juvenio - Não posso istudá lá, dona Glairosa, foi isso que eu vi dizê pra sinhora.
- Generosa - Tu não pôde istudá alá porque negriano?
- Juvenio - Porque a Luiz buxerileia a toda a hora eu pereiso ferá muito a concentração do meu olhá nas letra do papel, as la tra começa a tremer, já fica tudo peltido numa manutera de pedacinho e é aquela icatomba. Não se pôde lê nécas.
- Generosa - É o fusil da chave que tá motorejando ha muitos dia. Eu já disse isso pro Sidóca ele não feiz ouso. Esse home é assim a gente fala e ele nem agua. Tu tá sviado, Sidóca?
- Sidóca - O que é, Generosa?

- Generosa - (arredondado) O que é Generosa? Viu? É dereitinho o que eu disse. A gente tá falando e as palavra tão entrando pela direita e tão saindo pela esquerda. Gualda essa pulcaria desse jornal sinão eu rasgo ele. Bota sentido no que a gente tá dizendo.
- Sidóca - Fala, minha velha, estou ouvindo.
- Generosa - Tu precisa mandá arreglá aquela chavis lá da cópia que o negrinho precisa istudá lá e a luiz não dexa.
- Sidóca - O que é que tem a luz, Generosa?
- Generosa - Quantas veiz eu já te disse que ela tá bozbalando? Tu não manda arrumá ela da senvelgoaho.
- Sidóca - Amanhã eu vou pedir ao eletriciata que chegue aqui.
- Generosa - Eu quero vê e si tu não mandá tu já fica sabendo que vai té pra ti.
- Juvencio - É agora, dona Gairosa, aioude é que eu vô istudiá?
- Generosa - Te assenta aí num canto e estuda aí mesmo que a gente não vai tá gastando luiz que as coisa não tão pra isso.
- Juvencio - Intão inhate eu quero que a sinhora me reduza treis palavra que eu não sei.
- Generosa - Lê elas aí, vamo vô.
- Juvencio - (lendo) Lé mou...ton.
- Generosa - Como é? Arrepete que eu não ovi dereito.
- Juvencio - (lendo) Lé mou-ton.
- Generosa - Fuxa negriabo, parece incrivis, uma coisa tão sinpris "Lé mston" o montão. A palavra tá dizendo. Diz a otra.
- Juvencio - (lendo) Lé hi...ron...dela. Les hirondela.
- Generosa - Lé hirondela...as arandela. Uma coisa que a gente tá vendo que é. Não sei como é que vocels não advinha.
- Juvencio - Mais dona Gairosa, a figura que tá em baxo da síbala é uns passarião mo avuado.
- Generosa - Tá enrrada a figura. Agora porque a figura tá riquirindo otra coisa é de sé o que a figura diz? Os livro tambem erra, que novidade.
- Juvencio - Lé en...fan...té. Lé enfanté.
- Generosa - Creó, nego, que tristeza. Si eu fosse burra como tu eu me matava. Uma coisa que não póce sé mais farci. Já enfanté - o infante. Se as coisa que tem parencia tu não advinha as que são deferente então nem sei.
- Tudinha - Tá boa, mãe, ninguem tá aqui pra tá assistiado lição do negrinho.
- Generosa - Pois si não tão castifeito que se arretire. Eu não vô dexá o pobre do viveato se criá inguinorante e disabitado por que as visita não gosta do franceiz. Os arritirante que se incomóde.
- Tudinha - Que bestera é essa?
- Laura - A dona Generosa trocou. Ela quiz dizer que os incomodados que se retiram.
- Generosa - Dexa ela falá, dona Laura, ela bea que sabe o que é que eu tô dizendo. (furiosa) Não gospe em riba do tapetis, seu Polfirio. Uma

- escarradeira tão grande, tão chias aí perto desse ~~porque~~ ~~ele~~ ~~gospo~~ no tapetis. (alto) Ó seu Polfirio, não me gospi no ~~tapetis~~.
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (berrando) Não me gospi no tapetis. O zinho é suldo, é? café? Quero sim, póde mandar vir. Eu sou docente por um cafésinho.
- Generosa - (gritando) É mais não tem café não que eu não sô pai de vocês. Tô dizendo pro zinho gospi aqui, ó.
- Porfirio - Ah!...A escarradeira. É muito bonita, sim.
- Generosa - Credo em cruz, que home mais inbecível! Vê largá ele de mão porque não adianta a gente falá ele finca que não ouve.
- Sidonio - Ele é surdo, dona Generosa.
- Generosa - Ah é?!...Veje só a novidade que ele vem contá pra gente.
- Pepa - No es novidade ninguna, todos los saben, pero mi avio le ha hecho acordar una cosa que usted siempre se olvida.
- Generosa - Não é mesmo, dona Pepa? Esse diabo bota uma pessoa no alho da amal-gura!
- Pepa - Usted no sabe lo que dice, señora.
- Generosa - O que é que ela disse?
- Judinha - Que tu não sabe o que diz, mãe.
- Generosa - Quem é que não sabe? Eu não sei? Mais ela até é loca dizê uma coisa dessa. Si não é loca tá bebuda ou intão é muito senvelgonha.
- Pepa - Mire señora como habla. Josefa Margarita Aleparra Gutierrez y Hernandez es mujer a quiea todos han respectado siempre. Se una mujer como usted se imagina con derecho de decir cosas de la naturaleza que usted las dijo que no se arrepista despues. Yo soy muy calma, muy paciente, muy buena, pero no me pisen neñ poncho. Cuidáo, señora, cuidáo.
- Generosa - É bem, eu bô tomá nota. (beizo) Sei eu lá o que é que ela tá dizendo. Isso não é celta.
- Juvencio - Dona Generosa, o que é que qué dizê voissin? .
- Generosa - Qué dizê o que?
- Juvencio - Voissin.
- Generosa - Voissin? (peusa) Como é que tá escrivido?
- Juvencio - Tem o vês tem o ós tem o ía, tem a cobrinha...
- Generosa - Que cobrinha, negro? Que bobage de cobrinha é esse? Tu já viu sí-bala com o nome de cobrinha? ~~É~~/inguerante.
- Juvencio - O s, o ía otra veiz e o eass. Vo-i-sin.
- Generosa - Vê aí, sim. Uma coisa tão siapres.
- Sidonio - A do-do-dona Generosa é taoe no francex.
- Generosa - A professora Madama fica até indaivrada. Ela quasi já não tem mais o que me insiná. As veiz eu tô dizendo as coisa e ela tá rindo de contente. Porque as professora ficam contenta quando a gente aprende o que elas insina, não é mesmo?

- Bento - É fato.
- Generosa - Deixe de se nitido, não tô falando com o senhor.
- Laura - Ah dona Generosa, outro dia eu vi a senhora de longe, na cidade.
- Generosa - Eu dona Laura? Não pôde se eu não fui na cidade. É outra que tem parecias de mim, então.
- Laura - Não senhora, era a senhora mesmo, eu tenho a certeza absoluta. Com aquela chapéu de crochê grenat que a senhora tem.
- Generosa - Não é chapéu, dona Laura, é trunfula.
- Laura - Não dona Generosa eu fala um chapéu de crochet grená que a senhora tem com uma aba pra traz.
- Generosa - Pois aquilo é trunfula de aba, dona Laura. É a ultima moda. Assim que as elegantes usam lá no Rio de Janeiro. Mas deixa vê uma coisa... eu na cidade?... Que dia foi, a senhora se alembra?
- Tudinha - Mãe, foi na sexta feira que tu foi na cidade pra vê por quanto o dentista de Botava o dente que caiu da tua chapa.
- Generosa - Ah, é mesmo, nem me alembra. A senhora me viu foi? Adonde?
- Laura - A senhora idá atravessando ali da praça quize pra camião novo.
- Generosa - Isso mesmo. Isso mesmo. Eu fui tomá o ônibus lá na rua Avenida dos Trapos.
- Laura - Onde dona Generosa?
- Generosa - Avenida dos Trapos, dona Laura, não sabe adonde é?
- Bidoca - Não é trapos, minha velha, é Farrapos.
- Generosa - Pois e trapos e farrapos não vem dá no mesmo? Tu tá te fazendo de besta é o que tu tá. Eu tava conversando uma coisa com a dona Laura nem me alembro mais o que é que eu tava dizendo.
- Fepa - Ella le haç visto en la calle, señora.
- Generosa - Que caje, dona Fepa?
- Fepa - En la rua, como dicea ustedes, en la rue. Ha entendido ahora?
- Generosa - Sei eu lá que hora dona Fepa, nem me alembro mais. E não precisa gritá quando falá cumigo porque eu não só sou surda.
- Fepa - No es sorda pero es Bronca lo que es muchissimo peor.
- Generosa - Pois é. Adonde é que nós tava mesmo dona Laura? Um fala, outro fala, interrompe a gente, que a gente que a gente não sabe mais adonde anda, que gente mais sem indução.
- Laura - A senhora estava me contando que foi tomar o ônibus na Avenida Farrapos.
- Generosa - Pois é. Pois eu ia na costurera...
- Juvenio - Putra, o que é que quê dizê etofle?
- Generosa - (furiosa) Não sei, cala a boca. Tu não tá vendo que eu tô conversando? Vocês tiraro a dia hoje pra me atazaná os meus melvo? Pois agora ninguém me fala sem eu irimimá o que eu tava contando pra dona Laura. O que era mesmo, dona Laura? Me isquiei outra vez.
- Laura - A senhora estava dizendo que foi na costureira.

- Generosa - Ah pois é. Fui mandá fazê um vistido de seda pra mim e dois talheres.
- Sidonio - Talheres? Na costureira?
- Generosa - Di cêlto. Adonde é que ia sê? Eu já disse pra voçeis calá a boca e dexá eu falá. Mandei fazê um talher azul de tafetar e otro de lâ bordão. Vão fiçá tão chics, dona Laura. Os feitia tão muito campante. É barato que ela cobra. O de tafetar 18 cruzero - agora não é mais mirreis - e o de lâ mais barato ainda. Vinte dois cruzero.
- Juvencio - Dona Gênerosa, o que é que quê dizê etóile? Si a sinhora não me arreponde eu não posso perssigui a lição.
- Generosa - Quantas veiz eu já te disse que etóile é estalo, pedaço de animal vistido de gente! O diabo de cabeça dura esse ascamungado. Vôte erui Desse jeito tu acaba gastando o livro e a paciência a pessoa que tá te insinuando. Credo!
- Juvencio - Tá bôo, não precisa tanta rebocada pur causa duma coisinha atôa. Eu não tive solte de naçê intiligente cum a sinhora o que é que a sinhora quê que eu faça?
- Generosa - Inda bem que tu arrecunhece.
- Tudinha - Mãe, tu não desconfêa que essas tuas briga tõe pau a bessa? Acaba com isso duma veiz e vamo fazê qualquer coisa mais interessante.
- Generosa - Fazê o que? O que é que a gente vai fazê?
- Tudinha - Qualquer coisa. Seja lá o que for é mais interessante do que a gente ouvi os teus bate boca. Olha pra cara dessa gente e vê tá tudo com cara de aburrécido: A dona Laura, coitada, tá até com sono.
- Generosa - Pois si tá com sono que vá drumi. E eu com isso?
- Sidôca - Oh Generosa, o que é isto? Isto é coisa que você diga pra dona Laura?
- Generosa - O que foi que eu disse demais? O que eu disse não é nada do otro mundo. Ela sabe que eu não disse com o intuter de ofendê ela. A sinhora sabe não sabe dona Laura?
- Laura - Sei, sim, dona Generosa, não se preocupe por isto.
- Generosa - Quem vê o Sidôca falá é capaz de pensá que eu fiz nem sei o que. A sinhora tá com vontade de fazê hora de altis, dona Laura?
- Laura - Se quizerem fazer eu estou de acordo. Eu gosto muito de musica.
- Generosa - Pois então vamo fazê.
- SPEAKER** : E enquanto dona Generosa e sua turma se preparam para a hora de arte, vamos escutar alguma palavras sobre os patrocinadores deste divertidíssimo programa. (FAZ AQUI O ANUNCIO). Volteamos novamente a nossa atenção para dona Generosa e vejamos o que ela nos vai apresentar na sua hora de arte.
- Generosa - Quem é que principia?
- Sidonio - Se quizerem eu posso começar.
- Generosa - Não, seu Si-si-Sidonêo, muito ubrigadinho. Nós preferia até que o senhor nem cantasse.
- Sidonio - Mas eu não ia cantar, dona Generosa, eu ia declamar.
- Generosa - Mais pior ainda. Declamando mesmo é que o senhor dá mais afriçencia na gente. É milhó dexá.

- Pepa - X mi no me parece que sea, señora. Mi novio declama muy bien y ustedes que no le dan el valor que le deberían dar.
- Generosa - ¿Adá adonde, dona Pepa? ¿Adonde que ella qué adá?
- Pepa - Que cosa horrible, nuestra señora de las dolores.
- Sidóca - Ela não quer andar em parte nenhuma, minha velha. Ela está dizendo que não lhe dão ao noivo o valor que deveriam dar.
- Generosa - Fiquei no mesmo. Tá bão, também tanto faz ela dizê como não dizê ven a dá no mesmo porque essas coisa que ela pensa que diz nem ingiste é a mesma coisa que não dizê nada.
- Pepa - Para usted que no las entiende nunca que es una tonta.
- Generosa - Tá tonta? Capaiz que seje do istomago. Vai vê que a sinhora comeu alguma coisa pesada na junta que não lhe assentó bem. (Pepa ressurge)
- Sidonio - Comeu, sim senhora. Comeu be-be-be....
- Generosa - Betarrabia.
- Sidonio - Não senhora. Be-be-be...
- Generosa - Derdruegua?
- Sidonio - Nada disto. Bebe-be-be-...beringelas.
- Generosa - Que é isso biriajuélas? Não conheço.
- Sidonio - É um legume muito gostoso.
- Generosa - Ah é legume. Pensei que era comida. A gente tá falando em comida ele vem com legume como é que a gente pôde sabê?
- Pepa - Y legume no es comida, señora?
- Generosa - Pois é, dexa ele falá.
- Tudinha - Afinal quem é que vai cantá ou tocá? Chega de lero lero.
- Porfirio - Como disse?
- Tudinha - (gritando) Tô perguntando quem é que vai cantá ou tocá. Tô dizendo que chega de lero lero.
- Porfirio - Está bem, vou lhe fazer a vontade. Mas não precisa gritar que eu não sou surdo.
- Tudinha - Não. Sou eu que sou. (Seu Porfirio começa a cantar o lero- lero)
- Generosa - Ué, o que foi que deu nelle? Esse diabo parece que tá advinhando passarinho verde.
- Tudinha - Ele entendeu que eu pedi pra ele cantá o lero-lero. Agora, dexa, dexa ele cantá. (Porfirio ao terminar é muito aplaudido por todos)
- Generosa - Até que pra se suldo ele nem canta muito enrrado, não é mesmo?
- Laura - Canta muito bem até.
- Porfirio - Como disse?
- Laura - Estou dizendo que o sr. (bem alto) canta muito bem até.
- Porfirio - Onde é que está o café?

- Generosa - Tá lá no bulis mas o senhor não vai tomá não, isfumando.
- Sidóca - Manda fazer um cafésinho, Generosa, não custa.
- Generosa - Não mando. Eu faço depois eles não toma. Só quem toma é esse isfumado aí e só pur causo dele eu nao vô mandá fazê.
- Porfirio - É, então mande fazer.
- Generosa - Vô mandá. Mas te assenta pra esperá que é pra tu não ficá cansado.
- Juvencio - Dona Gineirosa a sinhora dexa eu cantá?
- Generosa - Cantá o que, negrinho? O que é que tu vai cantá?
- Juvencio - Uma rumba cubiana em castiano. Todos diz que eu canto muito bem em castiano eu quero cantá pra dona Pépes ovi. Ela é castiana é de gostá.
- Pepa - Que rumba vas a cantar, Juvencio?
- Juvencio - ~~CertoXXXXXXXXXX~~ ^{A Cucaracha} a sinhora não conhece? É uma rumba tão odaciosa!
- Generosa - Não isso tu não canta.
- Juvencio - Oráessa, dona Gineirosa, praque?
- Generosa - Porque eu não me agradei do nome e eu tenho que zelá pelo caráti da minha casa.
- Juvencio - Que bobage! Memo que seje feio a sinhora não intende.
- Generosa - Isso é o que tu pensa mas eu bem que cumprendo. Quando a dona Pepa diz os improprio dela tu pur acuso pensa que eu não tô cumprendo? Dexo passá porque ela é meia diliriada das indela a gente paldoa, não é mesmo? Mas que eu cumprendo, cumprendo.
- Pepa - Los improprios quien los dice en usted, señora y no yo.
- Generosa - Inojô, eu sei. Nem precisa dizê. Todos ficaro inojado das coisa que a sinhora disse. É porque a gente dexa passá.
- Pepa - Y una tiene que tolerar una mujer así. Es una cosa increíble!
- Juvencio - Como é, dona Gineirosa, dexa eu cantá ou não dexa?
- Generosa - Não tem nada que cantá. Vai te assuegá e estudá as tuas lição.
- Juvencio - Pede a ela pra dexá eu cantá, dona Laura, pede.
- Laura - Ela não quer, Juvencio, o que é que eu vou fazer?
- Generosa - Quem vai cantá sô eu. Vocês conhece aquela musica pur nome.... O Ganjadero?
- Laura - Não, não conheço.
- Pepa - Ni yo tampoco. Nadie lo conoce.
- Tudinha - O ganjadero que a mãe diz é o jangadeiro.
- Laura - Ah conheço sim.
- Generosa - Muito chies, a sinhora não acha?
- Laura - É muito bonito sim.
- Beato - É fato.
- Generosa - Pronto, ele já se meteu. Pois eu vô cantá essa musica, dona Laura.

- Generosa - Príncipeia, anda Sidóca. É home bananaão, credo!
- Sidóca - Já vai, minha velha, tenha calma. (Sidóca canta sendo ao terminar muito aplaudido)
- Generosa - A senhora gostô, dona Laura, de ouvi o usu caco cantá?
- Laura - Gostei, dona Generosa, eu gosto muito de ouvir o seu Sidóca.
- Generosa - Tu tinha uma que tu cantava, Sidóca que eu gostava muito. Ora como era o nome... Ah o bibelóti. Era uma varsa. Ih eu ganhava tão chics, tão odaciosa. Tu não te alembra mais Sidóca?
- Sidóca - Não que esperança. Também fazem tantos anos. Só me lembro de uns pedacinhos da musica. (Cantarola o bibelot)
- Laura - Como era o nome mesmo?
- Generosa - Bibelétis.
- Sidonio - O que é isso?
- Generosa - Meu Deus seu gago o senhor não sabe o que é bibelétis? Credo! Bibelóti é esses enfeite aqui, ó. (outro tom) Mais péra aí. Tá me fartando um bibelóti aqui nessa partilera. Ele tava aqui hoje que eu vi. Agora tá fartando. Adonde é que ele tá, Tudinha?
- Tudinha - Sei eu lá, eu lá vô sabê onde é que ele tá.
- Generosa - Que dê ele, negriabo tu não viu?
- Juvenio - Ele tava aí dijáa hoje. Agora adonde é que ele foi pará é que eu num sei.
- Generosa - Ah mas não pôde sê. Um bibeloti fino de porcelania de loça eu não vô perdê ele assia no mais. Arguem agarrô ele. Eu tenho que sabê quem foi.
- Sidóca - Quem é que ia pegar, minha velha?
- Generosa - Quem é não sei mas que arguem pegô pegô porque ele não tá aí. Cala tu a boca e não te mste. Uma coisa cara que era do perculho da gente eu não é de percurá? Uma óva. Dixa vô os seus bolso, seu Bento.
- Sidóca - Generosa, não faça isto.
- Generosa - Faço. Não sei ninguem sem eu arregistá. O meu bibelóti tem que appareçê. Esse aqui não tem.
- Laura - Olhe dona Generosa, pôde revistar a minha bolsa.
- Generosa - Dexe vô. (pausa) É, aqui não tá. Dexe vê a sua, dona Pepa.
- Pepa - Que desaforo! Mire, sehora, mire.
- Generosa - Tá bôo não precisa metê a bolsa no nariz da gente. (pausa) Aqui também não tá. Intão foi o seu si-si-Sidonio.
- Sidonio - Não sei prá que. Pôde revistar.
- Generosa - A e arriviato esse. Dizê que não foi não alianta. Eu quero é vê com as minhas mão. (pausa) Não tá. Dixa vô esse otro.
- Porfirio - O que é que a senhora quer? Já da outra vez mexeram nos meus bolsos e me liparam o dinheiro todo.
- Generosa - Fica quieto e cala a boca. (pausa. Gritando) Tá aqui, achei. Tu sabia que arguem tinha robado ele. Ele é ósinho de partelera é que não ia saf. Mais sim senhor hein seu Polfário! O sr. é um bucado disca-rado. Robá as coisa da gente na cara da gente!...Credo, miuricordial!...Olha que isso é tê muita corage.

- Porfirio - Deixe ver isso, aqui.
- Generosa - Dê a vê uma óva que isso é meu.
- Porfirio - Como disse?
- Generosa - (gritando) Deixe vê uma óva que isso é meu.
- Porfirio - Seu conhecido. Isto a senhora trouxe da minha casa a ultima vez que foi lá.
- Juvencio - Mais erado, faz tanto tempo! Como é que ele se alembro?

(Caracteristica forte para o final do programa)

Levado na Radio Difusora em 19/5/ 943.

M. Daniel.